UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

Centro Universitário de Lisboa

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Doutoramento em Museologia

“EL OLVIDO ESTÁ LLENO DE MEMORIA”: FRAGMENTOS, SOTERRAMENTOS E AUSÊNCIAS DA MÍTICA MESA-REDONDA DE SANTIAGO DO CHILE, 1972

Tese de Doutoramento defendida em provas públicas para a obtenção do Grau de Doutor em Museologia, orientada pelo Professora Doutora Judite Santos Primo

Julio Cézar Chaves / Nº 21809887

2024

www.ulusofona.pt

UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
Centro Universitário de Lisboa

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Doutoramento em Museologia

“EL OLVIDO ESTÁ LLENO DE MEMORIA”: FRAGMENTOS, SOTERRAMENTOS E AUSÊNCIAS DA MÍTICA MESA-REDONDA DE SANTIAGO DO CHILE, 1972

“VERSÃO FINAL”

Tese defendida em provas públicas na Universidade Lusófona - Centro Universitário de Lisboa no dia 27/02/2024, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º: 710/2024, de 20 de fevereiro de 2024, com a seguinte composição:

Presidente:
Prof. Doutor Adel Igor Pausini, Universidade Lusófona (Universidade Lusófona) por delegação do Reitor da Universidade Lusófona Professor Doutor José Bragança de Miranda;
Arguentes:
Profª. Doutora Maria Cristina Bruno (Universidade de São Paulo -USP);
Profª. Doutora Maria das Graças Teixeira (Universidade Lusófona);
Vogais:
Prof. Doutor Clovis Carvalho Britto (Universidade de Brasília - UnB);
Profª. Doutora Marta Jecu (Universidade Lusófona);
Profª. Doutora Teresa Lopo (Universidade Lusófona);
Prof. Doutor Mario Nuno Antas (Universidade Lusófona);
Orientadora:
Profª. Doutora Judite Santos Primo (Universidade Lusófona).

Julio Cézar Chaves / Nº 21809887

2024
www.ulusofona.pt

O que passou não conta?, indagarão
as bocas desprovidas.
Não deixa de valer nunca.
O que passou ensina
com sua garra e seu mel.
Por isso é que agora vou assim
no meu caminho. Publicamente andando.
Não, não tenho caminho novo.
O que tenho de novo
é o jeito de caminhar.
Aprendi
(o caminho me ensinou)
a caminhar cantando
como convém
a mim
e aos que vão comigo.
Pois já não vou mais sozinho.

Thiago de Mello, 1965

Dedico esta tese à minha mãe Gileade Moura Batista (*In memoriam*) que sempre sonhou ter um filho ou uma filha doutor/a [preferencialmente, advogado/a, médico/a, engenheiro/a], ainda assim, eu sei que ela está feliz [onde quer que esteja] pelo primeiro filho doutor em Sociomuseologia.

AGRADECIMENTOS

Espero não esquecer nenhuma pessoa que direta ou indiretamente contribuiu com a minha investigação iniciada em março/abril de 2021, e também com a minha história de vida.

Em primeiro lugar, eu gostava de iniciar agradecer o meu companheiro em todos os sentidos, Álamo Pimentel, pelo incentivo constante e por acreditar em mim. Preciso também agradecer às nossas famílias: Abda Chaves Nascimento, Abel da Silva Chaves, Agatha Regina Chaves da Silva, Alexandre Rabelo Lacerda, Alisson Caetano Oliveira Gonçalves, Allisson Pimentel Gonçalves da Silva, Ana Luiza Gobira Chaves, Ana Neto Alves Ramos, Anatureza Chaves, Anne Carolline de Souza Freire, Aurelino Moura Batista (*In memorian*), Bruna Bento Andrade, Chandra Chaves Monsefian, Clara Sousa Chaves, Clemente Chaves (*In memorian*), Daniela Chaves Damasceno, Diórgenes Faé, Dominicck Chaves da Silva, Douglas da Silva Chaves, Edla Benevides Pimentel, Eliana Chaves, Eliane Chaves (*In memorian*), Eliene Chaves (*In memorian*), Elismary da Cunha Oliveira, Elma Lúcia Chaves, Enzo Inácio Oliveira Gonçalves, Fabiana Adamowski, Flora Chaves Badaró, Gabriel Chaves Faé, Gabriela Chaves, Gianna Karine Chaves Gomes, Gildney Chaves Júnior, Gildney Chaves Neto, Gildney Chaves, Gisele da Silva Chaves Nascimento, Gustavo Chaves Giesen Braga, Hadassa Jêniffer Barros Figueiredo, Hannaterra Souza Chaves, Inácio Alden Benetti, Izabela Valverde Pompa Maia, Jacqueline Chaves Kling, Janduir Chaves (*In memorian*), Jaqueline Chaves, João Carlos Chaves, Joao Henrique Santos Chaves, João Victor Figueiredo Chaves, Jorge Avelino Fernandes Gomes, José Pedro Alcântara Cascalho, José Pedro Bento Chaves, Josely Batista de Souza Chaves, Josiene de Alcântara, Juana Guimarães Carvalho, Karlla Kwatty Chaves, Katharine Chaves Alden, Kauana Costa Roballo, Keliane Carvalho Chaves, Lars Bertil Bengtsson, Levi Ramos Souza, Liz Lima Freire, Lorena Pimentel Gonçalves da Silva, Loulou Barbosa dos Santos, Luan Abdon Costa Chaves, Lucca Mateus Damasceno, Lucca Tony Gobira Said, Ludmila Pimentel, Luzinete Figueiredo Said, Márcio Aurélio Chaves (*In memorian*), Marcos Alexandre Alcântara Chaves, Marcos Antônio Chaves (*In memorian*), Maria do Carmo Benevides (*In memorian*), Maria de Vizeu Gil, Martha Iris Ramos Souza, Michel Roque Chaves Damasceno, Michele Chaves Damasceno, Mikaely Cascalho Alves, Moa Chaves Bengtsson, Natiele Souza Marinho, Nícolas Barros Figueiredo, Noah Costa Chaves Faé, Noilza Mara Batista Costa, Octávio José Alves Chaves, Paulo

Roberto Borges Badaró (*In memorian*), Pedro Henrique Lima Barreto, Pedro Rolo Benetti, Pietra Bento Chaves, Rafael Roni Chaves, Ralph Helmut Kling, Rio Helmut Chaves Kling, Serena Chaves de Vizeu Gil, Sidney Chaves (*In memorian*), Sidney Chaves Filho, Talua Costa Faé, Thiago Gobira Souza, Thonione Said Silva, Tiago Costa Souza, Victor Hugo Santos Gobira, Vilma Chaves, Yan Ramos Souza, Zilda Ângela Rocha, tias/os, avós, primas/os e a minha comadre Ludmilla Silva de Oliveira e a minha afilhada Maria Valentina Silva de Oliveira. E as/os gatas/os da minha vida, Serafina, Sebastiana, Maré, Sereno, Lenine, Aquiles, Miúda, Jack Espirro (*In memoriam*), Xena, Milka, Nevinha, Dona, Iaiá, Sivuca (*In memoriam*), Larica (*In memoriam*), Tiara (*In memoriam*), Jaguar (*In memoriam*), Sinhá (*In memoriam*), Latifa, Pururuca, Cinira, Mortícia, Vandinha, Enola, Pugs, Bacaninha, Zig, Nal, Osíris, Faísca; Medea (Chile) e Kimchi (Chile), além das cadelas Lucca (Chile) e Canela (Chile).

Também preciso agradecer à minha orientadora, a professora Dra. Judite Primo, pelo incentivo e paciência comigo nesses últimos seis anos, desde o IV CEAM, realizado no Museu da República, em agosto de 2018, quando o meu tema de investigação era *As Zabelês Pataxó, as "mulheres pássaro" e as configurações museológicas e patrimoniais no Sul da Bahia*.

À banca do Júri Prévio, Profa. Doutora Judite Santos Primo, Profa. Doutora Maria Cristina Bruno, Profa. Doutora Maria das Graças Teixeira, Profa. Doutora Vânia Brayner, Prof. Doutor Adel Igor Pausini e Prof. Doutor Clovis Carvalho Britto pelo afeto e pelo cuidado. À banca do Júri Final, Profa. Doutora Judite Santos Primo, Profa. Doutora Maria Cristina Bruno, Profa. Doutora Maria das Graças Teixeira, Profa. Doutora Marta Jecu, Profa. Doutora Teresa Lopo, Prof. Doutor Adel Igor Pausini, Prof. Doutor Clovis Carvalho Britto e Prof. Doutor Mario Nuno Antas pela generosidade e pelo afeto.

Um agradecimento especial a Hugues de Varine, Miguel Ángel Azócar e Mário Chagas, os meus principais interlocutores.

Não posso deixar de prestigiar e agradecer as/os professoras/es, colegas e demais responsáveis pela realização do IV CEAM, Mário Chagas, Mario Moutinho, Maria Célia Teixeira Moura Santos, Marcelle Pereira, Regina Abreu, Judite Primo, Cristina Bruno, Graça Teixeira, Inês Gouveia, Marcelo Cunha, Vladmir Sibylla Pires, Pedro Pereira Leite, Simone Flores, Maria Helena Versiani, entre outras/os. As/os colegas, Aurelina de Jesus Cruz Carias, Dominique Schoeni, Elena Campo Fioretti, Fernanda Rechemberg, Gleise Cruz, Kátia de

Marco Scorzelli, Marlucia Santos de Souza, Letícia Fernandes, Rafaela Caroline Noronha Almeida, Renato Augusto Carneiro Júnior, Rodrigo Touso, Flavia Lemos, Risonete Martiniano Nogueira, Silvia Barreto, Tatiana Aragão, Goulart Gomes, André Angulo, Luiz Vaz, entre outras/os.

Meu agradecimento especial também as/os artistas que aceitaram o desafio de criar alguns desenhos para a tese, Ana Raquel, Anthony Pacheco, Ludmila Pimentel, Marcelo Wasem, e Rosarlette Meirelles.

Também, gostava de agradecer as/os amigas/os que tanto me incentivaram quanto aguentaram o meu mau humor e o meu comportamento antissocial ao longo da minha vida e que piorou enormemente após a pandemia de COVID-19 e ao longo da investigação. Ainda que não seja possível agradecer a cada pessoa que compartilhou comigo seu saber, sua experiência, seu tempo e/ou seus afetos, tento aqui ensaiar um agradecimento a elas, para evitar ciúmes, os nomes virão em ordem alfabética, sem titulação e vinculação: Adailton Lima Rodrigues, Adriano Almeida, Adriano Marinho, Adriano Soares, Agus Sánchez, Alan Trampe, Aldjane Oliveira, Alejandra Saladino, Alessandra Buonavoglia Costa Pinto, Alex Lobato, Alex Nogueira, Alexandra Borba, Alexandre Capatto, Alexandre Gomes, Alexandro Jesus, Alicia Juica, Aline Nunes, Ana Bahiana, Ana Carla Lira, Ana Carmem Plantz, Ana Claudia Santos, Ana Cristina Dias Coelho, Ana Karina Calmon, Ana Laura Ani Torres, Ana Lídia Batista Ribeiro, Ana Lúcia Mendes, Ana Maria Carreño, Ana Paula Fiuza, Ana Paula Pacheco, Anabell Lafuente, Anderson Barbosa, Anderson Silva, André de Almeida Mendonça, Andréa de Britto, Andrea de Souza Barbosa, Andrea Roca, Andréia Figueredo, Andreyaa Cat, Andreza Santana de Alcântara, Angela Biz Antunes, Angela Maria Garcia, Angela Petitinga, Angélica Pereira, Anna-Lou Galassini, Anne La Regina, Antía Villela, Arnaldo Ferreira Tamandaré Júnior, Antônio Marcos Passos, Antônio Taio, Antônio Varjão Matos, Aristoteles Barcelos Neto, Artur Agostinho Garcês Raimundo, Astul Yanes, Atiati Tupinambá, Átila Bezerra Tolentino, Augustin de Tugny, Aurelina de Jesus Cruz Carias, Banny Clai Brito Ferraz,Barbara Caldas, Bernard Belisário, Bernardo Teruggi, Bethânia Rocha, Bilzã Marques de Araújo,Brunno Rodrigues Lima, Bruno Brulon, Camila Costa Setenta, Camila Ruth Sánchez, Camila Valenzuela Moguillansky, Camilo Filho, Carla Zasso, Carlos Caroso, Carlos Costa, Carlos de Mesa, Carlos Flores Manzano, Cármen Lúcia Dantas, Carolina Bessa Ferreira de Oliveira, Carolina Figueroa, Cássia Valle, Cassius Santos, Catarina da Rocha Marcolin,Celi Alves, Cemirandia Alves, Cesar Augusto Reis dos Santos,

Charles Virgens, Charles Virgens, Christianne Benatti Rochebois, Cibelly Procópio, Cidara Loguercio Souza, Cinara de Araújo, Cíntia da Silva Cunha, Cintia Ribeiro, Cintia Velásquez Marroni, Ciro de Lopes e Barbuda, Clara Vasconcelos, Claudia Di Moura, Claudia Miranda, Claudia Mura, Claudia Pacheco Araoz, Claudia Pola, Claudia Feijó, Claudinéia Oliveira Ferreira, Claudio Benfica, Cleuza Maria Marques da Silva, Consepion Dias da Costa, Consuêlo Moreira, Cristian Becker, Cristiane Cibelly Neto Procópio, Cristiane Lima, Cristiane Oliveira Santos, Cristiano Santos Silva (*In memorian*), Cristine Estevão, Cynthia de Cassia Santos Barra, Daiana Carvalho, Daisy Santos, Dalibor Horvath, Dalli Soares, Daniel Rangel,Daniel Rebolledo, Daniel Teruggi, Daniela Beny, Daniela Carvajal, Danile Puig,David Maulen, Denise Comerlato, Díjna Andrade Torres, Dilson Alves da Silva, Dirlene Oliveira, Dodi Leal, Éder Rodrigues, Edméia Reis, Edjane Cristina Silva, Edmildes Souza de Santana, Edna Conceição Pereira Santos, Edna Constant (*In memorian*), Edvaldo Júnior, Eliana Durán, Eliana Facio, Eliana Povoas Pereira Estrela Brito, Eliane Gonçalves, Eliane Nunes (*In memorian*), Eliene Barreto de Araújo, Elis Regina das Virgens, Elizabeth Salgado, Elizângela A. Souza, Eloísa Domenici, Erick E. Figueroa Ortiz, Érika Leite, Erunice Nunes, Eunice Rodrigues, Euzelice Rodrigues, Eva Dayane Góes, Evani Tavares, Evelyn Olivares Arancibia, Ezequias Viana Braga, Fabiana Costa, Fabiana Lima, Fábio Isaac Machado de Faria, Fábio Maciel, Fábio Souza Vilas Boas, Fabrício Ramos Miyakawa, Fagner Joaquim Barbosa de Souza, Felipe Barbosa, Fernanda Castro,Fernanda Hellmeister de Oliveira Martins, Fernanda Luzia Lunkes, Fernanda Martins, Fernando Florêncio, Fernando Miguel Pepe, Flávia Araújo, Flávia Lacerda, Francisco Esperguel, Francisco Garrido, Francisco José Gomes Mesquita, Francisco Mora Córdova, Francisco Silva (*In memorian*), Francismary Alves Silva, Gabriel Oliveira, Gabriel Nascimento, Gabriela Barbetti, Gabriela Benfica, Gabriela Coronado Téllez, Gabriela Flora Belen Riveros Allendes, Gabriela Lamego, Gê Escobar, Geilsa Albano de Oliveira, Gilca Seidinger, Gilgleide de Andrade Silva, Gilmara Oliveira, Gilson Amanti, Gilson Rodrigues, Giorgio Borghi, Girlene Chagas Bulhões, Givanildo Lopes Machado (*In memorian*), Gleice Maria Pereira, Glicéria Tupinambá, Greciene Lopes, Gueu Santos, Gustavo B. Bicalho Gonçalves, Heide Furtado, Helen Rodrigues de Oliveira, Helionidia C. Oliveira Pavel, Heloísa Vivanco Pires, Henrique de Vasconcelos, Henrique Godoy Alves de Souza, Ianá de Sousa Pereira, Iara Campos, Iara Carneiro, Idalina Souza Mascarenhas Borghi, Igor Parra, Igor Souza, Ilma Silva Vilasbôas, Ilo de Oliveira Moura, Ilza Carla Favaro de Lima, Indira Vita Pessoa, Iraci Oliveira dos Santos,

Isabel Cristina Farias de Lima, Isabel Cristina Reis, Isabel Orellana Rivera, Isabela Souza, Ita Silva, Iuri Rocio Franco Rizzi, Ivan Coelho de Sá, Ivan Faria, Ivana Lins, Jacqueline Batista, Jacylvia Nunes Ribeiro, Jamile Borges, Jana Cizma, Janaina Zito Losada, Jaqueline Oliveira Santos, Javiera Cádiz Pinares, Jerônimo Zibetti, Jo Nascimento, Joana Angélica Guimarães da Luz, Joana Brandão, Joana Ferreira, Joana Flores, Joana Vollmer, João Alfredo Moraes Pontes, João Pacheco de Oliveira Filho, João Rodrigues de Souza Filho, Joel Filipe, Joelma Boto, Joelson Ferreira de Oliveira, Joice da Silva Lima Nunes, Jordânia Araújo Souza, Jorge Farias Herculano, Jorge San Martin Villalobos, Jorma Souza Santos, José Carlos da Silva, José do Nascimento Júnior, José Nilton Cajy, Joseania Miranda, Josefa Sales Barros, Josiane Vieira, Juana Paillalef, Juarez Matias, Jucemar de Almeida, Juliana Almeida, Juliana Alvarenga, Juliana Monteiro,Juliana Sousa, Júlio Cezar Gaudêncio da Silva, Karla Barroso, Karol Pacheco, Kátia Barros, Keu Apoema, Larissa Fontes, Larissa Oliveira, Larisse Pontes, Laurinda Oliveira, Layana Vanessa de Britto Maluf, Leandro Gomes, Leila Mello, Leila Samira Portela, Leilla Valois, Lena Lee, Leni Ribeiro Moreira (*In memorian*), Lenise Nunes Ribeiro, Leonardo Mellado, Leonardo Vieira, Letícia Barbosa, Letícia Pérez Castellanos, Lidyane Maria Ferreira de Souza, Lília Vitória Oliveira, Lisandra Pereira, Lorena Gálvez Gálvez, Lorena Troncoso Contreras, Luanna Rocha, Lucas Rodrigues de Barros, Lucas Sousa Carvalho, Luciana Beatriz Bastos Ávila, Luciana Christina Cruz e Souza, Luciana Duccini, Luciana Palmeira, Luciane Ines Ely, Luciane Lucas dos Santos, Ludmila Leite Madeira da Costa, Ludmilla Silva de Oliveira, Luis Alegría Licuime, Luiz Fernando Mizukami, Luiz Wey Surui, Luiza Luchi Ramos Santos, Luiza Mader Paladino, Luzia Gomes, Mabel Cavalcanti, Madalena Halmenschlager, Mailen May Fredes, Manuelina Duarte, Marcela E. M., Marcela Gajardo, Marcela Penna, Marcelo Murta, Marcelo Togni, Marcelo Valko, Márcia Santana, Márcia Silva Tamandaré, Márcio Menezes, Maria Antônia Pereira Nascimento, Maria Aparecida Campos, Maria Aparecida de Oliveira Lopes, Maria da Conceição Marques da Silva, Maria da Conceição Viana de Souza, Maria das Graças Pereira Morais, Maria do Carmo Rebouças da Cruz Ferreira dos Santos, Maria Eliane Barbosa, Maria Henriqueta Creidy Satt, Maria Inês Vancini Sperandio, María J. Bicenty S., María José Guzmán, Maria Karla Belo da Silva Tavares, Maria Labarta, Maria Madalena de Oliveira, Maria Madalena Oliveira, Maria Monsalve, Maria Paula Adinolfi, Maria Paz, Maria Regina Figueiredo Borges, Maria Zuleide Pires Killer, Marijara Queiroz, Marília Pereira, Marília Xavier Cury, Mariluza Gonçalves Benfica, Marina Andrade, Marina Rodrigues Miranda, Mario Claudio

Henríquez Urzúa, Maristela Simão, Marluce Gonçalves Benfica, Marlucia Santos de Souza, Marta Veja, Martha Molina, Martin Domecq, Mateus Alves da Silva Oliveira, Max Gonçalves (*In memorian*), Maximéia Íria Batista, Máximo Farro, May Waddington, Melissa Worm, Miguel Montecinos, Mirian Assumpção e Lima, Mirna Dantas, Miye Tom, Moana Soto, Mônica Saemi Okabe, Mônica Santos Silva, Nádia Rodrigues, Nadson Cerqueira Silva, Nailson Alves de Almeida, Naira Reinaga de Lima, Nalva Cândida, Nalva Santos, Naomar de Almeida Filho, Nara Eloy Machado Maturino, Narciso Chagas Filho, Nascilene Ramos, Nathália Pamio Luiz, Nathalia Rubio, Nathalie Pavelic, Neide Oliveira Leite (*In memorian*), Neildo Gonçalves Benfica,Neilson Gonçalves Benfica,Neli Maria Fonseca Viotto, Nelma Reis Santos de Araújo,Nelson José da Costa Filho, Nelson Zippin, Nice Leite, Noilda Gonçalves, Núbia Rodrigues, Numa Sosa, Nuno Porto, Olivia Zaffaroni, Orlando Dias Moreira, Pablo Antunha, Paloma Vergas, Patrício Ávila Lara, Paula Assunção dos Santos, Paula Coutinho, Paula Pereira Lopes, Paulo André Lopes Pontes Caldas, Paulo Dimas,Pedro Fonseca Leal, Pedro Viana da Silva, Pinheiro Salles, Rafael Arenhaldt, Railda Sampaio, Raniere Lima Rodrigues, Regina Soares de Oliveira, Regivaldo Santos Oliveira, Reinivaldo Rocha, Rejane Paz, Renan de Araújo, Renata Cardoso, Renata Cittadin, Renato Athias, Renilton Assis, Ricardo Rodrigues, Richard Santos, Risonete Martiniano Nogueira, Rita Lina, Rita Maia, Rita Manuel, Rodrigo Herrera Troncoso, Rodrigo Loyola, Rogério Lira Silva, Romina Celsa Celona, Roney Thadeu, Rosana Andrade Dias do Nascimento, Rosana Barros, Rosângela de Tugny, Rosângela Santos Rocha, Roseane Ferreira Santos da Costa, Rubén Stehberg, Salvatore Selicato,Samuel Barbosa da Silva, Sandra Regina, Sandra Xavier, Sarah Maggitti Silva, Sérgio Cerqueda, Sérgio Galvão, Sidélia Teixeira, Silene Damásio, Siloé Amorim, Sílvia La Regina, Sílvia Martins, Sílvia Santana, Solange Brito, Soraia Andrade Martins, Soraya Carpes Rosseto, Spensy Pimentel, Su Suca, Suely Ceravolo, Susana Encina, Susana Rangel, Suzana Moura, Tabata Morelo Vianna, Tatiana Almeida, Tatit Brandão, Telma da Conceição, Teresa Irenio, Thaisa Sampaio Sarmento, Thiago Souza Hohlenweger, Tiago Cardoso, Tiago Dantas, Tiago Lessa, Tito Mendes, Tomas Peters, Tomás Piñones Gutiérrez, Uilma Rodrigues de Matos, Valdemar de Assis Lima, Valéria Abdalla, Valéria Aparecida Vieira, Valéria Cruz, Valéria Giannella, Valéria Rodrigues (*In memorian*), Vanessa Dias, Vania Lima Gondim, Vera Lucia da Silva, Vera Marque Alves, Vera Zippin, Victor André, Victor Sarmento, Victoria Ayelén Sosa, Virginia Muri, Viviana Díaz, Vladimir Oliveira, Vladimir Sibylla, Wagner Chaves, Walid Chaouch, Wallace Rezende Fernandes,

Wellington Fava, Wemerson Ferreira, Will Assunção, Yazid Jorge Guimarães Costa, Yocelyn Valdebinito Carrasco, Zanna Maria, Zenilton Gondim Silva, Zulema Balta, entre outras/os.

Ao grupo indígena Xukuru-Kariri, pela acolhida, diálogo e aprendizagem, especialmente os pajés Antônio Selestino e Celso Celestino, o cacique Manoel Selestino, as irmãs Korã, Tânia Xukuru e demais interlocutores Raquel Xukuru Kariri (*In memorian*), Gecinaldo Xukuru Kariri, Maria Inocência Santana da Silva Rodrigues, Rogério Rodrigues dos Santos. E também ao grupo indígena Pataxó, pelo apoio e aprendizagem ao longo dos anos, especialmente, Ângelo Pataxó, Anari Braz Bomfim, Arissana Pataxó, Juciara Pataxó (*In memorian*), Karkaju Pataxó, cacique Zé Fragoso, Oiti Pataxó, Zabelê-Isabel Ferreira e Zabelê-Luciana Ferreira (*In memorian*).

Preciso também agradecer às seguintes instituições, eventos, organizações e estabelecimentos: 5º SEBRAMUS/UFRGS, 2022, Rio Grande do Sul, Brasil; Archivo Nacional de Chile; Archivo y Biblioteca Nacionales de Bolivia; Assentamento Terra Vista, Arataca, Bahia, Brasil; Asociación Anahí, La Plata, Argentina; Biblioteca Ludwig von Mises de la Universidad Francisco Marroquín, Guatemala; Casa Mariani-Teruggi, La Plata, Argentina; Cátedra UNESCO da Universidade Lusófona: Eduação, Cidadania e Diversidade Cultural, Portugal;Centro Terra Mater, Santo André, Santa Cruz Cabrália, Bahia, Brasil; Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi, Chile; Encontro Paulista de Museus, 2022, São Paulo, Brasil; Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brasil; Grupo de Estudos MINA; Grupo de Pesquisa GPMIT da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió, Brasil; Grupo de Pesquisa Poéticas Ameríndias da UFSB, Porto Seguro, Brasil; ICOM Chile; ICOM El Salvador; IV CEAM, Rio de Janeiro, Brasil; La Clandestina – Comida Artesanal, Linares, Chile; Mingus Cafe e Museo del Sonido, Yungay, Santiago, Chile; Museo Arqueológico de La Serena, Chile; Museo de Arte y Artesanía de Linares, Chile; Museo de la Educación Gabriela Mistral, Santiago, Chile; Museo de La Plata, Argentina; Museo de Memoria y Derechos Humanos – MMDH, Santiago, Chile; Museo Municipal y Casa de la Cultura de Villa Alegre, Chile; Museo Nacional de Historia Natural – MNHN, Santiago, Chile; Museo Sitio de Memoria ESMA, Argentina; Museu da República, Rio de Janeiro, Brasil; Museu do Homem do Nordeste, Recife, Brasil; Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore da UFAL, Maceió, Brasil;Núcleo Museu da Pessoa Guaratinga-BA, Bahia, Brasil; Núcleo Museu da Pessoa Pindorama da UFSB, Porto Seguro, Bahia, Brasil; Pró-Reitoria de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil da UFBA, Salvador, Bahia, Brasil; Residência

Universitária – R2 (UFBA), Salvador, Brasil; Restaurante El Verde, Yungay, Santiago, Chile; SISEM-SP, Brasil; Subdirección Nacional de Museos (Servicio Nacional del Patrimonio Cultural), del Ministerio de las Culturas, las Artes y el Patrimonio de Chile; Teia dos Povos, Brasil; Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), Brasil; Universidade Lusófona, Centro Universitário, Lisboa, Portugal; Vila Criativa e a Biblioteca Comunitária Vila de Santo André, Santa Cruz Cabrália, Bahia, Brasil; XXX Encuentro del ICOFOM LAC, 2022, Barbados; XXXI Encuentro del ICOFOM LAC, 2023, Pernambuco, Brasil;

E por fim, eu preciso agradecer e reverenciar todas/os as/os deusas/es amorosas/os de todas as religiões. E também as/os mortas/os que me ajudaram a concluir a minha investigação, como Grete Mostny, Oscar Eduardo Avello Avello, entre outras/os. Como afirma a socióloga Aymara e boliviana Silvia Rivera Cusicanqui, eu não tenho dúvidas que elas/eles "viven, vuelven de su mundo a nuestro mundo, nos protegen o nos castigan, no son seres inertes y olvidables".

RESUMO

Esta tese, intitulada "El olvido está lleno de memoria": fragmentos, soterramentos e ausências da mítica Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972, tem como objetivo principal entender alguns processos de invisibilização da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972. A investigação se desdobrou a partir de uma revisão bibliográfica sobre o tema. Foram realizadas ainda em 2022 e 2023 três viagens de campo, duas para o Chile e a outra para a Argentina, a fim de coletar fontes documentais in loco, tanto quanto operar experimentações dialógicas com pessoas e instituições que mantém relações diretas ou indiretas com o tema da pesquisa. Desde uma abordagem qualitativa, nós recorremos a diversos percursos metodológicos, entre eles, a etnografia e a cartografia com o intuito de esboçar configurações sociais das experiências vividas que biografam o acontecimento de maio de 1972. Como opção teórica e metodológica os documentos arquivísticos acessados ao longo da investigação, as/os autoras/es das mais diversas áreas, das Museologias, mais especificamente da Escola de Pensamento da Sociomuseologia, o romance, a poesia, o cinema e a música foram tratados sem hierarquias. O texto elege o tratamento interdisciplinar e pluriepistêmico na construção das suas análises. Nesta tese que pesquisa o acontecimento mais emblemático de museus da América Latina, foi possível responder a algumas questões iniciais, a exemplo da produção de invisibilidades de importantes presenças com grande atuação no acontecimento de maio de 1972. Por outro lado, a pesquisa revela, também, que a produção do conhecimento resultante da Declaração de Santiago permanece atual e desafia o campo da Sociomuseologia no presente. Talvez o maior legado da investigação sejam os caminhos apontados para futuras/os investigadoras/es.

Palavras-chave: Mesa-Redonda de Santiago do Chile, Sociomuseologia, Memórias, Fragmentos Biográficos, Grete Mostny.

RESUMEN

Esta tesis, titulada *“*El olvido está lleno de memoria”: fragmentos, enterramientos y ausencias de la mítica Mesa-Redonda de Santiago de Chile, 1972, tiene como objetivo principal entender algunos procesos de invisibilización de la Mesa-Redonda de Santiago de Chile, 1972. La investigación se desarrolla a partir de una revisión bibliográfica sobre el tema. En 2022 y 2023 se realizaron tres viajes de campo, dos a Chile y otro a Argentina, con el fin de recoger fuentes documentales *in loco,* así como producir experimentaciones dialógicas con personas e instituciones que mantienen relaciones directas o indirectas con el tema de investigación. Desde una perspectiva cualitativa se recurre a diversos caminos metodológicos, entre ellos, la etnografía y la cartografía, con el objetivo de esbozar configuraciones sociales de las experiencias vividas que biografían el acontecimiento de mayo de 1972. Como opción teórica y metodológica los documentos archivísticos accesados a lo largo de la investigación, las/los autoras/es de las más diversas áreas, de las Museologías, en específico de la Escuela de Pensamiento de la Sociomuseología, la novela, la poesía, el cine y la música, se trataron sin jerarquías. El texto opta por un tratamiento interdisciplinar y pluriepistémico en la construcción de sus análisis. Esta tesis, que investiga el acontecimiento más emblemático de museos de América Latina, permite responder a algunas cuestiones iniciales, como por ejemplo la producción de invisibilidades de importantes presencias con gran actuación en el acontecimiento de mayo de 1972. Por otro lado, la investigación revela también que la producción del conocimiento resultante de la Declaración de Santiago permanece actual y desafía el campo de la Sociomuseología en el presente. Tal vez el mayor legado de la investigación sean los caminos apuntados para futuras/os investigadoras/es.

Palabras-clave: Mesa-Redonda de Santiago de Chile, Sociomuseología, Memorias, Fragmentos Biográficos, Grete Mostny.

ABSTRACT

The main aim of this thesis, entitled "El olvido está lleno de memoria": Fragments, burials and absences from the mythical Round Table of Santiago de Chile 1972, is to understand some of the processes of invisibilisation of the Santiago Round Table. The research is based on a bibliographical review of the subject. Three field trips were conducted in 2022 and 2023: two to Chile and one to Argentina. The research field stays were essential to collect the necessary documentary sources in loco, as well as to carry out dialogic experiments with people and institutions that have direct or indirect relations with the research topic. From a qualitative perspective, various methodological approaches were used, including ethnography and cartography, in order to outline the social configurations of the lived experiences that biographize the event of May 1972. The theoretical and methodological option of this thesis is to treat without hierarchies the archival documents accessed throughout the investigation, the authors from the most diverse areas, from Museologies, more specifically from the School of Thought of Social Museology, literature (novel and poetry), cinema and music. The analysis itself is based in an interdisciplinary and multi-epistemic approach. By researching the most emblematic museum event in Latin America on the one hand, it was possible to answer some initial questions, such as the production of invisibilities of important presences that played a major role in the May 1972 event. On the other hand, the research results also reveal that the production of knowledge resulting from the Santiago Declaration remains current and challenges the field of Social Museology today. Perhaps the greatest findings of this research are the paths it points to for future researchers.

Keywords: Santiago Round Table, Social Museology, Memories, Biographical Fragments, Grete Mostny.

ABREVIATURAS

AL – Estado de Alagoas

ABANNE – Associação Brasileira de Antropólogos Norte e Nordeste

ABM – Associação Brasileira de Museologia

AHA – Archivo Historico Administractivo

AIEP – Escuela de Desarrollo Social Instituto Profesional

BA – Estado da Bahia

CCARQ – Cidades, Culturas e Arquitetura do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

CEAM – Curso de Estudos Avançados em Museologia

CEAO – Centro de Estudos Afro-Orientais

CEASM – Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré

CEFAC – Centro de Formação em Artes e Comunicação da Universidade Federal do Sul da Bahia

CEIED – Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento da Universidade Lusófona

CEPAL – Comisión Económica para América Latina de la ONU

CES – Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

CETMOPA – Centro de Estudos do Território, Mobilidades e Património

CIA – *Central Intelligence Agency*

CISAC – Comité Internacional de Solidaridad Artística con Chile

CLACSO – Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais

CLAPCS – Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais

CODELCO – Corporación Nacional del Cobre de Chile

CONICIT – Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Tecnológicas

CORA – Corporación de la Reforma Agraria

CORFO – Corporación de Fomento de la Producción

CORMU – Corporación de Mejoramiento Urbano

COVID-19 – Doença provocada pelo coronavírus

DECIDE – Núcleo de Investigação Democracia, Cidadania e Direito do CES

DEMU – Departamento de Museus e Centros Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Ministério da Cultura

DIBAM – Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos

DIMUS – Diretoria de Museus do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Secretaria de Cultura do Governo da Bahia

DINA – Dirección de Inteligencia Nacional

EBA – Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia

ECHOES – European Colonial Heritage Modalities in Entangled Cities

ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura da Universidade Federal da Bahia

EPM – Encontro Paulista de Museus

FLACSO – Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais

FUNAI – Fundação Nacional dos Povos Indígenas

GAM – Centro Cultural Gabriela Mistral

GPMIT – Grupo de Pesquisa em Memória, Identidade e Território

GT – Grupo de Trabalho

IAL – Instituto de Arte Latinoamericano

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus

ICIRA – Instituto de Capacitación e Investigación en Reforma Agraria

ICOFOM – Comitê Internacional para a Museologia do Conselho Internacional de Museus

ICOFOM LAC – Subcomitê Regional do Icofom para a América Latina e o Caribe do Conselho Internacional de Museus

ICOFOM LAM – Subcomitê Regional do Icofom para a América Latina

ICOM – Comitê Internacional de Museus

ICS – Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas

INAH – Instituto Nacional de Antropología e Historia, México

INODEP – Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos, França

IPAC – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Secretaria de Cultura do Governo da Bahia

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros

JUP – Juventud Uruguaya de Pie

LABSE – Grupo de Estudos Laboratório de SocioExpografia

LAC – América Latina e Caribe

LGBTQIAPN+ – Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Travestis, Transgenêras/os, *Queer*, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e Não-Binárias/os.

MAC – Museu de Arte Contemporânea da Universidade do Chile

MAFRO – Museu Afro-Brasileiro do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia

MAPU – Movimiento de Acción Popular Unitaria, Chile

MAE – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

MEGM – Museo de la Educación Gabriela Mistral, Chile

MEI – Grupo de Pesquisa Museologia Experimental e Imagem da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

MG – Estado de Minas Gerais

MHN – Museu Histórico Nacional, Brasil

MNBA – Museu Nacional de Belas Artes, Brasil

MHN – Museo Historico Nacional, Chile

MN – Museu Nacional, Brasil

MNHN – Museu Nacional de História Natural, Chile

MINA – Grupo de Estudos Museologias Insurgentes en Nuestra América

MINC – Ministério da Cultura, Brasil

MINCAP - Ministerio de las Culturas, las Artes y el Patrimonio de Chile

MINOM – Movimento para uma Nova Museologia

MIR – Movimiento de Izquierda Revolucionaria

MIRSA – Museu Internacional da Resistência Salvador Allende, Chile

MNA – Museo Nacional de Arte, Bolívia

MNA – Museo Nacional de Antropología, México

MMDH – Museo de la Memoria y los Derechos Humanos, Chile

MOA – Museu de Antropologia da Universidade da Columbia Britânica, Canadá

MR – Museu das Remoções, Brasil

MRSC – Mesa-Redonda de Santiago do Chile

MSSA – Museo da Solidaridad Salvador Allende, Chile

MST – Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra

MTB – Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore da Universidade Federal de Alagoas

MUF – Museu de Favela, Brasil

MVSB – Museu Vivo de São Bento, Brasil

NEPE/UFPE – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Etnicidade da Universidade Federal de Pernambuco

NUMMUS – Núcleo de Memória da Museologia no Brasil da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

ONU – Organização das Nações Unidas

ORCALC – Oficina Regional de Cultura para América Latina y el Caribe de la Unesco, Havana, Cuba

OREALC – Oficina Regional de Educación para América Latina y el Caribe de la Unesco, Santiago, Chile

PA – Estado do Pará

PB – Estado da Paraíba

PNM – Política Nacional de Museus

PPGAS – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro

PPGAS – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas

PPGA – Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba

PPGA – Programa Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco

PT – Partido dos Trabalhadores

RBA – Reunião Brasileira de Antropologia

REA – Reunião Equatorial de Antropologia

REDA – Regime Especial de Direito Administrativo

REMUS/RJ – Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro

RJ – Estado do Rio de Janeiro

RN – Estado do Rio Grande do Norte

RO – Estado de Rondônia

RS – Estado do Rio Grande do Sul

SE – Estado de Sergipe

SEBRAMUS – Seminário Brasileiro de Museologia

SC – Estado de Santa Catarina

SECULT – Secretaria de Cultura do Governo da Bahia

SNM – Subdirección Nacional de Museos

SISEM – Sistema Estadual de Museus do Estado de São Paulo

SP – Estado de São Paulo

SUS – Sistema Único de Saúde

TAG – Experiências Literárias

UBC – Universidade da Columbia Britânica, Canadá

UC – Universidade de Coimbra

UFAL – Universidade Federal de Alagoas

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

UFPA – Universidade Federal do Pará

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas

UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSB – Universidade Federal do Sul da Bahia

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UFS – Universidade Federal de Sergipe

ULUSOFONA – Universidade Lusófona

UNB – Universidade de Brasília

UNCTAD – Conferencia de las Naciones Unidas sobre Comercio y Desarrollo en el Tercer Mundo

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNICAMP – Universidade de Campinas

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

UNIVASF – Universidade Federal do Vale do São Francisco

UP – Unidade Popular

USP – Universidade de São Paulo

UTEM – Universidad Tecnologica Metropolitana

UV – Universidade de Valência

VIEXPO – Conferência Internacional de Vivienda

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO – POR ARPILLERAS DA MESA-REDONDA DE SANTIAGO DO CHILE, 1972 36

Justificativa 65

Procedimentos Metodológicos 67

Organização da Tese 75

CAPÍTULO 1 – AMÉRICA LATINA: “EL DERECHO DE VIVIR EN PAZ” 79

1.1 Lócus de Acolhimentos: Chile 90

1.2 A Unctad III 98

1.3 El Museo de la Solidaridad 103

1.4 Visitar o passado no presente 101

CAPÍTULO 2 – “MESA REDONDA DE SANTIAGO DO CHILE: UN HITO REVOLUCIONARIO DE LA MUSEOLOGÍA 123

2.1 Antecedentes da MRSC 125

2.2 A Publicação do Ibram e Programa Ibermuseos: *Mesa Redonda sobre la Importancia y el Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporáneo* 135

2.3 As/os Participantes 144

CAPÍTULO 3 – A PROGRAMAÇÃO DA MESA-REDONDA DE SANTIAGO DO CHILE, 1972 **178**

3.1 A Programação 181

3.1.1 Dias 17, 18 e 19 de Maio de 1972 186

3.1.2 Dia 20 de Maio de 1972 189

3.1.3 Dia 21 de Maio de 1972 196

3.1.4 Dia 22 de Maio de 1972 199

3.1.5 Dia 23 de Maio de 1972 200

3.1.6 Dia 24 de Maio de 1972 206

3.1.7 Dia 25 de Maio de 1972 209

3.1.8 Dia 26 de Maio de 1972 212

3.1.9 Dia 27 de Maio de 1972 212

3.1.10 Dias 28 e 29 de Maio de 1972 213

3.1.11 Dia 30 de Maio de 1972 245

3.1.12 Dia 31 de Maio de 1972 245

3.1.13 Dia 01 de Junho de 1972 246

CAPÍTULO 4 – A PALO SECO: UMA «MIRADA NOSTÁLGICA E INGENUA» SOBRE A DECLARAÇÃO DE SANTIAGO 250

CAPÍTULO 5 – FRAGMENTOS BIOGRÁFICOS DAS MULHERES PARTICIPANTES DA MESA-REDONDA DE SANTIAGO DO CHILE, 1972 272

5.1 Raymond Frin 280

5.2 Alicia Dussán de Reichel 282

5.3 Lígia Martins Costa 289

5.4 Teresa Gisbert de Mesa 296

5.5 As Observadoras 302

5.5.1 Genoveva Dawson de Teruggi 302

CAPÍTULO 6 – A COORDENADORA DA MESA-REDONDA DE SANTIAGO DO CHILE, LA DOCTORA GRETE MOSTNY (1914-1991) 318

6.1 Fragmentos Biográficos 319

6.2 Grete Mostny e o Brasil 329

6.3. El Archivo *Grete Mostny* 332

6.4 El Despojo 334

6.5 Outros Fragmentos Biográficos 339

CAPÍTULO 7 – AUSENTES E PRESENTES: FRAGMENTOS BIOGRÁFICOS DOS PARTICIPANTES DA MESA-REDONDA DE SANTIAGO DO CHILE, 1972 346

7.1 A Equipe Unesco/Icom 347

7.1.1 Hugues de Varine-Bohan 347

7.1.2 Jacques Hardouin 351

7.1.3 Héctor Fernández Guido 351

7.1.4 Simón Romero 354

7.2 Os Expositores 355

7.2.1 Enrique Enseñat 355

7.2.2 Mario Terrugi 357

7.2.3 Jorge Hardoy 362

7.2.4 César Picón 367

7.3 Os Delegados 369

7.3.1 Luis Diego Gómez Pignataro 369

7.3.2 Hernán Crespo Toral 371

7.3.3 Luis Luján Muñoz 375

7.3.4 Mario Vázquez 376

7.3.5 Raul González Gusmán 380

7.3.6 Federico Kauffmann 380

7.3.7 Carlos de Sola 382

7.4 Os Observadores: os ilustres desconhecidos 385

7.4.1 Jorge Irribarren 385

7.5 Juvencio Valle 389

7.6 Juan Goméz Millas 391

7.7 Darcy Ribeiro 392

7.8 Paulo Freire: o ausente mais presente 400

CAPÍTULO 8 – OSCAR EDUARDO AVELLO AVELLO (1954-1976): “SOY UNA FOTOGRAFIA DE UN DESAPARECIDO” 412

8.1 Agrupacion de Familiares de Detenidos Desaparecidos – AFDD 418

8.2 Museo Sitio Parque por la Paz Villa Grimaldi 421

8.3 Fundación de Documentación y Archivo de la Vicaría 429

8.4 Fragmentos biográficos, fabulações e «coisas» 431

8.5 “A los que no volvieron” 447

CONCLUSÃO – “RUIM DEMAIS NÃO SABER, É QUASE SER CEGO PODENDO EXERGAR” 456

BIBLIOGRAFIA 465

APÊNDICE I

ANEXOS

Anexo 1 – Fragmento de “El Winnipeg y Otros Poemas” [o livro Para Nacer HeNacido], de Pablo Neruda II

Anexo 2 – Entrevista a Irma Cáceres, Secretaria Ejecutiva del Centro MetropolitanoGabriela Mistral, de la Revista “En Viaje”, 1972, ed. Ferrocarriles del Estado III

Anexo 3 – Discursos de Salavdor Allende e Mário Pedrosa na inauguração do Museu da Solidariedade, no Museu de Arte Contemporânea – MAC, em 17 de maio de 1972 V

Anexo 4 – Seminários Comemorativos dos 50 Anos da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972. Organizados pelo Grupo de Estudos MINA – Museologias Insurgentes en Nuestra américa, Cátedra UNESCO-ULusofona “Educação, Cidadania e Diversidade Cultural”, da Universidade Lusófona, Lisboa, Portugal XI

Anexo 5 – Assinatura de Grete Mostny e o nome Gonzalo Martner Documento (AHA_70_004 C-20) XVI

Anexo 6 – Curriculum Vitae de Grete Mostny, 1987 XVII

Anexo 7 – Carta de Grete Mostny para o Curador do Museo de La Serena, Jorge Ibarren, 1972 [Fondo Jorge Iribarren] XXX

Anexo 8 – Listas das/os Participantes das/os Observadoras/es Existentes no Archivo del Museo Arqueológico La Serena, 1972 [Fondo Jorge Iribarren] XXXI

Anexo 9 – Programação do Dia dos Patrimônios do Museo Sitio Parque por la Paz Villa Grimaldi, 2023 XXXV

Anexo 10 – Programação do Día de los Patrimonios do Museo Sitio Parque por La Paz Villa Grimaldi, 2023 XXXVIII

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Regimes políticos dos países latino-americanos em maio de 1972 representados na Mesa-Redonda de Santiago do Chile

Quadro 2: Lista da equipe UNESCO/ICOM

Quadro 3: Lista dos expositores

Quadro 4: Lista das/os delegadas/os

Quadro 5: Lista das/os observadoras/es de Héctor Fernández Guido

Quadro 6: Lista de observadoras/es de Grete Mostny

Quadro 7: Comitê Nacional Chileno de Museos

Quadro 8: Programação externa a partir de Grete Mostny, Lygia Martins Costa e Hugues de Varine

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 [Separatriz]: *A Capa desejada*, de Ana Raquel, 2023

Figura 2: Arpillera do acervo do Museo de la Memoria y los Derechos Humanos (MMDH), n.d.

Figura 3: Salvador Allende, n.d.

Figura 4: Grete Mostny no Museo Nacional de Historia Natural do Chile, n.d.

Figura 5 [Separatriz]: *América Latina*, de Ludmila Pimentel, 2023

Figura 6: Pablo Neruda, n.d.

Figura 7: Víctor Jara, n.d.

Figura 8: Edifício da Unctad III em construção, 1971/1972

Figura 9: Edifício da Unctad III em construção, 1971/1972

Figura 10: Unctad III, 1972

Figura 11: Bombardeio do Palácio La Moneda, no dia 11 de setembro de 1972

Figura 12: Parque Quinta Normal, 1972

Figura 13: Parque Quinta Normal, 1972

Figura 14: Discurso de Salvador Allende na inauguração do Museo de la Solidaridad, 1972

Figura 15: Discurso de Mario Pedrosa na inauguração do Museo de la Solidaridad, 1972

Figura 16: Juana Paillalef, n.d.

Figura 17: Convocação do Colectivo Las Tesis, n.d.

Figura 18: Pedro Lemebel, n.d.

Figura 19: Performance La Conquista de América, 1989

Figura 20: Grete Mostny e a momia de un niño Inca en el cerro El Plomo, n.d.

Figura 21 [Separatriz]: *A Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972*, de Anthony Cainãa Pacheco, 2023

Figura 22: Desenho de Coral Ordoñez, Archivo Histórico del Museo Nacional de Antropología, n.d.

Figura 23: MNHN, Anthony Cainãa Pacheco, 2023

Figura 24: Volume I – *Mesa Redonda de Santiago de Chile 1972*, da publicação *Mesa Redonda sobre el Desarrollo y el Papel de los Museos en el Mundo Contemporáneo,* 2012

Figura 25: Volume II – *Revista Museum 1973*, da publicação *Mesa Redonda sobre el Desarrollo y el Papel de los Museos en el Mundo Contemporáneo,* 2012

Figura 26: Federico Pannier, Venezuela, n.d.

Figura 27: Matéria sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile no periódico boliviano *Presencia de La Paz*, 1972

Figura 28: Destaque da matéria sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile no periódico boliviano *Presencia de La Paz,* 1972

Figura 29: Miguel Arroyo, Venezuela, n.d.

Figura 30: Miguel L. Jaume, Cuba, n.d.

Figura 31: Violeta Parra, n.d.

Figura 32: Afiche [arpillera] de Violeta Parra, 1964

Figura 33: Thiago de Mello [arpillera], 1960

Figura 34 [Separatriz]: *A Programação*, de Anthony Cainãa Pacheco, 2023

Figura 35: Centro Cultural Gabriela Mistral – GAM, 2022

Figura 36: Centro Cultural Gabriela Mistral – GAM, 2022

Figura 37: Museo Nacional de Historia Natural de Chile, 2022

Figura 38: Museo Nacional de Historia Natural de Chile, 2023

Figura 39: Hotel Foresta, Santiago, 2022

Figura 40: Hotel Foresta, Santiago, 2022

Figura 41: Cerro Santa Lucía, Santiago, 2022

Figura 42: Cerro Santa Lucía, Santiago, 2022

Figura 43: Biblioteca Nacional do Chile, n.d.

Figura 44: Convite, 1972

Figura 45: Porto de Valparaíso, 2022

Figura 46: Museo de Bellas Artes Palacio Vergara, 2022

Figura 47: Museo de Bellas Artes de Valparaíso [Museo Baburizza], 2022

Figura 48: Matéria Jornalística: “El presidente Allende saluda Mário Pedrosa”, 1972

Figura 49: Convento de Curimón 2022

Figura 50: Convento de Curimón, 2022

Figura 51: Convento de Curimón, 2022

Figura 52: Interior do Convento de Curimón, 2022

Figura 53: Interior do Convento de Curimón, 2022

Figura 54: Convento de Curimón, 2022

Figura 55: Manifestação de Apoio a Unidade Popular, 1973

Figura 56: Museu Regional de Rancagua, n.d.

Figura 57: Exposição de Longa Duração do Museu Regional de Rancagua, 2022

Figura 58: Exposição de Longa Duração do Museu Regional de Rancagua, 2022

Figura 59: Afiche Chile se pone pantalones largos: ahora el cobre es chileno!!, 1971

Figura 60: Sewell, n.d.

Figrua 61: Sewell, 2023

Figura 62: Sewell, 2023

Figura 63: Museo Arte y Artesanía de Linares, 2022

Figura 64: Exposição de Longa Duração do Museo Arte y Artesanía de Linares, 2022

Figura 65: Vitrine com objetos de crinas de cavalos [Exposição de Longa Duração do Museo Arte y Artesanía de Linares], 2022

Figura 66: Catedral de Linares, 2022

Figura 67: Catedral de Linares, 2022

Figura 68: Rari, 2022

Figura 69: Rari, 2022

Figura 70 Praça Alberto Benavente B., 2022

Figura 71: Obelisco da Praça Alberto Benavente B., 2022

Figura 72: Placa do Obelisco da Praça Alberto Benavente B., 2022

Figura 73: Casa de la Cultura Hermanos Campos, 2022

Figura 74: Casa de la Cultura Hermanos Campos, 2022

Figura 75: Jorge San Martín Villalobos e Rodrigo Herrera Troncoso no interior do Museo de Longaví, 2022

Figura 76: Placa indicando o acesso a antiga sede do fundo La Piedad, 2022

Figura 77: Caminho para a antiga sede do fundo La Piedad, 2022

Figura 78: Antiga sede do fundo La Piedad, 2022

Figura 79: Abate Molina, [original óleo] de Giambattista Trulli, 1805

Figura 80: Museo Municipal y Casa de la Cultura de Villa Alegre, 2022

Figura 81: Sala Abate Molina, Museo Municipal y Casa de la Cultura de Villa Alegre, 2022

Figura 82: Templo Parroquial del Niño Jesús de Villa Alegre, 2022

Figura 83: Tumba do Abate Molina no Templo Parroquial del Niño Jesús de Villa Alegre, Villa Alegre, 2022.

Figura 84: Fotografia do Alcalde don Manuel Muñoz Bastias, Museo Municipal de Villa Alegre, 2023

Figura 85: Antiga Bodega «El Romeral», 2023

Figura 86: Antiga Bodega «El Romeral», 2023

Figura 87: Fragmentos da antiga Bodega «El Romeral», 2023

Figura 88: Fragmentos da antiga Bodega «El Romeral», 2023

Figura 89 [Separatriz]: *A Mítica Declaração de Santiago*, de João Wagner, 2023

Figura 90 [Separatriz]: *Elas*, de Marcelo Wasem, 2023

Figura 91: Gabriela Mistral no Brasil, 1945

Figura 92: Laura Rodic, n.d.

Figura 93: Participantes do Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus, 1958

Figura 94: Alicia Dussán de Reichel (1920-2023), 2023

Figura 95: Alicia Dussán de Reichel, n.d.

Figura 96: Alicia Dussán de Reichel, Gerardo Reichel Dolmatoff, interlocutoras/os e colegas antropólogos

Figura 97: Lygia Martins Costa, 1968

Figuras 98: Lygia Martins Costa, 1975

Figura 99: Página do passaporte da museóloga brasileira Lygia Martins Costa, n.d.

Figura 100: Página do passaporte da museóloga brasileira Lygia Martins Costa, n.d.

Figura 101: Página do passaporte da museóloga brasileira Lygia Martins Costa, n.d.

Figura 102: Teresa Gisbert de Mesa, n.d.

Figura 103: Teresa Gisbert de Mesa, 1972

Figura 104: Genoveva Dawson de Teruggi e sua neta Clara Anahí, em 1976

Figura 105: Mary Silvia Kaudy Dawson, n.d.

Figura 106: Casa Mariani-Teruggi e sede da Associação Anahí, 2023

Figura 107: Casa Mariani-Teruggi e sede da Associação Anahí, 2023

Figura 108: Diana Teruggi e Kewpe, n.d

Figura 109: Diana Teruggi, n.d.

Figura 110: Bodas de Diana Teruggi e Daniel Mariani, 1972

Figura 111: Bodas de Diana Teruggi e Daniel Mariani, 1972

Figura 112: Diana Teruggi, Daniel Mariani e Clara Anahí, 1976

Figura 113: Exemplar da Revista Evita Montanera [1976] exposto na Casa Mariani-Teruggi, La Plata

Figura 114: María Isabel Chicha Chorobik de Mariani [Chicha Mariani], n.d.

Figura 115: María Isabel Chicha Chorobik de Mariani [Chicha Mariani], n.d.

Figura 116: María Isabel Chicha Chorobik de Mariani [Chicha Mariani], n.d.

Figura 117: Casa Mariani-Teruggi, La Plata, 2023

Figura 118: Casa Mariani-Teruggi, La Plata, 2023

Figura 119: Casa Mariani-Teruggi, La Plata, 2023

Figura 120: Logamarca da Casa Mariani-Teruggi, n.d.

Figura 121 Logamarca da Asociación Anahí, n.d.

Figura 122 [Separatriz]: *Grete Mostny*, de Ludmila Pimentel, 2023

Figura 123: Publicação do MNHN, *Breve biografia de la Dra. Grete Mostny*, de Francisco Mouat, 2014.

Figura 124: Grete Mostny ao pé dos Colossos de Mennon, Egito, n.d.

Figura 125: Grete Mostny, 1945

Figura 126: Grete Mostny, 1945

Figura 127: Monumento a Grete Mostny Glaser na Universidade de Viena, da artista Karin Frank, 2016

Figura 128: Grete Mostny e Juan Goméz Millas, 1980

Figura 129: Capa dos Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas, Vol. I, em São Paulo, 1955

Figura 130: *Grete Mostny*, da artista Rosarlette Meirelles, 2023

Figura 131: Capa do livro digital Grete Mostny Glaser. Figura, legado y archivo, 2022

Figura 132: Nieves Acevedo, Ruben Stehberg e Grete Mostny, 1974

Figura 133: Despojo de Grete Mostny, n.d.

Figura 134: Matéria do periódico Ultimas Notícias, 1991

Figura 135 [Separatriz]: *Eles*, de Marcelo Wasem, 2023

Figura 136: Hugues de Varine, n.d.

Figura 137: Simón Romero, n.d.

Figura 138: Desconhecido, Genoveva Dawson de Teruggi e Mario Teruggi

Figura 139: Genoveva Dawson de Teruggi

Figura 140: Mario Teruggi

Figura 141: Jorge Enrique Hardoy, n.d.

Figura 142: Capa do livro Educación de adultos en América Latina y el Caribe: utopías posibles, pasiones y comopromisos, de César Picón Espinoza, 2013.

Figura 143: Luis Diego Gómez Pignataro, n.d.

Figura 144: Luis Diego Gómez Pignataro, n.d.

Figura 145: Hernán Crespo Toral

Figura 146: Luis Luján Muñoz, n.d.

Figura 147: Mario Vázquez

Figura 148: Federico Kauffmann Doig

Figura 149: Carlos de Sola, n.d.

Figura 150: Carlos de Sola, n.d.

Figura 151: Carlos de Sola e entre três pessoas desconhecidas, n.d.

Figura 152: Jorge Irribarren, 1961

Figura 153: Desenho do observador Jorge Irribarren, 1972

Figura 154: Pessoa não identificada, Juan Carlos Moroni Bocca, Juvencio Valle e Grete Mostny, no MNHN, em 1972

Figura 155: Juan Gómez Millas, n.d.

Figura 156: Darcy Ribeiro

Figura 157 Salvoconducto do educador brasileiro Paulo Freire para deixar a Bolívia com destino ao Chile, em 1964

Figura 158 [Separatriz]: *Oscar Eduardo Avello Avello*, de Ludmila Pimentel, 2023

Figura 159: Afiche de Oscar Eduardo Avello Avello, n.d.

Figura 160: Afiche de Oscar Eduardo Avello Avello, n.d.

Figura 161: Oscar Eduardo Avello Avello, n.d

Figura 162: Oscar Eduardo Avello Avello, n.d

Figura 163: Fachada da AFDD, 2023

Figura 164: Painel com as fotografias e nomes de algumas e alguns desaparecidas/os, na AFDD, 2023

Figura 165: Parque por la Paz Villa Grimaldi, Santiago, 2023.

Figura 166: Parque por la Paz Villa Grimaldi, Santiago, 2023.

Figura 167: Parque por la Paz Villa Grimaldi, Santiago, 2023.

Figura 168: Taller Textil: bordando la memoria, 2023

Figura 169: Taller Textil: bordando la memoria, 2023

Figura 170: Muro de los Nombres, Museo Sitio Parque por la Paz Villa Grimaldi, 2023

Figura 171: Fundación de Documentación y Archivo de la Vicaría, 2023

Figura 172: Antiga residência de Esterlina Reyes Riffo e Oscar Eduardo Avello Avello, localizada na Calle Maipu 1298, em Santiago, 2023

Figura 173: Muro de los Nombres, Museo Sitio Parque por la Paz Villa Grimaldi, 2023

Figura 174: A Torre, Parque por la Paz Villa Grimaldi, 2023

Figura 175: A Torre, Parque por la Paz Villa Grimaldi, 2023

Figura 176: Monumento as/os detenidas/os da Universidade do Chile desaparecidas/os durante a ditadura civil-militar (1973-1989)

Figura 177: *Oscar Eduardo Avello Avello [esboço]*, de Anthony Pacheco, 2023

Figura 178: *Oscar Eduardo Avello Avello [esboço]*, de Anthony Pacheco, 2023

Figura 179 Monumento em homenagem as/os miristas que passaram pelo Cuartel Terra Nova, Parque por la Paz Villa Grimaldi, Santiago, 2023

Figura 180 [Separatriz]: ***“****O início, o fim e o meio”*, de Marcelo Wasem, 2023

Figura 181: *Arpillera Mesa-Redonda de Santiago, 1972*, da AFDD, 2023

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

Texto: entrego a tese possível, por isso, tudo aqui apresentado é definitivo/temporário/incompleto.

Idiomas: a tese foi escrita em português do Brasil e de Portugal, além do espanhol. Este último é o idioma mais falado na América Latina, além de ter sido a «língua oficial» da Mesa-Redonda de Santiago, 1972, por isso, eu optei por não traduzir a maioria das citações. Palavras em outros idiomas foram traduzidas quando necessário.

Sul e norte: o primeiro, por uma questão política, aparece sempre com a inicial maiúscula; o mesmo não se aplica ao segundo. O Sul, aqui, foi inspirado em Paulo Freire (De Oliveira & Dominici, 1981), Grete Mostny (1972) e Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses (2010), como veremos ao longo da tese.

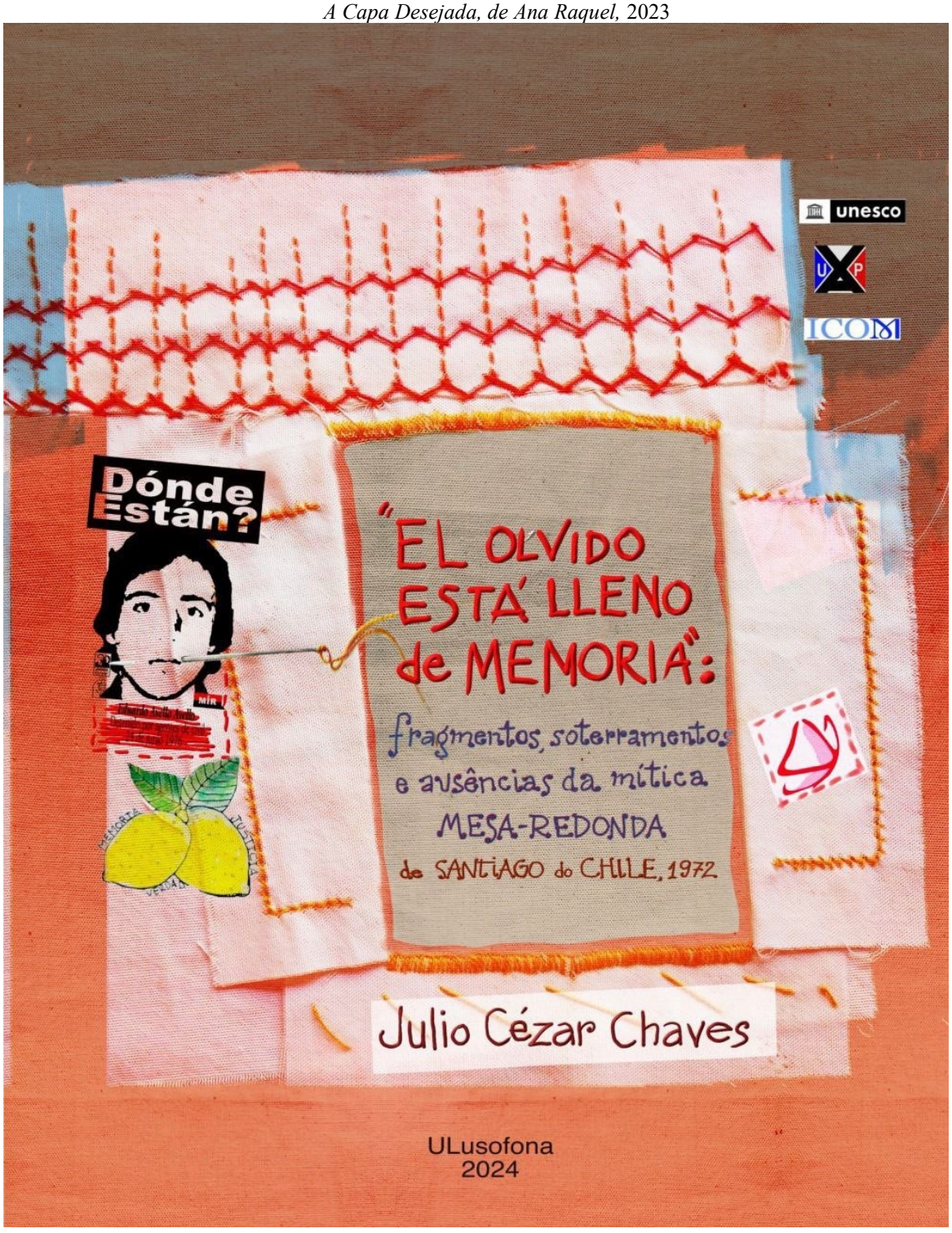
Leitura: recomendamos a leitura da tese acompanhada de uma pequena trilha sonora de artistas latino-americanas/os, disponíveis no Canal do YouTube[1] e no Amazon Music[2].

O nome: na ampla bibliografia e nos documentos existem diversas denominações em espanhol e português para a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972, como Mesa Redonda sobre la Importancia y el Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporáneo, Mesa Redonda sobre el Desarrollo y el Papel de los Museos en el Mundo Contemporáneo, Mesa Redonda sobre el Desarrollo y la Importancia de los Museos en el Mundo Moderno, Mesa Redonda sobre los Museos, Mesa Redonda de Santiago de Chile, entre outras. Todas as denominações serão contempladas ao longo do texto, principalmente devido as citações diretas e as fontes. Por outro lado, as denominações mais empregadas ao longo do texto foram: Mesa Redonda de Santiago de Chile [em espanhol], Mesa-Redonda de Santiago do Chile [português], o acontecimento de maio de 1972 ou simplesmente a sigla MRSC [Mesa-Redonda de Santiago do Chile ou Mesa Redonda de Santiago de Chile].

Bibliografia: todos os nomes dos autores citados na tese aparecem abreviados na Bibliografia Citada e na Bibliografia de Referência. Os nomes das autoras foram citados propositalmente por extenso.

[1] https://www.youtube.com/playlist?list=PLqLfPtzDBrO6wj-UkG_jd6KCMzedVaNfx.
[2] https://music.amazon.com.br/userplaylists/150be03171d04884ae72187cc9ea38ddb1r0?ref=dm_sh_42a8-f523-fc49-b557-3fd02

Figura 1 –
A Capa Desejada, de Ana Raquel, 2023



Fonte: O autor.

INTRODUÇÃO: POR ARPILLERAS DA MESA-REDONDA DE SANTIAGO DO CHILE, 1972

> É preciso muito bem esquecer para experimentar a alegria de novamente lembrar-se. Tantos pedaços de nós dormem num canto da memória, que a memória chega a esquecer-se deles.
> Vermelho Amargo, Bartolomeu C. de Queirós (2017)

Após diversas mudanças ao longo da pesquisa[3], finalmente, o título da tese foi definido em junho de 2023, ao retornar da minha segunda viagem de campo ao Chile. A primeira vez que eu li a frase "El olvido está lleno de memoria" do poeta, escritor e ensaísta uruguaio Mario Benedetti (1920-2009) foi na página da Corporación por la Paz Parque Villa Grimaldi[4], em maio de 2023. Na verdade, a frase existente é o título do livro de poemas *El olvido está lleno de memoria*, de Mario Benetetti (1994) e também do primeiro e lindo poema dessa obra, *Ese Gran Simulacro*:

> "Cada vez que nos dan clases de amnesia
> como si nunca hubieran existido
> los combustibles ojos del alma
> o los labios de la pena huérfana
> cada vez que nos dan clases de amnesia
> y nos conminan a borrar
> la ebriedad del sufrimiento
> me convenzo de que mi región
> no es la farándula de otros
>
> en mi región hay calvarios de ausência
> mufiones de porvenir / arrabales de duelo
> pero también candores de mosqueta
> pianos que arrancan lágrimas
> cadáveres que miran aún desde sus huertos
> nostalgias inmóviles en un pozo de otofio
> sentimientos insoportablemente actuales
> que se niegan a morir allá en lo oscuro
>
> el olvido está tan lleno de memoria
> que a veces no caben las remembranzas
> y hay que tirar rencores por la borda

[3] "*Esquecer é desexistir, é não ter havido": ausências, soterramentos e fissuras da mítica Mesa Redonda de Santiago do Chile, 1972* foi o título apresentado no Júri Prévio, no dia 07 de março de 2023.
[4] Recuperado de: https://villagrimaldi.cl/, em 20/05/2023. La Corporación por la Paz Parque Villa Grimaldi será discutida no *Capítulo 8 – Oscar Eduardo Avello Avello: "soy una fotografia de un desaparecido"*.

> en el fondo el olvido es un gran simulacro
> nadie sabe ni puede / aunque quiera / olvidar
> un gran simulacro repleto de fantasmas
> esos romeros que peregrinan por el olvido
> como si fuese el camino de Santiago
>
> el día o la noche en que el olvido estalle
> salte en pedazos o crepite /
> los recuerdos atroces y los de maravilla
> quebrarán los barrotes de fuego
> arrastrarán por fin la verdad por el mundo
> y esa verdad será que no hay olvido”. (Benedetti, 1994, p.13)

A inserção do verso *El olvido está lleno de memoria* do poema de Mario Benedetti (1994) no título da minha tese antecedeu a leitura do poema *Esse Gran Simulacro*, por mim, o verso em questão bastava. Todavia, ao ler e reler o poema percebi a proximidade entre esse e o tema da minha pesquisa, «A Mesa-Redonda de Santiago, 1972 e seus processos de invisibilização», como veremos ao longo da tese. Vale lembrar que é uma tese fragmentada. O que temos aqui são vestígios, soterramentos, escombros e um mapeamento das ausências[5] sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile.

A Declaração de Santiago, elaborada durante a Mesa-Redonda de Santiago do Chile – MRSC, em 1972, é o mais importante documento sobre os museus e as Museologias da América Latina? Espero elucidar essa questão ao longo da tese.

As pessoas que, direta ou indiretamente, a elaboraram, o cotidiano dos trabalhos realizados entre os dias 20 e 31 de maio de 1972 quase não aparecem na bibliografia produzida [disponível] nas últimas décadas sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile. Ao que tudo indica, as/os participantes ou quase todas/os que elaboraram a Declaração de Santiago não se interessaram ou chamaram a atenção das/o pesquisadoras/es interessadas/os na temática. Nas Museologias normativas, insurgentes e mesmo na escola de pensamento denominada Sociomuseologia, o predomínio quase sempre recaiu no resultado, e não no

[5] Referência explícita a obra *O Mapeador de Ausências*, do escritor moçambicano Mia Couto (2021b).

processo. E o resultado é uma bibliografia permeadas por silêncios, apagamentos e algumas presenças soterradas.

Pouco conhecemos as/os participantes[6] que debateram e escreveram coletivamente a Declaração de Santiago, como também o que ocorreu entre os dias 20 e 31 de maio de 1972 na efervescente Santiago do Chile daquele período. Por isso, no presente trabalho, eu pretendo dar ênfase às “memórias subterrâneas, dos silêncios da memória, as memórias abandonadas e o exílio da memória” (Bruno, 2000, pp. 16-17; 2020, p. 21).

Escolhi como metáfora da minha pesquisa/tese as arpilleras[7] [Figura 2], por acreditar que as narrativas aqui esboçadas também estão, direta ou indiretamente, relacionadas às memórias traumáticas pós-golpe civil-militar, ocorrido em 11 de setembro de 1973, que derrubou o Governo socialista de Salvador Allende (1908-1973) [Figura 3], da Unidade Popular – UP[8].

[6] Denomino como participantes todas/os as/os que estiveram presentes durante os trabalhos; todavia, ao longo da tese, elas/eles estão assim divididas/os: equipe da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO e do Comitê Internacional de Museus – ICOM; especialistas, também denominadas/os expositoras/os, coordenadoras/es de debates, debatedoras/es e debatedoras/es-animadoras/es; delegadas/os [também chamadas/os de participantes, na maioria dos documentos e na bibliografia sobre a Mesa-Redonda] e observadoras/es.

[7] As arpilleras são bordados com temáticas variadas, confeccionados com linhas, pedaços de tecidos, lãs e outros materiais e “nacen como una acción comunitaria y escritura de testimonio que refleja las vivencias del proceso social durante la dictadura en Chile, desde la mirada de las mujeres”. Recuperado de: https://es.bienalmercosul.art.br/bienal-12-artistas/Arpilleras-MMDH , em 21 de dezembro de 2022.

[8] “Unidad Popular fue un conglomerado político compuesto por el Partido Socialista, Partido Radical, Partido Comunista, el Movimiento de Acción Popular Unitaria [MAPU], la Acción Popular Independiente y el Partido Radical de Izquierda (desde 1973 se suma la Izquierda Cristiana y el MAPU Obrero y Campesino)”. (Cubillos, Castro, & Yánez, 2019, p. 16).

Figura 2 –
Exemplo de uma arpillera



Fonte: Museo de la Memoria y los Derechos Humanos – MMDH[9], Chile.

Antes de seguir, gostaria de destacar «resumidamente» o meu encontro «casual» com as histórias das/os arpilleristas[10] chilenas/os e suas arpilleras. Estava em Santiago do Chile, em maio de 2022[11], e, ao passar por uma galeria[12] na Calle Merced 349, Barrio Lastarria[13], resolvi entrar e conhecer o espaço. No meio de tantas e pequenas lojas, eu me deparei com uma de arte/artesanato[14], denominada Recuerda Chile. Lá, encontrei materiais de várias regiões do Chile, como os pequenos objetos feitos de crina de cavalo, de Longaví, próximo a Linares, coincidentemente um dos lugares visitados pelas/os participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972, e que será abordado no *Capítulo 3 – A Programação da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972*, e algumas arpilleras. Na Recuerda Chile, adquiri a publicação *Las arpilleras: una historia contada com hilo y aguja*, de Marjorie Agosín e ilustrações de Cynthia Imaña (2021). Essa obra foi muito importante para a compreensão dos diversos significados das arpilleras.

[9] Recuperado de: https://web.museodelamemoria.cl/lanzamiento-segundo-catalogo-de-arpilleras/ , em 21 de dezembro de 2022.
[10] “Artesano o artesana que realiza arpilleras, artesanía têxtil en la cual se bordan representaciones a través de retazos de tela”. (Agosín, 2021, n.p.).
[11] Durante o meu breve trabalho de campo.
[12] No Brasil, a palavra galeria tanto pode ser empregada como um lugar de exposições artísticas, geralmente privadas, quanto para designar um espaço comercial contendo pequenas lojas.
[13] Como veremos adiante, o mesmo bairro do Hotel Foresta, que, segundo a publicação do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM & Programa Ibermuseos (2012), foi o local escolhido pelo Governo chileno para hospedar as/os participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile.
[14] Aqui, não existe distinção entre arte/artesanato.

Figura 3 –
Salvador Allende (1908-1973), n.d.



Fonte: Granma[15].

Após o golpe de 11 de setembro de 1973, mães, irmãs, filhas e amigas utilizaram as arpilleras como veículo de denúncia de familiares assassinadas/os, desaparecidas/os, presas/os políticas/os, exiladas/os[16]. Essa foi uma forma de furar a censura e o terror instalados pelo Estado chileno. Muitas dessas arpilleras cruzaram fronteiras e oceanos para que o mundo tomasse conhecimento do que estava ocorrendo no Chile. Levaram gritos presos nas gargantas, os silêncios forçados, as incertezas, as dores, as raivas, as lutas e resistências de milhares de pessoas [mortas e vivas] vítimas dos militares e de suas/seus aliadas/os civis (Agosín, 2021). Após a primeira leitura da obra, resolvi tentar bordar uma arpillera a partir do resultado da pesquisa, inclusive pela inexistência [até o presente momento] de fotografias das/os participantes durante os trabalhos e as visitas externas.

O autor sabe bordar? Não! Tentei aprender, todavia não foi possível. Busquei pessoas dispostas a colaborar com linhas, agulhas, pedaços de tecidos e afetos, pessoas comprometidas com os direitos humanos e dispostas a revelar no tecido algumas “memórias exiladas, soterradas e mascaradas” (Bruno, 2020, p. 26) da MRSC e suas ramificações pela

[15] Recuperado de: https://pt.granma.cu/mundo/2018-09-14/a-morte-de-um-presidente-que-vive , em 25 de dezembro de 2022.
[16] Segundo Agosín (2021), muitas vezes, as/os arpilleristas utilizavam pedaços de vestimentas das/os desaparecidas/os, assassinadas/os e presas/os politícas/os chilenas/os.

América Latina. As pessoas tão almejadas apareceram durante a minha segunda viagem de campo, em maio de 2023, enfim, uma arpillera sobre a MRSC foi confeccionada em Santiago e será apresentada na *Conclusão – “ruim demais não saber, é quase ser cego podendo exergar”*.

Vale lembrar que, apesar de ser o responsável pela pesquisa e pela tese dela resultante, eu nunca quis pesquisar, escrever e bordar sozinho. As pessoas que colaboraram com os resultados aqui apresentados são coautoras e estão citadas ao longo da tese. Isso inclui as/os participantes da MRSC, as/os interlocutoras/es, as pessoas que reivindicaram suas presenças ao longo da pesquisa, inclusive as mortas, assim como as/os desaparecidas/os, as assassinadas e as torturadas. Pessoas e familiares que tiveram seus sonhos interrompidos pelas ditaduras civis-militares latino-americanas implantadas com o apoio explícito dos Estados Unidos[17], além dos silêncios de muitos «governos».

Diante do que foi exposto até aqui, surge uma primeira questão: a Mesa-Redonda de Santiago do Chile possui alguma relação direta com a ditadura civil-militar instalada no Chile em 11 de setembro de 1973? Como veremos ao longo da tese, apesar de ter ocorrido um ano antes, a resposta é sim; aliás, temos narrativas e pistas suficientes aqui para bordar diversas arpilleras, apenas precisamos de outras/os arpilleristas/investigadoras/es interessadas/os nas temáticas abordada ao longo da tese.

Criar um desenho ou mesmo bordar uma arpillera sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972 sem nenhuma fotografia foi um grande desafio. Também não foi fácil definir quais pessoas e lugares seriam estariam representados, dificuldade comum às/aos curadoras/es, museólogas/os e profissionais de museus durante as concepções das exposições. Apesar do número reduzido de participantes, o acontecimento (Badiou & Tarby, 2013)[18] de 1972 possui um número quase ilimitado de possibilidades de representações a partir das

[17] Não apenas.

[18] Para o filósofo francês Alain Badiou (2013), acontecimento “es algo que hace aparecer cierta posibilidad que era invisible o incluso impensable. Un acontecimiento no es por sí mismo creación de una realidad; es creación de una posibilidad que se ignoraba. En certo modo, el acontecimiento es solo una propuesta. Nos propone algo. Todo dependerá de la manera en que esta posibilidad propuesta por el acontecimento sea captada, trabajada, incorporada, desplegada en el mundo”. (Badiou & Tarby, 2013, p. 21). É dessa forma que eu entendo a MRSC, como uma possibilidade, uma proposta, um devir.

configurações sociais (Elias & Scotson, 2000; Elias, 2011)[19] do Chile no início da década de 1970, nas histórias das/os participantes e das instituições que atuavam, naquele momento, em seus países de origem; os lugares visitados no Chile [programação externa], entre outras.

Em determinado momento da escrita da tese, eu me questionei se não estaria a fazer uma apropriação inadequada dos diversos significados das arpilleras[20]. Como já exposto anteriormente, penso que não, pois, como veremos a seguir, o tema da minha pesquisa dialoga com as configurações sociais do período em questão na América Latina e inclui, direta ou indiretamente, as memórias traumáticas, as ausências, os soterramentos, os apagamentos, os silenciamentos e os direitos humanos, temas atemporais e imprescindíveis para os museus e a Sociomuseologia em particular. E, por fim, é preciso sempre lembrar que não podemos ser cúmplices de uma "pedagogía de la desmemoria" (Valko, 2013) ou de uma "museología de la desmemoria".

Segundo Marcelo Valko (2013), a "pedagogía de la desmemoria" é

> "una estructura mental que hace del olvido, de la perdida de la verdadera identidad, de la amnesia y de la tergiversación de la historia, su máximo credo. El poder tiene pánico de recordar lo inconveniente, por eso reelabora un pasado acorde a su presente. Esa estructura hace un culto de la desmemoria, de la amnesia colectiva. Ama el olvido. Ama lo ilusorio, se desespera por imaginar que estamos en Francia, que Buenos Aires [São Paulo, Santiago, etc.] es Paris, que somos todos blancos y rubios como en Escandinavia. Necesita olvidar, porque olvidar es olvidarse de sí misma, de sus responsabilidades, de su fingida ignorancia, de sus justificativas absurdas". (Valko, 2013, p. 36)

Valko (2013) está a falar de uma "pedagogía de la desmemoria" na Argentina, principalmente relacionada ao genocídio dos povos indígenas no século XIX, no «governo» do general Roca; todavia, segundo o autor, essa pedagogia foi criada ao longo do século XX e continua em pleno século XXI. Também diz respeito as/os desaparecidas/os[21], assassinadas/os e torturadas/os durante a ditadura instalada em 1976 nesse país e às crianças sequestradas durante esse período. O próprio autor afirma que a "pedagogía de la desmemoria" não diz

[19] Para Norbert Elias (2011, p. 141), "o conceito de configuração serve, portanto de simples instrumento conceptual que tem em vista afrouxar o constrangimento social de falarmos e pensarmos como se o 'indivíduo' e a 'sociedade' fossem antagónicos e diferentes".

[20] Cabe sinalizar que, atualmente, as arpilleras bordam/abordam temas do cotidiano.

[21] "Consideramos que os desaparecidos são, de alguma maneira, 'pessoas sem história'. Gente que teve uma história interrompida de maneira cruel e desumana pelo próprio fato do sequestro ou desaparecimento. A partir deste momento, não estão mais vivos e nem mortos, simplesmente não estão" (Funari & Zarankin, 2008b, p. 25).

respeito apenas à Argentina, e não só ao período colonial, mas, principalmente, após os processos de independência das antigas colônias espanholas, e também a colônia portuguesa, localizadas no continente americano. Ainda sobre o trecho citado, pode-se acrescentar a “pedagogía de la desmemoria” à impáfia de parte da elite e da classe média branca latino-americana, incluindo muitas e muitos das suas e de seus intelectuais que preferem dialogar com as epistemologias ocidentais a dialogar com as epistemologias existentes no nosso continente.

Também podemos associar a “pedagogía de la desmemoria” ao momento vivido pela população brasileira desde o golpe contra a democracia que cassou o mandato da presidenta eleita democraticamente, ex-presa política e torturada durante a ditadura brasileira, Dilma Rousseff, em 2016, e desdobrou-se na eleição de um presidente genocida[22], racista, misógino e homofóbico, defensor de torturadores, que odeia a cultura, os movimentos sociais e as feministas. Não podemos esquecer que a sua permanência durante os quatro anos de mandato apenas foi possível graças ao apoio da elite financeira brasileira, ávida pela retirada de direitos trabalhistas e a favor das privatizações, bem como de parte da classe média [que, assim como em Buenos Aires, está mais próxima da Europa e dos Estados Unidos do que dos países vizinhos, da América do Sul], de grande parte da população neopentecostal e de seus mercadores e policiais da fé – muitas/os delas/es negacionistas, que afirmam que, no Brasil, nunca houve ditadura; que afirmam que a Terra não é redonda e são contra o debate da questão de gênero nas escolas, contra qualquer avanço na discussão do direito ao aborto, apenas para citar alguns exemplos, e que não suportaram e não suportam os avanços sociais ocorridos durante os Governos do presidente Luis Inácio da Silva e da presidenta Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores – PT. Sim, a “pedagogía de la desmemoria” é um projeto ainda em curso na América Latina.

Vale lembrar que, segundo Valko (2013), a “pedagogía de la desmemoria” foi construída com a participação de muitos museus, na Argentina e em outros países da América

[22] “El concepto de genocidio, para que tenga un rendimiento como categoria de análisis, no tiene relación con el número de víctimas. (...) implica una dinámica específica de violencia, que puede ser caracterizada por el binomio destrucción/erradicación y, en forma más general, por su *voluntad eliminacionista*. En su modo de efectuarse esta forma de violencia puede imbricarse con una lógica dissuasiva que busque el control, (...). Así también, una práctica genocida puede ir en simultáneo con la implementación de una violencia que busque la remodelación/reestructuración de una sociedade” (Antequera, 2023, pp. 61-62).

Latina. Como exemplo, tem-se o Museo de La Plata, na Argentina, representado na Mesa-Redonda de Santiago do Chile pelo expositor e delegado argentino professor Mario Teruggi (1919-2002) e pela observadora, a professora Genoveva Dawson de Teruggi (1918-2012).

Ao pensar em uma "museología de la desmemoria" inspirada na "pedagogía de la desmemoria" e associá-la à Mesa-Redonda de Santiago do Chile, não estou apenas a me referir a ausências, silenciamentos, soterramentos e esquecimentos sobre o acontecimento em questão, mas estou também a reiterar todas as atrocidades praticadas pelos museus ou em seu nome, por seus gestores e suas respectivas equipes, em nome das ciências, tanto na Europa como aqui na nossa região, e cujos alvos foram as/os indígenas, o povo negro africano, escravizado e levado à força para antigas colônias localizadas no continente americano, e as vítimas das ditaduras, entre outras/os.

Os silêncios da maior parte das instituições museológicas em relação à escravidão e aos genocídios dos povos negros e indígenas, a questão de gênero, a homofobia, a xenofobia, a fome, as/os sem-terra, as/os desaparecidas/os, as/os torturadas/os, as/os assassinadas/os e as crianças sequestradas durante as ditaduras latino-americanas no século passado fazem parte da "museología de la desmemoria" aqui esboçada. Os pátios, corredores, salas de exposições e reservas técnicas dos museus nacionais latino-americanos estão cheios de goteiras, infiltrações e rios subterrâneos de sangue e que precisamos discutir[23].

Por tudo isso [menos ou mais], encaro o trabalho da tese desde o pressuposto de que a MRSC foi feita por pessoas de carne e osso e elas têm "el derecho a la memoria[24]", assim como os bastidores dos trabalhos realizados antes e durante o acontecimento de maio de 1972. Recorro ao mais conhecido acontecimento museológico da América Latina do século XX e que, cinquenta e um anos depois, continua a instigar nossas áreas de atuação, reafirmando a indissociabilidade entre as escolhas teóricas, metodológicas, éticas, estéticas e políticas constitutivas desta tese.

[23] Referência ao livro *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*, de Mario Chagas (2006).

[24] Referência ao texto *Para su inclusión en la nueva Constitución: el derecho a la memoria y el deber de recordar*, escrito pelas investigadoras Nancy Yáñez Fuenzalida e Valentina López Garrido (n.d.). É um trabalho de colaboração entre o Museo de la Memoria y los Derechos Humanos – MMDH, o Centro de Derechos Humanos de la Facultad de Derecho de la Universidad de Chile, a Faculdad de Derecho de la Universidad Bolivariana e a Corporación Parque por La Paz Villa Grimaldi.

Inspirado em Daniel Munduruku (2019) e Luzia Gomes (2018), preciso informar que não foi possível seguir um formato linear na pesquisa, assim como na tese[25]. Como Munduruku (2019, p. 64), “eu poderia começar contando do começo, mas essa é uma forma muito comum de contar algo. É o modo ocidental de contar uma história”. E, por mais que muitas/os habitantes da América Latina se afirmem como brancos e ocidentais, nós não somos e nunca seremos completamente ocidentais. Essa é uma aspiração apenas de grande parte da elite e da classe média latino-americanas.

Por uma questão política e sociomuseológica, esta tese é pluriepistêmica. Uma pesquisa e uma tese permeadas por conflitos, impasses, avanços, recuos, encontros, desencontros, reencontros, tréguas, algumas desistências, poesias e afetos. A tese possível. Por isso tudo, aqui, “passado e presente não seguem uma ordem cronológica. Vou e volto de acordo com as ondas oscilatórias dos ventos” (Gomes, 2018, p. 27) e das marés, com seus fluxos e refluxos.

Inicialmente, a ideia de pesquisar algo relacionado à Mesa-Redonda de Santiago do Chile – MRSC surgiu em 2020, durante a minha participação no curso Leituras Dirigidas: pesquisa e responsabilidade social, do Grupo de Estudo e Pesquisa Memória, Identidade e Território – GPMIT[26]. No dia 01 de dezembro de 2020, durante a discussão do texto *La crisis, el compromiso y la Ciência*, do sociólogo colombiano Fals Borda (2015), surgiu, pela primeira vez, a ideia de pesquisar as/os participantes da Mesa-Redonda sobre o Desenvolvimento e o Papel dos Museus no Mundo Contemporâneo, organizada pela UNESCO/ICOM e pelo Governo do Chile, realizada em Santiago, de 20 a 31 de maio de

[25] Mesmo se eu quisesse, o contrário seria impossível, devido ao pouco tempo disponível para a pesquisa e a escrita da tese após a mudança definitiva do tema, em junho de 2021, e de todas as questões, problemas e consequências do período pandêmico.

[26] Do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS do Instituto de Ciências Sociais – ICS e do Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore – MTB da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Líderes: as professoras Claudia Mura e Jordânia Araújo Souza.

1972. Na época, eu me questionei sobre a existência ou não de um pensamento museológico ou mesmo uma rede latino-americana entre as décadas de 1950-1970 e pensei que seria interessante pesquisar a partir da MRSC. Ao pesquisar as quatro participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile – Grete Mostny [Figura 4], Alicia Dussán de Reichel, Lygia Martins Costa e Teresa Gisbert de Mesa –, fiquei entusiasmado com suas histórias de vida, o que me afastou do interesse inicial de adentrar o pensamento museológico latino-americano ou algo parecido[27].

Figura 4 –
Grete Mostny no Museo Nacional de Historia Natural do Chile, s.d



Fonte: *site* Mujeres Bacanas[28].

No texto já citado, *La crisis, el compromisso y la Ciencia*, de Fals Borda (2015), fica evidente a existência de redes formadas por intelectuais latino-americanos nas décadas de 1950, 1960 e 1970. Ao criticar o servilismo intelectual ainda majoritário na América Latina, Borda cita alguns pensadores que o combateram, direta ou indiretamente, e criaram caminhos para um pensamento próprio das realidades existentes na região em questão. Instituições como a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais – FLACSO, em Santiago do Chile;

[27] As pesquisas em geral, os temas em particular e “as cartas criam vida própria e não há quem possa mapear seu caminho. Os correios [os programas de pós-graduações] julgam ter uma ideia, o remetente [orientadora e orientando] pensa que tem algum poder. Pura ilusão”. (Couto, 2021a). Trecho de uma carta do escritor moçambicano Mia Couto (2021a) endereçada aos *taggers* [nome dado aos sócios da TAG Experiências Literárias], clube de livros sediado no Brasil que eu participo. A carta foi uma prévia do livro do mês de julho, *O mapeador de ausências*, de Mia Couto (2021b).

[28] Recuperado de: https://mujeresbacanas.com/grete-mostny-1914-1991 , em 21 de dezembro de 2022.

o Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais – CLAPCS, no Rio de Janeiro, Brasil; o Instituto Superior de Estudos Brasileiros – ISEB, também no Rio de Janeiro; o Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais – CLACSO, em Buenos Aires, Argentina são citadas como centros comprometidos com a independência do pensamento latino-americano.

O sociólogo colombiano também elenca alguns intelectuais engajados nessa busca, como Luiz A. Costa Pinto[29], Alberto Guerreiro Ramos[30], Cândido Mendes de Almeida[31], Álvaro Vieira Pinto[32], Hélio Jaguaribe[33], Octavio Ianni[34], Florestan Fernandes[35], Rodolfo Stavenghagen[36], Pablo González Casanova[37], Manuel Maldonado Denis[38] e Camilo Torres[39], entre outros; e alguns pioneiros, como Esteban Echeverría[40], Sarmiento[41], Lastarria[42], Martí[43], Juárez[44], Silvio Romero[45] e José Bonifácio[46], entre outros. Como sinalizou a museóloga Vânia Brayner[47], a ausência de intelectuais mulheres chama a atenção, apesar da existência de arqueólogas, antropólogas, sociólogas, economistas e pedagogas existentes na nossa região.

Nesse movimento, eu busquei identificar também a existência de redes entre as/os participantes da MRSC ou mesmo entre essas/es e outras/os intelectuais latina/o-americanas/os, como veremos ao longo da tese. Finalmente, em abril de 2021, resolvi

[29] Luiz Aguiar Costa Pinto (1920-2002) foi um professor e sociólogo brasileiro.
[30] Alberto Guerreiro Ramos (1915-1992) também foi um professor e sociólogo brasileiro.
[31] Cândido Mendes de Almeida (1928-2022) foi um advogado, cientista político e sociólogo brasileiro.
[32] Álvaro Borges Vieira Pinto (1909-1987) foi um filósofo, tradutor e professor brasileiro.
[33] Hélio Jaguaribe Gomes de Mattos (1923-2018) foi um advogado, sociólogo, cientista político e escritor brasileiro.
[34] Ocatavio Ianni (1926-2004) foi um sociólogo e professor brasileiro.
[35] Florestan Fernandes (1920-1995) foi um professor, sociólogo e político brasileiro.
[36] Rodolfo Stavenghagen (1932-2016) foi um sociólogo e antropólogo mexicano.
[37] Pablo González Casanova (1922) é um advogado e sociólogo mexicano.
[38] Manuel Maldonado Denis (1932-1992) foi um historiador e professor porto-riquenho.
[39] Camilo Torres Restrepo (1929-1966) foi um padre católico e guerrilheiro colombiano.
[40] Esteban Echeverría (1805-1851) foi um escritor e poeta argentino.
[41] Domingo Faustino Sarmiento Albarracín (1811-1888) foi um jornalista, escritor e político argentino.
[42] José Victorino Lastarria (1817-1888) foi um advogado e político chileno. Lastarria é o nome de um bairro bastante conhecido de Santiago e que foi visitado pelas/os participantes da MRSC, em maio de 1972.
[43] José Julián Martí Pérez (1853-1895) foi um poeta, político, jornalista e filósofo cubano.
[44] Benito Pablo Juárez García (1806-1872) foi um advogado e político mexicano.
[45] Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero (1851-1914) foi um crítico literário, ensaísta e poeta brasileiro.
[46] José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838) foi um poeta, naturalista e estadista brasileiro.
[47] A observação da Profa. Doutora Vânia Brayner aconteceu após a sua arguição no Júri Prévio, em 7 março de 2023. Ela citou duas intelectuais da América Latina atuantes nos anos 1960 e 1970, a psicóloga, cientista política e escritora chilena, Marta Harnecker Cerdá (1937-2019). E também a socióloga, cientista política e economista brasileira, Vania Bambira (1940-2015). Perseguida após o golpe civil-militar no Brasil, Vania Bambirra partiu para o exílio no Chile e após o golpe civil-militar de 1973 partiu para o México.

pesquisar e escrever um capítulo sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile e, logo depois, em junho de 2021, eu resolvi, de uma vez por todas, abandonar o tema em que iniciei o doutoramento na Universidade Lusófona – ULusofona, *As Zabelês Pataxó, as "mulheres pássaro" e as configurações museológicas e patrimoniais no Sul da Bahia*[48] e continuar com a pesquisa sobre o acontecimento de 1972[49]. Os principais motivos da mudança do tema de pesquisa foram: as adversidades decorrentes da pandemia da doença do coronavírus – COVID-19; o descaso do presidente genocida brasileiro desde o início da pandemia, o que impossibilitou o meu trabalho de campo nas aldeias Pataxós, no Sul da Bahia; o afeto crescente pela MRSC ao longo da pesquisa inicial, a ponto de não conseguir mais me desvencilhar da temática, principalmente pelos silêncios, pelas ausências e pelos apagamentos existentes na bibliografia e nos documentos disponíveis sobre o assunto.

Escolhi enfatizar o acontecimento, e não o documento final e seus desdobramentos, já bastante debatidos. Como Gloria Anzaldúa (2016), o que eu procuro é a "arte de la

[48] Após a conclusão do IV Curso de Estudos Avançados em Museologia – CEAM, no Museu da República, no Rio de Janeiro, no segundo semestre de 2018.

[49] A pesquisa, ainda em andamento, foi apresentada com o título *É possível escrever sobre a Mesa-Redonda sobre o Desenvolvimento e o Papel dos Museus no Mundo Contemporâneo realizada em Santiago (1972) "sem ferir ninguém"?*, no 11º Encontro de Investigadores do Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento – CEIED – do cientista cidadão à ciência cidadã: olhares cruzados na construção do conhecimento, em 14, 15 e 16 de julho de 2021, na ULusofona; apresentei o tema anterior no GPMIT, no dia 26 de julho de 2021, da UFAL; um recorte intitulado *Paulo Freire: o ausente mais presente na Mesa-Redonda de Santiago do Chile – 1972* foi apresentado no Congresso Internacional Paulo Freire (1921-2021: um centenário de atualidade), realização CEIED, Cátedra UNESCO-ULusofona Educação, Cidadania e Diversidade Cultural e ULusofona de Lisboa, nos dias 14, 15 e 16 de dezembro de 2021; no dia 24 de agosto de 2022, a pesquisa foi apresentada, novamente, no GPMIT, com o título *Ausências e soterramentos na mítica Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972: esboço de uma narrativa*; no dia 02 de novembro de 2022, no XXX Encontro do ICOFOM LAC: Museologia Multivocal na América Latina e Caribe desde a Mesa-Redonda de Santiago 1972, Mesa 1: Museologia Multivocal na América Latina e Caribe desde a Mesa-Redonda de Santiago, 1972 (Revisitando os clássicos), com o título *Ausências e soterramentos na mítica Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972: esboço de uma narrativa*; por indicação da professora e museóloga Maria Célia Teixeira Moura Santos e de Luiz Mizukami, do Sistema Estadual de Museus – SISEM-SP, eu e a museóloga e professora da Universidade Federal de Sergipe – UFS, Ana Karina Calmon, fomos convidados para participar do Encontro Paulista de Museus 2022, como articuladores da Mesa *50 anos após a Mesa de Santiago do Chile: ausências, aprendizados e devires?*, que tinha como palestrantes Maria de Lourdes Parreiras Horta, Yara Mattos e Hugues de Varine [este último, virtualmente], no dia 08 de novembro de 2022; com o título *Ausências na mítica Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972: esboço de uma narrativa*, o trabalho foi apresentado no Grupo de Trabalho – GT Museologia em Processo: formação e pesquisa, do 5º Seminário Brasileiro de Museologia – SEBRAMUS, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul-RS, realizado, presencialmente, nos dias 07, 08 e 09 de dezembro de 2022; com o título *Oscar Eduardo Avello Avello (1954-1976): "soy una fotografia de un desaparecido"*, na Mesa 1 – Histórias da museologia latino-americana e caribenha: sujeitos, diversidade e pluralidade de experiências, no 31º Simpósio Anual ICOFOM LAC e 46º Simpósio Anual ICOFOM, entre os dias 6 e 10 de novembro de 2023, no Museu do Homem do Nordeste, em Recife, Pernambuco.

composición, tanto si estás componiendo una obra de ficción o tu propia vida como si estás componiendo la realidad, siempre significa que tomas piezas fragmentadas y las pones juntas, formando un todo que tenga sentido" (Anzaldúa, 2016, p. 283)[50], e não um todo completo – até porque não existe.

Meu ponto de partida para a pesquisa e a escrita do capítulo que, posteriormente, resultou na tese está relacionadao às ausências e lacunas contidas na publicação comemorativa dos 40 Anos do acontecimento chileno[51], *Mesa Redonda sobre la Importancia y el Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporâneo do IBRAM e Programa Ibermuseos*, organizada por Alan Trampe, José do Nascimento Junior e Paula Assunção dos Santos (2012)[52]. A obra está dividida em dois volumes: *vol. I – Mesa Redonda de Santiago de Chile, 1972* e *vol. II – Revista Museum, 1973*.

No vol. I, *Mesa Redonda de Santiago de Chile, 1972* (IBRAM & Programa Ibermuseos, 2012), está grande parte da documentação oficial sobre o acontecimento chileno, reunida pela professora e pesquisadora Paula Assunção. Após a leitura, permaneci com muitas inquietações e questões – algumas foram elucidadas no vol. II, *Revista Museum, 1973*; outras, não. Após uma breve releitura/leitura de outros textos sobre a Mesa-Redonda de Santiago, surgiram novas inquietações.

Ainda no início da pesquisa, eu me perguntei se existia algo que não tinha sido abordado sobre a MRSC. A partir de uma breve revisão bibliográfica que trata, direta ou indiretamente, sobre a temática, percebi que as análises, quase sempre, eram centradas no documento final – a Declaração de Santiago – e em alguns desdobramentos. Por desconhecimento, talvez eu possa estar a repetir algumas narrativas já debatidas e/ou escritas anteriormente. Ainda assim, tenho uma pequena esperança de "ver, rever e transver" (Barros, 2013, pp. 323-324)[53] ou fazer "uma releitura da Mesa-Redonda de Santiago do Chile pelo olhar da Sociomuseologia" (Primo & Moutinho, 2021, p. 17), permeada pela imaginação e por algumas questões, algumas delas irrespondíveis, como veremos no decorrer da tese. O que

[50] Trecho da entrevista de Gloria Anzaldúa por Karin Ikas. "Arte da composição, tanto se está compondo uma obra de ficção ou tua própria vida como se está compondo a realidade, sempre significa que tomas peças fragmentadas e as põe juntas, formando um todo que tenha sentido". (Anzaldúa, 2016, p. 283, tradução minha).
[51] Não é uma crítica à publicação. Todos os documentos encontrados na época foram publicados.
[52] Em 2019, uma amiga de longa data, Antía Vilela, presenteou-me com a referida publicação. Ela trabalhou na Unidad Técnica del Programa Ibermuseos e atuou na Coordenação da referida publicação.
[53] Referência ao poema de 1996, de Manoel de Barros, *As lições de R.Q.*, presente no *Livro sobre nada* (2013).

fiz ao longo da pesquisa e da escrita da tese foi mapear ausências, publicizar minhas questões e escavar algumas presenças soterradas; contudo, suspeito que escavei apenas a primeira camada, outras continuam à espera de outras/os pesquisadoras/es. Se mapear é uma referência explícita ao livro citado do escritor moçambicano Mia Couto (2021b), escavar é uma referência à arqueologia, às minas de cobre e aos trágicos abalos sísmicos relacionados à história do Chile.



Ainda sobre a escrita não linear e pluriepistêmica, segui os passos da socióloga Aymara e boliviana Silvia Rivera Cusicanqui (2010), suas/seus antepassadas/os e contemporâneas/os:

> “No hay “post” ni “pre” en una visión de la historia que no es lineal ni teleológica, que se mueve en ciclos y espirales, que marca un rumbo sin dejar de retornar al mismo punto. El mundo indígena no concibe a la historia linealmente, y el passado-futuro están contenidos en el presente: la regresión o la progresíon, la repetición o la superación del pasado están en juego en cada coyuntura y dependen de nuestros actos más que de nuestras palavras”. (Rivera Cusicanqui, 2010, pp. 54-55)

Procurei escrever uma tese mestiça. A narrativa, aqui, é plural/singular, assim como a linguagem. Espero que o resultado final faça jus ao emaranhado de concepções de mundo e temporalidades existentes na região aqui abordada. Passado, presente e futuro não aparecem, necessariamente, nessa ordem; aqui, as diversas temporalidades coexistem; não separamos natureza-cultura, corpo-espírito, vivo-morto – assim como a Declaração de Santiago do Chile não pode ser lida e pesquisada sem levar em conta as pessoas que a elaboraram e as configurações sociais que permitiram sua realização.

Também é importante salientar que é um trabalho situado, nem sempre antiocidental, mas, assumidamente, anticolonial. Este caminho adotado pode ser, por vezes, tortuoso, até porque o tema da pesquisa está relacionado a uma instituição ocidental, o museu, cuja origem é colonialista e imperialista, e também a agências internacionais ocidentais, como a UNESCO e o ICOM, que, em diversos momentos, ao longo de suas histórias, posicionaram-se dubiamente ou escancaradamente ao lado dos países ricos do ocidente.

Meu processo de desilusão com o ocidente e com a Europa, em particular, e seus grandes museus coloniais já existia antes do início da pesquisa. No entanto, ao longo da pesquisa sobre a MRSC, tornou-se mais evidente. Frantz Fanon (2005) foi no cerne desse meu desconforto:

> “essa opulência europeia [e ocidental] é literalmente escandalosa, pois foi construída sobre as costas dos escravos, alimentou-se do sangue dos escravos, vem em direta do solo e do subsolo desse mundo subdesenvolvido. O bem-estar e o progresso da Europa foram construídos com o suor e os cadáveres dos negros, dos árabes, dos índios e dos amarelos. Isso, decidimos não esquecer mais”. (Fanon, 2005, pp. 116-117)

Dentro do possível, essa opulência oriunda do sangue das/os outras/os não foi esquecida e será lembrada ao longo da tese. Por outro lado, não podemos negar e/ou esquivar-nos do diálogo com o ocidente, principalmente com as/os suas/seus outras/os no passado/presente, no território aqui pensado e abordado, a América Latina. Nessa perspectiva, Fals Borda (2015) escreveu o seguinte:

> “Tampoco es conveniente descartar el conocimiento serio obtenido por diversas escuelas o en etapas anteriores, o considerarlo como de ‘segunda clase’ por venir de otras vertientes, países o corrientes intelectuales. Eso sería un despilfarro trágico del recurso humano. El aislamento completo de lo que discurre en otras escuelas y en países avanzados llevaría a un atraso que nunca lograría llenarse, además de que se perderían contactos com grupos afines en tales países y escuelas, que podrían constituirse en actuales o eventuales aliados para el esfuerzo del cambio”. (Borda, 2015, p. 249)

Aqui, em momento algum eu deixei de dialogar com pensadoras/es das mais diversas localidades, raças e gêneros. A ideia é trabalhar com a interculturalidade, “que pressupõe o reconhecimento recíproco e a disponibilidade para enriquecimento mútuo entre várias culturas que partilham um dado espaço cultural” (Meneses & Santos, 2010, p. 16).



A tese foi escrita em português do Brasil e de Portugal, além do espanhol/castelhano[54]. Em português, por ser o idioma do meu país de origem e também do lugar onde realizei o meu doutoramento. O espanhol/castelhano, por ser o idioma oficial da Mesa-Redonda de Santiago

[54] Aleatoriamente, alguns trechos da tese foram traduzidos do espanhol/castelhano para o português.

do Chile, tema da minha pesquisa, e também por ser a língua mais falada na América Latina. As/os brasileiras/os e as/os portuguesas/es compreendem razoavelmente o espanhol/castelhano e as/os hispanohablantes também compreendem razoavelmente o português.

Segundo Hugues de Varine (2013),

> “há um problema linguístico nos países de língua latina. Porque é difícil aceitar que em países como França, Espanha, Portugal e também na América Latina se mude para inglês. Acho que precisamos de duas coisas: 1) adoptar o conceito do mundo de língua latina, em que cada falante das línguas latinas aceite compreender (não é falar) pelo menos as outras línguas. Porque, por exemplo, na área de património, Itália tem uma literatura enorme, entre outros. A literatura sobre património dos vários países de língua latina deveria enriquecer-se”. (Varine, 2013, pp. 03-04)

Não foi possível resolver o problema colocado pelo autor, por isso, a tese foi predominantemente escrita em português e espanhol/castelhano ou talvez no que o educador Paulo Freire denominava “castanhês”[55]. Ainda assim, considero importante destacar o óbvio: o português, o espanhol e o francês não são os únicos idiomas falados na América Latina. Além desses três, existem centenas de outros idiomas falados por centenas de povos indígenas e populações afro-americanas, incluindo algumas línguas mestiças. Como afirma Grada Kilomba (2019), nós não podemos esquecer que a linguagem “também é transporte de violência, por isso precisamos criar novos formatos e narrativas. Essa desobediência poética é descolonizar”[56].

Por tudo isso, esta não será uma tese asséptica ou algo parecido. Será um trabalho permeado pelo afeto, mas também permeado pela dor, raiva, ressentimento, inveja, gratidão, resistência e esperança. Adianto também que, ao longo da tese, aparecerão muitos nomes de pessoas que foram importantes para o resultado final do trabalho, pois nominar todas/os/es também é um ato político contra o individualismo-originalidade-autoria reinante no mundo acadêmico, tanto no Sul quanto no norte.



[55] “Com exceção do Plínio, do Paulo de Tarso e do Weffort, que falavam excelentemente o espanhol, nós, os outros brasileiros, falávamos o castanhês, uma mistura de castelhano com português”. (Freire & Guimarães, 2021, p. 130).

[56] Recuperado de: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/19/cultura/1566230138_634355.html , em 21/12/2022.

Cinquenta anos depois, a Mesa-Redonda de Santiago do Chile continua instigando os imaginários das diversas Museologias e da Sociomuseologia, em particular. Concordo com o professor Vladimir Sibylla Pires (2021)[57] que o acontecimento de maio de 1972 é

> "provavelmente um dos eventos mais vivos no imaginário museal brasileiro. Dificilmente encontraremos um estudante/profissional da área que nunca tenha (ao menos) ouvido falar dela. E é mais vivo no nosso imaginário, quanto mais à esquerda estejamos no espectro político ou mais progressista seja a nossa alma ou mais desejosos de um museu comprometido com a diversidade e transformação sociais sejamos etc". (Pires, 2021)

Apesar de ser um dos acontecimentos mais presentes no "imaginário museal brasileiro", acrescentaria também os imaginários dos demais países da América Latina e de Portugal. Vale salientar o quase total desconhecimento do que realmente aconteceu durante a MRSC, entre os dias 20 e 31 de maio de 1972, e que o pouco que existe está disperso. Quem eram as pessoas que participaram? Quais foram as discussões transversais durante os trabalhos? Quais os embates travados entre as/os participantes? Quem realmente participou do acontecimento? Qual foi a sede dos trabalhos? Qual foi a programação externa? Quais museus e exposições foram visitados? Nenhuma dessas perguntas foram totalmente respondidas na documentação disponibilizada no volume 1 da publicação do IBRAM & Programa Ibermuseos (2012) e nem na bibliografia disponível sobre a Mesa-Redonda de Santiago do

[57] Em julho de 2022, eu enviei por *e-mail* para algumas e alguns intelectuais brasileiras/os a seguinte pergunta: "enquanto intelectual da Museologia, quais os significados da Mesa-Redonda de Santiago?" Entre elas/es estavam Maria Cristina Oliveira Bruno, da Universidade de São Paulo – USP; Atíla Tolentino, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN; Vladimir Sibylla Pires, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO; Maria Célia Teixeira Moura Santos, professora aposentada da UFBA; Mario Chagas, da UNIRIO; Girlene Chagas Bulhões, do IBRAM; José Nascimento Júnior, ex-presidente do IBRAM; Joseania Freitas, da UFBA; Luzia Gomes, da Universidade Federal do Pará – UFPA; Sarah Maggitti Silva, da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL; Marijara Souza Queiroz, da Universidade de Brasília – UNB; Ana Karina Calmon de Oliveira Rocha, da Universidade Federal de Sergipe – UFS; Suely Moraes Ceravolo, da UFBA; Joana Angélica Flores Silva, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. Porém, nem todas/os responderam. O professor Mario Chagas enviou um vídeo de sua Aula Magna proferida no dia 18 de maio de 2012 [Dia Internacional de Museus], na Escola de Museologia da UNIRIO [Continuidade das Comemorações aos 80 Anos da Escola de Museologia]: *Temos potência para a necessária Indignação Museal? 40 anos da Mesa-Redonda de Santiago do Chile.* Eu e a historiadora Cínthia da Silva Cunha realizamos a transcrição do vídeo. No dia 25 de setembro de 2022, enviei para o professor Mario Chagas conferir e autorizar a publicação da transcrição na tese, todavia, ele nunca devolveu o texto corrigido e muito menos autorizou a publicação. A professora Maria Célia Teixeira Moura Santos enviou um texto de sua autoria, *Reflexões sobre a Nova Museologia* [preparado para seminário no Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – MAE/USP, realizado em setembro de 1999]. Alguns dos depoimentos serão discutidos ao longo da tese.

Chile. Essas lacunas foram os principais motivos condutores da minha pesquisa de doutoramento, cujo tema é «A Mesa-Redonda de Santiago, 1972 e seus processos de invisibilização. Entre as principais hipóteses, uma se destacou ao longo do processo, «A realização da Mesa-Redondade Santiago do Chile, 1972» não foi obra apenas da UNESCO e do ICOM, mas também da política sociocultural do Governo de Salvador Allende, da Unidade Popular – UP, representada pela curadora do Museu Nacional de História Natural do Chile – MNHN e pelo diretor da Direção de Bibliotecas, Arquivos e Museus, Juvencio Valle».

Apesar de todos esses esquecimentos, em 2022, a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972, foi lembrada e comemorada em diversos eventos museológicos virtuais, híbridos e presenciais[58], na América Latina e em Portugal, como veremos no *Capítulo 4 – A Palo Seco: uma «mirada nostálgica e ingênua» sobre a Declaração de Santiago.*



Ao longo da investigação surgiram muitas questões sobre a Mesa-Redonda de Santiago de Santiago do Chile, 1972, todas elas interdependentes:

- por que conhecemos tão pouco as/os participantes da MRSC?
- diante de um panorama político desfavorável na América Latina, com ditaduras civis-militares e «governos» de direita nos países de origem das/os participantes, como foi possível produzir um documento final tão singular?
- até que ponto a Mesa-Redonda de Santiago do Chile foi algo marcante nas trajetórias das/os participantes?
- existe uma práxis das/os delegadas/os relacionada à Declaração de Santiago?

Apesar dos percalços, eu busquei responder essas questões ao longo dos três últimos anos. Desde o início, eu tinha consciência de que minha pesquisa era uma sondagem inicial, ou seja, eu sabia que ficaria apenas na superfície e, em alguns momentos, escavei apenas a primeira camada. De certa forma, eu deixei o terreno sinalizado e identificado para outras/os pesquisadoras/es escavarem outras camadas e coletarem outros fragmentos soterrados. E isso

[58] No dia 07 de agosto de 2021, o professor Mario Chagas comentou comigo, através do *WhatsApp*, sobre o convite que recebeu para participar da comissão, criada no Chile, responsável pelas Comemorações dos 50 Anos da Mesa-Redonda de Santiago, em 2022. A comissão contou também com a participação do professor Bruno Brulon, da UNIRIO.

também significa acessar os arquivos pessoais e institucionais das/os participantes e os arquivos institucionais da UNESCO e do ICOM.

Objetivos da investigação:

> **Objetivo principal:**
> - entender alguns processos de invisibilização da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972.
>
> **Objetivos específicos:**
> - identificar as atuações do Governo do Chile e sua representante, Grete Mostny, da UNESCO e do ICOM na organização da *Mesa Redonda sobre la Importancia y el Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporáneo*;
> - a partir de fragmentos biográficos, delinear os perfis das/os participantes e envolvidas/os, direta ou indiretamente, no acontecimento de 1972;
> - por fim, entender as configurações sociais do Chile e suas influências nas discussões e na elaboração da Declaração da Mesa-Redonda de Santiago.

A escolha do verbo entender, ao longo da tese e nos objetivos, não foi aleatória – aqui, eu sigo os passos do antropólogo e filósofo argentino Rodolfo Kusch, que escreveu que o “compreender compõe, totaliza. O entender desarma e desmonta” (Kusch, 1981, p. 149).

O resultado aqui apresentado foi pesquisado e escrito, predominantemente, em Santa Cruz Cabrália, Bahia, Brasil, a partir de conversas virtuais com intelectuais museólogas/os e amigas/os. Também algumas tentativas, nem sempre bem-sucedidas, de contato com as famílias e amigas/os das/dos participantes na Argentina, no Chile, no México, em El Salvador, na Bolívia, na Colômbia, no Panamá, na Guatemala, na Costa Rica, na Suíça e no Peru. Uma revisão bibliográfica possível. Por fim, duas breves viagens de campo ao Chile, realizadas em maio de 2022 e de 2023, quando eu consegui acessar alguns documentos dispersos e incompletos relacionados à Mesa-Redonda de Santiago do Chile e que serão discutidos ao longo da tese.

Como aponta Mia Couto (2021a),

> “Diários, fotografias, documentos, cartas – erra quem pensa que o passado e seus registros podem ser dominados. Você pode tentar queimá-los. Isso talvez dê uma falsa sensação de controle, se é o que busca. Mas as cinzas estarão presentes no ar, e basta uma imprevista brisa para o passado se juntar às ínfimas gotas que formam um ciclone”. (2021a, n.p.)

Inspirado no escritor moçambicano Mia Couto, eu entendo a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972 como uma imprevista brisa que balançou/balança e inspirou/inspira

as diversas Museologias latino-americanas nos últimos 51 anos, além de considerá-la como o principal [não o único] mito fundante das diversas Museologias dissidentes e insurgentes existentes e que, de alguma forma, atuam contra o capitalismo, o imperialismo, os colonialismos externo e interno, além de se posicionarem ao lado das/os “condenadas/os da terra” (Fanon, 2005).

Quadro Téorico

Além da já citada publicação do IBRAM e Programa Ibermuseos, organizada por Paula Assunção, José do Nascimento Júnior e Alan Trampe (2012), existe uma ampla, excelente e imprescindível bibliografia sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972, principalmente no Brasil e no Chile. Foi graças às ausências ou ao pequeno destaque dado às/aos participantes, aos trabalhos entre os dias 20 e 31 de maio e à programação externa que eu delineei meu tema de pesquisa.

Ao longo do mapeamento bibliográfico, ficou evidente a inexistência de uma história, de uma historiografia museológica ou mesmo de uma cartografia da MRSC. Na bibliografia que aborda, direta ou indiretamente, o acontecimento de 1972, existem apenas alguns fragmentos dispersos sobre o cotidiano dos trabalhos. A ênfase sempre foi na Declaração de Santiago e na definição de Museu Integral/Integrado, até porque quase não existiam documentos relacionados aos bastidores da Mesa-Redonda de Santiago do Chile. Ficou evidente o destaque secundário dado aos contextos social, político e cultural do Chile em 1972. Não podemos esquecer também a pouca ênfase dada às mulheres e à “paisagem cultural delimitada pela percepção museológica” (Bruno, 2020, p. 23), os lugares visitados pelas/os participantes.

Entre os textos importantes de autoras e os autores brasileiras/os que abordam, direta ou indiretamente a Mesa-Redonda de Santiago do Chile podemos citar: *Adaptações dos museus da América Latina ao mundo contemporâneo: relatório*, de Lygia Martins Costa (1972); *Documentos básicos de Museologia: principais conceitos*, de Judite Primo (2007); *Museus de Ciência e Tecnologia no Brasil: uma “Reunião de Família” na Mesa-Redonda de Santiago do Chile em 1972*, de Maria Esther Alvarez Valente (2009); *Reflexões sobre a Nova Museologia*, de Maria Célia Teixeira Moura Santos (2009); *A imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*, de Mario Chagas

(2009); *O Icom-Brasil e o pensamento museológico brasileiro: documentos selecionados*, volume 2, coordenado por Maria Cristina Oliveira Bruno (2010); *Museologia em ação: homenagem à Lygia Martins Costa*, de Mario Chagas, Lillian Alvares e Cícero Antônio Fonseca de Almeida (2010); *Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas* e *Conferência I – 40 anos da Mesa-Redonda de Santiago/Chile (1972): entre o idealismo e a contemporaneidade*, de Tereza Cristina Scheiner (2012; 2014); *Tecendo relações entre as reflexões de Paulo Freire e a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972*, de Vânia Maria Siqueira Alves e Maria Amélia Gomes de Souza Reis (2013); *Conferência I – 40 anos da Mesa-Redonda de Santiago/Chile (1972): entre o idealismo e a contemporaneidade*, de Maria Célia Teixeira Moura Santos (2014); *Conferência I – 40 anos da Mesa-Redonda de Santiago/Chile (1972): entre o idealismo e a contemporaneidade*, de Paula Assunção dos Santos (2014); *Museus, desenvolvimento e emancipação: o paradoxo do discurso emancipatório e desenvolvimentista na (Nova) Museologia*, de Glauber Guedes Ferreira de Lima (2014); *Lygia Martins Costa: narrativa sobre suas contribuições à Museologia e ao Patrimônio*, de Ivan Coelho de Sá (2015); *Museologia Social: apontamentos históricos e conceituais*, de Atila Bezerra Tolentino (2016); *Experiências de tempo na elaboração de uma política nacional de museus no Brasil (1972)*, de Yazid Jorge Guimarães Costa (2017); *Museu Integral*, de Mario Chagas (2018); *Pensar os museus numa perspectiva latino-americana: a atualidade da Mesa-Redonda de Santiago do Chile*, *A Mesa-Redonda de Santiago do Chile e o Desenvolvimento da América Latina: o papel dos Museus de Ciências e do Museu Integral*, *Museu Integral, Museu Integrado: a especificidade latino-americana da Mesa de Santiago do Chile* e *Museu Integral: potência e crítica ao fato museal*, de Luciana Christina Cruz e Souza (2018; 2020a; 2020b; 2021); *Por uma “Museologia da Libertação”: impactos do pensamento de Hugues de Varine no campo museal brasileiro*, de Roberto Fernandes dos Santos Júnior (2019a); *Hugues de Varine e os museus comunitários no Brasil*, de Roberto Fernandes dos Santos Júnior e Clovis Carvalho Britto (2019b); conferência *O Museu Integral-Integrado: que descolonização para os museus da América Latina?*, de Bruno Brulon (2020); *O encontro entre a Mesa de Santiago do Chile (1972), o Centro Nacional de Referência Cultural (1975) e os Museus da Pró-Memória*, de Ana Lúcia de Abreu Gomes (2020); *A opção museológica de Mário Pedrosa: solidariedade e imaginação social em museus da América Latina*, de Luiza

Mader Paladino (2020); *Construção e disputas do campo da Museologia no Brasil: os fóruns nordestinos (1988-1996)*, de Ana Karina Calmon de Oliveira Rocha (2020); *Uma releitura do mundo pelo olhar da Sociomuseologia*, de Judite Primo e Mário Moutinho (2021), entre outros.

Nessa mesma compreensão, aparecem também alguns textos de autoras/es do Chile ou lançados nesse país, como *El desarrollo y la importancia de los museos en el mundo contemporâneo*, de Grete Mostny (1972); *A treinta y cinco años de la Mesa Redonda de Santiago*, de Miguel Angel Azócar (2007); *La Mesa de Santiago, una doble ruptura museológica*, de Luis Alegría Licuime (2007); *Laura Rodig Pizarro: un caso de estúdio en la historiografia del arte chileno desde un enfoque de género* e *Grete Mostny Glaser: una sibila al sur del mundo*, de Yocelyn Valdebenito Carrasco (2018; 2022); *La Mesa de Santiago: su impacto em Huilquilemu, región del Maule, Chile*, de Horacio Hernández Anguita (2018); *¿50 años después de la Mesa Redonda de Santiago de Chile: en qué está la museologia social, participativa y crítica?*, de Yves Girault e Isabel Orellana Rivera (2020b); *El legado de la Mesa Redonda de Santiago de Chile: aportaciones desde España para un “Decálago” de la Museología Social del siglo XXI*, de Óscar Navajas Corral (2020), *A 50 años de la Mesa de Santiago de Chile: contextos y reflexiones*, de Leonardo Mellado (2022); *Mesa Redonda de Santiago de Chile: um hito revolucionario de la Museología*, de Javiera Cádiz Pinares (2022); *Los museos de Chile, Grete Mostny y los 50 años del Golpe Militar: Una reflexión necesaria*, de José Yánez Valenzuela e Luis Alegría (2023), entre outros.

No Brasil, Lygia Martins Costa, Paulo Freire, o «ausente mais presente», e Hugues de Varine são as pessoas mais citadas no corpo do texto e/ou nas referências bibliográficas. No Chile, Hugues de Varine é o mais citado, tanto quanto ou mais que Grete Mostny, a delegada chilena e coordenadora da Mesa-Redonda de Santiago do Chile.

Diretor do ICOM à época da MRSC, Hugues de Varine é, notadamente, o participante mais citado e o grande divulgador do acontecimento de maio de 1972, aliás, o “guardião da memória” (Gomes, 1996) da Mesa-Redonda de Santiago do Chile que aparece principalmente, nos seguintes textos: *Entrevista com Hugues de Varine-Bohan* (1979); *A respeito da Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972)* (1995); *Entrevista concedida a Mario Chagas* (Varine, 1996); *Apresentação: a respeito da Mesa-Redonda de Santiago do Chile*

(1972) (Varine, 2010); *As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local* (2012a); *Discurso de Hugues de Varine* (Varine, 2012b); *Reflexiones a 40 años de la Mesa de Santiago* (Varine, 2012e); entrevista concedida a Ana Carvalho (2013); *Conferência III: Homenagem aos 40 anos da Mesa-Redonda de Santiago no Chile* (Varine, 2014b); *Opinião de Hugues de Varine* (n.d.) e *El Ecomuseo singular y plural: un testimonio de cinquenta años de Museologia Comunitaria en el mundo* (Varine, 2020).

Eu já conhecia parte da bibliografia citada anteriormente. Precisei reler algumas vezes, assim como ler e reler a bibliografia desconhecida até então. Ouvi velhas e novas canções de cantoras/es latina/o-americanas/os. Assisti a novos filmes e revi outros. Também li e reli romances da América Latina. A literatura, a música e o cinema da América Latina foram tão importantes quanto a bibliografia específica estudada e estiveram presentes ao longo do processo de pesquisa e de escrita da tese. Não posso deixar de citar a obra da poetisa e educadora chilena Gabriela Mistral; as obras dos poetas amigos Pablo Neruda e Thiago de Mello (1926-2022), o primeiro chileno e o segundo, brasileiro; os livros *De amor y de sombra, Meu país inventado*, *Longa pétala de mar* e *A casa dos espíritos*, da escritora chilena Isabel Allende (1997; 2009; 2019; 2021); os livros *El cartero de Neruda* e *O dia em que a poesia derrotou um ditador*, do escritor chileno Antonio Skármeta (2018; 2020); os livros *Tengo miedo torero, Adíos mariquita linda* e *Poco Hombre: escritos de uma bicha terceiro-mundista*, do escritor e artista chileno Pedro Lemebel (2021; 2022; 2023); o livro *Herança*, do franco-venezuelano Miguel Bonnefoy (2021); a trilogia *La casa de los conejos*, da argentina Laura Alcoba (2021); o livro *Vermelho amargo*, do escritor brasileiro Bartolomeu Campos de Queirós (2017); *La casa de la calle 30*, do argentino Laureano Barrera (2022). Ainda que o autor não seja latino-americano, eu não posso deixar de citar novamente a importância do livro *O mapeador de ausências*, do moçambicano Mia Couto (2021b), para a minha pesquisa. Ele possui todos os pré-requisitos para constar nessa lista, pois, além de ser um escritor e biólogo do Sul, também possui fortes laços com a América Latina, inclusive sempre afirmou que sua obra foi influenciada pelo realismo mágico latino-americano.

As músicas das cantantes Violeta Parra (1917-1967) e Mercedes Sosa (1935-2009), chilena e argentina, respectivamente; do chileno Víctor Jara, do argentino Léon Gieco e do

brasileiro Belchior; do grupo chileno Quilapayún, além das canções *Latinomérica*[59], do grupo porto-riquenho Calle 13 (2011), *Sangue latino*[60], do grupo brasileiro Secos & Molhados (1973), e *Soy loco por ti América*[61], gravada pelo brasileiro Caetano Veloso (1968), entre outras.

E, por fim, las películas: *A história oficial*, do diretor argentino Luiz Puenzo (1985); *Machuca* e *Violeta foi para o céu*, do diretor chileno Andrés Wood (2004; 2011); *O segredo dos seus olhos*, do também diretor argentino Juan José Campanella (2009); *No*, do diretor chileno Pablo Larraín (2012); *Tengo miedo torero*, do diretor chileno Rodrigo Sepúlveda (2020); *Argentina, 1985*, do diretor argentino Santiago Mitre (2022), entre outras. E também o videoclipe da música citada anteriormente, *Latinoamérica*, dos diretores Jorge Carmona e Milovan Radovic (2011).

A maioria dos textos, livros, canções e filmes e o referido videoclipe citados até aqui serão revisitados ao longo da tese; todavia, em diálogo com outras disciplinas e áreas. Aliás, esses diálogos são necessários para as Museologias em geral e a Sociomuseologia, em particular. Para tanto, precisamos sempre reafirmar o nosso caráter antropofágico[62] e também não cair num reducionismo epistemuseológico.

O quadro teórico aqui esboçado sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972, a partir das Museologias e da Sociomuseologia, em particular, será acrescido de autoras/es responsáveis pela minha aproximação/reaproximação com a América Latina, seus processos de invisibilização suas contradições, suas incoerências, suas lutas e resistências. Entre elas/es estão: Silvia Rivera Cusicanqui (2010; 2017), Ecléa Bosi (1994; 2003), Fals Borda (2015), Rodolfo Kusch (1981; 1999), Marcelo Valko (2012; 2013), Aimé Césaire (2010), Frantz Fanon (2005) e Paulo Freire (Kusch, 1981; Oliveira & Dominici, 1981; Gadotti, 1996; Silva, 2016).

[59] Do álbum *Entren los que quieran*. A música conta com as participações das cantantes Toto la Momposina, da Colômbia, Susana Baca, do Peru e Maria Rita, do Brasil.
[60] Do álbum *Secos & Molhados*. Letra de João Ricardo e Paulinho Mendonça.
[61] Do álbum *Caetano Veloso*. A letra da canção é de Gilberto Gil e José Carlos Capinan.
[62] Referência ao *Manifesto antropófago*, do modernista Oswald Andrade (1928). Recuperado de: https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra35538/manifesto-antropofago , em 21 dez. 2022.

Além do meu interesse pelas histórias de vida das mulheres participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile responsáveis pela mudança do meu tema de pesquisa, como relatado anteriormente, o texto *Nunca mais o silêncio: por uma política das memórias do feminino na resistência*, das professoras Judite Primo e Vânia Brayner (2018), foi uma importante referência na problematização dessas ausências e dos silenciamentos das delegadas da Mesa-Redonda de Santiago do Chile.

Ao aceitar o desafio e a provocação colocados pelas autoras acima, eu procurei também lançar «olhares biográficos em [Socio]museologia» sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972, a partir de Judite Santos Primo e Pedro Pereira Leite (2015). Ao seguir o caminho delineado pela autora e pelo autor, procurei criar uma biografia social do acontecimento de maio de 1972 com os “percursos de vida de pessoas ou organizações” (Primo & Leite, 2015, p. 132).

Ainda segundo Judite Santos Primo e Pedro Pereira Leite (2015),

> “É comum dividir a análise dos olhares biográficos em dois grandes grupos de narrativas. As narrativas construídas a partir da produção do eu (as autobiografias, os testemunhos pessoais) que se constituem como processos condicionados pelos desejos de revelação do sujeito narrador (o eu revelado como desejo), ou por acesso indireto do investigador (através da recolha de documentos pessoais, memórias e correspondências, etc.” (Primo & Leite, 2015, p. 133)

Na minha tese, escolhi trabalhar com a análise dos olhares biográficos, a partir dos dois grandes grupos, pois considero impossível escrever sem me expor. Assim como não tenho receio em me contradizer e arriscar, o que me leva, às vezes, a cometer erros, reconhecê-los e pedir desculpas. Sou museólogo e antropólogo, minha formação foi nas Ciências Humanas e Sociais [aplicadas]. Enfim, o eu e o nós, aqui, são interdependentes, por isso, eles aparecem ao longo do texto. Se o “eu” é uma forma de assumir a responsabilidade com determinadas análises e com a escrita da tese, o “nós” é empregado para lembrar que a pesquisa e a tese dela resultante também foram feitas e escritas coletivamente. Preciso afirmar que ninguém escreve sozinho; o resultado aqui apresentado só foi possível graças a pesquisadoras/es, autoras/es, familiares e amigas/os etc. oriundas/os tanto das diversas Museologias existentes quanto de outras áreas do conhecimento. Aliás, aqui não existe

distinção e nem hierarquia entre as fontes – o que vai de encontro à própria Sociomuseologia, que, segundo Mario Moutinho e Judite Primo (2020),

> “deve ser compreendida como uma abordagem multidisciplinar do fazer e do pensar da museologia, entendida como recurso para o desenvolvimento sustentável da humanidade, assente na igualdade de oportunidades e na inclusão social e económica, tendo por base a interdisciplinaridade com as demais áreas do conhecimento”. (Moutinho & Primo, 2020, p. 25)

A partir de «olhares biográficos em [Socio]museologia», eu espero esboçar uma biografia social (Kopytoff, 2010; Appadurai, 2010; Oliveira, 2011) da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972 com fragmentos biográficos de grande parte das pessoas que participaram do evento. Fragmentos devido à ausência de textos relacionando a maioria das/os participantes e sobre o cotidiano do acontecimento de 1972.



Outro ponto importante ao abordar a América Latina é não esquecer os genocídios perpetrados contra as/os indígenas e negras/os escravizadas/os no passado e no presente. Também sobre as diversas ditaduras implementadas nessa região ao longo do século XX, responsáveis por torturar e assassinar milhares de pessoas [envolvidas diretamente ou não], que resistiram ao terrorismo produzido por uma parcela de militares e civis com o apoio dos Estados Unidos e de outros países ocidentais. E não podemos esquecer as/os milhares de desaparecidas/os, que ainda nos dias atuais suas famílias e amigas/os clamam pelo direito de saber o que aconteceu e também pelo direito de enterrar seus entes queridos (Aggio, 2002; 2008).

As pessoas assassinadas, torturadas, sequestradas, humilhadas e desaparecidas e suas/seus familiares ao longo da história latino-americana [praticadas pelos colonialismos externo e interno, pelo capitalismo e pelo imperialismo] e as violências praticadas pelos regimes civis-militares [oriundas também do capitalismo e imperialismo] ao longo das décadas de 1960, 1970, 1980 e suas resistências afetaram-me definitivamente – o que me levou a pesquisar uma bibliografia não prevista no início da pesquisa, em abril de 2021. Aprendi, emocionei-me, indignei-me e comprometi-me com as memórias das/os derrotadas/os, pero no vencidas/os.

Também preciso destacar que, neste trabalho, as/os mortas/os, com ou sem seus corpos[63], foram e são tão importantes quanto as pessoas vivas. Sobre as/os mortas/os, eu me apoio no pensamento de Silvia Rivera Cusicanqui (2017, pp. 226-227), pois elas/eles "viven, vuelven de su mundo a nuestro mundo, nos protegen o nos castigan, no son seres inertes y olvidables". Aqui, eu acrescentaria que elas/eles exigem atenção, respeito, reconhecimento, presença, reparação e justiça. Por isso, é imprescindível que nós, profissionais e pesquisadoras/es de museus e da Sociomuseologia, dialoguemos com as/os mortas/os, desaparecidas/os, las/os niñas/os sequestradas/os, e denunciemos seus/suas algozes, do passado/presente.

Segundo José Moura Gonçalves Filho (2003, orelha de livro),

> "A memória faz variar o ponto de vista, distende conceitos duros, solta o corpo ajustado, faz viver os mortos. A memória inspira, recupera a graça do tempo, devolve o entusiasmo pelo que era caro e se perdeu, redime o sagrado. A memória devolve não simplesmente o passado, mas o que o passado prometia. A memória devolve o que o passado vislumbrou e o presente esqueceu. A memória vinga os vencidos". (Gonçalves Filho, 2003)

Tenho esperança de que esta tese colabore com a vingança de todas/os as/os que resistiram, resistem e resistirão aos "ridículos/as tiranos/as"[64] [da América Latina e do Caribe] do passado/presente. E também que, "feito faca, corte a carne de vocês"[65], que permaneceram/permanecem/permanecerão alheias/os aos genocídios perpetrados aos diversos povos indígenas, aos povos africanos escravizados, às mulheres, à população LGBTQIAPN+[66], às populações negras e mestiças, no passado/presente, na nossa região, e suas resistências. A existência de uma "arqueologia da repressão e resistência"[67] (Soares &

[63] A luta pelo direito de enterrar seus mortos continua, até que o último corpo seja encontrado, assim como a busca pelos bebês sequestrados durante as ditaduras, principalmente na Argentina.
[64] Verso da música *Podres poderes*, do disco *Velô*, de Caetano Veloso (1984).
[65] Como a minha foi cortada diversas vezes. Verso da música *A palo seco*, do disco *Belchior* (1974), o primeiro do compositor e cantor brasileiro, Belchior (1946-2017). A música foi lançada num compacto um ano antes, em 1973, e regravada em 1976 (Saraiva, 2007).
[66] A sigla LGBTQIAPN+ representa lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis, transgenêras/os, *queer*, intersexuais, assexuais, pansexuais e não-binárias/os.
[67] Segundo Inês Virgínia Prado Soares e Pedro Paulo Funari (2019, p. 329), a "arqueologia da repressão e da resistência é um campo de conhecimento que visa realizar pesquisas e investigações sobre a materialidade da violência sofrida por grupos vulneráveis em determinado momento do passado recente ou distante; ou mesmo sobre a materialidade da resistência oferecida por algum grupo. Por isso, a arqueologia da repressão apresenta-se, tanto no plano judicial como no extrajudicial, como importante instrumento para a elucidação da verdade, pelo Estado democrático, sobre o legado de violência do regime ditatorial".

Funari, 2019; Funari, Zarakin & Reis, 2008) precisa inspirar-nos na consolidação e ampliação de uma «museologia da repressão e da resistência» na América Latina e no Caribe.



Em momento algum pretendi escrever um item ou capítulo teórico, “mas busquei diluir o diálogo com [as/os autoras/es] a partir das questões que surgiam” (Mura, 2013, p. 19) ao longo da pesquisa e da escrita da tese. Entre os conceitos-chave para a minha pesquisa e tese estão os já citados “pedagogía de la desmemoria” (Valko, 2012; 2013), “acontecimiento” (Badiou & Tarby, 2013), “configurações sociais” (Elias & Scotson, 2000; Elias, 2011), “olhares biográficos em [socio]museologia” (Primo & Leite, 2015), “paisagem cultural delimitada pela percepção museológica” (Bruno, 2020) e “sociomuseologia” (Moutinho & Primo, 2020), entre outros. Como inspiração, não posso deixar de citar também os livros *O tempo vivo da memória* e *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, de Ecléa Bosi (2003; 1994)[68], que abordam a memória e dialogam com o meu tema de pesquisa, além do artigo *Museologia: entre o abandono e destino*, de Maria Cristina Bruno (2020).

E por último, em dezembro de 2022, após finalizar a minha apresentação *Ausências na mítica Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972: esboço de uma narrativa*, no GT Museologia em processo: formação e pesquisa, coordenado pelas professoras doutoras Cristina Bruno da USP/ULusofona e Judite Primo ULusofona, no 5º Seminário Brasileiro de Museologia – SEBRAMUS[69], a museóloga, poetisa e professora Luzia Gomes, da Universidade Federal do Pará – UFPA[70], indicou-me a leitura do livro *Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais*, da escritora e professora Saidiya Hartman (2022), da Universidade Columbia, em Nova Iorque. Segundo a museóloga Luzia Gomes, a autora do livro trabalhou

[68] E também no seu discípulo José Moura Gonçalves Filho (2003), que prefere ser chamado de Zeca, segundo uma amiga e sua ex-orientanda no doutorado em Psicologia Social na USP, Ianá de Souza Pereira.
[69] Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, em Porto Alegre-RS, realizado presencialmente nos dias 7, 8 e 9 de dezembro de 2022.
[70] Luzia Gomes é uma grande amiga, desde a época da graduação em Museologia, na UFBA. Ingressamos no mesmo ano, 2003 e também moramos nas residências universitárias, ela na Residência Universitária 3 e eu na Residência Universitária 2, em Salvador, Bahia. Também participamos, como estagiários, do Progama de Formação e Capacitação em Museologia – Eixo 3: Projeto Bahia, da Política Nacional de Museus – PNM, coordenado pela professora Dra. Maria Célia Teixeira Moura Santos, da UFBA.

com uma metologia denominada “fabulação”, que, grosso modo, consiste em recriar as falas de pessoas a partir de documentos arquivísticos – isso foi o que entendi naquele momento. Fiquei interessado e, posteriormente, pedi a referência bibliográfica.

Em janeiro de 2023, após iniciar a leitura da referida obra, encontrei um trecho capaz de elucidar o método “fabulação” empregado pela escritora Saidiya Hartman:

> “*Vidas rebeldes* elabora, amplia, transpõe e escancara documentos de arquivo para que forneçam um retrato mais rico da reviravolta social que transformou a vida social negra no século 20. O objetivo é entender e experimentar o mundo como essas jovens fizeram, aprender com aquilo que elas sabiam. Prefiro pensar este livro como o escrito fugitivo da rebeldia, marcado pela errância que a obra descreve. Nesse espírito, tensionei os limites dos autos e dos documentos, especulei sobre o que poderia ter sido, imaginei coisas sussurradas em quartos escuros e ampliei momentos de confinamento, fuga e possibilidade, momentos em que a visão e os sonhos da rebeldia pareciam possíveis”. (Hartman, 2022, pp. 12-13)

Apesar das diferenças de classe, raça e gênero, além das diferenças espaciais e temporais, o método de Hartman (2022) pode ser empregado em todas as pesquisas arquivísticas com o intuito de preencher lacunas, revelar protagonismos e problematizar as instituições arquivísticas, museológicas e bibliotecárias com suas escolhas do que deve e do que não deve ser preservado, do que é digno de ser exibido e o que deve permanecer nos depósitos e nas reservas técnicas. Para finalizar, a indicação do livro de Saidiya Hartman deu-se em decorrência de um trecho da minha comunicação oral, em que comentei que tentava imaginar algumas falas, redes e fofocas[71] entre e sobre as/os participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile.

Justificativa

A Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972, foi viabilizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, o Conselho Internacional de Museus – ICOM e o Governo do Chile. Sua Declaração é considerada um dos documentos mais importantes do século XX, não apenas para a América Latina, mas também para o Sul global, na perspectiva de Santos e Meneses (2010). Foi a mais importante

[71] Tenho grande interesse pelos bastidores, pelas fissuras, brechas, dobras, ambivalências, equivalências, incoerências e convivências relacionadas à MRSC. A fofoca será compreendida, aqui, como uma categoria de análise inspirada nas obras *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder de uma pequena comunidade*, de Norbert Elias e John L. Scotson (2000), e *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violências em grupos populares*, de Claudia Fonseca (2004).

referência para a Declaração de Quebec, oriunda do Ateliê de Quebec, em 1984, e, consequentemente, para a criação do Movimento Internacional para uma Nova Museologia – MINOM e também para o surgimento da Museologia Social e da Sociomuseologia. Mesmo nos museus denominados tradicionais ou normativos, muitas experiências foram, direta ou indiretamente, influenciadas pela Declaração de Santiago do Chile, 1972. Em 2022, 50 anos depois, a Mesa-Redonda de Santiago dominou como temática museológica na América Latina, como veremos no *Capítulo 4 – A Palo Seco: uma «mirada nostálgica e ingenua» sobre a Declaração de Santiago*.

Por fim, penso que a Mesa-Redonda de Santiago e sua Declaração são o acontecimento e o documento fundantes de todas as Museologias insurgentes na América Latina e em Portugal. Todavia, como já assinalado diversas vezes, pouco sabemos sobre os trabalhos, as discussões e as atividades externas durante os dias 20 e 31 de maio de 1972. A minha pesquisa procurou mapear algumas dessas ausências, principalmente as relacionadas às mulheres participantes, às visitas externas e também ao protagonismo do Governo chileno na organização e execução da Mesa-Redonda de Santiago do Chile.

A partir da revisão bibliográfica, percebi que, devido à ausência de documentação referente à Mesa-Redonda de Santiago do Chile e/ou ao desinteresse cotidiano pelos trabalhos e suas/seus participantes, procurei mapear as ausências, presenças soterradas e fissuras e entender os poucos fragmentos existentes, mas nem sempre disponíveis.

Ao longo da pesquisa/escrita, conversei com diversas/os professoras/es, intelectuais e amigas/os[72] sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile e todas/os concordaram com a existência de fissuras, brechas e mesmo soterramentos relacionados aos trabalhos das/os participantes, assim resumidos pelo professor da UNIRIO Ivan Coelho de Sá (2022)[73]: “é preciso compreender os acontecimentos que permearam a realização da Mesa, pois os resultados são bastante entendidos e trabalhados, mas falta, sim, uma maior compreensão de todo o contexto da preparação, inclusive dos bastidores”.

É interessante destacar que a temática aqui abordada foi/é compreendida no Chile e, de certa forma, no Brasil também, como uma “mirada nostálgica”, mesmo com todas as homenagens e comemorações, em 2022, aos 50 anos da Mesa-Redonda de Santiago do Chile.

[72] Ver Agradecimentos.
[73] *E-mail* recebido no dia 15 de fevereiro de 2022.

Evitar uma «mirada nostálgica» ou «precisamos criticar alguns pontos da Declaração de Santiago» foram frases recorrentes ao longo da pesquisa, principalmente durantes os eventos comemorativos, em 2021 e 2022. Por isso, é importante, desde logo, entender o caráter bem particular da minha investigação de doutoramento: primeiro, minha procura foi justamente por uma «mirada nostálgica» ainda inexistente; segundo, tenho muito mais elogios do que críticas à Declaração de Santiago, como veremos no *Capítulo 4 – A Palo Seco: uma «mirada nostálgica e ingenua» sobre a Declaração de Santiago*.

Afinal, o que seria uma «mirada nostálgica» sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972? Significa que o referido acontecimento está ultrapassado? Que precisamos seguir em frente? Que a Declaração já foi discutida demais? Que precisamos de uma nova Declaração, já que estamos no século XXI? Para mim, a tal "mirada nostálgica" significa tudo isso e um pouco mais. A discussão sobre a pertinência da atualidade ou não da Declaração de Santiago do Chile me interessa muito e será retomada ao longo da tese; todavia, o meu foco foi a inexistência de registros e narrativas a respeito da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, pensada, organizada e realizada por profissionais de museus, o que é uma grande incoerência.

Discutimos muito a partir dos anos 80 a Declaração de Santiago, porém, nunca nos interessamos pelos participantes e pelo processo que originou o referido documento. Contentamo-nos com a narrativa única e louvável de Hugues de Varine sobre a possível participação de Paulo Freire e ignoramos o acontecimento em si. A minha pesquisa e a tese dela decorrente são frutos do nosso descaso com as memórias da Mesa-Redonda de Santiago.

Procedimentos Metodológicos

Em relação ao meu tema anterior de pesquisa – *As Zabelês Pataxó, as "mulheres pássaro" e as configurações museológicas e patrimoniais no Sul da Bahia* –, cogitei elaborar uma cartografia; também cheguei a pensar em fazer uma etnografia, devido à minha formação em Antropologia. Com o início da pandemia que assolou o Brasil a partir do primeiro semestre de 2020, não foi mais possível ir a campo; as aldeias indígenas foram fechadas e o descaso com as vidas das/os brasileiras/os, principalmente, as/os negras/os, os povos indígenas e as/os pobres adotada pelo [des]governo brasileiro, naquele momento, dominava. Resolvi, então, mudar meu tema de pesquisa.

Ao decidir pesquisar a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972, percebi que teria dificuldade em definir os procedimentos metodológicos que seriam empregados ao longo da pesquisa, pois estava a trilhar outros [novos] caminhos, ao contrário das minhas pesquisas anteriores sobre os Xukuru-Kariri e os museus e a Sala Fé da exposição de longa duração do Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore – MTB, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, cujos resultados foram duas etnografias, assim intituladas: *“Eu não queria que índio se tornasse peça de museu”: polifonias dos Xukuru-Kariri sobre museus*[74] e *Uma biografia cultural da Sala Fé da exposição de longa duração do Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore*[75] (Chaves, 2014; 2015).

Iniciei minha pesquisa com um mapeamento bibliográfico e documental sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972 e suas/seus participantes, além de conversas, trocas de *e-mails* e mensagens/áudios via redes sociais, como *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp*, *Academia.edu* e *ResearchGate*, com intelectuais conhecidas/os e ilustres desconhecidas/os, ex-professoras/es, amigas/os e conhecidas/os no Brasil, na Bolívia, no Chile, na Argentina, na Colômbia, em El Salvador, no Panamá, na Guatemala, no Peru, no Uruguai, no México, em Portugal, na Bélgica e na Suíça, nem sempre com resultados satisfatórios. O acontecimento de 1972 ainda é quase totalmente desconhecido para as pessoas de fora da nossa área.

Em relação às/aos participantes da MRSC, apesar de pessoas reconhecidas nos seus respectivos países, esse fato nem sempre resultou em dados disponíveis. De certa forma, eu penso que a faixa etária das/os participantes está diretamente relacionada à falta de documentos disponíveis na internet. Até a escrita final da tese, eu continuo sem informações como datas de nascimento e de morte, e fotografias dos participantes do Panamá, a exemplo de Enrique Enseñat e Raul González Gusmán. No início da pesquisa, eu tentei contato com

[74] Orientador Prof. Dr. Siloé Soares de Amorim e coorientadora Profa. Dra. Claudia Mura, do Instituto de Ciências Sociais – ICS, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Eu fui um dos 18 especialistas formados na primeira e única turma da pós-graduação *latu sensu* Especialização em Antropologia (2013-2014) oferecida pelo Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore – MTB e Instituto de Ciências Sociais – ICS, da UFAL. Em 2015, foi criado o Mestrado em Antropologia Social.

[75] Soube em 2023, que o Mestrado em Antropologia Social e Cultural não existe mais. Na época, eu fui orientado pela Profa. Dra. Vera Manuela Miranda Marques Alves, do Departamento de Ciências da Vida da Faculdade de Ciências e Tecnologia, da Universidade de Coimbra – UC.

Alicia Dussán de Reichel, da Colômbia, na época, a única participante viva[76], e também com César Picón e Federico Kaufmann Doig, do Peru, e Hugues de Varine, da França, os últimos participantes vivos.

Entre algumas das instituições visitadas, *sites* e arquivos acessados podemos citar: Instituto Paulo Freire, Brasil; Programa Ibermuseos; UNESCO, França; ICOM, França; ICOM-Brasil; Museo de la Solidaridad, Chile; Asociación Anahí, Argentina; Museo de La Plata, Argentina; Museo de la Solidaridad Salvador Allende, Chile; Fundación Víctor Jara, Chile; Fundación Salvador Allende, Chile; Museo Nacional de Historia Natural, Chile; Biblioteca Ludwig von Mises de la Universidad Francisco Marroquín, Guatemala; Archivo Nacional Historico de Chile; Archivo y Biblioteca Nacionales de Bolivia; Biblioteca Científica Abate Juan Ignacio Molina del MNHN, Chile; Memoria Chilena de la Biblioteca Nacional, Chile; Museo de Arte Contemporáneo de la Universidad de Chile; Archivo del Museo Arqueológico de La Serena, Chile; Núcleo de Memória da Museologia no Brasil – NUMMUS e Museo de la Memoria y los Derechos Humanos – MMDH, Chile, entre outras e outros.

Desde a decisão de mudar de tema de pesquisa, em junho de 2021, eu tinha esperança de visitar o Chile e quiçá encontrar informações que preenchessem algumas lacunas relacionadas à Mesa-Redonda de Santiago do Chile, incluindo conseguir alguma imagem das/os participantes durante os trabalhos internos e as visitas externas. Contudo, por causa da pandemia de COVID-19, eu não pude viajar no segundo semestre de 2021, como eu gostaria. A primeira viagem apenas foi possível em maio de 2022, após um planejamento de aproximadamente seis meses. Ao longo da pandemia, o Chile foi um dos países mais rigorosos em relação aos protocolos de controle de entrada em seu território[77]. Em maio de 2023, eu retornei ao Chile para concluir a pesquisa [doce ilusão].

[76] No dia 02 de agosto de 2023, eu soube do falecimento da arqueóloga e antropóloga colombiana Alicia Dussán de Reichel no dia 17 de maio.

[77] Quando cheguei a Santiago, fui sorteado para fazer outro teste de COVID-19, mesmo com um teste recente em mãos, como sugerido pelo Governo chileno. O teste foi realizado ainda no Aeroporto Internacional Arturo

As viagens serão relatadas ao longo da tese; de qualquer forma, preciso sinalizar que, além da vontade de realizar o trabalho de campo, o resultado da eleição presidencial chilena em 2021 foi determinante para a realização da primeira viagem. A vitória do candidato da coalizão Aprovo Dignidade, Gabriel Boric (1986)[78], sobre o candidato José Antonio Kast (1966), do Partido Republicano, de extrema-direita, deixou-me mais tranquilo, pois estava a viajar sozinho pela segunda vez para um país da América do Sul[79]. Entretanto, pela primeira vez, para realizar uma investigação.

Como tinha que ser, a minha permanência no Chile em maio de 2022 foi atribulada. O outono chileno foi pior do que eu imaginei: adoeci; decepcionei-me com algumas e alguns interlocutoras/es; o castanhês (Freire & Guimarães, 2021, p.130) nem sempre funcionou; a carestia do Chile assustou-me; meu gato recém-adotado, Jack Espirro, desapareceu e meu pai, Sidney Chaves, faleceu enquanto eu estava no Chile. Além de presenciar e também ser vítima de racismo [sutil e escancarado]. Por outro lado, eu fiquei hospedado no maravilhoso bairro Yungay[80], próximo à residência do presidente Gabriel Boric, fiz amizade com Luca e Canela, dois cachorros da proprietária do estúdio onde fiquei hospedado, comi muito bem no Restaurante El Verde, apesar dos preços altos das refeições no Chile como um todo, participei de alguns eventos e conheci pessoas da nossa área, como Isabel Orellana Rivera[81], Luis Alegria Licuime[82], Miguel Angél Azócar[83], Javiera Cádiz Pinares[84], Leonardo Mellado[85] e Gabriela Riveros[86], Yocelyn Valdebenito Carrasco, entre outras e outros.

Merino Benítez, também conhecido como Aeroporto de Pudahuel e Aeroporto Internacional de Santiago. Foi interessante observar que, ao meu lado, uma mulher branca e estadunidense não precisou realizar o teste. Em seguida, fui liberado para ir para o hotel; todavia, eu teria que permanecer no apartamento até o resultado do teste ser enviado, por meio de correio eletrônico.

[78] Gabriel Boric é do Partido Convergência Social.

[79] Em 2019, viajei sozinho para comemorar o meu aniversário em Cusco, no Peru. Inicialmente, a viagem contava com aproximadamente 16 pessoas; no final, fui sozinho e, nos últimos dias, a minha sobrinha e comadre Daniela Chaves Damasceno, residente nos Estados Unidos, chegou para comemorar o meu aniversário.

[80] Posteriormente, soube que Yungay é um dos 51 bairros mais “descolados” do mundo, segundo uma publicação da *Times Out*. Recuperado de: https://www.timeout.com/travel/coolest-neighbourhoods-in-the-world, em 21 de dezembro de 2022.

[81] Diretora do Museo de la Educación Gabriela Mistral.

[82] Historiador, ex-presidente do ICOM-Chile, pesquisador do Museo Historico Nacional – MHN e coordenador acadêmico da Cátedra Libre Grete Mostny ICOM y MHN.

[83] Museólogo e discípulo de Grete Mostny.

[84] Autora da obra *Mesa Redonda de Santiago de Chile: un hito revolucionario de la Museología* (2022).

[85] Presidente do ICOM-Chile.

[86] A bibliotecária responsável da Biblioteca Científica Abate Juan Ignacio Molina del MNHN.

Em maio de 2023, eu retornei ao Chile. Após o meu retorno ao Brasil juntamente com alguns documentos encontrados na primeira viagem de campo, em maio de 2022[87], muitas revelações e dúvidas surgiram forçando o meu retorno ao país. Os documentos, as revelações e dúvidas serão narradas ao longo da tese. Na segunda viagem de campo, eu fiquei novamente no bairro Yungay, próximo ao cruzamento das avenidas San Pablo e Ricardo Cumming. A escolha do bairro Yungay está relacionada a proximidade com o Parque Quinta Normal e ao Museo Nacional de Historia Natural do Chile, além da proximidade com o Centro da capital do Chile. Os perrengues e as alegrias da segunda viagem serão narradas ao longo da tese. Não posso deixar de citar os documentos encontrados no Archivo Historico Administractivo do Museo Nacional de Historia Natural – MNHN[88], em 2023.



Preciso sinalizar a importância das imagens ao longo da minha tese, sejam elas fotografias, desenhos, afiches[89] ou separatrizes. As imagens, aqui, são muito mais do que ilustrações: elas são pedaços, retalhos, fragmentos singulares das narrativas delineadas. Posso afirmar que as imagens aqui não estão desconectadas do texto, elas são o próprio texto. Sigo os passos de Boris Kossoy (2005, p. 39): a fotografia “é tanto uma rica fonte de informações

[87] Documentos digitalizados do Archivo Historico Administractivo – AHA, localizados na Biblioteca Científica Abate Juan Ignacio Molina, do Museo Nacional de Historia Natural – MNHN, do Servicio Nacional del Patrimonio Cultura do Ministerio de las Culturas, las Artes y el Patrimonio, do Gobierno do Chile: *AHA_70_004 C-20 Expediente Documentos de Contaduría del Museo Nacional de Historia Natural*; *AHA_391_001 C-69 “La Importancia y Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporáneo”; AHA_217_203 C-43 Carta para Mario Merino; AHA_217_2002 C-43 Carta para Vicepresidente Ejecutivo Sociedad Minera El Teniente; AHA_153_001 C-34 Museos en el Mundo Contemporáneo; AHA_402_001 C-70 Mesa Redonda sobre la Importancia de los Museos; AHA_186_029 C-39 Expediente Mesa Redonda UNESCO sobre Museos.*

[88] *AHA_95_010 C-24 Nónima alumnos Centro Nacional de Museología; AHA_186_030 C-39 Expediente Chile Expo ’72; AHA_96_004 C-24 Centro Nacional de Museología; AHA_96_005 C-24 Carta para o Director de Bibliotecas Archivos y Museos; AHA_183_044 C-38 Carta para Hugues de Varine-Bohan; AHA_184_039 C-39 Nómina profesores Centro Nacional de Museología; AHA_327_002 E-49 Informe Museo Nacional de Historia Natural; AHA_327_030 E-49 Informe Museo Nacional de Historia Natural; AHA_149_004 C-33 Expediente Comité Nacional del ICOM; AHA_149_007 C-33 Expediente viaje Director Internacional ICOM; AHA_149_009 C-33 Carta para Grete Mostny; AHA_149_023 C-33 Carta para Hugues de Varine-Bohan; AHA_216_102 C-43 Invitación recepción en Biblioteca Nacional; AHA_455_004 E-77 Reunión de Comisiones Nacionales de UNESCO; AHA_455_002 E-77 Carta de Museo Nacional Historia Natural; AHA_95_015 C-24 Expediente nómina profesores Centro Nacional de Museología; AHA_404_010 C-70 Centro Nacional de Museología; AHA_55_028 C-14 Carta para Grete Mostny.*

[89] Pôsteres.

para a reconstituição do passado quanto uma matéria para construção de ficções. São duas faces que coexistem na interpretação da imagem fotográfica”.

Para conversar com as figuras escolhidas, eu me inspirei nas seguintes obras: *Ch’ixinakax Utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*, de Silvia Rivera Cusicanqui (2010); *Fotografia & História*, de Boris Kossoy (2012); *O fotográfico*, organizado por Etienne Samain (2005), e *Os Sertões e o Deserto: imagens da “nacionalização” dos índios no Brasil e na Argentina, na obra de J.M. Rugendas (1802-1858)*, de Andrea Roca (2014), além do artigo citado anteriormente, *Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia*, de Boris Cossoy (2005).

Inspirado no belo vídeo *Tenho receio de teorias que não dançam*[90], da professora, *performer*, pesquisadora, curadora trans e ecotrava Dodi Leal, do Centro de Formação em Artes e Comunicação – CFAC da UFSB, proponho a seguinte paráfrase: tenho receio das Museologias que enfatizam apenas a escrita e relegam à figura um papel secundário. Enfim, como o *Menino do Mato*, do poema de Manoel de Barros (2010), eu “gosto do absurdo divino das imagens”.

Paralelamente, também desconfio das Museologias e as teorias que glorificam a escrita e desprezam a oralidade. Segundo Pedro Lemebel (2022),

> “Muchos son los silencios impuestos por la cultura grafóloga a las etnias orales colonizadas, pero aprender a leer esos silencios es reaprender a hablar. Usar lo que omiten, niegan o fabrican las palabras, para saber qué de nosotros se oculta, no se sabe o no se dice. Ese silencio es nuestro, pero no es silencio; habla como una memoria que exorciza las huellas coloniales reconstruye nuestra dignidad oral destrozada por el alfabeto”. (Lemebel, 2022, p. 25)

Ser anticolonialista também requer a defesa constante da oralidade nos museus e em nossos trabalhos dentro e fora da academia.

[90] Recuperado de: https://www.youtube.com/watch?v=tdbfQmWJLoU , em 21 de dezembro de 2022.

Ao seguir pistas sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, terminei por "produzir dados"[91] (Kastrup, 2015, p. 33), nem sempre de acordo com a minha expectativa. Se usei ou fui usado [por] alguns procedimentos metodológicos, como cartografia, etnografia[92] etc., penso que a ideia sempre foi elaborar uma biografia fragmentada do acontecimento de maio de 1972, uma biografia incompleta, como tinha que ser. Não foi possível, aqui, acompanhar a trajetória da MRSC ao longo da sua definição, organização, realização e trajetória desde o início dos anos de 1970. Estamos a falar também de "olhares biográficos" (Primo & Leite, 2015) sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972, ou seja, "estamos a falar de narrativas sobre percursos de vida de pessoas e organizações" (Primo & Leite, 2015, p. 132) e "acontecimiento" (Badiou & Tarby, 2013).

Se tudo isso são retalhos e linhas para a nossa arpillera, penso que podemos acrescentar mais um tecido relacionado tanto ao quadro teórico quanto aos procedimentos metodológicos, que, na verdade, são interdependentes. Por mais que tenha tentado me desvencilhar, penso que os caminhos percorridos me levaram a seguir a vida social ou mesmo a elaborar uma biografia cultural [fragmentada] (Appadurai, 2010; Kopytoff, 2010) da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972.

Arjun Appadurai (2010, p. 15) diz que: "as mercadorias, como as pessoas, têm uma vida social". A Mesa-Redonda de Santiago do Chile não é uma pessoa, apesar de ter sido realizada por e para pessoas. Então, resta-nos pensá-la como uma mercadoria, numa perspectiva pouco comum. Para Igor Kopytoff (2010, p. 115), "a grande marca da mercantilização é a troca". A Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972 foi negociada entre a UNESCO/ICOM e o Governo de Salvador Allende, da Unidade Popular. Nenhum encontro desse porte é decidido sem negociações entre os organismos internacionais e o Governo local e outros organismos nacionais. Em relação à MRSC, podemos citar outros agentes envolvidos, como a Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos – DIBAM; o Museo Nacional de Historia Natural – MNHN; a Oficina Regional de Educación para América Latina y el Caribe de la UNESCO – OREALC, Santiago, Chile; o Conselho Internacional de

[91] Segundo Virgínia Kastrup (2015, p. 33), "do ponto de vista dos recentes estudos acerca da cognição numa perspectiva construtivista, não há coleta de dados, mas, desde o início, uma produção dos dados da pesquisa. A formulação paradoxal de uma 'produção dos dados' visa ressaltar que há uma real produção, mas do que, em alguma medida, já estava lá de modo virtual".

[92] A minha escrita é permeada por elementos etnográficos.

Museus-Chile [o atual ICOM-Chile] e o Centro Nacional de Museologia – CNM, Chile, entre outros. E também temos pessoas que estavam à frente dessas agências ou indiretamente relacionadas, como Salvador Allende, Grete Mostny, Juvencio Valle, Raymonde Frin, Hugues de Varine e as/os demais participantes e seus respectivos «governos». Não faltaram trocas e negociações para que a MRSC fosse realizada em Santiago, assim como para que as/os participantes estivessem presentes. As atuações de algumas dessas instituições e pessoas, nós veremos ao longo da tese.

Também não podemos descartar as negociações financeiras entre agências, Governos e pessoas. Quem financiou a Mesa-Redonda de Santiago do Chile? Passagens aéreas, hospedagem, traslados aeroporto-hotel-hotel-aeroporto, visitas externas, coquetéis, recuerdos, etc. Biografar uma pessoa, uma coisa ou um acontecimento requer também investigar as transações financeiras, segundo Appadurai (2010) e Kopytoff (2010), por isso, esse tema foi abordado por mim ao entrevistar Hugues de Varine (2021)[93], via correio eletrônico:

> “**Julio Cézar Chaves:** Quem financiou a Mesa-Redonda de Santiago do Chile? As despesas foram divididas entre UNESCO, ICOM e o Governo chileno? As passagens, a hospedagem e as demais despesas dos representantes foram custeadas pelos respectivos governos? **Hugues de Varine:** Nunca tive conhecimento dos assuntos orçamentais. Habitualmente, no sistema UNESCO, acho que cada país pagava pelas suas despesas e o país hóspede recebia uma subvenção especial da UNESCO”[94].

A resposta de Hugues de Varine deixa em aberto a parte financeira da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972. Na minha passagem pelo Chile, não encontrei documentos relacionados a essa questão entre Governo chileno e UNESCO/ICOM. Esse é um ponto importante para futuras investigações.

Enfim, estou/estamos aqui a procurar tecidos e linhas para bordar uma arpillera, um recorte que represente a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, as pessoas presentes e ausentes, as configurações e os lugares visitados. Também preciso responder para mim os diversos porquês que me levaram a enfrentar um tema tão distante [espacial e temporal] da minha vida pessoal/profissional. “Para que a gente escreve, se não é para juntar nossos pedacinhos?” (Galeano, 1997, p. 119). Talvez, a resposta seja esta: preciso juntar os pedacinhos

[93] Ver Apêndice.
[94] Questão 3 (2021).

relacionados à Mesa-Redonda de Santigo do Chile, 1972 e também os meus, espalhados dentro e fora de mim.

Diante da imensidão e presunção da tarefa enfrentada ao longo dos últimos três anos, eu nunca deixei de pedir "me ajudem a olhar", ao meu companheiro, as/os professoras/es, as/os amigas/os, autoras/es, colegas da ULUSÓFONA e IV CEAM, profissionais de museus e ao Júri Prévio, da mesma forma que Diego pediu ao pai [Santiago Kovadloff] quando esteve, pela primeira vez, diante do mar[95] (Galeano 1997, p. 15).

Organização da Tese

Além desta *Introdução* e da *Conclusão,* a tese possui sete capítulos, alguns deveras extensos, mas não tediosos. Algumas perguntas, conceitos, pessoas e situações nem sempre são respondidas/os onde aparecem pela primeira vez. Lembrem-se de que as narrativas aqui apresentadas nem sempre são lineares, como foi indicado logo no início (Cusicanqui, 2010; Gomes, 2018; Munduruku, 2019).

No *Capítulo 1 –* ***América Latina: "el derecho de vivir em paz"***, evidencio algumas configurações sociais da América Latina em geral e do Chile, em especial, e suas relações com o acontecimento de maio de 1972. Listo também alguns eventos importantes do mesmo período, como a UNCTAD III e a inauguração do Museo de la Solidaridad.

No *Capítulo 2 –* **"*Mesa Redonda de Santiago do Chile: un hito revolucionario de la Museología"***, abordo alguns antecedentes do acontecimento de maio de 1972, a publicação *Mesa Redonda sobre la Importancia y el Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporâneo*, do IBRAM & Programa Ibermuseos, organizada por Paula Assunção, José do Nascimento Júnior e Alan Trampe (2012); e por fim, de forma geral, também apresento as/os participantes da MRSC.

No *Capítulo 3 –* ***A Programação da Mesa Redonda de Santiago do Chile, 1972*****,** o mais extenso. Brevemente faço alguns comentários sobre os discursos na inauguração, e a

[95] *A função da arte/1*.
"Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.
Viajaram para o Sul.
Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.
Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.
E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - *Me ajuda a olhar*!" (Galeano, 1997, p. 15).

partir da documentação encontrada durante as duas viagens a campo e algumas referências deixadas por Grete Mostny, Lygia Martins Costa e Hugues de Varine, eu procuro analisar, dentro do possível, a programação externa, essa última, quase nunca abordada na bibliografia sobre a MRSC.

No *Capítulo 4* – ***A Palo Seco: uma “mirada nostálgica e ingenua” sobre a Declaração de Santiago***, eu faço uma defesa do documento final da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972. Também procuro mapear os eventos relacionados às comemorações dos cinquenta anos da Declaração de Santiago, principalmente, na América Latina. E por fim, eu procurei destacar alguns trechos das apresetanções dos expositores e algumas falas durante os debates travados ao longo do acontecimento.

No *Capítulo 5* – ***Fragmentos Biográficos das Mulheres Participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972***, esboço fragmentos biográficos de algumas representantes femininas. A inexistência, até então, de informações sobre algumas observadoras foi o principal empecilho para abordar todas as mulheres que, em algum momento, estiveram presentes durante os trabalhos.

No *Capítulo 6* – ***A Coordenadora da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, la doctora Grete Mostny (1914-1991)*** inicialmente, os fragmentos biográficos da delegada chilena e coordenadora da Mesa-Redonda de Santiago do Chile faziam parte do *Capítulo 5 - Fragmentos Biográficos das Mulheres Participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972.* Todavia, ao longo da investigação seu protagonismo exigiu um capítulo específico, talvez devido a abundância de artigos e documentos disponíveis e acessados durante as minhas duas viagens ao Chile. Também, das quatro delegadas do acontecimento pesquisado, Grete Mostny foi a única obrigada a abandonar o seu país de origem pelo fato de ser judia, em 1939.

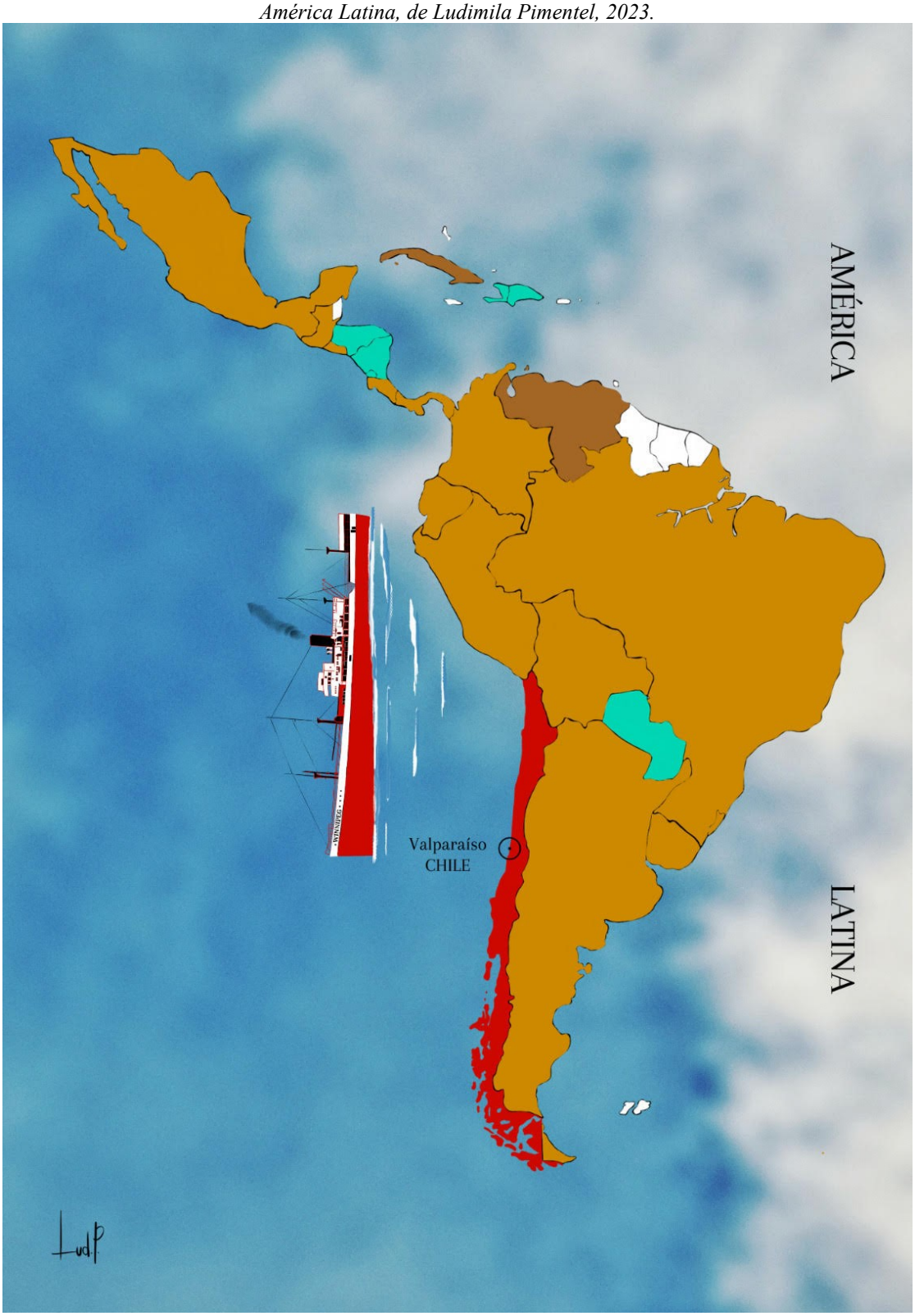
No *Capítulo 7* – **Ausentes e presentes: fragmentos biográficos dos participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972**, da mesma forma que no capítulo anterior, traço alguns fragmentos biográficos dos participantes presentes e ausentes. Entre esses últimos, os educadores brasileiros Paulo Freire e Darcy Ribeiro.

No *Capítulo 8* – ***Oscar Avello Avello (1954-1976): “soy una fotografia de un desaparecido”.*** Até a minha segunda viagem ao Chile, em maio de 2023, o observador Oscar

Eduardo Avello estava inserido no C*apítulo 6 – Ausentes e presentes: fragmentos biográficos dos participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972*. Todavia, seus fragmentos biográficos tomaram uma proporção inesperada. E por fim, Oscar Eduardo Avello exigiu um capítulo dedicado aos seus fragmentos biográficos. Penso que por uma questão de reparação, uma das principais funções das investigações, artigos, monografias, dissertações, teses e museus.

Alguns capítulos possuem um número maior de páginas do que outros. Eu tentei desmembrar alguns, ainda assim, o problema não foi resolvido. Todavia, na minha percepção isso não será um empecilho na leitura do texto. O que importa de fato é que todos os capítulos foram escritos com muita dedicação e da melhor forma possível.

Figura 5 –
América Latina, de Ludmila Pimentel, 2023.



Fonte: O autor.

CAPÍTULO 1 – AMÉRICA LATINA: "EL DERECHO DE VIVIR EN PAZ"

Soy... Soy lo que dejaron
Soy toda la sobra de lo que se robaron
Un pueblo escondido en la cima
Mi piel es de cuero, por eso aguanta cualquier clima
Soy una fábrica de humo
Mano de obra campesina para tu consumo
Frente de frío en el medio del verano
El amor en los tiempos del cólera, mi hermano
Soy el sol que nace y el día que muere
Con los mejores atardeceres
Soy el desarrollo en carne viva
Un discurso político sin saliva
Las caras más bonitas que he conocido
Soy la fotografía de un desaparecido
La sangre dentro de tus venas.

Latinoamerica, Calle 13 (2011)[96]

Considero importante iniciar esse capítulo a partir do desenho da página anterior, da artista Ludmila Pimentel,[97] que aborda alguns pontos importantes da tese e desse capítulo em especial. O mapa da América Latina representado procurou através de cores diferenciar os países que participaram da Mesa Redonda de Santiago do Chile, em 1972, a sede, os países que definiram as/os delegadas/o, mas não compareceram, além das ausências, como veremos ao longo da tese. Outro destaque do desenho é a representação do navio *SS Winnepeg*

[96] Trecho da canção *Latinoamerica* [do álbum *Entren los que quieran*], do grupo porto-riquenho Calle 13 (2011), com participação da colombiana Totó la Monposina, da brasileira Maria Rita e da peruana Susana Bacca.
[97] Ludmila Pimentel Gonçalves da Silva é baiana de Juazeiro. Licenciada em Artes Visuais (2017-2023) pela Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF.

[francês-canadense] fretado pelo poeta Pablo Neruda[98] [Figura 6] em nome do Governo do Chile para levar para esse país aproximadamente 2.200 refugiadas/os espanhóis detidos em campos de refugiadas/os na França[99], após a vitória do general fascista Francisco Franco, na Guerra Civil Espanhola (1936-1939).

Figura 6 –
Pablo Neruda, 1972.



Fonte: Memoria Chilena, Biblioteca Nacional de Chile[100].

Sobre esse importante episódio da história chilena e desconhecido por mim até então, Pablo Neruda escreveu o lindo poema *Missão de Amor*[101]:

"Embarquei-os no meu barco.
Era de dia e a França
seu vestido de luxo
de todos os dias teve aquela vez,
foi
a mesma claridade de vinho e ar

[98] Sobre a sua participação nesse episódio, o poeta Pablo Neruda fez a seguinte referência: "Este é o meu maior poema". Recuperado de: https://www.youtube.com/watch?v=ZWE8g3zuLlI&list=PLqLfPtzDBrO6yewX_gAt5rUivXAo0_efi&index=34 , em 17 de julho de 2023.
[99] Milhares morreram nesses campos de refugiadas/os (Allende, 2019).
[100] Recuperado de: http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-72668.html , em 30 de dezembro de 2022.
[101] Do livro *Memorial de Isla Negra* (2019). Ainda sobre esse episódio, consultar o Anexo 1.

sua roupagem de deusa florestal.
Meu navio esperava
com seu remoto nome
“Winipeg”
junto à beira-mar do jardim aceso,
às antigas e amargas uvas europeias.
Mas meus espanhóis não estavam vindo
de Versalhes,
do baile prateado,
das antigas alfombras de amaranto,
das taças que trinam
com o vinho,
não, e de lá não vinham,
não, e de lá não vinham.
De mais longe,
de campos e prisões,
das areias escuras
do Sahara,
de ásperos esconderijos
onde ficaram
famintos e sem roupas,
ali ao meu barco
claro,

ao navio para o mar, à esperança
acudiram chamados um a um
por mim, desde seus cárceres,
desde suas fortalezas
da França cambaleante
minha boca os chamou
acudiram,
Saavedra, disse, e veio o pedreiro,
Zúñiga, disse, e ali apareceu,
Roces, chamei, chegou com severo sorriso,
gritei, Alberti! E com as mãos de quartzo
acudiu a poesia.
Labregos, carpinteiros,
pescadores,
torneiros, maquinistas,
os oleiros,
curtidores:
ia-se povoando o barco
que partia à minha pátria.
Eu sentia nos meus dedos
as sementes
da Espanha
que resgatei eu mesmo pra semear
sobre o mar, dirigidas
para a paz das pradarias”. (Neruda, 2019, pp. 103-104)

Sobre as atrocidades cometidas nesse período pelas tropas nacionalistas liderados pelo general Francisco Franco existem diversas obras[102], todavia, aqui eu quero destacar *Longa Pétala de Mar*, da escritora chilena Isabel Allende (2019), que me emocionou e contribuiu bastante para entender melhor a história chilena ao longo do século XX, principalmente, a tradição do povo chileno em receber exiladas/os do mundo inteiro[103], principalmente no período entre 1939 e 1973 [chegada do navio *SS Winippeg*, no principal porto do país, Valparaíso e o golpe civil-militar que derrubou Salvador Allende].

E falar de exílios[104], é falar das/os espanholas e dos espanhóis que chegaram nesse navio, em 1939, é falar da austríaca de nascimento Grete Mostny, que chegou também em 1939, no mesmo porto chileno, as/os primeiras/os a fugir do general golpista Francisco Franco (1892-1975) e a segunda a fugir do nazismo. Não podemos esquecer que Adolf Hitler (1889-1945) e Benito Mussolini (1883-1945) apoiaram Francisco Franco na Guerra Civil Espanhola. Exílios também nos remetem as/os brasileiras/os como a educadora Elza Maia Costa de Oliveira (1916-1986) e o educador Paulo Freire (1921-1997), da antropóloga e museóloga Berta Gleizer Ribeiro (1924-1997) e do antropólogo Darcy Ribeiro (1922-1997), da tradutora e taquigrafa Mary Houston[105] e do crítico de arte Mário Pedrosa (1900-1981),

[102] Como o quadro *Guernica,* de Pablo Picasso (1937) exposto no Museo Reina Sofia, em Madri, Espanha e o livro *Lutando na Espanha: homenagem à Catalunha*, do escritor britânico George Orwell (2021). Entre os filmes podemos citar: *A língua das mariposas*, de José Luis Cuerda (1999); *Terra e Liberdade*, Ken Loach (1995); *Libertarias*, de Vicente Aranda (1996) e *O Labirinto do Fauno*, de Guillermo del Toro (2008).

[103] “De todos os que chegavam a Santiago de trem, ônibus, automóvel ou avião (meios diferentes que, em razão das peculiaridades geográficas do Chile, supunham experiências muito distintas para cada um dos viajantes), uma parte das pessoas que se mudaram para o Chile o faziam interessadas em cinco caratecterísticas indiscutíveis: tradição de asilo, liberdade de opinião, relativa estabilidade política, ampla cidadania e, até a década de 1960, tímida laicização” (Cáceres, 2019, p. 316)

[104] “O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, elas não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações dos exílios são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre” (Said, 2003, p. 33).

[105] Irmã da cantora, folclorista, escritora e arranjadora Elsie Houston (1902-1943) e companheira do crítico de arte e político Mário Pedrosa. Foi muito difícil encontrar informações de Mary Houston, ao contrário de Mario Pedrosa e Elsie Houston. Para conhecer um pouco a história da companheira de Mario Pedrosa, eu indico o vídeo *A importância de Mary Houston, companheira de Mário Pedrosa por toda a sua vida*. Uma produção Cemap-Interludium, em parceria com a rede TVT. Recuperado de: https://www.youtube.com/watch?v=2upgi7wjsYw&list=FLXaPnX5ITk-JKmbdy7o5-zQ&index=6 , em: 26 de dezembro de 2022.

todas/os fungindo da ditadura civil-militar brasileira após o golpe civil-militar de 1964, entre outras/os[106]. Nazismo, facismo, integralismo, torturas, desaparecidas/os, exílios, repressão, resistências, silenciamentos e machismos estão presentes transversavelmente nessa tese, principalmente pelo espaço-tempo aqui abordado e também pelas histórias de vida de algumas e alguns participantes da MRSC, como veremos ao longo da tese.



A MRSC foi pensada e realizada para a América Latina da “latitude 30°N à latitude 55°S” (Mostny, 2012, p. 164), região também denominada de Abya-Yala[107]; Anáhuac, o atual Vale do México; Tawantinsuyu, a região da Cordilheira dos Andes; “la gran co-marca”[108] (Mignolo, 2007); Améfrica (Gonzalez, 2020); Pindorama [Terra das Palmeiras], o território oriental da atual América do Sul, assim denominada pelos povos Tupi-Guarani; América Central, continental e insular; Caribe; o México, na América do Norte; América do Sul e mesmo La Frontera (Anzaldua, 2016)[109].

A área aqui abordada transborda e embaralha as fronteiras artificiais criadas no período colonial e mantidas ou mesmo disputadas entre as elites criollas dos países dessa região após os processos de independência das antigas metrópoles europeias. Contradiz, inclui e exclui algumas denominações; enfim, ela é porosa e fluida; ela não é, ela está. Estamos aqui a abordar também a *América Profunda* (Kusch, 1999). Em resumo, um “continente indo-afro-latino-americano” (Bergamaschi, 2019, p. 20).

---

[106] A inclusão dos nomes das intelectuais Elza Maia Costa de Oliveira, Berta Gleizer Ribeiro e Mary Houston foi proposital, uma tentativa de reparar/visibilizar essas e outras intelectuais, mães e esposas de intelectuais amplamente conhecidos.

[107] Segundo Mignolo (2007), Abya-Yala é, aproximadamente, a região do atual Panamá; todavia, “Hoy en día, los movimentos indigenistas que han surgido en todo el continente, desde la Antártida hasta el Ártico, proponen el nombre Abya-Yala” (Mignolo, 2007, p. 47) em substituição a América.

[108] “Los afroamericanos (de América del Norte, del Sur y el Caribe) aún no han reivindicado su postura respecto del nombre del subcontinente inventado por europeos y apropriado por criollos de origen latino y anglosajón. No obstante, en Equador y Colombia, los pueblos afroandinos usan el término ‘la gran co-marca” (el prefijo ‘co-’ utilizado con el mismo sentido que em ‘cooperación’), que denota la idea de un gran territorio compartido con una raíz común” (Mignolo, 2007, p. 47).

[109] Outrora região mexicana. Atualmente, engloba parte do México e dos Estados Unidos. Segundo Gloria Anzaldúa, “la frontera entre Estados Unidos y México es una herida abierta, dondo el Tercer Mundo se araña contra el primero y sangra. Y antes de que se forme costra, vuelve la hemorragia, la savia vital de dos mundos que se funde para formar um tercer país, una cultura de frontera” (Anzaldúa, 2016, p. 42).

No artigo *O desenvolvimento e a importância dos museus no mundo contemporâneo*, escrito logo após o final da MRSC, organizada pela UNESCO e pelo Governo do Chile[110], a arqueóloga, antropóloga e curadora chilena Grete Mostny afirma:

> "Aunque este seminario ha sido concebido para museos y museólogos latino-americanos, creemos que sus resultados serán en gran parte válidos y aplicables a todo el llamado Tercer Mundo y quizás tambíen a los países desarrollados, cada uno de los cuales tiene su próprio Tercer Mundo en algún rincón de su território". (Mostny, 1972, p. 4)

Grete Mostny assinala que o documento resultante da Mesa-Redonda de Santiago do Chile pode ser aplicado a todos os países do Terceiro Mundo, apesar de ter sido concebido para a realidade latino-americana, e destaca que ele também pode ser aplicado nos diversos Suis localizados nos países desenvolvidos. É interessante notar que Grete Mostny, em 1972, já coloca a questão dos rincões do Sul localizados no norte, antes de Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses (2010)[111].

O educador brasileiro Paulo Freire também pontuou a mesma questão durante a sua passagem pelos Estados Unidos, em 1967[112]. Segundo Rosiska de Oliveira e Pierre Dominici (1981),

> "Freire percebe que o conceito de Terceiro Mundo não é apenas geográfico, mas, e principalmente, político. Os negros e as outras minorias raciais constituem claramente um Terceiro Mundo dentro dos Estados Unidos, do mesmo modo que as classes dominantes do Brasil e do Chile fazem o papel de "Primeiro Mundo" em relação à população operária e camponesa de seus países". (Oliveira & Dominici, 1981, p. 68)

Tanto Mostny quanto Freire não utilizam a palavra Sul, e sim utilizam a denominação Terceiro Mundo, muito recorrente naquele período. O que importa aqui é que a

[110] No dia 5 de maio de 2021, o professor Mário Chagas enviou-me este artigo e também *Recordando a Grete Mostny Glaser al cumplirse cien años de su natalicio*, de Nieves Acevedo (2014).

[111] Segundo Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses (2010, p. 19), o "Sul é aqui concebido metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo. Esta concepção do Sul sobrepõe-se em parte com o Sul geográfico, o conjunto de países e regiões do mundo que foram submetidos ao colonialismo europeu e que, com excepções como da Austrália e da Nova Zelândia, não atingiram níveis de desenvolvimento económico semelhantes ao do Norte global (Europa e América do Norte). A sobreposição não é total porque, por um lado, no interior do Norte geográfico classes e grupos sociais muito vastos (trabalhadores, mulheres, indígenas, afro-descendentes, muçulmanos) foram sujeitos à dominação capitalista e colonial e, por outro lado, porque no Sul geográfico houve sempre as 'pequenas Europas', pequenas elites locais que beneficiaram da dominação capitalista e colonial e que depois das independências a exerceram e continuam a exercer, por suas próprias mãos, contra as classes e grupos sociais subordinados".

[112] A viagem aconteceu durante o seu exílio no Chile, entre o final de 1964 e o início de 1969.

arqueóloga chilena e o educador brasileiro tinham consciência das diferenças e injustiças sociais existentes onde, posteriormente, Santos e Meneses (2010) denominaram Sul e norte global.

Ainda sobre o recorte espacial tratado aqui, eu preciso enfatizar o porquê da utilização predominante de América Latina ao longo da tese[113]. É uma escolha atrelada ao uso pela UNESCO/ICOM e pelo Governo do Chile no acontecimento de maio de 1972 e bastante frequente naquele período. Nós sabemos o quanto a denominação América Latina é redutora e equivocada. Foi uma ideia/invenção das elites criollas dos diversos países existentes na região (Mignolo, 2007). Então, quando eu me referir à América Latina, eu estarei explicitamente a me referir a uma região multi e intercultural, indígena, negra, branca, amarela e mestiça, ainda que a maioria das elites e das classes médias continuem a negar essa composição.

Denominar essa região como América Latina ou América, em alguns casos, é também uma forma de homenagear autoras/es e artistas que não abdicaram desses nomes e criaram obras importantes para a compreensão da região aqui abordada, como *As veias abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano (2017); *América profunda*, de Rodolfo Kusch (1999); *La ideia de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial*, de Walter Mignolo (2007); *Museus e identidades na América Latina*, organizado por Camilo de Mello Vasconcellos, Pedro Paulo Funari e Aline Carvalho (2015) e *A conquista da América*, de Tzevetan Todorov (2010), além das músicas *Soy loco por ti América*, gravada por Caetano Veloso (1968)[114]; *Sangue latino*, do grupo brasileiro Secos & Molhados (1973)[115]; *Apenas um rapaz latino-americano*, do cantor e compositor Belchior (1976)[116], e *Latinoamérica*, do grupo porto-riquenho Calle 13 (2011)[117]. Esses livros e essas músicas contribuíram para a minha compreensão, ainda em construção, sobre a região aqui abordada, pois ainda conheço muito pouco as histórias dos povos indígenas que viveram/vivem resistindo nessa região, assim como os genocídios impetrados sobre elas/eles e sobre as populações africanas escravizadas e forçadamente trazidas para o continente americano no período colonial.

[113] Não apenas.
[114] Do álbum *Caetano Veloso* (1968), do cantor e compositor baiano Caetano Veloso. Compositores: Gilberto Gil e José Carlos Capinan.
[115] Música do álbum *Secos & Molhados* (1973). Compositores: João Ricardo e Paulinho Mendonça.
[116] Música do álbum *Alucinação* (1976), do cantor brasileiro Belchior.
[117] Do álbum *Entren los que quieran*. Compositores: Cabra Eduardo, Perez Rene e Arcaute Rafael Ignacio (2011).

Evidentemente, os genocídios não cessaram após as independências das antigas colônias, pois as independências políticas capitaneadas pelas elites criollas não vieram atreladas às autonomias econômicas e culturais; além do mais, houve o acréscimo dos diversos colonialismos internos. O patriarcalismo, o machismo, o racismo, a LGBTQIAPN+fobia e o fascismo continuam dando a tônica por aqui, assim como as várias formas de resistências.

Por outro lado, os títulos das obras [e não as obras em si] *O Extremo-Ocidente: introdução à América Latina*, de Alain Rouquié (1991), e *A outra margem do Ocidente*, organizado por Adauto Novaes (1999), causam-me um certo incômodo, pois tanto “extremo»” quanto a “outra margem” são referências criadas a partir de um contexto exclusivo: a Europa. Nesse sentido, a América [Latina] seria um dos extremos e/ou a outra margem da Europa. Contudo, muitas/os das/dos “condenadas/os da terra” (Fanon, 2005) e/ou da “sub-humanidade” ou das/dos “quase-humanas/os” (Krenak, 2019) não aceitam mais essa dicotomia ou esse tipo de polarização. Para elas/es, não existe apenas um centro, mas sim centros, e esses não estão desassociados dos extremos; essa descorporificação, essa fragmentação espacial e temporal é um problema e uma questão para o Ocidente. No território aqui delineado, as/os “condenadas/os da terra” (Fanon, 2005) ou a “sub-humanidade” ou as/os “quase-humanas/os” (Krenak, 2019) também estão a pensar e vivenciar outros centros e outras margens, inclusive a terceira[118]. Enfim, o meu lugar de fala é a partir do Sul e, se nos oprimiram e nos oprimem como pessoas do Sul, da América Latina e da América do Sul, é como essas/es que nos libertaremos[119].

Não tenho a pretensão de adentrar na história e nem na geografia da América Latina em geral ou do Chile, em particular. A ideia, aqui, é expor algumas configurações sociais que eu julgo importantes para compreender a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972. A

[118] Referência a um dos contos mais lindos que eu já li, *A terceira margem do rio*, do livro *Primeiras estórias*, do escritor brasileiro Guimarães Rosa (1962). E também à linda música *A terceira margem do rio*, inspirada no conto de Guimarães Rosa, dos músicos brasileiros Milton Nascimento e Caetano Veloso (1991), uma das faixas do disco *Circuladô*, de Caetano Veloso.

[119] Uma paráfrase do trecho “como dicen que dijo una lideresa aymara de las rebeliones de princípios del siglo passado: ‘si nos han oprimido como indixs, como indixs nos liberaremos’”, da entrevista *“Esas papitas me están mirando!”*: *Silvia Rivera Cusicanqui y la textura ch’ixi de los mundos*, por Francisco Pazzarelli (2017).

primeira delas diz respeito aos regimes políticos dos países da América Latina naquele período, mais precisamente em maio de 1972, especificamente nos países participantes da Mesa-Redonda de Santiago: Argentina, Uruguai, Brasil, Colômbia, Equador, México, Peru, Bolívia, Panamá, El Salvador, Costa Rica e Guatemala[120].

Desde o golpe civil-militar 1964 que derrubou o presidente João Goulart[121], o Brasil vivia sob uma ditadura que perseguiu trabalhadoras/es, políticas/os, escritoras/es, artistas, estudantes e militares de esquerda. Grande parte das pessoas que se opuseram ao golpe e/ou lutaram contra foram presas, torturadas, assassinadas, desaparecidas e/ou exiladas. A censura foi constante durante todo o período. Além das/os já citadas/os brasileiras/os exiladas/os no Chile, podemos acrescentar, o cientista social Francisco Weffort (1937-2021) e o sociólogo e cientista político Fernando Henrique Cardoso (1931), o jornalista e escritor Alfredo Sirkis (1950-2020), entre outros e outras.

Entre os anos 1969 e 1974, o Brasil atravessou o pior período da repressão e também de resistência à ditadura civil-militar, conhecido como «os anos de chumbo», cujo presidente/ditador foi Emílio Garrastazu Médici (1905-1985). Nesse período, aconteceu o propagado «milagre econômico» brasileiro e a conquista da Copa do Mundo de 1970, realizada no México e transmitida ao vivo, pela televisão, pela primeira vez no país. Em decorrência desse cenário, a ditadura civil-militar lançou campanhas ufanistas, como o *slogan* «Brasil, ame-o ou deixe-o», com o intuito também de encobrir as graves violações de direitos humanas/os praticadas nos porões das instalações das Forças Armadas e também em centros clandestinos utilizados pela repressão. Foi o período com o maior número de assassinatos, sequestros, prisões, torturas e desaparecimento de brasileiras/os que lutaram contra a ditadura civil-militar.

Em 1964, o Brasil foi um dos primeiros países da região a derrubar um Governo civil progressita e implantar uma ditadura civil-militar, com o apoio escancarado do «governo» dos Estados Unidos[122]. Por isso, os militares brasileiros colaboraram com outros golpes e também

[120] Paraguai, Haiti, República Dominicana, Honduras e Nicarágua não participaram da Mesa-Redonda de Santiago. A Venezuela e Cuba chegaram a indicar seus representantes; todavia, não participaram, como veremos adiante.

[121] João Goulart foi eleito vice-presidente e Jânio Quadros presidente em 1960. Com a renúncia de Jânio e apesar da ameaça de golpe militar, João Goular assumiu a presidência em 1961.

[122] Outro ponto importante, mas nem sempre abordado é que o terror de Estado, muitas vezes antecederam os golpes civis-militares na América Latina, como aponta Enrique Serra Padrós (2008), no "Chile e nos países rio-

capacitaram torturadores militares dos países vizinhos, inclusive do Chile, após o golpe de 11 de setembro de 1973, como fica evidente nesse trecho do jornalista estadunidense em Santiago nesse período, Peter Winn (2010):

> “Em uma coletiva de imprensa após o golpe, encontrei um oficial brasileiro do DOPS que me disse ter sido emprestado aos militares chilenos para lhes ensinar técnicas de interrogatório. Quando lhe perguntei o que havia ensinado a seus alunos, ele respondeu: “Nós, brasileiros, somos cirurgiões. Esses chilenos são açougueiros”. (Winn, 2010, p. 183)

Como fica evidente na citação acima, a colaboração entre as ditaduras, sempre com o aval dos Estados Unidos, antecede a formalização da Operação Condor[123], em 1975. Para resumir, em 1972, poucos eram os países da América Latina governados por civis. Alguns eram governados por partidos ou coalizões de centro e de direita, como a Colômbia, o México e o Uruguai. A Costa Rica era governada por um Governo progressista. E o Chile era, ainda em maio de 1972, a grande esperança das esquerdas do Sul e do norte, devido à vitória de Salvador Allende, da UP.

A seguir, no Quadro 1, procurei resumidamente traçar um panorama da situação política dos países que enviaram delegadas/os para a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em maio de 1972, todavia, as configurações sociais desses países não cabem num simples quadro, por isso, ele possui apenas um caráter ilustrativo. A ideia foi pensarmos as possíveis relações entre as/os delegadas/os e os regimes políticos de seus países. De antemão, é preciso sinalizar que nem sempre os posicionamentos das/os participantes da MRSC durante os trabalhos estão

---

platenses, o terror de Estado, propriamente dito, antecedeu a deflagração dos golpes militares. No Uruguai e na Argentina, com seus matrizes particulares respectivos, existiam bolsões clandestinos que, agindo desde as entranhas de um Estado democrático viciado por práticas autoritárias, já realizavam o ‘trablaho sujo’ (sequestros, tortura e assassinatos produzidos por esquadrões da morte e bandos de extrema-direita). Os excessos coercitivos que ultrapassavam os limites da legalidade estavam vinculados a grupos paramilitares de extrema-direita, controlados e protegidos por núcleos de poder do interior da estrutura estatal – caso da Juventud Uruguaya de Pie (JUP) e do grupo de extermínio Alianza Anticomunista Argentina (Triple A). No Chile, a diferença residiu em que a direita e a extrema-direita, com cobertura e apoio da CIA – bem maiores do que nos outros casos citados –, patrocinaram atentados desestabilizadores e se organizaram no esquadrão paramilitar Patria y Libertad, opondo-se ao governo socialista da Unidad Popular, usando certas estruturas do poder estatal que haviam permanecido fora do controle de Allende (particularmente nas forças de segurança), ou, então, evoluíram, gradualmente, para posições de franca conspiração” (Padrós, 2008, p. 157).

[123] “A Operação Condor, formalizada em reunião secreta realizada em Santiago do Chile no final de outubro de 1975, é o nome que foi dado à aliança entre as ditaduras instaladas nos países do Cone Sul na década de 1970 – Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai – para a realização de atividades coordenadas, de forma clandestina e à margem da lei, com o objetivo de vigiar, sequestrar, torturar, assassinar e fazer desaparecer militantes políticos que faziam oposição, armada ou não, aos regimes militares da região”. Recuperado de: http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/index.php/2-uncategorised/417-operacao-condor-e-a-ditadura-no-brasil-analise-de-documentos-desclassificados , em 21 de dezembro de 2022.

alinhados aos «governos» ali representados. Apesar de compor a elite dos museus latino-americanos, provavelmente, elas/eles não tinham autonomia suficiente para criar ou realizar mudanças nas legislações dos seus países. E muito menos possuíam independência financeira e administrativa para executar mudanças nos museus, universidades ou órgãos governamentais relacionados aos museus e ao patrimônio cultural, como veremos nos próximos capítulos.

Quadro 1 –
Regimes políticos dos países latino-americanos, em maio de 1972, representados na Mesa-Redonda de Santiago do Chile

PAÍSES	SITUAÇÃO POLÍTICA
Argentina	**Ditadura civil-militar (1966-1973)**. **Ditador**: Alejandro Agustín Lanusse Gelly (1918-1996). Em 1976, após outro golpe civil-militar, a Argentina viveu uma das mais sangrentas ditaduras da América Latina que durou até 1983.
Brasil	**Ditadura civil-militar (1964-1985)**. Em 1972, o país atravessava "os anos de chumbo", a pior fase do longo período da ditadura civil-militar. **Ditador**: general Emílio Garrastazu Médici (1905-1985).
Chile	**Democracia**. **Presidente**: Salvador Allende (1908-1973), da coalizão de partidos de esquerda, a Unidade Popular – UP. O Chile foi o primeiro do mundo a eleger um Governo socialista de forma democrática.
Colômbia	**Democracia**. **Presidente**: Misael Eduardo Pastrana Borrero (1923-1997), do Partido Conservador Colombiano.
Costa Rica	**Democracia**. **Presidente**: José María Hipólito Figueres Ferrer (1906-1990).
El Salvador	**Presidente**: general Fidel Sánchez Hernández (1917-2003).
Equador	**Ditadura civil-militar**. **Ditador:** Guillermo Rodríguez Lara (1924).
Guatemala	**Ditadura civil-militar**. **Ditador**: Carlos Manuel Arana Osorio (1918-2003).
México	**Democracia. Presidente**: Luis Echeverría Álvarez (1922-2022), do Partido Revolucionário Institucional – PRI.

Panamá	**Presidente:** Demetrio B. Lakas (1925-1999**).**
Peru	**Ditadura civil-militar**. Presidente militar Juan Velasco Alvarado (1909-1977).
Uruguai	**Presidente**: Juan María Bordaberry Arocena (1928-2011), em 1973, instituiu uma ditadura civil-militar.
Bolívia	**Ditadura civil-militar**. Presidente militar Hugo Banzer Suárez (1926-2002).

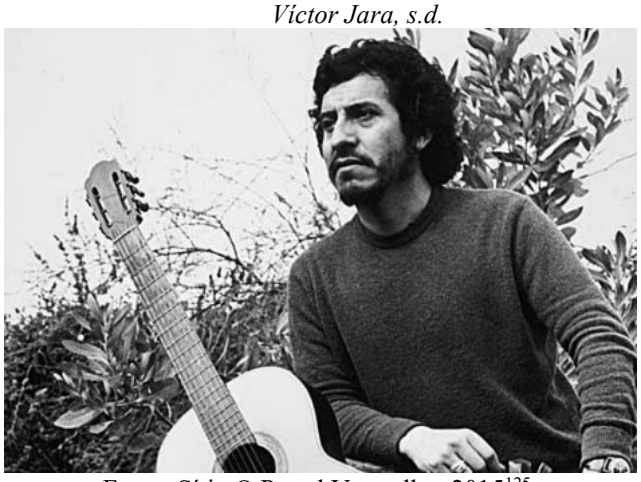
Fonte: o autor.

Sobre os países El Salvador, Panamá e Uruguai não foi possível adentrar nas suas histórias políticas e definir quais as formas de «governo» ou «governos» naquele momento, por isso, os três estão destacados.

1.1 *Lócus* de Acolhimento – Chile

O subtítulo desse capítulo, *El derecho de vivir en paz*[124] é o nome da canção que o artista chileno Víctor Jara (1932-1973) [Figura 7] fez em homenagem ao poeta, revolucionário, político e jornalista vietnamita Ho Chi Min (1890-1969), um dos líderes da luta contra o domínio colonial da França na Ásia, conhecido como Indochina Francesa.

Figura 7 –
Víctor Jara, s.d.



Fonte: Sítio O Portal Vermelho, 2015[125].

A luta contra o domínio colonial e o imperialismo durante a segunda metade do século XX [pós-segunda Guerra Mundial], tensionada pelo conflito político e ideológico entre

[124] *El derecho de vivir en paz*, do álbum homônimo, de 1971.
[125]Recuperado de: https://vermelho.org.br/2015/04/17/cantor-e-ativista-politico-victor-jara-recebe-homenagem-no-brasil , em: 25 de dezembro de 2022.

Estados Unidos e União Soviética, conhecido como Guerra Fria[126], não estava restrita ao continente asiático, mas abrangia também o continente africano e a América Latina. Tanto naquele momento quanto agora, era/é uma luta contra a fome, o desemprego, a destruição dos diversos biomas existentes nessas regiões, o racismo, o patriarcalismo e os genocídios. Essas pautas uniram pessoas de todas as partes, nas colônias, nas antigas colônias e nas metrópoles.

A homenagem do cantor chileno ao poeta e revolucionário Ho Chi Min, morto dois anos antes, e o universalismo da luta contra as diversas formas de opressão fica evidente numa das estrofes da música *El derecho de vivir en paz*: "Tío Ho, nuestra canción es fuego de puro amor, es palomo palomar olivo de olivar. Es el canto universal cadena que hará triunfar, el derecho de vivir en paz" (Jara, 1971). Por ironia, dois anos depois o imperialismo americano juntamente com a elite chilena através de um golpe civil-militar tirou o direito da maioria da população do Chile de viver em paz.

No momento da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972, Víctor Jara era/é considerado um dos chilenos mais conhecidos e admirados nacionalmente e internacionalmente. Discípulo da artista Violeta Parra, Víctor Jara foi um dos principais responsáveis pelo surgimento do movimento musical denominado a Nueva Canción Chilena, na década de 1960[127]. Ator, diretor de teatro e cantor, compôs alguns clássicos da música latino-americana, como a já mencionada *El derecho de vivir en paz*, *Te recuerda amanda*, *Manifiesto*, entre outras. Participou ativamente das campanhas de Salvador Allende, em 1964 e de 1970 e devido a sua militância política e também à sua popularidade, Víctor Jara foi detido e brutalmente assassinado[128] logo após golpe civil-militar em 11 de setembro de 1973[129].

[126] "As ditaduras latino-americanas surgiram dentro de um contexto político internacional claro: a Guerra Fria e a Revolução Cubana (1959). No transcorrer dos anos de 1960/1980, as veias da América Latina sangravam pela ação de governos ditatoriais. Estes perduraram até que os câmbios internos e internacionais permitiram estabelecer e consolidar as liberdades democráticas e o retorno dos civis ao poder. Durante o período repressivo, a oposição foi controlada por diversos métodos – tais como o exílio, a detenção, e mesmo o assassinato" (Funari & Zarankin, 2008b, p. 25).

[127] Juntamente com os grupos Inti-Illimani e Quilapayún e outras/os artistas (Win, 2010, pp. 110-11). Algumas músicas de Víctor Jara e dos grupos Inti-Illimani e Quillapayún estão na pequena trilha sonora indicada nas Observações Preliminares.

[128] Ao contrário do músico socialista que pregava a revolução, Pedro Terceiro Garcia, que, após o golpe civil-militar, conseguiu se exilar, juntamente com o seu grande amor, Blanca, personagens do livro *A casa dos espíritos*, de Isabel Allende (2021).

[129] Sobre o assassinato de Víctor Jara, existe um documentário da *Netflix ReMastered: Massacre no Estádio – A História de Víctor Jara*, do diretor estadudinense Bent-Jorgen Perlmutt (2019).

Joan Jara, bailarina, companheira e mãe de suas duas filhas[130] denunciou ao mundo as atrocidades, torturas, assassinatos e desaparecimentos que ocorriam no Chile durante a ditadura civil-militar. Em 1993, criou a Fundação Víctor Jara com o objetivo de preservar o legado do artista e seu grande amor, também buscou elucidar as circunstâncias do seu assassinato e descobrir os assassinos e responsáveis. Além da atuante Fundação Víctor Jara criada pela sua companheira, o local onde ele foi brutalmente torturado e assassinado em 1973[131], o Estadío Chile, hoje é denominado Estadío Víctor Jara (Coulon, 2011).

O atual Estadio Víctor Jara. Espacio y Comunidad de arte y memorias foi criado a partir da mobilização da Fundacción Víctor Jara e outras organizações, entre elas as de direitos humanas/os. Em 2009, foi declarado (Decreto Nº 0483) Monumento Nacional na categoria Monumento Histórico, ainda assim, o local está parcialmente fechado[132]. Segundo o Director Ejecutivo da Fundação Víctor Jara, Cristián Galaz, o local é um “sitio de memória indigno”[133], devido ao descaso do Estado chileno ao longo das últimas décadas.

Antes de ser assassinado nesse local, Víctor Jara (1973) ainda conseguiu escrever o seu último poema denominado *Estadio Chile*:

> “Somos cinco mil
> en esta pequeña parte de la ciudad.
> Somos cinco mil
> ¿Cuántos seremos en total
> en las ciudades y en todo el país?
> Sólo aquí, diez mil manos que siembran
> y hacen andar las fábricas.
>
> Cuánta humanidad
> con hambre, frío, pánico, dolor,
> presión moral, terror y locura!
> Seis de los nuestros se perdieron
> en el espacio de las estrellas.
>
> Un muerto, un golpeado como jamás creí
> se podría golpear a un ser humano.

[130] Manuela e Amanda.

[131] Centenas de chilenas/os foram torturadas/os no mesmo local. “Víctor foi torturado por dias, ferido no corpo e no rosto, com toda sorte de instrumentos. "Toque violão agora, comunista de merda!", dissera um dos oficiais, ao pisotear as mãos do músico de 40 anos. Quebraram-lhe os pulsos e esmagaram-lhe as mãos a pauladas, tanto que ficaram penduradas, quase amputadas. No dia 15, fuzilaram-no com mais de 44 tiros”. Recuperado de: http://auditoresfiscais.org.br/curitiba/?area=ver_noticia&id=166 , em 20 de julho de 2023.

[132] Recuperado de: https://estadiovictorjara.cl/estadio-victor-jara-campana-de-recuperacion/ , em 19 de julho de 2023.

[133] Recuperado de: https://www.youtube.com/watch?v=yKquELvWTls&t=8s , em 19 de julho de 2023.

Los otros cuatro quisieron quitarse todos los temores
uno saltando al vacío.
otro golpeándose la cabeza contra el muro,
pero todos con la mirada fija en la muerte.
¡Qué espanto causa el rostro del fascismo!
Llevan a cabo sus planes con precisión artera
sin importarles nada.
La sangre para ellos son medallas.
La matanza es acto de heroísmo.
¿Es este el mundo que creaste, Dios mío?
¿Para esto tus siete días de asombro y de trabajo?
En estas cuatro murallas, sólo existe un número
que no progresa.
que lentamente querrá más la muerte.

Pero de pronto me golpea la consciencia
y veo esta marea sin latido,
pero con el pulso de las máquinas
y los militares mostrando su rostro de matrona
lleno de dulzura.

¿Y México, Cuba y el mundo?
¡Qué griten esta ignominia!

Somos diez mil manos menos
que no producen.
¿Cuántos somos en toda la Patria?
La sangre del compañero Presidente
golpea más fuerte que bombas y metrallas.
Así golpeará nuestro puño nuevamente.

¡Canto qué mal me sales
cuando tengo que cantar espanto!
Espanto como el que vivo
como el que muero, espanto.
De verme entre tantos y tantos
momentos del infinito
en que el silencio y el grito
son las metas de este canto.
Lo que veo nunca vi,
lo que he sentido y lo que siento
hará brotar el momento...” (Jara, 1973)[134]

Precisamos pesquisar, pensar, escrever e musealizar criticamente esses tempos de desumanidade. A partir de fragmentos biográficos de Víctor Jara, eu procurei expor algumas configurações sociais importantes para entendermos o Chile e a América Latina naquele

[134] Recuperado em: https://estadiovictorjara.cl/presxs-politicxs/ , em 19 de julho de 2023.

momento. O golpe civil-militar de 11 de setembro de 1973 pôs fim ao projeto da UP e instalou o terror no país para todas e todos que sonharam construir um Chile menos desigual. Ceifou os sonhos de milhares de pessoas nos diversos continentes que acreditaram e apoiaram o Governo de Salvador Allende. Também impediu qualquer possibilidade de discussão e implantação das Resoluções e Recomendações da Declaração de Santiago no Chile, além de tolhir o trabalho da coordenadora da Mesa-Redonda, Grete Mostny, como veremos ao longo da tese.

Não podemos esquecer como já delineado anteriormente que o acontecimento de maio de 1972 foi também organizado pelo Governo da UP, por isso, nós profissionais de museus e pesquisadoras/es da Sociomuseologia não devemos esquecer o protagonismo do Chile no que diz respeito a Mesa-Redonda de Santiago do Chile. Protagonismo proporcionado pelo Governo de Salvador Allende, da Unidade Popular e por aquelas/es responsáveis pela sua eleição em 1970, pela sua sustenção durante os mil dias do seu Governo e todas/os que resistiram ao golpe civil-militar de 11 de setembro, principalmente as/os detenidas/os, torturadas/os, estupradas, desaparecidas/os e exiladas/os. E nem as ditaduras civis-militares ocorridas ao longo da história nos países da América Latina.

Concomitantemente, não podemos esquecer os demais genocídios praticados ao longo dos séculos na “Améfrica” (Gonzalez, 2020) a partir da chegada dos europeus no final do século XV. E por fim, precisamos discutir, incluir e/ou ampliar definitivamente como pautas da Sociomuseologia[135], o colonialismo, o imperialismo, os colonialismos internos, as violações dos direitos humanos e suas resistências no passado/presente. Apesar do meu foco ser a América Latina, nós profissionais de museus e pesquisadoras/es da Sociomuseologia precisamos romper as fronteiras geográficas e ampliar o foco das nossas atuações e lutas, não podemos hierarquizar e nem relativizar os genocídios, os racismos e todas as formas de preconceitos.

Não devemos nos indignar apenas com as atrocidades cometidas pelos nazistas contra as/os judias/judeus, as/os ciganas/os, as/os homossexuais, entre outras/os durante a Segunda Guerra Mundial, ou pelas/os torturadas/os, estupradas, assassinadas/os, exiladas/os e desapareditaduras/os nas ditaduras civis-militares da América do Sul e ignorarmos os

[135] De todas as Museologias, todavia, nesse momento a Sociomuseologia é o meu lugar de fala.

genocídios praticados contra os povos indígenas e povos negros escravizados no passado e no presente, das pessoas mortas ou detidas ao atravessarem o Mediterrâneo em busca de melhores condições de vida ou nas tentativas de atravessarem a fronteira do México e dos Estados Unidos.

Precisamos pensar os museus como espaços sem fronteiras, que abarquem não necessariamente nos seus acervos, mas, nas suas pautas, nas suas exposições de curta duração, em seminários, em encontros, nas rodas de conversa (internamente e externamente) todas as lutas contra as injustiças em todas as regiões do planeta. Para tanto, podemos nos inspirar em Achille Mbembe (2017),

> “Aliás, a democracia vindoura construir-se-á sob a clara distinção entre o «universal» e o «em comum». O universal implica a inclusão em algo ou em alguma entidade já constituída. O em-comum pressupõe uma relação de co-pertença e de partilha – a ideia de um mundo que é o único que temos e que, para ser duradouro, dever ser partilhado pelo conjunto dos seus dependentes, juntamente com todas as espécies. Para tornar esta partilha possível e para que se cumpra a democracia planetária e a democracia das espécies, é necessário exigir justiça e reparação”. (Mbembe, 2017, pp. 68-69)

Achille Mbembe (2017) nos indica outro caminho, não mais o universalismo ocidental, mas o «em comum» pautado na “co-pertença” e na “partilha” do planeta e necessidade de lutar por justiça e reparação. O «em comum» de Mbembe em diálogo com o conceito filosófico *ubuntu* nos ajudam a pensar os museus como espaços sem fronteiras ou mesmo o museu integral proposto pela Mesa-Redonda de Santiago do Chile.

Por fim, gostava de conhecer mais museus de arte que abordem as lutas dos movimentos feministas, a luta do Movimento dos Sem Terra – MST, a destruição dos biomas pelo agronegócio, que se posicione a favor da demarcação das terras indígenas; museus de ciências e tecnologias que abordem o racismo, a LGBTQIAPN+fobia, os sem-tetos, a pedofilia e o feminicídio e assim por diante. Da mesma forma, que os museus sociais abordem o machismo, o racismo, a reforma agrária, a LGBTQIAPN+fobia, o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto – MTST, os campos de refugiados, os imigrantes na fronteira do México e no Mediterrâneo. As violações contra os direitos humanos e todas as formas de injustiças e suas resistências precisam estar nas pautas de todos os museus. É nessa perspectiva que eu entendo o museu sem fronteira, o museu integral, assim como a própria

Declaração de Santiago, retornarei a esse ponto no *Capítulo 4 – A Palo Seco: uma «mirada nostálgica e ingenua» sobre a Declaração de Santiago.*



No ano da realização da Mesa Redonda de Santiago, em 1972, o Chile vivia um período de efervecência social e cultural. Também “havia se tornado uma das sociedades mais igualitárias da América Latina” (Winn, 2010, p. 18), apesar da campanha contra encabeçada pelos Estados Unidos representado pela *Central Intelligence Agency – CIA*, a elite, parte da classe média e das forças armadas chilenas com o apoio da grande mídia *local*, principalmente do jornal El Mercúrio[136], como atesta o documentário *El Diario de Agustin*, dirigido por Ignacio Agüero, em 2008[137]. Desde o período das eleições, o jornal El Mercúrio já disseminava *fake kews* contra o candidato da Unidade Popular – UP, Salvador Allende[138].

Segundo Isabel Allende (2009),

> “apesar dos problemas e do clima de permanente confronto, o povo mostrava-se entusiasmado, pois sentia que, pela primeira vez, tinha seu destino nas mãos. Produziu-se um verdadeiro renascimento nas artes, do folclore, dos movimentos populares e estudantis. Massas de voluntários saíam de casa para alfabetizar nos lugares mais distantes do Chile; livros eram publicados e vendidos ao preço de um jornal, para que em cada casa houvesse uma biblioteca”. (Allende, 2009, p. 186)

É nesse contexto do Governo de Salvador Allende, mais especificamente entre abril e maio de 1972 que foi realizada a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, o Encuentro de

[136] *Testemunho do Prof.* Atilio Borón (2018), da Universidade de Buenos Aires – UBA: “Eu vivia no Chile nestes anos e fui testemunha da campanha de difamações, agressões, insultos e escárnios que se descarregou contra ele. O jornal El Mercúrio, uma das expressões mais indignas do jornalismo latino-americano – na verdade, não é jornalismo, mas uma propaganda e nada mais – o atacava diariamente em suas páginas políticas e em suas opiniões editoriais, invariavelmente acompanhadas por uma caricatura que reproduzia o líder socialista na carta do rei (K) o naipe do pôquer, a metade superior empunhando uma metralhadora e sustentando em suas mãos o sino do Senado na parte inferior. A mensagem era claríssima: Allende não era nada além de um guerrilheiro castrista que havia se ocultado em pele de cordeiro de um democrata e que a partir de sua posição no Senado enganava os chilenos. Recuperado de: https://www.brasildefato.com.br/2018/09/11/artigo-or-o-modelo-de-golpe-que-depos-allende-segue-vigente-na-america-latina , em 23 de julho de 2023.

[137] Recuperado de: https://www.youtube.com/watch?v=6Hs60_o_Yv0&t=51s , 21 jul. 2021.

[138] Apesar de não fazer associação ao periódico *El Mercúrio*, no livro *A Casa dos Espíritos*, da escritora chilena Isabel Allende (2021) existem alguns exemplos de *fake news* inventadas contra o presidente Salvador Allende durante o seu Governo, entre elas uma me chamou a atenção, “acusaram-no de inventar mentiras de paranoico e de roubar as obras do Museu Nacional para com elas enfeitar o quarto de sua amante” (Allende, 2021, p. 377).

Artistas del Cono Sur realizado pelo Instituto de Arte Latino-Americano – IAL[139], a Conferencia de las Naciones Unidas sobre Comercio y Desarrollo en el Tercer Mundo – UNCTAD III e a inauguração do Museu da Solidariedade.

O Encontro de Artistas do Cone Sul aconteceu entre os dias 3 e 15 de maio de 1972. Segundo Luiza Mader Paladino (2020), o evento

> "reuniu artistas da Argentina, do Uruguai e do Chile e teve Mariano Rodriguez, representando a *Casa de las Américas*, como observador. A abertura do evento ocorreu alguns dias antes da inauguração do Museu da Solidariedade e contou com a presença de Mário Pedrosa e Aldo Pellegrini, que auxiliaram na organização do encontro no Instituto de Arte Latino-Americana". (Paladino, 2020, p. 86)

A partir da citação de Paladino (2020), nós podemos destacar alguns pontos, como a aproximação das/os artistas do Cone Sul; a presença de dois críticos de arte bastante conhecidos internacionalmente, o brasileiro Mario Pedrosa e o argentino Aldo Pellegrini no Chile naquele momento e também envolvidos com a criação do Museo de la Solidaridad; e a proximidade do Governo de Allende e o Governo cubano, aqui representada pelo Instituto de Arte Latino-Americano e pela Casa de las Américas. Ainda segundo Luiza Mader Paladino (2020), a "programação do evento também promoveu o contato *in locu* dos participantes com algumas ações culturais do governo Allende, como a visita a fábricas e espaços autogestionáveis de economias locais, como a mina *El Teniente*" (Paladino, 2020, p. 91). Essa última informação nos interessa diretamente porque as/os participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile também visitaram a mina de cobre El Teniente no mesmo mês, como veremos no *Capítulo 3 – A Programação da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972.* A nacionalização do cobre iniciada no Governo de Eduardo Frei[140] e finalizada durante o

[139] "El Instituto de Arte Latinoamericano (IAL) fue una institución de la Universidad de Chile y que funciono como tal desde 1970 a 1973. Estuve dirigido durante su funcionamento por el filósofo, historiador y escritor chileno Miguel Rojas Mix. A su cargo, esta entidade llevo adelante una serie de proyectos emblemáticos para el contexto político-cultural de la época, destacándose la producción del Primer Encuentro de Artistas del Cono Sur en 1972, una serie de publicaciones y diversas exposiciones. Todas estas iniciativas se encontraban signadas por la impronta latinoamericanista y uma intensa discusión sobre la relación entre arte y la política, en um contexto político que demandaba de todas las esferas de la sociedade el compromisso con el processo socialista de la Unidad Popular (Cubillos, Castro & Yáñez, 2019, p. 19), assim como a realização da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em maio de 1972, como veremos ao longo da tese.

[140] 1964-1970.

Governo de Allende[141] está presente também na agenda do Museo Nacional de Historia Natural de Chile nesse período, como veremos no capítulo referido anteriormente.

O Chile como lócus da Mesa-Redonda de Santiago, principalmente durante os anos 1960 e 1970 será revisitado ao longo da tese. As configurações sociais durante os governos de Eduardo Frei e Salvador Allende, principalmente esse último estão imbricadas com algumas pessoas que participaram ativamente da realização do referido acontecimento, como Grete Mostny ou mesmo ausente como o educador brasileiro Paulo Freire.

Não podemos esquecer também as/os brasileiras/os exiladas/os que participaram da vida social e cultural chilena nesse período, como antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro, o poeta Thiago de Mello (1926-2022) e o crítico de arte Mário Pedrosa que além de professor do IAL foi também um dos principais responsáveis pela criação do Museo de la Solidaridad, provavelmente, o mais importante projeto cultural do Governo de Salvador Allende. Todavia, antes de abordarmos o Museo de la Solidaridad, nós precisamos resumidamente conhecer o outro grande evento que ocorreu entre os meses de abril e maio de 1972, a UNCTAD III.

1.2 A UNCTAD III

A III Conferencia de las Naciones Unidas sobre Comercio y Desarrollo en el Tercer Mundo – UNCTAD III, realizada entre os dias 13 de abril e 21 de maio de 1972 foi um dos dois acontecimentos que ofuscaram a cobertura midiática da Mesa-Redonda de Santiago, em maio de 1972, organizada pelo governo do Chile e UNESCO/ICOM. Cheguei a seguinte conclusão devido a inexistência [pelo menos até o final da minha investigação] de matérias

[141] Para entender resumidamente a importância desse processo, eu escolhi esse trecho da matéria intitulada *11 de julio, Día de la Dignidad Nacional. Cuando se nacionalizó el cobre*, do jornalista Tomás Irlanda (11/07/2023), do jornal chileno El Siglo – Periódico Digital: “La nacionalización del cobre fue desde hace muchos años, una profunda y sentida aspiración del pueblo chileno. Podemos decir que la nacionalización de nuestros recursos naturales fue parte substancial de la historia misma de Chile.Fue desde luego el resultado de un largo proceso político y legal que culminó con la “chilenización” del cobre bajo la administración del presidente demócrata cristiano Eduardo Frei Montalva en los años ‘60 y finalmente con la nacionalización del cobre bajo la presidencia de Salvador Allende. La nacionalización del cobre y de la gran minería en general fue parte del programa de gobierno con el cual el presidente Allende fue democráticamente elegido en Chile en 1970. La nacionalización de la gran minería fue lograda además a través de una enmienda constitucional que fue aprobada por unanimidad en el congreso chileno el 11 de julio de 1971. No hubo ni un voto en contra. Ni uno. Fue por cierto un momento histórico forjado a través de las luchas del pueblo de Chile y llevado a fruición por la izquierda unida bajo el liderazgo de Salvador Allende. (...) El 11 de julio de 1971, día en que fue aprobada la enmienda constitucional en el congreso y se promulgó la ley que nacionalizó el cobre, fue declarado Día de la Dignidad Nacional”. Recuperado de: https://elsiglo.cl/11-de-julio-dia-de-la-dignidad-nacional-cuando-se-nacionalizo-el-cobre/ , em 23 de julho de 2023.

jornalísticas sobre a realização da MRSC no Chile, naquele período ao contrário da UNCTAD III.

Para sediar o acontecimento da Organização das Nações Unidas – ONU, o Governo chileno construiu o icônico edifício UNCTAD III [Figuras 8 e 9], inaugurado no dia 3 de abril de 1972, dez dias antes do início da Conferência. Os arquitetos responsáveis pelo desenho do edifício foram Hugo Gaggero, José Covacevic, José Medina, Juan Echenique e Sergio González sob a coordenação do também arquiteto Miguel Lawner[142]. Além das/os trabalhadoras/es contratadas/os, a obra contou ainda com a participação de centenas de voluntárias/os. O edifício ficou pronto em apenas 275 dias. O Chile aceitou sediar o evento sem contar com um local com capacidade para receber as/os três mil delegadas/os que participariam da UNCTAD III. Por tudo isso, a sua construção foi um grande desafio para o Governo da UP, as/os trabalhadoras/es e as/os voluntárias/os envolvidas/os (Maulén, 2006; 2016).

Figuras 8 e 9 – *Construção do Edifício da Unctad III (1971-1972).*



[142] “Director CORMU para el proyecto UNCTAD III” (Maulén, 2016)



Fonte: Miguel Lawner[143].

Muitas obras de arte foram encomendadas e doadas por artistas chilenas/os, entre elas um *mural* confeccionado pelas arpilleristas da Ilha Negra[144] e a obra *Tapiz collage*, da artista Roser Bru, uma das crianças que chegou no Chile juntamente com a sua família no navio *Winnipeg*, em 1939[145].

Após a realização da UNCTAD III [Figura 10], o Governo de Salvador Allende transformou o prédio em Centro Cultural Metropolitano Gabriela Mistral, que teve uma vida curta, devido ao golpe civil-militar de 1973. Logo após a instalação da ditadura civil-militar, o local foi rebatizado como Edificio Diego Portales e serviu como base para as operações da Junta Militar, pois o Palacio La Moneda estava inutilizado, por causa do bombardeio de 11 de setembro [Figura 11].

[143] Recuperado de: https://www.gam.cl/conocenos/edificio-gam/historia , em 02 de janeiro de 2023.
[144] *Inauguración Unctad III.* Recuperado de: http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-128020.html , em 26 jul. 2023. Os desaparecimentos de pessoas e de obras de arte foram constantes durante a ditadura civil-militar chilena. Entre eles, podemos citar o caso desse *mural* confeccionado pelas arpilleiristas da Ilha Negra. Ao contrário de muitas e muitos desaparecidas/os, o mural foi encontrado quase 50 depois. Recuperado de: https://gam.cl/conocenos/somos/sala-de-prensa/prensa/el-hallazgo-de-la-desaparecida-obra-de-la-unctad/ , em 26 de julho de 2023.
[145] *Viaje en el Winnepeg de la familia Bru.* Recuperado de: http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-99394.html , em 26 de julho de 2023.

Figura 10 –
UNCTAD III (abril e maio de 1972).



Fonte: Miguel Lawner[146].

Como veremos no *Capítulo 3 – A Programação da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972*, o prédio da UNCTAD III continua a ser apontado como a sede ou uma das sedes do acontecimento em questão. Inclusive, essas duas versões foram citadas na intitulada nova versão da Mesa-Redonda de Santiago, intitulada “*Revisiones del pasado, problemáticas del presente y desafios del futuro. Encuentro y reflexión crítica sobre el rol de los museos desde LAC al mundo”*[147], realizada nos dias 20 de maio, 6, 7 e 8 de junho, no Centro Cultural

[146] Recuperado de: https://www.gam.cl/conocenos/edificio-gam/historia , em 02 de janeiro de 2023.

[147] “La nueva edición de la Mesa de Santiago, organizada por el Comité Chileno de Museos (ICOM Chile), la Oficina Regional de Educación para América Latina y el Caribe (OREALC/UNESCO Santiago), el Servicio Nacional del Patrimonio Cultural, la Universidad de Chile, LAB Museos, la Universidad Austral, el Museo Interactivo Mirador y el Museo Histórico Nacional, busca revisitar la historia e identificar las tendencias actuales y las oportunidades conjuntas de desarrollo en el campo de la museología con participación activa de las comunidades. Este encuentro cuenta con el apoyo del Ministerio de las Culturas, las Artes y el Patrimonio de Chile (MINCAP), de la Alianza Regional del ICOM de países de América Latina y el Caribe (ICOM-LAC) y del Centro Cultural Gabriela Mistral (GAM)”. Recuperado de: https://www.museoschile.gob.cl/mesa-redonda-de-santiago/noticias/inauguracion-de-la-conmemoracion-de-la-mesa-redonda-de-santiago, em 25/07/2023. Parte da programação dos dias 6, 7 e 8 estão disponíveis na página da OREALC/UNESCO Santiago do *Youtube*:

Gabriela Mistral – GAM, localizado no antigo edifício da UNCTAD III/Centro Cultural Metropolitano Gabriela Mistral/Edifício Diego Portales.

Figura 11 –
Bombardeio do Palácio La Moneda, no dia 11 de setembro de 1972.



Fonte: Portal Brasil 247[148].

Ainda sobre o edifício da UNCTAD III/Centro Cultural Metropolitano Gabriela Mistral ter sediado a MRSC, ou parte dela, eu gostaria de citar uma entrevista realizada em 1972 com Irma Cáceres [vide Anexo 2], Secretaria Ejecutiva del Centro Metropolitano Gabriela Mistral. Em determinado momento Irma Cáceres cita alguns eventos realizados no local após a realização da UNCTAD III, porém, em momento algum aparece a Mesa-Redonda de Santiago do Chile no rol das atividades realizadas no local em 1972. A sede dos trabalhos da MRSC continua a ser um dos mistérios que rondam o acontecimento de maio de 1972, como veremos no *Capítulo 3 – A Programação da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972*.

Após um incêndio, em março de 2006, parte do Governo chileno posicionou-se a favor da venda da área para a especulação imobiliária. Contudo, graças à pressão de alguns setores da sociedade, como o Sindicato de la Construcción, Excavadores, Alcantarilleros, cidadãos e arquitetos, o edifício foi recuperado e reformulado no Governo da presidenta Michelle Bachelet (2006-2010), para sediar o atual Centro Cultural Gabriela Mistral – GAM, inaugurado em 2010, no Governo de Sebastián Piñera (2010-2014) (Maulén, 2016).

---

https://www.youtube.com/watch?v=Js4ysfEwBHs ; https://www.youtube.com/watch?v=9xDez56OUrE ; https://www.youtube.com/watch?v=zwN1tbWeRHE ; https://www.youtube.com/watch?v=2Y4ArMMPF2g.

[148] Recuperado de: https://www.brasil247.com/mundo/11-de-setembro-a-ultima-missao-de-salvador-allende , em 06 de janeiro de 2023.

Ao destacar a UNCTAD III e o edifício construído para sediá-la, eu quero reafirmar que a Mesa-Redonda de Santiago foi um acontecimento pequeno numericamente e realizado com e para especialistas em museus, observadoras/es, além de quatro expositores de outras áreas do conhecimento. Além da UNCTAD III ocorreu também no mesmo período e com uma repercussão na mídia local também superior à MRSC, a inauguração do Museo de la Solidaridad, como veremos a seguir.

1.3 El Museo de la Solidaridad

No dia 17 de maio de 1972 foi inaugurado o Museo de la Solidariedad[149], atual Museo de la Solidaridad Salvador Allende[150]. Um dos principais responsáveis pelo projeto foi o crítico de arte e político brasileiro Mário Pedrosa, exilado no Chile naquele momento. Nesse dia, não se estava a inaugurar a sede ou a instituição, mas uma exposição no Museu de Arte Contemporânea da Universidade do Chile[151], localizado no Parque Quinta Normal [Figuras 12 e 13] com dezenas de obras doadas por artistas de vários países do mundo ao projeto em andamento.

[149] As/os pesquisadoras/es da Sociomuseologia precisam se debruçar na obra de Mário Pedrosa e no projeto do Museo de la Solidaridad. Ao longo da minha pesquisa encontrei alguns artigos, uma tese, algumas publicações, todavia, nada relacionada a nossa Escola de Pensamento. Gostava de citar algumas obras interessantes (e que eu tive acesso) para as/os futuras/os pesquisadoras/es, o Catálogo da Exposição *Museu da Solidariedade Salvador Allende: estéticas, sonhos e utopias dos artistas do mundo pela liberdade: tributo a Mário Pedrosa* curadoria de Emanoel Araújo; texto crítico Patrício M. Zárate (2007); a publicação *Museo de la Solidaridad Salvador Allende: Estéticas, sueños y utopias de los artistas de Brasil por la libertad: nuevas donaciones*, proyecto y organización do artista e curador brasileiro Emanoel Araújo (2010); Mário Pedrosa y el CISAC: configuraciones afectivas, artísticas y políticas, de Claudia Cofré Cubillos, Francisco González Castro & Lucy Quezada Yáñez (2019); Mário Pedrosa: de la naturaliza afectiva de la forma, organizado por Gabriel Pérez-Barreiro e Michelle Sommer (2017) e o a tese *A opção museológica de Mário Pedrosa: solidariedade e imaginação social em museus da América Latina*, de Luiza Mader Paladino (2020).

[150] Inicialmente, o projeto foi denominado de Museo de Arte Moderno y Experimental (Cubillos, Castro & Yáñez, 2019, p. 18).

[151] "Durante los tres meses que duro la exposición, el público local recorrió la muestra con gran interés y en la prensa oficialista se publicaron imagenes de interminables colas de escolares esperando ingresar. La entrada era gratuida y se calculó una asistencia total de cien mil personas, una cifra extraordinaria para Chile en la época" (Cubillos, Castro & Yáñez, 2019, p. 55).

Figuras 12 e 13 –
[Paseo con niños] y [Chiquilla con mini], Parque Quinta Normal, Santiago, Chile, 1972.





Fotógrafo: Armindo Cardoso[152].

Criado no século XIX, o Parque Quinta Normal continua a ser uma das principais áreas verdes da Santiago e lugar de lazer da população, além de possuir em seu perímetro algumas importantes instituições museológicas, como o Museu Nacional de História Natural do Chile – MNHN e o Museu de Arte Contemporânea – MAC da Universidade do Chile. O Museo de la Memoria y los Derechos Humanos, inaugurado em 2010 pela então presidenta Michelle Bachelet fica a menos de cinquenta metros da entrada principal do Parque Quinta

[152] “Armindo Cardoso, fotógrafo portugués que vivió en Chile entre los años 1969 y 1973. Al cumplirse cuarenta años del golpe de Estado que derrocó al gobierno del Presidente Salvador Allende, las fundaciones Mário Soares y José Saramago levantaron una exposición con el material fotográfico que contiene gran parte de lo acontecido durante el Gobierno de la Unidad Popular. Cardoso se asiló en la Embajada de Venezuela en Chile y de ahí se fue a Francia, donde a posterior, se reencontró con su colección”. Informações e fotografias retiradas do sítio Biblioteca Nacional Digital de Chile. Recuperado de: http://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/635/w3-propertyvalue-250391.html , em 07 de janeiro de 2023.

Normal. Esses museus e o parque estão inseridos na "paisagem cultural delimitada pela percepção museológica" (Bruno, 2020, p. 23) da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972.

De acordo com Paladino (2020) e já sinalizado,

> "A iniciativa museológica coordenada por Mário Pedrosa não foi uma ação isolada. O Museu se integrou a uma constelação de instituições e empreendimentos culturais fomentados pela Unidade Popular como estratégia política e como forma de sedimentar a imagem do novo Chile ao mundo. Em compasso com a própria trajetória de Mário Pedrosa, o Museu da Solidariedade encarnou um perfil mais internacionalista, diferenciando-se da pauta latino-americanista do IAL e de seu diretor, Miguel Rojas Mix. Não obstante, ambas as entidades se uniram para criar uma frente ampla de apoio a Allende, que, a essa altura, sofria com o agravamento dos ataques vindos das elites chilenas e da mídia conservadora, com respaldo do governo norte-americano". (Paladino, 2020 p. 96)

É quase impossível não incluir a realização da MRSC em maio de 1972 como parte dessa frente ampla de apoio ao Governo de Salvador Allende, como já referido anteriormente e que retornaremos ao longo da tese. Porém, é importante destacar aqui a concepção e execução do projeto revolucionário do Museo de la Solidaridad capitaneado pelo Comité Internacional de Solidaridad Artística con Chile – CISAC[153] e pelo IAL, este último foi onde o crítico brasileiro Mário Pedrosa atuou como pesquisador e professor ao chegar no Chile, em 1970.

Sobre a relação de Mário Pedrosa com o Chile do Governo da Unidade Popular e sobre o projeto do Museo de la Solidaridad, eu gostava de citar uma passagem da obra já citada *Mário Pedrosa y el CISAC: configuraciones afectivas, artísticas y políticas*, de Claudia Cofré Cubillos, Francisco González Castro e Lucy Quezada Yáñez (2019):

> "Pedrosa contemplaba con admiración el processo chileno que, a diferencia del socialismo histórico ruso, se presentaba como un modelo que consideraba las experiencias passadas tanto en sus logros como en sus fracasos, para a partir de aquello desarrollar una propuesta nueva, basada en el llamado pluralismo democrático. Este modelo para impulsar el

[153] As pessoas que participaram do CISAC foram: "Harald Szeemann (Suiza), Giulio Carlo Argan (Italia), Sir Roland Penrose (Inglaterra), Edward de Wilde (Holanda), Jean Leymarie (Francia), Dore Ashton (Estados Unidos), José María Moreno Galván (España), Mário Pedrosa (Brasil-Chile), Aldo Pellegrini (Argentina), Juliusz Starzynsky (Polonia), Carlo Levi (Italia), Louis Aragon (Francia), Rafael Alberti (España), Mariano Rodríguez (Cuba) y Danilo Trelles (Uruguay-Chile). Dentro del CISAC, Pedrosa tuvo el cargo de presidente y Trelles el de secretario. Ahora bien, que existan estos nombres y estas funciones claras no implica en ningún caso que el CISAC pueda ser limitado a solo estas personas" (Cubillos, Castro & Yáñez, 2019, p. 59).

.

> desarrollo del país pretendía potenciar el sentimento latinoamericano de pueblos unidos contra el imperialismo y el capitalismo global, los que generaban una dependência cultural y económica, al tempo que frenaban el crecimiento e el desarrollo de los pueblos del Sur. En este sentido, el proyecto del museo moderno y experimental se pensaba en defensa de una revolución cuyo objetivo sería formar una colección internacional, creando un museo único en el globo, anti-imperialista y para los pueblos del Tercer Mundo”. (Cubillos, Castro & Yáñez, 2019, p. 55)

A citação chama a atenção para o caráter revolucionário do projeto do Museo de la Solidaridad e também para o pensamento político do crítico de arte brasileiro Mário Pedrosa, cuja militância o levou ao exílio mais de uma vez. Não podemos esquecer também que Pedrosa chegou no Chile com 70 anos de idade e toda uma práxis política, artística e museológica conhecida internacionalmente.

Artistas de várias partes do mundo doaram obras para o Museo de La Solidariedad con Chile, como Lygia Clark, Frans Krajcberg, Miró, Jesus Rafael Soto, Alexandre Calder, entre outras e outros (Zoli, 2011, p. 235). A artista brasileira e o polonês radicado no Brasil enviaram suas obras da Europa, onde residiam naquele momento. Artistas brasileiras/ros mandaram suas doações do Brasil, todavia, nunca chegaram ao seu destino e ainda hoje continuam desaparecidas. Como já mencionado anteriormente, as ditaturas civis-militares também são *experts* no desaparecimento de obras de arte.

A badalada inauguração contou com a presença do presidente chileno Salvador Allende. O caráter revolucionário do Museo de la Solidaridad foi destacado nos discursos [Anexo 3] de Allende e de Mário Pedrosa [Figuras 14 e 15].

Figuras 14 e 15 –
Discursos de Salvador Allende e Mário Pedrosa na inauguração do Museo de la Solidaridad, em 1972.



Fonte: Sítio Memória Chilena da Biblioteca Nacional Digital do Chile.

Sobre o caráter revolucionário do projeto Museo de la Solidaridad, eu gostava de destacar apenas dois pontos: todo o acervo foi doado para o povo chileno em solidariedade à experiência socialista colada em prática pelo Governo de Salvador Allende, da Unidade Popular e contra o imperialismo que tentava desestabilizá-la; toda/o artista podia doar uma obra, independente de ser conhecido ou não.

Após o golpe civil-militar, Mário Pedrosa, agora exilado no México[154], propõe converter o Museo de La Solidariedad con Chile em um museu itinerante, como ato de resistência ao projeto criado e pensado para o povo chileno, e não para os militares que usurparam o poder. Em seguida, foi criado um comitê denominado Museu da Resistência Salvador Allende e, com as obras doadas que continuavam chegando, foram realizadas exposições em diversos lugares da Europa. Com a redemocratização do Chile, em 1990, a instituição foi reorganizada e o renomeada Museu da Solidariedade Salvador Allende – MSSA (Zoli, 2011; Paladino, 2020).

Como veremos no Capítulo 3 – *A Programação da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972*, as/os participantes visitaram a exposição de inauguração do Museo de la Solidaridad con Chile no dia 23 de maio de 1972, dentro da Programação Externa do acontecimento de maio de 1972.

1.4 Visitar o passado no presente

Em maio de 2022, eu desembarquei no Chile pela primeira vez. Antes da viagem, procurei conhecer melhor a história do país, principalmente a partir da década de 1930; todavia, o resultado não foi muito promissor: de fato, eu conhecia muito pouco e o tempo disponível para me inteirar era escasso. Ainda assim, eu embarquei conhecendo um pouco Gabriela Mistral, Violeta Parra, Víctor Jara, Salvador Allende, Pablo Neruda, a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, Grete Mostny, o prédio da UNCTAD III, o Parque Quinta Normal e o Museo Nacional de Historia Natural de Chile, o projeto do Museo de la Solidaridad, os exílios dos brasileiros Paulo Freire e Mário Pedrosa, o artista chileno Pedro Lemebel e a performance do Colectivo Las Tesis “*Un violador en tu caminho*”[155], por meio

[154] “País que lo refugia gracias a las gestiones de Fernando Gamboa, museólogo que para el golpe se encontraba en Chile con las obras de la fallida exposición a inaugurarse el 13 de septiembre de 1973, titulada «Orozco, Rivera, Siqueiros. Pintura Mexicana». Gamboa gestiona que Pedrosa tome un avión hacia México aprovechando su própria salida de Chile con las obras traídas para la exposición” (Cubillos, Castro & Yáñez, 2019, p. 96).
[155] Recuperado de: https://www.youtube.com/watch?v=aB7r6hdo3W4 , em 13 de março de 2022.

de artigos, livros, filmes, vídeos e canções, e de alguns contatos, como o da pesquisadora Yocelyn Valdebenito e do presidente do ICOM-Chile, Leonardo Mellado. Também fui com duas indicações do professor Mario Chagas – UNIRIO, a educadora, liderança e diretora do Museo Mapuche de Cañete Mapuche, Juliana Paillalef, e o museólogo e discípulo de Grete Mostny, Miguel Ángel Azócar.

Antes da primeira viagem, eu já conhecia os horrores do golpe civil-militar e da ditadura implantada nesse país a partir do dia 11 de setembro de 1973, principalmente através dos livros *A Casa dos Espíritos* e *De Amor e de Sombra*, de Isabel Allende (2021; 1997), além dos filmes *Desaparecido – um grande mistério*, de Costa-Gravas (1982), *Machuca*, de Andrés Wood (2005).

O presente/passado me guiou pelas ruas e alamedas de Santiago durante as minhas duas viagens, em maio de 2022 e maio de 2023. Apesar de não ter vivido ou acompanhado os acontecimentos do Chile início da década de 1970, é impossível não pensar no Governo de Salvador Allende, da UP, e também não ter "una mirada afectiva e nostálgica" com esse período da história chilena; ao mesmo tempo, experimentar tristeza, raiva e um sentimento de injustiça por todas/os as/os cidadãs/ãos presas/os, torturadas/os, estupradas e desaparecidas/os após o golpe civil-militar de 11 de setembro de 1973.

Muitas canções representaram a esperança e os avanços durante o Governo da UP, assim como as violações dos direitos humanos pós golpe civil-militar de 1973, entre elas, a linda canção *Yo pisaré las calles nuevamente*, de 1976, do cantor e compositor cubano recentemente falecido Pablo Milanés[156] (1943-2022):

"Yo pisaré las calles nuevamente
De lo que fue Santiago ensangrentada
Y en una hermosa plaza liberada
Me detendré a llorar por los ausentes

Yo vendré del desierto calcínante
Y saldré de los bosques y los lagos
Y evocaré en un cerro de Santiago
A mis hermanos que murieron antes

Yo unido al que hizo mucho y poco
Al que quiere la patria liberada

[156] *Yo pisaré las calles nuevamiente*, do disco *La vida no vale nada* (1976), uma homenagem do cantor cubano Pablo Milanés ao povo chileno.

Dispararé de las primeras balas
Más temprano que tarde sin reposo

Retornarán los libros las canciones
Que quemaron las manos asesinas
Renacerá mi pueblo de su ruina
Y pagarán su culpa los traidores

Un niño jugará en una alameda
Y cantará con sus amigos nuevos
Y ese canto será el canto del suelo
A una vida segada en La Moneda

Yo pisaré las calles nuevamente
De lo que fue Santiago ensangrentada
En una hermosa plaza liberada
Me detendré a llorar por los ausentes

Yo pisaré las calles nuevamente
De lo que fue Santiago ensangrentada
En una hermosa plaza liberada
Me detendré a llorar por los ausentes”. (Milanés, 1976)

Ensangrentada, ausentes, ruina, La Moneda, segada, patria liberada, traidores, libros, canciones, asesinas, culpa etc. palavras presentes na canção de Pablo Milanés (1976) me acompanharam durantes as minhas duas viagens de campo. Apesar de toda as mudanças na capital chilena ao longo dos cinquenta e um anos após a MRSC é impossível para nós que admiramos esse país, principalmente, a partir da tentativa de implementação do socialismo por via democrática durante o Governo da UP percorrermos suas calles y alamedas sem lembrar de Santiago nesse período, assim como não lembrarmos do ódio das/os facistas que tomaram o poder através do golpe civil-militar de 11 de setembro de 1973. Não é possível pesquisar e escrever sobre a MRSC sem explicitar as configurações sociais daquele período, até porque, ela não teria acontecido sem o apoio e a organização do Governo da UP. Como afirma Cristina Bruno (2020), “os direitos às memórias consistem na identificação dos exílios dos vestígios, no apagamento das marcas patrimoniais e, sobretudo, na necessidade de revisões de compreensões histórico-culturais herdadas” (Bruno, 2020, p. 26). Identificar/mapear esses “exílios dos vestígios” e revisar/ampliar as configurações sociais que permitiram a realização da Mesa-Redonda de Santiago foi o que eu tentei ao longo da pesquisa e escrita da tese.

A pesquisa bibliográfica realizada ao longo desses quase três anos e os caminhos percorridos nas duas viagens de campo em 2022 e 2023 contribuiram irreversivelmente/ substancialmente com o meu sentimento de pertencimento à América Latina, suas alegrias, suas dores, suas revoltas, seus esquecimentos, suas resistências e esperanças. Porém, esse pertencimento não está preso apenas ao passado, ao que foi e poderia ter sido. Ele está também nas lutas e resistências de mulheres como Juana Paillalef, no Colectivo Las Tesis, na vida e obra do multiartista Pedro Lemebel (1952-2015), conhecidas/os durante a pesquisa de doutoramento.

Como referido anteriormente, o professro Mario Chagas sugeriu que eu procurasse a diretora do Museo Mapuche de Cañete, a liderança Juana Paillalef [Figura 16]. Todavia, ao entrar em contato, ela me respondeu que não estava mais na direção do referido museu. Ainda assim, eu insisti em encontrá-la, todavia, a distância de aproximadamente 600 km entre Santiago e Cañete[157] impossibilitou a concretização do nosso encontro. A partir da nossa troca de *e-mails* e mensagens através do *WhatsApp*, eu procurei conhecer melhor o pensamento de Juana Paillalef e o trabalho desenvolvido por ela durante sua gestão no Museo Mapuche de Cañete[158]. Por último, o Grupo de Estudos MINA – Museologias Insurgentes en Nuestra América[159], ligado à Cátedra UNESCO-ULUSÓFONA “Educação, Cidadania e Diversidade Cultural”, da Universidade Lusófona, em Lisboa, Portugal a convidou para participar do #MusaFórum#10 Museus e Educação Permanente, juntamente com a professora Marcele Pereira da Universidade Federal de Rondônia – UNIR e o professor Álamo Pimentel da UFSB. Todavia, no dia do seminário [7 de julho de 2022], não foi possível a participação da professora Juana Paillalef devido à falha na conexão da *internet*.

[157] Atualmente, o Chile está dividido em 16 Regiões [Arica y Parinacota, Taparacá, Antofagasta, Atacama, Coquimbo, Valparaíso, Metropolitana de Santiago, Libertador General Bernardo O’Higgins, Maule, Ñuble, Biobío, La Araucanía, Los Ríos, Los Lagos, Magallanes y Antártica Chilena], 57 províncias e 346 comunas, essas últimas são equivalentes aos munícipios brasileiros. Cañete é uma Comuna da Província de Arauco, localizada na Região de Biobío.

[158] Para conhecer o trabalho da professora Juana Paillalef (2007), eu sugiro a leitura do texto *Del Objeto al Sujeto: experiência comunitária* oriundo do IX Seminario de Patrimonio Cultural, organizado por la Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos – DIBAM.

[159] O Grupo MINA, do qual eu participo programou para o ano de 2022 uma série de seminários em homenagem aos 50 Anos da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972. Escolhemos abordar os mesmos temas debatidos no acontecimento de 1972. Devido a importancia das eleições presidenciais de outubro de 2022 [o genocida x Lula], não foi possível realizar os cinco seminários previstos, além dos quatro temas da MRSC, nós decidimos realizar um seminário com o objetivo de nos inteirarmos sobre as comemorações previstas para acontecerm no Chile ao longo do ano de 2022. Sobre os *cards* dos seminários vide Anexo 4.

Figura 16 –
A educadora e liderança Mapuche Juana Paillalef, s.d.



Fonte: Arquivo Pessoal de Juana Paillalef.

Além da necessidade e vontade de pesquisar no país que sediou a MRSC, outro fator foi decisivo para a minha viagem de campo de maio de 2022, a vitória do candidato da coalizão de esquerda Apruebo Dignidad, Gabriel Boric, em 19 de dezembro de 2021. Provavelmente, eu não iria ao Chile caso o candidato da direita [Frente Social Cristiana], José Antonio Kast tivesse sido eleito presidente, principalmente por suas posições muito parecidas ao então presidente brasileiro Jair Bolsonaro. As manifestações de outubro de 2019, conhecidas como «estallido social» e a brutal repressão do governo Sebastian Piñera (2018-2022) ainda estavam muito presentes, por isso, só após a vitória de Gabriel Boric e a convocação de uma nova assembleia constituinte, eu decidi comprar as minhas passagens para maio de 2022.

Pouco li e assisti sobre o «estallido social» em 2019, logo depois fomos assoladas/os pela pandemia COVID-19. Foi graças a obra *Chile em Chamas: a revolta antineoliberal* (2021) que entendi o seu real significado. Foi através dessa obra que eu ouvi falar pela primeira vez da *Performance Un violador en tu camino*[160] do Colectivo Las Tesis (2019)

[160] Performance colectivo Las Tesis "Un violador en tu camino". Recuperado de: https://www.youtube.com/watch?v=aB7r6hdo3W4 , em 28 de julho de 2023.

formado por Sibila Sotomayor, Daffne Valdés, Paula Cometa Stange e Lea Cáceres[161] [Figura 17].

> “Un violador en tu camino
>
> El patriarcado es un juez, que nos juzga por nacer y nuestro castigo es la violencia que no ves.
> El patriarcado es un juez, que nos juzga por nacer y nuestro
> castigo es la violencia que ya ves.
> Es feminicidio.
> Impunidad para el asesino.
> Es la desaparición.
> Es la violación.
> Y la culpa no era mía, ni dónde estaba, ni cómo vestía.
> Y la culpa no era mía, ni dónde estaba, ni cómo vestía.
> Y la culpa no era mía, ni dónde estaba, ni cómo vestía.
> Y la culpa no era mía, ni dónde estaba, ni cómo vestía.
> El violador eras tú.
> El violador eres tú.
> Son los pacos [policías].
> Los jueces.
> El estado.
> El presidente.
> El estado opresor es un macho violador.
> El estado opresor es un macho violador.
> El violador eras tú.
> El violador eres tú.
> Duerme tranquila niña inocente, sin preocuparte del bandolero, que
> por tus sueños dulce y sonriente vela tu amante carabinero.
> El violador eres tú.
> El violador eres tú.
> El violador eres tú.
> El violador eres tú". (Colectivo Las Tesis, 2019)

[161] Recuperado de: https://www.lavoz.com.ar/numero-cero/un-violador-en-tu-camino-por-que-nos-estremece-esta-cancion-con-poder-feminista/ , em 28 de julho de 2023.

Figura 17 –
Convocação do Colectivo Las Tesis, Chile, s.d



Fonte: página Las Tesis (*Instagram*[162]).

Ainda sobre o meu tímido giro pelo Chile no presente/passado, eu não posso deixar de relatar o meu assombro ao conhecer o multiartista chileno Pedro Lemebel (1952-2015) [Figura 18]. A primeira vez que eu ouvi falar de Lemebel foi através da escritora e atriz argentina Camila Sosa Villada, autora do livro *O parque das irmãs magníficas* (2022), antes da minha primeira viagem em maio de 2022. Provavelmente, eu fui a última pessoa LGBTQIAPN+ do Brasil que não o conhecia[163]. Viajei com uma lista de títulos de Pedro Lemebel para comprar e retornei com alguns títulos como *Tengo Miedo Torero* (2021a)[164] e *Adiós Mariquita Linda* (2022).

[162] Recuperado de: https://www.instagram.com/lastesis/ , em 28 de julho de 2023.
[163] Em 2023, foi lançada no Brasil a primeira obra de Pedro Lemebel (2023), *Poco Hombre*.
[164] O livro *Tenho Medo Toureiro* foi adaptado para o cinema pelo cineasta Rodrigo Sepúlveda (2020), disponível no *Amazon Prime Video*. Existe também um documentário maravilhoso intitulado *Lemebel*, dirigido pela cineasta Joanna Repois Garibaldi (2019), disponível no mesmo serviço de *streaming*.

Figura 18 –
Pedro Lemebel, s.d.



Fonte: Folha de São Paulo[165].

Crítico feroz do regime militar chileno, assim como do machismo e homofobia reinante nas esquerdas em geral[166], como atesta o seu *Manifiesto (Hablo por mi diferencia)*

[165] Recuperado de: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/06/cronicas-de-pedro-lemebel-resgatam-verve-radical-da-comunidade-lgbtqia.shtml , em 29 de julho de 2023.
[166] No dia 30 de julho, eu encontrei o vídeo no *Youtube* intitulado Intervención Gabriel Boric [na época deputado], homenaje al escritor Pedro Lemebel (2015). Recuperado de: https://www.youtube.com/watch?v=pcsudu3yZvE , em 30 de julho de 2023.

“lido como intervenção em um ato político da esquerda chilena em setembro de 1983, em Santiago (Lemebel, 2023, p. 48):

“Manifiesto (Hablo por mi diferencia)

No soy Pasolini pidiendo explicaciones
No soy Ginsberg expulsado de Cuba
No soy un marica disfrazado de poeta
No necesito disfraz
Aquí está mi cara
Hablo por mi diferencia
Defiendo lo que soy
Y no soy tan raro
Me apesta la injusticia
Y sospecho de esta cueca democrática
Pero no me hable del proletariado
Porque ser pobre y maricón es peor
Hay que ser ácido para soportarlo
Es darle un rodeo a los machitos de la esquina
Es un padre que te odia
Porque al hijo se le dobla la patita
Es tener una madre de manos tajeadas por el cloro
Envejecidas de limpieza
Acunándote de enfermo
Por malas costumbres
Por mala suerte
Como la dictadura
Peor que la dictadura
Porque la dictadura pasa
Y viene la democracia
Y detrasito el socialismo
¿Y entonces?
¿Qué harán con nosotros compañero?
¿Nos amarrarán de las trenzas en fardos
con destino a un sidario cubano?
Nos meterán en algún tren de ninguna parte
Como en el barco del general Ibáñez
Donde aprendimos a nadar
Pero ninguno llegó a la costa
Por eso Valparaíso apagó sus luces rojas
Por eso las casas de caramba
Le brindaron una lágrima negra
A los colizas comidos por las jaibas
Ese año que la Comisión de Derechos Humanos
no recuerda
Por eso compañero le pregunto
¿Existe aún el tren siberiano
de la propaganda reaccionaria?
Ese tren que pasa por sus pupilas

Cuando mi voz se pone demasiado dulce
¿Y usted?
¿Qué hará con ese recuerdo de niños
Pajeándonos y otras cosas
En las vacaciones de Cartagena?
¿El futuro será en blanco y negro?
¿El tiempo en noche y día laboral
sin ambigüedades?
¿No habrá un maricón en alguna esquina
desequilibrando el futuro de su hombre nuevo?
¿Van a dejarnos bordar de pájaros
las banderas de la patria libre?
El fusil se lo dejo a usted
Que tiene la sangre fría
Y no es miedo
El miedo se me fue pasando
De atajar cuchillos
En los sótanos sexuales donde anduve
Y no se sienta agredido
Si le hablo de estas cosas
Y le miro el bulto
No soy hipócrita
¿Acaso las tetas de una mujer
no lo hacen bajar la vista?
¿No cree usted
que solos en la sierra
algo se nos iba a ocurrir?
Aunque después me odie
Por corromper su moral revolucionaria
¿Tiene miedo que se homosexualice la vida?
Y no hablo de meterlo y sacarlo
Y sacarlo y meterlo solamente
Hablo de ternura compañero
Usted no sabe
Cómo cuesta encontrar el amor
En estas condiciones
Usted no sabe
Qué es cargar con esta lepra
La gente guarda las distancias
La gente comprende y dice:
Es marica pero escribe bien
Es marica pero es buen amigo
Súper-buena-onda
Yo no soy buena onda
Yo acepto al mundo
Sin pedirle esa buena onda
Pero igual se ríen
Tengo cicatrices de risas en la espalda
Usted cree que pienso con el poto

Y que al primer parrillazo de la CNI
Lo iba a soltar todo
No sabe que la hombría
Nunca la aprendí en los cuarteles
Mi hombría me la enseñó la noche
Detrás de un poste
Esa hombría de la que usted se jacta
Se la metieron en el regimiento
Un milico asesino
De esos que aún están en el poder
Mi hombría no la recibí del partido
Porque me rechazaron con risitas
Muchas veces
Mi hombría la aprendí participando
En la dura de esos años
Y se rieron de mi voz amariconada
Gritando: Y va a caer, y va a caer
Y aunque usted grita como hombre
No ha conseguido que se vaya
Mi hombría fue la mordaza
No fue ir al estadio
Y agarrarme a combos por el Colo Colo
El fútbol es otra homosexualidad tapada
Como el box, la política y el vino
Mi hombría fue morderme las burlas
Comer rabia para no matar a todo el mundo
Mi hombría es aceptarme diferente
Ser cobarde es mucho más duro
Yo no pongo la otra mejilla
Pongo el culo compañero
Y ésa es mi venganza
Mi hombría espera paciente
Que los machos se hagan viejos
Porque a esta altura del partido
La izquierda tranza su culo lacio
En el parlamento
Mi hombría fue difícil
Por eso a este tren no me subo
Sin saber dónde va
Yo no voy a cambiar por el marxismo
Que me rechazó tantas veces
No necesito cambiar
Soy más subversivo que usted
No voy a cambiar solamente
Porque los pobres y los ricos
A otro perro con ese hueso
Tampoco porque el capitalismo es injusto
En Nueva York los maricas se besan en la calle
Pero esa parte se la dejo a usted

Que tanto le interesa
Que la revolución no se pudra del todo
A usted le doy este mensaje
Y no es por mí
Yo estoy viejo
Y su utopía es para las generaciones futuras
Hay tantos niños que van a nacer
Con una alíta rota
Y yo quiero que vuelen compañero
Que su revolución
Les dé un pedazo de cielo rojo
Para que puedan volar”. (Lemebel, 2023, pp. 43-48)

Pedro Lemebel foi também um crítico do colonialismo e do imperialismo como atesta a performance do coletivo Yeguas de Apocalipsis (1989)[167], *La Conquista de América* [Figura 19].

Figura 19 –
La Conquista de América, performance de Yeguas del Apocalipsis [Pedro Lemebel e Francisco Casas], Comisión Chilena de los Derechos Humanos, Santiago, 1989.



Foto de: Paz Errázuriz[168].

Na página Yeguas del Apocalipsis[169], a performance está assim descrita:

[167] Formado pelos artistas Pedro Lemebel e Francisco Casas Silva.
[168] Recuperado de: http://www.yeguasdelapocalipsis.cl/1989-la-conquista-de-america/ , em 30 de julho de 2023.
[169] Recuperado de: http://www.yeguasdelapocalipsis.cl/1989-la-conquista-de-america/ , em 30 de julho de 2023.

> “El 12 de octubre de 1989, fecha en la cual se conmemora el «día de la raza» en los países hispano-americanos en referencia a las víctimas de la colonización española, las Yeguas del Apocalipsis realizaron una intervención en la Comisión Chilena de los Derechos Humanos titulada, La Conquista de América. Pedro Lemebel y Francisco Casas vestidos con pantalones negros, a torso desnudo (sobre el que tenían aderido un personal estéreo) y pies descalzos, bailaron una cueca sobre un mapa de América del Sur, que a su vez había sido cubierto con vidrios rotos de botella de coca-cola. Trazando un paralelo entre el processo colonial de la “Conquista” y el soporte que imperialismo norteamericano habría brindado a los gobiernos militares latinoamericanos, el objeto de la performance era la denuncia de las matanzas que las distintas dictaduras del cono sur ejecutaran en sus respectivos territorios y aludía especialmente a la situación de Chile bajo la ditadura militar. Las Yeguas del Apocalipsis citaron la «cueca sola», acto simbólico de apropriación del baile nacional por las madres, esposas e hijas de detenidos desaparecidos, quienes al bailar solas señalizaban la ausencia de sus familiares varones”.

A atualidade do pensamento de Pedro Lemebel continua a me espantar. A performance *La Conquista de América* acima referida, assim como sua obra podem vir a ser fontes de inspiração para a Sociomuseologia, pois abordam temas imprescindíveis para o presente/futuro dessa escola de pensamento, como críticas ao colonialismo, ao imperialismo e aos genocídios do passado/presente na América Latina.

Ainda sobre o artista chileno, ao ler sua obra *Adiós Mariquita Linda* (2022) descobri a crônica *La momia del cerro El Plomo* inspirada na múmia existente no Museu Nacional de História Natural – MNHN [Figura 20]. Segundo Francisco Mouat (2007), “el hallazgo de la hoy famosa momia de un niño inca en el cerro El Plomo, en 1954, marcó un hito en la carrera arqueológica de Grete Mostny en Chile” (Mouat, 2007, p.8). Não foi possível descobrir se Pedro Lemebel conheceu a história da múmia do cerro El Plomo no MNHN ou através da leitura de alguma matéria jornalística ou texto de Grete Mostny. Eu prefiro fabular uma visita do artista à instituição onde Grete Mostny atuou como arqueóloga, antropóloga e curadora durante anos. Como a crônica não possui o ano que foi escrita, eu prefiro fabular um encontro de Pedro Lemebel e de Grete Mostny na área da exposição de longa duração ou na Biblioteca Abate Molina do Museo Nacional de Historia Natural de Chile – MNHN[170]. E após conhecê-la, Pedro Lemebel se perguntar como uma senhora estrangeira e judia conseguiu dirigir o

[170] O encontro a partir da fabulação aconteceu antes de 1982, data da aposentadoria da curadora do MNHN, Grete Mostny.

museu mais antigo do Chile e naquele período o mais importante, ou como ela conseguiu permanecer à frente dessa instituição após o golpe civil-militar de 11 de setembro de 1973. Podemos continuar a fabular o momento que Pedro Lemebel ouviu no rádio ou ao leu no jornal a notícia da morte de Grete Mostny em 1991 em decorrência de um câncer e sem imaginar que essa mesma doença o mataria em 2015, vinte e quatro anos depois da morte da arqueóloga.

Figura 20 –
Grete Mostny e a momia de un niño Inca en el cerro El Plomo, Santiago, n.d



Foto de: Frans Stoppelman171.

[171] Recuperado de: https://es.wikipedia.org/wiki/Frans_Stoppelman , em 01 de agosto de 2023.

Ao trazer Juana Paillalef, o Colectivo Las Tesis e Pedro Lemebel para uma tese sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972, eu quis enfatizar que suas vidas e suas obras [quase totalmente desconhecidas no Brasil e em Portugal] com suas lutas contra os colonialismos, o imperialismo, o patriarcalismo, os genocídios, o machismo, o racismo, a destruição das florestas, o facismo e a LGBTQIAPN+fobia, no passado/presente/futuro, entre outras, são [ou deveriam ser] também as bandeiras, das/os profissionais de museus, museólogas/os, pesquisadoras/es da nossa área. E apesar dessas pautas não aparecerem explicitamente na Declaração de Santiago, elas estão lá, como veremos no *Capítulo 4 – A Palo Seco: uma «mirada nostálgica e ingenua» sobre a Declaração de Santiago.*

Figura 21 –
A Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972



Fonte: Anthony Cainãa Pacheco, 2023

CAPÍTULO 2 – "MESA REDONDA DE SANTIAGO DE CHILE: UN HITO REVOLUCIONARIO DE LA MUSEOLOGÍA"

Meu real é mais absurdo que minha fantasia.
O presente é a soma de nostalgias, agora irremediáveis.
A memória suporta o passado por reinventá-lo
incansavelmente.
Tento espantar o presente balbuciando uma nova palavra.
Tudo é maio, tudo é seco, tudo é frio.

Vermelho Amargo, Bartolomeu C. de Queirós (2017)

O título deste capítulo é uma homenagem à obra *Mesa Redonda de Santiago de Chile: un hito revolucionario de la museología*, da escritora chilena Javiera Cádiz Pinares (2022)[172]. Como a autora e muitas/os das autoras/es aqui citadas/os, eu reitero a importância do acontecimento para os museus e para as diversas Museologias e a Sociomuseologia em particular na América Latina e em Portugal.

Segundo Javiera Cádiz Pinares (2022),

> "de manera visionaria, se hicieron planteamientos que aún hoy siguen vigentes, y se sentó una base teórica desarrollada mancomunadamente entre museólogos latinoamericanos y especialistas de diversas áreas que pensaron en conjunto el rol social de los Museos". (Pinares, 2022, p. 18)

[172] Soube do livro quando cheguei a Santiago, em maio de 2022. Javiera Cádiz Pinares participou da programação do Día Internacional de los Museos [18 de maio de] de 2022, organizado pelo ICOM-Chile, com a conferência *El poder del fin del mundo y análisis de la Mesa Redonda de Santiago de Chile, a partir de una experiencia en la Isla Navarino*. Infelizmente, eu não pude assistir nessa data, pois tinha um compromisso agendado anteriormente para o mesmo dia e horário na Biblioteca e Archivo do Museo Nacional de Historia Natural de Chile. Posteriormente, entrei em contato com a autora para saber onde adquirir o livro em Santiago e também combinar uma conversa em Viña del Mar, no seu local de trabalho, a Escuela de Desarrollo Social do Instituto Profesional da Universidade Andrés Bello. Nosso encontro aconteceu no dia 24 de maio de 2022. Não foi uma entrevista, mas uma conversa sobre o livro lançado recentemente e a minha pesquisa, as minhas dúvidas, os meus quereres e as minhas desilusões relacionadas ao trabalho de campo no Chile. Também levei a publicação, para que ela autografasse.

O caráter visionário citado pela autora é algo interessante para pensarmos a Mesa-Redonda de Santiago e sua Declaração [Figura 22][173], ponto que será retomado no *Capítulo 4 – A Palo Seco: uma «mirada nostálgica e ingenua» sobre a Declaraçao de Santiago.* O que importa aqui é saber que não estamos sozinhos e que apesar das críticas atuais, existem outras pessoas que continuam a pensar o acontecimento de maio de 1972 como um marco histórico para os museus e as Museologias. O posicionamento da autora não é algo compartilhado pela maioria das/os profissionais da nossa área no Chile; eu diria que Javiera Cádiz Pinares nada contra a corrente nas águas geladas do Pacífico, oceano que banha o litoral chileno e as cidades de Viña del Mar e Valparaíso e que formam a nossa “paisagem cultural delimitada pela percepção museológica” (Bruno, 2020, p. 23) da Mesa-Redonda de Santiago do Chile[174].

Figura 22 –
Desenho de Coral Ordoñez, s.d.



Fonte: Archivo Histórico del Museo Nacional de Antropología.

[173] Disponibilizada pela professora mexicana Letícia Pérez Castellanos, da Escuela Nacional de Conservación, Restauración y Museografía del Instituto Nacional de Antropología e Historia – INAH. A Figura 22 é um desenho da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972, da arquiteta mexicana Coral Ordoñez – que, apesar de não ter participado do referido acontecimento, foi a única pessoa, pelo menos que eu conheço, que realizou um registro posterior sobre o acontecimento de maio de 1972. Coral Ordoñez desenhou nove figuras humanas sentadas ao redor de uma mesa, todas do sexo masculino; todavia, como veremos adiante, tivemos a participação de mulheres e o número total de participantes foi bem maior do que o representado no desenho. A arquiteta foi uma das profissionais-chave responsáveis pela criação do projeto La Casa del Museo, do Museo Nacional de Antropología – MNA (Castellanos, 2020).

[174] Como veremos no *Capítulo 3 – A Programação da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972*.

Sobre a epígrafe deste capítulo, posso afirmar que ela diz muito sobre a minha pesquisa como um todo, especialmente com este capítulo. A obra *Vermelho amargo*, do escritor Bartolomeu Campos de Queirós (2017), é um dos livros mais lindos e impactantes que li nos últimos anos. O texto entra na nossa vida para nunca mais nos deixar; precisa ser lido e relido anualmente, pois é impossível decifrá-lo numa única leitura. Poético, afetuoso e dilacerante, a obra-prima de Bartolomeu Campos de Queirós aborda a saudade, as memórias e os exílios familiares. O que tem isso com a Mesa-Redonda de Santiago do Chile? Tudo, eu diria: “real”, “fantasia”, “memória”, “passado”, “reinvenção”, “maio”, “dor”, “morte”, “a cor vermelha” e “frio” nos remetem ao acontecimento de maio 1972 e também às minhas duas viagens de campo, em maio de 2022 e 2023, 50 e 51 anos depois da MRSC.

2.1 Antecedentes da MRSC

Após dois seminários na América Latina, a UNESCO/ICOM e o Governo do Chile organizaram a Mesa Redonda sobre la Importancia y el Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporáneo, mais conhecida como Mesa-Redonda de Santiago de Chile, realizada entre os dias 20 e 31 de maio de 1972.

Em 1958, aconteceu, no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, o Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus. Estiveram representados os seguintes países latino-americanos: Argentina, Brasil, Chile, Cuba, Equador, México, Paraguai e Venezuela. Além destes, estavam presentes Estados Unidos, Países Baixos e França. Outros países latino-americanos foram convidados, todavia, não enviaram representantes: Bolívia, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, Nicarágua, Panamá, Peru, República Dominicana e Uruguai (Riviere, 2019).

Em 1962, foi realizado, na Cidade do México, o Seminário Regional da UNESCO: O Museu é um Centro Cultural no Desenvolvimento da Comunidade. Os países latino-americanos participantes foram: Argentina, Brasil, República Dominicana, Equador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela. Além deles, Canadá, Estados Unidos e França.

O número de países latino-americanos presentes nos dois seminários difere um pouco: enquanto no Rio de Janeiro participaram apenas oito países, na Cidade do México, 12 países estiveram presentes. Provavelmente, a diferença esteja relacionada tanto à geografia, o

que pode facilitar ou não a participação de alguns países e/ou deva-se aos interesses políticos-culturais dos respectivos países. É interessante observar que o tema do Seminário Regional da UNESCO – O Museu é um Centro Cultural no Desenvolvimento da Comunidade –, de certo modo, dialoga com o tema da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, realizada 10 anos depois. A questão desenvolvimentista era recorrente nos países do terceiro mundo ao longo do século XX, principalmente a partir da década de 1940.

Depois de dois seminários regionais na América Latina, por que a Unesco organizou, juntamente com o ICOM e o Governo chileno, uma mesa-redonda? Por que não um terceiro seminário? Hugues de Varine respondeu a essa pergunta em 1995, durante o Seminário A Museologia Brasileira e o ICOM: convergências ou desencontros? realizado em São Paulo. Na sua apresentação, *A respeito da Mesa-Redonda de Santiago (minhas lembranças da aventura de Santiago)*, Varine (1995; 2010; 2012) disse o seguinte:

> "Desde o início, nos pareceu evidente que não seria possível repetir o modelo de organização das reuniões precedentes, nas quais um grupo de especialistas museólogos, majoritariamente europeus ou norte-americanos, falava de maneira mais ou menos dogmática, em francês ou inglês, aos "colegas" locais. A América Latina de 1972 era a dos grandes museus do México, de Cuba, do Brasil, da Argentina, que não tinham lições a receber". (Varine, 1995, p. 17; 2010, p. 38; 2012, p. 143)

Além da própria diferença entre as duas modalidades, o importante aqui é evidenciar as mudanças entre os dois primeiros seminários, em 1958 e 1962 e a MRSC, em 1972, de suma importância para a singularidade deste último. O formato escolhido pela UNESCO/ICOM para o acontecimento de maio de 1972 será discutido ao longo deste capítulo.

Paralelamente, a decisão da UNESCO de realizar uma mesa-redonda na América Latina e a escolha do Chile para sediá-la são dois pontos interdependentes que eu considero importantes, mas que não estão assim tão evidentes na bibliografia e nos documentos existentes sobre a MRSC. A explicação de Varine diz respeito a uma etapa posterior, ou seja, após o convite da UNESCO, em 1971, ao ICOM para participar da organização da MRSC, em maio de 1972.

Segundo Grete Mostny (1972) e Miguel Ángel Azócar (2007), a origem da MRSC está na 16ª Conferência Geral da UNESCO, realizada em Paris, entre os dias 12 de outubro e 14 de novembro de 1970. Por outro lado, no relatório final, o diretor da Mesa-Redonda,

Héctor Fernández Guido (1973/2012), afirma que a origem é um pouco anterior; todavia, engloba também a 16ª Conferência Geral da UNESCO, realizada em 1970.

Ainda segundo Guido (1973/2012, p. 118), “Por meio da resolução 3.345 contida no documento 15 C/5, o Diretor-Geral foi autorizado (...) (a) fomentar o desenvolvimento de museus nos Estados-Membros (...) (b) promovendo a adaptação dos museus às necessidades do mundo contemporâneo”[175]. Como desdobramento dessa resolução, a UNESCO organizou o Simpósio Internacional sobre o Museu no Mundo Contemporâneo, realizado em 1969, em sua sede, em Paris, França[176]. Um dos temas abordados nesse simpósio foi “o papel e o lugar do museu no mundo contemporâneo”. Posteriormente, na 16ª Conferência Geral da UNESCO, em 1970, foi aprovada a Resolução 3.42, que autoriza o diretor-geral a apoiar os Estados-membros no que diz respeito ao desenvolvimento dos museus, inclusive organizando mesas-redondas internacionais (Guido, 1973/2012, p. 118),

Ainda sobre a Resolução 3.42, Guido diz o seguinte:

> “O Plano de Trabalho relativo a essa resolução prevê a organização, em um Estado-membro da Unesco, em 1972, de uma mesa-redonda reunindo representantes de diferentes categorias de museus, educadores e cientistas,

[175] Agradeço ao pesquisador Yazid Costa por disponibilizar as Actas da 15ª Asemblea General, Paris, 1968, onde consta a Resolução 3.345, “*Mejoramiento de los museos*
Se autoriza al Director General, a fomentar, en los Estados Miembros, en colaboración con las organizaciones internacionales, regionales y nacionales competentes, tanto oficiales como privadas,
el mejoramiento de los museos:
a) Estimulando el intercambio de información sobre el desarrollo de los museos, en especial mediante la publicación de manuales y de la revista trimestral *Museum,* y el canje de objetos originales entre museos;
b) Facilitando la adaptación de los museos a las necesidades del mundo contemporáneo;
c) Prestando asistencia a los Estados Miembros para la formación de especialistas en conservación y restauración de los bienes culturales y en técnicas museológicas, y en particular:
i) Manteniendo la asistencia al Centro Regional Experimental de Jos (Nigeria), encargado de la formación de museólogos africanos, facilitándole, con este objeto, en 1969-1970 una subvención y servicios por valor de 76 000 dólares como máximo, quedando entendido que la ayuda de la Unesco al Centro cesará a fines de 1970;
ii) Manteniendo la asistencia al Centro Regional de la América Latina para el Estudio de la Conservación y Restauración de los Bienes Culturales de México, con objeto de formar especialistas en la materia, y concediéndole, con este objeto, en 1969-1970 una subvención, y prestándole servicios por valor de 47 000 dólares como máximo, quedando entendido que la ayuda de la Unesco al Centro cesará a fines de 1976; y
d) Participando en las actividades de mejoramiento de los museos de los Estados Miembros que lo pidan”. Recuperado de: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000114047_spa , em 14 de agosto de 2023.

[176] Para Costa (2017, p. 37), a MRSC “foi um evento ocorrido como decorrência de discussões promovidas no Simpósio Internacional sobre os Museus no Mundo Contemporâneo, realizado em Paris entre os dias 24 e 28 de novembro de 1969 e que contou com a participação do uruguaio Héctor Fernández Guido, que, posteriormente, iria participar da Mesa-Redonda de Santiago do Chile”.

> para discutir o desenvolvimento de técnicas especializadas para disseminar, por meio do museu, a compreensão das ciências, inclusive as ciências sociais, bem como o papel dos museus na educação ao longo da vida". (Guido, 1973/2012, p. 118)

Ou seja, os temas debatidos na MRSC já estavam delineados desde a segunda metade da década de 1960 em eventos internacionais tanto da UNESCO quanto do ICOM (Scheiner, 2012). Entre elas, podemos citar a Conferência Geral do ICOM, em 1971, em Paris e Grenoble. Segundo Varine (1995; 2010; 2012)[177], nesse evento, foi afirmada a "importância do meio ambiente na vocação dos museus, surgimento da dimensão 'política' no conceito do museu, etc." (Varine, 2010, p. 38).

E tanto Grete Mostny (1972), como Miguel Ángel Azócar (2012), Héctor Fernández Guido (1973/2012) e Yazid Costa (2017) têm razão em relação às origens do acontecimento de maio de 1972, apenas optaram por pontos de partida diferentes. O que fica nítido é que os assuntos abordados [temas] durante os trabalhos da MRSC já vinham sendo debatidos anteriormente.

Por último, ainda cabe colocar algo que eu julgo importante para entender o(s) porquê(s) da realização do acontecimento em Santiago, em 1972. Afinal, o país andino foi convidado ou se ofereceu para sediar a MRSC? Para responder, é necessário recorrer novamente às configurações sociais do Chile no ano de 1970. De antemão, Grete Mostny (1972, p. 3), afirma que foi "por invitación del Gobierno de Chile Santiago fue elegido como sede de reunión". Héctor Fernández Guido (2012 [1973], p. 118), no *Relatório Final* da Mesa-Redonda de Santiago escreveu o seguinte: "em resposta a um convite do Governo do Chile, a mesa-redonda foi realizada em Santiago do Chile, de 20 a 30 de maio de 1972". Após as duas respostas tentamos mapear quando exatamente foi feito o convite do Governo chileno

[177] Esse texto de Hugues de Varine aparece em três publicações: a primeira vez em 1995, publicado na brochura *A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos*, organizado por Maria Cristina Oliveira Bruno e Marcelo Araújo; a segunda vez, em 2010, publicado no livro O *Icom-Brasil e o pensamento museológico brasileiro: documentos selecionados*, vol.2, organizado por Maria Cristina Oliveira Bruno; a terceira vez, em 2012, na publicação do IBRAM & Programa Ibermuseos organizada por José do Nascimento Júnior, Alan Trampe e Paula Assunção dos Santos. Na primeira publicação, o texto aparece com o título *A respeito da Mesa-Redonda de Santiago*; na segunda, o título é igual ao primeiro, apenas com o acréscimo do ano, *A respeito de Santiago do Chile (1972)*; na terceira, há uma pequena alteração no título, *Em torno da Mesa-Redonda de Santiago*. Nessa última publicação, há uma nota com a seguinte informação, no final do texto: "Data: início dos anos 2000. Intervenção por ocasião de uma reunião em São Paulo" (Varine, 2012, p. 144). Ou seja, apesar do erro em relação ao ano, Varine está a se referir ao seminário realizado em São Paulo, em 1995, publicado no mesmo ano e também em 2010.

e qual foi a data da decisão da UNESCO, o porquê do convite do Chile para sediar a MRSC ou mesmo se tivemos outros países da América Latina que se candidataram.

De 12 de outubro a 14 de novembro de 1970, período de realização da 16ª Conferência Geral da UNESCO, em Paris, temos uma configuração social bem singular relacionada à situação política chilena. Eduardo Frei Montalva, da Democracia Cristã, governou o país até a posse do novo presidente, Salvador Allende, da UP, no dia 4 de novembro, ou seja, temos dois presidentes durante a 16ª Conferência Geral da UNESCO. Qual deles fez o convite para sediar a mesa-redonda à UNESCO? Não consegui decifrar o enigma totalmente durante a minha pesquisa.

Em decorrência dessa singularidade, – um evento cuja definição do país-sede coincide com dois Governos diferentes no Chile, – inicialmente, não foi possível confirmar se foi no Governo do presidente Eduardo Frei Montalva ou no Governo do presidente Salvador Allende [recém-eleito]. O que, de antemão, pode parecer certo preciosismo, não é. São projetos políticos muito diferentes e importantes para entender a MRSC.

Ainda sobre a escolha do Chile para sediar a próxima mesa-redonda da UNESCO, Varine (2012)[178] disse o seguinte:

> “Nessa época [em 1971], a UNESCO, na minha pessoa, faz a proposta ao ICOM de organizar a próxima Mesa Redonda em Santiago do Chile em 1972. Minha amiga da UNESCO, Raymonde Frin, e eu tivemos a ideia de organizar a Mesa Redonda na América Latina, para América Latina, com latino-americanos – uma inovação total da UNESCO naquele tempo – sobre o tema clássico: “o papel dos museus no mundo contemporaneo”. (Varine, 2012, p. 86)

Nesse trecho, também fica evidente que, em 1971, todos/as já sabiam que o Chile sediaria a Mesa-Redonda de Santiago do Chile. Todavia, esse fato não responde se a escolha/definição do Chile foi no Governo da Democracia Cristã ou no Governo da Unidade Popular.

Apenas em maio de 2023, durante a minha segunda viagem ao Chile esse ponto foi elucidado. Ao verificar novamente os documentos disponíveis [digitalizados] do Archivo Historico Administrativo – AHA, localizado na Biblioteca Abate Molina do Museo Nacional

[178] Durante a *Conferência III – Homenagem aos 40 anos da Mesa-Redonda de Santiago no Chile*, realizada no 5º Fórum Nacional de Museus, em 2012, na cidade de Petrópolis-RJ.

de Historia Natural de Chile – MNHN, encontrei uma carta[179] da curadora Grete Mostny endereçada ao então diretor do ICOM, Hugues de Varine, datada no 18 de março de 1971, um dos trechos me chamou a atenção naquele momento, mesmo eu não entendendo françês, o idioma da carta,

> “Il y a un mois, on m'a appelé du Ministère des Affaires Etrangères a cause de la depêche d'Unesco et inmédiatement on a offert le Chili comme siège du séminaire regional. Je saivais tout à coup que c'était votre oeuvre et merci beaucoup. Mais just maintenant je n'ai pas reçu aucune reponse et le Ministère non plus. J’éspère que le seminaire sera ici. Ça m'aidera beaucoup. Quand croyez-vous qu' il aura lieu?”. (Mostny, 1971)[180]

Provavelmente, a narrativa sobre esse ponto é: o diretor do ICOM, Hugues de Varine, juntamente com Raymonde Frin [e talvez, Grete Mostny] pensaram na possibilidade de o Chile sediar a próxima mesa-redonda da UNESCO. Essa última, enviou o despacho para a Embaixada do Chile na França[181] e essa para o Ministério das Relações Exteriores do Chile. Grete Mostny é chamada ao Ministério [talvez com o diretor da DIBAM] para conversar sobre o despacho e o possível aceite do Governo chileno. Após a defesa contundente de Grete Mostny sobre a importância de o Chile sediar essa mesa-redonda, aliada a política externa do Governo Allende de atrair congressos, encontros e seminários externos para o país, além do interesse em promover “un fuerte sentido latinoamericanista y antiimperialista” delineado no Programa Basico de Gobierno de la Unidade Popular[182], elas/eles ofereceram sediar a mesa-redonda. O mais importante e que precisa sem destacado é que o «martelo foi batido» no Governo Salvador Allende, da Unidade Popular, mesmo diante da possibilidade que o Governo chileno tenha sido sondado anteriormente no Governo Eduardo Frei[183]. Outros

[179] *AHA_183_044 C-38* Carta para Hugues de Varine-Bohan.
[180] “Há um mês, fui chamada ao Ministério das Relações Exteriores por causa do despacho da UNESCO e oferecemos imediatamente o Chile como sede do seminário regional. Eu soube imediatamente que o senhor tinha algo a ver com isso e lhe agradeço muito. Mas até agora não recebi nenhuma resposta e nem o ministério. Espero que o seminário aconteça aqui. Isso vai me ajudar muito. Quando você acha que vai acontecer?” (Mostny, 1971). Tradução: Nathalie Pavelic.
[181] Pablo Neruda assumiu o cargo de Embaixador do Chile na França em março de 1971, o mesmo mês do envio da Grete Mostny a Hugues de Varine.
[182] Recuperado de: http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-7738.html , em 15 de agosto de 2023.
[183] Apesar de não possuir informações se a primeira sondagem para sediar a MRSC foi realizada durante o Governo de Eduardo Frei Montalva, da Democracia Cristã, a partir dos fragmentos biográficos de Grete Mostny, pode-se afirmar que ela tinha força suficiente para convecer o presidente Eduardo Frei Montalva da importância de sediar um acontecimento como a MRSC, apesar ter assumido a direção do Museo Nacional de Historia Natural do Chile em outubro de 1964, um mês antes do início do mandato do referido Governo, ela permaneceu no cargo durante todo o seu Governo, além do mais, Grete Mostny era colega do então ministro da Educação Pública do Chile, Juan Gómez Millas (1964-1968).

possíveis interesses envolvendo o Governo do Chile e Grete Mostny estão delineados na tese de Luiza Mader Paladino (2020) e também na carta referida anteriormente[184].

Sobre a disposição do Governo chileno [Salvador Allende] de sediar a MRSC, podemos fabular, a partir de outras e outros pesquisadoras/es, como Luiza Mader Paladino (2020, p. 96), que escreveu o seguinte “o Museu [de la Solidaridad] se integrou a uma constelação de instituições e empreendimentos culturais fomentados pela Unidade Popular como estratégia política e como forma de sedimentar a imagem do novo Chile ao mundo”. Ao seguir essa pista, por que não pensar o mesmo em relação à mesa-redonda?

Paladino (2020) não inclui a Mesa-Redonda de Santiago do Chile no rol dessas instituições, até porque o acontecimento de 1972 não era um dos objetivos da sua pesquisa, todavia, ela faz alguns comentários, como veremos adiante. O que importa aqui sinalizar que sediar uma mesa-redonda internacional de museus latino-americanos, juntamente com a UNESCO/ICOM pode ter sido também uma questão estratégica para o Governo chileno naquele momento (1971), da mesma forma que outros eventos daquele período.

Como já referido anteriormente, antes da vitória de Salvador Allende, da UP, a *CIA* dos Estados Unidos trabalhou incansavelmente para desmoralizar o candidato e seu Programa Básico de Governo e após a vitória de Allende continuou o seu jogo sujo, principalmente por meio do financiamento escancarado da mídia conservadora chilena, mais especificamente o principal jornal do país, o *El Mercúrio* (Paladino, 2020, p. 110). Com o objetivo de frear os ataques, o governo chileno criou “a Operación Verdad, uma estratégia de contrainformação, ocorrida em abril de 1971, que convidou intelectuais, políticos, músicos, artistas e críticos estrangeiros para conhecerem as transformações em curso no governo Allende” (Paladino, 2020, p. 110).

Não temos informações para inserir o aceite, em 1971 e a realização da mesa-redonda, em 1972 como estratégias da Operação Verdade em si, todavia, é bem provável que o aceite e a realização foram alguns dos seus desdobramentos.

No dia 16 de outubro de 2022, ao ler o artigo *A cincuenta años de las políticas culturales de la Unidad Popular: enseñanzas y derivas críticas para pensar el proceso constituyente en Chile*, de Tomás Peters (2020), uma passagem me chamou a atenção:

[184] AHA_183_044 C-38 Carta para Hugues de Varine-Bohan.

> “Desde el 3 de noviembre de 1970 – día en que Allende inició el ejercicio de su cargo como presidente de Chile – se pusieron en obra las políticas culturales de la Unidad Popular. Por medio de diferentes registros de acción y decisión política, se dio passo al fortalecimiento de procesos en curso y a la creación de otros nuevos. Es complejo describir satisfactoriamente todos los planes y programas implementados durante el gobierno de Allende. En efecto, son variados las/os autoras/es que han trabajo con profundidad esta trayectoria y ofrecen una lectura reciente y sistemática del caso (Albanoz, 2005; Bowen, 2008; Canto, 2012; Zamorano, 2016; Chavarría y Sepúlveda, 2016; Chavarría et al, 2018; Briceño, 2020; Alonso y Sánchez, 2020). En sus estudios, es posible advertir la sumatoria de planes y programas que, en aquellos años, se implementaron en el país bajo los esfuerzos de una serie de agentes comprometidos con el proyecto socialista de la Unidad Popular. Como evidencia de aquello, es posible mencionar la creación del Departamento de Cultura de la Presidencia de la República, el fortalecimento a las Universidades en sus labores de extensión cultural, el relevamiento del interés público y cultural de los canales de televisión y medios de comunicación, la fundación del Instituto de de Arte Latinoamericano de la Universidade de Chile, la creación del edifício de la UNCTAD – hoy Centro Cultural Gabriela Mistra –, la consolidación de la Nueva Canción Chilena (Mecsherry, 2017), la masificación del Muralismo por las calles del país (Baumann, 2013), la creación de la Editorial Quimantú y su función clave para la difusión del libro (Facuse, Molina y Yáñez, 2018), el reforzamiento del cine chileno vía ChileFilmes, la fundación a través de donaciones de artistas internacionales del Museo de la Solidaridad, las numerosas exposiciones realizadas en el Museo de Arte Contemporáneo y el Museo Nacional de Bellas Artes en relación al proceso revolucionario, la elaboración de la Mesa Redonda de Santiago de Chile sobre los museos y su rol social, la ejecución del “Tren de la Cultura”, los “Centros de Cultura Popular” y el “Grupo Motivador de Comunicaciones en Terreno” – también identificados popularmente como “Los Saltamontes” – y así un largo de acciones imposible de enumerar satisfactoriamente aqui”. (Peters, 2020, p. 312)

Apersar de longa, a citação acima evidencia a cena cultural do Chile durante o Governo de Salvador Allende (1970-1973), da Unidade Popular. O mais importante aqui é o fato de que o texto de Tomás Peters foi o único da bibliografia sobre o Chile nesse período e sobre a Mesa-Redonda de Santiago que a inclui como um acontecimento da política cultural do Governo chileno, juntamente com outras já mencionadas até aqui, como a criação do edifício da UNCTAD III, o Museo de la Solidariedad, a criação do Instituto de de Arte Latinoamericano – IAL, de la Universidade de Chile, entre outras.

Após a leitura e a surpresa por ter encontrado algo a relacionar a Mesa-Redonda de Santiago do Chile e as políticas culturais da UP, eu enviei um *e-mail* para o professor Tomás

Peters[185], no dia 18 de outubro de 2022, e perguntei qual era a fonte da informação sobre o acontecimento de 1972, pois ele tinha sido o primeiro autor a relacioná-las. Nós trocamos diversos *e-mails*; todavia, foi na resposta enviada no dia 20 de outubro que ele abordou mais diretamente a minha pergunta:

> “Hola Julio,
> Ahora entiendo tu pregunta. En ese párrafo yo más bien hago referencia a lo que estaba ocurriendo en materia cultural en la UP. La mesa de Santiago, efectivamente, no es parte de las políticas culturales de Allende, pero sí estaba muy sincronizada con los postulados del gobierno. Es más, se realizó en el ese entonces Centro Cultural Metropolitano Gabriela Mistral – hoy GAM –, que era un espacio emblemático de la UP. Al igual como dices, no hay registros y GAM no tiene, en sus archivos, ninguna evidencia fotográfica del encuentro. Esto es, sin duda, una pena.
> Pero, como te digo, la mesa de Santiago la sitúo más bien como un ejemplo del “contexto de debates” del rol de las artes en la sociedad.
> Un abrazo y seguimos en contacto!
> Tomás”. (Peters, 2022)

A resposta foi um balde de água fria, pois eu já estava seguro de que, finalmente, tinha encontrado alguém que afirmava o que eu já suspeitava; todavia, a explicação do professor foi um tanto dúbia e contradiz-se com o trecho do artigo citado anteriormente. Apesar de tudo, pelo que vimos até aqui, penso que os temas abordados na Mesa-Redonda de Santiago do Chile possuem elementos indissociáveis das políticas culturais do Governo de Salvador Allende e que o aceite e a realização também condizem com a Operação Verdade criada em 1971 como estratégia de contrainformação.

Sobre o/os interesse/s da antropóloga, arqueóloga, professora da Universidade do Chile e curadora do Museu Nacional de Historia Natural, Grete Mostny[186] (1971), ela fez uma breve e enigmática referência no trecho da carta citada anteriormente e endereçada a Hugues de Varine: “J’espère que le séminaire aura lieu ici. Ça m'aidera beaucoup”[187]. Como a realização da futura mesa-redonda a ajudaria? Não tenho uma resposta, mas fragmentos dispersos citados ao longo da tese que podem inspirar outras/os pesquisadoras/es interessadas/os.

[185] Tomás Peters é professor assistente da Facultad de Comunicación e Imagen de la Universidad de Chile.
[186] Retornarei esse ponto no *Capítulo 6 – A Coordenadora da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, la doctora Grete Mostny (1914-1991).*
[187] “Espero que o seminário aconteça aqui. Isso vai me ajudar muito” (Mostny, 1971). Tradução: Nathalie Pavelic.

Atento-me brevemente para alguns fatos importantes sobre Grete Mostny e suas relações com o ICOM e os museus chilenos. Em primemeiro lugar, não podemos esquecer que a conservadora Grete Mostny, do Museu Nacional de História Natural – MNHN, era uma pessoa de dentro do ICOM. Além do mais, era reconhecida e respeitada no Chile [e internacionalmente também] como antropóloga, arqueóloga e museóloga. No período de 27 de julho a 9 de agosto de 1968, em Colônia e Munique, na Alemanha, durante a 8ª Conferência Geral do ICOM, Grete Mostny foi eleita Secretária do Comitê Internacional para Formação de Pessoal de Museus (Azocar & Ruiz, 1993, p. 16).

Ainda em 1968, Grete Mostny criou o Centro Nacional de Museologia – CNM, anexo ao MNHN, que funcionou até 1974. Existe uma carta de Gilberto Concha Riffo, pseudônimo de Juvencio Valle, diretor da DIBAM, endereçada ao ministro da Educação, Mario Hugo Astorga Gutiérrez, datada de 8 de julho de 1971[188], em que afirma que outro “resultado de la existencia del Centro Nacional de Museología es que UNESCO ha elegido a Chile como sede de un Seminario Internacional sobre el Rol de los Museos en el Mundo Contemporáneo, que se celebrará en Santiago em Mayo de 1972”. Aqui aparece outra informação sobre a data da definição do Chile como sede da futura MRSC, 8 de julho de 1971 já estava definida a sua realização, daí a levar em conta a data da carta de Grete Mostny a Hugues de Varine, 18 de março de 1971, podemos afirmar que o «martelo foi batido» entre os meses de março e julho de 1971.

Cabe destacar ainda que Grete Mostny assumiu a direção do mais importante, e também mais antigo –, museu do país [Figura 23] daquela época, ainda em 1964, um mês antes da posse do Governo de Eduardo Frei Montalva, continuou na direção durante o Governo de Salvador Allende e a ditadura, até 1982, quando «solicitou»[189] sua aposentadoria (MNHN, 2014). A permanência de Grete Mostny à frente do Museu Nacional de História Natural por um período tão longo sinaliza não apenas a sua competência como gestora,

[188] Nº 1032, ano 1971, Fondo Dibam do Archivo Nacional de Chile.
[189] Não foi bem uma solicitação como veremos no *Capítulo 6 – A Coordenadora da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972, la doctora Grete Mostny (1914-1991)*.

antropóloga, arqueóloga e museóloga, mas também suas relações sociais no Chile, como internacionalmente.

Figura 23 –
MNHN, Anthony Pacheco, 2023.



Fonte: O autor.

Também não podemos esquecer que o Chile naquele momento possuía algumas configurações sociais singulares que de alguma forma contribuíram com a sua escolha para sediar a mesa-redonda de 1972, entre elas podemos citar, de Grete Mostny e a sua atuação no ICOM, assim como presidir a representação do ICOM no Chile, a existência do Centro Nacional de Museologia e especialmente, o momento politico do Chile naquele momento governado pela Unidade Popular. Também não podemos esquecer que a capital do país, Santiago, sediava a Oficina Regional de Educación para a América Latina y el Caribe – OREALC/UNESCO Santiago e também a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe – CEPAL, da Organização das Nações Unidas – ONU, que poderiam colaborar na organização e realização da mesa-redonda.

2.2 A publicação do Ibram e Programa Ibermuseos: *Mesa Redonda sobre la Importancia y el Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporáneo*

Penso que o processo que deu origem à publicação do IBRAM e Programa Ibermuseos: *Mesa Redonda sobre la Importancia y el Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporáneo* [Figuras 24 e 25], organizada por José do Nascimento Júnior, Alan Trampe e Paula Assunção dos Santos (2012), merece uma pesquisa aprofundada no âmbito da Sociomuseologia, tanto pelos inúmeros méritos quanto por alguns deslizes. Nesta tese eu não

pretendo avançar demasiadamente, gostava apenas de deixar algumas pistas para futuras/os pesquisadoras/es.

Figuras 24 e 25 –
Volumes I e II da publicação do IBRAM & Programa Ibermuseos:
Mesa Redonda sobre la Importancia y el Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporáneo, 2012.



Fonte: Ibermuseos[190].

Pela primeira vez, os documentos primários relacionados à Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972 foram disponibilizados numa publicação e em quatro idiomas, espanhol, português, francês e inglês. Não podemos esquecer que muitos países e departamentos do Caribe e também da América do Sul falam francês e inglês, como Haiti, Barbados, Jamaica, Guiana, Guiana Francesa [o Departamento Ultramarino da França], entre outros. Realmente a publicação acertou ao incluir o francês e o inglês e assim ampliar o acesso desses países e territórios à publicação, além de ampliar as nossas redes.

Alguns dos documentos disponibilizados nessa publicação estavam dispersos ou soterrados em arquivos no Chile e na França e foram reunidos e escavados pela investigadora Paula Assunção, na França e pelo investigador Alan Trampe e a sua equipe no Chile. Segundo

[190] Recuperado de: http://www.ibermuseos.org/pt/recursos/publicacoes , em 12 de janeiro de 2023.

uma das coordenadoras da publicação[191], Antía Vilella (2021), "o processo de elaboração foi uma parceria do Programa Ibermuseos, IBRAM, Movimento Internacional para uma Nova Museologia – MINOM e colaboração da Subdireção de Museus do Chile. O processo todo foi muito corrido, principalmente, pelos prazos necessários para o lançamento da publicação"[192]. De certa forma, esse fato elucida algumas lacunas sobre a documentação encontrada e disponibilizada, inclusive a ausência de imagens sobre as/os participantes durante os trabalhos no acontecimento de maio de 1972, um dos mistérios da MRSC.

Durante a minha primeira viagem de campo, em maio de 2022, eu encontrei algumas páginas dos documentos disponibilizados na publicação do IBRAM & Programa Ibermuseos (2012): *AHA_391_001 C-69 La Importancia y Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporáneo"* e *AHA_153_001 C-34 Museos en el Mundo Contemporáneo.* Os demais documentos encontrados não aparecem na referida publicação: *AHA_70_004 C-20 Expediente Documentos de Contaduría del Museo Nacional de Historia Natural*, *AHA_217_203 C-43 Carta para Mario Merino AHA_217_202 C-43 Carta para Vicepresidente Ejecutivo Sociedad Minera El Teniente*, *AHA_402_001 C-70 Mesa Redonda sobre la Importancia de los Museos*, *AHA_186_029 C-39 Expediente Mesa Redonda UNESCO sobre Museos*. Provavelmente, os documentos disponíveis [digitalizados] em 2022 não estavam em 2012 ou não interessaram à Alan Trampe e sua equipe, até porque nem todos os títulos estão relacionados diretemante à MRSC.

Apesar dos inúmeros méritos da obra *Mesa Redonda sobre la Importancia y el Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporáneo* (2012): volume 1 – *Mesa Redonda de Santiago de Chile, 1972* e volume 2 – *Revista Museum, 1973*, organizada por José do Nascimento Júnior, Alan Trampe e Paula Assunção dos Santos (2012), eu gostava de destacar três grandes ausências: a primeira, a falta de imagens das/os participantes durante os trabalhos e visitas externas, assim como no vol. 1; a segunda, a não publicação das transcrições [incompletas] dos debates da Mesa-Redonda de Santiago do Chile[193], o que acarretaria um

[191] Juntamente com Roberta Ribeiro. Na época da publicação, as duas trabalhavam na Unidad Técnica del Programa Ibermuseos, em Brasília, Brasil.
[192] Durante uma breve visita à nossa casa em Santa Cruz Cabrália, em dezembro de 2021, juntamente com o seu companheiro, Cássio Modesto Rosa.
[193] Documento digitalizado *AHA_402_001 C-70*, intitulado *Mesa Redonda sobre la Importancia de los Museos* disponível no Archivo Histórico Administrativo, localizado na Biblioteca Científica Abate Juan Ignacio Molina,

terceiro volume, pois esse documento possui 212 páginas; a falta de interesse em relação as/os observadores/as, segmento majoritariamente chileno.

O documento *AHA_402_001 C-70*, intitulado *Mesa Redonda sobre la Importancia de los Museos* [as transcrições] possui uma grande quantidade de informações de interesse para as Museologias e a Sociomuseologia em particular, todavia, apenas disponíveis para investigadoras/es chilenas/os ou estrangeiros com capital financeiro para se deslocar até Santiago do Chile[194]. Por tudo isso, a sua inclusão na publicação *Mesa Redonda sobre la Importancia y el Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporáneo*, do IBRAM & do Programa Ibermuseos (2012) teria facilitado o acesso das/os interessadas/os. Caberia ao IBRAM & Programa Ibermuseus publicar as transcrições e assim reparar essa ausência[195].

Por fim, antes de seguir considero importante explicitar alguns problemas referentes ao documento digitalizado *AHA_402_001 C-70*. Primeiro, a partir da leitura das transcrições ficou evidente que as falas dos animadores e os debates publicados pela referida publicação do Ibram & Programa Ibermuseos são resumos do que de fato foi discutido ao longo dos trabalhos da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em maio de 1972; segundo, muitos trechos das falas dos debatedores, das/os delegadas/os e das/os participantes não foram transcritas devido a problemas técnicos ou falta de compreensão das/os profissionais responsáveis pelas transcrições; terceiro, como já relatado, a ausência do material relacionado ao debate do tema *Los Museos y la Educacíon Permanente* do animador César Picón; quarto, notamos também as ausências das falas da delegada brasileira Lygia Martins Costa, do diretor do ICOM Hugues de Varine e da representante da UNESCO, Raymonde Frin, provavelmente porque as/os responsáveis pelas transcrições não compreendiam o português e o francês. É interessante observar que apesar do espanhol ter sido o idioma oficial do evento, o francês foi

do Museo Nacional de Historia Natural de Chile. É importante frisar que nesse documento não consta a transcrição da fala de César Picón e do debate posterior sobre a sua exposição.

[194] Por fim, ao acessar o documento *AHA_402_001 C-70*, intitulado *Mesa Redonda sobre la Importancia de los Museos* [as transcrições], eu cheguei a conclusão que seria impossível analisá-lo adequadamente no âmbito da minha pesquisa, principalmente pelo pouco tempo disponível para a finalização da pesquisa/tese. A análise do seu conteúdo requereria uma outra tese, por isso, escolhi seguir com o tema, as questões e os objetivos propostos e citar apenas alguns fragmentos importantes para a compreensão da tese final.

[195] Na minha segunda viagem de campo ao Chile, em maio de 2023, eu perguntei se podia disponibilizar o referido documento como anexo na minha tese, todavia, a responsável pelo Archivo Historico Administrativo disse que não.

falado em alguns momentos, pois nem Raymonde Frin e nem Hugues de Varine falavam espanhol.

Sobre as/os observadoras/es, eu penso que o aprofundamento naquele momento [2012], provavelmente encontraria algumas delas/es ainda vivas/os. Além de publicizar a história de vida do estudante do Centro Nacional de Museologia e o mais jovem participante da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972, como veremos no *Capítulo 8 – Oscar Eduardo Avello Avello (1954-1976): “soy una fotografia de un desaparecido”*.

Também gostaria de destacar a inclusão da *Revista Museum*, volume XXV, nº 3, 1973: *O papel do Museu na América Latina de hoje* na publicação do IBRAM e Programa Ibermuseos (2012). Ao lançar um número da Revista *Museum* em 1973 dedicada à Mesa Redonda sobre el Desarrollo y el Papel de los Museos en el Mundo Contemporáneo, a UNESCO/ICOM e parte da comunidade museológica mundial representada no Conselho Consultivo[196] reconheceram naquele momento a importância do acontecimento de maio de 1972.

Na *Nota Editorial* presente na publicação *Mesa Redonda sobre la Importancia y el Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporáneo* (2012) existe um breve resumo do processo que deu origem à referida publicação:

> “no início de 2012 a partir da ideia do Presidente do Comitê Intergovernamental do Programa Ibermuseus, José do Nascimento Junior, de convidar a presidente do Movimento Internacional para uma Nova Museología (Minom), Paula Assunção, para atuar como pesquisadora e organizadora de uma publicação sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile. Uma vez aceita a proposta, a pesquisadora iniciou os trabalhos pela busca dos arquivos existentes sobre a Mesa na Unesco. Paralelamente, a Direção de Bibliotecas, Arquivos e Museus do Chile, sob a coordenação do Subdiretor Nacional de Museus, Alan Trampe, mobilizou os recursos que estavam ao seu alcance para reunir todos os documentos originais

[196] O Conselho Consultivo da *Revista Museum*, vol. XXV, nº 3, 1973 era formado por: Om Prakash Agrawal, Índia; Sid Ahmed Baghli, Argélia; Raymonde Frin, França; Jan Jelinek, Tchecoslováquia; Michael Kustow, Reino Unido; Grace L. McCann Morley, diretor da Agência do ICOM para o Sudeste da Ásia; George Henri Riviere, consultor pemanente do ICOM, e Mario Vázquez, México. É interessante assinalar que, no Conselho Consultivo da revista, aparecem os nomes de uma mulher e de um homem que estiveram presentes, no ano anterior, na Mesa-Redonda de Santiago, em 1972 (1973/2012, p. 162).

> relacionados ao evento ocorrido em 1972”. (Nascimento, Trampe, & Santos, 2012, p. 153)

Aqui gostaria de destacar alguns pontos, primeiro, o protagonismo do Comitê Intergovernamental do Programa Ibermuseus, naquele momento sob o comando do Presidente do IBRAM, José Nascimento Júnior; segundo a participação da museóloga e Presidenta do MINOM, Paula Assunção como pesquisadora, juntamente com o Subdiretor Nacional de Museus da DIBAM, Chile, Alan Trampe. Essas três pessoas também são as responsáveis pela organização da referida publicação, como já mencionado. Apesar de não estar explícito, percebe-se que a realização da publicação envolveu diversas pessoas e instituições, algumas delas aparecem nos Creditos de La Publicación de la Década del Patrimonio Museológico e nos Agradecimientos (2012, p. 4) presentes no vol. 1 – Mesa Redonda de Santiago de Chile 1972[197].

Além das pessoas e instituições citadas anteriormente nos Creditos de La Publicación de la Década del Patrimonio Museológico e nos Agradecimientos do vol. 1 (2012, p. 4), nesse último aparece algo digno de destaque: “Hugues de Varine, especialista participante en la Mesa Redonda de Santiago de Chile y todos los participantes del evento en el año 1972 que condicionaron el devenir de la ciencia y práctica de la museología”. É importante tecer alguns comentários sobre esse trecho dos Agradecimientos, pois precisamos conversar e problematizar sobre o que nós delineamos como uma «Museología de la Desmemoria» inspirada na *Pedagogía de la Desmemória*, do autor argentino Marcelo Valko (2013).

[197] Além dos organizadores e da organizadora aparecem “Alan Trampe e Paula Assunção dos Santos (Investigación); Roberta Ribeiro e Antía Vilela, da Unidad Técnica del Programa Ibermuseos (Cordinación); Alvaro Marins, coordenador de Investigación e Innovación Museal do IBRAM (Asesoría Editorial); Nanci Pinho da Silva, Eduardo Pinillos e Guilherme Sattamini, da Unicad Técnica del Programa Ibermuseos (Producción); www.radiola.com.br (Proyecto Grafico y Diagramación); UNESCO, Christian Manhart, Jefe de la Dirección de Museos y Creatividad, Ian Denison, Jefe de Publicaciones de UNESCO, Isabelle Nonain-Semelin, Asistente de Publicación e Adele Archivista de Referencia” (2012, p. 4). Nos Agradecimentos (2012, p. 4), além das pessoas citadas nos Créditos, aparecem outros nomes e instituições, como “Ivana de Siqueira, directora de la Organización de los Estados Iberoamericanos – Oficina Regional de Brasil y todo su equipo; la Secretaría General Iberoamericana (SEGIB); la Agencia Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo (AECID); Madalena Palma, periodista de la Subdirección Nacional de Museos de Chile; la Biblioteca del Museo Arqueológico Nacional de la Subdirección Nacional de Museos Estatales de España; Ana Azor Lacasta y Raul Alonso Sáez, de la Subdirección General de Museos Estatales de España; Rose Miranda, Coordinadora General de Sistema de Información Museal del Instituto Brasileiro de Museus; Gisele Miranda de Melo, Técnica en Asuntos Culturales – Bibliotecaria Centro Nacional de Estudios y Documentacíon de Museologia (CENEDON) del Instituto Brasileiro de Museus”.

Ao nominar merecidamente Hugues de Varine e tratar todas/os as/os demais como participantes José do Nascimento Júnior, Alan Trampe e Paula Assunção invisibilizaram as/os latino-americanas/os responsáveis pela Declaração de Santiago. Apesar de aparecerem ao longo da publicação (vols. 1 e 2), aqui apenas Hugues de Varine recebeu a honra de ser nomidado. Talvez, tenha sido por causa da participação intensa de Hugues de Varine no projeto, inclusive com um vídeo gravado e disponibilizado na publicação. O que complica ainda mais, pois surge uma questão interessante para uma futura pesquisa, as/os participantes vivas/os foram convidadas/os também para gravarem vídeos, áudios ou depoimentos escritos? Hugues de Varine não era o único participante vivo naquele momento. Podemos citar pelo menos umas cinco ou seis pessoas que participaram da Mesa-Redonda de Santiago em maio de 1972 que estavam vivas em 2012, o debatedor peruano César Picón Espinoza, o delegado peruano Federico Kaufmann Doig (1928), a delegada colombiana Alicia Dussán de Reichel (1920-2023), o delegado mexicano Mario Vásquez (1923-2020), a delegada brasileira Lygia Martins Costa (1914-2020), a delegada boliviana Teresa Gisbert de Mesa (1926-2018), entre outras e outros[198].

Ao longo da pesquisa, eu tentei conversar com a organizadora da publicação do IBRAM e Programa Ibermuseos (2012), Paula Assunção e os outros organizadores José do Nasimento Júnior e Alan Trampe, todavia sem sucesso. Apesar da gentileza, Paula Assunção não aceitou o convite, pois não atua mais na área e está em outro momento da sua vida. O segundo aceitou, todavia, a conversa não fluiu. O terceiro, eu enviei um *e-mail* solicitando uma conversa durante a minha primeira viagem de campo ao Chile, em maio de 2022, todavia, ele não respondeu[199].

A publicação *Mesa Redonda sobre la Importancia y el Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporáneo* (2012) possui diversos méritos, entretanto, ao privilegiar um dos dois participantes que não falava espanhol os organizadores e a organizadora praticaram o que nós delineamos como uma «Museología de la Desmemória». Em 2012, 40 anos depois da Mesa-Redonda de Santiago do Chile e mesmo 50 anos depois nós brasileiras/os e chilenas/os ainda

[198] Poucos fragmentos biográficos foram escavados sobre as/os observadoras/es, provavelmente, muitas/os estavam vivas/os em 2012.

[199] Por outro lado, Alan Trampe me ajudou a contatar as/aos responsáveis de alguns museus chilenos, todavia, eu não posso deixar de sinalizar que quase todas/os são inacessíveis para encontros presenciais ou talvez, não tinham interesse no tema da minha pesquisa.

continuamos de costas para os demais países da América Latina, todavia de frente para a Europa, mais especificamente para a França.

Perdemos a última grande chance de mapear as ausências e coletar alguns fragmentos sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972 das/os participantes vivas/os naquele momento. Não podemos esquecer que José do Nascimento Júnior era naquele momento o Presidente do Comitê Intergovernamental do Programa Ibermuseus, criado em 2007 no I Encontro Ibero-americano de Museu, em Salvador, Bahia, Brasil, “herdeiro contemporâneo da Mesa Redonda de Santiago do Chile, realizada em 1972, e também dos aportes teóricos e práticos das denominadas museologia popular, museologia social, ecomuseologia, nova museologia e museologia crítica” (MINC/IPHAN, 2007, p. 5). Além disso, existia uma rede solidificada o suficiente para contactar e gravar depoimentos com as/os participantes em seus respectivos países e também verba para isso[200]. Apesar de todos os nossos avanços no campo dos museus e das Museologias, continuamos, inclusive com essa tese, a colecionar memórias e esquecimentos sobre a mítica Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972.



Algo de suma importância para as Museologias e para a Sociomuseologia, em particular, aparece na referida *Revista Museum – 1973* (2012): a interdisciplinaridade nas formações das e dos participantes da MRSC. Esses dados aparecem no final da publicação, com o título Autores (2012, pp. 205-206). Todas/os as/os que escreveram para a publicação possuem um pequeno texto, equivalente a um parágrafo, sobre sua trajetória profissional, além da nacionalidade e data de nascimento[201]. Como veremos adiante, nem todas/os as/os participantes da MRSC publicaram na mencionada revista, como o delegado mexicano Mario Vázquez e o debatedor peruano César Picón.

Entre as/os participantes latina/o-americanas/os presentes no acontecimento de maio de 1972, temos as seguintes áreas representadas: **Arquitetura** [Teresa Gisbert de Mesa,

[200] Pois como referido por uma das coordenadoras da publicação, Antía Vilela (2021), o maior problema foi o tempo curto para a execução do projeto.
[201] Os dados biográficos são insignificantes diante das trajetórias das/dos protagonistas do acontecimento. No entanto, não tinha como ser diferente, por se tratar de um periódico.

Hernán Crespo Toral, Jorge Enrique Hardoy]; **Urbanismo** [Jorge Enrique Hardoy]; **Arqueologia** [Alicia Dussán de Reichel, Raúl González Guzmán, Federico Kauddmann Doig, Grete Mostny, Luis Luján Muñoz]; **Antropologia** [Grete Mostny, Alicia Dussán de Reichel, Raúl González Guzmán, Luis Luján Muñoz]; **Engenharia Industrial** [Héctor Fernández Guido]; **Literatura** [Mario Teruggi]; **Física** [Héctor Fernández Guido]; **Biologia** [Luis Diego Gómez Pignataro]; **História da Arte** [Teresa Gisbert de Mesa, Lygia Martins-Costa]; **Linguística** [Mario Teruggi]; **Engenharia Agrícola** [Enrique Enseñat]; **Astronáutica** [Héctor Fernández Guido]; **Filosofia** [Raúl González Guzmán]; **Letras** [Raúl González Guzmán]; **Pedagogia** [Raúl González Guzmán]; **História** [Federico Kauddmann Doig, Luis Luján Muñoz]; **Folclore** [Luis Luján Muño]); **Mineralogia e Petrografia** [Mario Teruggi]; **Engenharia Elétrica** [Héctor Fernández Guido e **Botânica** [Luis Diego Gómez Pignataro] (1973/2012, pp. 205-206). Reitero que esses dados foram retirados do vol. 2 *Revista Museum* (1973/2012), por isso, não aparecem aqui as/os observadoras/es, como Genoveva Dawson de Teruggi e os debatedores César Picón e Mario Vásquez, esse último também delegado.

Cabe aqui destacar que todas/os as/os participantes eram profissionais de museus, principalmente os/as delegadas/os e muitas/os das observadoras/es, contudo, algumas dessas pessoas possuíam formação específica em Museologia, como: Hernán Crespo Toral, do Equador estudou Museologia na École du Louvre, em Paris; Raúl González Guzmán, do Panamá fez um curso de Museologia e Técnicas de Pesquisas Antropológicas no México; Federico Kaufmann Doig, do Peru cursou Museologia nos Estados Unidos, convidado pela Associação Americana de Museus; Lygia Martins-Costa, do Brasil estudou no Curso de Museus do Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro (1973/2012, pp. 205-206). Além das seguintes pessoas incluídas na lista de Observadores de Héctor Fernández Guido (2012 [1973], pp. 119-120): Margarita Castillo Pinto, Raraón Villarroel Gatica, Rene Vergara e Oscar Eduardo Avello Avello, museólogas/os formadas/os pelo Centro Nacional de Museologia.

Outro dado de suma importância é que muitas e muitos atuaram em salas de aula, tanto no Ensino Universitário quanto no Segundo Grau/Ensino Médio: Mario Teruggi, Lygia Martins-Costa, Grete Mostny, Luis Luján Muñoz, Jorge Enrique Hardoy, Raúl González Guzmán, Teresa Gisbert de Mesa, Héctor Fernández Guido, Enrique Enseñat, Alicia Dussán

de Reichel e Luis Diego Gómez Pignataro – o que, provavelmente, deve ter enriquecido o debate após a fala do peruano Césa Picón Espinoza, *Museu e educação ao longo da vida*, além de influenciado na elaboração da Declaração (1973/2012, pp. 205-206).

Mario Vásquez, do México e César Picón, do Peru não possuem textos na *Revista Museum – 1973* (2012), por isso não estão incluídos nos parágrafos anteriores, levando-se em conta que eu trabalhei a partir dos dados das/os autoras/es contidos no periódico. Todavia, estão assim identificados nas listas de Grete Mostny (1972/2012) e de Héctor Fernández Guido (1973/2012): Mario Vásquez, vice-diretor do Museu Nacional de Antropologia do México, o que deduzimos formação e/ou trânsito em Arqueologia, Antropologia e Museologia, e César Picón, diretor de Educação Escolar e Geral do Ministério da Educação, Peru, o que assegura, pelo menos, a formação em Pedagogia e/ou Educação.

E, por fim, é preciso comentar que o chileno Juan Gómez Millas não participou da Mesa-Redonda de Santiago, pois não aparece em nenhuma das duas listas. O seu nome aparece apenas nos dados das/os autoras/es da *Revista Museum – 1973* (2012). Ele foi convidado para escrever sobre Educação no lugar do peruano César Picón e o motivo é algo interessante para pesquisar. O que podemos assegurar é que a área da Educação foi representada no periódico pelo pedagogo, historiador, geógrafo, professor de Segundo Grau em Caracas, Venezuela, professor na Universidade do Chile, reitor na mesma universidade e também ministro da Educação do Chile em duas ocasiões (1973/2012, p. 206). Provavelmente, Grete Mostny foi a responsável pela indicação de Juan Gómez Millas para substituir César Picón, pois além de ter sido sua colega na Universidade do Chile, ela também esteve à frente do Museu Nacional de História Natural do Chile no período que Juan Gómez Millas foi Ministro da Educação Pública do Chile (1964-1968) e oito anos depois da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1980 casaram-se.

2.3 As/os Participantes

Apesar de muitas/os já terem sido citadas/os anteriormente, eu gostava de apresentar, resumidamente, as pessoas envolvidas diretamente no acontecimento de 1972 e disponíveis na publicação *Mesa Redonda sobre la Importancia y el Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporâneo, volume 1: Mesa Redonda de Santiago de Chile, 1972* (IBRAM & Programa

Ibermuseos, 2012). Na verdade, aparecem duas listas contendo os nomes das pessoas, dos países de origem e das instituições a que estavam vinculadas naquele momento[202].

A primeira lista é a da representante do Chile e coordenadora do acontecimento de maio de 1972, Grete Mostny (2012, p. 111). A lista citada foi retirada do artigo mencionado anteriormente, *O desenvolvimento e a importância dos museus no mundo contemporâneo: mesa-redonda organizada pela Unesco e pelo Governo do Chile*, publicado no *Boletim Mensal*, ano XVI, nº 190-191, maio-junho de 1972, Museu Nacional de História Natural, Santiago do Chile[203]. Penso que o referido artigo de Mostny (1972) foi a primeira publicação a abordar a Mesa-Redonda de Santiago, citar e divulgar a sua Declaração, pois essa não foi publicada logo após o acontecimento, segundo informação contida no *Relatório* escrito por Lygia Martins Costa (1972)[204]. A segunda lista aparece no *Relatório Final* escrito pelo diretor da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, o uruguaio Héctor Fernández Guido (2012 [1973], pp. 119-120).

Nas duas listas, constam os nomes da equipe UNESCO/ICOM, dos debatedores[205] e das/os participantes. Contudo, na lista presente no *Relatório Final*, aparecem também os nomes das/dos observadoras/es. Provavelmente, o fato de Mostny (1972) não informar os nomes das/dos observadoras/es deve-se ao caráter resumido do *Boletim Mensal do Museu Nacional de História Natural do Chile* (1972).

Para conhecermos os nomes, as instituições e os países de origem, optei por criar quadros a partir das informações das duas listas, assim divididos: equipe UNESCO/ICOM [Quadro 2]; debatedores [Quadro 3]; as/os delegadas/os [Quadro 4]; as/os observadoras/es [Quadro 5].

---

[202] Ao longo da tese, pessoas ausentes, mas envolvidas indiretamente, também serão citadas, além de outras sem qualquer envolvimento direto com a Mesa-Redonda de Santiago, mas que possuem relações com algum/alguma participante e/ou museus a que estavam vinculadas em 1972.

[203] Interessante observar que, no título do referido artigo, Mostny faz referência apenas à UNESCO e ao Governo do Chile como organizadores do acontecimento de maio de 1972.

[204] O relatório escrito pela representante brasileira foi encaminhado para o seu superior no dia 19 de julho de 1972 (Costa, 1972, p. 8). Não posso deixar de agradecer às duas pessoas que disponibilizaram o citado relatório em 2021: o doutorando da ULUSÓFONA Yazid Jorge Guimarães Costa e o museólogo e professor da Universidade de Brasília – UNB, Clóvis Carvalho Britto.

[205] Grete Mostny (1972/2012), denominou-os de debatedores; Héctor Fernández Guido (2012 [1973]), de coordenadores de debates; Varine (2012; 2010), debatedores, debatedores-animadores e especialistas; e no documento da UNESCO, datado em 14 de fevereiro de 1972, intitulado Guia de Preparação Individual (2012), aparece a denominação de orador e coordenador de debates.

Acrescentei apenas o ano de nascimento e morte de algumas e alguns participantes quando eencontradas e, após cada quadro, procurei tecer alguns breves comentários relacionados às pessoas citadas e às ausentes, algumas escavadas e às que, por enquanto, continuam soterradas[206].

Quadro 2 –
Equipe UNESCO/ICOM.
Fontes: Mostny (1972; 2012) e Guido (2012 [1973]).

Nome	Instituição	País
Sra. Raymonde Frin	Departamento de Patrimônio Cultural da Unesco	França
Sr. Jacques Hardouin	Departamento de Patrimônio Cultural da Unesco	França
Sr. Hugues de Varine-Bohan (1935)	Diretor do Icom	França
Héctor Fernández Guido (1912-1989)	Diretor do Planetário Municipal de Montevidéu, Uruguai e Presidente da Região	Uruguai
Total: 4		

Os nomes das pessoas da equipe da UNESCO/ICOM presentes na Quadro 2 seguem a mesma ordem da lista de Grete Mostny (1972; 2012). Na lista presente no Relatório Final, escrito em 1972 pelo diretor da Mesa-Redonda Héctor Fernández Guido (2012 [1973]), aparecem apenas os três primeiros nomes. Por outro lado, existe uma pequena diferença entre as duas listas: ao contrário da lista escrita por Héctor Fernández Guido (2012 [1973]), na lista elaborada por Grete Mostny (1972; 2012), os nomes das pessoas aparecem sem os respectivos pronomes de tratamento. Creio que a opção do diretor da Mesa-Redonda está relacionada a certa formalidade; todavia, existe a possibilidade de essas escolhas estarem condicionadas a questões de gênero e políticas. No Quadro 2, aparecem apenas os pronomes de tratamento Sra. e Sr.

Para as/os pesquisadoras/es da América Latina e de Portugal, provavelmente, o nome mais conhecido da Quadro 2 é o de Hugues de Varine; entretanto, hierarquicamente, Raymonde Frin é a pessoa mais importante da equipe, por ser a representante da UNESCO,

[206] Essas últimas aparecem em outros documentos encontrados ao longo da pesquisa.

por isso, ela é a primeira nas duas listas. Mesmo assim, sua presença foi soterrada ao longo dos últimos 51 anos. A sequência dos nomes nas duas listas (Mostny, 1972; 2012; Guido, 2012 [1973]) e no Quadro 2 segue a hierarquia interna dentro da equipe UNESCO/ICOM.

A presença de Jacques Hardouin é um dos grandes enigmas da MRSC. Ele aparece nas duas listas, porém não foi citado em nenhum outro momento, inclusive nos discursos durante a inauguração. Hugues de Varine disse que não se lembra de Jacques Hardouin, provavelmente não o conheceu[207]. Se, por um lado, temos o nome de Jacques Hardouin nas listas de Grete Mostny e Héctor Fernández Guido, respectivamente, temos o diretor do ICOM que não o conhece. Para encerrar o assunto, não encontrei em meus estudos qualquer evidência da participação de Jacques Hardouin na MRSC. O porquê de seu nome aparecer no Relatório Final, publicado posteriormente, eu não tenho resposta. Provavelmente, foi um erro do diretor e da coordenadora da MRSC, autor e autora das duas listas citadas.

Quadro 3 –
Debatedores.

Nome	Instituição	País
Professor Enrique Enseñat – *Os museus e o desenvolvimento cultural em áreas rurais e o desenvolvimento agrícola*	Faculdade de Agronomia da Universidade do Panamá	Panamá
Professor Mario Teruggi (1919-2002) – *Os museus e o desenvolvimento científico e tecnológico*	Chefe da Divisão de Mineralogia e Petrologia, Museu de la Plata	Argentina
Sr. Jorge Hardoy (1926-1993) – *Os museus e os problemas sociais e culturais*	Instituto Di Telia	Argentina
Dr. César Picón Espinoza – *Os museus e a educação permanente*	Diretor de Educação Escolar e geral do Ministério da Educação	Peru
Total: 4		

Fontes: Mostny (1972; 2012) e Guido (2012 [1973]).

[207] Perguntas enviadas no dia 22 de julho de 2021, via *e-mail*, e respondidas no dia 17 de novembro de 2021.

Sobre a Quadro 3, o que mais chama a atenção é a ausência de mulheres, tema que será abordado no *Capítulo 5 – Fragmentos Biográficos das Mulheres Participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972*. Sobre o emprego dos pronomes de tratamento, aqui temos três formas: Dr., Sr. e professor. É interessante notar que todos quatro eram doutores e professores; todavia, não foi possível entender essas distinções do Presidente da MRSC; não tem como não observar que o único Sr. entre eles foi o argentino Jorge Hardoy, talvez o expositor mais citado e elogiado ao longo dos anos nas narrativas de Hugues de Varine, fato que tornou Hardoy, juntamente com o outro argentino, Mario Teruggi, os dois mais conhecidos desse quadro. Outro ponto interessante é que o educador brasileiro exilado na Suíça Paulo Freire «provavelmente» apareceria nessa lista, caso sua participação tivesse se concretizado, como veremos no *Capítulo 7 – Ausentes e Presentes: fragmentos biográficos dos participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972*.

Não podemos deixar de sinalizar a substituição do responsável pelo tema *Os museus e o desenvolvimento científico e tecnológico*. No relatório final, escrito em 1973 pelo diretor da MRSC, Héctor Fernández Guido (2012 [1973], p. 119), “esse tema havia sido originalmente atribuído ao Dr. Federico Pannier[208] [Figura 26], do CONICIT[209], Caracas, Venezuela, que não pôde participar da mesa-redonda”. No seu lugar, assumiu o delegado/participante da Argentina Mario Teruggi, ou seja, o professor da Universidad de La Plata terminou por assumir duas funções na MRSC[210].

[208] No dia 18 de julho de 2021, eu enviei uma mensagem para o professor Federico Pannier, através da sua página no sítio academia.edu (https://ucv.academia.edu/FPannier), porém, ele nunca respondeu.
[209] Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Tecnológicas – CONICIT.
[210] O fato de ele ter publicado sobre a Argentina, no tópico *O museu na América Latina: um panorama na Revista Museum Vol XXV, nº 3, 1973* (2012), dedicado as/os delegadas/os, comprova a segunda função – aliás, a primeira –, pois, antes de ser escolhido para substituir o venezuelano Federico Pannier, ele já tinha sido indicado como delegado pelo governo argentino.

Figura 26 –
Federico Pannier, s.d.



Fonte: Sítio Academia.edu[211]

Por último, a sequência dos nomes não está em ordem alfabética, mas segue a ordem de apresentação prevista dos expositores durante a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, entre os dias 20 e 31 de maio de 1972. Como veremos adiante, houve uma mudança na ordem de apresentação, uma inversão entre Mario Teruggi e Jorge Hardoy durantes os trabalhos.

Quadro 4 –
Participantes/delegadas/os.

Nome	Instituição
Dra. Grete Mostny (1914-1991)	Curadora do Museu Nacional de História Natural, Santiago

[211] Recuperado de: https://ucv.academia.edu/FPannier , em 30 de agosto de 2023.

Dra.Teresa Gisbert de Mesa (1926-2018)	Diretora do Museu Nacional de Arte, La Paz
Sra. Lygia Martins-Costa (1914-2020)	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro
Dra. Alicia Dussan de Reichel (1920-2023)	Chefe da Divisão de Museus e Restauração do Instituto Colombiano de Cultura, Bogotá
Sr. Luis Diego Gómez (1944-2009)	Diretor da Divisão de História Natural, Museu Nacional da Costa Rica
Sr. Hérnan Crespo Toral (1937-2008)	Diretor do Museu do Banco Central, Quito
Sr. Luis Luján Muñoz (1934-2005)	Diretor do Instituto de Antropologia e História da Guatemala
Sr. Mario Vázquez (1923-2020)	Vice-diretor do Museu Nacional de Antropologia do México
Professor Raúl González Guzmán (1936)	Chefe de Museus e Exposições da Direção do Patrimônio Histórico Nacional do Panamá
Dr. Federico Kaufmann Doig (1928)	Diretor de Conservação do Patrimônio Cultural, Lima
Sr. Carlos de Sola (1949-1979)	Diretor-geral de Cultura, São Salvador
Total: 11	

Fontes: Mostny (1972; 2012) e Guido (1973/2012).

Alguns breves comentários sobre os nomes presentes na Quadro 4, contendo informações oriundas das listas de Mostny (1972; 2012) e Guido (1973/2012): eu mantive a sequência da lista da Coordenadora da MRSC, por uma questão de justiça e reparação.

Na lista do diretor da Mesa, Héctor Fernández Guido (1973/2012), apesar de iniciar, como a lista de Mostny, pelas participantes femininas, a sequência é diferente: ele inicia com o nome da representante boliviana, Teresa Gisbert de Mesa, depois aparece o nome da representante brasileira, Lygia Martins-Costa; logo a seguir, Grete Mostny, Alicia Dussan de Reichel e, em seguida, os nomes dos participantes masculinos, coincidindo, aqui, com a

sequência da lista de Mostny (1972; 2012). A diferença inicial entre as duas listas pode parecer algo de ordem aleatória ou não. Na minha compreensão sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile e também do professor Mario Chagas[212], Grete Mostny não foi apenas uma das pessoas mais importantes ou a pessoa local responsável pela organização e execução, além de coordenadora da MRSC, essa última informação encontrada em maio de 2022. Por tudo isso, eu procurei ao longo da tese, evidenciar o protagonismo de Grete Mostny e do Governo chileno, pois é sempre bom lembrar que ela era funcionária pública do Governo Federal.

Em última instância, Grete Mostny sabia da sua importância na organização do acontecimento em questão, daí o seu nome aparecer no início da sua lista de participantes, pois, por ordem alfabética, o primeiro nome seria o da representante colombiana Alicia Dussan de Reichel. Agora, o fato de o Presidente da Mesa-Redonda não seguir a mesma lógica é algo que precisa ser averiguado. Talvez o uruguaio Héctor Fernández Guido e a chilena Grete Mostny tivessem posições políticas divergentes ou algo parecido. Vale ressaltar que o Uruguai, naquele período, vivia sob um Governo conservador e, um ano depois da Mesa-Redonda, o mesmo presidente eleito deu um golpe, transformando o regime do país numa ditadura civil-militar. A Bolívia e o Brasil já estavam sob Governos ditadoriais, o que talvez justifique a sequência da lista das/os participantes: primeiro, Teresa Gisbert de Mesa e, em seguida, Lygia Martins-Costa. Depois, Grete Mostny e Alicia Dussán de Reichel, representantes do Chile e da Colômbia, dois dos poucos países governados por Governos civis e eleitos democraticamente naquele período, além de serem duas grandes e respeitadas antropólogas e arqueólogas.

Uma coincidência é o fato de os dois primeiros nomes da lista de participantes do diretor da Mesa-Redonda de Santiago do Chile serem de duas historiadoras da arte, aliás, as duas únicas. Por último, o porquê de o nome do representante de El Salvador, Carlos de Sola, aparecer no final da lista é uma incógnita; talvez Grete Mostny e Héctor Guido Fernández tenham optado em colocar o mais jovem participante [delegado] da MRSC em último lugar das suas respectivas listas. Carlos de Sola tinha apenas 23 anos em 1972; além do mais jovem delegado, foi, entre elas/eles, o que morreu mais jovem, em 1979, com apenas 30 anos.

[212] Durante as nossas conversas via *WhatsApp*, nos meses de abril e maio de 2021.

Quadro 5 –
Observadores.

Nome	Instituição
Sra. Emilia Salas	Museu Regional, Universidade do Norte, Antofagasta
Sr. Sergio Villa-Señor	Comissão Técnica Nacional da Diretoria de Educação Primária e Normal de Santiago
Sr. Sergio Chacón	Pesquisador da Universidade do Norte, Arica
Sr. Sergio Arriagada	Pesquisador do Museu Benjamim Vicuña Mackenna, Santiago
Sra. Margarita Castillo Pinto	Centro Nacional de Museologia de Santiago
Sr. Gabriel MacKellar	Diretoria Nacional de Turismo de Santiago
Sra. Genoveva Dawson de Teruggi (1918-2012)	Museu de La Plata
Sr. Paul Frings	Assessor Regional de Promoção do Turismo de N. U. Santiago
Sr. Richard Hughes	Representante do secretário-geral, diretor do Escritório da OEA, Santiago
Sr. Oscar Avello Avello (1954-1976)	Centro Nacional de Museologia, Santiago
Sr. Raraón Villarroel Gatica	Centro Nacional de Museologia, Santiago
Sr. Rene Vergara[213]	Museólogo, Santiago
Sr. Juan Salinas	Pesquisador do Departamento de Recursos Humanos, Santiago
Sr. Theodor Fuchs	Economista do Departamento de Diagnóstico e Política, Santiago

[213] No informe del Director de la Mesa Redonda: Sr. Héctor Fernández Guido, Director del Planetario Municipal Agrimensor Germán Barbato (*SHC-72/CONF.28/4*) existente no Vol. I da publicação do IBRAM & Programa Ibermuseos (2012), o observador está assim denominado “Sr. René Vergara, Museólogo, Santiago” (p. 6), todavia, na tradução em português na mesma publicação aparece como “Sr. Rene Vergara, Museóloga, Santiago do Chile” (p. 120). No dia 6 de junho de 2022, a museóloga e professora Eliana Durán disse que a pessoa assinalada “debe ser Ricardo Vergara” [conversa via *WhatsApp*].

Sr. Jorge Irribarren (1908-1977)	Curador do Museo de La Serena
Total: 15	

Fonte: Guido (1973/2012).

Até abril de 2022, eu possuía poucas informações sobre as pessoas citadas na Quadro 5 – Observadoras/es com exceção da doutora e professora da Universidade de La Plata, Genoveva Dawson de Teruggi, a única observadora estrangeira que participou da MRSC e que será abordada no *Capítulo 5 – Fragmentos Biográficos das Mulheres Participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972*.

Esperava encontrar informações sobre as/os observadoras/es durante a viagem ao Chile realizada em maio de 2022, inclusive tinha esperança de conhecer uma/um delas/es presencialmente, a levar em conta que a lista das/os Observadoras/es é a que possui o maior número de pessoas, ou seja, eu tinha esperança de encontrar alguém vivo. Todavia, as/os minhas/meus interlocutoras/es não conheciam quase ninguém. Consegui algumas informações importantes apenas do Sr. Jorge Irribarren, do Museo de la Serena, e Oscar Avello Avello, do Centro Nacional de Museologia, mas quase nada encontrei das/os demais.

Outro ponto a destacar é que a lista de Observadoras/es (Guido, 1973/2012, pp. 119-120) sinaliza que a Mesa-Redonda de Santiago não esteve restrita à equipe UNESCO/ICOM, aos debatedores e as/os delegadas/os, detalhe importante e ainda desconhecido por mim até a publicação do IBRAM & Programa Ibermuseos (2012). Não me lembro de ter lido os nomes das/os observadoras/es anteriormente, aliás, não me lembro de ter lido todos os nomes das/os participantes, pois, geralmente, nas referências bibliográficas sobre a Declaração de Santiago, aparecem apenas alguns nomes e a ênfase recai sempre sobre a Declaração de Santiago, dando pouco destaque às mulheres e aos homens que a elaboraram.

Enfim, o interesse suscitado pela Mesa-Redonda de Santiago foi muito além do mundo dos museus e das Museologias, como atestam as presenças dos observadores como Sr. Juan Salinas, pesquisador do Departamento de Recursos Humanos, Santiago do Chile; Sr. Theodor Fuchs, economista industrial, Departamento de Diagnóstico e Política, Santiago do Chile; Sr. Richard Hughes, representante do secretário-geral, diretor do Escritório da OEA no Chile, Santiago; Sr. Paul Frings, aassessor regional de Promoção do Turismo de N.U.

Santiago e o Sr. Grabriel MacKellar, da Diretoria Nacional de Turismo de Santiago (Guido, 1973/2012, pp. 119-120).

Importante notar a presença majoritária de chilenas/os entre as/os observadoras/es e, de acordo com a lista de Héctor Fernández Guido (1973/2012), apenas uma estrangeira, a Sra. Genoveva Dawson Teruggi. Destaca-se também a presença de observadoras/es de outras cidades do Chile, como Antofagasta, La Serena e Arica. Fiquei intrigado com a presença de outras pessoas, além dos expositorese e das/os delegadas/os durante os trabalhos da MRSC. Por esse motivo, uma das perguntas enviadas a Hugues de Varine foi relacionada às/os observadoras/es[214].

As questões enviadas foram pensadas a partir do meu tema de pesquisa, dos objetivos e das minhas questões. Eram perguntas difíceis em diversos sentidos, principalmente porque estavam relacionadas aos bastidores, a organização e os trabalhos desenvolvidos. Às vezes, eu me pergunto se não forcei demais em relação ao número excessivo de questões enviadas; muitas delas foram respondidas com “não”, “eu não me lembro”, “já faz muito tempo”, etc. A dificuldade enfrentada pelo o interlocutor Hugues de Varine me remeteu a Marilena Chauí (1994) durante a arguição da defesa de tese de livre-docência de Ecléa Bosi (1994), “as dificuldades dos entrevistados (desde a falência ou desobediência do corpo até a emoção retendo os fios da lembrança, impedindo a tecelagem)” (Chauí, pp. 24-25). Ao ler e reler as

[214] Antes de citar sua resposta e tecer alguns comentários, eu preciso mencionar o processo de aproximação virtual com Varine. No dia 18 de julho de 2021, eu entrei em contato com Hugues de Varine através do sítio *Academia.edu*. No dia 19 de julho, durante uma conversa virtual via *WhatsApp*, o museólogo e professor da UNB Clóvis Carvalho Britto compartilhou comigo dois *e-mails* de Hugues de Varine e o endereço do sítio http://www.hugues-devarine.eu/Contact. Procurei a ajuda do professor Clóvis Britto devido à sua conhecida gentileza e também pelo fato de ele ter orientado Roberto Fernandes dos Santos Junior no Programa de Pós-Graduação em Museologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia – UFBA, na pesquisa que resultou na dissertação *Por uma “Museologia da Libertação”: impactos do pensamento de Varine no campo museal brasileiro*, em 2019. Para a minha surpresa, Varine respondeu no dia 20 de julho de 2021, a sugerir a leitura da publicação do IBRAM & Programa Ibermuseos (2012) e, para a minha felicidade, ele disse que responderia às perguntas relacionadas à experiência pessoal dele na Mesa-Redonda de Santiago do Chile. Eu respondi no mesmo dia, expliquei que já tinha lido a referida publicação, mas ela possuía muitas lacunas. Disse também que, até aquele momento, eu ainda não tinha conseguido contatar a representante colombiana, a antropóloga e arqueóloga Alicia Dussan de Reichel, e nem o educador peruano César Picón. Prometi enviar as perguntas o mais breve possível. No dia 22 de julho de 2021, eu enviei as 24 perguntas. Devido à demora em responder, eu as reenviei [com algumas pequenas mudanças sugeridas pela museóloga e professora da UFBA e ULUSÓFONA, Graça Teixeira] no dia 16 de novembro de 2021. No dia seguinte, Hugues de Varine respondeu.

respostas de Hugues de Varine, eu entendi que nem sempre é possível lembrar detalhes e/ou impressões de algo que aconteceu há 50 anos[215].

As pequenas, mas nem por isso menos importantes, respostas de Varine serão comentadas ao longo da tese, de acordo com as narrativas de alguns passados relacionados às pessoas responsáveis pela Mesa-Redonda de Santiago e à sua Declaração. Cabe destacar que, mesmo eu tendo sinalizado que ele poderia responder em francês, tanto em texto quanto em áudio, Varine preferiu enviar as respostas escritas em português.

A pergunta era sobre as/os observadoras/es foi a seguinte:

> "**Julio Cézar Chaves**: Nota-se, na lista de observadoras/es, a presença de uma única estrangeira, a botânica Genoveva Dawson de Teruggi, do Museo de La Plata, Argentina. O senhor poderia me explicar o porquê da exceção? **Hugues de Varine**: Não sei. Não tivemos contato com os observadores. A Mesa-Redonda funcionava como um grupo de trabalho reduzido. Os observadores assistiram, de vez em quando a alguns eventos públicos, mas não ao trabalho "produtivo". A Sra. Teruggi acompanhava o Mario Teruggi (esposa?)"[216].

Pretendo elucidar alguns pontos da resposta de Hugues de Varine. Em primeiro lugar, a narrativa que as/os participantes não tiveram contato com as/os observadoras/es não foi bem assim, pois nas transcrições dos debates encontramos pequenas intervenções das/os observadoras/es, inclusive um deles colaborou com a fala do debatedor Mario Teruggi sobre *Os museus e o desenvolvimento científico e tecnológico*, como veremos no *Capítulo 4 – A Palo Seco: uma «mirada nostálgica e ingênua» sobre a Declaração de Santiago*. Por outro lado, de acordo com as informações disponíveis nas transcrições, poucas/os observadoras/es estiveram presentes durante os trabalhos; até então, aparecem no documento citado apenas: Oscar Avello Avello, Centro Nacional de Museologia; Jorge Irribarren, Curador do Museu de La Serena; Sergio Arriagada, Pesquisador do Museu Benjamín Vicuña Mackenna; Emilia

[215] Para exemplificar, essa foi a minha primeira pergunta Questão 1 (2021) e a primeira resposta de Hugues de Varine: "**Julio Cézar Chaves:** Qual foi a sede dos trabalhos da Mesa-Redonda? A Biblioteca Nacional do Chile, o Escritório Regional da UNESCO para a Educação na América Latina e o Caribe, em Santiago? Pela documentação existente na publicação *Mesa Redonda sobre la Importancia y el Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporâneo: Mesa Redonda de Santiago de Chile*, organizada por José do Nascimento Júnior, Alan Trampe e Paula Assunção (IBRAM & Programa Ibermuseos, 2012), a abertura ocorreu na Biblioteca Nacional do Chile e os trabalhos aconteceriam no edifício da UNCTAD; todavia, no *Relatório da Mesa*, escrito por Héctor Fernández Guido, existe a informação de que os trabalhos aconteceram no Escritório Regional da UNESCO para a Educação na América Latina e o Caribe, em Santiago. Por favor, o senhor poderia confirmar exatamente qual foi a sede dos trabalhos da Mesa-Redonda? **Hugues de Varine:** Não sei, não me lembro. Tudo isso é tão antigo! Tenho 86 anos de idade e uma memória fragmentada".

[216] Questão 10 (2021).

Salas, Museu Regional da Universidade do Norte, Antofagasta; Margarita Castillo Pinto, Centro Nacional de Museologia; Sergio Chacón, Pesquisador da Universidade do Norte, Arica; Teodor Fuchs, Economista do Departamento de Recursos Humanos, Santiago e Paul Frings, Assessor Regional de Promoção do Turismo das Nacões Unidas, Santiago. Além desses nomes presentes na lista elaborada pelo diretor da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, Héctor Fernández Guido, aparecem nas transcrições mais duas pessoas, o Sr. Bosso da CORFO e outra pessoa desconhecida[217]. De certa forma, as participações esporádicas de apenas algumas e alguns observadoras/es coincidem com a resposta de Hugues de Varine.

Por último, apresento o documento *AHA_70_004 C-20*, acessado na minha primeira viagem de campo, em maio de 2022, intitulado *Expediente Documentos de Contaduría del Museo Nacional de Historia Natural*[218]. Aqui aparecem três listas assim denominadas: *Mesa Redonda sobre el Desarrollo y la Importancia de los Museos en el Mundo Moderno*, Santiago de Chile, 20-31 de mayo de 1972; *Comite Nacional Chileno de Museos*; *Observadores a la Mesa Redonda sobre la Importancia y el Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporaneo*. Apesar do documento não estar datado e nem assinado, as três listas foram elaboradas antes da realização do acontecimento de 1972, pois aparecem nomes de pessoas previstas, mas que não participaram da MRSC. Provavelmente, o documento foi elaborado pela Coordenadora Grete Mostny e em diálogo com a UNESCO/ICOM ou vice-versa.

Como estamos ainda a tratar das/os observadoras/es, analisaremos a terceira lista [Quadro 6] do documento referido anteriormente (*AHA_70_004 C-20*) com o objetivo de delinear um breve exercício comparativo com a lista de Observadores [Quadro 5] de autoria do diretor da MRSC, Héctor Fernández Guido (1973/2012):

Quadro 6 –
Lista Observadores a la Mesa Redonda sobre la Importancia y el Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporaneo.

Instituição

[217] As pessoas responsáveis pela transcrição não entenderam o nome do observador.
[218] O documento possui 4 páginas datilografadas (pp. 12-15).

1.	Director de Bibliotecas, Archivos y Museos
2.	Director de Educación Primaria, Ministerio de Educación
3.	Director de Educación Media, M. de Educación
4.	Director de Educación Profesional
5.	Director Nacional de Turismo
6.	Director Centr. Nac. de Perfeccionamiento del Magisterio (2)[219]
7.	Presidente, Comisión Nac. de Investigaciones Científicas y Tecn.
8.	Vice-Presidente de Corfo
9.	Presidente de CORMU
10.	Presidente de CORA
11.	Director de Cultura de la Presidencia de la República
12.	Director de la Casa de la Cultura, Min. de Educación (2)
13.	Director de Turismo, Cepal
14.	Conservador del Archivo Nacional

[219] Não consegui informações sobre os números em parênteses junto ao “Director Cent. Nac. de Perfeccionamiento del Magisterio (2)”, “Director de la Casa de la Cultura, Min. de Educación (2)” e “Universidad Católica” (3). Talvez, os números estejam relacionados a quantidades de representantes.

15. Universidad de Chile
16. Universidad Católica (3)
17. Universidad Técnica del Estado
18. MIEMBROS DE COMITE NACIONAL CHILENO DE MUSEOS, afiliado al ICOM
19. Gonzalo Martner[220] ODEPLAN DIRECTOR
20. PRESIDENTE DEL CENTRO DE ALUMNOS CENTRO NACIONAL DE MUSEOLOGIA
21. DIRECTOR RESIDENTE OEA: RICARDO HUEGES
22. CONSEJO SUPERIOR CORFO: JUAN SALINAS
23. Superintendente de Educación
24. Departamento de Relaciones Internacionaldes de la U.
25. Sra. Moral Lopez: Traductora
26. Madame Barnabé: Traductora
Total: 26

Fonte: Documento *AHA_70_004 C-20*.

A primeira observação, maioria de instituições sem as/os representantes, ao contrário da lista de Guido (1973/2012) onde aparecem os nomes das pessoas seguidas das instituições,

[220] O nome do diretor da Oficina de Planificación Nacional – ODEPLAN Gonzalo Martner aparece na lista escrito a mão. Precisei recorrer a internet para identificar o sobrenome Martner. Possivelmente, quem escreveu a cordenadora da MRSC, Grete Mostny, pois achei a caligrafia parecida com a assinatura dela [ver Anexo 5].

o que corrobora com a versão que esse documento é anterior a lista que aparece no Relatório Final, do diretor da MRSC.

A segunda observação é a diferença numérica entre as duas listas, a de Guido (1973/2012) temos um total de 15 observadoras/es e a do documento (*AHA_70_004 C-20*), 26 observadoras/es. Uma fabulação possível é: Grete Mostny sonhou e tentou ampliar a representatividade chilena nessa lista, todavia, nem todas as instituições convidadas enviaram as suas ou seus representantes. Não podemos esquecer das configurações sociais do país em geral e de Santiago em particular naquele momento, muito trabalho e muita luta das/os trabalhadoras/es e suas instituições rumo a implantação do socialismo e paralelamente muitas sabotagens, boicotes da elite e da classe média, incluindo os meios de comunicação em colaboração com a *CIA*, greves, manifestações, a realização da UNCTAD III, entre outras.

Na lista do documento *AHA_70_004 C-20* aparecem apenas os nomes de Gonzalo Martner, Diretor da Oficina de Planificación Nacional – ODEPLAN; Ricardo Hueges, Diretor residente da Organização dos Estados Americanos – OEA; Juan Salinas, do Conselho da Corporação de Fomento da Produção – CORFO, além das Tradutoras Sra. Moral Lopez e Madame Barnabé Mabel. Na lista presente no *Relatório Final* de Héctor Fernández Guido (1973/2012) Quadro 5 aparecem apenas dois desses nomes, Sr. Richard Hughes, representante do Secretário-Geral, Diretor do Escritório da OEA no Chile e Juan Salinas, Pesquisador do Departamento de Recursos Humanos, Santiago. Apesar das pequenas diferenças entre os nomes e as instituições, eu presumo que são as mesmas pessoas.

Outro ponto interessante na lista do documento *AHA_70_004 C-20* é a presença de duas tradutoras, Sra. Moral Lopez e Madame Barnabé Mabel. Eu suponho que eram tradutoras de francês, pois segundo o depoimento de Hugues de Varine, nem ele e nem a representante da UNESCO Raymond Frin falavam espanhol.

Para finalizar os comentários da Quadro 6 – *Lista Observadores a la Mesa Redonda sobre la Importancia y el Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporaneo de Observadoras/es*, ficou evidente as diferenças entre as listas de Guido (1973/2012) e essa última, presente no documento *AHA_70_004 C-20*. As ausências das instituições citadas nessa última foram substituídas com observadoras/es do Centro Nacional de Museologia, universidades de outras regiões do Chile e um membro do Comitê Nacional de Museus do

Chile, filiados ao ICOM, instituição citada na lista do Quadro 6. A participação de apenas um membro citado na lista do Relatório Final do diretor da MRSC (Guido, 2012 [1973]) é um ponto interessante para uma futura pesquisa. Talvez, o número permitido de observadoras/es para participar pode ter sido reduzido ou muitas/os das/os conselheiras/os do Comitê Nacional Chileno de Museus não conseguiram participar pelos motivos citados anteriormente relacionados as configurações sociais daquele momento do país.

Consta no documento *AHA_70_004 C-20*, intitulado *Expediente Documentos de Contaduría del Museo Nacional de Historia Natural*, uma lista do Comitê Nacional Chileno de Museus filiado ao ICOM [Quadro 7]:

Quadro 7 –
Comitê Nacional Chileno de Museos.

Instituição	Conselheiro
Museo Arqueológico de la Serena	Cons. Sr. Jorge Iribarren
Museo Colonial de Curimón	Cons. R. P. Alberto Sagrado
Museo Municipal de Bellas Artes	Cons. Sr. Ricardo Santander
Museo del Carmen de Maipú	Cons. Sr. Ramón Eyzaguirre
Museo Histórico Nacional	Cons.Sr. Carlos Lopez
Museo Pedagógico de Chile	Cons. Sr. Luis Morales G.
Museo Nacional Benjamín Vicuña Mackenna	Cons. Sr. Carlos López
Museo Nacional de Bellas Artes	Cons.Sr. Nemesio Antúnez
Museo de Arte Popular Americano	Cons. Oreste Plath

Museo de Arte Contemporáneo	Sr. Alberto Pérez
Museo de Medicina del Servicio Nacional de Salud	Cons. Alfredo Cruz
Museo Postal Telegráfico	Directora Alicia Brupbacher
Museo de Arte Colonial de San Francisco	Dir. Luis Monja
Museo de la Patria Vieja	Cons. Héctor González
Museo de Linares	Cons. Pedro Oymos
Total: 15	

Fonte: Documento *AHA_70_004 C-20*.

Desses, apenas o conselheiro Jorge Iribarren consta na lista de observadoras/es de Guido (1973/2012), assim como aparece também no documento *AHA_402_001 C-70*, intitulado *Mesa Redonda sobre la Importancia de los Museos* [transcrições].

As duas listas [Quadros 6 e 7], *Observadores a la Mesa Redonda sobre la Importancia y el Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporaneo e Comite Chileno de Museos* (*AHA_70_004 C-10*) ainda que sejam anteriores a MRSC possuem informações importantes para pensarmos a projeção inicial da Mesa-Redonda de Santiago do Chile e suas relações com as configurações sociais do Chile naquele momento singular, além de servir para análise comparativa com a lista de Observadoras/es do Presidente da MRSC, Héctor Fernández Guido (1973/2012).

Além dos quadros anteriores, algumas dessas pessoas serão abordadas mais especificamente no *Capítulo 5 – Fragmentos Biográficos das Mulheres Participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972*, no *Capítulo 6 – A Coordenadora da Mesa-*

Redonda de Santiago do Chile, la doctora Grete Mostny (1914-1991), no *Capítulo 7 – Ausentes e Presentes: fragmentos biográficos dos participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972* e também no *Capítulo 8 – Oscar Eduardo Avello Avello: "soy una fotografia de um desaparecido",* em que eu procurei explorar e evidenciar alguns fragmentos biográficos relacionados ao meu tema de pesquisa, aos meus objetivos e às minhas questões[221]. Além de algumas situações e pessoas que surgiram no decorrer da pesquisa e que, de certa forma, exigiram suas presenças na tese. Preciso salientar que os fragmentos biográficos não estão padronizados; alguns são mais extensos do que outros, pois foram escritos a partir dos documentos encontrados e da bibliografia disponível encontrada. É apenas o início da confecção de uma colcha de retalhos ou uma arpillera à espera de outras/os costureiras/os e bordadeiras/os. São as memórias e narrativas possíveis, principalmente a levar em conta as diversas ausências físicas/simbólicas, os apagamentos e esquecimentos referentes às pessoas que participaram da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972. São algumas poucas "lembranças de velhas/os" (Bosi, 1994), quase todas/os mortas/os depois de cinco décadas.

E, como tinha que ser, contatar virtualmente as/os participantes vivas/os ou suas e seus familiares foi uma tarefa muito mais complexa do que eu havia imaginado. Durante o período da pesquisa, foi possível efetivar contato, virtualmente, apenas com Hugues de Varine, César Picón, familiares de Mario Teruggi e de Genoveva Dawson de Teruggi e um dos filhos de Teresa Gisbert de Mesa. Além de algumas/alguns interlocutoras/es [professoras/es e pesquisadoras/es] que, direta ou indiretamente, escreveram sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972, ou sobre suas/seus participantes, além de interessadas/os no tema. Em maio de 2022, eu consegui conversar, presencialmente, com algumas dessas últimas, no Chile.

A partir das duas listas (Mostny, 1972; 2012; Guido, 1973/2012) e dos quadros citados anteriormente, a MRSC contou com uma participante da UNESCO, Raymonde Frin e o seu Presidente, Héctor Fernández Guido, apesar do nome de Jacques Hardouin aparecer nas listas, ele não participou do acontecimento de 1972; um representante do ICOM, seu diretor, Hugues de Varine-Bohan; quatro expositores: Enrique Enseñat, Mario Teruggi, Jorge Hardoy

[221]Algumas informações foram publicadas no número especial da *Revista Museum* 1973 (1973/2012, pp. 260-261), dedicada à Mesa Redonda de Santiago (1972).

e César Picón; 11 delegadas/os: Grete Mostny, Teresa Gisbert de Mesa, Lygia Martins-Costa, Alicia Dussan de Reichel, Luis Diego Gómez, Hérnan Crespo Toral, Luis Luján Muñoz, Mario Vázquez, Raúl González, Federico Kaufmann e Carlos de Sola; 15 observadoras/es: Emilia Salas, Sergio Villa-Señor, Sergio Chacón, Sergio Arriagada, Margarita Castillo Pinto, Gabriel MacKellar, Genoveva Dawson de Teruggi, Richard Hughes, Oscar Avello Avello, Paul Frings, Raraón Villarroel Gatica, Rene Vergara, Juan Salinas, Theodor Fuchs e Jorge Irribarren, totalizando 34 pessoas, no total, todavia, não podemos afirmar que esse total esteja correto.

A partir das informações coletadas durante a pesquisa, cheguei a conclusão que nunca saberemos o número exato das pessoas que participaram da Mesa-Redonda de Santiago. O que podemos afirmar é o seguinte: todos os expositores citados estiveram lá, assim como todas/os as/os delegadas/os; da equipe UNESCO/ICOM, a dúvida em relação a presença ou a ausência de Jacques Hardouin permanece; e da lista de observadoras/es, apenas alguns nomes aparecem no documento *Mesa Redonda sobre la Importancia y el Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporáneo*[222]. É preciso salientar que o número das/os participantes oscilou dia a dia ao longo do acontecimento e ainda não podemos afirmar que todos os nomes presentes nas listas de Mostny (1972) e Guido (1973/2012) participaram de fato da Mesa-Redonda de Santiago. No *Capítulo 4 – A Palo Seco: uma «mirada nostálgica e ingenua» da Declaração de Santiago, 1972*, os nomes das/os participantes serão citados de acordo as suas participações nos debates realizados após as apresentações dos animadores, Enrique Enseñat, Jorge Hardoy e Mario Teruggi. Infelizmente, não encontramos a transcrição da apresentação e dos debates após do animador César Picón, como citado anteriormente.

Nas listas e nos quadros, percebemos as ausências de representantes de diversos países latino-americanos, como Paraguai, Venezuela, Cuba, Haiti, República Dominicana, Honduras e Nicarágua. Perguntei a Hugues de Varine sobre essas ausências:

> “**Julio Cézar Chaves**: Todos os países da América Latina e Caribe foram convidados para a Mesa-Redonda de Santiago? Notam-se as ausências de representantes dos seguintes países: Paraguai, Venezuela, Cuba, Honduras,

[222] *Transcrición de cintas de Mesa Redonda de sobre Museos UNESCO (AHA_402_001 C-70).*

> Nicarágua, Haiti, República Dominicana, entre outros. **Hugues de Varine**: Sim, acho que todos os países foram convidados, mas não sei porque tantos países ficaram ausentes. Talvez, um problema de dinheiro”[223].

O problema financeiro pode ter sido a principal justificativa. Todavia, podemos acrescentar outros prováveis motivos: o primeiro é a falta de interesse de alguns desses governos em relação às políticas culturais de uma forma geral e aos museus, em particular; o segundo, a localização geográfica do Chile, muito distante da América Central e do Caribe, por exemplo; o terceiro é a possível desconfiança de alguns desses governos em relação ao Governo socialista de Salvador Allende, da UP.

Apesar dos esforços empreendidos a partir da publicação sobre a MRSC, do IBRAM & Programa Ibermuseos (2012), a falta de documentação sobre o acontecimento de 1972, e mesmo sobre algumas das pessoas que dele participaram, é algo que chama a atenção, como já relatado anteriormente. Para exemplificar, citarei o caso relacionado à Bolívia, um dos países representados.

Ao consultar o Archivo y Biblioteca Nacionales de Bolivia[224], eu nada encontrei sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile. Ainda assim, em dezembro de 2021, eu entrei em contato com a instituição. A bibliotecária Ivanna Campos me respondeu, no dia 6 de dezembro, o seguinte:

> “Em nome do Sr. Máximo Pacheco Balanza, diretor do Arquivo e Biblioteca Nacional da Bolívia, escrevo para informar que se procuraram informações em livros, revistas e jornais sobre o tema Mesa-Redonda sobre o desenvolvimento e o papel dos museus na contemporaneidade mundo – Santiago do Chile, 1972. Infelizmente não foi encontrada muita informação, só foi encontrada no jornal *Presencia de La Paz*, de 7 de maio de 1972, na página 10, na seção Arte e Cultura, anuncia que haverá uma mesa-redonda sobre o desenvolvimento de Museus em Santiago, de 20 a 31 de maio, anunciada pela UNESCO (Organização das Nações Unidas), onde estarão presentes representantes da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Equador, Guatemala, México, Panamá, Peru, El Salvador e Venezuela comparecerão, assim como Raymonde Frin, da UNESCO, e Andrej Szpakowski, chefe da seção de museus daquela organização. Apenas essa informação poderia ser coletada”. (Campos, 2021)

Além do conteúdo acima, a bibliotecária enviou-me as cópias digitais da obra *Mesa Redonda sobre la Importancia y el Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporáneo:*

[223] Questão 2 (2021).
[224] Recuperado de: https://www.archivoybibliotecanacionales.org.bo , em 27 de novembro de 2021.

Mesa Redonda de Santiago de Chile, 1972 (volume 1) e a *Revista Museum, 1973 (volume 2)*, do IBRAM & Programa Ibermuseos, organizadas por José do Nascimento Junior, Alan Trampe e Paula Assunção dos Santos (2012). Ainda sobre o conteúdo do correio eletrônico, eu gostava de destacar quatro pontos: a participação da Venezuela, não efetivada, evidentemente; a informação do nome de outro membro da UNESCO e possível participante da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972, Andrej Szpakowski e, por fim, a quase inexistência de documentos na Bolívia, um dos países participantes do acontecimento de maio de 1972.

A partir das informações fornecidas pela bibliotecária Ivanna Campos, eu solicitei o acesso à referida matéria do periódico *Presencia de La Paz*, de 7 de maio de 1972, página 10, seção Arte e Cultura. Depois de vencer os trâmites oficiais e contar com a colaboração de duas amigas[225], no dia 20 de janeiro de 2022, eu recebi a matéria digitalizada [Figuras 27 e 28]. Nela, consta ainda a participação de Cuba, também não efetivada e a ausência do nome da representante boliviana, Teresa Gisbert de Mesa. Outro ponto interessante é a frase que diz que a Mesa-Redonda de Santiago “fue organizada por invitácion del gobierno Allende en la capital Chilena”. O que confirma mais uma vez o protagonismo do Chile durante Governo da UP na realização do acontecimento de maio de 1972.

[225] A digitalização do documento foi realizada após o pagamento de uma taxa simbólica; todavia, eu não consegui efetuar o pagamento daqui do Brasil. O problema foi resolvido quando Antía Vilela colocou-me em contato com sua amiga boliviana, a gestora cultural Vanessa de Britto Maluf. Vanessa atuou no IBRAM, de 2012 a 2016, em Brasília-DF, momento em que conheceu Antía Vilela, que, nesse período, atuava no Programa Ibermuseos. A partir de 2017, ela passou a atuar no Programa Ibermuseos, inicialmente em Brasília, e desde 2019, em La Paz, Bolívia. Desde o final de 2021, nós temos conversado sobre a minha pesquisa de doutoramento; aliás, Vanessa de Britto Maluf é uma das minhas principais interlocutoras e incentivadoras. Atualmente, ela atua no Panamá junto ao Ibermuseos e outras colaborações.

Figuras 27 e 28 –
Página da seção de Arte e Cultura do periódico boliviano Presencia de La Paz, com matéria em destaque sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile e destaque, 1972.


Arte y Cultura
Se realizará mesa redonda sobre desarrollo de museos
Revista anti-Mao comenzó a ser publicada en Moscú
El trabajo esclavo en Europa
El teatro de "Strehler"
Festival de cine de Venezuela en New York
La "macumba" puede ser una terapéutica psicoanalítica
FOTOGRAFIA DE LA SEMANA
FOTO CARLO
A nuestros avisadores
PRESENCIA
SE VENDE
EL CENTRO BOLIVIANO AMERICANO
YACIMIENTOS PETROLIFEROS FISCALES BOLIVIANOS
MATEMATICAS FISICA QUIMICA TRIGONOMETRIA
ENGLISH 900
SUCRE PALACE HOTEL LA MENU
YA VIENE!!
100 RIFLES
CONSTANCIO KILOWATT INFORMA
DEUDORES MOROSOS
PROGRAMA NACIONAL DE EMERGENCIA DE LA PRESIDENCIA DE LA REPUBLICA
HONORABLE ALCALDIA MUNICIPAL DE ORURO


Se realizará mesa redonda sobre desarrollo de museos

-PARIS, 6 (AFP).- Una mesa redonda sobre el desarrollo de los museos en el mundo contemporáneo con participación de representantes de varias repúblicas latinoamericanas tendrá lugar en Santiago del 20 al 31 de mayo, se anunció hoy aquí, en la UNESCO, (Organización de las Naciones Unidas para la Educacion, la Ciencia y la Cultura).

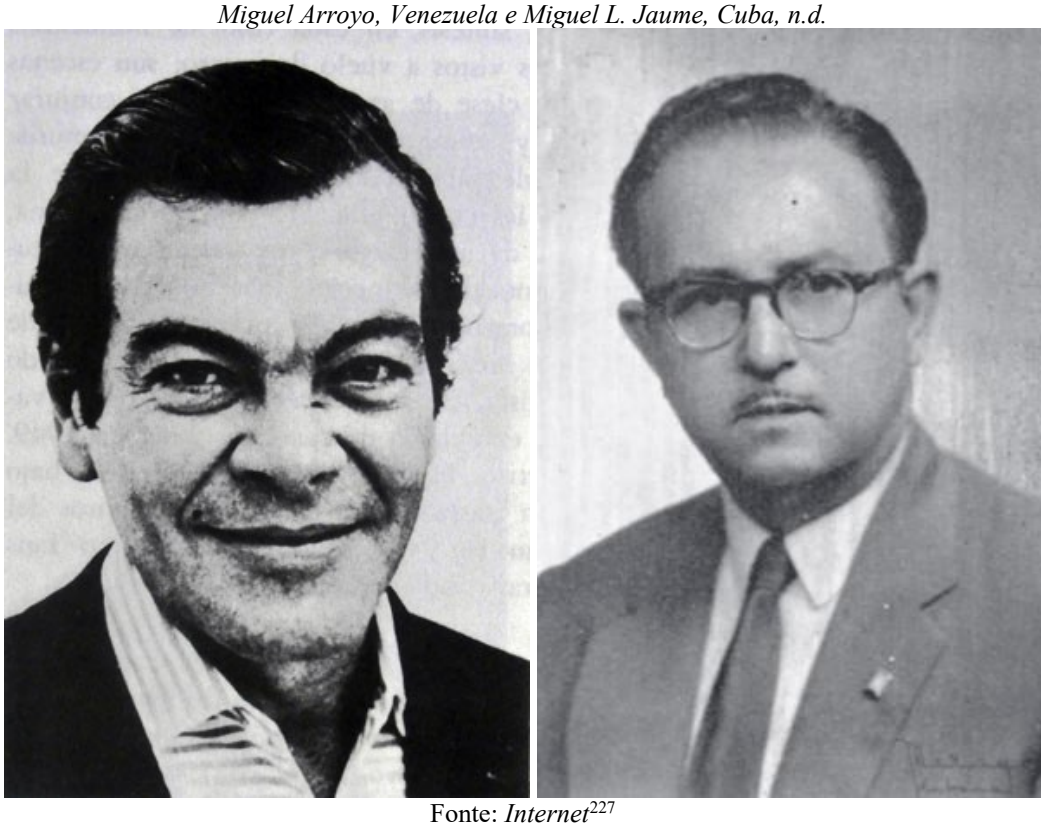
Dicha mesa redonda presidida por el experto uruguayo Héctor Fernández Guido, fue organizada por invitación del gobierno Allende en la capital chilena y permitirá confrontar diversos puntos de vista entre museólogos y especialistas en América Latina con objeto de promover el desarrollo de los museos a fin de adaptar estas instituciones al mundo contemporáneo.

Asistirán representantes de Argentina, BOLIVIA, Brasil, Chile, Colombia, Costa Rica, Cuba, Ecuador, Guatemala, México, Panamá, Perú, Salvador y Venezuela, así como Raymonde Frin, de la UNESCO y Andrej Szpakowski, jefe de la sección de museos de dicho organismo.

Fonte: Archivo y Biblioteca Nacionales de Bolivia.

Não apenas na matéria do periódico boliviano aparece a participação da Venezuela e de Cuba. No documento intitulado *Mesa-Redonda sobre el Desarrollo y la Importancia de los Museos en el Mundo Moderno: Santiago de Chile, 20-31 de maio de 1972*[226], aparecem os nomes da Venezuela e de seu representante, Miguel Arroyo (1920-2004), Diretor do Museo de Bellas Artes, Caracas, e também o nome do Dr. Miguel L. Jaume (1907-1990), Diretor do Museo Cubano de Ciencias Naturales, La Habana [Figuras 29 e 30].

Figuras 29 e 30 –
Miguel Arroyo, Venezuela e Miguel L. Jaume, Cuba, n.d.



Fonte: *Internet*[227]

Nesse mesmo documento, aparece também o nome de André Szpakowski como um dos membros da equipe UNESCO/ICOM na Mesa-Redonda de Santiago do Chile. Eu recorri novamente a Hugues de Varine. Encaminhei um *e-mail* no dia 20 de março de 2022 e, no dia seguinte, recebi a seguinte resposta:

[226] No documento já referido anteriormente *AHA_70_004 C-20*, intitulado *Expediente Documentos de Contaduría del Museo Nacional de Historia Natural*.
[227] Miguel Arroyo – Recuperado de: http://www.ebefavenezuela.com/arroyo_miguel.html , em 30/08/2023; Miguel L. Jaume – Recuperado de: http://www.tribuna.cu/ciencia/2019-12-13/miguel-l-jaume-garcia-destacado-zoologo-habanero , em 30 de agosto de 2023.

> **“Julio Cézar Chaves**: Por favor, o senhor sabe quem é Andrej Szpakowski? **Hugues de Varine**: Neste tempo antigo, havia no Departamento do Patrimônio e dos Museus da UNESCO dois “especialistas do programa”, Raymonde Frin (da França) e Andrzej Szpakowski (da Polônia). Raymonde Frin habitualmente era o “contato” do ICOM na UNESCO e fizemos juntos a preparação e finalmente o acompanhamento da Mesa-Redonda de Santiago. Eu pessoalmente tive poucas relações com Szpakowski, que teve em 1971-1972 o papel de chefe interino do departamento”.

O porquê da ausência do polonês Andrzej Szpakowski na Mesa-Redonda de Santiago é algo para futuras pesquisas; provavelmente, deve existir algo no Arquivo da UNESCO, em Paris, relacionado à não participação do chefe interino do Departamento do Patrimônio e dos Museus da UNESCO. Preciso sinalizar que a provável presença de Szpakowski era desconhecida por mim até então, pois a principal publicação sobre o acontecimento de 1972 (IBRAM & Programa Ibermuseos, 2012) não menciona o nome do chefe interino.

Provavelmente, algumas e alguns das/os participantes já tinham estado no Chile anteriormente, outras/os visitavam o país andino pela primeira vez. Desde a eleição de Salvador Allende, em 1970, o Chile conquistou a atenção dos governos de direita e de esquerda do mundo, os primeiros surpresos e desconfiados, os últimos surpresos, admirados. A vitória da UP sinalizou ao mundo e à América Latina, em particular, que a implantação do socialismo por via democrática era possível.

No trajeto [de táxi ou num veículo disponibilizado pelo Governo do Chile] entre o Aeroporto Internacional Pudahuel[228] e o Hotel Foresta, localizado, ainda hoje, na Victoria Subercaseaux, 335[229], em frente ao Cerro Santa Lucía, no bairro Lastarria, as/os participantes, provavelmente, conversaram com as/os motoristas [de quem nunca saberemos os nomes] sobre o momento político do país e também perguntaram sobre as atrações de Santiago, incluindo seus museus. Talvez, ouviram, nas rádios locais, algumas canções da compositora e cantora Violeta Parra [Figura 31] (1917-1967), do compositor/cantor Víctor Jarra e/ou dos

[228] Atual Aeroporto Arturo Merino Benítez.
[229] No sítio do Hotel Foresta, aparece o número 353. Recuperado de: https://www.forestahotel.cl/pag-in/i/11655 , em 30 de maio de 2021.

conjuntos Quilapayún e Inti-Illimani. Se existissem as memórias de cada uma/um das/dos participantes, possivelmente, nós confirmaríamos ou não algumas dessas fabulações.

Figura 31 –
Violeta Parra, n.d.



Fonte: Memoria Chilena, Biblioteca Nacional de Chile[230].

Provavelmente, as historiadoras da arte Lygia Martins Costa e Teresa Gisbert de Mesa, ao chegarem a Santiago, tiveram conhecimento da inauguração, dois dias antes, do Museo de la Solidariedad. Gostava de saber se a representante brasileira entrou em contato com o crítico de arte brasileiro reconhecido internacionalmente e naquele momento exilado no Chile, o socialista Mário Pedrosa, um dos responsáveis pela concepção e criação do Museo de la Solidaridad. Os silêncios de Lygia Martins Costa sobre o acontecimento de 1972 são algo que também merece ser investigado com mais afinco no presente/futuro. De certa forma, eu compreendo os silêncios das/os museólogas/os e pesquisadoras/es interessadas/os na Mesa-Redonda de Santiago em relação as/os participantes dos outros países latino-americanos; contudo, é difícil entender a ausência de investigações sobre o papel da servidora do IPHAN durante e depois da Mesa-Redonda de Santiago. Eu não encontrei nenhuma referência a

[230] Recuperado de: http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-98618.html , em 30 de dezembro de 2022.

Mário Pedrosa no artigo *Lygia Martins Costa: narrativa sobre suas contribuições à Museologia e ao patrimônio*, do professor da UNIRIO Ivan Coelho de Sá (2015), e nem na obra *Museologia em ação: homenagem à Lygia Martins Costa* (Chagas, Alvares, & Almeida, 2010).

Teresa Gisbert de Mesa e Lygia Martins Costa conheciam as arpilleras, as pinturas a óleo e as esculturas de Violeta Parra? Como historiadoras da arte, naquele momento, elas tinham conhecimento sobre a exposição da artista chilena em Paris, em 1964? Outra pergunta sem resposta. A artista chilena Violeta Parra “expuso arpilleras, óleos y esculturas en alambre en el Museo de Artes Decorativas del Palacio del Louvre, en París. Es la primera exposición individual de un artista hispano-americano en dicho museo”[231] [Figura 32].

Figura 32 –
Afiche [arpillera], 1964.



Fonte: Coleção Museo Violeta Parra[232].

As Museologias e a Sociomuseologia em particular estão a dever investigações sobre a artista chilena Violeta Parra. Além da exposição referida anteriormente, outros fragmentos

[231] Recuperado de: http://www.fundacionvioletaparra.org/trayectoria , em 12 de janeiro de 2023.
[232] Recuperado de: https://www.museovioletaparra.cl/violeta-parra/obras/arpilleras , em 12 de janeiro de 2023.

biográficos da artista exigem a nossa atenção, como sua amizade com o poeta brasileiro Thiago de Mello (1926-2022) [Figura 33]; o projeto La Carpa de la Reina[233], um centro cultural onde ela viveu, atuou e recebeu diversas/os artistas e convidadas/os, lugar onde ela se suicidou em 1967 e também foi velada[234]; o Museo Violeta Parra, localizado em Santiago e la Casa Museo Violeta Parra localizado em San Carlos, na Región de Ñuble, Chile. Penso que não é ético falar ou escrever sobre o Chile sem mencionar e pedir a benção à Violeta Parra.

Figura 33 –
Thiago de Mello [arpillera], 1960.



Fonte Coleção Museo Violeta Parra[235].

[233] Violeta Parra sonhou que ali funcionaria uma Universidad del Folklore com muitas oficinas para adultos e crianças e apresentações de artistas folclóricas/os do Chile.
[234] Indico a película já referida anteriormente *Violeta foi para o céu*, do diretor chileno Andrés Wood (2011) e o artigo de Ariel Mamani (2019). *Para la reina... apenas una carpa. Innovación y primitivismo en Violeta Parra y su experiencia en La Carpa de la Reina*. Recuperado de: https://journals.openedition.org/artelogie/2906#quotation , em 23 de agosto de 2023.
[235] Recuperado de: https://www.museovioletaparra.cl/violeta-parra/obras/arpilleras , em 12 de janeiro de 2023.

A Mesa-Redonda sobre o Desenvolvimento e o Papel dos Museus no Mundo Contemporâneo foi realizada para e com especialistas em museus, com exceção de três animadores, Enrique Enseñat, Jorge Hardoy e César Picón, debatedores de outras áreas[236], convidados pela UNESCO/ICOM. As/os delegadas/os nacionais foram indicadas/os pelos seus respectivos governos. Não obtive informações sobre o processo de escolha e convite das/dos observadoras/es, majoritariamente chilenas/os, todavia, ela com certeza passou pelo crivo da coordenadora da MRSC e presidenta do Comitê Chileno de Museus (ICOM), Grete Mostny.

Pela primeira vez, a UNESCO/ICOM realizava um evento relacionado aos museus na América Latina tendo o espanhol como o idioma oficial, pelo menos é isso que foi e continua a ser propagado; todavia, talvez não tenha sido bem assim, como atesta uma pequena observação existente no documento, de 1972, intitulado *Informações gerais para os Participantes*, da UNESCO, onde está escrito que “os idiomas de trabalho serão o espanhol e o francês. A interpretação simultânea será do francês para o espanhol” (IBRAM & Programa Ibermuseos, 2012, p. 107), além das tradutoras Madame Barnabé e Moral Lopez citadas no documento *AHA_70_004 C-20*.

Provavelmente, a realização da Mesa-Redonda no Chile a partir do aceite e convite do Governo da Unidade Popular tenha sido também uma homenagem, por parte dos setores mais progressistas da UNESCO/ICOM ao projeto político até então inédito existente no país andino. A vitória de Salvador Allende, da Unidade Popular – UP, em 1970, foi um sopro de esperança para as esquerdas espalhadas no Sul e norte globais, como assinalado anteriormente.

Também gostava de saber quem da equipe da UNESCO/ICOM, entre os expositores e as/os participantes, foi ou foram solidário/s ao povo chileno após o golpe civil-militar que derrubou o presidente Salvador Allende, em 11 setembro de 1973. Alguém escreveu uma carta para a representante chilena, Grete Mostny, solidarizando-se pelo momento difícil vivido pelo povo chileno? Perguntaram como ela estava? Alguém ofereceu a Grete Mostny asilo caso necessário? Quem chorou ou pelo menos comoveu-se com a notícia do assassinato do músico Víctor Jara? O que aconteceu com as/os observadoras/es chilenos após o golpe

[236] O outro debatedor, o argentino Mario Teruggi era da área de museus.

militar? O que de fato sabemos sobre as vidas de todas/os as/os participantes latino-americanas/os antes, durante e depois da Mesa-Redonda de Santiago do Chile? Quase nada.

Pessoas organizaram/realizaram o referido acontecimento e produziram a Declaração que é considerada, por muitos, como um dos principais documentos museológicos do século XX; principal referência para o Movimento Internacional para uma Nova Museologia – MINOM, surgido na década de 1980; texto basilar para a Museologia Social e a Sociomuseologia. Todavia, a maioria das pessoas envolvidas foram relegadas ao esquecimento e/ou apagamento.

O que eu esbocei aqui, com a ajuda de algumas/uns interlocutoras/es, é muito pouco diante da importância do acontecimento e de suas/seus participantes, seus expositores, suas/seus observadoras/es e a equipe UNESCO/ICOM, além da importância e do protagonismo do Governo do Chile, da sua representante, Grete Mostny, e de todas as mulheres e homens invisíveis[237], de quem nunca saberemos os nomes. Pessoas que participaram nos bastidores, como motoristas, as/os responsáveis pela limpeza e pelos intervalos com refrigério[238], entre outras e outros. Os nomes dessas pessoas não costumam constar nos documentos e, por isso, geralmente, não estão nos fundos dos arquivos institucionais e nem nos pessoais.

Como já mencionado, a lista da curadora do Museu de História Natural do Chile, Grete Mostny, citada no volume 1 da publicação do IBRAM & Programa Ibermuseos (2012), é um trecho do artigo *El desarrollo y la importância de los museos en el mundo contemporáneo* (1972). Uma observação me chamou a atenção nas duas publicações: a Mesa-Redonda foi organizada pela UNESCO e pelo Governo do Chile, detalhe também desconhecido até o início da minha pesquisa sobre a MRSC. Na literatura sobre o acontecimento de maio de 1972, o Chile aparece apenas como o país-sede. O protagonismo,

[237] Referência ao livro *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*, de Fernando Braga da Costa (2004).
[238] Intervalo para o lanche.

no que diz respeito à organização, quase sempre foi destinado à UNESCO em parceria com o ICOM.

Fato relatado anteriormente e que será reiterado ao longo da tese foi a total ausência ou o pouco destaque dado à representante do Chile na bibliografia sobre a MRSC: a organizadora local, a principal anfitriã, a coordenadora do referido acontecimento, a curadora do Museu Nacional de História Natural, Grete Mostny[239]. É interessante constatar que o educador Paulo Freire, que não participou da Mesa-Redonda de Santiago, e/ou mesmo Hugues de Varine, que não tinha direito à voz e nem a voto, sejam mais citados do que a mulher que, direta e indiretamente, foi a responsável pela realização do acontecimento de maio de 1972.

No primeiro parágrafo do artigo de Grete Mostny, *El desarrollo y la importância de los museos en el mundo contemporâneo*, publicado no *Boletim do Museu de História Natural*, em 1972, e de onde saiu a lista contida na publicação do IBRAM & Programa Ibermuseos (2012), a autora escreveu o seguinte:

> "La Conferencia General de UNESCO, en su 16a. reunión, aprobó una resolución que permitiera promover el desarrollo de los museos en los Estados Miembros, principalmente estimulándolos a adaptarse a las necesidades del mundo contemporâneo. Por invitación del Gobierno de Chile, Santiago fue elegido como sede de reunión, celebrándose entre el 20-31 de Mayo recién ppdo., la mesa redonda sobre el papel de los museos y su desarrollo em el mundo moderno". (Mostny, 1972)

Até o início da pesquisa, como já mencionado, eu não sabia se o Governo do Chile tinha sido escolhido ou convidou a UNESCO/ICOM para sediar a mesa-redonda. Entretanto, pelo trecho citado, fica evidente que foi a partir do convite do Governo do Chile, intermediado pela arqueóloga, museóloga e antropóloga chilena Grete Mostny. Provavelmente, a maior parte dos custos do acontecimento de maio de 1972 foi arcada pelo Governo chileno; a outra parte, pela UNESCO. As duas pessoas que poderiam explicar melhor sobre os custos da MRSC já não estão mais por aqui: Raymonde Frin e Grete Mostny.

[239] Ainda no início da pesquisa, no dia 26 de abril de 2021, às 18h13, numa chamada via *WhatsApp*, eu comentei com o professor Mário Chagas o meu interesse em pesquisar mais profundamente as representantes do Chile e da Colômbia, as antropólogas e arqueólogas Grete Mostny e Alicia Dússan de Reichel, principalmente por suas histórias de vida. Então, ele me chamou a atenção sobre a importância de Grete Mostny na organização da MRSC.

Por isso, esse tema foi abordado nas perguntas enviadas ao representante do ICOM na Mesa-Redonda de Santiago, Hugues de Varine[240].

> "**Julio Cézar Chaves**: Quem financiou a Mesa-Redonda de Santiago do Chile? As despesas foram divididas entre a UNESCO, ICOM e o Governo do chileno? As passagens, a hospedagem e as demais despesas dos representantes e debatedores foram custeadas pelos respectivos Governos? **Hugues de Varine**: Nunca tive conhecimento dos assuntos orçamentais. Habitualmente, no sistema UNESCO, acho que cada país pagava pelas despesas suas e o país hóspede recebia uma subvenção especial da UNESCO".

A resposta de Hugues de Varine elucida apenas um ponto: o ICOM não financiou o acontecimento chileno. Por outro lado, deixa pistas para pesquisarmos a "subvenção especial da UNESCO", o dinheiro investido pelo Governo chileno e as despesas pagas pelos governos dos países de origem das/dos delegadas/os. Tudo isso pode parecer algo irrelevante ou mesmo um certo preciocismo, mas não para mim[241].

Ainda sobre essa questão, a museóloga brasileira Teresa Scheiner (2012, p. 23) escreveu o seguinte:

> "deve-se ter em conta que, naquele momento, apenas um evento organizado por agências internacionais teria a possibilidade de discutir, numa América Latina atravessada por governos autoritários de direita, as relações entre sociedade, educação, meio ambiente e desenvolvimento; e que tal discussão só poderia ter ocorrido num país onde fosse possível a ampla liberdade de expressão – como era, então, o Chile de Allende". (Scheiner, 2012, p. 23)

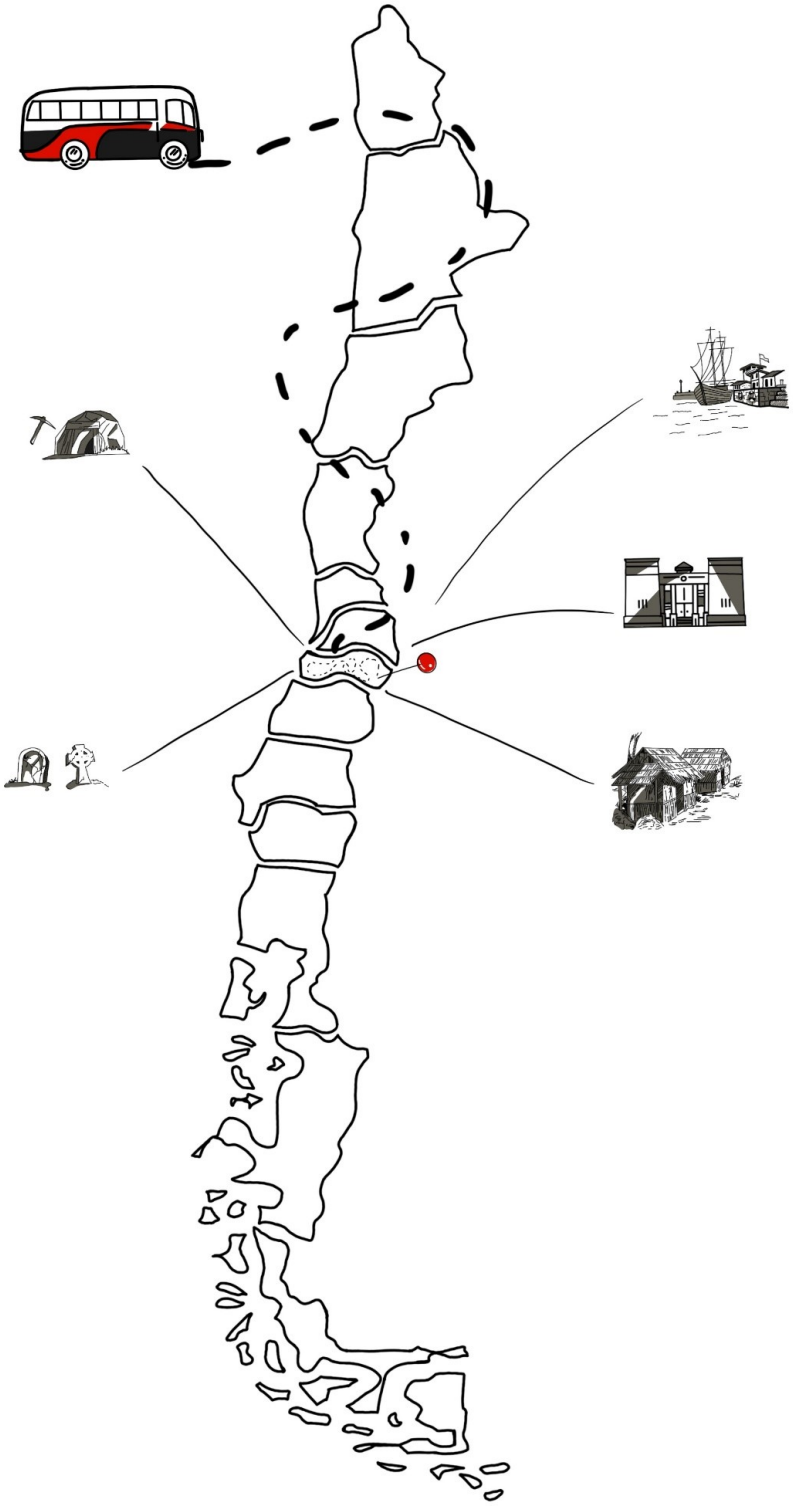
Na citação acima, os méritos pela organização são dados apenas às agências internacionais UNESCO e ICOM, ignorando completamente o papel do Governo chileno como um dos organizadores. Por outro lado, eu concordo com Scheiner que o Chile era um país com ampla liberdade de expressão no Governo do presidente Salvador Allende[242]

Outro ponto interessante contido na citação em questão é sobre "as relações entre sociedade, educação, meio ambiente e desenvolvimento". Retornarei a esse ponto ao longo da tese, em menor ou maior grau essas relações existiam nos mais diversos países latino-

[240] Também fiz uma pergunta parecida ao debatedor peruano César Picón, em 30 de janeiro de 2022, ainda sem resposta.
[241] Na minha primeira conversa com o professor Mario Chagas, em abril ou maio de 2021, ele disse que, em relação ao Seminário do Rio de Janeiro, o que foi divulgado é que o acontecimento foi financiado pela UNESCO. No entanto, o Governo brasileiro foi quem realmente subsidiou o evento.
[242] É preciso lembrar que nem todos os países da América Latina eram ditaduras civis-militares, por isso, exitiam países com liberdade de expressão, talvez, não tão amplas como no Chile daquele período.

americanos. A questão central é: que tipo de relações eram essas? Comprometidas com toda a sociedade ou apenas com uma parte dela? Uma educação conservadora ou libertária? A defesa do meio ambiente com a participação dos povos indígenas que sempre o protegeram ou uma defesa gestada nos gabinetes governamentais com latifundiários e empresários em parceria com as agências internacionais? Um desenvolvimento independente ou dependente, a partir do Estado ou a partir do grande capital estrangeiro? O texto da Declaração de Santiago conseguiu responder, dentro do possível essas questões, como veremos no *Capítulo 4 – A Palo Seco: uma «mirada nostálgica e ingenua» sobre a Declaração de Santiago.*

Figura 34 –
A Programação, de Anthony Cainãa Pacheco, 2023.



Fonte: O autor.

CAPÍTULO 3 – A PROGRAMAÇÃO DA A MESA-REDONDA DE SANTIAGO DO CHILE, 1972

> Gostei da sua definição do escritor como um inventor de esquecimentos. Mas não a quero aplicar na minha vida. Tenho pouco mais de quarenta, ainda me sinto jovem: quero o passado, mais que o futuro. Parece estranho que eu prefira as coisas antigas, mas nós, os da minha geração, vivemos um tempo sem tempo. Entende? É como olhar para trás e não ver chão. Preciso das suas histórias, das suas lembranças, quero fazer delas o meu passado. Não importa que sejam inventadas. Sempre é melhor essa fantasia do que um tempo vazio que herdei como uma doença. Por isso, caro professor, faça o seu trabalho de toupeira, abra túneis no chão do tempo. Eu viajarei por essas galerias subterrâneas. Sou órfã, cresci numa família que me adotou. Trataram de mim o melhor que souberam. Mas não me deram o mais importante que são as histórias. Ando em busca dessas narrativas como um cego que procura o desenho do seu próprio corpo.
>
> O Mapeador de Ausências, Mia Couto (2021)

Ao viajar para o Chile, em maio de 2022, eu já possuía algumas informações disponíveis na publicação *Mesa Redonda sobre la Importancia y el Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporáneo: Mesa Redonda de Santiago de Chile, 1972, vol. I,* organizada por José do Nascimento Júnior, Alan Trampe e Paula Assunção dos Santos (IBRAM & Programa Ibermuseos, 2012); no já citado artigo *El desarrollo y la importancia de los museos en el mundo contemporáneo: Mesa Redonda*, *organizado por Unesco y Gobierno de Chile*, de Grete Mostny (1972); no também já citado relatório intitulado *“Adaptação dos museus da*

América Latina ao mundo contemporâneo”: Mesa-Redonda organizada pela Unesco, da representante brasileira Lygia Martins Costa (1972), e algumas informações transmitidas por Hugues de Varine (2021) por meio de correio eletrônico. Durante o trabalho de campo, eu encontrei outras informações, mas muito aquém do esperado.

Para se ter uma ideia do problema relacionado à falta de documentos e depoimentos das/dos participantes sobre a programação da MRSC, eu citarei o exemplo do local dos trabalhos, em Santiago. Mesmo cinquenta anos depois [2022], ainda não existe unanimidade sobre o lugar que sediou a Mesa-Redonda entre as/os profissionais de museus, as/os museólogas/os e as/os pesquisadoras/es interessados na temática, incluindo o ICOM Chile. O que demonstra mais uma vez os processos de invisibilização do acontecimento de maio de 1972.

No dia 20 de maio de 2022, foi inaugurada, em Santiago, uma nova edição da MRSC, intitulada *Revisiones del passado, problemáticas del presente y desafios del futuro: encuentro y reflexión crítica sobre el rol de los museos desde LAC al mundo*[243], no Centro Cultural Gabriela Mistral – GAM [Figuras 35 e 36]. O evento foi organizado pelo Comité Chileno de Museos – ICOM Chile e pela Oficina Regional de Educación para a América Latina y el Caribe – OREALC/UNESCO Santiago. Em diversas falas durante a inauguração, o prédio da UNCTAD III foi citado como o lugar dos trabalhos da MRSC. Essa versão coincide com o *fac-símile* do documento (*SHC-72/CONF.28/INF.1*) da UNESCO, de 7 de abril de 1972, denominado *Informaciones generales para los participantes*, existente na publicação do IBRAM & Programa Ibermuseos (2012, p. 15).

Figuras 35 e 36 –
Centro Cultural Gabriela Mistral, 2022.



Fonte: O autor.

[243] O formato do evento foi híbrido. Nos dias 06, 07 e 08 de junho de 2022, aconteceu na modalidade remota.

Por outro lado, eu já ouvi o professor da UNIRIO Mario Chagas comentar, em diversas ocasiões, que os trabalhos aconteceram também no Museo Nacional de Historia Natural de Chile[244] [Figuras 37 e 38]. A mesma versão aparece no texto de apresentação da *Revista Museos nº 31* (2012), dedicada à comemoração dos 40 anos da realização da MRSC. Segundo Alan Trampe, no âmbito das comemorações, “se realizó un acto conmemorativo de la Mesa de Santiago en el Museo Nacional de Historia Natural, una de las sedes en donde se trabajó el año 1972” (Trampe, 2012, p. 2). E, por último, no *Relatório Final*, escrito pelo presidente da MRSC, o uruguaio Héctor Fernández Guido relata: “La Reunión tuvo lugar en la Sala de Sesiones de la Oficina Regional de Educación de UNESCO para América Latina y el Caribe, en Santiago de Chile, República de Chile, entre el 17 y el 31 de mayo de 1972” (Guido, 1973/2012, p. 39).

Figuras 37 e 38 –
Museo Nacional de Historia Natural de Chile, 2022 e 2023.



Fonte: O autor.

Durante o meu trabalho de campo no Chile, não foi possível encontrar documentos que comprovassem uma das três versões citadas; todavia, eu penso que a versão do presidente é a mais plausível, devido às circunstâncias da sua atuação como relator, ou seja: o *Relatório* foi escrito e concluído posteriormente aos trabalhos. Se, inicialmente, a MRSC foi pensada para acontecer no edifício da UNCTAD III, como consta no *fac-símile* do documento da UNESCO (*SHC-72/CONF.28/INF.1*), de 7 de abril de 1972, algo aconteceu entre essa data e o dia 20 de maio de 1972, ocasionando a mudança da sede dos trabalhos do edifício da UNCTAD III para a OREALC/UNESCO Santiago.

A partir das informações anteriores, nós podemos conjeturar o seguinte em relação ao local da inauguração e o local dos trabalhos: a UNCTAD III terminou no dia 21 de maio de

[244] Durante as aulas do IV CEAM, eventos sobre museus e Museologias e conversas informais.

1972, ou seja, o prédio ainda estava ocupado nos dois primeiros dias da Mesa-Redonda de Santiago. Talvez isso explique a escolha da Biblioteca Nacional para a inauguração, no dia 20 de maio [sábado], e a escolha do dia 21 [domingo] para visitar Valparaíso e Viña del Mar, segundo a programação oficial (IBRAM & Programa Ibermuseos, p. 106). Resumindo: o prédio da UNCTAD III somente estaria liberado a partir de 22 de maio [segunda-feira]. Todavia, eu não obtive resposta do porquê os trabalhos não foram realizados no local a partir dessa data.

Por tudo isso, a OREALC/UNESCO Santiago estava no meu roteiro de lugares a serem visitados durante a minha viagem de campo. Em maio de 2022, eu enviei o primeiro correio eletrônico para Nicolás Rojas Inostroza, na época especialista asistente del Programa de Educación y Cultura da OREALC/UNESCO, pois queria conhecer a oficina e talvez elucidar o enigma da sede dos trabalhos da MRSC. Após trocarmos diversos correios eletrônicos, eu desisti, pois não consegui sensibilizá-lo sobre a importância da minha pesquisa e de confirmar ou não a OREALC/UNESCO Santiago como a sede dos trabalhos da MRSC. Nicolás Rojas Inostroza sugeriu que eu procurasse pessoas com quem eu já tinha entrado em contato, como Luis Alegría, Diretor da Cátedra Libre Grete Mostny; Leonardo Mellado, presidente do ICOM Chile; Hugues de Varine e a autora do livro *Mesa Redonda de Santiago de Chile: un hito revolucionario de la Museología* (2022), recém-lançado no Chile, Javiera Cádiz Pinares, além de indicar algumas publicações e artigos que eu já possuía sobre o acontecimento de 1972.

Para finalizar, durante a minha viagem de campo de maio de 2022 eu não consegui conhecer o lugar que eu considero ter sido a sede da MRSC. Antes e durante a segunda viagem em maio de 2023, eu tentei novamente contatar Nicolás Rojas Inostroza[245] e pedi ajuda a Antía Vilela que nessa época atuava no Escritório da UNESCO em Brasília para conseguir um contato com alguém da OREALC/Santiago, todavia, sem resultado. É quase impossível visitar o local sem ser convidado ou indicado por alguma instituição. A minha credencial de investigador doutorando da Universidade ULUSÓFONA não foi suficiente para adentrar os portões da OREALC/Santiago.

3.1 A Programação

[245] Soube que ele não trabalhava mais na OREALC/Santiago em maio de 2023.

Na já referida publicação *Mesa Redonda sobre la Importancia y el Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporáneo: Mesa Redonda de Santiado de Chile, 1972, v.1*, organizada por José do Nascimento Junior, Alan Trampe e Paula Assunção (IBRAM & Programa Ibermuseos, 2012, p.13) existe outro *fac-símile* da UNESCO (*SHC-1972/CONF.28/2*), datado de 14 de fevereiro de 1972 e intitulado *Programa e horario* [da Mesa-Redonda de Santiago, 1972][246]. Além da agenda e dos horários, o documento possui duas observações que eu julgo importantes para os comentários a seguir: a primeira é a jornada de trabalho, das 08h30 às 15h30, com meia hora de intervalo para o almoço[247]; a segunda diz respeito ao fato de que programação poderia ser alterada ao longo da Mesa-Redonda de Santiago e “espera-se que as autoridades chilenas organizem visitas a outros museus, monumentos e instituições” (IBRAM & Programa Ibermuseos, 2012, p.13). Ao longo da pesquisa, eu procurei mapear essas possíveis mudanças na programação, além de conhecer as instituições e os lugares visitados pelas/os participantes[248].

Antes da minha viagem de campo para o Chile, em maio de 2022, eu encontrei outras informações valiosas sobre a programação, os museus e os lugares visitados, não citadas no *fac-símile* do documento da UNESCO (*SHC-1972/CONF.28/2*), de 14 de fevereiro. Esses dados aparecem nos textos citados (Mostny, 1972; Costa, 1972; Varine, 2021) [ver Quadro 8].

Quadro 8 –
Informações sobre a programação externa da Mesa-Redonda de Santiago do Chile citadas por Grete Mostny, Lygia Martins Costa e Hugues de Varine.

Autor/a	Citação

[246] Essa é a Programação Oficial [prévia], mas não a definitiva.
[247] Como veremos a seguir, após às 15h30, a programação continuava com visitas a museus e outros eventos.
[248] Não encontrei nenhuma lista contendo os nomes das pessoas que participaram das visitas.

GRETE MOSTNY	Para reforzar la idea fundamental de incorporar los museos a la realidade de sus respectivos países, los participantes han salido de su sala de conferencias, para conocer algunos aspectos fundamentales de la vida chilena: han visitado asentamientos campesinos en la región de **Linares**; han rendido **homenaje al precursor de las ciencias naturales en Chile, el Abate JUAN IGNACIO MOLINA ante su tumba en Villa Alegre**; han entrado a las instalaciones de la **mina de cobre de El Teniente en Sewell**; han **recorrido, guiado por arquitectos de CORMU, el Gran Santiago, observando los problemas urbanísticos**; han visitado **museos**, el **Centro Nacional de Museología**, donde se forman técnicos museológicos; han gozado de las **belezas turísticas de Chile en una excursión a Valparaíso, Viña y Panimávida**. (Mostny, 1972, p. 3, grifo nosso).
GRETE MOSTNY	Para la organización del seminário tuvimos la suerte de contar con la colaboración abnegada e incondicional del Dr. Simón Romero, Director de la Oficina Regional de UNESCO y de todos sus colaboradores. Las Intendencias y Municipalidades de **Viña del Mar**, **Villa Alegre, Linares y Rancagua** brindaron su hospitalidade a los visitantes extranjeros, como lo hacía igualmente **la Compañía Minera El Teniente**, **el Asentamiento Campesino HERNÁN MERY**, **los museos de Arte de Viña del Mar, de Linares, de la Patria Vieja de Rancagua, de Curimón**; la Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos y los museos de Santiago. (Mostny, 1972, p. 4, grifo nosso).
LYGIA MARTINS COSTA	O trabalho se desenvolveu de 19 a 31 de maio em sessões que ocuparam praticamente das 9-19hs, incluindo visitas aos museus da cidade. Os fins de semana foram aproveitados para o conhecimento dos museus fora de Santiago e os pontos mais significativos de seus arredores – **Viña del Mar (Museu da Municipalidade)** e **Valparaíso, o maior porto do país**, a leste; **Cunimon (Museu Colonial)**, a noroeste; **Rancagua (Museu da Pátria Antiga)**, **Vila-Alegre (Catedral)**, ao sul; e **a mina de cobre El Teniente, a maior mina de cobre subterrânea do mundo, com a respectiva Casa de Cultura**, a alguns quilômetros de Santiago. (Costa, 1972, p. 2, grifo nosso).
HUGUES DE VARINE	**Julio Cézar Chaves**: O senhor pode me falar sobre as visitas externas durante a Mesa-Redonda de Santiago? **Hugues de Varine**: A visita a **Valparaíso** foi unicamente turística. Mas tenho uma memória viva da visita a **Linares** e **uma escola de formação de agricultores** à cooperação e pela atribuição de terras agrícolas no quadro da reforma agrária. (Varine, 2021, grifo nosso).

Fonte: A partir dos dados de Mostny (1972; 2012), Costa (1972) e Varine (2021; 2022).

Procurei destacar alguns nomes nos trechos citados na Quadro 8, como: Linares; Curimón; Villa Alegre; El Teniente, en Sewell; Panimávida; Rancagua; Museu da Municipalidade em Viña del Mar; el Asentamiento Campesino Hernán Mery; el Abate Juan Ignacio Molina, entre outros, porque eles não aparecem no *fac-símile* do documento da UNESCO (*SHC-1972/CONF.28/2*), de 14 de fevereiro, intitulado *Programa y horario* (IBRAM & Programa Ibermuseos, 2012, p. 13).

Há que se mencionar o destaque em caixa alta dado por Grete Mostny (1972) aos nomes Hernán Mery e Juan Ignacio Molina. A fabular, eu penso que não foi aleatório e que, provavelmente, a curadora do Museu Nacional de História Natural do Chile tinha um carinho especial pelos dois. E também não podemos deixar de citar o nome do Diretor da OREALC/UNESCO Santiago naquele momento, o também pouco conhecido e pouco citado na bibliografia sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972, Dr. Simón Romero. De acordo com o trecho acima, escrito por Grete Mostny (1972), ele e sua equipe tiveram uma “colaboración abnegada e incondicional” na organização da MRSC.

Reitero que o formato da MRSC [com debatedores de outras áreas do conhecimento], alguns/algumas participantes, as configurações sociais do Chile naquele momento e a programação externa foram responsáveis pela potência da Declaração de Santiago. Apesar de não ser citada explicitamente nas transcrições dos debates[249] e no Relatório de Héctor Fernández Guido (1972; 1973/2012), suponho que foi grande o impacto que a programação externa causou na maioria das/dos participantes, em maio de 1972. E ela foi pensada em concordância com as políticas sociais e culturais do Governo Salvador Allende, da UP, e com as demais realidades dos países da América Latina, como afirma Grete Mostny (1972, p. 3): “Para reforzar la idea fundamental de incorporar los museos a la realidade de sus respectivos países, los participantes han salido de su sala de conferencias, para conocer algunos aspectos fundamentales de la vida chilena”. Evidentemente, os problemas sociais não eram estranhos a nenhum/a dos/das participantes, todos/as latino-americanos/as, todavia, não encontrei informações sobre visitas a lugares tão específicos anteriormente, em eventos da UNESCO e/ou ICOM na América Latina.

Precisamos não esquecer que a coordenadora da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972, Grete Mostny, era uma servidora pública e ocupava um cargo público como curadora da mais importante instituição museológica do Chile, o Museo Nacional de Historia Natural de Chile, desde 1964. E, durante a organização e a realização do acontecimento em questão, ela fazia parte do Governo da Unidade Popular. De certa forma, as atividades da

[249] *AHA_402_001 C - 70 – Mesa Redonda sobre la Importancia y el Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporáne”. Transcrición de cintas de Mesa Redonda de sobre Museos UNESCO*. 197 páginas datilografadas.

instituição onde ela atuava e as da MRSC precisavam dialogar com as políticas de Governo do período, o que fica evidente, por exemplo, nas visitas das/dos participantes à Compañía Minera El Teniente, nacionalizada no ano anterior, e ao Asentamiento Campesino Hernán Mery, relacionado à reforma agrária iniciada no Governo anterior (1964-1970), do democrata cristão Eduardo Frei Montalva (1911-1982), e radicalizada no Governo de Salvador Allende.

Podemos comparar as programações do Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus de 1958 e a da Mesa-Redonda de Santiago de 1972. Evidentemente, no intervalo entre os dois eventos, as configurações sociais do mundo mudaram bastante. Ainda assim, penso que é interessante problematizar as duas programações. Segundo Chagas (2019),

> “na cidade do Rio de Janeiro, os participantes visitaram o Museu de Arte Moderna, o Museu Nacional de Belas Artes, o Museu Histórico Nacional, o Museu Nacional, o Museu Casa de Rui Barbosa, o Museu do Banco do Brasil e o Museu do Índio; em Petrópolis, o Museu Imperial; em São Paulo, o Museu de Arte de São Paulo, o Museu de Arte Moderna, a Fundação Álvares Penteado, o Museu Paulista, o Instituto Butantan e a Casa do Bandeirante; em Ouro Preto, o Museu da Inconfidência; em Sabará, o Museu do Ouro”. (Chagas, 2019, p. 14)

A programação acima evidencia uma escolha pelos grandes museus brasileiros da época, localizados na região Sudeste do Brasil. Provavelmente, não tenha sido apenas por uma questão espacial: existe, aqui, um desejo de destacar/impressionar as/os participantes externas/os, além da própria UNESCO e do ICOM. Por outro lado, na Mesa-Redonda de Santiago, apesar de as/os participantes representarem alguns dos principais museus da América Latina, a programação não ficou restrita às instituições chilenas localizadas, predominantemente, em Santiago. Na verdade, nas duas programações externas divulgadas, apenas aparece o nome do Museu Nacional de História Natural do Chile. Retornarei à programação mais adiante, pois mesmo depois de 50 anos, foi uma das responsáveis pela potência do acontecimento de 1972.

Como mencionado na *Introdução*, essas instituições e esses lugares citados no *fac-símile* do documento da UNESCO (*SHC-1972/CONF.28/2*) (IBRAM & Programa Ibermuseos, 2012, p. 13), por Grete Mostny (1972), Lygia Martins Costa (1972) e Hugues de Varine (2022), formam o que a museóloga Cristina Bruno (2020, p. 23) denominou “paisagem cultural delimitada pela percepção museológica” da Mesa-Redonda de Santiago do

Chile, 1972. Percorrê-la foi também um dos motivos das minhas (in)tranquilas viagens ao Chile, em maio de 2022 e maio de 2023.

A Programação da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972 será apresentada diariamente e iniciando com um pequeno quadro contendo as informações disponíveis nos *fac-símiles*[250] da UNESCO *SHC-1972/CONF.28/2*, de 14 de fevereiro de 1972 (IBRAM & Programa Ibermuseos, 2012, pp. 13-14) e *SHC-72/CONF.28/INF.1*, de 7 de abril de 1972 (IBRAM & Programa Ibermuseos, 2012, pp. 15-17). A seguir disponibilizaremos as informações disponíveis nos textos de Mostny (1972) e Costa (1972), nos correios eletrônicos de Varine (2021), nos documentos encontrados durante as minhas viagens de campo, entre eles o documento *AHA_402_001 C-70* contendo três das quatro transcrições das apresentações dos animadores e os respectivos debates. Devido a extensão do *Capítulo 3 – A Programação da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972*, alguns comentários sobre as apresentações dos quatro temas foram transferidos para o *Capítulo 4 – A Palo Seco: uma «mirada nostálgica e ingenua» sobre a Declaração de Santiago.*

3.1.1 Dias 17 (quarta-feira), 18 (quinta-feira) e 19 (sexta-feira) de maio de 1972

Fac-símiles (SHC-1972/CONF.28/02 e SHC-72/CONF.28/INF.1)	***17 de maio**: chegada do diretor, dos facilitadores e do representante da Unesco;* ***19 de maio**: chegada dos participantes.*

Existem poucas informações relacionadas à chegada das/os participantes e suas atividades em Santiago nos dias 17, 18 e 19 de maio de 1972. O *fac-símile* da UNESCO (*SHC-72/CONF.28/INF.1*), intitulado *Informaciones generales para los participantes*, de 7 de abril de 1972, possui poucos dados sobre os dias que antecederam a inauguração da MRSC. Entre eles, dois nos interessam: o primeiro, "Por invitación del Gobierno chileno, la reunión se celebrará desde el sábado 20 de mayo hasta el miércoles 31 de mayo ambos incluidos, en la sede de la UNCTAD, Alameda Bernardo O'Higgins[251], Santiago" (IBRAM & Programa Ibermuseos, 2012, p.15); e o segundo: "El Gobierno ha reservado para los participantes certo número de habitaciones en un hotel confortable. Hotel Foresta, Victoria Subercaseaux, 335"

[250] Os trechos citados *dos fac-símiles* aparecerão em itálico.
[251] Principal avenida de Santiago.

(IBRAM & Programa Ibermuseos, 2012, p. 17). Este último é o único dado disponível sobre a hospedagem das/os participantes da MRSC.

Uma das perguntas enviadas a Hugues de Varine, em 2021, foi sobre o local de hospedagem das/os participantes:

> **“Julio Cézar Chaves**: A equipe UNESCO/ICOM, os expositores e as/os participantes [delegadas/os] ficaram hospedados no Hotel Foresta, reservado pelo Governo do Chile, localizado, ainda hoje, na Victoria Subercaseaux, 335, em frente ao Cerro Santa Lucía, no bairro Lastarria? **Hugues de Varine:** Não me lembro nada disso”.

A única pessoa que poderia confirmar onde as/os participantes da MRSC ficaram hospedadas/os não se recordava. Procurei informações sobre o local na *internet*, antes da minha primeira viagem para o Chile, em maio de 2022, e, para a minha surpresa, o hotel ainda estava em funcionamento. Daí, surgiu a ideia de me hospedar um dia para conhecê-lo, fotografar o local e conferir a existência de documentos que, de alguma forma, comprovassem a passagem das/os participantes em maio de 1972, como indicado na documentação da UNESCO. Todavia, eu não consegui nenhuma informação. Evidentemente, os funcionários atuais nunca tinham ouvido falar da MRSC, também não sabiam a data de inauguração do hotel[252]. As datas citadas foram 1962, 1968, 1969 e 1972. Ainda segundo eles, o Hotel Foresta foi um hotel de luxo e um dos cinco melhores hotéis de Santiago nas décadas de 1960 e 1970.

O luxo de outrora não existe mais. Tudo está desgastado pelo tempo: os papéis de parede, os pisos, os carpetes, os mobiliários. Segundo os funcionários, com exceção do Bar Don Rodrigo[253], tudo permanece quase igual. A história do Hotel Foresta está inscrita no edifício, nos objetos de outrora expostos na recepção, nos corredores, nos apartamentos, no bar, localizado no último andar [Figuras 39 e 40] [254], e também nos arredores.

[252] Eu estava tão ansioso no meu primeiro dia no Chile e também pelo fato de estar preso no hotel até segunda ordem [quarentena por causa da COVID-19] que não anotei os nomes de todos os funcionários com quem eu conversei. Posteriormente, eu consegui os nomes de dois deles: Luis Celis Marin e Federico Undurraga Vallejos.
[253] Localizado no térreo, próximo à recepção, e inaugurado na década de 1980.
[254] O sítio *web* possui poucas informações sobre o hotel e nada sobre sua história. Recuperado de: http://forestahotel.cl/pag-in/i/11655 , em 28/11/2022. O Foresta possui sete pisos. O local onde, atualmente, o café da manhã é servido localiza-se no sétimo piso, que se encontra em reforma. Essas informações foram obtidas por meio do *WhatsApp* do hotel.

Figuras 39 e 40 –
Fachada e lobby do Hotel Foresta, 2022.





Fonte: O autor.

Ainda que por uma noite apenas, a experiência como hóspede do Hotel Foresta foi importante para o meu trabalho de campo, pois, a partir dos vestígios ainda existentes, foi possível imaginar o local no início da década de 1970. Um hotel de luxo, segundo os funcionários atuais, ou um hotel confortável, de acordo com a publicação do IBRAM & Programa Ibermuseos (2012, p. 17), possivelmente o local também foi escolhido pelo Governo do Chile por sua localização. O Hotel Foresta está localizado em frente ao Cerro Santa Lucía [Figuras 41 e 42], um dos principais pontos turísticos, uma das melhores vistas da região central de Santiago e, hoje, monumento histórico do país. Não encontrei informações se as/os participantes da MRSC visitaram o Cerro Santa Lucía. Provavelmente, Grete Mostny tenha sugerido a visita, pois, além dos atrativos do lugar, ela, como curadora do MNHN do Chile, deve ter mencionado a visita do naturalista Charles Darwin ao local, durante sua

passagem pelo país na primeira metade do século XIX, como atesta uma placa existente no parque.

Figuras 41 e 42 –
Cerro Santa Lucía, 2022.



Fonte: O autor.

Cabe destacar que o Hotel Foresta não está localizado próximo apenas do Cerro Santa Lucía, mas também da Biblioteca Nacional do Chile, local da inauguração da MRSC, do prédio da UNCTAD III, um dos lugares citados como sede dos trabalhos, os dois últimos localizados na Avenida Libertador Bernardo O’Higgins. E também a 10 minutos de carro da OREALC/Santiago[255], localizado na calle Enrique del Piano 2058, no bairro Providencia[256].

3.1.2 Dia 20 (sábado) de maio de 1972

Fac-símile (SHC-72/CONF.28/2)	***10h00****: inauguração.* ***13h30****: Apresentação dos participantes; debate sobre o programa e os métodos de trabalho.* ***Noite****: recepção oferecida pela Unesco.*

A partir de uma tentativa de “ver, rever e transver” (Barros, 2013, pp. 323-324) a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, podemos imaginar as/os participantes, por volta das 9h do dia 20 de maio de 1972, a caminhar do Hotel Foresta em direção à Biblioteca Nacional do

[255] Após as tentativas frustradas de conhecer o local, eu procurei [através de *e-mail* e *Facebook*] a seguinte informação: a atual sede da OREALC/Santiago é a mesma de maio de 1972? Para a minha surpresa ninguém soube me responder. E pior, nenhum interesse em procurar a informação. Não posso deixar de externar a raiva e ódio que eu senti da OREALC/Santiago [através de pessoas da sua equipe] ao longo da minha pesquisa e em particular durante o meu trabalho de campo, em maio de 2022 e 2023, em Santiago do Chile.
[256] Paulo Freire, Elza Maia Costa de Oliveira e Grete Mostny viveram no bairro da Providencia.

Chile, circundando o Cerro Santa Lucía, e que esse pequeno percurso, 50 anos depois[257], estaria inserido numa “paisagem cultural delimitada pela percepção museológica” (Bruno, 2020, p. 23) da Mesa-Redonda de Santiago do Chile.

Ao contrário da sede dos trabalhos, não existe dúvida sobre o local da inauguração da MRSC, a Biblioteca Nacional do Chile [Figura 43], um imponente edifício em estilo neoclássico, localizado na Avenida Libertador Bernardo O’Higgins[258], 651, a cerca de 800 metros de distância do Hotel Foresta [8 a 9 minutos de caminhada entre os dois lugares].

Figura 43 –
Biblioteca Nacional do Chile, n.d..



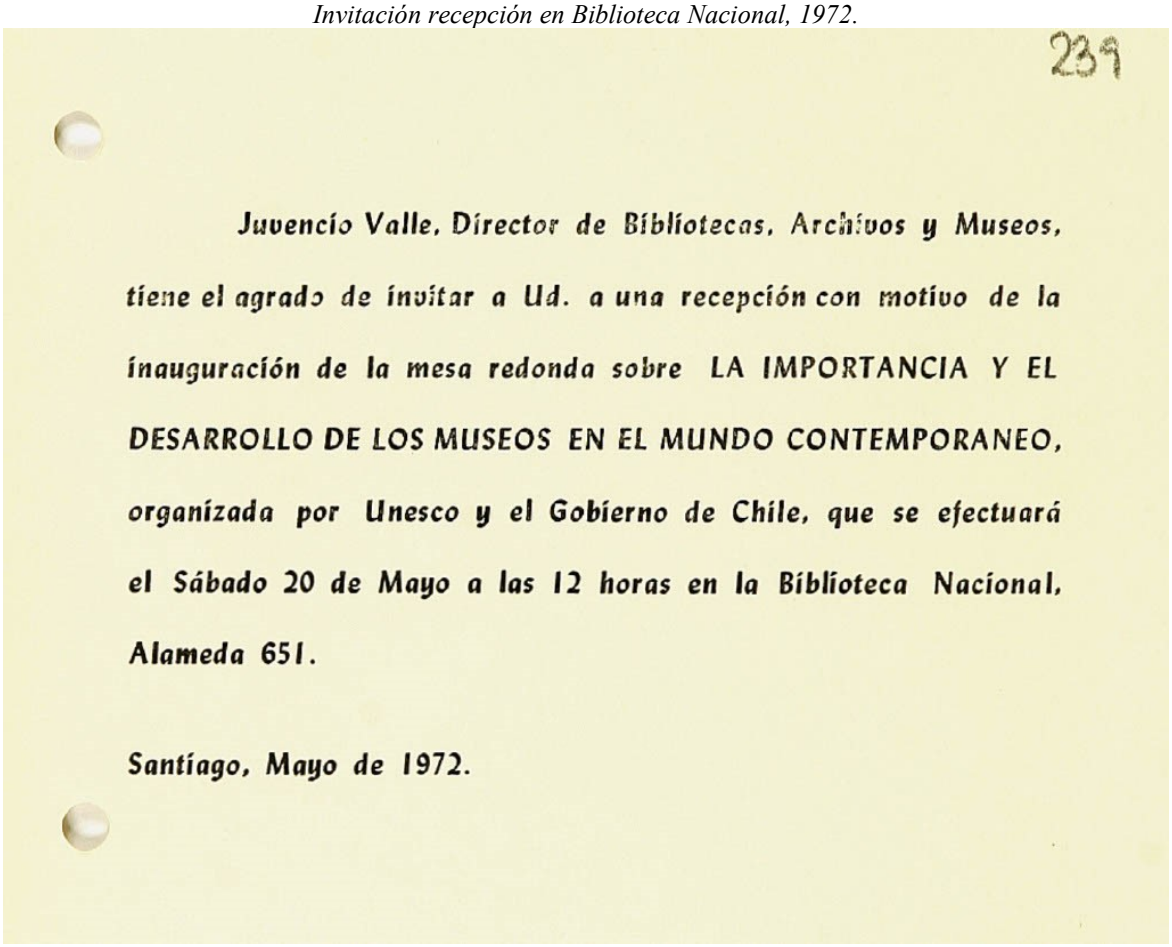
Fonte: Consejo de Monumentos Nacionales de Chile[259].

A certeza deve-se ao fato de que o local aparece em todos os documentos disponíveis. Na publicação do IBRAM & Programa Ibermuseos (2012), aparece a seguinte nota explicativa: “Discurso pronunciado na biblioteca nacional por Don Juvencio Valle[260], responsável pela Dirección de Bibliotecas Archivos y Museos – DIBAM, por ocasião da inauguração da Mesa-Redonda sobre a Importância e o Desenvolvimento dos Museus no Mundo Contemporâneo” (IBRAM & Programa Ibermuseos, 2012, p. 112). Assim como, no

[257] Maio de 2022, período da minha primeira viagem de campo.
[258] Mais conhecida como Alameda.
[259] Recuperado de: https://www.monumentos.gob.cl/monumentos/monumentos-historicos/biblioteca-nacional , em 12 de janeiro de 2023.
[260] Alguns fragmentos biográficos do poeta chileno Juvencio Valle (1900-1999) serão abordados no *Capítulo 7 – Ausentes e Presentes: fragmentos biográficos dos partipicipantes da Mesa Redonda de Santiago do Chile, 1972*.

documento *AHA_2016_102 C-43 Invitación recepción en Biblioteca Nacional* [Figura 44] existente na Biblioteca Abate Molina do Museo Nacional de Historia Natural de Chile – MNHN e encontrado na minha segunda viagem de campo, em maio de 2023.

Figura 44 –
Invitación recepción en Biblioteca Nacional, 1972.


239

Juvencio Valle, Director de Bibliotecas, Archivos y Museos, tiene el agrado de invitar a Ud. a una recepción con motivo de la inauguración de la mesa redonda sobre LA IMPORTANCIA Y EL DESARROLLO DE LOS MUSEOS EN EL MUNDO CONTEMPORANEO, organizada por Unesco y el Gobierno de Chile, que se efectuará el Sábado 20 de Mayo a las 12 horas en la Biblioteca Nacional, Alameda 651.

Santiago, Mayo de 1972.

Fonte: Archivo Historico Administrativo do MNHN.

Além de confirmar o local da inauguração da MRSC, o documento Invitación recepción en Biblioteca Nacional (*AHA_2016_102 C-43*) também sinaliza algo importante e já apontado, o Governo do Chile como um dos organizadores do acontecimento de 1972, juntamente com a UNESCO. Quantas pessoas participaram da inauguração na Biblioteca Nacional? Quais expositores estavam presentes? Quais delegadas/os? Quais observadoras/es? Perguntas difíceis de reponder. Aliás, é muito provável que exista alguma fotografia perdida da inauguração da MRSC nos arquivos chilenos. Pois, considero improvável que a inauguração de um acontecimento internacional organizado pela UNESCO/ICOM e Governo do Chile não tenha sido fotografado em algum momento. E, por último, existe uma

divergência entre o horário da inauguração no convite e o da *Agenda e Horários* (IBRAM & Programa Ibermuseos, 2012, p. 106), no primeiro seria às 12h00 e no segundo às 10h00.



Gostaria de destacar alguns trechos dos discursos proferidos na inauguração da Mesa-Redonda do Chile, outros serão analisados nos fragmentos biográficos das/os participantes nos próximos capítulos. O discurso mais potente da inauguração foi sem sombra de dúvida, o do Diretor da DIBAM, o poeta Juvencio Valle (2012), do Ministério da Educação do Governo do Chile:

> “Aqui, neste país em revolução, que queremos criativa e fértil, os Srs. encontrarão interesse e entusiasmo em torno dos seus trabalhos. Acreditamos que quaisquer dificuldades que possam surgir no caminho serão, sem dúvida, solucionadas pela nossa companheira, a Dra. Grete Mostny, que possui ampla experiência em eventos como este”. (Valle, 2012, p. 112)

Além de destacar o caráter “criativo e fértil” da revolução em andamento no Chile, o Diretor da DIBAM assegura às/aos participantes que essas características proporcionarão “interesse e entusiasmo” no desenrolar da Mesa-Redonda de Santiago do Chile e evidenciado na programação externa, como veremos a seguir.

É interessante observar e também destacar o uso do substantivo feminino “companheira”, que Juvencio Valle emprega ao falar de Grete Mostny. Companheira possui diversos significados e está quase sempre relacionado a afeto, amizade, laços familiares; mas também é empregado para referir-se a alguém do «partido» [comunista ou socialista] ou alguém envolvida/o com as lutas sociais. Qual foi o sentido empregado por Juvencio Valle? Não tenho uma resposta definitiva, apenas algumas pistas.

Em primeiro lugar, não encontrei nenhuma informação sobre o perfil ideológico da curadora Grete Mostny. Em segundo lugar, o fato dela ter permanecido à frente do Museo Nacional de Historia Natural de Chile durante três Governos diferentes, Eduardo Frei Montalva [Partido Democrata Cristão], Salvador Allende [Unidade Popular] e também da

ditadura civil-militar comandada por Pinochet[261], totalizando, aproximadamente, 18 anos de gestão à frente do MNHN, o que dificulta qualquer análise superficial.

Segundo Luis Alegría Licuime[262], Grete Mostny

> “Tiene un pensamiento más de derecha que de izquierda. Es importante porque estaba casada con un conservador. Tiene una mirada conservadora del mundo y creo que también la tiene. Por eso, el museo tiene este componente científico, de investigación científica por sobre otros, o sea, eso es lo que ella organizo y proyecto en el museo. Revisando cosas de Grete Mostny, piensa el museo como un espacio científico de producción de conocimientos y de divulgación científica, la feria científica, los boletines, las publicaciones”. (Licuime, 2022)

O historiador Luis Alegría Licuime destaca nesse trecho da entrevista o caráter científico da gestão de Grete Mostny. Todavia, não podemos esquecer que ela foi a primeira mulher a dirigir o principal museu do país e uma das principais instituições científicas do Chile e que de certa forma justifica o caráter científico da sua gestão, além da sua formação acadêmica/científica, como veremos no *Capítulo 6 – A Coordenadora da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, la doctora Grete Mostny (1914-1991).* Por outro lado, o fato de ter sido casada com um conservador não a torna uma pessoa politicamente conservadora. Como já apontamos anteriormente, o casamento [o segundo] de Grete Mostny com ex-ministro de Educação Juan Gómez Millas aconteceu em 1980, oito anos após a MRSC. A levar em conta o trecho acima, então, Grete Mostny poderia ter um pensamento de esquerda antes do seu segundo casamento.

Enfim, a partir das falas de Juvencio Valle e Luis Alegría Licuime, o mais provável é que politicamente, Grete Mostny não era nem de direita e nem de esquerda, mas de centro, o que pode ter favorecido para a sua permanência nos três Governos citados: Eduardo Frei (1964-1970), Salvador Allende (1970-1973) e, no período de 1973 a 1982 [ano da sua aposentadoria], ditadura civil-militar de Pinochet. Ainda assim, e apesar da informação do historiador Luis Alegría Licuime, não podemos descartar a possibilidade de Grete Mostny ser

[261] Não podemos olvidar que Salvador Allende e Eduardo Frei Montalva foram assassinados pela ditadura civil-militar comandada pelo general fascista Pinochet, o primeiro em 1973 e o segundo em 1982.

[262] Entrevista realizada na biblioteca do Museu Historico Nacional de Chile – MHN, localizada na Plaza de Armas, 951, às 10h da manhã do dia 30 de maio de 2022 com Luis Alegría Licuime, historiador, ex-presidente do ICOM-Chile, pesquisador do Museo Historico Nacional de Chile – MHN, coordinador Académico Cátedra Libre Grete Mostny ICOM y MHN. Atualmente, Luis Alegría Licuime é professor na Universidad de Valparaíso, Chile. A transcrição foi feita por uma amiga e professora argentina da ciudad de Plottier, na Provincia del Neuquén, Susana Encina.

uma mulher de esquerda, pois, segundo Peter Winn (2010, p. 127), na “esfera pública da revolução chilena, um[a] companheiro[a] era alguém que compartilhava um mesmo projeto político”, e não tenho dúvida de que ela compartilhou o projeto político da UP, principalmente na programação externa da MRSC. E para finalizar, podemos afirmar que a curadora Grete Mostny era/é reconhecida como uma das grandes cientistas do país, era uma ótima gestora e possuía autoridade cientifica suficiente para a sua permanecia à frente do MNHN ao longo de dois Governos civis diferentes e parte da ditadura civil-militar.



A segunda pessoa a discursar foi a representante da UNESCO, Raymonde Frin. Ao contrário do discurso crítico de Juvencio Valle, o segundo discurso foi mais formal e menos empolgante como tinha que ser. Juvencio Valle era naquele momento o representante do Governo do Chile, “um país em revolução”, enquanto a Sra. Raymonde Frin estava ali a representar o Diretor geral da UNESCO e por isso precisava agradar a todas/os as/os participantes da MRSC, independente da forma de governo/desgoverno.

O discurso da Sra. Raymonde Frin foi em francês, pois como ela disse logo no início da sua fala, “infelizmente, não domino o espanhol” (Frin, 2012, p. 113). Também gostava de citar outros pontos interessantes do seu discurso naquele momento, como o seu agradecimento ao Governo do Chile, ali representado pelo Diretor da DIBAM, Don Juvencio Valle, além do trecho abaixo,

> “Não posso deixar de mencionar a Dra. Grete Mostny, cuja dedicação incansável lançou as bases para a criação de um ambiente favorável aos nossos debates, o que nos permitirá aproveitar plenamente tudo o que o Chile tem a oferecer com sua cultura do passado e seu desenvolvimento social e científico de hoje”. (Frin, 2012, p. 13)

A Sra. Frin poderia agradecer apenas o representante do Governo do Chile, Don Juvencio Valle, todavia, ela não esqueceu de agradecer também a coordenadora da MRSC por todo o esforço dispensado para sediar e organizar o acontecimento de maio de 1972 juntamente com a UNESCO/ICOM. Também não podemos deixar de destacar o trecho que ela fala do “desenvolvimento social e cientifico de hoje” do Chile. Aqui não é apenas o

reconhecimento aos avanços do país no Governo da UP, mas também, algo chave naquele momento, aliás ainda hoje, como veremos no *Capítulo 4 – A Palo Seco: uma «mirada nostálgica e ingenua» sobre a Declaração de Santiago.*

Por último, o discurso do então Diretor do ICOM, Hugues de Varine (Varine, 2012, p. 114). Ao contrário de Don Juvencio Valle e a Sra. Raymonde Frin, Varine não citou a Coordenadora da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, a curadora Grete Mostny, também não fez nenhuma menção ao Governo do Chile. Provavelmente, essas duas ausências no discurso de Varine não indicam divergências ou algo parecido. Até porque, como já sinalizado anteriormente, Varine, apesar de sinalizar que não influenciou na indicação/escolha do Chile para sediar a MRSC, penso que nunca deixou de torcer para que o acontecimento fosse realizado nesse país. O seu respeito e agradecimento a Grete Mostny, apesar de não ter sido citado no seu discurso na inauguração do acontecimento de maio de 1972 foi publicizado em diversas ocasiões.

O desenvolvimento também aparece no discurso de Hugues de Varine (2012),

> “Por toda essas razões, o Icom vê nessa reunião de Santiago uma oportunidade de unir as duas categorias de especialistas, especialistas em museus e especialista no **desenvolvimento econômico e social**, para buscar a solução de um único problema, o da integração dos museus ao **desenvolvimento**”. (Varine, 2012, p. 14, grifo nosso)

Novamente, eu fiz questão de destacar o uso recorrente do vocabulário desenvolvimentista na temática da MRSC, assim como nos discursos proferidos na inauguração pela representante da UNESCO e pelo Diretor do ICOM. É interessante observar, que Don Juvencio Valle não cita a palavra desenvolvimento no seu discurso de abertura. É importante sinalizar que a questão desenvolvimentista é um dos pontos mais criticados da Declaração de Santiago na atualidade e como veremos no próximo capítulo, eu discordo.

O trecho mais interessante do discurso de Varine (2012) é quando ele fala sobre a educação inspirado no educador brasileiro Paulo Freire,

> “A educação, por outro lado, deve significar libertação: o aluno não deve ser objeto de ensino, mas sujeito da construção de novos valores para o homem. Estou seguro de que o museu ocupa um lugar privilegiado nessas formas de educação, já que nele os objetos expostos nas paredes e vitrines permitem que o visitante seja, mais facilmente que em outros locais, um verdadeiro sujeito”. (Varine, 2012, p. 114)

Além desse trecho que faz referência ao pensamento de Paulo Freire, nas transcrições[263] o debatedor argentino Jorge Hardoy cita o educador brasileiro. Outro ponto interessante no trecho citado acima é a centralidade do processo educativo [libertário] nos museus a partir dos seus objetos.

Para finalizar, consta na programação oficial do dia 20 de maio de 1972 que, após a inauguração da Mesa-Redonda, às 10h da manhã[264], na Biblioteca Nacional do Chile, ocorreu a atividade denominada apresentação das/os participantes, debate do programa e metodologias de trabalho, às 13h30[265]; por fim, à noite, a UNESCO ofereceu uma recepção (IBRAM & Programa Ibermuseos, 2012, p. 105). Não encontrei informações sobre o local da recepção oferecida pela UNESCO, provavelmente aconteceu em algum espaço apropriado da Biblioteca Nacional do Chile, na OREALC, no MNHN do Chile, no edifício da UNCTAD III ou mesmo no Hotel Foresta.

3.1.3 Dia 21 (domingo) de maio de 1972

Fac-símile (SHC-72/CONF.28/2)	**09h00** Excursão que durará o dia todo. Visita a Valparaíso e Viña del Mar.

São poucas as informações existentes sobre a visita a Valparaíso e Viña del Mar, no dia 21 de maio, todavia, como assinalado no Quadro 8, Grete Mostny (1972) e Hugues de Varine (2021) destacam o caráter turístico da excursão a Valparaíso e Viña del Mar. Segundo a coordenadora da MRSC, Grete Mostny, e a delegada brasileira, Lygia Martins Costa, as/os

[263] *AHA_402_001 C-70* Mesa Redonda sobre la Importancia de los Museos.
[264] No *Convite* [Figura 39] às 12h00.
[265] A metodologia de trabalho está disponibilizada no *fac-símile* do documento *SHC-72/CONF.28/3*, Paris, 14 de fevereiro de 1972 (IBRAM & Programa Ibermuseos, 2012).

participantes visitaram o Museu da Municipalidade, em Viña del Mar, e o maior porto chileno [Figura 45], em Valparaíso (Costa, 1972, p. 2; Mostny, 1972, p. 4), nada mais.

Para Grete Mostny, o porto de Valparaíso tem um significado muito especial como já assinalado anteriormente, pois foi ali que ela desembarcou há 33 anos, em 1939 fugindo do nazismo. Nesse mesmo porto e nesse mesmo ano, desembarcaram do navio *SS Winnepeg* as/os refugiadas espanhóis fungindo do fascista general Francisco Franco.

Figura 45 –
Porto de Valparaíso, 2022.



Fonte: O autor.

No dia 3 de janeiro de 2022, eu enviei um correio eletrônico para Elizabeth Mejías Navarrete, da Área de Estudios, e para a assistente do subdiretor, Liliana Nahuelfil Matus, da Subdirección Nacional de Museos[266]. O objetivo foi confirmar a instituição visitada na cidade

[266] Segundo a Lei nº 21.045, de 2017, que criou o Ministerio de las Culturas, las Artes y el Patrimonio, o Servicio Nacional del Patrimonio Cultural possui diversas subdireções, entre elas a Subdirección Nacional de

de Viña del Mar, assim denominada, o “Museu da Municipalidade” (Costa, 1972, p. 2) e o “museu de arte” (Mostny, 1972, p. 4). No dia 11 de janeiro, recebi a seguinte resposta da coordenadora de Registro de Museus do Chile, Elizabeth Mejías Navarrete: “o único museu de arte em Viña del Mar naquela época é o atual Museo de Bellas Artes Palacio Vergara, localizado no Parque Quinta Vergara” [Figura 46].

Figura 46 –
Museo de Bellas Artes Palacio Vergara, Parque Quinta Vergara, en Viña del Mar, Chile, 2022.



Fonte: O autor.

Na minha viagem ao Chile, em maio de 2022, eu visitei Valparaíso e Viña del Mar com os seguintes objetivos, visitar as instituições, o Museo de Bellas Artes Palacio Vergara, em Viña del Mar, o Museo de Historia Natural de Valparaíso[267] e o Museo de Bellas Artes de Valparaíso [Museo Baburizza] [Figura 47][268]; conhecer o principal porto do país, em Valparaíso e por fim, conversar com a autora do livro *Mesa Redonda de Santiago de Chile: un hito revolucionario de la Museología*, Javiera Cádiz Pinares (2022)[269]. Todavia, no dia 24

Museos – SNM, cujo subdiretor atual é Alan Trampe Torrejón. Recuperado de: http://bit.ly/3YdXOGy , em 12 de agosto de 2022.

[267] Soube que Grete Mostny atuou na criação do Museo de Historia Natural de Valparaíso. Antes da minha visita, eu entrei em contato via correio eletrônico com a curadora jefa do Departamento de Ciencias y Investigación, Anabell Lafuente, pois tinha esperança de encontrar algo relacionado à MRSC; porém, nada foi encontrado. Ainda assim, eu passei rapidamente para conhecer a instituição e conversar com Anabell Lafuente.

[268] Por via das dúvidas, eu visitei também o outro museu de arte existente nas proximidades. Valparaíso e Viña del Mar são próximas uma da outra.

[269] O título da obra já evidencia o posicionamento de Javiera Cádiz Pinares. Ela foi uma das poucas pessoas no Chile com quem eu tive contato que considera a Mesa-Redonda de Santiago do Chile e a sua Declaração como

de maio de 2022 [terça-feira], o dia da minha visita, o Museo de Bellas Artes Palacio Vergara estava fechado[270].

Figura 47 –
Museo de Bellas Artes de Valparaíso [Museo Baburizza], em Valparaíso, Chile, 2022.



Fonte: O autor.

O Museo de Bellas Artes de Valparaíso [Museo Baburizza] foi a única instituição museológica de artes que eu conheci da região de Valparaíso e Viña del Mar. É um museu de artes [tradicional] como muitas pinturas dos séculos XIX e XX, localizado num palecete com vista para o centro de Valparaíso e o Oceano Pacífico.

3.1.4 Dia 22 de maio (segunda-feira) de 1972

marcos revolucionários em pleno século XXI. Conversa [não gravada] com Javiera Cádiz Pinares, na Escuela de Desarrollo Social Instituto Profesional – AIEP, calle Diego Portales, 90, en Viña del Mar. Aproveitei para pedir a Javiera Cádiz para autografar seu livro. Eu falei sobre o meu projeto de pesquisa. Ela falou um pouco sobre a sua trajetória e se dispôs ajudar-me, inclusive compartilhando uma entrevista que ela fez com uma pessoa que presenciou a visita das/os participantes da MRSC à Santiago e Viña del Mar, em maio de 1972.

[270] A data foi escolhida de acordo com a disponibilidade da minha interlocutora, Javiera Cádiz Pinares. Também não sabia que o museu funcionava apenas de quarta-feira a domingo. Na minha segunda viagem de campo, em maio de 2023, não foi possível retornar à Viña del Mar e Valparaíso.

Fac-símile (SHC-72/CONF.28/2)	***08h30-15h30*** *Apresentação do tema 1: Os museus e o desenvolvimento cultural em áreas rurais e o desenvolvimento agrícola. Debate.*

O tema 1: *Os museus e o desenvolvimento cultural em áreas rurais e o desenvolvimento agrícola* será abordado no *Capítulo 4 – A Palo Seco: uma «mirada nostálgica e ingenua» sobre a Declaração de Santiago.*

3.1.5 Dia 23 (terça-feira) de maio de 1972

Fac-símile (SHC-72/CONF.28/2)	***Manhã****: visita ao Museu de História Natural e ao Centro de Museologia. Exposição e atividades práticas.* ***Tarde****: conclusão do debate sobre o tema 1.*

Desde o ínicio da pesquisa, eu tinha esperança de encontrar algum documento ou depoimento confirmando a visita das/os participantes da MRSC ao Museo de la Solidaridad. A singularidade do projeto dessa instituição, como vimos brevemente no *Capítulo 1 – América Latina: “el derecho de vivir en paz”* era o tipo de programa imperdível naquele momento para as/os interessadas/os em museus ou artes visuais. Inclusive, não podemos esquecer que entre as/os delegadas/os estavam duas historiadoras da arte, a boliviana Teresa Gisbert de Mesa e a brasileira Lygia Martins Costa. E no caso dessa última, algo também interessante era a presença do crítico de arte brasileiro exilado no Chile naquele momento, Mário Pedrosa. Todavia, não havia nenhuma referência sobre essa visita na bibliografia sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972, algo curioso devido ao caráter emblemático dos dois acontecimentos na mesma cidade e no mesmo momento.

A visita das/os participantes à exposição do Museo de la Solidaridad no Museu de Arte Contemporânea da Universidade do Chile foi confirmada em dois momentos:

- Ao responder uma das minhas perguntas enviadas em 2021, Hugues de Varine confirmou a visita das/os participantes:

> **“Julio Cézar Chaves:** E sobre o exílio do também brasileiro Mário Pedrosa [um grande crítico de arte] e um dos responsáveis pelo projeto do Museu da Solidariedade com o Chile, o senhor tinha conhecimento? Inclusive, uma

> exposição com algumas das obras doadas por artistas de diversos países foi inaugurada com a presença do presidente Salvador Allende, no dia 18 de maio de 1972, dois dias antes do início da Mesa-Redonda de Santiago do Chile. O senhor tomou conhecimento dessa exposição realizada no Parque Quinta Normal? Se sim, o senhor visitou ou alguma das pessoas convidadas para a Mesa-Redonda visitou a exposição? [Esse evento foi bastante divulgado nos jornais de Santiago em maio de 1972, ao contrário da Mesa-Redonda de Santiago]. **Hugues de Varine:** Tivemos uma visita à exposição, como parte dos eventos ligados à Mesa-Redonda”[271].

- Posteriormente, em maio de 2022, ao analisar o documento *AHA_402_001 C-70 Mesa Redonda sobre la Importancia de los Museos* [transcrições]. Na última página relativa ao tema 1: *Os museus e o desenvolvimento cultural em áreas rurais e o desenvolvimento agrícola* [dia 22 de maio de 1972], o presidente da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972, o uruguaio Héctor Fernandéz Guido (1972) abordou resumidamente a programação do dia seguinte [23 de maio de 1972].

> “Para el día Martes 23 de mayo a las 9 hrs. Salida para visitar el Museo Nacional de Historia Natural y Centro Nacional de Museología. 12,30 Vino de Honor oferecido por la Dra. Mostny, pero es exclusivamente para aquellas personas que hayan concurrido a las 9 hrs. A las 13,30 hrs. EXPO’ 72 y Museo de Arte Contemporaneo”. (Guido, 1972, p. 60)

Além de confirmar a visita, o trecho da fala do presidente da MRSC confirma a data da visita, o dia 23 de maio, seis dias após a inauguração do Museo de la Solidaridad. Até então, essas são as informações disponíveis. Procurei outras informações no Museu de Arte Contemporânea e também no Museu da Solidariedade Salvador Allende, todavia, sem nenhum resultado. A memória dessa visita estava soterrada até então, inclusive o pessoal do Archivo del Museo de la Solidaridad Salvador Allende não tinha conhecimento dessa visita[272]. Também considero importante atentarmos para os silêncios das/os participantes da

[271] Questão 8.

[272] Por *e-mail*, eu comentei com uma pessoa do Archivo del Museo de la Solidaridad Salvador Allende sobre a visita, ela me respondeu que o Archivo tinha muito interesse nos dados sobre essa visita e se podia informar a fonte ou mais informações a respeito. Eu respondi que as informações estariam disponíveis na minha tese após a defesa em fevereiro de 2024.

Mesa-Redonda de Santiago e das/os pesquisadoras/es sobre a visita do dia 23 de maio à exposição de inauguração do revolucionário do Museo de la Solidaridad[273].



O trecho da transcrição de Guido (1972) citado anteriormente também elucida alguns detalhes esboçados na Programação do *fac-símile* da UNESCO (*SHC-1972/CONF.28/2*), de 14 de fevereiro de 1972 (IBRAM & Programa Ibermuseos, 2012, pp. 13-14), de caráter provisório como já comentado anteriormente. A visita ao Museu Nacional de História Natural e ao Centro Nacional de Museologia[274]foi finalizada com um Vinho de Honra oferecido pela curadora Grete Mostny.

Sobre a visita à EXPO’ 72, não foi possível encontrar informações. Procurei informações com alguns intelectuais chilenos, entre eles, David Maulén de los Reyes[275]. Perguntei se ele sabia algo sobre a referida exposição e no mesmo dia, eu recebi a seguinte resposta:

> Estimado Julio, mucho gusto
> Todavía no se que quieres decir con "expo 72" en la UNCTAD III.
> Durante la conferencia UNCTAD III se organizaron varias exposiciones, la mas famosa fue la exposición internacional de la vivienda, la viexpo, realizada en el parque quinta normal, pero hubo muchas, hubo una de artesania en el mismo edificio unctad III, hubo otra de pintura chilena en el museo de bellas artes. no se cual expo 72 dices en particular”. (Maulén, 2023)

[273] Considero o projeto revolucionário principalmente pelos seguintes pontos: primeiro, todas as obras foram doadas para o povo chileno [nenhuma obra foi comprada]; segundo, o projeto aceitou obras de artistas renomados quanto de artistas desconhecidos; e por último, não havia hierarquia ou predileção por determinado estilo artístico (Zoli, 2011; Cubillos, Castro & Yáñez, 2019; Paladino, 2020).

[274] O Centro Nacional de Museologia estava sediado no Museu Nacional de História Natural do Chile. Criado por Grete Mostny e equipe em 1968, ele funcionou até 1974, como veremos no *Capítulo 6 – A Coordenadora da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, la doctora Grete Mostny (1914-1991).* Graças a alguns documentos encontrados no Archivo Historico e Administrativo – AHA da instituição da qual a Dra. Grete Mostny era a curadora, foi possível compreender a centralidade do Museu Nacional de História Natural do Chile – MNHN durante a MRSC, em maio de 1972.

[275] Entrei em contato no dia 11 de janeiro de 2023 via correio eletrônico com o arquiteto e professor da Universidad Tecnologica Metropolitana – UTEM, David Maulen de los Reyes. O edifício da UNCTAD III foi abordado por ele em diversos artigos.

A resposta do professor David Maulén de los Reyes trouxe outras pistas sobre a cena expositiva em Santiago do Chile naquele momento, abril e maio de 1972. As exposições como já sinalizado anteriormente estavam intrinsecamente ligadas à realização da UNCTAD III. Todavia, a VIEXPO não aconteceu no período em questão e sim em setembro e outubro de 1972[276]. Penso que a EXPO’ 72 referida por Héctor Fernandéz Guido necessita de uma investigação mais aprofundada. Provavelmente, a denominação EXPO’ 72 seja algo relacionado às diversas exposições realizadas naquele momento em Santiago, como afirma o professor David Maulén. Importa sinalizar que algumas delas aconteceram no Parque Quinta Normal, o mesmo endereço do Museu Nacional de História Natural – MNHN e do Museu de Arte Contemporânea da Universidade do Chile – MAC/UC.

E para finalizar a questão sobre a EXPO’ 72 citada pelo presidente da MRSC. Existe tanto na obra *Mario Pedrosa: De la naturaliza afectiva de la forma* (2017) quanto na obra *Archivo de Prensa Inauguración*[277] uma matéria intitulada “El presidente Allende saluda a Mário Pedrosa”[278] [Figura 48] e nela aparece outra denominação relacionada às exposições durante o período da UNCTAD III, “CHILEXPO 72”.

[276] A Exposição e Conferência Internacional de Vivienda – VIEXPO aconteceu no período de 8 de setembro a 15 de outubro de 1972, no Parque Quinta Normal, em Santiago, Chile.
[277] Recuperado de: https://www.mssa.cl/archivo-de-prensa-inauguracion/ , em 15 de abril de 2023.
[278] Na obra *Mário Pedrosa: De la naturaliza afectiva de la forma* (2017, p. 330) consta o nome do jornal *El Siglo* e a data de 20 de maio de 1972. Por outro lado, na obra *Archivo de Prensa Inauguración* (n.d.) aparece a mesma matéria como sendo do jornal *La Nación* e a data de 19 de maio de 1972.

Figura 48 –
Matéria Jornalística: “El presidente Allende saluda Mário Pedrosa”, Jornais El Siglo e/ou La Nación, 1972.



EL PRESIDENTE DE LA REPUBLICA, DR. SALVADOR ALLENDE, luego de visitar antenoche el Museo de la Solidaridad, ubicado en el edificio de exposiciones del Arte Contemporáneo, en Quinta Normal, que forma parte de "CHILEXPO 72", permaneció por algunos momentos en esta última muestra cíclica de nuestro país. La impresionante realización de la CORFO, en la que han participado todas las instituciones públicas y privadas de nuestro país, impactó al Primer Mandatario. Por esta razón, sólo alcanzó a apreciar panorámicamente uno de los pabellones, a causa de la hora avanzada. De todas formas, junto a su esposa, Tencha Bussi, expresaron al secretario general de la Corporación de Fomento, también Director del Comité Técnico de Ferias y Exposiciones de ese organismo, que "tenía información acerca de la magnitud y calidad de la muestra y que, por tanto, esperaba en los próximos días visitarlas minuciosamente, desde la entrada hasta el pabellón de artesanía popular y productos de la industria nacional que están a la venta a precios de costo. El Dr. Allende y su esposa, pidieron al Secretario General de CORFO que diera las instrucciones pertinentes para que los estudiantes visitaran masivamente la exposición, que a juicio de los delegados de la UNCTAD, es "la más imponente y mejor organizada de cuantas han presenciado hasta ahora en los diversos países que han recorrido". En las fotos, el Presidente Allende observa las valiosas obras en el Museo de la Solidaridad, que cuenta con 600 pinturas de destacados maestros, tales como Picasso, Juan Miró y numerosos otros de prestigio internacional, así como de brillantes artistas de la plástica nacional.

Fonte: Archivo Museo de la Solidaridad Salvador Allende[279].

Segundo a matéria,

> EL PRESIDENTE DE LA REPUBLICA, DR. SALVADOR ALLENDE, luego de visitar antenoche el Museo de la Solidaridad, ubicado en el edifício de exposiciones de Arte Contemporáneo, en Quinta Normal, que forma parte

[279] Recuperado de: https://www.mssa.cl/archivo-de-prensa-inauguracion / , em 15 de abril de 2023.

> de “CHILEXPO 72”, permaneció por algunos momentos en esta última muestra cíclica de nuestro país. La impressionante realización de la CORFO, en la que han participado todas las instituiciones públicas y privadas de nuestro país, impactó al Primer Mandatario (...) (1972).

EXPO’ 72 e/ou “CHILEXPO 72”? Não foi possível descobrir os porquês das duas denominações, provavelmente, duas siglas para denominar o mesmo evento. O que importa aqui é reiterar alguns pontos já delineados anteriormente: primeiro, durante a UNCTAD III, Santiago do Chile sediou diversas exposições; segundo, a inauguração do Museu da Solidaridad estava inserida na EXPO’ 72 e/ou “CHILEXPO 72”; terceiro, o Parque Quinta Normal sediou a EXPO’ 72 e/ou “CHILEXPO 72”; quarto, é preciso destacar o protagonismo da Corporación de Fomento de la Producción – CORFO[280] e do seu Comitê de Feiras e Exposições, responsáveis pela “CHILEXPO 72” e/ou EXPO’ 72.

Sobre a programação do dia 23 de maio de 1972 é possível delinear algumas fabulações: Oscar Eduardo Avello Avello e Grete Mostny ciceronearam as/os participantes durante a visita ao Museo Nacional de História Natural do Chile e a exposição do Museo de la Solidaridad, no Museu de Arte Contemporânea da Univesidade do Chile; Pedro Lemebel estava a visitar o MNHN no mesmo momento das/os participantes da MRSC; ao visitar à exposição do Museu de la Solidariedad, a delegada brasileira Lygia Martis Costa encontrou o conterrâneo Mário Pedrosa, cumprimentaram-se e trocaram algumas palavras amáveis; Lygia Martins Costa encontrou o conterrâneo comunista Mário Pedrosa e o cumprimentou secamente[281]; Mário Pedrosa ciceroneou as/os participantes da Mesa-Redonda de Santiago durante a visita à exposição do Museo de la Solidaridad; ao caminharem pelo Parque Quinta Normal no trajeto entre o Museu Nacional de História Natural e o Museu de Arte Contemporânea, as/os participantes passaram ao lado de Victor Jara, Joan Jara[282] e suas duas filhas que por coincidência estavam visitando naquele momento a EXPO’ 72 e/ou

[280] A Corporación de Fomento de la Producción – CORFO foi criada no Governo do Presidente Pedro Aguirre Cerda, em 1939.
[281] Não encontrei até então nenhuma referência se Lygia Martins Costa conhecia Mário Pedrosa anteriormente.
[282] A bailarina, professora, escritora e ativista política, Joan Jara (1927-2023) faleceu no dia 12 de novembro de 2023 aos 96 anos.

“CHILEXPO 72”. Após essas fabulações, eu não posso deixar de citar a presença do então estudante do Centro Nacional de Museologia, Miguel Ángel Azócar e a lembrança que ele tinha da visita das/os participantes ao Museu Nacional de História Natural[283].

3.1.6 Dia 24 (quarta-feira) de maio de 1972

Fac-símile (SHC-72/CONF.28/2)	***08h30-15h30*** *Apresentação do tema 2: Os museus e o desenvolvimento científico e tecnológico. Debate*

Não foi possível descobrir o porquê da mudança da programação do dia 24 de maio de 1972. Inicialmente, estava previsto o tema 2: *Os museus e o desenvolvimento científico e tecnológico* [Mario Teruggi], porém nessa data foi apresentado o tema 3: *Museu e os problemas sociais e culturais do meio ambiente* [Jorge Hardoy]. A apresentação e o debate serão abordados no *Capítulo 4 – A Palo Seco: uma «mirada nostálgica e ingenua» sobre a Declaração de Santiago.*

Nessa mesma data, após a apresentação do debatedor argentino Jorge Hardoy, as/os participantes da MRSC visitaram o Museo Colonial de Curimón. Essa informação ausente nos *fac-símiles* (*SHC-1972/CONF.28/02* e *SHC-72/CONF.28/INF.1*) aparece no artigo de Grete Mostny (1972) e no *Relatório* de Lygia Martins Costa (1972) citados no Quadro 8, e também no documento *AHA_402_001 C-70 Mesa Redonda sobre la Importancia de los Museos* [transcrições], no qual o presidente da MRSC Héctor Fernández Guido (1972) faz a seguinte observação: “Quiero además llamarles la atención de que la reunión de hoy se va a ver un

[283] Relatada durante o nosso primeiro encontro na Biblioteca Científica Abate Juan Molina del MNHN, em maio de 2022: “Acá en Chile fue que tuvimos un golpe militar, toda la cosa que se propuso en la Mesa de Santiago desapareció, y todo lo que era la Nueva Museología, las propuestas acá no se implementó, incluso la gente que tuvo participación en la Mesa, se olvidó o se quiso olvidar por razones… entendibles, de lo que habría sido la Mesa, y el año 72, yo llevaba, marzo , abril , mayo, tres meses en el primer año de Museología y recuerdo que ellos vinieron acá al museo, entre ellos recuerdo al doctor Mario Teruggi, Mario Vázquez de México, bueno obviamente la doctora Grete Mostny, que fueron hacer una visita al Centro de Museología, y ahí compartimos un espacio, pero más allá de ese contacto no tuvimos nosotros mayor participación, los encuentros se realizaron en diferentes partes, tengo entendido, incluso en regiones y provincias de Chile, porque como los temas también trataban los temas del agro, la ruralidad, entonces pasaron por varios sectores” (Azócar, 2022).

poco reducida en su extensión en el tempo, puesto que se nos solicita que a las tres horas parte el omnibus al Museo Colonial de Crimón [Curimón] que está a unos 80 kms. de Santiago" (Guido, 1972).

O Museo Colonial está localizado no Convento de Curimón. Este último e a Igreja foram declarados Munumento Histórico em 1971[284]. A origem do complexo remonta ao período colonial e foi criado pela ordem dos franciscanos. O terremoto de 1965 causou diversos danos ao Convento e a Igreja, após a restauração foi criado o Museu Colonial de Curimón três anos depois do terremoto, em 1968. É interessante observar que a restauração foi realizada com a ajuda financeira de Paul Frings e sua esposa Elizabeth Wichs[285]. Como referido no *Capítulo 2 – "Mesa Redonda de Santiago do Chile: un hito revolucionario de la Museología"*, Paul Frings aparece na lista de Observadores da Mesa-Redonda de Santiago do Chile [Quadro 5], elaborada pelo presidente Héctor Fernandéz Guido (1973/2012). Provavelmente, a inserção do Museu Colonial de Curimón pode estar vinculada com a figura de Paul Frings, pois no período da realização da Mesa-Redonda de Santiago, em maio de 1972 era o Assessor Regional de Promoção do Turismo de N. U. Santiago, como consta na referida lista citada anteriormente. O fato também do local ter sido declarado Monumento Histórico um ano antes, provavelmente contribuiu para a sua inclusão no roteiro das/os participantes.

A partir das informações disponíveis no sítio do Consejo de Monumentos Nacionales de Chile[286], eu inclui o local no roteiro da minha primeira viagem de campo. A visita aconteceu no dia 21 de maio [sábado] de 2022. O Museu Histórico Colonial de Curimón está localizado no pueblo de Curimón, na Província de San Felipe, na V Región de Valparaíso[287]. Fui de ônibus de Santiago até San Felipe, a capital da Província e após uma breve caminhada pelo centro da cidade eu tomei uma lotação [um táxi dividido com outras pessoas] com destino a Curimón. O complexo [Convento, Igreja e Museu] está localizado ao lado da rodovia e ao chegar na portaria principal do Convento não havia ninguém [Figuras 49 e 50].

[284] *Decretos 1749* (1971) e *17813* (1972).
[285] Recuperado de: https://www.monumentos.gob.cl/monumentos/monumentos-monumentos/iglesia-convento-curimon , em 21 de julho de 2021.
[286] Recuperado de: https://www.monumentos.gob.cl/ , em 25 de abril de 2022.
[287] Atualmente, o Chile está dividido em 16 Regiões, 57 províncias e 346 comunas, essas últimas são equivalentes aos munícipios brasileiross nossos munícipios.

Após bater palmas diversas vezes, eu decidi finalmente entrar no local e me deparei com um lindo e arborizado claustro e quatro senhoras cuidando do espaço [Figura 51]. Expliquei que o objetivo da minha visita era conhecer o local onde as/os participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile estiveram em maio de 1972, também disse que gostaria de visitar o Museu Histórico Colonial de Curimón. Elas me responderam que o Museu estava fechado há alguns anos, assim como a Igreja. E que a comunidade estava aguardando a restauração do complexo. Pedi autorização para percorrer o claustro e elas liberaram e disseram que eu também poderia visitar o interior da Igreja [Figura 52], quanto ao Museu era impossível, pois ele estava fechado há alguns anos.

Figuras 49, 50, 51 e 52 –
Fachada da Igreja, Entrada do Convento, Claustro e Interior da Igreja, Curimón, 2022.



Fonte: O autor.

Não posso deixar de comentar que depois de vinte dias no Chile foi nesse lugar que eu realmente me senti acolhido, não apenas pela sombra do claustro, mas principalmente pela gentileza daquelas mulheres que estavam ali cuidando do lugar, graças a elas o complexo ainda estava a funcionar. Mesmo sem nunca terem ouvido falar da Mesa-Redonda de Santiago do Chile e apesar de estarem conversando com um estranho brasileiro, negro e homem cisgenêro *gay*, elas me acolheram. Isso pode parecer pouco, todavia, eu posso afirmar que

não, nem no Chile e nem em cidade alguma do planeta, por tudo isso, eu pensei «me quedaria aqui». Gostava aqui de agradecer a senhora Evelyn Olivares Aranciba e as demais senhoras presentes durante a minha visita. Apesar da Igreja permanecer fechada, existe um local no Convento onde funciona a Paróquia de San Francisco[288]. Sobre o Museu Histórico Colonial de Curimón, eu apenas consegui chegar até a puerta cerrada [Figuras 53 e 54].

Figuras 53 e 54 –
Entrada do Museu Histórico Colonial de Curimón, 2022.



Fonte: O autor.

3.1.7 Dia 25 (quinta-feira) de maio de 1972

Fac-símile (SHC-72/CONF.28/2)	***Manhã**: visita à cidade de Santiago; problemas de urbanismo.* ***Tarde**: conclusão do debate sobre o tema 2.*

Além das informações citadas no *Fac-símile* (*SHC-72/CONF.28/2*) para o dia 25 de maio de 1972 existem outras citadas por Grete Mostny (1972) “han recorrido, guiado por arquitectos de CORMU, el Gran Santiago, observando los problemas urbanísticos” (Mostny, 1972, p. 3)[289] e por fim no documento *AHA_402_001 C-70 Mesa Redonda sobre la*

[288] Antes de sair do local, eu fiz uma pequena doação para a Paróquia de São Francisco.
[289] Ver Quadro 8.

Importancia de los Museos [transcrições]. Antes de citar esse último, é preciso sinalizar que a informação “conclusão do debate sobre o tema 2” citada no *fac-símile* (*SHC-72/CONF.28/2*), na verdade é a conclusão sobre o tema 3: *Museu e os problemas sociais e culturais do meio ambiente, apresentado pelo arquiteto e urbanista* Jorge Hardoy, no dia anterior, 24 de maio. Talvez, essa seja a resposta para a mudança da programação entre o tema 2: *Os museus e o desenvolvimento científico e tecnológico* e o tema 3: *Museu e os problemas sociais e culturais do meio ambiente.* Coincidir o debate sobre esse último tema e a visita à cidade de Santiago e seus problemas urbanísticos com os aportes do tema 3 apresentado no dia anterior e após a vista do dia 25 de maio.

O documento *AHA_402_001 C-70 Mesa Redonda sobre la Importancia de los Museos* [transcrições] nos fornece outros dados sobre a programação do dia 25 de maio, todavia não aparece nada específico sobre a visita à cidade de Santiago e seus problemas urbanísticos. Por outro lado, o presidente da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, Héctor Fernández Guido cita uma informação até então desconhecida por mim, após o encerramento do debate as/os participantes sairiam para visitar o Museu de Arte Popular, o Museu Benjamín Vicuña Mackenna e o Museu de Belas Artes.

Como já referido anteriormente, a leitura do documento *AHA_402_001 C-70 Mesa Redonda sobre la Importancia de los Museos* [transcrições] só foi possível em junho de 2022, após o meu retorno da primeira viagem de campo. Não estava no meu roteiro visitar todos ou mesmo a maioria dos museus de Santiago durante as minhas duas viagens de campo. Até tentei conhecer na minha segunda viagem as três instituições museológicas referidas por Guido (1972) no documento *AHA_402_001 C-70*, todavia não foi possível, principalmente pela presença crescente do observador Oscar Eduardo Avello Avello na pesquisa. Provavelmente, deve existir algo nos arquivos dos referidos museus relacionados às visitas das/os participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, no dia 25 de maio de 1972. Ainda na minha primeira viagem de campo em maio de 2022, eu cheguei a entrar em contato através [via *e-mails*][290] com a Encargada de Biblioteca del Museo Benjamín Vicuña Mackenna, Geraldina Jamet Aguilar para buscar informações sobre o observador Sergio Arriagada. Na lista de Observadores de Guido (1973/2012, pp. 41-42) consta que o referido

[290] O primeiro *e-mail* foi enviado no dia 7 de maio de 2022.

observador era investigador da referida instituição. Todavia, ela não encontrou nenhuma informação sobre Sergio Arriagada. Ele é apenas mais um/a dos/as participantes que continuam soterrados/as.



Como já referido anteriormente, não conseguimos informações relacionadas à visita a Santiago e seus problemas urbanísticos. Não sabemos os nomes dos técnicos da CORMU que acompanharam as/os participantes e de fato quais dessas/es acompanharam realmente a visita. No capítulo a seguir mostraremos a partir do documento *AHA_402_001 C-70 Mesa Redonda sobre la Importancia de los Museos* [transcrições] quais as/os participantes estiveram presentes durante as apresentações de Enrique Enseñat, Jorge Hardoy e Mario Teruggi.

Apesar da inexistência de informações sobre essa visita, nós podemos a partir das configurações sociais daquele momento fabular uma visita das/os participantes ao emblemático Campamento Nueva la Habana, em Santiago. Esse lugar será abordado no *Capítulo 8 – Oscar Eduardo Avello Avello (1954-1976): “soy una fotografia de un desaparecido”*, principalmente pela sua relação com o Movimiento de Izquierda Revolucionaria – MIR. Outro fato interessante é que o educador Paulo Freire esteve também no Campamento Nueva la Habana no início do Governo da UP.

Não tenho pretensão de discutir os problemas urbanísticos de Santiago no Governo de Salvador Allende, todavia, mesmo com a ausência de dados, a referida visita deve ter causado um grande impacto nas/os participantes, principalmente porque foi a primeira visita externa fora do eixo museus. Por outro lado, nem Lygia Martins Costa (1972) e nem Hugues de Varine (2021)[291] fazem nenhuma referência à essa visita.

Preciso sinalizar que a Corporación de Mejoramiento Urbano – CORMU fazia parte do Ministerio de la Vivienda y Urbanismo – MINVU do Governo de Salvador Allende. Provavelmente, os técnicos indicados pela corporação para acompanhar as/os participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile eram pessoas comprometidas politicamente com projeto

[291] Ver Quadro 8.

da Unidade Popular, o que de certa forma, pode ter contribuído na abordagem das discussões durante à visita a Santiago e seus problemas urbanísticos e sociais, entre eles, o êxodo rural e a luta por moradia e na ausência dessa, a ocupação de terrenos próximos da capital formando os campamentos e as poblaciones [Figura 55]. Também não podemos esquecer que a pessoa que chefiava a CORMU era o arquiteto Miguel Lawner, um dos responsáveis pelo projeto e construção do edifício da UNCTAD III.

Figura 55 –
Manifestación de apoyo a la Unidad Popular, 1973, fotografía de Armindo Cardoso.



Fonte: Biblioteca Nacional Digital[292]

3.1.8 Dia 26 [sexta-feira] de maio de 1972

Fac-símile (SHC-72/CONF.28/2)	***08h30-15h30*** *Apresentação do tema 3: Os museus e o problema do meio ambiente. Debate.*

Como já referido anteriormente, no dia 26 de maio de 1972 foi apresentado o *tema 2: Os museus e o desenvolvimento científico e tecnológico,* cujo responsável foi o geólogo argentino e professor da Universidade La Plata, Mario Teruggi. E juntamente com as demais apresentações será abordado no *Capítulo 4 – A Palo Seco: uma «mirada nostálgica e ingenua» sobre a Declaração de Santiago*.

3.1.9 Dia 27 [sábado] de maio de 1972

[292] Recuperado de: http://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/637/w3-article-156810.html , em 23 de setembro de 2023.

Fac-símile (SHC-1972/CONF.28/0)	***08h30-15h30*** *Continuação do debate. Conclusão do debate.*

Não encontrei outras informações sobre a programação do dia 27 de maio [sábado], provavelmente foi apenas aquilo que consta no *fac-símile* (*SHC-72/CONF.28/2*), a continuação do debate e conclusão do *tema 2: Os museus e o desenvolvimento científico e tecnológico*.

3.1.10 Dias 28 [domingo] e 29 [segunda-feira] de maio de 1972

Fac-símile (SHC-72/CONF.28/2)	*Excursão às cidades de Linares e Rancagua.*

Penso que a visita à cidade de Santiago e seus problemas urbanísticos e a excursão às cidades de Linares e Rancagua são os dois pontos mais emblemáticos e os mais complexos da Programação Externa da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em maio de 1972. Além de alguns alguns fragmentos encontrados durante as duas viagens de campo, as ausências e os soterramentos ainda sobressaem, principalmente pela falta de documentos institucionais nos lugares visitados e e inexistência das memórias das/os participantes[293].

Inicialmente [antes da primeira viagem de campo, em maio de 2022], as informações disponíveis são aquelas citadas no Quadro 8. Em resumo, visitaram um assentamento campesino/uma escola de formação de agricultores na região de Linares; a tumba do Abate Juan Ignacio Molina, em Villa Alegre; a mina de cobre El Teniente e sua Casa de Cultura; as belezas turísticas de Panimávida; Museu da Pátria Antiga, em Rancagua e Catedral, em Villa Alegre (Mostny, 1972; Costa, 1972; Varine, 2021). Grete Mostny (1972) cita também as/os colaboras/es: “las Intendencias y Municipalidades de Villa Alegre, Linares y Rangagua; la

[293] Não existem informações detalhadas sobre a excursão às cidades de Rancagua e Linares, não sabemos se as/os participantes viajaram de trem e/ou de ônibus, o lugar de hospedagem e também a sequência dos lugares visitados. Os fragmentos aqui delineados possuem origens diversas, as informações de Grete Mostny (1972), Lygia Martins Costa (1972) e Hugues de Varine (2021) contidas no Quadro 8; alguns documentos encontrados durante a primeira viagem de campo, em maio de 2022; alguns dados encontrados na tese *A Opção Museológica de Mário Pedrosa: solidariedade e Imaginação Social em Museus da América Latina*, de Luiza Mader Paladino (2020). E por fim, algumas informações encontradas na segunda viagem de campo, em maio de 2023.

Compañia Minera El Teniente; el Asentamiento Campesino HERNÁN MERY; (...) los museos de Linares, de la Patria Vieja de Rancagua” (Mostny, 1972, p. 4).

Apesar das poucas informações, eu visitei a maioria desses lugares em maio de 2022. Considero importante sublinhar que um documento relacionado aos lugares citados acima foi disponibilizado já no final da minha primeira viagem, ou seja, após a minha visita à Rancagua, Villa Alegre, Linares, Panimávida. Os dados contidos no documento *AHA_186_029 C-39 Expediente Mesa Redonda UNESCO sobre Museos* disponibilizado no final de maio de 2022 pelo Archivo Historico Administractivo do Museo Nacional de Historia Natural de Chile[294] foi determinante para a realização da segunda viagem de campo em maio de 2023.

Uma questão intrigante sobre os dias 28 e 29 de maio de 1972 é: como foi possível conhecer tantos lugares em apenas dois dias? Atualmente, Rancagua fica a aproximadamente 86,6 km de Santiago e Linares aproximadamente 305 km de Santiago, todavia, não podemos esquecer que as distâncias mudam, assim como o tempo. Resumidamente, eu considero importante tecer alguns comentários sobre a geografia e divisão política do Chile atualmente[295]. O Chile está dividido em 16 Regiões, 57 províncias e 346 comunas, essas últimas são equivalentes aos munícipios brasileiross. Dessas 16 Regiões, as/os participantes da Mesa Redonda de Santiago do Chile, 1972 visitaram 4 Regiões: Maule, Província de Linares; O’Higgins, Província de Cachapoal; Valparaíso, Províncias de Valparaíso e San Felipe de Aconcagua, e Metropolitana de Santiago, Província de Santiago. Aqui nos interessam as duas primeiras Regiões Maule e O’Higgins, especificamente as Províncias de Linares e Cachapoal.

[294] Cartas de agradecimento às pessoas das localidades e instituições visitadas de Rancagua, Linares e arredores.
[295] Ver também o desenho [Separatriz desse capítulo], do artista Anthony Pacheco.

Como não encontrei dados sobre o primeiro lugar visitado, eu resolvi seguir a ordem da minha visita em maio de 2022, primeiro Rancagua, Región VI Libertador General Bernardo O’Higginse, Provincia de Cachapoal e depois Linares e arredores, Región VII Maule, Província de Linares[296].

Rancagua

Como sinalizado no Quadro 8, em Rancagua aparecem apenas as visitas ao Museu da Patria Velha de Rancagua, a mina de cobre El Teniente, em Sewell e a sua Casa de Cultura (Mostny, 1972, pp. 3-4; Costa, 1972, p. 2).

No dia 6 de maio, antes de viajar para Rancagua, eu enviei um correio eletrônico para o Diretor do Museo Regional de Rancagua[297], Mario Claudio Henríquez Urzúa. Perguntei se existia documentos ou imagens da visita das/os participantes ao museu em maio de 1972, também expliquei que gostava de visitar a instituição e pedi informações sobre o trâmite para conhecer a mina de cobre El Teniente. No dia 16 de maio, eu recebi a seguinte resposta: “Estimado Julio, el encargado de colecciones Francisco Mora y del archivo fotográfico [a quien copio este correo] se contactará para coordinar visita a nuestro museo” (Urzúa, 2022).

Recebi um correio eletrônico de Francisco Mora Córdova no mesmo dia com o seguinte conteúdo:

> “Estimado Julio,
> Disculpa por la demora en responder, estuve revisando nuestro archivo y no tenemos documentación respecto a la mesa de Santiago,
> De todos modos si quieres venir y revisar nuestro archivo no hay problema, el museo funciona de martes a viernes entre las 10:00 y las 13:00 hrs
> Por la mañana y por la tarde desde las 15:00 a las 17:00 hrs, me puedes avisar previamente que día vendrías y para esperarte y atenderte.

[296] Visitei Rancagua e Linares nos dias 25, 26, 27 e 28 de maio de 2022. No dia 25 de maio de 2022 [quarta-feira], eu fiz o trajeto Santiago-Rancagua. No dia 26 de maio de 2022 [quinta-feira], eu deixei Rancagua rumo a Linares. Retornei para Santiago no dia 28 de maio. Viajei para o interior com muitas expectativas, mas também com um pouco de medo, pois estava a viajar sozinho e quase sem contatos nas instituições e nos lugares que eu pretendia visitar. O medo inicial, realmente tornou-se realidade em determinado momento da viagem, como veremos adiante. Em 2023, eu retornei a Rancagua para conhecer Sewell [5 a 7 de maio] e visitei novamente Villa Allegre e Linares [10 a 12 de maio].

[297] Nome atual da instituição.

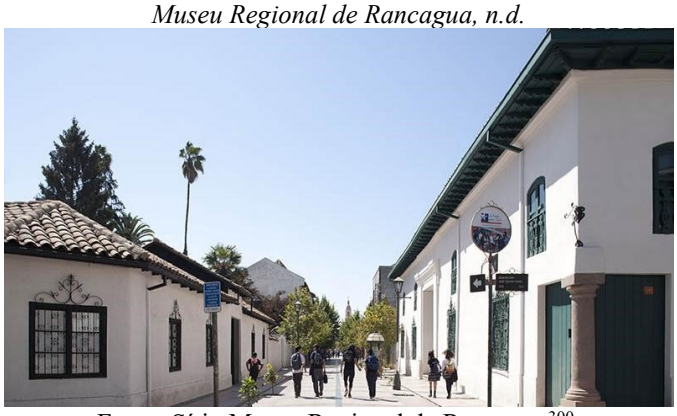
> Respecto a subir a Sewell es complicado, solo se puede mediante a un tour contratado, a continuación te copio unos links donde puedes encontrar Información”. (Córdova, 2022)

Não foi possível confirmar com antecedência a data da minha visita ao Museo Regional de Rancagua, apenas no dia 22 de maio, eu encaminhei um correio eletrônico confirmando a minha visita para o dia 25 de maio, todavia, não obtive resposta. Ao chegar no museu no período da manhã, eu fui informado que Francisco Mora Córdova estava a lecionar naquele momento. Retornei à tarde e conversamos alguns minutos, pois ele estava de saída para um sepultamento. Terminei conhecendo a instituição sozinho e sem acessar o arquivo institucional. Entrei em contato com os *links* de agências de turismo enviados pelo Encargado de Colecciones do Museu Regional de Rancagua, Francisco Mora Córdova e fui informado que a mina de cobre El Teniente estava fechada para visitantes desde o início da pandemia COVID-19.

O atual Museu Regional de Rancagua[298] [Figura 56] ocupa duas casas do século XVIII declaradas Monumentos Nacionales, em 1980. A Casa del Pilar de Esquina [à direita] e a Casa del Ochavo [à esquerda][299]. Em maio de 1972, o Museo de la Patria Vieja de Rancagua funcionava apenas na Casa del Pilar de Esquina e estava vinculado a Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos – DIBAM. Atualmente, esse local está destinado as exposições de curta duração, como me informaram alguns funcionários [seguranças] na minha visita do dia 25 de maio.

[298] Vinculado a Subdirección Nacional de Museos, do Servicio Nacional del Patrimonio Cultural, do Ministerio de las Culturas, Las Artes y el Património de Chile.
[299] Recuperado de: https://www.museorancagua.gob.cl/historia , em 14 de março de 2023.

Figura 56 –
Museu Regional de Rancagua, n.d.



Fonte: Sítio Museo Regional de Rancagua[300].

Na Casa del Ochavo está localizada a exposição de longa duração [Figuras 57 e 58], a administração e outras áreas da instituição. O Museu Regional de Rancagua não possui nenhuma informação sobre a visita das/os participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em maio de 1972. Uma fotografia, um livro de assinaturas, um recorte de um jornal local reportando a visita, nada. Talvez, o Museu Regional de Rancagua ou arquivo regional possuam documentos, porém estão perdidos ou não estão catalogados. Continuo a pensar a importância de uma visita à uma instituição regional com delegadas/os de diversos países da Amércia Latina, representante da UNESCO, o diretor do ICOM, a presidenta do Comitê Nacional Chileno de Museus, entre outras/os não tenha sido registrada. Aqui não estou a me referir apenas ao Museu Regional de Rancagua, mas a todos os demais lugares visitados pelas/os participantes da Mesa-Redonda de Santiago de Chile. Não podemos esquecer que em 1972, o Museo de la Patria Vieja integrava o Comitê Nacional Chileno de Museus[301].

[300] Recuperado de: https://www.museorancagua.gob.cl/historia , em 14 de março de 2023.
[301] Ver Quadro 7.

Figuras 57 e 58 –
Exposição de Longa Duração do Museu Regional de Rancagua, 2022.





Fonte: O autor.

Retornei à Rancagua em maio de 2023, todavia, não quis retornar ao Museu Regional de Rancagua. Priorizei a visita a Sewell, como veremos adiante.

El Teniente

O documento *AHA_217_202 C-43 Carta para Vicepresidente Ejecutivo Sociedad Minera El Teniente* (1972) é bom para pensarmos as configurações sociais do Chile naquele período e a atuação da curadora do Museu Nacional de História Natural, Grete Mostny. A carta enviada ao Vice-Presidente Executivo da Sociedade Mineira El Teniente, Don Armando Arancibia C., datada no dia 18 de maio, dois dias antes da inauguração do acontecimento de 1972 está assinada da seguinte forma: “Grete Mostny, Conservador e Coordinador de la Mesa Redonda”. Além de evidenciar a função de Coordinador [a] da Mesa-Redonda desempenhada

por Grete Mostny, parte da carta[302] revela o trabalho desempenhado pela curadora do Museo Nacional de Historia Natural de Chile naquele momento,

> "SEÑOR VICE-PRESIDENTE EJECUTIVO:
>
> Entre el 20 y 31 de este mes se celebrará en Santiago una Mesa Redonda sobre LA IMPORTANCIA Y EL DESARROLLO DE LOS MUSEOS EN EL MUNDO CONTEMPORANEO, organizada por Unesco y el Gobierno de Chile.
> Es la primera reunión de esta índole que tendrá lugar en América Latina y por eso de mucha importancia para nosotros, puesto que participarán en ella expertos de alto nivel, museólogos de catorce paises latinoamericanos, personeros de Unesco y de Icom.
> Debo manifestar a Ud. que en vista del carácter internacional de esta reunión estamos empeñados en presentar las salas de exhibición de este Museo en la mejor forma posible, a tan connetados visitantes extranjeros. Para ello se ha solicitado la colaboración a diversas instituciones entre las cuales se cuenta CODELCO con el objeto de montar la SALA DEL COBRE. Sin embargo, hasta la fecha Nuestra petición no se ha concretado y el espacio destinado permanece vacío, cerrado al público, lo cual acarrea serias dificultades en la circulación.
> Considerando lo expuesto es que me permite dirigirme a Ud. solicitando autorice la instalación, transitoria, de una muestra fotográfica que según me han informado en Relaciones Públicas de esa Sociedad Minera, estaría a disposición en estos momentos.
> Ruego a Ud. excusar que este material sea solicitado a escasos días de la inauguración del evento mencionado, pero hasta la fecha hemos esperado que Codelco precediera a la instalación de la sala.
> Agradecendo de antemano la favorable acogida de esta solicitude, le saluda muy atentamente.
>
> Dra. Grete Mostny G.
> Conservador
> Coordinador de la Mesa
> Redonda"

Ao analisar documento, percebemos que o seu conteúdo está totalmente conectado com as configurações sociais daquele momento. Em primeiro lugar, cabe destacar novamente o papel desempenhado pelo Museo Nacional de Historia Natural na política socio-cultural da UP, exemplificado aqui na montagem da Sala del Cobre juntamente com Corporación Nacional del Cobre de Chile – CODELCO. O cobre, além de ser a principal riqueza do país, suas minas tinham sido nacionalizadas no ano anterior, em 1971 [Figura 59], o cobre era e

[302] Procurei citá-la de acordo com o documento *AHA_217_202 C-43 Carta para Vicepresidente Ejecutivo Sociedad Minera El Teniente* (1972).

continua a ser uma das principais pautas do Chile. E Grete Mostny era uma profissional atenta às demandas desse período. Em segundo lugar, Grete Mostny solicita ao Vice-Presidente Ejecutivo Sociedad Minera El Teniente a liberação de uma exposição de fotografia da Sociedad Minera com o objetivo de ocupar a Sala [vazia] destinada a exposição do Cobre. Em terceiro lugar, a carta de Grete Mostny destaca a importância da Mesa-Redonda e seu caráter internacional, por isso, sua preocupação diante da não execução por parte da CODELCO, ela solicita a exposição fotográfica antes do dia da inauguração do acontecimento de 1972. E por último, não podemos deixar de destacar as muitas frentes de trabalho da curadora Grete Mostny e sua equipe durante o período em questão, além de curadora da mais importante instituição museológica do país [e toda sua complexidade], ela também atuou como Coordenadora da Mesa-Redonda de Santiago do Chile.

Figura 59 –
Afiche, autor Antonio Larrea e Vicente Larrea, 1971.



Fonte: Memoria Chilena[303].

[303] Recuperado de: http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-333727.html , em 23 de julho de 2023.

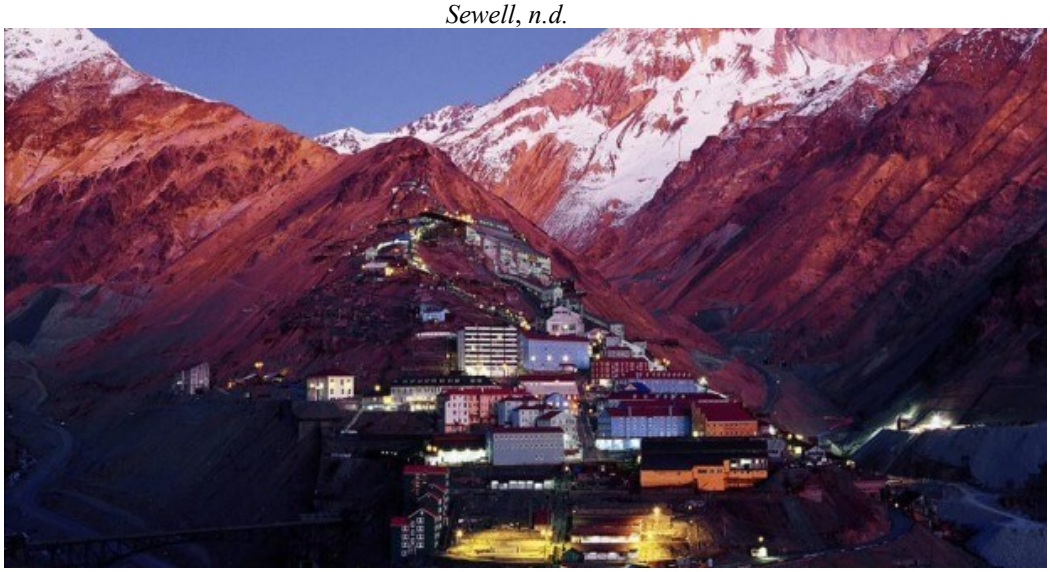
A delegada brasileira Lygia Martins Costa (1972) escreveu no seu Relatório (p.2) que as/os participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972 visitaram “El Teniente, a maior mina de cobre subterrânea do mundo, com a respectiva Casa de Cultura”. Grete Mostny (1972) escreveu que “han entrado a las instalaciones de la mina de cobre de El Teniente en Sewell” (p. 3). Essas informações presentes no Quadro 8 é tudo o que temos sobre esse trecho da excursão à Rancagua. Resumindo, as/os participantes visitaram a mina El Teniente, em Sewell e sua casa de cultura. Como não possuímos as memórias ou mesmo os demais relatórios [oficiais], nós podemos apenas apresentar resumidamente esses lugares, as dificuldades para conseguir informações e as tentativas de visitá-los. As/os participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile visitaram as instalações da mina de cobre El Teniente como atestam os textos de Grete Mostny (1972) e Lygia Martins Costa (1972). A primeira acrescenta que visitaram a mina de cobre em *Sewell* e a segunda, a mina de cobre e sua Casa de Cultura.

Sewell é uma cidade criada no inicio do Século XX por americanas/os e chilenas/os da *Braden Copper Co.*, a 2.200 metros do nível do mar, na Cordilheira dos Andes. Lá residiam os técnicos da Companhia, americanas/os e chilenas/os e também os mineiros e suas famílias. Ao contrário de muitos lugares do Chile no início do Século XX, Sewell possuía piscina aquecida, teatro, cinema, boliche, hospital, entre outros serviços. O período áureo do lugar foi na década de 1960 e as/os participantes conheceram *Sewell* num período de transição. Até a década de1960, o principal meio de transporte era o trem da *Braden Copper Co.*, com a inauguração da Carretera del Cobre no final dos anos 1960 e a redução do trajeto de aproximadamente 5 horas para 1 hora, muitas/os trabalhadoras/es preferiram viver nas cidades e povoados próximos. Foi por essa nova estrada que as/os participantes viajaram até a mina de cobre El Teniente e também conheceram “La ciudad de las escaleras”. Entre os anos de 1970 e 1990 muitos prédios da cidade de *Sewell* foram destruídos, todavia, os que ficaram foram suficientes para torná-la Monumento Nacional [zona típica], em 1998 e Patrimônio da Humanidade pela UNESCO em 2006 [Figura 60].

Diante da impossibilidade de visitá-la durante a minha primeira viagem de campo em 2022, eu fiz questão de incluí-la na segunda viagem, em maio de 2023. O passeio é realizado pela Fundación Sewell, localizada em Rancagua. Saímos de manhã e retornamos no final da

tarde, como lá não possui restaurante ou lanchonete, todas/os nós tivemos que levar o seu lanche[304].

Figura 60 –
Sewell, *n.d.*



Fonte: Fundación *Sewell*[305].

Subir a Cordilheira dos Andes é sempre muito interessante, todavia, em alguns momentos eu fiquei um pouco tenso e enjoado, pois além de íngrime, a estrada também possui muitas curvas e muitos veículos descendo e subindo. Ainda assim, tanto a cidade quanto a paisagem valem muito a pena. Acompanhada da guia da Fundación *Sewell*, nós conhecemos o Teniente Club e sua piscina, alguns edifícios residenciais, igreja, pista de boliche, por último conhecemos Museo de la Gran Mineria del Cobre [Figuras 61 e 62].

[304] Existe restaurante, todavia, apenas para os funcionários da CODELCO.
[305] Recuperado de: https://www.fundacionsewell.org/tours , em 04 de setembro de 2023.

Figuras 61 e 62 –
Sewell, 2023.



Fonte: O autor.

A abordagem da guia durante todo o passeio foi em defesa da *Braden Copper Co.*, de como a vida ali era melhor, as tecnologias ali empregadas antes do que no restante do país, etc. Porém, ao longo do trajeto foi possível perceber [através de alguns painéis e mesmo no discurso da guia] as diferenças de classe, como o tamanho dos apartamentos dos americanos e dos mineiros e suas famílias, além das lutas desses últimos e suas famílias ao longo da história da mina de cobre El Teniente.

As configurações sociais da minha visita são totalmente diversas da visita das/os participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile. Eu não tinha nenhuma pretensão de encontrar vestígios sobre a visita de maio de 1972, principalmente a levar em conta que não os encontrei nos museus do país e dificilmente os encontraria numa cidade dividida entre os prédios ocupados pelas/os trabalhadoras/es da CODELCO e alguns preparados para receber as/os visitantes atuais. Ainda assim foi muito bom visitar um dos lugares por onde as/os participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile estiveram em maio de 1972.

Sobre a Casa de Cultura da mina de cobre El Teniente referida pela delegada brasileira Lygia Martins Costa (1972), eu consegui informação na tese de doutorado de Luiza Mader Paladino (2020), especificamente numa nota de rodapé “Durante o *Encuentro de Artistas del Cono Sur,* em maio de 1972, um grupo de artistas visitou a cooperativa *Casa de Cultura de*

Goya, ligada à mina *El Teniente*, fato noticiado pela jornalista Virginia Vidal” (Paladino, 2020, p. 73, grifo da autora).

Com essa informação, eu entrei em contato via *e-mail* com Camila Ruth Sánchez, a Encargada de Arquivo do Museu de Arte Contemporâneo – MAC, da Universidade do Chile, localizado no Parque Forestal[306], pois queria visitar o Arquivo[307]. Combinamos a minha visita para o dia 19 de maio às 10h00. Nesse mesmo dia, eu tinha sido convidado pela Diretora do Museo de la Educación Gabriela Mistral – MEGM, Isabel Orellana Rivera para o lançamento das *Actas. Coloquio Internacional de Museología Social, Participativa y Crítica*[308] às 12h00, no MEGM. Resumindo, eu tinha menos de duas horas para consultar o Archivo do Museo de Arte Contemporáneo da Universidade do Chile. Porém, o dia 19 de maio de 2022 não foi um dia normal, aliás um dos dias mais tristes da minha vida, pois acordei com a notícia do falecimento do meu pai. Pensei em largar tudo e partir para abraçá-lo pela última vez, dar e receber afeto da família e das/os amigas/os, todavia, mesmo com o coração partido, eu resolvi ficar e concluir a investigação, inclusive cumprir os dois compromissos referidos anteriormente.

Na visita ao Archivo do Museu de Arte Contemporâneo, eu mostrei a citação de Luiza Paladino (2020) sobre a Casa de Cultura de Goya, todavia, ninguém conhecia. Posteriormente, após o meu retorno ao Brasil, eu descobri que o nome verdadeiro do espaço era Casa de Cultura de Coya e não Casa de Cultura de Goya. A partir da obra de Luiza Paladino (2020), eu cheguei ao crítico de arte Mario Pedrosa que conheceu o local e posteriormente apresentou um texto relatando a experiência da Casa de Cultura de Coya no *I Colóquio Internacional de Historia del Arte*, que discutiu o tema *Dicotomía entre Arte Culto*

[306]O Museo de Arte Contemporáneo possui duas sedes, o MAC Parque Forestal e o MAC Quinta Normal, esse último está localizado próximo ao Museu Nacional de História Natural e foi onde ocorreu a inauguração do Museu da Solidariedade, em maio de 1972, como citado no *Capítulo 1 – América Latina: “el derecho de vivir en paz”*.

[307] Os documentos do Instituto de Arte Latinoamericano estão no Arquivo do Museu de Arte Contemporâneo da Universidade do Chile.

[308] O *Colóquio Internacional de Museologia Social, Participativa e Crítica* ocorreu no Museu da Educação Gabriela Mistral, nos dias 18, 19 e 20 de novembro de 2020. Yves Girault e Isabel Orellana Rivera foram os coordenadores da obra lançada no dia 19 de maio de 2022. Não posso esquecer de agradecer a Yocelyn Valdebenito Carrasco por ter me passado o contato da gentil Isabel Orellana Rivera. No lançamento estava a «nata» dos museus do Chile, até porque o evento fazia parte das comemorações dos 50 Anos da Mesa Redonda de Santiago.

y Arte Popular, na cidade de Zacatecas, em 1975. Não posso deixar de citar na íntegra o trecho que Mario Pedrosa (1979) aborda a Casa de la Cultura de Coya:

> “En forma natural este auge conduce a la creación de una política de fomento, la cual es realizada primero por instituciones universitarias, en activa colaboración con las empresas recién expropiadas. En Santiago, el Instituto de Arte Latinoamericano lleva a cabo un primer proyecto y, en colaboración con el mineral de *El Teniente,* uno de los grandes yacimientos de cobre en la zona central, funda la *Casa de la Cultura de Coya.* En ella se instala un grupo de artesanos que abre diversos talleres destinados a los trabajadores: telar, repujado en cobre, escultura, pintura, etcétera. La respuesta es inmediata. Una gran cantidad de obreros, aprovechando sus horas libres, se incorpora a los talleres. Pero, son sus mujeres, sobre todo, las que concurren a ellos. El incremento de las posibilidades de consumo les ha permitido elevar su nivel de vida y liberar parte del tiempo para nuevas actividades. Un ejemplo: la capacidad de comprar una máquina, de lavar o de coser, para una mujer que tiene cuatro o cinco hijos perrmite reducir su horario de trabajo de manera considerable, dándole oportunidad de dedicarse a otras tareas. El interés por trabajar en los talleres era tan grande, que tenían que permanecer abiertos hasta pasados los turnos normales y aun los días festivos.
>
> Los grupos artesanales generan a su vez otros afanes. Como se convierten en centros de reunión, en el seno de una convivencia sostenida, nacen iniciativas. Al principio son sólo pequeñas fiestas en común, pero luego se invita a cantantes a dar recitales y a grupos de ballet y teatro. De vez en cuando incluso un gran espectáculo. Con la colaboración de la embajada cubana en Santiago se presenta en *El Teniente* el gran conjunto de músicos cubanos: *De Santiago a Santiago.* El éxito de estas *aventuras* culturales entusiasma a los trabajadores, quienes descubren su capacidad organizativa y su posibilidad de participar, incluso la de montar espectáculos que antes eran el patrimonio de la burguesía. Dos instituciones de la Universidad Central de Santiago participan activamente en la coordinación de este trabajo: el Instituto de Extensión Musical y el Instituto de Arte Latinoamericano.
>
> Hay que señalar, por último, que la organización de la labor artesanal en los centros obreros da nacimiento, como en otros casos, a una pequeña industria que, si bien en los primeros tiempos es apenas capaz de financiar un taller, se proyecta luego como una fuente de ingresos para la comunidad local.
>
> La experiencia de *El Teniente* se repite en varias industrias: en *El Salvador* (otro de los grandes minerales de cobre del país) y en las empresas expropiadas de la capital: *Textil Progreso* y otras. Al mismo tiempo se crea en las poblaciones obreras que rodean la ciudad de Santiago *centros de madres,* en los cuales se reúnen las mujeres de los pobladores en torno a una actividad artesanal, preferentemente el tejido. A su vez, las *casas de la cultura* (había una en cada municipio) no quieren quedarse atrás y organizan cursos para los vecinos de su sector”. (Pedrosa, 1979, pp. 102-103)

Foi essa experiência punjante que as/os participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile visitaram durante à excursão a Rancagua e Linares, entre os dias 28 e 29 de maio de

1972 e que provavelmente, deve ter influenciado o texto da Declaração de Santiago. Também não é por acaso, que as/os participantes do *Encuentro de Artistas del Cono Sur e* da Mesa-Redonda de Santiago do Chile visitaram o mesmo local no mês de maio, existia uma sinergia entre as instituições culturais/ensino e a Política de Governo da Unidade Popular como referido anteriormente.

Por fim, não consegui informações sobre a Casa de Cultura de Coya durante a minha segunda viagem de campo, em maio de 2023, todavia, é certo que o espaço não existe mais. Por outro lado, soube que Coya é uma localidade pertencente a comuna de Machali e que lá existem duas instituições de memória, o Museo Comunitario Casa Uno de Coya e o Archivo Histórico de Coya, entrei em contato com as duas instituições[309], a primeira nunca respondeu e a segunda respondeu e disse que possuía alguma coisa sobre a Casa de Cultura de Coya. Cheguei a marcar a minha visita ao Arquivo Histórico de Coya para o dia 26 de maio, tovavia, não consegui concretizá-la[310]. Entretando, a vontade de conhecer a localidade de Coya, o Museo Comunitario Casa Uno de Coya e o Archivo Histórico de Coya continua pulsando.

Linares

Linares é uma Província da Região de Maule[311], o nome da Capital e por fim, uma das oito Comunas da referida Província[312]. As/os participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile visitaram as seguintes Comunas: Linares, Villa Alegre, Longaví, Colbún e Linares. Apesar das lacunas existentes, eu realizei parte do percurso das/os participantes do acontecimento de 1972. Como já referido anteriormente, eu estive em Linares e arredores em duas ocasiões, em maio de 2022 e maio de 2023.

Em 2022, ao chegar em Linares, o primeiro lugar visitado foi o Museo de Arte y Artesanía de Linares, um dos lugares visitados pela/os participantes da Mesa-Redonda de

[309] Enviei um correio eletrônico para o curador do Museo Comunitario Casa Uno de Coya e do Archivo Histórico de Coya, o professor Leonardo Fernandéz e também para o arquivista Christopher Sandoval Troncoso.
[310] Eu pretendia visitar o Arquivo Histórico de Coya no dia 26 [sexta-feira] e aproveitar para passar o final de semana que coincidiria com o Día de los Patrimonios 27 e 28 de maio, todavia, a logística para chegar e permanecer na localidade de Coya não é tão simples, principalmente por do transporte e da hospedagem. Pedi indicação de hospedagem mais em conta no local ao arquivista Christopher Sandoval Troncoso, todavia, ele não me respondeu. Diante das incertezas, eu preferi ficar em Santiago e passar o Día de los Patrimonios no Museo Sitio Parque por la Paz Villa Grimaldi, como veremos no *Capítulo 8 – Oscar Eduardo Avello Avello (1954-1976): "soy una fotografia de un desaparecido"*.
[311] As outras três são: Curicó, Talca e Cauquenes
[312] As demais Comunas são: Longaví, Villa Alegre, Colbún, San Javier, Parral, Retiro e Yerbas Buenas.

Santiago do Chile e citado no Quadro 8[313]. Linares também foi o meu ponto de apoio para conhecer Villa Alegre, Longaví, Panimávida e Rari. Tanto o Museo Regional de Rancagua, citado anterioremente quanto o Museo de Arte y Artesanía de Linares [Figuras 63 e 64] estão localizados em edifícios históricos bem conservados, possuem exposições de longa duração impecáveis e são muito atuantes nas respectivas províncias[314].

Em 2023, eu estive rapidamente em Linares a procura do escritório de um periódico local. Encontrei o lugar, todavia, não tinha ninguém no local, como veremos adiante.

Figuras 63 e 64 –
Museo Arte y Artesanía de Linares e uma Sala da sua Exposição de Longa Duração, 2022.



Fonte: O autor.

No Museo de Arte y Artesanía de Linares uma sala da exposição de longa duração me chamou a atenção, a sala com os objetos conhecidos nacionalmente e confeccionados com crinas de cavalos [Figura 65] e originários dessa região, mais especificamente de Rari, próximo a Panimávida e que será abordado adiante.

[313] Eu já tinha entrado em contato com a instituição através da Sra. Margarita Cecilia Valenzuela Dabike, Profesional de Apoyo - Encargada de Colecciones e avisado da minha visita. Antes de visitar o local, eu já sabia que a instituição não possuía nenhum documento relacionado a Mesa-Redonda de Santiago. Não posso deixar de agradecer a gentileza da Sra. Margarita Cecilia Valenzuela Dabike e a Encargada de Biblioteca y desconcentración financiera, a Sra. Loreto Villalobos Arancibia.

[314] As duas instituições são da Subdirección Nacional de Museos – SNM, del Servicio Nacional del Patrimonio Cultural, del Ministerio de las Culturas, las Artes y el Patrimonio de Chile.

Figura 65 –
Vitrine com objetos de crinas de cavalos [Exposição de Longa Duração do Museo Arte y Artesanía de Linares], 2023.



Fonte: O autor.

Ainda sobre a cidade [comuna] de Linares paira uma dúvida [ver Quadro 8], segundo Lygia Martins Costa (1972), as/os participantes visitaram “Vila-Alegre (Catedral)” (Costa, 1972, p. 2). A questão é que não existe nenhuma catedral em Vila Alegre, apenas a Parroquia Niño de Jesús, visitada pelas/os participantes, como veremos adiante, e a única catedral existente nas proximidades é a Catedral de San Ambrosio, inaugurada em 1967, em Linares, trata-se, então, de investigar se as/os participantes visitaram também essa última com o seu famoso mosaico [Figuras 66 e 67] desenhado e realizado entre os anos de 1963-1967 pelo artista italiano que viveu no Chile, Giulio Di Girolamo (1902-1998)[315].

[315] Recuperado de: https://www.artistasvisualeschilenos.cl/658/w3-article-40448.html#biografia , em 10 de outubro de 2023.

Figuras 66 e 67 –
Catedral de San Ambrosio, em Linares, 2022.



Fonte: O autor.

Panimávida e Rari

Panimávida e Rari estão localizadas na Comuna de Colbún, todavia, estaõ próximas da Comuna de Linares. A única informação disponível [ver Quadro 8] é da coordenadora da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, Grete Mostny (1972): “han gozado de las belezas turísticas de Chile en una excursión a Valparaíso, Viña y Panimávida” (Mostny, 1972, p. 3). Apenas com essa informação, eu visitei rapidamente os dois lugares, em maio de 2022.

Peguei um micro-ônibus na rodoviária de Linares rumo a Panimávida e de lá eu seguiria para Rari que fica ao lado. Desci numa praça pouco movimentada e perguntei a um rapaz como eu fazia para chegar a Rari. Ele me disse que bastava eu seguir em frente e lá fui eu, ainda hoje, não sei a distância que eu percorri, 1.500 metros ou 3.000 metros. As lembranças que eu guardo do trajeto são: casas de ambos os lados; pessoas que olhavam para mim e provavelmente se perguntavam que eu estava fazendo ali no meio de uma estrada num fim de tarde frio de maio [outono]. Carona? Ninguém parou para oferecer ou mesmo perguntar o meu destino. Continuei até chegar a Rari, o único lugar que produz artesanía de crin[316]. Eu já tinha visto algumas peças na loja Recuerda Chile, o mesmo lugar onde eu

[316] Crina.

adquiri a publicação *Las arpilleras: una historia contada con hilo y aguja*, de Marjorie Agosín e ilustrações de Cynthia Imaña (2021)[317] e também na sala da Exposição de Longa Duração do Museo de Arte y Artesanía de Linares.

Ao chegar em Rari [Figuras 68 e 69] estava tudo deserto, pelo que eu entendi os objetos feitos de crina eram vendidos nas residências. A minha primeira tentativa foi frustrante, pois ninguém apareceu para conversar, provavelmente, as/os moradoras/es estavam com medo[318]. Continuei a minha busca e um pouco adiante eu encontrei uma senhora na estrada e expliquei que eu gostava de adquirir alguns objetos de crina, apesar da desconfiança, ela me escutou e me convidou a entrar na sua residência e olhar os objetos. Estes estavam dispostos em mesas e armários num dos quartos da residência, na verdade, o primeiro. Após escolher algumas peças, eu acertei e peguei a estrada novamente até Panimávida[319].

Figuras 68 e 69 –
Rari, 2022.



Fonte: O autor.

[317] *Introdução: Por arpilleras da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972*.
[318] A casa estava aberta.
[319] Os objetos de crina são caros, talvez, esse seja o motivo da desconfiança geral. Também não podemos esquecer do racismo e da violência no campo.

Ao chegar em Panimávida, o meu celular já tinha descarregado e eu não consegui fotografar o local. Afinal, cabe perguntar o que fizeram as/os participantes em Panimávida e Rari em maio de 1972? Provavelmente conheceram as/os artistas e adquiriram alguns objetos de crina, em Rari e fizeram alguma refeição ou simplesmente relaxaram durante algumas horas numas das termas de Panimávida. Apenas as/os participantes poderiam confirmar o roteiro daqueles dois dias em Rancagua e Linares. Provavelmente, as/os filhas/os, netas/os, sobrinhas/os possuem algum objeto de crina recebido de herança das/os participantes.

Longaví

O nome Longaví não aparece no Quadro 8 - Informações sobre a programação externa da Mesa-Redonda de Santiago do Chile citadas por Grete Mostny, Lygia Martins Costa e Hugues de Varine. Cheguei ao local indiretamente a partir das seguintes informações: “han visitado asentamientos campesinos en la región de Linares” (Mostny, 1972, p. 3); “el Asentamiento Campesino HERNÁN MERY” (Mostny, 1972, p. 4) e “tenho uma memória viva da visita a Linares e uma escola de formação de agricultores à cooperação e pela atribuição de terras agrícolas no quadro da reforma agrária. (Varine, 2021). Por outro lado, não existe nenhuma referência da representante brasileira Lígia Martins Costa sobre assentamentos ou camponeses (Costa, 1972), o que nos levar a fabular que esse tema não foi importante o suficiente para aparecer no *Relatório* escrito por ela e/ou um certo receio de incluir essa temática num documento institucional de um governo ditatorial.

O meu ponto de partida para chegar à Longavi foi o nome Hernán Mery. Ao pesquisar descobri que ele foi a primeira pessoa assassinada no âmbito da Reforma Agrária iniciada durante o Governo de Eduardo Frei Montalva, da Democracia Cristã. O agrônomo Hernán Mery, 33 anos, casado e pai de três filhos, atuava na Corporácion de la Reforma Agraria – CORA[320], em Linares. Era militante da Democracia Cristã e morreu em decorrência de uma agressão sofrida no dia 30 de abril de 1970 durante a tentativa de posse do fundo[321] La

[320] Podemos fabular que devido a atuação do educador brasileiro Paulo Freire na Corporación de la Reforma Agraria – CORA, é bem provável que eles tenham se cruzado em algum momento durante a última metade da década de 1960.
[321] Latifúndio em português.

Piedad, de propriedade de Gabriel Benavente, um dos irmãos do alcalde de la Comuna de Longaví, Alejandro Benavente, membro do Partido Nacional, de direita[322].

No dia 27 de maio de 2022, eu saí de Linares rumo a comuna de Longaví a procura do Asentamiento Campesino Hernán Mery. Pedi ao motorista para me deixar na praça principal e tentei encontrar um café, uma biblioteca pública ou algo parecido para pedir informações. Dei duas voltas pela praça enquanto eu tomava coragem para abordar alguém. Eu estava totalmente inseguro durante a visita a Longaví, pois não consegui contactar ninguém antecipadamente. A situação piorou ao longo do dia, como veremos adiante.

Neste cenário, eu encontrei um obelisco na praça com o nome Alberto Benavente B., imediatamente, eu lembrei quem era, o alcade da comuna na época do assassinato de Hernán Mery. Após fotografar a praça, o obelisco e a placa [Figuras 70, 71 e 72][323], eu resolvi abordar um senhor que estava a circular por ali também. Perguntei se ele conhecia a biblioteca municipal ou algo parecido, ele me respondeu que também não era dali, eu agradeci e continuei a caminhar pela praça, alguns minutos depois, ele me chamou [conferindo o celular] e disse que existia algo como uma casa de cultura e me mostrou a direção, eu agradeci e fui procurar o local[324].

Figuras 70, 71 e 72 –
Praça Alberto Benavente B., obelisco e placa, 2022.



[322] Recuperado de: https://interferencia.cl/articulos/la-dramatica-pugna-por-la-reforma-agraria-que-revelo-el-crimen-de-hernan-mery-en-linares , em 28 novembro de 2021.
[323] Na matéria citada anteriormente aparecem os nomes Alejandro Benavante B. e Alberto Benavante B. como irmão e alcade de Longaví na data do assassinato do agrônomo Hernán Mery. Recuperado de: https://interferencia.cl/articulos/la-dramatica-pugna-por-la-reforma-agraria-que-revelo-el-crimen-de-hernan-mery-en-linares , em 28 de novembro de 2021.
[324] Eu não me lembro, mais provavelmente, eu não tinha *internet* móvel. Além do mais, eu deveria ter pesquisado melhor a comuna de Longaví.



Fonte: O autor.

Localizei o lugar a partir da placa CASA DE LA CULTURA HNOS CAMPOS existente na fachada [Figuras 73 e 74].

Figuras 73 e 74 –
Casa de la Cultura Hermanos Campos, 2022.



Fonte: O autor.

No local também funciona o Museo de Longaví e foi para lá que eu me dirigi. Ao entrar, eu fui recebido pelos senhores Jorge San Martín Villalobos e Rodrigo Herrera Troncoso [Figura 75]. O primeiro, responsável pela Casa de Cultura Hermanos Campos e o Museo de Longaví e o segundo, responsável de comunicação de Departamento de Educación Municipal – DAEM e Casa de Cultura Hermanos Campos.

Figura 75 –
Jorge San Martín Villalobos e Rodrigo Herrera Troncoso, 2022.



Fonte: O autor.

Me apresentei e expliquei o motivo da minha visita a Longaví, conhecer o Asentamiento Campesino Hernán Mery. Durante a nossa conversa, eles perceberam o meu posicionamento político disseram que não eram nem de esquerda e nem de direita, também destacaram que como funcionários públicos não podiam se posicionar politicamente e em seguida, disseram que a comuna era administrada por um partido de extrema direita. Tais declarações me deixaram preocupado, pois estava sozinho no interior do Chile a investigar o Asentamiento Campesino Hernán Mery numa comuna cujo alcade era de um partido de extrema direita. Conversamos um pouco mais, entreguei as duas Cartas de Apresentação que eu possuía e Rodrigo Herrera Troncoso[325] me acompanhou até a Plaza Alberto Benavente B., no trajeto, ele me disse que existia um monumento em homenagem ao agrônomono estrada que dava acesso ao assentamento e pediu a um taxista que me levasse ao Asentamiento Campesino Hernán Mery.

O taxista me deixou ao lado de uma placa indicando La Piedad, o antigo nome do fundo, segui em direção ao local por uma estrada de terra [Figuras 76 e 77]. Tentei conversar com os moradores do local, na esperança de encontrar alguém que tenha presenciado a visita das/os participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em maio de 1972, todavia, quase ninguém me respondeu, talvez por receio ou não tinha ninguém nas residências. As únicas

[325] Rodrigo Herrera Troncoso me disse que tinha uma cunhada brasileira, não tenho certeza, mas parece que era de Santa Catarina. Atualmente, ela e o irmão estavam morando em Longaví. Ligou para o irmão e me passou o telefone. Também comentou que já tinha viajado a trabalho por mais de 40 países.

pessoas que me responderam disseram que eram novas no local e as outras duas nada disseram e fecharam o portão.

Figuras 76 e 77 –
Placa e caminho para a antiga sede do fundo La Piedad, 2022.



Fonte: O autor.

Para piorar a minha situação, a bateria do celular descarregou, por isso, eu consegui tirar apenas uma fotografia da antiga sede do fundo La Piedad [Figura 78][326]. Chegou um momento em que comecei a ficar preocupado, pois eu estava na zona rural de uma comuna administrada pela extrema direita a procurar informações sobre o Asentamiento Campesino Hernán Mery durante o Governo da Unidad Popular, além de ser um homem negro e homossexual. Também não encontrei o monumento dedicato ao agrônomo da Corporación de la Reforma Agraria – CORA. Retornei para o centro de Longaví e segui direto para a rodoviária[327].

[326] Um senhor próximo ao local deixou eu carregar por alguns minutos, todavia, não retornei ao local.
[327] Voltei para Linares abatido e desencantado da vida. Referência à musica *Ronda* do compositor Paulo Vanzolini, gravada por Maria Bethânia no disco Álibe, em 1978.

Figura 78 –
Antiga sede do fundo La piedad, 2022.



Fonte: O autor.

Não retornei a Longaví em 2023, priorizei a visita a Villa Alegre, pois consegui informações sobre o Asentamiento Campesino Hernán Mery relacionadas a essa última comuna[328]. Apesar da vontade de rever Jorge San Martín Villalobos e Rodrigo Herrera Troncoso, preferi não retornar, pois as lembranças não muito agradáveis da visita de 2022 ainda estavam presentes.

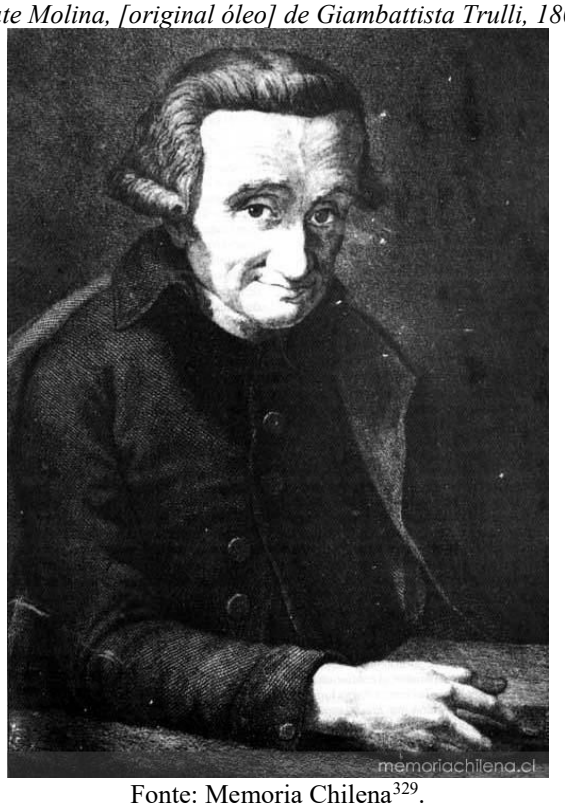
A boa notícia é que a área do assentamento não foi devolvida para o antigo proprietário após o golpe civil-militar de 11 de setembro de 2011, segundo Jorge San Martín Villalobos e Rodrigo Herrera Tronscoso.

Villa Alegre

Visitei Villa Alegre na manhã do dia 28 de maio de 2022. O objetivo principal era conhecer a tumba do “precursor de las ciencias naturales en Chile, el Abate JUAN IGNACIO MOLINA” (Mostny, 1972, p.) visitada pelas/os participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972 [Figura 79].

[328] Documentos encontrados na Biblioteca Abate Molina do Museo Nacional de Historia Natural de Chile, em maio de 2022.

Figura 79 –
Abate Molina, [original óleo] de Giambattista Trulli, 1805.



Fonte: Memoria Chilena[329].

Estava um pouco apreensivo depois de visitar Panimávida, Rari e Longaví, devido à desconfiança das pessoas e também pelos parcos resultados obtidos[330]. Ao caminhar pela calle Abate Molina[331], passei em frente ao Museo Municipal y Casa de la Cultura de Villa Alegre [Figura 80]. Perguntei a um senhor que estava na entrada comercializando artesanatos. Ele não apenas me indicou a localização da tumba do Abate Molina, como também fez questão de me apresentar a uma senhora do Museo Municipal[332]. Infelizmente, não conversarmos muito, pois naquele momento acontecia um evento na instituição com a presença das/os moradaras/es e autoridades municipais e regionais, como referido anteriormente.

[329] Recuperado de: http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-98870.html , em 12 de outubro de 2023.
[330] A apreensão inicial cumpriu-se em parte. Além da desconfiança da maioria da população, eu sofri para conseguir um banheiro. Não quis atravessar o pátio interno do museu tomado por uma orquestra, autoridades e convidadas/os, pois era o Día de los Patrimonio. Procurei um café ou algo parecido e nada. Depois de várias tentativas, eu fui salvo por um senhor que me deixou usar o banheiro do Corpo de Bombeiros local.
[331] A principal rua de Villa Alegre.
[332] Perdi a anotação contendo o nome e o correio eletrônico da funcionária do Museo Municipal y Casa de la Cultura de Villa Alegre.

Figura 80 –
Museo Municipal y Casa de la Cultura de Villa Alegre, 2022.



Fonte: O autor.

Após a minha visita à tumba do Abate Molina, eu retornei ao museu e a senhora me mostrou rapidamente a sala do museu em homenagem ao naturalista e disse-me que a sala foi criada por um pesquisador local e que ele não permitia fotografar o espaço (Figura 78)[333].

Figura 81 –
Sala Abate Molina, Museo Municipal y Casa de la Cultura de Villa Alegre, 2022.



Fonte: O autor.

[333] Ainda assim, eu fotografei «escondido» a sala.

No início da pesquisa, eu imaginava que a tumba do Abate Molina estava localizada num cemitério ou numa praça. Ao chegar ao local, após seguir os passos das/os participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972 e também prestar homenagem ao naturalista, eu percebi que eu estava enganado, pois a tumba estava localizada dentro do Templo Parroquial del Niño Jesús de Villa Alegre, na verdade, ao lado esquerdo da nave principal [Figuras 82 e 83].

Figuras 82 e 83 –
Templo Parroquial del Niño Jesús de Villa Alegre e tumba do Abate Molina, Villa Alegre, 2022.



Fonte: O autor.

Assim foi a minha experiência em Villa Alegre em maio de 2022. Naquele momento, eu pensei que era apenas isso, as/os participantes visitaram a tumba do Abate Molina e seguiram adiante. Todavia, o campo sempre nos surpreende. Ao retornar ao Brasil e verificar com calma os documentos disponibilizados pelo Archivo Historico Administrativo – AHA, localizado na Biblioteca Abate Molina do Museo Nacional de Historia Natural de Chile – MNHN, eu percebi a existência de diversas informações relacionadas à Villa Alegre[334]. São documentos oficiais de agradecimento aos colaboradores e autoridades locais assinados pela coordenadora da Mesa-Redonda de Santiago do Chile e curadora do Museo Nacional de Historia Natural de Chile, Grete Mostny. A partir dos dados contidos e produzidos nesses documentos surgiram outros caminhos e encruzilhadas sobre a passagem das/os participantes

[334] *Expediente Mesa Redonda UNESCO sobre Museos (AHA_186_029 C-39).* O documento possui oito páginas (pp. 68-72; pp. 79-81).

da Mesa-Redonda de Santiago do Chile pela localidade de Villa Alegre e que de certa forma também impactou as narrativas sobre a visita ao Asentamiento Hernán Mery, em Longaví.

No documento[335] de agradecimento dirigido ao Sr. Omar Rebolledo, da Corporación de la Reforma Agraria – CORA, em Linares, datado em 5 de julho de 1972, Grete Mostny nos diz

> "Estimado señor Rebolledo:
> Tengo el agrado y el dever de dirigirme a Ud. para agradecerle en nombre de los delegados extranjeros a la Mesa Redonda de Unesco sobre el Desarrollo y la Importancia de los Museos en el Mundo Contemporáneo, y en el mío próprio su ofrecimiento de passar una noche en la Central de Capacitación Hernán Mery y de compartir varias horas con sus ocupantes.
> Los visitantes extranjeros estabam muy impressionados por la Central, sus ocupantes y sus realizaciones y se han llevado a sus países un recuerdo muy grato de esta visita.
> Quedando a su disposición en todo loque pueda serle útil, le saluda muy atentatmente
>
> Dra. Grete Mostny Glaser,
> Conservador".

Penso que esse é documento bastante singular. Em primeiro lugar, porque revela algo desconhecido até então na bibliografia sobre o acontecimento de 1972, as/os participantes da pernoitaram na Central de Capacitación Hernán Mery. Em segundo lugar, a boa impressão dessa experiência nas/os participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, citada pela curadora Grete Mostny e também presente na memória de Hugues de Varine (2021):

> "**Julio Cézar Chaves**: O senhor pode me falar sobre as visitas externas durante a Mesa-Redonda de Santiago? **Hugues de Varine**: A visita a Valparaíso foi unicamente turística. Mas tenho uma memória viva da visita a Linares e uma escola de formação de agricultores à cooperação e pela atribuição de terras agrícolas no quadro da reforma agrária"[336].

Existe ainda outra carta de agradecimento direcionada ao Sr. Eduardo Sepúlveda, da Central de Capacitación Hernán Mery, em Villa Alegre[337], também datada em 5 de julho de 1972 que corrobora com a imersão das/os participantes com a questão da reforma agrária:

> "Estimado sr. Sepúlveda.

[335] *Expediente Mesa Redonda UNESCO sobre Museos (AHA_186_029 C-39, p.69).*
[336] Via *e-mail*: Questão 16.
[337] *Expediente Mesa Redonda UNESCO sobre Museos (AHA_186_029 C-39, p. 70).*

> Me es muy grato deber dirigirme a Ud. para agradecerle en nombre de los delegados a la Mesa Redonda sobre el Desarrollo y la Importnacia de los Museos en el Mundo Contemporáneo y en el mio proprio su hospitalidad y la de sus colaboradores durante Nuestra estadía en la Central de Capacitación Hernán Mery.
> Há sido una gran experiência para todos nosotros convivir, aunque solo por algunas horas con Uds. y conocer más de cerca la nueva realidade del campo chileno.
> Quedando a su disposición en todo lo que pueda serle útil, le saluda um atte.
>
> Dra. Grete Mostny Glaser
> Conservador”.

Antes de prosseguir, eu gostava de destacar dois pontos na carta enviada pela conservadora Grete Mostny ao Sr. Eduardo Sepúlveda, da Central de Capacitación Hernán Mery. O primeiro é que, a carta foi direcionada a Villa Alegre e não Longaví, local do Asentamiento Campesino Hernán Mery. Provavelmente, a Central estava ou está localizada na comuna [cidade] ou na zona rural de Villa Alegre ou ela estava ou está localizada em Longaví e o Sr. Eduardo Sepúlveda atuava ou vivia em Villa Alegre. Como já apontamos Longaví e Villa Alegre estão bem próximas. No meu retorno a essa última, eu busquei informações sobre a existência de uma Central de Capacitación Hernán Mery na localidade, todavia, nem a minha interlocutora, Carmen Gloria Cancino Sepulveda[338] e nem o meu interlocutor, don Patricio Ávila Lara[339] souberam me responder. O segundo ponto que eu gostava de abordar, na verdade, reiterar, a participação ativa do Governo de Salvador Allende, da Unidade Popular na organização da Mesa-Redonda de Santiago do Chile. A visita ao Asentamento Hernán Mery e/ou Central de Capacitación Hernán Mery não foi algo aleatório, como atesta um trecho da carta citada anteriormente da curadora do Museo Nacional de Historia Natural do Chile, Grete Mostny (1972): “Há sido una gran experiência para todos nosotros convivir, aunque solo por algunas horas con Uds. y conocer más de cerca la nueva realidade del campo chileno”.

[338] A gentil Camen Gloria Cancino Sepulveda foi a pessoa que eu conheci em maio de 2022 no Museo Municipal de Villa Alegre, mas que tinha perdido o contato. Ela é a Encarregada Administrativa dessa instituição.
[339] Encargado del Medio Ambiente y Oficina Adulto Mayor, além de responsável pelo Museo Municipal de Villa Alegre. Quem me passou o contato via *e-mail* de don Patricio Ávila Lara foi a a senhora Lorena Gálvez Gálvez, na época Administradora Municipal, no dia 20 de março de 2023.

E para encerrar a visita à Rancagua e Linares, eu gostava de tecer ainda alguns breves comentários baseados no documento *AHA_186_029 C-39 Expediente Mesa Redonda UNESCO sobre Museos* e também na minha visita à Villa Alegre em maio de 2023[340].

AHA_186_029 C-39, p. 80 – Além das cartas citadas anteriormente, Grete Mostny enviou outras, uma delas foi para o Alcalde don Manuel Muñoz Bastias [Figura 84]. Apesar da inexistência de documentos em Villa Alegre, essa carta evidencia a recepção das/os participantes pelas autoridades eclesiásticas, militares e civis de Villa Alegre, ou seja, apesar da ausência de registros dessa visita [até então], a passagem delas/es foi algo importante não apenas para as/os participantes, mas também para Villa Alegre.

Figura 84 –
Fotografia do Alcalde don Manuel Muñoz Bastias, Museo Municipal de Villa Alegre, 2023.



Fonte: O autor.

AHA_186_029 C-39, p. 79 – Existe também uma carta endereçada ao Cura-Parroco de Villa Alegre, Francisco Jerquera. Nela Grete Mostny agradece pelas belas palavras de bem-vinda e de elogio ao Abate Molina. É importante iniciar a escavação dessas memórias

[340] Como já relatado anteriormente, em maio de 2022, eu fiquei hospedado em Linares e de lá visitei Panimávida, Rari, Villa Alegre e Longaví. Em maio de 2023, eu fiquei hospedado em San Javier de Loncomilla, próximo a Villa Alegre que era o meu foco. O valor da hospedagem em San Javier de Loncomilla era/é mais em conta do que em Linares.

soterradas [até então] e citá-las é uma forma singela de homenagear essas pessoas, além de deixar pistas para outras/os pesquisadoras/es continuarem a escavar essas memórias;

AHA_186_029 C-39, p. 72 – Outra carta foi direcionada ao Diretor do Hospital de Vila Alegre, o Dr. José Ilic Toro que participou ativamente na recepção aos participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile.

AHA_186_029 C-39, p.81 – Numa carta endereçada ao Sr. Manuel Francisco Mesa, Regidor da Municipalidad de Linares, Grete Mostny diz o seguinte: “Los visitantes quedaron muy emocionados con la cariñosa acogida de la cual fueron objeto y llenos de admiración por Linares, su catedral y su museo”. Como aponta a curadora do MNHN de Chile, as/os participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile realmente visitaram a catedral de Linares, assim fica elucidada a dúvida apontada anteriormente num trecho do *Relatório* de Lygia Martins Costa (1972)[341];

AHA_186_029 C-39, p.71 – Uma carta de agradecimento aos senhores Andrés y Alfredo Illanes, da Bodega “El Romeral”, em Villa Alegre também me chamou a atenção. Provavelmente, esse foi um momento de confraternização e talvez o local escolhido para a despedida da excursão à Rancagua e Linares. Gostava aqui de destacar um trecho da carta, “para la mayoría de ellos, esta ha sido una experiencia completamente nueva, de la cual han gozado mucho, como igualmente del noble vino que Uds. nos ofrecieron”. Até maio de 2023, eu imaginava que “El Romeral” era um restaurante localizado em Villa Alegre. Todavia, Carmen Gloria Cancino Sepulveda, responsável pelo Municipal de Villa Alegre disse “que não era um restaurante, mas sim uma bodega [vinícola] existente em Villa Alegre e que ela visitou o local na sua infância”. Também falou “que Andrés e Alfredo Illanes não vivem mais na região e sim em Santiago”. Eu perguntei se ainda existia a bodega ou algum vestígio e ela respondeu “que não funcionava mais como bodega, todavia, a fazenda ainda cultivava uvas e que estava a venda”. Pedi para ela me ensinar o caminho, pois queria fotografar o local, ela respondeu “que não era tão perto para ir a pé”. Nesse momento, don Patricio Ávila Lara se prontificou a dar uma carona até a antiga Bodega “El Romeral”. Graças a gentileza de Carmen Gloria Cancino Sepulveda e don Patricio Ávila Lara, eu conheci um dos lugares visitados aproximadamente há 51 anos pelas/os participantes da Mesa-Redonda de Santiago

[341] Ver Quadro 8.

do Chile, em 1972. Quase nada restou da antiga Bodega “El Romeral” [Figuras 85 e 86]. Uma senhora estava no local e graças novamente a Carmen Gloria Cancino Sepulveda, ela nos deixou, os três, visitar o local[342].

Figuras 85 e 86 –
Antiga Bodega “El Romeral”, 2023.



Fonte: O autor.

É interessante como a pesquisa afeta o pesquisador, essa visita em particular me encheu de nostalgia, penso que a visita a Villa Alegre foi o momento mais leve da minha segunda viagem de campo, mesmo encontrando apenas alguns fragmentos (Figuras 87 e 88).

Figuras 87 e 88 –
Fragmentos da antiga Bodega “El Romeral”, 2023.



Fonte: O Autor.

Procurei outras informações na minha visita ao Museo Municipal de Villa Alegre, todavia, não encontre quase nada. Na sala de trabalho de Carmen Gloria Cancino Sepulveda existe uma impressão do livro *Historia de Villa Alegre 1810-2010*, de Jaime Gonzalez

[342] O filho dessa senhora era/é o administrador da fazenda.

Colville, da Academia Chilena de la Historia[343]. Ao folhear a impressão eu encontrei uma pequena referência à Mesa-Redonda de Santiago do Chile, “en junio de 1973 llega a la comuna la destacada científica Grethe Monsthy, quien encabeza la delegación de la UNESCO del Consejo Internacional de Museos; la visita es de conocimiento de la realidad cultural de las províncias” (Colville, n.d., p. 127). Além da existência de diversos erros [não foi possível descobrir se esses são do autor ou da fonte primária] no pequeno trecho sobre a visita das/os participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, a impressão também não possuía a fonte da informação. Perguntei a Carmen Gloria Cancino Sepulveda se ela tinha o contato do historiador e ela imediatamente ligou para ele e “falou da minha pesquisa e que eu estava em Villa Alegre naquele momento”, “perguntou sobre a fonte que ele utilizou” e por fim, “perguntou se ele gostaria de conversar comigo via telefone”, ele “respondeu que não”, porém informou a fonte: *Diario El Heraldo*, Linares. Imediatamente, eu peguei um transporte de Villa Alegre para Linares com o objetivo de encontrar a matéria jornalística no Arquivo local. Chegando ao local, eu fui informado que a instituição não possuía o acervo do Diario El Heraldo, então, um jovem me passou o endereço do escritório do Diario. Ao chegar no local, eu não encontrei ninguém, como estava na hora do almoço, eu resolvi passear um pouco e retornar mais tarde, todavia, sem sucesso. Ainda assim, eu quis deixar aqui registrado para as/os futuras/os pesquisadoras/es a existência de uma nota ou matéria no *Diario El Heraldo*, de Linares sobre a visita das/os participantes ciceroneada pela curadora do Museo Nacional de Historia Natural de Chile, em maio de 1972.

3.1.11 Dia 30 [terça-feira] de maio de 1972

Fac-símiles (SHC-1972/CONF.28/02 e SHC-72/CONF.28/INF.1)	***08h30-15h30*** *Apresentação do tema 4: Os museus e a educação permanente. Debate.*

Como já referido anteriormente, a Apresentação do tema 4: Os museus e a educação permanente, de César Picón é a única ausente do documento *AHA_402_001 C-10 Mesa Redonda sobre la Importancia de los Museos*.

3.1.12 Dia 31 [quarta-feira] de maio de 1972

[343] Eu não tenho certeza, mas ao que tudo indica ele é de Villa Alegre.

Fac-símiles (SHC-1972/CONF.28/02 e SHC-72/CONF.28/INF.1)	***Manhã**: conclusões do debate sobre o tema 4.* ***Tarde**: comitê de Resoluções.* ***Noite**: encerramento.*

Comitê de Resoluções? A única referência sobre a existência de algo parecido está na página 188 do documento *AHA_402_001 C-10 Mesa Redonda sobre la Importancia de los Museos* [transcrições]. Nela o presidente da Mesa-Redonda de Santiago, Héctor Fernández Guido diz o seguinte:

> “Yo sugeriria que el Sr. delegado de Argentina y el Sr. delegado de México seleccionase seis colaboradores y constituyesen en esa forma el comité de trabajo, para que puede presentar el proyecto de que hemos hecho referencia. (Yo me permití decir que fuesen Ud. Sr. Teruggi había sido el padre de la idea y el delegado de México la llevó con tanto entusiasmo. Quedan designados los Sres. Teruggi y Vázquez para eligir los colaboradores de esta comisión.....”. (Guido, 1972, p. 188)

Provavelmente, o comitê de Resoluções e o comité de trabajo são nomes diferentes para o pequeno grupo responsável em apresentar o projeto [do museu integral] debatido ao longo da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em maio de 1972.

Sobre o encerramento também não foi encontrada nenhuma informação. Não sabemos quem se emocionou durante o último encontro antes do retorno. Quem agradeceu a Grete Mostny e sua equipe [Goveno do Chile]. Quem prometeu retornar um dia para visitá-la, quem desejou sorte para o Governo de Salvador Allende diante dos diversos boicotes em andamento liderados pela elite chilena e *CIA*.

3.1.13 Dia 01 de Junho de 1972

Fac-símiles (SHC-1972/CONF.28/02 e SHC-72/CONF.28/INF.1)	*Partida dos participantes.*

Também não existe nenhuma informação sobre a partida das/os participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile. Por outro lado, há uma passagem enigmática no Relatório da delegada brasileira Lygia Martins Costa (1972) e que eu tentei elucidar com Hugues de Varine, em 2021 [Questão 11]:

> **“Julio Cézar Chaves:** No *Relatório* escrito pela representante brasileira, Lygia Martins Costa, ela comenta que a Declaração não foi concluída totalmente durante os trabalhos da Mesa Redonda de Santiago [20 a 30 de maio de 1972] e sim posteriormente por um pequeno grupo que permaneceu em Santiago. Por favor, o senhor poderia explicar melhor o que realmente aconteceu? **Hugues de Varine:** A Lygia teve uma atitude relativamente conservadora e não gostava das opiniões um pouco revolucionárias de alguns participantes ou palestrantes: Hardoy, Vazquez, Sola, por exemplo”.

Provavelmente, Hugues de Varine não entendeu a pergunta. Por outro lado, reiterou o relativo conservadorismo da delegada brasileira, a museóloga Lygia Martins Costa e também revelou os nomes de alguns delegados com ideias “um pouco revolucionárias” presentes na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, o argentino Jorge Hardoy, o mexicano Mario Vázquez e o salvadorenho Carlos de Sola.

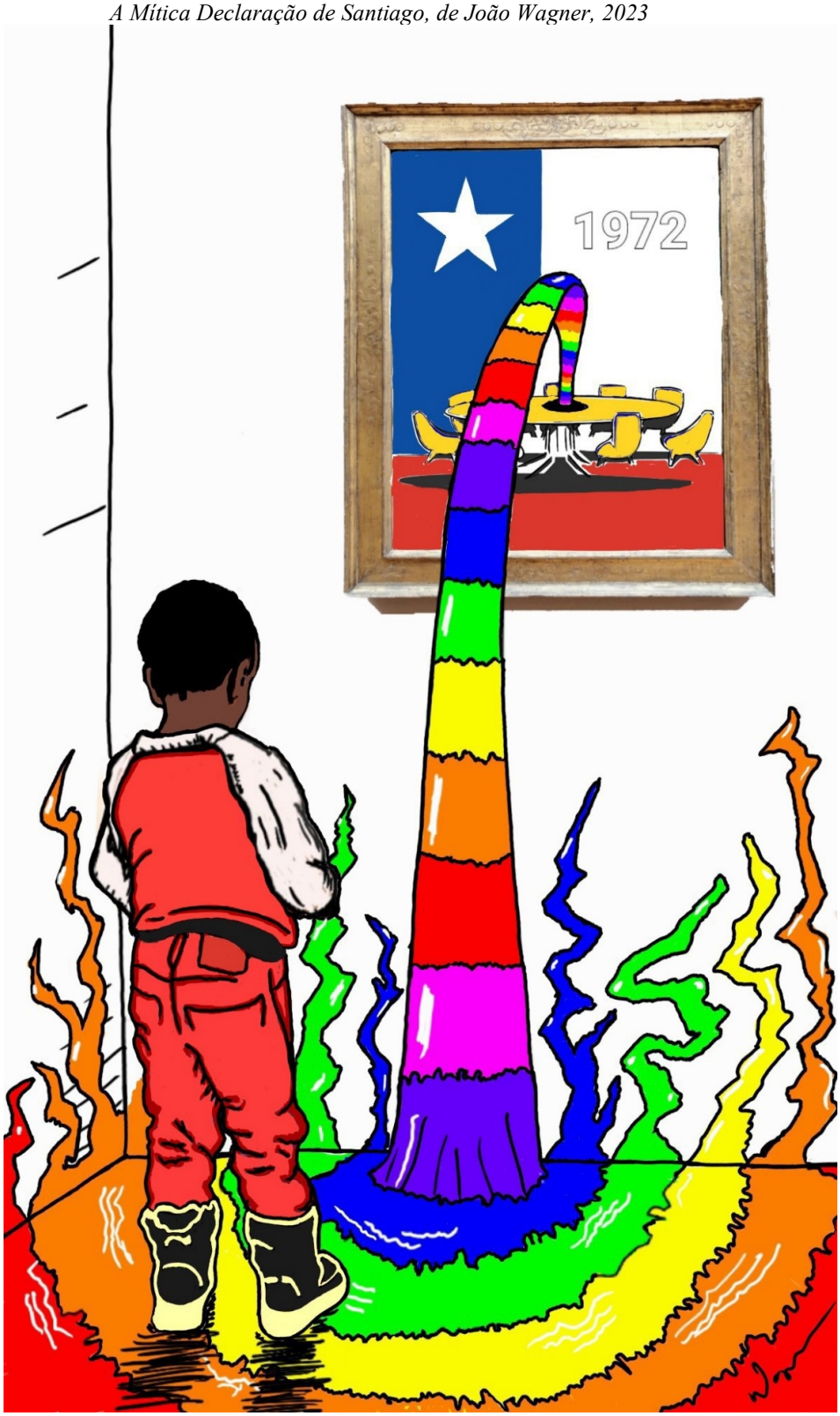


Ao longo desse capítulo, eu busquei revelar alguns fragmentos existentes sobre a programação externa da Mesa-Redonda de Santiago do Chile. Existentes porque eles estavam a aguardar pesquisadoras/es interessadas/os em iniciar [bordar] uma das possíveis arpilleras ou costurar uma das muitas colchas de retalhos sobre uma importante etapa do processo de debates que resultou na Declaração de Santiago, as visitas externas das/os participantes do acontecimento de 1972. Um pequeno passo foi dado, uma primeira camada foi escavada, entretanto, como já mencionado anteriormente, reitero que os fragmentos expostos nesse capítulo, ou melhor, essas poucas memórias que estavam soterradas e agora expostas nesse capítulo, foram resultados de um trabalho coletivo a partir de documentos existentes e guardados em arquivos e museus.

O estar nos mesmos lugares ou nos vestígios ainda existentes por onde as/os participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile estiveram tem a ver também com a minha formação em Antropologia Social e Cultural, todavia, é sempre necessário reforçar que qualquer pesquisadora ou pesquisador pode [e dentro do possível deve] fazer trabalho de campo. A extensão final do *Capítulo 3 – A Programação da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972* foi em decorrência do seu caráter descritivo. Provavelemente, esse foi o capítulo mais difícil de escrever, tanto pelas imensas lacunas existentes na documentação e

bibliografia existentes sobre o acontecimento de maio de 1972 quanto pela vontade de deixar registrado todo o material disponível. Por tudo isso, as apresentações e os debates ocorridos durante os trabalhos da Mesa-Redonda de Santiago serão analisados brevemente no *Capítulo 4 – A Palo Seco: uma «mirada nostálgica e ingenua» sobre a Declaração de Santiago*.

Figura 89 –
A Mítica Declaração de Santiago, de João Wagner, 2023



Fonte: O autor.

CAPÍTULO 4 – A PALO SECO: UMA «MIRADA NOSTÁLGICA E INGENUA» SOBRE A DECLARAÇÃO DE SANTIAGO

> Faz parte da estética neocapitalista o desprezo pelas coisas gastas, usadas, com marcas do trabalho e da vida. Preferem-se objetos novos, frios, protocolares. No entanto, os velhos objetos estão impregnados de biografia e de memória.
>
> O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social, Ecléa Bosi (2003)

Esse capítulo foi pensado após o Júri Prévio, seguindo proposta dos membros do júri; foi também, o último a ser escrito e realmente é um olhar nostálgico e ingênuo sobre a Mesa-Redonda de Santiago como um todo e a Declaração, em particular. Por isso, o título e a epígrafe sintetizam muito bem os objetivos desse capítulo. Literalmente, é um capítulo a palo seco[344] e também contraditório, ambíguo, nostálgico, ingênuo e incompleto.

Desde o início da investigação, eu não queria abordar as apresentações dos debatedores Enrique Enseñat, Jorge Enrique Hardoy, Mario Teruggi e César Picón durante a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, nem o documento final, a Declaração de Santiago. Primeiro, pela certeza de não ter fôlego suficiente para investigar os trabalhos durante o acontecimento de maio de 1972, o documento final e seus desdobramentos. E segundo, pelo fato de existir uma excelente e ampla bibliografia disponível na América Latina sobre esses dois últimos[345], ao que se acresce os diversos depoimentos e textos de Hugues de Varine ao longo das últimas décadas.

Por tudo isso, a abordagem aqui é muito singular, inicialmente eu mapearei as presenças e ausências, as intervenções das/os participantes e em seguida, tecerei alguns breves comentários sobre os temas abordados e o motivo porque eu defendo a Declaração de Santiago cinquenta e um anos depois.

[344] Sem rodeios, direto, franco.
[345] Citada na *Introdução – Por Arpilleras da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972*.



Ao iniciar o título do capítulo com a expressão «a palo seco», eu quis homenagear dois poetas brasileiros, o pernambucano João Cabral de Melo Neto (1920-1999) e o músico cearense Belchior (1946-2017). O poema *A palo seco* do primeiro inspirou a música *A palo seco* do segundo. Não tenho como negar que as duas obras me inspiraram e me acompanharam durante a solidão avassaladora que permeia uma investigação e a escrita de uma tese. Um doutoramento é paradoxalmente um processo coletivo e ao mesmo tempo solitário e esse último, é bastante similar ao poema *A palo seco*, de João Cabral de Melo Neto (1975), tomemos, por exemplo os seguintes versos: “O cante a palo seco é o cante mais só: é cantar num deserto devassado de sol; é o mesmo que cantar num deserto sem sombra em que a voz só dispõe do que ela mesma ponha” (Melo Neto, 1975)[346]. Seguimos então, «a palo seco».

A escolha da epígrafe está relacionada às diversas leituras e escutas sobre a Mesa-Redonda de Santiago, 1972 ao longo da investigação, escrita da tese e consequentemente às críticas à Declaração de Santiago quase sempre anacrônicas e descontextualizadas feitas por algumas e alguns intelectuais[347]. Não obstante, a minha percepção sobre a MRSC e a sua Declaração é e sempre será uma «mirada nostálgica e ingenua»[348], “sem medo de ser feliz”[349].

Preciso também sinalizar que ao defender um documento escrito em 1972, eu não estou a criticar os novos documentos surgidos ao longo das últimas décadas e também não tenho interesse em abordá-los. Por outro lado, eu não tenho medo do novo, até porquê “o

[346] Recuperado de: https://ims.com.br/por-dentro-acervos/o-poema-e-um-poema-so-por-elvia-bezerra/ , em 23 de dezembro de 2023.
[347] Segundo Odalice Miranda Priosti & Yara Mattos (2007), “lamentavelmente, a Declaração de Santiago tem sido ignorada ou considerada ‘letra morta’ por muitos e as vezes subutilizada por outros” (Priosti & Mattos, 2007, p. 75).
[348] Essa frase, eu ouvi diversas vezes no Chile, no Brasil e em Portugal, algo como “não podemos ter uma mirada nostálgica da MRSC”, não podemos ser ingênuos ao analizar a Declaração de Santiago”, “precisamos avançar”, entre outras.
[349] “Música *Sem medo de ser feliz*, baseada na versão original de Hilton Acioli, uma surpresa preparada por Janja para Lula. Autoria: Leonardo Leone Produção executiva: Ricardo Stuckert Janja Lula da Silva”, em 2022. Recuperado de: https://www.youtube.com/watch?v=h8R70l4DkFg , em 23/12/2023. Existem outras versões, como *Sem medo de ser feliz*, Recuperado de: https://www.youtube.com/watch?v=HSPDV60nGUQ , em 23/12/2023; *Sem medo de ser feliz* - Campanha de Lula para Presidente, 1989, Recuperado de: https://www.youtube.com/watch?v=e_-fl9NyfyQ , em 23/12/2023; *Lula lá* - Coro dos artistas, 1989, Recuperado de: https://www.youtube.com/watch?v=kZF1f4eH3eA , em 23 de dezembro de 2023.

novo sempre vem” (Belchior, 1976)[350], entretanto, nem sempre o novo é realmente novo e muito menos o mais adequado em determinado momento ou localidade. Também, não tenho medo e nem desprezo o passado, as “coisas gastas, usadas, com marcas do trabalho e da vida” (Bosi, 2003, p. 167), os documentos antigos [oficiais e extraoficiais], a história oral, as narrativas, as pessoas idosas e as/os mortas/os.

Neste sentido, chamo atenção para o desinteresse ao longo das últimas décadas sobre a história da Mesa-Redonda de Santiago, no Brasil e principalmente no Chile. Como exemplo, podemos citar a falta de divulgação das transcrições existentes no Archivo Historico Administrativo, do Museo Nacional de Historia Natural [documento *AHA_402_001 C-70*] relativas as apresentações dos expositores Enrique Enseñat, Jorge Enrique Hardoy e Mario Teruggi e os respectivos debates. No meu entendimento, esse é o segundo documento mais importante, atrás apenas da Declaração de Santiago, produzido durante o acontecimento mais emblemático de museus da América Latina.

A inexistência de pesquisas, dissertações, teses, artigos e livros sobre a história da MRSC, no Chile, nos demais países da América Latina e em Portugal também evidencia um certo desinteresse em relação à história do acontecimento de 1972. Se nós, profissionais de museus, investigadoras/es das mais diversas Museologias e áreas afins, não preservamos as memórias dos acontecimentos de museus e Museologias e suas/seus participantes, então, quem preservará? “Casa de ferreiro, espeto de pau”?

Instituições e organizações como OREALC/UNESCO Santiago, ICOM Chile e o atual Servicio Nacional del Patrimonio Cultural do Ministerio de las Culturas, las Artes y el Patrimonio do Governo do Chile, juntamente com a UNESCO, ICOM e os governos dos países participantes precisam investigar com mais afinco a história da Mesa-Redonda de Santiago, pois o acontecimento de maio de 1972 foi e sempre será o nosso documento mais importante, mesmo com as divergências e críticas. É o que nós temos de melhor até então, por isso precisamos continuar a investigá-la[351]. A publicação do IBRAM & Programa Ibermuseos (2012) foi um grande passo nessa direção, porém, não deve ser o último.

[350] Música composta por Belchior e lançada no álbum *Alucinação*, em 1976 e gravada também pela cantora Elis Regina no álbum *Falso Brilhante*, no mesmo ano.

[351] A professora Cristina Bruno em mais de uma ocasião comentou algo como: “talvez seja esse o motivo da onipresença da Declaração de Santiago, pois é o que nós temos [América Latina] de melhor, o documento mais conhecido internacionalmente, por isso, nos agarramos a ele”.

Embora não seja o meu objetivo analisar as transcrições, eu gostava de tecer alguns comentários sobre o documento *AHA_402_001 C-70*, intitulado, *Mesa Redonda sobre la Importancia de los Museos*[352], descoberto durante o trabalho de campo no Chile, em maio de 2022 contendo as seguintes apresentações: *Os museus e o desenvolvimento cultural em áreas rurais e o desenvolvimento agrícola* – Enrique Enseñat; *Museu e os problemas sociais e culturais do meio ambiente* – Jorge Hardoy e *Os museus e o desenvolvimento científico e tecnológico* – Mario Teruggi. Não foi possível descobrir o porquê da ausência [da transcrição] relativa à apresentação do debatedor César Picón Espinoza, *Os museus e a educação permanente*, talvez, o texto esteja perdido em alguma gaveta do esquecimento ou foi descartado por engano. Saliento também que algumas falas durante os debates não foram transcritas, como as de Lygia Martins Costa por estarem em português, as de Hugues de Varine e Raymonde Frin por estarem em francês e também porque outros trechos dos trabalhos não possuem uma boa qualidade de gravação, o que resultou em transcrições duvidosas.

Antes de iniciar os breves comentários sobre as apresentações e os debates, ainda preciso destacar que o *Relatório Final*, de autoria do presidente da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, o uruguaio Héctor Fernández Guido (1973/2012) é um resumo muito aquém do que foi discutido durante o acontecimento de 1972, principalmente em relação aos debates. A partir das transcrições, agora é possível identificar as autorias de algumas falas durante os debates, fato esse ausente no *Relatório Final*. A despeito de reconhecer o caráter coletivo da autoria da Declaração de Santiago e que essa foi aprovada por todas/os as/os participantes [debatedores e delegadas/os], gostava de destacar algumas falas, pois o objetivo maior aqui é fazer um breve mapeamento dos temas abordados durante as apresentações e seus respectivos debates. E por fim, defender a atualidade do documento final da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972.

[352] Durante o meu Júri Prévio, a professora Dra. Vânia Brayner sugeriu que eu abordasse resumidamente as apresentações dos quatro debatedores.

Apresentação do tema 1 e debates [22 e 23 de maio de 1972] – *Os museus e o desenvolvimento cultural em áreas rurais e o desenvolvimento agrícola,* Enrique Enseñat

A transcrição[353] da apresentação do panamenho Enrique Enseñat possui aproximadamente oito páginas (pp. 1-8), enquanto os debates realizados a seguir possuem aproximadamente cinquenta e três páginas (pp. 8-61). É interessante comparar com o *Relatório* de Guido (1973/2012), onde a apresentação e o debate relacionado ao tema de Enrique Enseñat possui apenas quatro páginas (IBRAM & Programa Ibermuseos, 1973/2012, pp. 121-124), o que explicita a diferença entre o que foi apresentado e debatido no acontecimento e o que foi publicado no *Relatório Final* (Guido, 1973/2012), ou seja, o que foi publicado nesse último é apenas um pequeno resumo escrito a partir das transcrições e dos apontamentos das/os relatoras/es do dia. Por isso, a importância e urgência da publicação do documento *AHA_402_001 C-70* para as/os investigadoras/es interessadas/os na MRSC. Enfim, o resumo publicado no *Relatório* do Presidente do acontecimento de maio de 1972, Héctor Fernández Guido não dá conta da complexidade das discussões do acontecimento de maio de 1972. Nesta perspectiva, Ecléa Bosi (2003) alerta o seguinte:

> "Um exemplo que pode parecer pouco dramático é o relato de uma reunião "oficial" de que o depoente participou. Se for registrado em documento, será esquematizado, empobrecido e sobretudo feito para agradar o poder em exercício ou a facção prestigiada no momento. As atas de reuniões oficiais suprimem as dissonâncias como impertinências, e os conflitos são apagados como digressões inúteis. Onde a razão que vacilou, gaguejou e não soube se expressar? Tais registros não refletem a microssociologia do poder, as redes de influência e não captam a 'atmosfera' do grupo". (Bosi, 2003, p. 17)

O mesmo processo não poderia influenciar também uma transcrição? Sim, todavia, muito menos do que um *Relatório Oficial*. Como já assinalado anteriormente, não foi possível analisar detalhadamente todas essas nuances [os silêncios, os esquecimentos e os apagamentos] presentes tanto no *Relatório Final* (Guido, 1973/2012) quanto no documento (*AHA_402_001 C-70*) como um todo, pois tinha certeza que seria uma outra tese. Por outro lado, a Declaração de Santiago e o *Relatório Final*, de Guido (Guido, 1973/2012) já foram bastante analisados ao longo das últimas décadas, como ficou evidenciado no *Quadro Teórico*, apresentado na *Introdução*. Aqui, eu procurei apenas destacar alguns trechos da transcrição. Além de mapear as/os participantes durante o debate.

[353] *Mesa Redonda sobre la Importancia de los Museos* (*AHA_402_001 C-70*).

A partir dessas sessenta e nove páginas transcritas da apresentação de Enrique Enseñat e dos debates realizados posteriormente, podemos mapear as pessoas presentes e a quantidade de intervenções, além das/os participantes ausentes. Todavia, antes de seguir para o resultado do mapeamento, é preciso sinalizar novamente as ausências das transcrições das intervenções da delegada brasileira Ligia Martis Costa, da representante da UNESCO, Raymond Frin e do Diretor do ICOM, Hugues de Varine. O que nos leva a algumas fabulações, o MNHN não tinha verba, tempo ou pessoal para transcrever os trechos em português e francês ou as intervenções ficaram inaudíveis, dificultando as transcrições, por sinal um problema recorrente ao longo das três apresentações e seus respectivos debates.

Seguindo as informações contidas no documento estiveram presentes na apresentação do panamenho **Enrique Enseñat**, tema 1 – *Os museus e o desenvolvimento cultural em áreas rurais e o desenvolvimento agrícola:* **Grete Mostny**, do Chile, **Héctor Fernández Guido**, do Uruguai, **Alicia Dussan de Reichel**, da Colombia; **Lygia Martins Costa**, do Brasil; **Teresa Gisbert de Mesa**, da Bolívia; **Mario Teruggi**, da Argentina; **Jorge Hardoy**, da Argentina; **Raúl González Gusmán**, do Panamá; **Carlos de Sola**, de El Salvador; **Hérnan Crespo Toral**, do Equador; **Mario Vázquez**, do México; **Luis Luján Muñoz**, da Guatemala; **Luis Diego Gómez**, da Costa Rica, **Hugues de Varine-Bohan**, da França; as/os observadoras/es, a **Sra. Emilia Salas**, do Museu Regional da Universidade do Norte, em Antofagasta; **o Sr. Sergio Chacón**, pesquisador da Universidade do Norte, em Arica; o **Sr. Sergio Arriagada**, pesquisador do Museu Benjamim Vicuña Mackenna, em Santiago; o **Sr. Paul Frings**, de la CEPAL. Também aparece a intervenção de **uma pessoa não identificada**, provavelmente, uma observadora ou um observador. Totalizando, dezenove participantes no primeiro debate da MRSC. As/os demais não fizeram intervenções ou não estavam presentes (grifo nosso).

Ainda sobre esse breve mapeamento, gostava de citar o número de intervenções das/os participantes. Não é objetivo aqui qualificar ou desqualificar o/a participante pelo número de intervenções, até porque algumas são muito breves e outras muito longas[354]. Como tinha de ser, o presidente da MRSC, **Héctor Fernández Guido** foi quem mais interveio, dezesseis vezes; **Alicia Dussán de Reichel** e **Mario Vázquez**, nove vezes cada; **Jorge**

[354] As análises dessas falas durantes os debates ficarão para outra oportunidade.

Hardoy, **Teresa Gisbert de Mesa** e **Carlos de Sola**, seis vezes cada; **Grete Mostny**, cinco vezes; **Lygia Martins Costa**, **Enrique Enseñat**, **Mario Teruggi** e **Raul González Gusmán**, três vezes cada; **Hernán Crespo Toral**, duas vezes; **Hugues de Varine** e **Luis Luján Muñoz**, uma vez cada (grifo nosso).



As poucas informações encontradas sobre o expositor panamenho Enrique Ensañat como veremos no *Capítulo 7 – Ausentes e Presentes: fragmentos biográficos dos participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972* foram publicadas na *Revista Museum* 1973 (IBRAM & Programa Ibermuseos, 2012)[355]. A partir dos dados disponibilizados no referido periódico, é possível entender o motivo da sua escolha, Enrique Ensañat, além de Engenheiro Agrícola e professor de Política Agrícola da Faculdade de Agricultura da Universidade do Panamá, era membro adjunto do Comitê Consultivo da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura – FAO/UNESCO/Organização Internacional do Trabalho – OIT, ou seja, alguém que dominava o tema proposto *Os museus e o desenvolvimento cultural em áreas rurais e o desenvolvimento agrícola* e conhecido na UNESCO. Não devemos esquecer que segundo Hugues de Varine (1984/2012), os animadores foram indicados pelos colegas dessa organização.

No meu entendimento, o tema *Os museus e o desenvolvimento cultural em áreas rurais e o desenvolvimento agrícola* apresentado pelo panamenho Enrique Enseñat no dia 22 de maio de 1972, foi o que mais causou «surpresa» e «assombro» nas/os participantes durante a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, principalmente pelo seu ineditismo. Inicialmente, não deve ter sido fácil criar conexões entre os assuntos abordados durante a apresentação, como reforma agrária, fome, latifúndio e seus privilégios, revolução verde, concentração de renda, analfabetismo, êxodo rural e os museus[356]. Também considero a apresentação de Enrique Enseñat como uma das mais potentes[357], juntamente com os debates, principalmente porque

[355] Fiz contato com a Universidade do Panamá onde ele lecionou, todavia, sem sucesso.
[356] Logo após a *Apresentação* do Prof. Enrique Enseñat, o presidente da MRSC, Héctor Fernández Guido faz o seguinte comentário: “Bueno, ya que el profesor Enseñat ha promovido una inquietud grande, porque se ha visto que han empezado a levantarse las manos solicitando la palavra” (Guido, 1972, p. 8).
[357] A outra é do arquiteto e urbanista argentino, Jorge Enrique Hardoy.

algumas das sementes ou singularidades da Declaração de Santiago foram lançadas durante os dias 22 e 23 de maio de 1972. Outro ponto importante é que esses assuntos ainda são discutidos cinquenta e um ano depois, o que de certa forma, evidencia que não avançamos tanto como gostaríamos. Os trechos destacados aqui foram retirados do documento (*AHA_402_001 C-70*) e não do *Relatório Final*, do uruguaio Héctor Fernández Guido (1973/2012)[358].

Sobre a *Apresentação* do panamenho Enrique Ensañat eu gostava de destacar os seguintes pontos, a levar em conta a atualidade dos assuntos abordados por ele no dia 22 de maio de 1972: os museus como instituições e mecanismos geradores de mudança social e desenvolvimento econômico do ambiente rural (Enseñat, 1972, p. 1); impulsionar os museus agrícolas/museus ambulantes nas zonas rurais da América Latina (Enseñat, 1972, p. 7). Ainda hoje, poucos são os museus que assumem lutar junto com as/os condenadas/os da terra, tanto na zona rural quanto na zona urbana, como exemplo, apesar de não estar localizado na América Latina, entretanto, faz parte do Sul global, podemos citar o genocídio em marcha contra o povo palestino pelo governo de extrema direita de Israel, fato esse quase totalmente ignorado pelos museus de todas as regiões e também pelas/os profissionais de museus e museólogas/os. Também não podemos esquecer que cinquenta e um anos depois da MRSC, existem poucos museus na zona rural e museus ambulantes/itinerantes na América Latina. Sobre as falas durante os debates não foi possível analisá-las como eu gostava, porém, faz-se necessário destacar que a ideia de integrado surge aqui, a partir das falas de Enseñat, Hardoy, Mostny e Vázquez sobre o fato de não podermos pensar o problema rural desassociado do problema urbano e vice-versa.

Apresentação do tema 3 e debates [24 e 25 de maio de 1972] – *Museu e os problemas sociais e culturais do meio ambiente*, Jorge Enrique Hardoy

A apresentação do *keynote speaker*, Jorge Enrique Hardoy contém quinze páginas (*AHA_402_001 C-70*, pp. 61-75) e os debates totalizam quarenta e seis páginas (*AHA_402_001 C-70*, pp. 76-130). Seguindo as informações contidas no referido documento estiveram presentes na apresentação do arquiteto e urbanista argentino, **Jorge Enrique**

[358] Não foi possível tecer um quadro comparativo entre os dois documentos. Por isso, ocasionalmente, eu estarei a repetir trechos do documento de 1972 (*AHA_402_001 C-70*) presentes no *Relatório Final* (Guido, 1973/2012).

Hardoy e debates: **Luis Diego Gómez Pignataro**, **Alicia Dussán de Reichel**, **Héctor Fernández Guido**, **Enrique Enseñat**, **Carlos de Sola**, **Mario Vázquez**, **Raul González Gusmán**, **Hugues de Varine**, **Raymonde Frin**, **Teresa Gisbert de Mesa**, **Lygia Martins-Costa**, **Mario Teruggi**, **Grete Mostny**, **Luis Luján Muñoz**, a observadora **Margarita Castillo** e o observador **Oscar Eduardo Avello Avello**, del Centro Nacional de Museología; **Jorge Irribarren**[359], del Museo Arqueologico de La Serena e **Sergio Arriagada**, do Museu Benjamim Vicuña Mackenna. Totalizando, dezenove participantes no segundo debate da MRSC. As/os demais não fizeram intervenções ou não estavam presentes (grifo nosso).

Ainda sobre esse breve mapeamento, gostava de citar o número de intervenções das/os participantes. Como tinha de ser, o presidente da MRSC, **Héctor Fernández Guido** foi quem mais interveio, vinte e cinco vezes; o apresentador, **Jorge Hardoy**, quinze vezes**; Alicia Dussán de Reichel**, seis vezes; **Mario Vázquez**, quinze vezes; **Teresa Gisbert de Mesa**, duas vezes; **Carlos de Sola**, três vezes; **Grete Mostny**, seis vezes; **Lygia Martins Costa**, cinco vezes; **Enrique Enseñat** e **Mario Teruggi**, seis vezes; **Luis Diego Gómez Pignataro**, uma vez; **Raymonde Frin**, duas vezes; **Hugues de Varine**, duas vezes; **Luis Luján Muñoz**, duas vezes e **Sergio Arriagada**, uma vez (grifo nosso).

Na minha concepção, todavia, a levar em conta os depoimentos de Hugues de Varine ao longo das últimas quatro décadas, a *Apresentação*, do argentino Jorge Enrique Hardoy causou um grande impacto entre as/os participantes da MRSC. É preciso evidenciar que como *keynote speaker* do acontecimento de maio de 1972, Jorge Enrique Hardoy participou ativamente das outras duas apresentações. Devido à ausência da transcrição da *Apresentação* de César Picón, a última das quatro, não foi possível saber se Jorge Enrique Hardoy atuou com a mesma intensidade, ao que tudo indica, ele não estava mais em Santiago nos dias 30 e 31 de maio, como veremos adiante.

Um fato interessante existente no documento (*AHA_402_001 C-70*, pp. 76-130) foi a confirmação da presença do observador chileno de 18 anos de idade e tema do *Capítulo 8 – Oscar Eduardo Avello Avello (1954-1976): "soy una fotografia de un desaparecido"*. Ele trabalhou com o responsável pela relatoria, Luis Diego Gómez Pignataro durante a *Apresentação* do arquiteto e urbanista argentino, Jorge Enrique Hardoy e também durante os

[359] Apresentado pelo Presidente da MRSC como Diretor do Museo Arqueológico de La Serena e Vice-Presidente do ICOM Chile.

debates. Outro trecho[360] no documento (*AHA_402_001 C-70*) me chamou a atenção, principalmente pela relação com o Centro Nacional de Museología – CNM, dirigido pela museóloga, arqueóloga e antropóloga chilena, Grete Mostny e sediado no Museo Nacional de Ciencias Naturales de Chile[361] e também por citar pela segunda vez, o observador Oscar Eduardo Avello Avello:

> "La **sra. Delegada de Colombia** había hecho una sugerencia haciendo relación a que la formación de museólogos en Chile no tienen posibilidad de ocupación y solicita a la Unesco se les considere como los primeiros museólogos formados para assesorar a otros países. **Presidente**: les ruego a los señores congresales que presten estas mociones por escrito al **señor Avello** o al **señor Gómez** que es el relator" (*AHA_402_001 C-70*, p. 103). (grifo nosso)

Em primeiro lugar, eu queria destacar a sororidade entre a delegada colombiana, Alicia Dussán de Reichel e a delegada chilena, Grete Mostny. A primeira não deixou passar a oportunidade de colocar o problema relacionado ao CNM para as/os demais colegas do acontecimento de maio de 1972, provavelmente, Grete Mostny deve ter ficado surpresa e feliz com a atitude da colega colombiana. Abordaremos alguns fatos e problemas relacionados ao CNM no *Capítulo 6 – A Coordenadora da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, la doctora Grete Mostny (1914-1991)* e também no *Capítulo 8 – Oscar Eduardo Avello Avello: "soy una fotografia de un desaparecido"*.

Apresentação do tema 2 e debates [26 e 27 de maio de 1972] – *Museu e desenvolvimento científico e tecnológico*, Mario Teruggi

O número de páginas da *Apresentação* do *tema Museu e desenvolvimento científico e tecnológico*, do argentino Mario Teruggi possui sete páginas (*AHA_402_001 C-70*, pp. 135-142) e os debates totalizam cinquenta e cinco páginas (*AHA_402_001 C-70*, pp. 142-197).

Seguindo as informações contidas no documento estiveram presentes na apresentação do museólogo argentino, **Mario Teruggi** e debates: **Héctor Fernández Guido**; **Enrique Enseñat**; **Alicia Dussán de Reichel**; **Jorge Enrique Hardoy**; **Teodoro Fucks** e **Sr. Bosso**, **da CORFO**; **Teresa Gisbert de Mesa**; **Hugues de Varine**; **Federico Kauffmann**; **Carlos de Sola**; **Mario Vázquez**; **Raul González Gusmán**; **Luis Luján Muñoz**, **Grete Mostny**; **Hernán Crespo Toral** e o observador, **Sergio Arriagada**. Totalizando, dezessete

[360] Na verdade, são duas falas, uma seguida da outra.
[361] Citado no *Capítulo 3 – A Programação da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972.*

participantes na terceira apresentação e respectivo debate. As/os demais não fizeram intervenções ou não estavam presentes (grifo nosso).

Ainda sobre esse breve mapeamento, gostava de citar o número de intervenções das/os participantes: **Héctor Fernández Guido**, 17 vezes; **Mario Teruggi**, duas vezes; **Teodor Fucks**, duas vezes; **Alicia Dussán de Reichel**, duas vezes; **Mario Vázquez**, três vezes; **Jorge Enrique Hardoy**, cinco vezes; **Teresa Gisbert de Mesa**, duas vezes; **Carlos de Sola**, cinco vezes; **Grete Mostny**, duas vezes; **Enrique Enseñat**, uma vez; **Raul González Gusmán**, uma vez; **Hernán Crespo Toral**, uma vez; **Hugues de Varine**, duas vezes; **Luis Luján Muñoz**, uma vez; **Sergio Arriagada**, uma vez (grifo nosso).

Apresentação do tema 4 e debates [30 e 31 de maio de 1972] – *Museu e educação ao longo da vida*, César Picón Espinoza

Como já referido anteriormente, a transcrição da *Apresentação* do educador peruano César Picón Espinoza não consta no documento (*AHA_402_001 C-70*) existente na Biblioteca Científica Abate Juan Ignacio Molina del Museo Nacional de História Natural de Chile. Essa ausência é muito sentida, pois presumo que em algum momento da sua *Apresentação*, o debatedor César Picón tenha citado o educador brasileiro Paulo Freire. Em 1972, esse último já era bastante conhecido internacionalmente, por isso, é muito difícil o pensamento do brasileiro exilado passar despercebido na fala do educador peruano. Também, não podemos esquecer que naquele momento o então Diretor do ICOM, Hugues de Varine já conhecia Paulo Freire através do Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos – INODEP. Apesar de não ter direito a voz e voto, Hugues de Varine pode ter recordado algo relacionado ao pensamento de Paulo Freire durante os debates.

É importante destacar que o tema *Museu e educação ao longo da vida* apresentado pelo educador peruano César Picón Espinoza fazia parte da agenda da UNESCO naquele momento, como afirmou o professor da UFSB, Álamo Pimentel, em 2022 durante o *#MusaFórum10 – Museus e Educação Permanente* [*card* Anexo 4], um dos cinco *Seminários Comemorativos dos 50 Anos da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972*, organizado pelo Grupo de Estudos MINA, da Cátedra UNESCO-ULUSÓFONA “Educação, Cidadania e Diversidade Cultural, da Universidade ULUSÓFONA, Lisboa.

Também é preciso repetir que cinquenta e um anos depois o tema ainda não é uma realidade em todos os museus da América Latina, assim como a educação ao longo da vida ainda não é uma realidade para as/os estudantes da nossa região.



Como abandonar a Declaração de Santiago e seguir em frente se os problemas debatidos e denunciados ainda estão presentes 51 anos depois? Os temas abordados e discutidos durante os trabalhos da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972 ainda estão postos: fome, desenvolvimento, reforma agrária, analfabetismo, revolução verde [e seus desdobramentos, agrotóxicos, desmatamento, agronegócio], tecnologia [transferência, exploração de combustíveis fósseis, poluição do ar, entre outros] e os demais não abordados diretamente ainda fazem parte das agendas dos movimentos sociais, como racismo, machismo, xenofobia, LGBTQIAPN+fobia, entre outros. Na minha «mirada nostálgica e ingenua» da Declaração de Santiago, todas as injustiças do passado/presente/futuro estão presentes no mais importante documento de museus da América Latina.

Irrefletidamente, muitos e muitas criticam a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972 por não ter entre as/os participantes representantes dos movimentos sociais da América Latina. Essas/es esquecem que o acontecimento foi pensado para especialistas de museus e com convidados também especialistas de outras áreas de conhecimento. E apesar da participação do Governo da UP, o formato foi pensado pela UNESCO/ICOM, ainda assim, graças a Grete Mostny e provavelmente Juvencio de Valle a programação externa conseguiu colocar as/os participantes frente a frente com campesinas/os assentadas/os, operárias/os e os problemas urbanos de Santiago. Não podemos esquecer que a semente da relação entre os museus e as comunidades é uma herança da Declaração de Santiago.

Na minha «mirada nostálgica e ingênua» da Declaração de Santiago todo o conteúdo é de suma importância, todavia, um pequeno trecho é o suficiente para afirmamos a sua atualidade e ao mesmo tempo também deveria ser a nossa bandeira do presente/futuro, a nossa eterna e principal agenda, a luta pela eliminação de todas as injustiças, presentes no parágrafo

preambular ou o «parágrafo da discórdia», o único não assinado por todas/os as/os participantes [expositores e delegadas/os], presente no *Relatório Final*, do presidente da MRSC, Héctor Fernández Guido (1973/2012):

> "A tecnologia permitiu à civilização realizar avanços significativos que não foram acompanhados pelo desenvolvimento cultural. Essa situação gerou um desequilíbrio entre os países que alcançaram um alto nível de desenvolvimento material e aqueles que continuam à margem do desenvolvimento, relegados ao esquecimento ao longo de sua história. **Os problemas revelados pela sociedade contemporânea estão, na sua maioria, enraizados em situações de injustiça e não podem ser solucionados até que essas injustiças sejam corrigidas**" (IBRAM & Programa Ibermuseos, 2012, p. 137, grifo nosso).

Sobre a questão desenvolvimentista, eu retornarei mais adiante, o que importa aqui é atentarmos que o conteúdo mais revolucionário da Declaração de Santiago não foi aprovado unanimemente. Ainda bem, assim foi possível esboçar um provável perfil político das/os participantes e debatedores naquele momento. Nota-se que apenas os expositores, o presidente e as/os participantes tinham direito a voto. Se por um lado, o fato da Declaração de Santiago ter sido assinada por todas/os as/os participantes com direito a voto, o mesmo não aconteceu com referido parágrafo que precisou ser votado separadamente, como sinalizado no Relatório Final (Guido, 1973/2012.): Votos a favor: **Mario Vázquez**, do México; **Raúl González**, do Panamá; **Hernán Crespo Toral**, do Equador; **Luis Diego Gómez Pignataro**, da Costa Rica; **Luis Luján Muñoz**, da Guatemala; **Carlos de Sola**, de El Salvador e **Federico Kauffmann**, do Peru. Votos contra: **Mario Teruggi**, da Argentina; **Lygia Martins Costa**, do Brasil; **Enrique Enseñat**, do Panamá e **Héctor Fernández Guido**, do Uruguai. Não votaram: **Grete Mostny**, do Chile; **Alicia Dussán de Reichel**, da Colômbia; **Teresa Gisbert de Mesa**, da Bolívia; **Jorge Enrique Hardoy**, da Argentina e **César Picón Espinoza**, do Peru. Talvez, a forma como votaram as/os participantes explique o posicionamento político de cada uma e cada um das/os votantes.

Não foi possível descobrir os motivos pelos quais cinco participantes não votaram. Por isso, eu perguntei a Hugues de Varine, em 2021[362]:

> **"Julio Cézar Chaves**: O senhor saberia me informar por que Grete Mostny, Alicia Dussan de Reichel e Teresa Gisbert de Mesa e os expositores Jorge Hardoy e César Picón não votaram? **Hugues de Varine**: Não sei, mas

[362] Questão 20.

> Hardoy deixou a reunião depois de sua intervenção. Os outros talvez estavam ausentes no momento do voto”.

Essa é a única pista sobre as/os participantes que não votaram. Sobre as/os demais que votaram a favor e contra deixamos algumas pistas nos três próximos capítulos.

Outro motivo para não abandonarmos a Declaração de Santiago é que estamos longe de termos um museu em cada pequena cidade latino-americana e os poucos existentes nem sempre beberam na fonte do documento final da MRSC. Outros, provavelmente foram criados sem nenhuma influência desse, porém, poderiam ser considerados museus integrais ou integrados, como o Museu Magüta, em Benjamin Constant, Amazonas, Brasil; o Museu Kanindé, Ceará, Brasil; o Museu Histórico de Bacurau, localizado na Região Nordeste do Brasil; o Museu da Maré, localizado no Rio de Janeiro, Brasil; o Museu Muquifu, localizado em Belo Horizonte, Brasil; o Museu Vivo do São Bento, localizado também no Rio de Janeiro, Brasil, entre outros.

“Lembrar é mais do que um ato passivo de resistência. É uma construção feita com materiais do tempo presente” (Couto, 2021, p. 7). Por isso, estou aqui a construir a minha defesa da atualidade e importância da Mesa-Redonda de Santiago do Chile e sua Declaração cinquenta e um anos depois. E apesar das suas especificidades, o acontecimento de 1972 o seu documento final é para os museus, o mesmo que os também emblemáticos Encontro de Barbados e sua Declaração [para a questão indígena], realizado em 1971 e a II Conferência do Episcopado Latino-americano em Medellín e seu Documento Final [para a igreja latino-americana e caribenha], realizada em 1968.



Em 2012, no quadragésimo aniversário da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972, a museóloga e professora da UNIRIO, Tereza Scheiner (2012) publicou o artigo *Repensando o museu integral: do conceito às práticas*. Num dos trechos do referido artigo, a autora escreveu que:

> “talvez pela conjuntura política e ideológica do momento e do lugar em que se realizou a Mesa-Redonda, a Declaração de Santiago vem sendo mitificada

> em alguns círculos, há trinta e nove anos, como o grande documento revolucionário da Museologia mundial”. (Scheiner, 2012, p. 23)

Ao contrário do “talvez” de Scheiner (2012), eu tenho certeza que a singularidade do contexto político e ideológico naquele momento [mundial e na América Latina, em particular], assim como a especificidade chilena, em 1972, contribuíram com o que ela denomina “mitificação da sua Declaração” e isso é algo para continuarmos a pensar e lembrar sempre. E realmente, o documento final da MRSC é e continuará a ser revolucionário principalmente para a América Latina e o Sul global na perspectiva de Maria Paula Meneses & Boaventura de Sousa Santos (2010), não queremos e não precisamos do reconhecimento do norte, até porque, o acontecimento de maio de 1972 foi pensado para a América Latina.

Quais círculos a Declaração “vem sendo mitificada (2012, p. 23)”? MINOM; a Museologia Social; a Sociomuseologia? Se a professora pensou nesses, estamos no caminho certo, esses círculos, que não são e nunca tiveram a pretensão de serem perfeitos, de certa forma incomodaram e ainda incomodam o *establishment* de uma «Museologia» [branca, racista, misógina e LGBTQIAPN+fóbica] ainda existente no norte global, principalmente, a Europa, local da maioria da bibliografia do artigo de Scheiner. Com todo o respeito que eu tenho pela trajetória da professora e museóloga Teresa Scheiner, eu não entendi como ela escreveu sobre um acontecimento realizado na América Latina e organizado pelo Governo do Chile e pela UNESCO/ICOM, sem citar uma única referência bibliográfica de uma/um latino-americana/o [aqui não estou a incluir o Brasil]. Por outro lado, a autora não economizou nas referências de autores europeus e canadenses [do sexo masculino, além de documentos da UNESCO. Dentre os autores citados, temos: Georges-Henri Rivière, Zbynek Stránský, P. Mayrand, Ivo Maroevic, Jean Devallon, Gerald Grandmont, Bernard Shcielle, Bernard Deloche, Henri Pierre Jeudi e Hugues de Varine, entre outras/os (Scheiner, 2012).

Como afirma o filósofo camaronês Achille Mbembe (2017), precisamos

> “reconhecer que a Europa, que tanto tem dado ao mundo e que tanto dele tem tirado, muitas vezes pela força e com astúcia, deixou, em contrapartida, de ser o centro de gravidade do mundo. Já não se trata de lá ir procurar soluções às questões que aqui nos são colocadas. A Europa já não é a farmácia do mundo”. (Mbembe, 2017, p. 249)

Apesar do museu ser uma instituição de origem europeia e colonial/imperial, não precisamos continuar a pensá-la a partir do norte. Devemos continuar a experimentar, errar e

acertar a partir das nossas realidades e demandas. Eu não entendo essa necessidade de reconhecimento ainda presente na nossa área, como exemplo a não inclusão de alguns termos votados na América Latina, na última definição de museu aprovada na Conferência Geral do ICOM em Praga, no dia 24 de agosto de 2022. Desde quando, o «bem-viver» é uma pauta da elite do norte global? O ICOM é composto majoritariamente por pessoas ocidentais, brancas, conservadoras, heterossexuais e que atuam em museus ditos tradicionais, por outro lado, muitas e muitos da América Latina bebem na mesma fonte. Resta uma minoria [negra e branca] LGBTQIAPN+, de esquerda, feminista e anti-racista espalhada no Sul global que não consegue fazer frente ao *status quo* dessa organização.

Como contraponto à visão de Scheiner (2012), nós temos o posicionamento do então Diretor do ICOM, presente no acontecimento de 1972 e o seu maior defensor e divulgador, o francês Hugues de Varine [branco e heterossexual como a professora Teresa Scheiner]. Mesmo depois de decorridas algumas décadas, ele continua a afirmar que “quando relemos, hoje, os textos de Santiago, percebemos que eles, evidentemente, envelheceram, tanto na forma como no conteúdo. Mas é sempre possível reencontrar seu sentido verdadeiramente inovador, senão revolucionário” (2010, p. 40; 2012d, p. 143).

Ainda sobre a «mitificação da Declaração de Santiago», eu penso que os mitos são criações coletivas [os círculos, segundo Scheiner (2012)] e não pedem permissão às agências internacionais [UNESCO, ICOM, ICOFOM etc.] e muitos menos às academias [universidades] e suas/seus teóricas/os. É graças a «alguns círculos» [bem relacionados mundialmente] que o documento continua a provocar debates e embates calorosos nas diversas Museologias, mesmo 51 anos depois. A mitificação da Mesa-Redonda de Santiago do Chile e sua Declaração é também responsável por nos reinventarmos museologicamente e divergirmos frente às Museologias coloniais ainda existentes.

Segundo o poeta brasileiro Paulo Leminski (1994, p. 70) “mito, filosofia, ciência. O mito é um dos explicadores. O mais antigo, donde os outros saíram. Mas não é uma forma superada. Um mito não se supera. (...) Ele é o que foi, e assim será, para sempre” [a Mesa-Redonda de Santiago do Chile e sua Declaração. E, como afirma Georges Balandier (1997, p.19), o “mito é irredutível; sua interpretação inesgotável”. Nesses sentidos, eu compreendo a Declaração de Santiago como um mito. Daí que as/os intelectuais direta ou indiretamente

relacionados às Museologias podem interpretar a Declaração de Santiago a partir dos seus pontos de vistas, todavia, não podem esquecer que se trata de um mito, o mito fundante de muitas das Museologias insurgentes existentes na América Latina e mesmo em alguns lugares no norte e Sul globais.

E por que eu defendo o caráter mítico do referido documento? Entendo que a Declaração de Santiago do Chile, 1972 ainda não foi superada e nem será, pois ela é um projeto inacabado, uma ferramenta, um caminho, uma lente, uma brecha ou uma arma contra o *establishment* das Museologias coloniais ainda existentes, comprometidas com o capital, o patriarcado, o fascismo e o racismo. Podemos «brincar» a partir da Declaração de Santiago e aquelas/es que pensam que ela está ultrapassada com o *Poeminho do Contra*, de Mario Quintana (1982): nós defensoras/es e as pessoas que a criticam “passarão e eu [a Declaração] passarinho” (Quintana, 1982). Não tenho dúvida, que a Mesa-Redonda de Santiago do Chile e sua Declaração serão lembradas e debatidas por muitas décadas ainda na América Latina, da mesma forma como foi festejada quando completou 50 anos, em 2022.

Não foi possível mapear todos os eventos realizados para celebrar a Mesa-Redonda de Santiago ao longo de 2022 e também em 2023, ainda assim, gostava de enumerar alguns deles, como os cinco seminários virtuais organizados pelo Grupo de Estudos Museologias Insurgentes en Nuestra América – MINA, vinculado à Cátedra UNESCO Educação, Cidadania e Diversidade Cultural da ULUSÓFONA [Anexo 4]; no dia 6 de maio de 2022, o Centro Acadêmico de Museologia UFBA realizou a *LIVE: 50 anos da Mesa Redonda de Santiago: contexto, impactos e atualidade* com a professora e museóloga Judite Primo[363]; o evento hibrído *Mesa Redonda de Santiago (1972-2022). Revisiones del passado, problemáticas del presente y desafios del futuro: encuentro y reflexión crítica sobre el rol de los museos desde LAC al mundo*, realizado em maio e junho de 2022, em Santiago, Chile; o 10º Encontro Ibero-Americano de Museus – *O museu urgente: ação para um futuro sustentável*, realizado nos dias 26, 27 e 28 de setembro de 2022, na Cidade do México, além

[363] Recuperado de: https://www.youtube.com/watch?v=QiyVVScyGXU , em 26 de agosto de 2023.

da *Exposición Temporal Transformar los Museos: a 50 años de la aventura de Santiago* com o diseño conceptual de Leticia Pérez Castellanos, da Escuela Nacional de Conservación, Restauración y Museografía do Instituto Nacional de Antropología e Historia – INAH; no XXX Encontro do ICOFOM LAC *Museologia multivocal na América Latina e Caribe desde a Mesa-Redonda de Santiago 1972*, entre os dias 31 de outubro e 04 de novembro de 2022, em Barbados; no evento virtual MusaFórum 11, com o tema *Museus Comunitários – Depois de Santiago: tecendo caminhos entre a Arte e a Resistência*, organizado pelo Grupo de Estudos Laboratório de Socioexpografia – LABSE, também vinculado à Cátedra UNESCO Educação, Cidadania e Diversidade Cultural da ULUSÓFONA; no evento híbrido *Encontro Internacional Desenvolvimento Comunitário e Museus-não-Museus*, organizado pelo Centro de Estudos do Território, Mobilidades e Património – CETMOPA, pela Câmara Municipal do Fundão e com a colaboração do ICOM Europa, nos dias 02 a 04 de setembro, no Fundão, Portugal; nos seminários *1972-2022: releituras da Mesa-Redonda de Santiago do Chile*, do Grupo de Pesquisa Museologia Experimental e Imagem – MEI da UNIRIO, em parceria com o ICOFOM, entre outros.

Aproveito para citar duas obras importantes, lançadas em homenagem as cinco décadas do acontecimento de maio de 1972: *50 años de la Mesa Redonda de Santiago de Chile: lecturas en clave actual do ICOFOM STUDY SERIES*, Vol. 50 (1), 2022[364] e *50 Anos da Mesa-Redonda de Santiagodo Chile (1972-2022): novos olhares sobre os museus*, organizado pela Luciana Heymann (2023)[365].

[364] Os editores da obra do *ICOFOM Study Series* foram o chileno Leonardo Mellado e o brasileiro Bruno Brulon Soares (2022) e conta com uma *Introducción* dos editores e 8 artigos: *La ciudad, la memoria y el Site-specific como ejercicio de Resignificación Patrimonial*, de Pablo Andrade B.; *Sobre la Mesa de Santiago de 1972 y la función social del museo en la actualidad*, de Cristóbal Bize Vivanco; *Paths to Indigenous Self-representation: the Round Table of Santiago de Chile 50 years later*, de Rebeca Ribeiro Bombonato e Marília Xavier Cury; *Burkina Faso: musées des communes et développement*, de Bély Hermann Abdoul-Karim Niangao; *Tres escenarios político-museológicos para pensar la actual instrumentalidad de los museos públicos*, de Alejandra Gabriela Panozzo Zenere; *Un Modelo Analítico Holístico para un Museo Integral*, de Leticia Pérez Castellanos; *La Mesa de Santiago y Waldisa Russio: legados para la museología*, de Camila Seebregts, Claudia Romero, Guilherme Godoy, Karoliny Borges, Taís Costa e Viviane Sarraf; *Un mundo en una gota de agua: El papel de Grete Mostny en la Mesa Redonda de Santiago de 1972*, de Yocelyn Valdebenito Carrasco.

[365] A obra *50 Anos da Mesa-Redonda de Santiagodo Chile (1972-2022): novos olhares sobre os museus*, organizado pela Luciana Heymann (2023) é o desdobramento do seminário organizado pela Casa de Oswaldo Cruz – COC realizado nos dias 21 e 22 de setembro de 2022 e transmitido na página *Facebook* da COC[365]. A publicação, além do *Prefácio*, de Renata Motta e Diego Bevilaqua e a *Apresentação*, de Luciana Heymann, contém diversos capítulos assim divididos, *Parte I – Novas Miradas para a Mesa de Santiago: História, Memória e Educação*: *La Mesa de Santiago y el museo integral, tres enfoques para entender su papel social*, de

Provavelmente outros eventos relacionados à MRSC foram realizados em 2022, assim como outras publicações. É interessante observar a diversidade espacial dos eventos, Brasil, Chile, México, Portugal e Barbados. E também as diversas origens das/os autoras/es dos artigos nas duas referidas publicações, Chile, Brasil, México, Burkina Faso e Argentina.

Enfim, cabe destacar ainda que tanto as/os críticos quanto as/os defensoras/es da Mesa-Redonda e/ou o seu documento estão a contribuir com o caráter mítico do acontecimento de maio de 1972, pois, o mito não se deixa reduzir, como nos lembra Georges Balandier (1997), assim como “não se supera” (Leminski, 1994, p. 70). Espero que a nossa investigação e a tese dela resultante tenham contribuído de alguma forma com a perpetuação do mito da Mesa-Redonda de Santiago do Chile.



Por último, importa, pois, tocar num ponto muito criticado no século XXI, sobre a MRSC e o seu Documento Final, a Declaração de Santiago: seu caráter desenvolvimentista. A agenda desenvolvimentista não era algo específico do acontecimento de maio de 1972, muito pelo contrário, a maioria dos governos de direita e os de esquerda, as ditaduras, os países chamados naquela época de subdesenvolvidos buscavam o «desenvolvimento». O que diferenciava era a busca por um caminho próprio, geralmente, coordenado pelo Estado e/ou subordinado ao capital dos países ricos [desenvolvidos] através das suas multinacionais. Como exemplo, podemos enumerar alguns eventos, organismos, instituições naquele período

---

Leonardo Mellado González; *A Mesa-Redonda de Santiago do Chile 50 anos depois: um objeto de pesquisa acadêmica*, de Luciana Souza; *A Mesa-Redonda de Santiago do Chile – 1972: revisitada 50 anos depois,* de Maria Esther Alvarez Valente; *Educação e formação profissional a partir da Mesa de Santiago – cenários, contribuições e (in)visibilidades*, de Carla Gruzman e Andréa Fernandes Costa; *A Mesa de Santiago e o giro decolonial latino-americano: chaves para abrir a”palavramundo” da Educação Museal*, de Juliana Siqueira; *Parte II – Novos Paradigmas, Políticas e Poéticas*: *Por amor do mundo: rumo ao museu amans,* de Alice Semedo; *Reverberações da Mesa-Redonda de Santiago do Chile 50 anos depois: a chegada do Nosso Sagrado e a vacinação contra a Covid-19 no Museu da República*, de Mario Chagas, Renata Gonçalves e Simone Vassallo; *A Mesa de Santiago do Chile: contexto e respostas no Museu da Vida Fiocruz,* de Maria Paula de Oliveira Bonatto & William Matheus da Cruz Souza; *Comunidades não normativas, Comunicação Comunitária e Sociomuseologia: reflexões sobre o papel social das instituições de memória*, de Tony Willian Boita & Rosana Maria Ribeiro Borges; *Desafios para uma curadoria da vida nos museus*, de Alda Heizer e Rafael Zamorano Bezerra.

e atualmente que possuem a palavra em questão nos nomes e outras que mesmo não possuindo a buscavam:

- Mesa-Redonda sobre o Desenvolvimento e o Papel dos Museus no Mundo Contemporâneo, Chile, 1972;
- Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos – INODEP, França, do qual participavam entre outros, Hugues de Varine e Paulo Freire;
- Instituto de Desenvolvimento Agropecuário – INDAP, Chile;
- Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento da Universidade Lusófona – CEIED, Portugal;
- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD;
- Conferencia de las Naciones Unidas sobre Comercio y Desarrollo en el Tercer Mundo – III UNCTAD, Chile, 1972
- Comisión Económica para América Latina de la ONU – CEPAL, Chile;
- *Seminário Regional da UNESCO: O Museu é um Centro Cultural no Desenvolvimento da Comunidade*, Cidade do México, 1962;
- Tema apresentado pelo professor Enrique Enseñat na MRSC, em 1972: *Os museus e o desenvolvimento cultural em áreas rurais e o desenvolvimento agrícola;*
- Tema apresentado pelo professor Mario Teruggi na MRSC, em 1972: *Os museus e o desenvolvimento científico e tecnológico;*
- O educador brasileiro Paulo Freire deixa o Chile em 1969 rumo ao Centro de Estudos da Educação e do Desenvolvimento da Universidade de *Harvard,* nos Estados Unidos;
- *As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local*, de Hugues de Varine (1972).

Esses poucos exemplos foram retirados da tese em questão, evidentemente que eu poderia investigar a presença da palavra «desenvolvimento» durante as décadas de 1960 e 1970, inclusive nos documentos e eventos organizados pela UNESCO e ICOM, inclusive na própria Declaração de Santiago e também no documento (*AHA_402_001 C-70*) e mapear o número de vezes que a palavra em questão aparece, porém, isso não foi e não é um dos objetivos da minha investigação. O que não é possível ficar indiferente às críticas anacrônicas em relação à MRSC e ao caráter desenvolvimentista. Aliás, precisamos no âmbito da Sociomuseologia discutir melhor o que seria o tão odiado «desenvolvimento» no passado e nos dias atuais. Porque se o «desenvolvimento» que estamos criticando possuir relação com as tecnologias e o bem-estar do norte global, então, nós temos um grande problema para debatermos nos próximos anos. Precisamos discutir as benesses que o desenvolvimento trouxe para uma pequena parcela da população em detrimento da maioria da população

mundial. Também, faz-se necessário debater quem pagará a conta pelo desenvolvimento e suas benesses em detrimento da destruição do planeta que habitamos. Tenho esperança, que dentro da Escola de Pensamento da Sociomuseologia não empurre essa fatura para o Sul global.

Figura 90 –
Elas, de Marcelo Wasen, 2023.



Fonte: O autor.

CAPÍTULO 5 – FRAGMENTOS BIOGRÁFICOS DAS MULHERES PARTICIPANTES DA MESA-REDONDA DE SANTIAGO DO CHILE, 1972

> Escrevo, ela escreveu, que a memória é frágil, e o transcurso de uma vida, muito breve, e tudo acontece tão depressa que não conseguimos ver a relação entre os acontecimentos, não podemos medir a consequência dos atos, acreditamos na ficção do tempo, no presente, no passado e no futuro, mas também pode ser que tudo aconteça simultaneamente, como diziam as três irmãs Mora, que eram capazes de ver no espaço os espíritos de todas as épocas.
>
> *A casa dos espíritos*, Isabel Allende (2021)

Gostava de iniciar esse capítulo homenageando duas mulhres chilenas, a poetisa, educadora, feminista, lésbica e consulesa chilena, Gabriela Mistral (1889-1957) [Figura 91] e a professora, artista plástica, feminista e lésbica Laura Rodig (1901-1972)[366]. Amigas e militantes da causa indígena.

Gabriela Mistral foi a primeira pessoa agraciada com o Nobel de Literatura na América Latina, em 1945. No momento da premiação, ela vivia em Petrópolis, no Rio de Janeiro[367]. Também foi amiga da poetisa brasileira Cecília Meireles e do escritor Mário de Andrade, entre outras/os, não obstante, continua muito pouco conhecida no Brasil e pouco debatida na Sociomuseologia. Motivos não faltam, sua obra poética, sua atuação como educadora no México pós-revolução e também pelos espaços de memória existentes no Chile

[366] Segundo Yocelyn Valdebenito Carrasco (2018), Laura Rodig era uma pessoa rebelde, “ya sea comprometiéndose políticamente con aquellas causas feministas que consideraba justas como el voto feminino, el derecho al aborto y la protección de la infancia; como en la manera en que vivió su própria sexualidad desafiando las normativas heteropatriarcales. Evadió el matrimonio, formó familia con otra mujer, defendió el derechoe de niñas y niños más pobres del país por acceder a educación, viajó por varios países solamente por el placer de aprender (Carrasco, 2018, p. 96).

[367] Há que mencionar o lado trágico da sua passagem pelo Brasil. Em 1942, seu amigo Stefan Zweig e sua amiga Lotte Altmann, que também residiam em Petropolis se suicidam. E no ano seguinte, o seu filho Juan Miguel Godoy Mendoza [Yin Yin] de 18 anos também se mata na mesma cidade. Recuperado de: https://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-3429.html#cronologia , em 16 de outubro de 2023.

em sua homenagem, como o Museo de la Educación Gabriela Mistral, em Santiago; o Museo Gabriela Mistral de Vicuña e o já referido Centro Cultural Gabriela Mistral – GAM, em Santiago e que faz parte da “paisagem cultural delimitada pela percepção museológica” (Bruno, 2020) da Mesa-Redonda de Santiago, em 1972.

Figura 91 –
Gabriela Mistral no Brasil, 1945.



Fonte: Memoria Chilena, Biblioteca Nacional de Chile[368].

Laura Rodig [Figura 92] foi uma das professoras do Centro Nacional de Museologia criado em 1968 pela curadora do Museo Nacional de Historia Natural de Chile, Grete Mostny (Carrasco, 2018).

[368] Recuperado de: http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-99065.html , em: 30 de dezembro de 2022.

Figura 92 –
[Laura Rodig] [fotografía], n.d.



Fonte: Alfredo Molina Lahitte(1906-1971)[369].

Além de homenageá-las, vale lembrar que atualmente Gabriela Mistral e Laura Rodig são mulheres inspiradoras para os movimentos sociais do Chile. Sobre Gabriela Mistral a professora Carla Ulloa Inostroza escreveu o seguinte:

> “Em sua genealogia, os movimentos de luta no Chile definitivamente a adotam entre suas referências indiscutíveis. Neruda é discutível, Neruda está cancelado. Allende é indiscutível, Mistral também: hoje é muito mais amada e conhecida pelos diferentes povos do Chile do que era há 20 anos”[370].

Concordo com Carla Ulloa Inostroza sobre o fato de Gabriela Mistral, [Laura Rodig] e Salvador Allende serem indiscutíveis e sobre o fato do poeta e diplomata chileno Pablo Neruda ser discutível[371], porém para as configurações sociais do Chile ao longo do século XX abordadas nessa tese ele ainda é indispensável. Vida longa a Gabriela Mistral, Laura Rodig e Salvador Allende. As críticas dirigidas ao poeta Pablo Neruda são mais do que pertinentes no Chile e no mundo atual onde milhares de mulheres cantaram a letra *Un violador en tu caminho*, do Colectivo Las Tesis durante o Estallido Social, em 2019.

[369] Recuperado de: http://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/629/w3-article-162845.html , em 18 de outubro de 2023.
[370] Na Revista Anfíbia. Tradução Maurício Ayer. Recuperado de: https://outraspalavras.net/historia-e-memoria/a-america-latina-redescobre-gabriela-mistral/ , em 18 de outubro de 2023.
[371] “Poeta é acusado de abandonar a filha com hidrocefalia e já confessou um abuso sexual”. Recuperado de: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/06/cultura/1544124619_661481.html , em 18 de outubro de 2023.

Nas listas presentes nos Quadros 2, 3 4 e 5 das/os participantes existentes no *Capítulo 2 – “Mesa Redonda de Santiago do Chile: un hito revolucionario de la museología”* aparecem apenas os nomes de oito mulheres na Mesa-Redonda de Santiago do Chile,1972; dessas oito, apenas quatro eram delegadas, por isso, tinham direito à voz e voto: Grete Mostny, Teresa Gisbert de Mesa, Lygia Martins-Costa e Alicia Dussan de Reichel. A representante da UNESCO, Raymonde Frin, e as observadoras chilenas Emilia Salas, Margarita Castillo Pinto e a argentina Genoveva Dawson de Teruggi não tinham direito à voz e voto.

É importante atentar, novamente, para a ausência feminina no Quadro 3 [Debatedores]. A América Latina não possuía cientistas especializadas nos temas propostos pela UNESCO/ICOM? Suponho que existiam muitas mulheres cientistas na nossa região, no início da década de 1970. Provavelmente, foram homens que indicaram outros homens [cientistas] para debater os temas propostos para a Mesa-Redonda de Santiago do Chile. Dificilmente, naquele período[372], muitos desses homens indicariam cientistas mulheres e muito menos mestras dos saberes populares para debater com especialistas de outras áreas. O conservadorismo presente nas agências internacionais, na Academia e nos grandes museus jamais permitiria algo nessa linha.

Ainda sobre o apagamento feminino, nós podemos citar um pequeno trecho do artigo *Etnomuseología o la búsqueda de las polifonias en Colombia*, do antropólogo Fernando Barona Tovar (2011), publicado na *Revista Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia*, nº 5, do IBRAM:

> “contamos en nuestra disciplina [antropologia] con pioneiros de gran valía que han dedicado parte de su vida professional al universo de los museos: Franz Boas, Lévi-Strauss, M. Godelier, Darcy Ribeiro, Paul Rivet, Gerardo Reichel-Dolamtoff y, tal vez el más reciente, James Clifford. Algunos han actuado como conservadores y directores, otros, como investigadores en el montaje de exposiciones temáticas temporales”. (Tovar, 2011, p. 23)

Aqui, o antropólogo colombiano ignora grandes antropólogas da América Latina ou que aqui atuaram/atuam, direta e/ou indiretamente em museus (coleta, pesquisa, exposição,

[372] De certa forma, ainda hoje.

gestão etc.), como Heloísa Alberto Torres (1895-1977), Grete Mostny (1914-1991), Berta Ribeiro (1924-1997), Edna Luiza Taveira (1945-2017), Regina Abreu, Yvonne Maggie, Elsie Maria Lagrou, Dominique Gallois, Lúcia Hussak Van Velthem, Lux Boelitz Vidal, entre outras. Todavia, o que chama mais a atenção é a ausência de uma das antropólogas pioneiras da Colômbia, Alicia Dussán de Reichel. A antropóloga e delegada colombiana na Mesa-Redonda de Santiago do Chile e que, naquele momento, atuava como chefa da Divisão de Museus e Restauração do Instituto Colombiano de Cultura, localizado em Bogotá, foi apagada na citação pelo antropólogo Fernando Barona Tovar (2011), que preferiu citar o austríaco naturalizado colombiano e esposo de Alicia Dussán de Reichel[373].

Apesar de formatos diferentes, proponho um breve exercício comparativo entre a Mesa Redonda sobre la Importancia y el Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporáneo, 1972, Santiago, Chile; o Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus, 1958, Rio de Janeiro, Brasil [Figura 93]; e o Seminário A Missão dos Museus na América Latina hoje: novos desafios, realizado em 1992, Caracas, Venezuela.

[373] Um importante antropólogo e arqueólogo colombiano.

Figura 93 –
Participantes do Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus. Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro, 1958.



Fonte: NUMMUS/UNIRIO.

Na Mesa Redonda sobre la Importancia y el Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporáneo, 1972, Santiago, Chile, como já relatamos anteriormente, nós tivemos dez mulheres, quatro delegadas, três observadoras, uma representante da UNESCO e duas tradutoras[374]. No Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus, 1958, Rio de Janeiro, Brasil, 8 mulheres participantes, 15 observadoras, 2 do pessoal dirigente designado pela UNESCO e 7 do pessoal dirigente nomeado no país, totalizando 32 mulheres[375] (RIVIÈRE, 2019). No Seminário A Missão dos Museus na América Latina hoje: novos desafios, Caracas, 1992, nós tivemos 20 participantes, além do Diretor do Escritório

[374] Grete Mostny, Chile; Alicia Dussán de Reichel, Colômbia; Teresa Gisbert de Mesa, Bolívia; Lygia Martins Costa, Brasil, Genoveva Dawson de Teruggi, Argentina; Margarita Castillo Pinto, Chile; Emilia Salas, Chile; Raymonde Frin, França; Moral Lopez, Chile e Madame Bernabé, Chile ou França? Dados disponíveis no *Capítulo 2 – “Mesa Redonda de Santiago do Chile: un hito revolucionario de la museología”.*

[375] Raymonde Frin, França; Rafaela Chacón Nardi, Cuba; Heloísa Alberto Torres, Brasil; Vera Sauer, Brasil; Niomar Moniz Sodré, Brasil; Grace L. McCann Morley, Estados Unidos; Lygia Martins Costa, Brasil; Regina Monteiro Real, Brasil; Mathilde Pereira de Souza, Brasil; Ana María Caffarati, Argentina; Brunilda Cartes, Chile; Teresita Bertot Valdés, Cuba; María Cristina Sanchez de Bonfil, México; Concepción de Leyes de Chavez, Paraguai; M. E. Houtzager, Países Baixos; Vanda de Rotter, Venezuela; María Barreto, Brasil; Nair de Carvalho, Brasil; Ecyla Castanheira Brandão, Brasil; Octavia Correados Santos Oliveira, Brasil; Jenny Dreyfus, Brasil; Marilla Duarte Nunes, Brasil; Colina Engerson, Brasil; Regina Liberalli Laemert, Brasil; Yolanda Marcondes, Brasil; Gilda Marina de Almeida Lopes, Brasil; Silvia Pereira Bittencourt, Brasil; Sigrid Porto de Barros, Brasil; Carmen C. de Quadros, Brasil; Elza Ramos Peixoto, Brasil; Lina Stilben, Brasil (Rivière, 2019).

Regional de Cultura para América Latina e Caribe – ORCALC, Hernán Crespo Toral; a presidenta do ICOM México, Yani Herreman; a presidenta do ICOM Venezuela, Milagros Gómez de Blavia, e a secretária técnica, Maria Ismênia Toledo. Dos 20 participantes, 15 eram mulheres. Ao incluirmos os nomes acima, teremos 24 pessoas no evento de 1992, sendo 18 mulheres[376] (Moutinho, 2013)[377].

O número de participantes de homens na Mesa-Redonda de Santiago do Chile foi de 24 ou 25 homens – a dúvida sobre o número exato é a presença ou não de Jacques Hardouin. No Seminário Regional da UNESCO, em 1958, participaram 23 homens no total, um número bem próximo da participação masculina no acontecimento de 1972. E, por fim, em Caracas, apenas seis homens estiveram presentes. Resumindo, na Mesa-Redonda de Santiago do Chile: nove mulheres e 24 ou 25 homens; no Seminário Regional da UNESCO, Rio de Janeiro: 32 mulheres e 23 homens; no Seminário A Missão dos Museus na América Latina hoje: novos desafios, Caracas: 18 mulheres e seis homens.

Podemos tecer alguns comentários e/ou elaborar algumas questões a partir desses números. Em primeiro lugar, devido ao formato realizado no Brasil, o número de pessoas foi bem maior do que no evento realizado no Chile; em segundo lugar, a grande presença de mulheres no Rio de Janeiro é um reflexo das configurações sociais da então capital do país (Brulon, 2020b); em terceiro lugar, o grande número de homens presentes na Mesa-Redonda de Santiago do Chile espelha a presença masculina nos museus latino-americanos ou apenas em funções de poder, naquele momento? Sobre essa última questão, eu não tenho respostas, todavia, pode ser uma linha de investigação para futuras pesquisas sobre as/os profissionais de museus na América Latina entre as décadas de 1940 e 1990. O seminário realizado em Caracas, em 1992, foi majoritariamente feminino, como visto. Possivelmente, houve uma mudança nos museus entre as décadas de 1970 e 1990, com as mulheres a conquistar os

[376] Nelly Decarolis, Argentina; Norma Campos Vera, Bolívia; Maria de Lourdes Parreiras Horta, Brasil; Leonor Carriazo Castelbondo, Colômbia; Moraima Clavijo Colom, Cuba; Patrícia Von Buchwald, Equador; Laura Orceguera, México; Carmen Sotomayor Rocha, Nicarágua; Luísa Fiocco, Peru;, Lina Vengochea, Venezuela; Ana Maria Reyes, Venezuela; Luisa Rodrigues Marrufo, Venezuela; Mirian Robles, Venezuela; Julga Uzcátegui, Venezuela; Mélida Mago, Venezuela; Yani Herreman, México; Milagros Góniez de Blavia, Venezuela e Maria Ismênia Toledo, também da Venezuela.

[377] SINPEM – I Simpósio Internacional de Pesquisa em Museologia. MESA-REDONDA DE SANTIAGO DO CHILE, 1972; CONVENÇÃO DO PATRIMÓNIO MUNDIAL, UNESCO – PARIS, 1972; DECLARAÇÃO DE CARACAS, 1992. Programa de Pós-Graduação Interuniddaes em Museologia da Universidade de São Paulo. Curso de Sociomuseologia, Mário Moutinho, 2013.

espaços de poder merecidos nessas instituições, assim como nos órgãos governamentais responsáveis pelo patrimônio cultural e os museus nos países da América Latina.



A ideia inicial era compor fragmentos biográficos de todas as mulheres que participaram da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972. As delegadas: a chilena Grete Mostny, a colombiana Alicia Dussan de Reichel[378], a brasileira Lygia Martins Costa e a boliviana Teresa Gisbert de Mesa; a representante da UNESCO: a francesa Raymonde Frin; as observadoras: a argentina Genoveva Dawson de Teruggi e as chilenas: Emilia Salas, Margarita Castillo Pinto. As tradutoras chilenas Moral Lopez e Madame Bernabé apareceram após a minha segunda viagem. Porém, ao longo da pesquisa, eu não consegui dados sobre as quatro últimas. Não tenho dúvidas, que elas estavam lá e possivelmente alguma ou todas estão vivas. Por fim, não posso me esquivar de escrever sobre Diana Teruggi, Clara Anahí e María Isabel Chorobik Mariani, conhecida como Chica Mariani, todas próximas ao casal Genoveva Dawson de Teruggi e Mario Teruggi[379]. A ideia, aqui, é percorrer os “becos da memória” e tirar essas histórias da “gaveta do esquecimento” (Evaristo, 2017).

Essa iniciativa tem a ver também com a necessidade de abordarmos as “memórias do feminino” (Primo & Brayner, 2018) nas diversas Museologias e na Sociomuseologia, em particular. Ainda que a maioria das mulheres aqui retratadas seja branca e oriunda da classe média ou da elite de seus respectivos países, elas, de certa forma, desafiaram e romperam com algumas das expectativas sociais reservadas ao seus corpos e suas subjetividades entre as décadas de 1920 e 1970. Elas não apenas me afetaram, me tocaram, deixaram marcas e cicatrizes no meu corpo e na minha tese, elas reivindicaram suas presenças para nunca mais serem esquecidas.

[378] Segundo Alejandrina Pardo Fernández (1992), uma “norma intermedia [encorajada, mas não exigida; recomendável, mas não obrigatória] que rige entre las señoras casadas pretensiosas y las hispano-americanas es conservar el primer apelido de la mujer y añadir el del marido con la partícula de (que refleja adscripción o pertenencia)” (Pardo Fernández, 1992, p. 205). Encontraremos três exemplos entre as mulheres participantes da Mesa Redonda de Santiago do Chile, 1972, Genoveva Dawson de Teruggi, Teresa Gisbert de Mesa e Alicia Dussan de Reichel.

[379] As abordagens serão realizadas conforme a documentação disponível e encontrada durante a pesquisa e escrita da tese.



Apesar de um número reduzido, como atestado anteriormente, as mulheres que participaram da Mesa-Redonda participaram ativamente nos debates e foram imprescindíveis na construção da Declaração de Santiago. O que eu pretendo elaborar é uma resposta [incompleta] sobre a questão lançada por Primo & Brayner (2018): “o que a museologia contemporânea tem feito para pesquisar, registrar e difundir as histórias das mulheres na História?”. Inspirado nas autoras, eu me perguntei: o que a Sociomuseologia tem feito para pesquisar, registrar e difundir as histórias das mulheres latino-americanas que participaram da Mesa-Redonda de Santiago? E, por fim, sobre mulheres diretamente relacionadas com as/os participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile e vítimas de terrorismo de Estado durante as muitas ditaduras civis-militares que assolaram a América Latina, entre as décadas de 1960 e 1980? Resposta: muito pouco.

Três coisas as unem: o fato de serem mulheres, o mundo dos museus e o espaço geográfico que habitaram e/ou habitam[380] e a época que viveram, predominantemente, o século XX e algumas delas adentraram o século XXI. Com exceção das mulheres que eu não consegui informações, todas são brancas e uma é judia. Quase todas oriundas das elites ou de classes médias latino-americanas. Faz-se necessário conhecê-las através de pesquisas mais aprofundadas, não obstante, o que oferecemos aqui são apenas alguns fragmentos biográficos.

5.1 Raymonde Frin

Em primeiro lugar, quero iniciar justificando que os parcos fragmentos biográficos da Sra. Raymonde Frin são em deconrrência dos poucos dados encontrados durante a pesquisa; inclusive, ainda não foi possível conseguir uma fotografia da representante da UNESCO na MRSC.

Raymonde Frin não apenas foi uma das responsáveis pela concepção e organização da MRSC, mas também estava ali como a representante do Diretor-Geral da UNESCO, o também francês René Maheu (1905-1975).

[380] A única europeia do pequeno grupo é a representante da UNESCO na Mesa-Redonda de Santiago, em 1972, Raymond Frin. As demais são latino-americanas e viveram a maior parte das suas vidas na América do Sul. Grete Mostny, apesar de ter nascido na Áustria, possuía também a nacionalidade chilena.

Não podemos deixar de mencionar um trecho do depoimento de Hugues de Varine (2012e), intitulado *Reflexiones a 40 anos de la Mesa de Santiago*, lido durante a Ceremonia de Conmemoración de 40 años de la Mesa de Santiago realizada en el Museo de Historia Natural, em 30 de maio de 2012[381]:

> “Hace cuarenta años, entonces, Raymonde Frin de la UNESCO y yo, habíamos decidido hacer de esta mesa redonda algo original, dedicada naturalmente a una docena de directores de grandes museos de América Latina, personas de gran cultura, de gran experiencia, profisionales, pero queríamos hacerlos encontrarse, no con expertos del mundo entero, o de Europa o América del Norte como era el hábito em la UNESCO en esa época”. (Varine, 2012e, p. 4)

O depoimento acima destaca o protagonismo de Raymonde Frin, na concepção da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972. É preciso reiterar que a concepção e a organização [na França] desse evento é de autoria de uma mulher e de um homem. O tão inovador formato da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972, e um dos responsáveis pela emblemática Declaração de Santiago foi pensado na França por duas pessoas, Raymonde Frin e Hugues de Varine, fato esse pouco lembrado nos trabalhos escritos sobre o referido acontecimento.

Da equipe da UNESCO/ICOM presente na Mesa-Redonda de Santiago (1972), apenas Raymonde Frin participou como delegada do Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus, realizado no Rio de Janeiro, em 1958. Na época, ela atuava na Divisão de Museus e Monumentos da Secretaria da UNESCO. Podemos supor que ela conhecia ou se lembrava de algumas das pessoas presentes em Santiago, em 1972, e que estiveram também no Rio de Janeiro em 1958, como Mario Vazquez, Hernán Crespo Toral, Lygia Martins Costa e Mario Teruggi.

Como representante do Diretor-Geral da UNESCO, Raymonde Frin foi a segunda pessoa a discursar na abertura da Mesa-Redonda de Santiago, na Biblioteca Nacional do Chile, no dia 20 de maio de 1972, após o discurso do Diretor de Bibliotecas, Arquivos e

[381] Hugues de Varine não esteve presente no referido evento em Santiago do Chile, em 2012; todavia, encaminhou o seu testemunho (Varine, 2012e, p. 4).

Museus – DIBAM[382], o poeta Juvencio Valle (1900-1999) (IBRAM & Programa Ibermuseos, 2012, pp. 112-113).

Finalmente, parece-me importante assinalar que Raymonde Frin foi a primeira Diretora da revista *Museum* desde a sua criação, em 1948, até 1972, ano da sua aposentadoria da UNESCO (Frin, 1998, p.5). Em decorrência da sua aposentadoria, em 1972, Raymonde Frin já não era a Diretora do referido periódico em 1973, quando foi lançado a *Museum vol. xxv nº 3: O Papel do Museu na América Latina de hoje*, dedicado à Mesa-Redonda de Santiago do Chile [acontecimento de que ela foi uma das idealizadoras] e à América Latina, porém ainda fazia parte do Conselho Consultivo, juntamente com o museógrafo mexicano Mario Vázquez.

5.2 Alicia Dussán de Reichel (1920-1923)

A *Revista Museum vol. 2* (1973/2012, p. 205) assim descreve Alicia Dussán de Reichel:

> "Nascida em Bogotá (Colômbia) em 1920. Formada em etnologia sob a direção de Paul Rivet, Paris, 1942. Nas suas pesquisas etnológicas e arqueológicas, viajou pela maior parte do país trabalhando com seu marido, G. Reichel Dolmatoff, antropólogo do governo. Organizou o Instituto de Etnologia do Museu de Magdalena em Santa Marta entre 1946 e 1950. Assessora técnica do Museu do Ouro de Bogotá, 1967. Foi professora de antropologia do Centro Cultural Americano de Vivienda (União Pan-Americana) e da Universidade dos Andes. Foi Chefe da Divisão de Museus e Restauração do Instituto Cultural Colombiano e presidente do Comitê Nacional do ICOM na Colômbia. Muitas publicações no país e no exterior".

A partir dessas informações é possível vislumbrar parte da história de vida da delegada colombiana, Alicia Dussán de Reichel. Como citado no início desse capítulo, é muito estranho o nome da antropóloga colombiana não ser citado no artigo *Etnomuseologia o la búsqueda de las polifonias en Colombia*, do também antropólogo colombiano Fernando Barona Tovar (2011). Ela e o seu esposo [esse sim citado no artigo em questão] que trabalharam desde o início das suas carreiras com cultura material e formaram diversas coleções existentes na Colômbia.

[382] A Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos – DIBAM foi criada em 1929 e, em 2018, foi sucedida pelo Servicio Nacional del Patrimonio Cultural, do Ministerio de las Culturas, las Artes y el Patrimonio (Ley nº 21.045). As subdireções que compõem o Serviço Nacional do Patrimônio Cultural são: Subdirección Nacional de Museos**,** Subdirección de Fomento y Gestión Patrimonial**,** Subdirección de Investigación**,** Subdirección de Regiones **y** Subdirección de Patrimonio Digital. Recuperado de**:** https://www.patrimoniocultural.gob.cl, em 20 de março de 2022.

No dia 16 de julho de 2021, eu resolvi procurar alguém na Colômbia através de *e-mail*, com o objetivo de obter notícias sobre Alicia Dussan de Reichel. A primeira tentativa foi direcionada ao autor do artigo *La aventura de ser antropóloga en Colombia: Alicia Dussan de Reichel Dolmatoff y la Antropologia Social en Colombia*, o professor da Universidad Nacional de Colombia, Roberto Pineda Camacho (2012)[383]. Perguntei a ele sobre a existência e a localização do arquivo pessoal da antropóloga e representante da Colômbia na Mesa-Redonda de Santiago, além de resumidamente explicar a minha pesquisa. Por fim, pedi que ele me ajudasse, pois não conhecia ninguém na Colômbia e precisava descobrir a existência de algum depoimento ou relatório da antropóloga sobre sua participação no referido acontecimento de 1972. Para a minha surpresa, o professor Roberto Pineda Camacho respondeu ao *e-mail* no mesmo dia:

> “Apreciado Julio Cesar. Gracias por tu comunicación. No existe un archivo sobre doña Alicia que vive aún en dia y cumplió el año pasado 100 años. Te podía dar el correo de la hija Elizabeth que vive en Ginebra. Ella te podría ayudar, pero debo pedirle primero permiso para dar su correo. Hablaré con ella pronto y te lo comunicare. Me alegra que te intereses en la vida de esta gran antropóloga latino-americana.” (Pineda Camacho, 2021)

Além da surpresa pela rápida resposta do professor colombiano Roberto Pineda Camacho, o conteúdo também confirmou que Alicia Dussan de Reichel estava viva e com mais de 100 anos de idade, algo de que eu não tinha certeza naquele momento. Importa, pois, destacar o último trecho do *e-mail*: “esta grande antropóloga latino-americana”. Com a morte de Alicia Dussán de Reichel em 2023 [Figura 94], talvez a família resolva doar para alguma instituição os documentos da antropóloga para alguma universidade colombiana, provavelmente para a Universidade dos Andes, onde ela e o seu esposo criaram o Departamento de Antropología, em 1963 (Pineda Camacho, 2012).

[383] Encontrei o *e-mail* do professor Roberto Pineda Camacho no artigo citado.

Figura 94 –
Alicia Dussán de Reichel 1920-2023, 2023.



Fonte: Instituto Colombiano de Antropología e Historia – ICANH[384].

Outro interlocutor que colaborou na busca de informações sobre a representante colombiana foi o antropólogo, colega do IV CEAM e amigo, Dominiqui Schoeni. Em abril de 2022, a partir das informações contidas no *e-mail* do professor Roberto Pineda Camacho, Dominiqui Schoeni conseguiu descobrir o nome completo e o local de trabalho de Elizabeth Reichel e ficou de contatá-la para obter informações sobre Alicia Dussán de Reichel. Ainda estamos a aguardar as respostas do professor Roberto Pineda Camacho e Elizabeth Reichel. Provavelmente, essa última não autorizou o compartilhamento do seu *e-mail*. Por outro lado, não foi difícil encontrar fotografias da arqueóloga e antropóloga Alicia Dussán de Reichel na *internet*, o que de certa forma evidencia o interesse pela sua extraordinária trajetória profissional atualmente, anterior a data de sua morte, em 2023, como já referido anteriormente, além de artigos sobre a mais importante antropóloga colombiana.

Os fragmentos biográficos da delegada colombiana, Alicia Dussán de Reichel [Figura 95] são oriundos de seis artigos, *Gerardo Reichel-Dolmatoff: la tradición etnológica en Colombia y sus aportes*, de L. H. López Domíngues (2001); *Antropólogas Pioneras y Nacionalismo liberal en Colombia, 1941-1949*, de Marcela Echeverri (2007); *La Aventura de ser Antropologa en Colombia: Alicia Dussán de Reichel Dolmatoff y la Antropología Social en Colombia*, de Roberto Pineda Camacho (2012); *Gerardo Reichel-Dolmatoff: su pasado, legado y problemas, de Augusto Oyuela-Caycedo* (2012); *El Rastro de Arqueóloga, la Mirada*

[384] Recuperado de: https://www.icanh.gov.co/index.php?idcategoria=26548 , em 19 de outubro de 2023.

de la Antropóloga: diálogos con Alicia Dussán de Reichel y su obra, de Carlos Andrés Barragán (2013); *De Gran Jaguar a Padre Simbólico: la biografía "oficial" de Gerardo Reichel-Dolmatoff*, de Carlos Alberto Uribe (2017).

Figura 95 –
Alicia Dussán de Reichel, n.d.



Fonte: Revista Semana[385].

Entretanto, antes de continuarmos, faz-se necessário corrigir uma informação existente no trecho citado anteriormente da *Revista Museum vol. 2* (2012, p. 205), “Formada em etnologia sob a direção de Paul Rivet, Paris, 1942”. Alicia Dussán de Reichel realmente formou-se em Etnologia sob a direção do antropólogo francês, todavia, não foi em Paris, mas sim em Bogotá, Colômbia. Também, eu gostava de salientar que desde o início da pesquisa, as histórias de vida da delegada colombiana, Alicia Dussán de Reichel e a da delegada chilena, Grete Mostny foram as que mais me chamaram a atenção.

No final da década de 1930, mais precisamente em 1938, Alicia Dussán convence a sua mãe, doña Lucrecia Maldonado Parra[386] a deixá-la viajar para Alemanha para continuar seus estudos logo após se graduar. Além de fazer alguns cursos na capital da Alemanha, ela se

[385] Recuperado de: https://www.gaiaamazonas.org/en/noticias/2020-10-17_alicia-dussan-de-reichel-the-legacy-of-an-extraordinary-woman/ , em 19 de outubro de 2023.
[386] O nome do pai de Alicia Dussán era Agustín Dussán Quiroga.

dedicou a percorrer os museus de Berlim, entretanto, com o início da Segunda Guerra Mundial, ela retornou ao seu país e ingressou no curso de Direito na Universidade Nacional de Colômbia. Após um ano, ela abandona o curso de Direito e ingressa no Instituto Etnológico Nacional – IEN. Alicia Dussán de Reichel é uma das “antropólogas pioneiras” da Colômbia e mesmo da América Latina, juntamente com Virginia Gutiérrez, Edith Jiménez e Blanca Ochoa. Estudaram no Instituto Etnológico Nacional – IEN (1941-1949), em Bogotá, criado pelo americanista Paul Rivet e funcionou de 1941 a 1949. O seu futuro esposo e refugiado de guerra, o austríaco Gerardo Reichel-Dolmatoff (1912-1994) também estudou no mesmo local (Lopéz Domíngues, 2001; Echeverri, 2007; Pineda Camacho, 2012; Oyuela-Caycedo, 2012; Barragán, 2013; Uribe, 2017). A esta altura, é possível fabular que a antropóloga e arqueóloga colombiana, Alicia Dussán de Reichel era uma mulher oriunda de uma família de classe média alta ou mesmo da elite colombiana [liberal].

Paul Rivet foi o padrinho de casamento do casal Alicia Dússan de Reichel e Gerardo Reichel-Dolmatoff, em 1943. Esse último, era um discípulo do antropólogo e americanista francês, ambos refugiados europeus [da Segunda Guerra Mundial] vivendo na Colômbia e militantes em organizações antifascistas na França e posteriormente na Colômbia. Não podemos esquecer que Paul Rivet foi um dos principais responsáveis pela criação do Museu do Homem, em Paris. E que por lá passou a antropóloga e arqueóloga austríaca Grete Mostny no início da década de 1950, como veremos no *Capítulo 6 – A Coordenadora da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, la doctora Grete Mostny (1914-1991).*

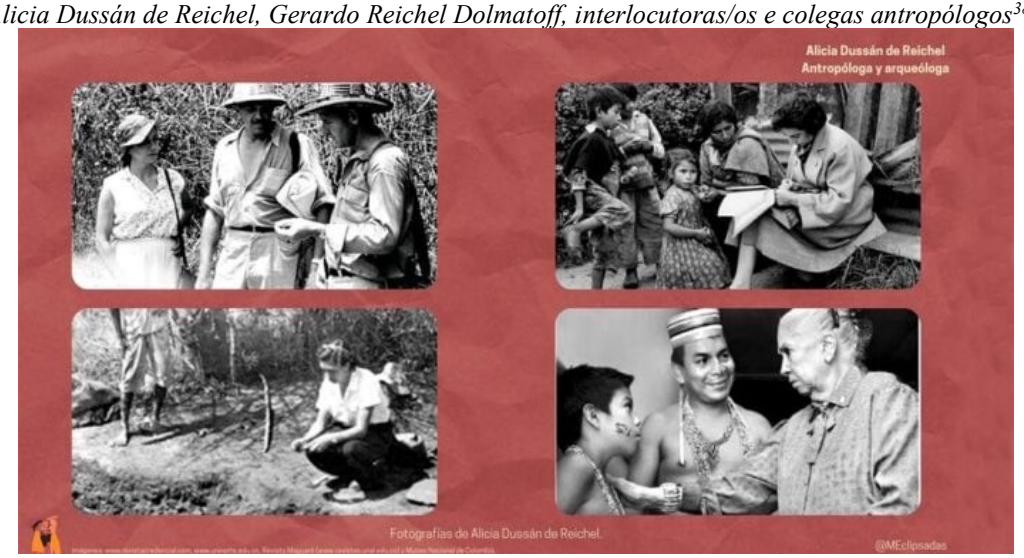
Pelo simples fato de ser mulher Alicia Dussán de Reichel [Figura 96] sofreu diversas discriminações ao longo da sua carreira de arqueóloga e antropóloga, como afirma Pineda Camacho (2012):

> Como sus otras colegas, tambiém enfrento discriminaciones cuando llegada a ciertas poblaciones de Colombia; los curas y pobladores locales criticaban su vestimenta y comportamento, o no entendían bien su labor y la tenían como una mujer de dudosa ortografia. En el Magdalena era llamada bajo el apelativo cariñoso y respetuoso de “niña”; en cambio, en Bolívar y Córdoba, con ocasión de sus trabajo arqueológicos, com el profesor Reichel, sería tratada de “doña”, término que en el contexto local se aplicaba a las senhoras de dudosa ortografia (las prostitutas). Tambíen durante su trabalhos de campo con Gerardo Reichel tendrían que enfrentar situaciones garciamarquezas, como cuando em Maicao, en la Goajira, fueron a hospedarse a un hotel que resultó ser, también, una casa de citas cuyas sábanas reflejaban todavia el trajinar de sus inquilinas. O cuando, durante

> ciertas excavaciones, bebieron agua que luego se enteraron provenía de los pozos de las tumbas; o cuando levantaron una carpa encima del mismísimo nido de arañas pollas!! (Pineda Camacho, 2012, p. 7).

Além desse pequeno número de episódios relatados pelo antropólogo Roberto Pineda Camacho (2012), Alicia Dussán de Reichel ao longo da carreira trabalhou, escreveu e assinou trabalhos acadêmicos individualmente e outros, juntamente com o seu esposo Gerardo Reichel Dolmatoff.

Figura 96 –
Alicia Dussán de Reichel, Gerardo Reichel Dolmatoff, interlocutoras/os e colegas antropólogos[387].



Fonte: Internet

Apesar da minha admiração pela delegada colombiana, a antropóloga e arqueóloga Alicia Dussán de Reichel, é importante destacar, mesmo que brevemente, o ocorrido em 2012, em Viena. No mesmo ano das comemorações dos quarenta anos da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, durante a apresentação do antropólogo Augusto Oyuela-Caycedo intitulada *Gerardo Reichel-Dolmatoff: su pasado, legado y problemas*, no 54 Congreso Internacional de Americanistasem, em Viena, Áustria, foi revelado o passado nazista do seu esposo, até então desconhecido. Gerardo Reichel-Dolmatoff (1912-1994) “una especie de monumento, bastión, fundador de la antropologia en Colombia” (Oyuela-Caycedo, 2012, p. 2) durante sua juventude foi membro do Esquadrão de Proteção (*Schutzstaffel*), conhecido como SS e integrante da guarda pessoal de Adolf Hitler foram algumas das informações reveladas pelo

[387] Recuperado de: https://www.las2orillas.co/la-pareja-que-exploro-el-mundo-indigena-colombiano-alicia-dussan-y-gerardo-reichel-dolmatoff/ , em 20 de outubro de 2023.

antropólogo colombiano Augusto Oyuela-Caycedo a partir de documentos encontrados no Arquivo Federal Alemão, o *Bundesarchiv* (Oyuela-Caycedo, 2012, p. 2).

Eu quis expor esse episódio envolvendo familiares das/os participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, pois esse não é o único caso, como veremos adiante. Essas informações apareceram ao longo da pesquisa e de certa forma, nos ajudam a entender a presença de nazistas, ex-nazistas, integralistas, nacionalistas e extrema-direita na América Latina no passado e no presente. Na obra *Paris é para sempre*, a escritora Ellen Feldman (2021) escreveu que no pós-guerra a “América do Sul estava cheia de nazistas apregoando seu passado antinazista. Alguns deles até se disfarçavam de judeus” (Feldman, 2021, p. 164). Talvez, por causa dessa fase da história de Gerardo Reichel-Dolmatoff, a sua filha Elizabeth Reichel tenha ignorado a minha tentativa de contactar alguém da família.

Antes de finalizar os fragmentos biográficos da delegada colombiana, a arqueóloga e antropóloga Alicia Dussán de Reichel, é importante destacar alguns pontos da sua trajetória relacionados com o mundo dos museus (*Revista Museum*, 1973/2012; Lopéz Domíngues, 2001; Echeverri, 2007; Pineda Camacho, 2012; Oyuela-Caycedo, 2012; Barragán, 2013; Uribe, 2017). Paradoxalmente, ninguém cita a sua participação na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972, apenas o seu artigo na *Revista Museum*, 1973:

- Em 1938, Alicia Dussán visitou a Exposição Arqueológica e Etnográfica durante as comemorações do IV Centenário da fundação de Bogotá; (Pineda Camacho, 2012);
- Visitou os museus de Berlim, principalmente o Museu de Etnologia de Berlim, em 1939 (Pineda Camacho, 2012; Barragán, 2013);
- Estudou cultura material durante a sua formação no Instituto Etnológico Nacional e a partir dessa época realizou diversas escavações com o seu esposo, além de publicarem artigos sobre essa temática. Também estudou Museologia e Tecnolgia com professor Luis Alfonso Sánchez (Pineda Camacho, 2012; Barragán, 2013);
- Em 1946, Alicia Dussán de Reichel juntamente com o seu esposo fundaron o Instituto Etnológico de Magdalena e associado a esse, o Museo Etnológico del Magdalena (Pineda Camacho, 2012; Barragán, 2013);
- Nos primeiros anos da década de 1960, Alicia Dussán de Reichel participou da refundação do Museu do Ouro, em Bogotá (Pineda Camacho, 2012);

- Coletou diversos artefatos arquelógicos e etnográficos que posteriormente foram doados para o Museu de Magdalena e o Museu Nacional (Pineda Camacho, 2012);
- Alicia Dussán de Reichel “produjo el primer registro de los museos del país” (Barragán, 2013, p. 232);
- Chefe da Divisão de Museus e Restauração do Instituto Colombiano de Cultura (1970-1973); presidenta do Subcomitê de Museus do ICOM; criou a Associação Colombiana de Museus e membro da Associação Latinoamericana de Museus – ALAM (Revista Museum, 1973/2012; Barragán, 2013).

A vida e obra da etnóloga, antropóloga e arqueóloga Alicia Dussán de Reichel é muito mais vasta do que foi apresentado nessas páginas[388]. A considerar a sua trajetória, não resta dúvida sobre os motivos pelos quais o Governo colombiano a escolheu como delegada do país na Mesa-Redonda de Santiago do Chile. Alicia Dussán de Reichel tinha 52 anos em 1972.

Em agosto de 1954, Alicia Dussán de Reichel, Gerardo Reichel-Dolmatoff, Paul Rivet, Grete Mostny, Darcy Ribeiro, Heloísa Alberto Torres, Florestan Fernandes, entre outras/os participaram do XXXI Congresso Internacional de Americanistas, em São Paulo, Brasil[389]. Provavelmente, esse foi o primerio encontro entre Alicia Dussán de Reichel e Grete Mostny dezoito anos antes da realização da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em maio de 1972. Em 1973, Alicia Dussán de Reichel escreveu o artigo *Colombia* no tópico *O Museu para a América Latina: um panorama*, da *Revista Museum* Vol XXV, nº 3, 1973.

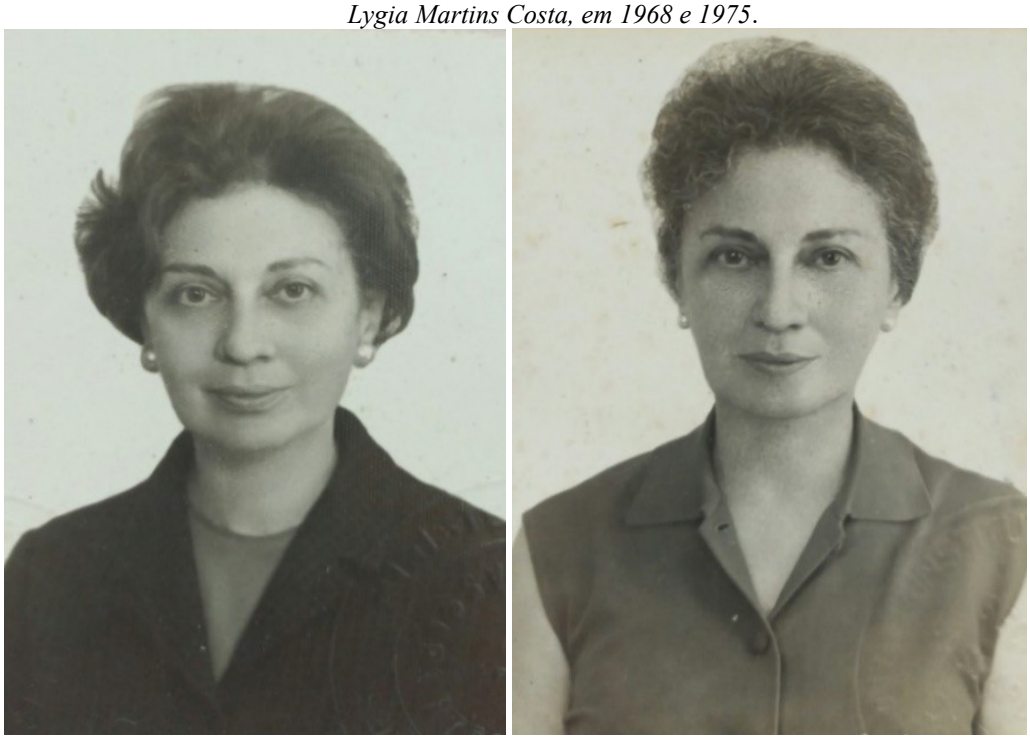
5.3 Lígia Martins Costa (1914-2020)

Como já comentado diversas vezes, a representante brasileira na Mesa-Redonda de Santiago do Chile foi a museóloga e historiadora da arte Lygia Martins Costa [Figuras 97 e 98].

[388] “Dussán cuenta con más de 50 artículos publicados y ha recibido importantes reconocimientos como la condecoración como Oficial de la Orden de Artes y Letras del Gobierno de Francia, un Doctorado honoris causa en Ciencias Sociales por parte de la Universidad de Antioquia; el título de Pionera de Cultura y Ciencia y Reconocimiento a la Mujer Científica de América Latina por la Universidad Nacional de Colombia (2009), el premio Vida y obra del Ministerio de Cultura de Colombia (2001), entre otros” Recuperado de: https://cods.uniandes.edu.co/homenaje-a-alicia-dussan-en-sus-100-anos/ , em 20 de outubro de 2023.

[389] Agradeço a Profa. Vânia Brayner por compartilhar os *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas*, organizado e publicado por Herbert Baldus (1954).

Figuras 97 e 98 –
Lygia Martins Costa, em 1968 e 1975.



Fonte: Coleção Lygia Martins Costa, NUMMUS/UNIRIO.

Lygia Martins Costa atuou, principalmente, no Museu Nacional de Belas Artes – MNBA e também no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Por isso, é muito conhecida nas áreas de Museologia, História da Arte e Patrimônio. Os dados presentes no resumo biográfico da *Revista Museum*, 1973 (2012, p. 206) permitem mapear alguns caminhos trilhados por ela:

> “Brasileira. Estudou na Faculdade Nacional de Filosofia e em outras instituições. Graduada em museologia. Beneficiada por diversas bolsas de estudo no exterior. Curadora do Museu Nacional de Belas Artes (1940-1951). Professora de história da arte e crítica da arte da Universidade de Brasília (1962-1963). Chefe da unidade de artes do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e responsável pela rede de seus museus. Representante do IPHAN na Comissão Nacional Brasileira para a Unesco (IBECC) e membro de diversos conselhos nacionais envolvidos com atividades de museus. Organizou diversas exposições de arte e publicou trabalhos sobre arte e museologia”.

A partir dessas informações, percebe-se a importância da museóloga e historiadora da arte para os campos museológico, patrimonial e da história da arte brasileira. Por tudo isso, Lygia Martins Costa é uma das museólogas brasileiras mais conhecidas. Todavia, o meu interesse, aqui, é a sua presença na Mesa-Redonda de Santiago, assim como os ditos e não

ditos posteriores. Possivelmente, a trajetória de vida de Lygia Martins Costa explica, em parte, a sua participação na Mesa-Redonda de Santiago do Chile [Figuras 99, 100 e 101] e alguns silêncios posteriores.

Figuras 99, 100 e 101 –
Páginas do passaporte da museóloga brasileira Lygia Martis Costa, contendo os carimbos de sua viagem para o Chile para participar da Mesa-Redonda, 1972.



Fonte: Coleção Lygia Martins Costa, NUMMUS/UNIRIO, 2022.

Os fragmentos biográficos da delegada brasileira foram baseados nos seguintes textos: *Museologia em ação: homenagem à Lygia Martins Costa*, organizado por Mario Chagas, Lillian Alvares e Cícero Antônio Fonseca de Almeida (2010); *Lygia Martins Costa: narrativa*

sobre suas contribuições à Museologia e ao patrimônio, de Ivan Coelho de Sá (2015), além do Relatório escrito por ela sobre a Mesa-Redonda de Santiago (1972).

Nasceu no distrito de Pinheiros, atual Pinheiral, no Vale do Paraíba, no Rio de Janeiro. Filha de Hermínia Andrade Martins Costa e Mário Andrade Martins Costa, tanto a mãe quanto o pai eram descendentes de famílias das oligarquias rurais brasileiras. Em 1920, o pai [engenheiro da estrada de ferro Central do Brasil] é transferido com a família para o Rio de Janeiro. Inicialmente, Lygia Martins Costa pensou em cursar Engenharia; no entanto, o pai não concordou com a escolha da filha, pois, na sua concepção, o curso pretendido não era apropriado para uma mulher. Alguns anos depois, ela entrou para o Curso de Museus do Museu Histórico Nacional – MHN. Após a finalização do curso, Lygia Martins Costa prestou concurso para curadora do MNBA. Aprovada, iniciou sua carreira nessa instituição, em 1940. Foi durante os seus anos no MNBA que Lygia Martins Costa ajudou a criar a Organização Nacional do ICOM [ONICOM], atual Comitê Brasileiro do ICOM, juntamente com sua colega, a também museóloga e curadora Regina Real, e o Diretor do MNBA, Oswaldo Teixeira (Sá, 2015).

No referido artigo do professor da UNIRIO, Ivan Coelho de Sá (2015), um dos elementos de destaque da história de vida de Lygia Martins Costa é a vontade de aprender, de ampliar e buscar outros conhecimentos. Numa dessas buscas, ela foi procurar um curso de Filosofia ministrado pelo professor Álvaro Vieira Pinto[390], na Faculdade Nacional de Filosofia da então Universidade do Brasil. Por meio de bolsas de estudos, Lygia Martins Costa estudou nos Estados Unidos, na Itália e em Portugal. Em 1961, ela foi convidada pelo então reitor da Universidade de Brasília – UNB, Darcy Ribeiro, para criar a disciplina de História da Arte no curso de Arquitetura da recém-criada universidade. Também foi convidada por Darcy Ribeiro para participar do projeto de criação do Museu da Civilização Brasileira. Lygia Martins Costa sugere ao reitor a criação de um curso de Museologia na UNB e que esse pudesse contribuir com o desenvolvimento do referido museu; todavia, nenhum dos dois foram criados naquele momento, devido ao golpe civil-militar de 1964 (Sá, 2015).

Lygia Martins Costa também participou do Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus, realizado no Rio de Janeiro, em 1958, assim como Raymonde

[390] O amigo e mestre de Paulo Freire, Álvaro Viera Pinto, esteve exilado no Chile no período de 1965 a 1968.

Frin, Mario Teruggi, Hernán Crespo Toral e Mario Vázquez Rubalcava (Chagas & Rodrigues, 2019, pp. 170-171). Catorze anos depois, elas e eles estavam se reencontrando, dessa vez em Santiago do Chile para mais um acontecimento sobre museus na América Latina.

Em *Lygia Martins Costa: entrevista-depoimento*[391], publicada na *Revista do Patrimônio nº 31: Museus: antropofagia da memória e do patrimônio*, organizada pelo museólogo Mário Chagas (2005), e também presente na publicação *Museologia em ação: homenagem à Lygia Martins Costa*, organizada por Mario Chagas, Lillian Alvares e Cícero Antônio Fonseca de Almeida (2010), a representante brasileira na Mesa-Redonda de Santiago do Chile diz que Mario Vázquez “era muito amigo meu. Ficamos amigos aqui, em 1958, naquela reunião do Rivière. Depois estive com ele no México” (Costa, 2005, p. 305). Estive no Núcleo de Memória da Museologia no Brasil – NUMMUS da UNIRIO, no dia 29 de abril de 2022[392], mas não encontrei nenhum documento tipo carta, cartão-postal, fotografia etc. relacionado à amizade de Lygia Martins Costa e Mario Vázquez, todavia, deve existir algo na documentação existente no NUMMUS.

Outros trechos de *Lygia Martins Costa: entrevista-depoimento* (2005) me chamaram a atenção, principalmente pelos não ditos. Em determinado momento, a/os entrevistadora/es perguntam se Darcy Ribeiro estava lá [em Santiago do Chile ou na Mesa-Redonda de Santiago?]. A resposta de Lygia Martins Costa foi, simplesmente, “não” (2005). Eu não sei o porquê da resposta monossilábica da museóloga brasileira, pois ela tinha sido convidada, na década anterior, pelo antropólogo e educador brasileiro para criar a disciplina de História da Arte na recém-criada UNB e também para participar do projeto de criação do Museu da Civilização Brasileira (Sá, 2015, p. 144). Infelizmente, a/os entrevistadora/es não problematizaram a resposta, algo como “a senhora o procurou em Santiago?” ou, “mas a senhora sabia que ele estava exilado naquele período, no Chile?”. Talvez, Lygia Martins Costa e a/os entrevistadora/es tenham evitado, propositalmente, o assunto. Enquanto Darcy Ribeiro estava exilado do seu país por causa do golpe civil-militar de 1964, que depôs o presidente civil eleito democraticamente João Goulart, a museóloga brasileira estava, naquele

[391] Entrevistadora/es do IPHAN: Ana Carmen Jara Casco, Álvaro Mendes, José Antonio Nonato e Mário Chagas (2005).

[392] Não posso deixar de agradecer a gentileza do professor Ivan Goés de Sá e da professora Ludmila Leite Madeira da Costa responsáveis pelo Núcleo de Memória da Museologia no Brasil – NUMMUS, da UNIRIO. E também do amigo Dominiqui Schoeni que se dispôs a me acompanhar durante a minha visita ao local.

momento, representando essa mesma ditadura. Evidentemente, ela não era a única representante de Governos ditatoriais na Mesa-Redonda de Santiago do Chile. Compreendo a dificuldade em abordar a ditadura civil-militar com uma senhora de 90 anos [em 2004, data da entrevista], mas penso que dona Lygia Martins Costa não se negaria a responder algo relacionado ao governo militar, pois, na mesma entrevista, ela não escondeu a sua simpatia pelo Integralismo[393], partido e movimento nacionalista, conservador e tradicionalista católico de extrema-direita de inspiração fascista, surgido na década de 1930, no Brasil, e liderado por Plínio Salgado:

> "Durante o Estado Novo, eu estava emocionalmente ligada ao Integralismo. Como tinha dois irmãos integralistas, participei daquela reunião fantástica que provocou o Estado Novo. Foi um desfile integralista que chegou à avenida Rio Branco com um milhão e tanto de participantes. A gente olhava e era tudo verde. Na primeira linha vinham os figurões, Plínio Salgado, franzino e aquela figura imponente ao lado, o Barroso; era o Valverde... O Integralismo veio e se tornou uma força muito grande, porque o Comunismo assustava tanto. O que se falava era que o Comunismo era a destruição da família, a destruição de Deus. Tanto de Deus, como da pátria e da família... Diziam que a criança aos sete anos era jogada no Partido Comunista, que perdia pai, perdia tudo, e ficava como elemento a ser integrado a essa comunidade. Assim, todo mundo tinha horror ao Comunismo". (Costa, 2005, pp. 279-280)

Lygia Martins Costa continuou emocionalmente ligada ao Integralismo após o Estado Novo? Apoiou o golpe civil-militar de 1964? Continuou assustada com *Fakes News* sobre o PT/comunismo durante a eleição presidencial de 2018, que resultou na vitória do presidente fascista Jair Bolsonaro? Essas são perguntas interessantes, todavia sem respostas definitivas. Ainda assim, temos algumas pistas[394]. Como citado no *Capítulo 3 – A Programação da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972*, Hugues de Varine (2021) comentou que durante o acontecimento de 1972, a delegada brasileira Lygia Martis Costa "teve uma atitude relativamente conservadora e não gostava das opiniões um pouco revolucionárias de alguns participantes ou palestrantes: Hardoy, Vázquez, Sola, por exemplo".

A "atitude relativamente conservadora" da representante brasileira é algo que precisamos investigar melhor, apesar de bastante difundido, e pode ou não estar relacionado

[393] Ação Integralista Brasileira – AIB.

[394] Durante a minha visita ao NUMMUS, no dia 29 de abril de 2022, ouvi o professor Iván Coelho de Sá comentar que Lygia Martins Costa não gostava de Jair Bolsonaro, o que talvez explique um distanciamento da ideologia fascista tanto do Integralismo quanto do ex-presidente brasileiro.

ao seu flerte com o Integralismo durante o Estado Novo, na década de 1930. Importa, pois, destacar que, como contraponto, tínhamos Jorge Enrique Hardoy, Mario Vázquez e Carlos de Sola, segundo Hugues de Varine, além de outras e outros participantes.

Ainda em relação à resposta de Hugues de Varine, é necessário sublinhar o seguinte: se o Diretor do ICOM naquele momento não falava espanhol e nem português, como ele sabia da atitude relativamente conservadora da delegada brasileira? Como já assinalado anteriormente, o espanhol foi a língua oficial da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, mas provavelmente o francês e o inglês foram falados nos corredores e nas conversas informais ao longo dos trabalhos, inclusive, com tradução simultânea, para que Raymonde Frin e Hugues de Varine pudessem acompanhar as discussões. E por último, é impossível não estabelecer relação entre a resposta de Hugues de Varine (2021) e o fato da delegada brasileira ter sido a única mulher a se posicionar contra o parágrafo mais emblemático da Declaração de Santiago, como relatado no *Capítulo 4 – A Palo Seco: uma «mirada nostálgica e ingenua» sobre a Declaração de Santiago.*

Como já sinalizado diversas vezes ao longo da tese, afinal, a museóloga e historiadora da arte Lygia Martins Costa ao chegar em Santiago do Chile para participar da Mesa-Redonda, em 1972 conhecia pessoalmente ou já tinha ouvido falar do crítico de arte Mário Pedrosa? Eu não consegui informações sobre uma possível proximidade entre Lygia Martins Costa e Mário Pedrosa. A única certeza, é que na década de 1930 enquanto Lygia Matins Costa estava emocionalmente ligada ao Integralismo, Mário Pedrosa era uma das lideranças da Frente Única Antifacista, inimiga do Integralismo[395].

[395] O futuro professor de Lygia Martins Costado no Curso de Museus do Museu Histórico Nacional, Gustavo Barroso (1888-1959) foi uma das grandes lideranças do Integralismo. Como exemplo da rivalidade entre esses últimos e a Frente Única Antifacista podemos citar o evento denominado *A Revoada dos Galinhas Verdes ou Batalha da Sé*, após o enfrentamento o resultado foi dezenas de mortos e feridos, entre esses últimos, Mário Pedrosa que levou um tiro (Oiticica Filho, 2013).

Ligya Martins Costa tinha 58 anos quando participou da Mesa-Redonda de Santiago de Chile, em 1972. Em 1973, a museóloga brasileira Lygia Martins Costa escreveu o artigo *Brasil* no tópico *O Museu para a América Latina: um panorama* da *Revista Museum* Vol XXV, nº 3, 1973. Gostava de encerrar os pequenos fragmentos biográficos da delegada brasileira Lygia Martins Costa com algumas questões para as/os futuras/os pesquisadoras/es. Além da museóloga em questão alguém mais foi sondado para representar o Brasil na MRSC? Quem? Por que Lygia Martins Costa foi a única mulher a votar contra o parágrafo preambular referido no *Capítulo 4 – A Palo Seco: uma «mirada nostálgica e ingenua» sobre a Declaração de Santiago?*

5.4 Teresa Gisbert de Mesa (1926-2018)

Teresa Gisbert de Mesa [Figura 102] publicou o texto *Bolívia*, no tópico *O museu na América Latina: um panorama*, na *Revista Museum*, volume 25, nº 3, 1973 (2012). No final da publicação, aparecem as seguintes informações sobre a autora:

> "Boliviana. Estudou arquitetura na Universidade Mayor de San Andrés em La Paz e trabalhou no Instituto de Arte Diego Velázquez de Madrid de 1951 a 1953. Professora de História da Arte na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Mayor de San Andrés desde 1954. Pesquisadora bolsista do Instituto de Pesquisas sobre Arte daquela universidade; autora de diversas obras com o arquiteto José de Mesa. Diretora do Museu Nacional de Artes desde 1979. Membro da Academia Nacional de Ciências da Bolívia e membro correspondente da Real Academia de Belas Artes de San Fernando (Madrid)". (*Revista Museum*, 2012, p. 205).

A partir do trecho acima, penso que podemos destacar três pontos: o primeiro é um pequeno erro relacionado ao cargo de diretora do Museu Nacional de Artes. Nas duas listas (Mostny, 1972; 2012; Guido, (1973/2012) constam que, no momento da Mesa-Redonda de Santiago, em 1972, Teresa Gisbert de Mesa era diretora do referido museu; todavia, nos dados biográficos citados acima, consta que ela assumiu a diretoria desde 1979[396]. O segundo ponto é o seguinte: Teresa Gisbert de Mesa era uma historiadora da arte, assim como a representante brasileira, Lygia Martins Costa. Seria interessante investigar se elas já se conheciam ou se ficaram próximas quando estiveram em Santiago do Chile; se conversaram sobre a cena

[396] No dia 24 de novembro, eu enviei mensagens para o Museo Nacional de Arte – MNA e para o Archivo y Biblioteca Nacionales de Bolivia solicitando informações sobre a participação de Teresa Gisbert de Mesa no acontecimento de 1972. O MNA nunca respondeu. O Archivo y Biblioteca Nacionales de Bolivia respondeu, como veremos a seguir.

artística latino-americana e a chilena, em particular. Por enquanto, ainda não foi possível encontrar documentos oficiais ou pessoais sobre essa possível aproximação durante a MRSC e, se deixaram algo, está perdido ou inacessível. O terceiro ponto é sobre as obras publicadas juntamente com seu companheiro, o arquiteto e historiador boliviano José de Mesa (1925-2010). Em meados do século 20, era muito difícil, para uma mulher, publicar sozinha; muitas vezes, elas precisavam publicar com uma pessoa do sexo masculino, como estratégia de furar o machismo reinante na academia e no mundo editorial. Entre o casal boliviano, existia também interesses em comum por alguns temas de pesquisa, além de companheirismo intelectual[397]. Entretanto, como estratégia, o caso de Teresa Gisbert de Mesa e José de Mesa não é o único: a representante colombiana também foi obrigada a dividir a autoria com seu companheiro em diversos momentos da sua carreira.

Figura 102 –
Teresa Gisbert de Mesa, n.d.



Fonte: Historia. Un día en la Historia de Bolivia[398].

[397] Nessa mesma linha de raciocínio, é o que nos diz Ramóm Mujica Pinilla (2018, p. 426): “aún estudiante soltera, Gisbert se tituló como arquitecta em la Universidad de San Andrés de Bolívia, las mujeres no tenían el derecho a votar. No había entrado en vigencia el sufragio universal. Quizás por ello, en un inicio, Gisbert publica sus primeras obras con su marido, sin perder su apelido de soltera, como era la costumbre en aquel entonces”.
[398] Recuperado de: https://www.historia.com.bo/biografia/teresa-gisbert-carbonell , em 24 de outubro de 2023.

Teresa Gisbert nasceu em La Paz, em 1926. Após formada em Arquitetura e já casada, o casal completou sua formação acadêmica na Espanha, mais especificamente em Sevilha e Madri. Teresa Gisbert de Mesa e José de Mesa receberam bolsas da Fundação Guggenheim, em dois momentos: 1959 e 1967 (Pinilla, 2019, p. 426) [399].

Na biblioteca virtual do historiador, político e filho do casal, Carlos de Mesa Gisbert, existe um item denominado *Mi Familia*; nele, há uma pequena biografia de sua mãe, Teresa Gisbert Carbonell[400]. Considero importante destacar alguns pontos relacionados à trajetória de vida da representante boliviana na Mesa-Redonda de Santiago do Chile a partir da biografia escrita pelo seu filho. A trajetória intelectual de Teresa Gisbert esteve, indissoluvelmente, ligada à do seu esposo, com quem realizou a maior parte de seu trabalho intelectual.

Teresa Gisbert foi professora da Faculdade de Arquitetura da Universidad de Mayor de San Andrés de La Paz entre os anos de 1954 e 1970 e professora de História da Faculdade de Humanidades da mesma universidade, no período de 1966 a 1970. Como docente, também atuou no Peru em temas relacionados à restauração, por meio da OEA e da UNESCO. Também foi professora convidada na Escola de Altos Estudos da Universidade de Paris e na Universidade Interamericana de Porto Rico. Dirigiu o Museo Nacional de Arte, na Bolívia, entre os anos 1970 e 1976. Em 1973, organizou a exposição internacional Arte Virreinal Boliviano, em Madri, Espanha. Dirigiu o Instituto Boliviano de Cultura no período de 1985 a 1989. Foi membro de diversas sociedades e academias. É considerada uma das grandes intelectuais latino-americanas na área de passado colonial na região andina, especialmente em relação à iconografia e à criação artística que vinculou o mundo pré-hispânico com o mundo europeu. Entre as principais obras de Teresa Gisbert, podemos destacar *Literatura virreinal en Bolivia* (1968), *Iconografia y mitos indígenas en el Arte* (1980) e *El paraíso de los pájaros parlantes* (1999)[401].

Ainda sobre a trajetória intelectual da representante boliviana na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, eu gostava de evidenciar dois pontos: o primeiro é sobre o posicionamento

[399] Segundo Carlos de Mesa Gisbert, as datas das bolsas Guggenheim foram 1958 e 1967. Recuperado de: https://www.bibliotecavirtualcarlosdmesa.com/myfamily/relative/1 , em 18/02/2022.
[400] Recuperado de: https://www.bibliotecavirtualcarlosdmesa.com/myfamily/relative/1 , em 18 de fevereiro de 2022.
[401] Recuperado de: https://www.bibliotecavirtualcarlosdmesa.com/myfamily/relative/1 , em 18 de fevereiro de 2022.

e a defesa, por parte de Teresa Gisbert e também do seu companheiro, de uma «arte virreinal» mestiça e original realizada pelos artistas latino-americanos, e não apenas cópias de obras de artistas metropolitanos. O segundo ponto é que, na revolução universitária boliviana de 1970, os indigenistas radicais expulsaram o casal Mesa-Gisbert da Universidade Mayor de San Andrés, onde eram professores. Eles foram tachados de “hispanistas”. Para os radicais indigenistas, a verdadeira Nação Boliviana era contrária a toda forma de contaminação espanhola (Pinilla, 2019, p. 427).

Em novembro de 2021, eu fiz contato com a família da representante boliviana por meio de Carlos de Mesa Gisbert[402], o filho mais velho do casal Teresa Gisbert de Mesa e José de Mesa Figueroa (1925-2010)[403]. Historiador, jornalista, político, vice-presidente (2002-2003) e presidente (2003-2005) da Bolívia. Trocamos diversos *e-mails* entre o dia 22 de novembro de 2021 e o dia 7 de fevereiro de 2022. No primeiro *e-mail* [22 de novembro de 2021], eu expliquei o tema da minha pesquisa e que precisava de informações sobre sua mãe e perguntei se a família possuía algo sobre a participação de Teresa Gisbert de Mesa no acontecimento de 1972 – relatório, fotografias, cartas, cartões-postais etc. Carlos de Mesa me respondeu no mesmo dia:

> “Señor Chaves: estoy al tanto de la presencia de mi madre en ese encuentro en Santiago, pero no tengo ninguna fotografía de ella en el encuentro. Tengo correspondencia de ella en la que, cuando yo era estudiante, me escribió desde Santiago sus apreciaciones personales sobre ese encuentro. Debo decirle que era muy escéptica, tenía muchas dudas sobre su utilidad y en general no compartía la tesis de dicho encuentro, pero quizás le pueda ser útil su apreciación personal e íntima – que no sé si hizo pública en los debates. Adjunto un cv de mi madre y una fotografía de la época, aunque no corresponde al encuentro. Reciba un cordial saludo. Foto de Teresa Gisbert de 1972”.

Confesso que a resposta do filho de Teresa Gisbert me deixou entusiasmado. Quase 50 anos depois, mesmo que indiretamente, conhecemos uma narrativa dissonante de uma participante sobre a Mesa-Redonda de Santiago e sua Declaração. A fotografia enviada por

[402] Através da sua Biblioteca Virtual. Recuperado de: https://carlosdmesa.com, em 21de dezembro de 2022.
[403] Os dois filhos e as duas filhas são: Carlos (1953); o arquiteto Andrés (1956); a pedagoga e novelista infanto juvenil Isabel (1960) e a pintora Guiomar (1961). Informações fornecidas por Carlos de Mesa Gisbert via *e-mail* no dia 22 de novembro de 2021.

Carlos de Mesa [Figura 103] estava disponível na internet; todavia, não possuía a data. Esta é a primeira imagem de uma/um participante do mesmo ano do acontecimento, em 1972.

Figura 103 –
Teresa Gisbert de Mesa, 1972.



Fonte: Arquivo Pessoal de Carlos de Mesa.

Eu tentei, de todas as formas, ter acesso à referida carta enviada por Teresa Gisbert de Mesa ao seu filho Carlos de Mesa. Expliquei a importância de revelar um documento da época sobre o posicionamento de uma das/os participantes e que, até então, não foi encontrado nenhum documento com a apreciação de Teresa Gisbert de Mesa sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile e sua Declaração. Então, no dia 22 de novembro de 2021, Carlos de Mesa respondeu o seguinte: “Señor Chaves, déjeme buscar la carta y cuando la encuentre, leeré su contenido y de acuerdo a eso le responderé” (Mesa, 2021).

No dia 03 de dezembro de 2021, Carlos de Mesa respondeu:

> “Señor Chaves: he encontrado la carta. Es muy personal de una madre a un hijo adolescente (yo). Su explicación de lo que vivió en Santiago es más bien una reflexión personal en torno al modelo social debatido en ese encuentro. No estoy muy seguro si es pertinente compartir el fragmento (unas veinte líneas). En todo caso me ayudaría si usted me explica en pocas palabras porqué ese Congreso fue tan importante para la historia de la museografía. Reciba un cordial saludo”.

No mesmo dia, eu enviei um *e-mail* a explicar a importância da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, escrevi os nomes das/os participantes, animadores e equipe UNESCO/ICOM, além de enviar algumas publicações sobre o acontecimento de 1972. No dia 02 de fevereiro, eu enviei um novo *e-mail*, com duas cartas de apresentação, uma da minha tutora acadêmica e outra do Departamento de Museologia da ULUSÓFONA, com o intuito de lembrá-lo de que eu estava a esperar uma resposta sobre a carta e também para sinalizar o meu vínculo acadêmico.

No dia 06 de fevereiro, finalmente, eu recebi o *e-mail* com a posição de Carlos de Mesa sobre a carta enviada por Teresa Gisbert de Mesa de Santiago, em 1972:

> “Estimado Profesor Chaves: he tomado la decisión de no enviarle la carta que me mandó mi madre sobre el encuentro de Santiago en 1972. Pienso que ella no hubiese aprobado esa publicación. Era una carta personal y privada no pensada para conocimiento público. Sé que será una decepción para Usted, pero me parece lo más adecuado. Puedo decirle que el contenido de esa reunión internacional la sorprendió, Sus conductores formaban parte de un núcleo de especialistas muy comprometidos con los cambios sociales y políticos de una época que, sobre todo en América Latina, estaban muy influidos por las ideas revolucionarias basadas en la metodología de análisis marxista. Recordaba los encuentros que tuvieron con obreros y empleados fabriles de Santiago. En su opinión, las tesis principales estaban demasiado cargadas de ideología y de una visión utópica de una museografía volcada al cambio social y a una nueva visión participativa de la gente, cuya aplicación era – en su criterio – muy difícil de hacer realidad. Reciba un cordial saludo”.

No dia seguinte, eu agradeci pela gentileza e disse que compreendia sua posição. Perguntei se podia publicar o conteúdo do *e-mail* anterior, enviado no 6 de fevereiro de 2022. No mesmo dia (07 de fevereiro de 2022), ele respondeu o seguinte:

> “Estimado señor Chaves: agradezco su comprensión. Puede utilizar mi correo, siempre indicando que se trata de una interpretación mía del pensamiento de mi madre sobre ese encuentro. Mi impresión es que los postulados de entonces, muy radicales, fueron atemperándose en el tiempo y que las lecciones teóricas de Santiago se contrastaron con la realidad y permitieron – como suele ocurrir – un resultado un poco más equilibrado que el de los objetivos propuestos entonces”.

A interpretação de Carlos de Mesa sobre as impressões de sua mãe a respeito da Mesa-Redonda de Santiago do Chile é bastante reveladora, pois, nos documentos existentes sobre o referido acontecimento, não existem depoimentos individuais das/os participantes sobre a Mesa e muito menos sobre a Declaração. Esta última foi assinada por todas/os as/os participantes, apesar de algumas discordâncias, como a relatada no *Capítulo 4 – A Palo Seco: uma «mirada nostálgica e ingenua» sobre a Declaração de Santiago.* Em relação as/os participantes “comprometidos com as mudanças sociais e políticas, influenciadas/os pelas ideias revolucionárias baseadas na metodologia de análise marxista”, é algo ainda difícil de constatar, pelo menos no material consultado sobre elas/es. Talvez, isso se aplique a uma parte do grupo. Ainda sobre essa questão, é importante destacar um trecho da entrevista com Hugues de Varine (2021), em que ele cita apenas “Jorge Enrique Hardoy, Mario Vázquez e

Carlos Sola como exemplos de opiniões um pouco revolucionárias”. Outro ponto interessante é sobre o encontro com operários dentro da programação oficial da Mesa-Redonda de Santiago do Chile; provavelmente essa referência da delegada boliviana refere-se a visita à mina El Teniente ou então, as/os participantes visitaram alguma fábrica em Santiago e não ficou registrada na documentação consultada durante a pesquisa. Por fim, a minha troca de *e-mails* com o filho mais velho de Teresa Gisbert de Mesa finalizou no dia 07 de fevereiro de 2022[404].

Teresa Gisbert de Mesa faleceu no dia 19 de fevereiro de 2018 aos 92 anos, em La Paz. No dia de sua morte, o então presidente boliviano Evo Morales Ayma publicou o seguinte *tweet*: “Lamentamos el fallecimiento de la destacada arquitecta, investigadora, historiadora y restauradora, Teresa Gisbert, madre del expresidente Carlos de Mesa Gisbert. Expresamos nuestra solidaridad a su familia por esta irreparable perdida”[405]. O que demonstra a importância da historiadora da arte e professora Teresa Gisbert de Mesa para a Bolívia.

Durante a sua participação como delegada da Mesa Redonda de Santiago do Chile, em 1972, Teresa Gisbert de Mesa tinha 46 anos.

5.5 As Observadoras

Durante a minha passagem pelo Chile, em 2022 e 2023, eu não consegui informações sobre as seguintes observadoras: a museóloga Margarita Castillo Pinto, do Centro Nacional de Museologia e Emilia Salas, do Museu Regional, da Universidade do Norte, Antofagasta. Entre as poucas mulheres observadoras, a única que possui muitas informações, matérias jornalísticas, artigos sobre a sua trajetória profissional e familiares com disponibilidade para colaborar foi a cientista argentina Genoveva Dawson de Teruggi (1918-2012).

5.5.1 Genoveva Dawson de Teruggi (1918-2012)

Diante da impossibilidade de encontrar fragmentos biográficos das observadoras, Margarita Castillo Pinto e Emilia Salas, provavelmente soterrados ou esquecidos nas “gavetas do esquecimento”, aqui trataremos apenas da observadora argentina Genoveva Dawson de Teruggi [Figura 104].

[404] Não posso deixar de agradecer a gentileza e disponibilidade de Carlos de Mesa entre os meses de novembro de 2021 a fevereiro de 2022.
[405] Recuperado de: https://twitter.com/evoespueblo/status/965617315529347072 , em 24 de outubro de 2023.

Figura 104 –
Genoveva Dawson de Teruggi e sua neta Clara Anahí, em 1976.



Fonte: Hastaelnocau – *Blog* de Marco Teruggi[406].

Em primeiro lugar, é preciso destacar a participação da botânica e professora Genoveva Dawson de Teruggi[407] como observadora da Mesa-Redonda de Santiago do Chile. Ela foi a única estrangeira e residente em outro país que esteve no acontecimento de maio de 1972. O fato de Genoveva Dawson de Teruggi ser a única estrangeira deve-se ao fato que o seu companheiro também participou do referido acontecimento, o debatedor e delegado argentino Mario Teruggi; todavia, isso não significa que ela foi apenas acompanhando o esposo. Genoveva Dawson de Teruggi foi/é uma cientista argentina que, assim como o esposo, atuou no Museo de La Plata, da Universidade de La Plata. Inclusive, ela tinha todos os requisitos para representar o seu país na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em maio de 1972, como veremos a seguir.

Genoveva Dawson de Teruggi, denominada pelos mais próximos como “nuestra Kewpie”, por ser parecida com a famosa boneca Kewpie [popular nas primeiras décadas do século XX], nasceu em Buenos Aires, em 1918, filha do astrônomo estadunidense e posteriormente naturalizado argentino Bernhard Dawson (Ruf, 2005; Pochettino & Hurrell, 2012). O nome da esposa desse último e mãe de Genoveva Dawson de Teruggi não aparece nas diversas publicações sobre a filha, e o mesmo sobre seu pai. A ausência do nome da mãe

[406] Recuperado de: https://hastaelnocau.wordpress.com/2014/08/22/carta-para-kewpie/ , em 24 de outubro de 2023.
[407] Genoveva Dawson de Teruggi tinha 54 anos em maio de 1972.

evidencia quase sempre o papel destinado às esposas de intelectuais/cientistas: o esquecimento e posterior apagamento. Precisei recorrer ao filho caçula do casal, Bernardo Teruggi, e perguntar o nome da sua avó materna. Prontamente, ele me respondeu: Mary Silvia Kaudy Dawson[408] [Figura 105], de nacionalidade estadunidense, como o seu avô materno.

Figura 105 –
Mary Silvia Kaudy Dawson, n.d.



Fonte: Asociación Anahí[409].

Genoveva Dawson de Teruggi foi uma cientista reconhecida na sua área de atuação, a botânica, tanto nacionalmente quanto internacionalmente. Caso contrário, possivelmente desconheceríamos seu nome e sua história, pois ela apenas seria apenas conhecida como a companheira do cientista Mario Teruggi, também reconhecido nacionalmente e internacionalmente, como veremos no *Capítulo 7 – Ausentes e Presentes: fragmentos biográficos dos participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972*.

Em 1942, Genoveva Dawson de Teruggi formou-se em Botânica, uma das primeiras graduadas no Museu de La Plata. Sua tese de doutorado foi sobre a família *Santalaceae* na Argentina. Dedicou-se, sobretudo, aos estudos das plantas úteis (Pochettino & Hurrell, 2012). No currículo de Genoveva Dawson de Teruggi existente no arquivo do Museo de La Plata e atualizado pela última vez em julho de 1971, encontramos algumas informações sobre a trajetória da botânica e suas relações com os museus. Durante o período em que esteve a realizar seus estudos pós-doutorais na instituição de ensino *Radcliffe College*, em *Cambridge*,

[408] No dia 31 de outubro de 2021, através do *WhatsApp*.
[409] Recuperado de: https://asociacionanahi.org.ar/clara/ , em 26 de novembro de 2023.

Massachusetts, Estados Unidos, Genoveva Dawson de Teruggi visitou alguns museus relacionados à sua área de atuação. Dentre elas, podemos citar:

> “New York Botanical Gardens; Gray Herbarium (Universidad de Harvard); Herbario de la Smithsonian Institution; Chicago Museum of Natural History; Americam Museum de Nueva York. (...) Además los centros botânicos de Guatemala, Mexico D.F., Caracas (Venezuela) y las instituciones botânicas de Rio de Janeiro en Brasil”. (Dawson de Teruggi, 1971)

No currículo não está evidente se a botânica argentina visitou Guatemala, México, Venezuela e Brasil durante sua viagem para os Estados Unidos, aproximadamente entre os anos de 1943 a 1946. O objetivo de citar algumas das visitas realizadas por Genoveva Dawson de Teruggi foi relacioná-la ao campo dos museus. Ela não apenas atuava no Museo de La Plata, mas também tinha o hábito de visitar museus durante suas viagens.

Ainda sobre a trajetória intelectual de Genoveva Dawson de Teruggi, gostava de destacar alguns pontos: sua obra *Los alimentos vegetables que América dio al mundo* (1960) serviu de base para a mostra organizada pelo Museu de La Plata na Exposição Internacional de Sevilha, em 1992; em 1963, Genoveva Dawson de Teruggi criou a *Cátedra de Botánica Aplicada de la Faculdad de Ciencias Naturales y Museo*, a primeira da Argentina (Pochettino & Hurrell, 2012).

Por fim,

> “em 1968 concurrió al Simposio sobre “Museos y la Investigación”, organizado por UNESCO, en las ciudades de Colonia y Munich de Alemania. Durante este viaje a Europa dedico parte del tempo en investigaciones tanto en el Kew Herbarium de Inglaterra como en el Herbario del Museo de Historia Natural de Paris”. (Dawson de Teruggi, 1971)

De certa forma, a participação de Genoveva Dawson de Teruggi num simpósio organizado pela UNESCO na Alemanha, em 1968, evidencia que ela já transitava pela agência da ONU antes de participar da Mesa-Redonda de Santiago do Chile. Ou seja, Genoveva Dawson de Teruggi possuía inúmeras credenciais para participar do acontecimento de 1972, independente das credenciais do seu companheiro, Mario Teruggi.

Finalmente, parece-me importante destacar o texto já citado anteriormente, *Una vida fecunda al servicio del afecto: Genoveva Dawson de Teruggi* (2005), de autoria de Mónica López Ruf, da Fundação Museu de La Plata. O texto foi escrito em homenagem à botânica argentina após ela receber a distinção de “Mujer Destacada Platense”, outorgada pelo

Municipio de La Plata. Tão importante quanto o reconhecimento é a presença do afeto tanto no título quanto ao longo do texto. A autora apresenta-nos alguns detalhes da vida de Genoveva Dawson de Teruggi ausentes nas publicações científicas e mesmo em outros depoimentos. Mónica López Ruf (2005) revela que a botânica era uma pessoa muito próxima e querida, enfim, uma amiga. Além disso tudo, ela é uma

> “mujer múltiple y de avanzada que dividió sabiamente su tempo entre su familia, la ciencia, sus amigos y su entrañable pasión por la cocina refinada. (...) Kewpie es un ser humano muy particular, de esos que no tenemos ocasión de tratar con frecuencia, com rasgos de carácter nítidamente definidos que no se perciben rápido al conocerla. Dueña de una inteligencia cristalina y un sentido común demoledor, su actidud existencial es de infinita sabiduría. Paciente hasta límites impensados, estoica y resigninada frente la injusticia y la dureza que le reservo la vida; incapaz de un reproche, del menor resentimiento frente a lo irremediable. Maternal hasta el extremo. (...) No le falta una voluntad férrea, es uma verdadeira atleta de la resistencia passiva”. (Ruf, 2005, n.p.)

Tais declarações evidenciam não apenas os sentimentos e o caráter de Genoveva Dawson de Teruggi, mas, de certa forma, de toda a família Dawson-Teruggi, principalmente filha, filhos, netas e netos. Além de cientista reconhecida, ela também era uma mulher, companheira e mãe dedicada de dois filhos e duas filhas. E isso, evidentemente, reverberou na trajetória profissional, como atesta a diferença entre o currículo dela e o do seu companheiro Mario Teruggi. A trajetória de uma mulher cientista foi e continua a ser muito diferente da de um cientista do sexo masculino.

Apesar de aparecer na lista de observadoras/es de Héctor Fernández Guido (1973/2012), eu não encontrei nenhuma outra informação sobre a participação de Genoveva Dawson de Teruggi na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em maio de 1972. O nome dela não aparece no documento *AHA_402_001 C-70 Mesa Redonda sobre la Importancia de los Museos* [transcrições das apresentações e debates]. Genoveva Dawson de Teruggi faleceu em 2012 aos 94 anos no mesmo ano que a Mesa-Redonda de Santiago completava 40 anos.

Logo no início da pesquisa sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, mais especificamente no dia 26 de abril de 2021, eu estava a conversar [através de uma ligação

pelo *WhatsApp* com o professor Mario Chagas sobre as pessoas que participaram do acontecimento de 1972. Em determinado momento da nossa conversa, ele comentou que, durante o regime militar argentino, a filha de Mario Teruggi tinha sido assassinada ou era considerada desaparecida, eu não me lembro ao certo. Imediatamente, procurei informações sobre a trajetória da família de Mario E. Teruggi e Genoveva Dawson de Teruggi com o intuito de descobrir a história por trás do assassinato ou desaparecimento da filha do casal, Diana Esmeralda Teruggi (1950-1976). Apesar de posterior à Mesa-Redonda de Santiago do Chile, penso que é importante narrar a tragédia que abateu a família Dawson-Teruggi-Mariani e outras famílias latino-americanas durante as ditaduras civis-militares que assolaram a região entre os anos 1960 e 1980. Em primeiro lugar, por ser quase desconhecida na Sociomuseologia; em segundo lugar, por envolver duas pessoas que estiveram no acontecimento chileno de 1972; em terceiro lugar, por estar vinculada à temática dos direitos humanos, de suma importância para todas as áreas e, particularmente, para a nossa escola de pensamento; em quarto lugar, pela existência de um museu diretamente relacionado à tragédia em questão, a Casa Mariani-Teruggi[410] [Figuras 106 e 107], em La Plata, Argentina; em quinto lugar, porque os fragmentos biográficos aqui revelados dialogam com o *Capítulo 8 – Oscar Eduardo Avello Avello (1954-1976): "soy una fotografia de un desaparecido"* e por último, porque as/os mortas/os das famílias Teruggi e Mariani sussurraram no meu ouvido que eu honrasse suas lutas, resistências, dores e buscas, além de relatar a repressão, assassinatos, sequestros, desaparecimentos e torturas praticados pelo Estado argentino durante a última ditadura civil-militar (1976-1983).

[410] "A Casa Mariani-Teruggi é considerada de Interesse Municipal por seu valor histórico, 22 de dezembro de 1998 (Decreto Nº 194); Patrimônio Cultural da Província de Buenos Aires, pelo Senado da Província de Buenos Aries (Lei Nº 12.809 de 6 de dezembro de 2000; de Interesse Nacional pela Secretaria de Cultura da Presidência da Nação (Resolução S. C. Nº 1.068 de 7 de maio de 2003) e Monumento Histórico Nacional, pela Comissão Nacional de Museus, Monumentos e Lugares Históricos, 8 de julho de 2004 (Decreto Nº 848 P.E.)". Recuperado de: https://asociacionanahi.org.ar/casa/#memoria, em 25 de outubro de 2023. Atualmente, o nome do local é Casa Teruggi-Mariani. Ao longo do tópico ela aparecerá tanto como Casa Mariani-Teruggi quanto Casa Teruggi-Mariani.

Figuras 106 e 107 –
Casa Mariani-Teruggi e sede da Associação Anahí, 2023.



Fonte: O autor.

Diana Esmeralda Teruggi (1950-1976) [Figuras 108 e 109] é o nome da filha mais velha do casal Genoveva Dawson de Teruggi e Mario Teruggi. A outra filha é Lilia Teruggi e os filhos, Daniel Teruggi e Bernardo Teruggi. A história de Diana Teruggi e demais envolvidas/os é quase que desconhecida no Brasil – aliás, como quase tudo relacionado aos nossos países vizinhos. Confesso que, desde o momento em que a conheci, eu nunca mais deixei de pensar no episódio e nos seus desdobramentos. O contato virtual com algumas pessoas da família potencializou o afeto em relação aos Dawson-Teruggi-Mariani. E minha admiração e meu respeito estão a crescer desde então. Todavia, o processo de pesquisa e a tentativa de narrar a história de Diana Teruggi e demais envolvidas/os foi doloroso. “Mas não se preocupe, meu[minha] amigo[a], com os horrores que eu lhe digo. Isso é somente uma canção[tese]. A vida realmente é diferente, quer dizer, ao vivo é muito pior” (Belchior, 1976)[411].

[411] Trecho da canção *Apenas um rapaz latino-americano*, do cantor e compositor brasileiro Belchior, do álbum *Alucinação*, lançado em 1976.

Figuras 108 e 109 –
Diana Teruggi e Kewpe, n.d.; Diana Teruggi, n.d.



Fonte: Asociación Anahí[412].

A narrativa aqui apresentada está baseada nos artigos *Marcas que falam em silêncio: ações de conservação, restauração, intervenção e valorização da Casa Mariani-Teruggi*, de Laura de Leão Dornelles (2012); *Hasta decir la patria* (2015a), *Dónde está Clara Anahí* (2015b), do sobrinho de Diana Teruggi, Marco Teruggi[413], além do livro *La casa de la calle 30: una historia de Chicha Mariani*, de Laureano Barrera (2022).

Diana Teruggi tinha 26 anos em 1976. Era casada com o economista Daniel Mariani[414] [Figuras 110 e 111] e tinha uma filha de três meses, Clara Anahí [Figura 112]. O casal vivia na calle 30, entre 55 e 56, número 1136, na cidade de La Plata, Argentina[415]. Um fato curioso é que Diana Teruggi e Daniel Mariani também viajaram para Santiago do Chile, em junho de 1972, menos de um mês após a Mesa-Redonda de Santiago do Chile para conhecer a experiência da Unidade Popular, estudo e lua de mel (Teruggi, M., 2015a; Barrera, 2022).

[412] Recuperado de: https://asociacionanahi.org.ar/clara/ , em 26 de novembro de 2023.
[413] Marco Teruggi é um sociólogo argentino. Os artigos citados foram localizados no *Blog* Hastaelnocau, de Marco Teruggi. Recuperado de: https://hastaelnocau.wordpress.com , em 27/06/2021.
[414] Filho de Maria Isabel Chicha Chorobik de Mariani ou simplesmente Chicha Mariani (1923-2018) e Enrique Mariani (1921-2003)
[415] A numeração das ruas na cidade de La Plata é diferente de todas as demais cidades argentinas.

Figuras 110, 111 e 112 –
Bodas de Diana Teruggi e Daniel Mariani, junho de 1972, Daniel Mariani, Clara Anahí e Diana Teruggi, em 1976, La Plata.







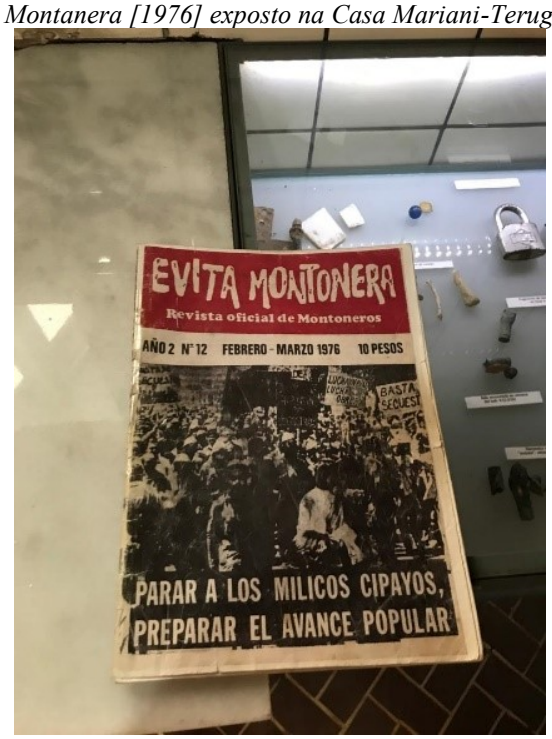
Fonte: Asociación Anahí[416]

Essa viagem foi a “transformación radical que Daniel y Diana experimentaron en Chile es un acuerdo unánime en las dos familias. No solo volvieron de Chile aquel octubre de 1972 siendo otros: volvieron siendo peronistas” (Barrera, 2022, p. 84). Não demorou muito para que integrassem o Exército Montonero e entrassem na clandestinidade. Resumindo, o casal e outras/os militantes viviam no endereço citado anteriormente, que além de residência oficial do casal Teruggi-Mariani era também uma Unidad Básica de Combate de Prensa do Ejército Montornero [Revista Evita Montonera] [Figura 113], por isso, nem Genoveva Dawson e nem Mario Teruggi conheceram a casa do casal até o assassinato de Diana Teruggi, juntamente com outros companheiros, no dia 24 de novembro de 1976. A visita da mãe e do pai de Diana Teruggi ou demais membros da família Teruggi-Mariani não era proibida; no entanto, qualquer pessoa que se aventurasse precisava ir com os olhos vendados e isso nunca foi aceito por Mario Teruggi e Genoveva Dawson. Esses, inclusive, propuseram a saída da

[416] Recuperado de: https://asociacionanahi.org.ar/clara/ , em 26 de novembro de 2023.

filha e do genro do país quando descobriram o envolvimento político do casal (Teruggi, M., 2015a).

Figura 113 –
Exemplar da Revista Evita Montanera [1976] exposto na Casa Mariani-Teruggi, La Plata, 2023.



Fonte: O autor.

Para conhecermos um pouco mais Diana Teruggi, gostava de citar alguns depoimentos de familiares e pessoas que conviveram com ela antes do seu assassinato pela ditadura civil-militar argentina, em 1976:

> “Diana era excelente. Una persona entera. Serena, comprensiva, sin dobleces, pero también firme y segura. Y es muy posible que “angélica” sea el calificativo que le corresponda (**Maria Inés, compañera de militância en la casa de 30**). Con su enorme vientre de embarazada, sus ojos hermosos y sus largos rulos rubios, es fácil imaginarla franqueando todos los controles, contrabandeando un enorme paquete atado con grandes cintas en la parte de atrás de la furgoneta (**Laura Alcoba**). La recuerdo con un abrigo gris oscuro, ese andar apurado y esa manera, casi busterkeateana, de ordenar sus papeles. Anotaba todas las cosas que le interesaban, que es como decir el mundo enterro (**Juan Octavio Prenz, docente de la cátedra dondo Diana era ayudante**). Han pasado casi 40 años; intento fijar mi memoria, seguir conservando hermosos momentos, sonrisas, alegrías. Mis hijos ya son mayores de lo que fue. Qué corta su vida, cuanto amor en ella (**Daniel Teruggi, hermano de Diana**)”. (Teruggi, M., 2015a, grifo nosso)

Pelos depoimentos acima, percebe-se não apenas o caráter de Diana Teruggi, o respeito e os afetos daquelas/es que conviveram com ela, mas, sobretudo, a dor e o vazio deixados após o seu assassinato, ocorrido no dia 24 de novembro de 1976, por volta das 13h30, aproximadamente 4 anos e 5 meses após a Mesa-Redonda de Santiago do Chile. Naquele momento, estavam na casa na 30, entre 55 e 56, número 1136, Diana Teruggi, Didi; sua filha de três meses Clara Anahí; Daniel Mendiburu Eliçabe, Conejo; Roberto César Porfídio, Abel; y Juan Carlos Peiris, Beto; Alberto Oscar Bossio, El Negro. Com exceção de Clara Anahí Diana e seus companheiros foram massacrados/assassinados pelos militares argentinos. Seus corpos foram sequestrados e enterrados em túmulos sem identificação e ainda hoje não foram devolvidos para as respectivas famílias. A operação que resultou nos cinco assassinatos e no sequestro de Clara Anahí foi totalmente desproporcional: 100 pessoas, helicóptero, tanques, granadas etc. Diana Teruggi tentou fugir pelos fundos com Clara Anahí nos braços; todavia, foi cravejada de balas, próximo ao limoero existente na parte de trás da residência[417]. A bebê sobreviveu e foi sequestrada e, ainda hoje, as famílias Teruggi e Mariani continuam a buscá-la, não mais por um bebê, mas uma senhora de 47 anos[418]. O companheiro de Diana Mariani e pai de Clara Anahí, Daniel Mariani não estava na residência naquele momento. Todavia, no ano seguinte, em 1977, ele também foi assassinado pelas forças genocidas da ditadura civil-militar da Argentina. (Teruggi, M., 2015a; Teruggi, B., 2006; Barrera, 2022). “Y, dado que aquellos que cometieron semejantes delitos ya están muertos [alguns e algumas] y la justicia no los puede alcanzar, sin embargo podemos castigarles la memoria (Valko, 2013, p. 14). Na página da Asociación Anahí consta os nomes dos principais assassinos covardes responsáveis pelo ataque ao local,

> “Carlos Guillermo Suarez Mason, Ramon Juan Alberto Camps, Miguel Osvaldo Etchecolatz, Hugo Alberto Guallama [o assassino de Diana Teruggi], Máximo Enrique Gainza Castro, Héctor Reynaldo Amuchástegui, Julio Cesar Garachico, Adolfo Sigwald, Carlos García, Osvaldo Sertorio, Norberto Cozzani, Santiago Antonini, Roque Carlos Alberto Presti, Marío Oscar Bazán, Juan Fiorillo, Pedro Alberto Zeballos, Cecilio Reynaldo Gomez, Miguel Oscar Ioppolo, José Clemente Forastiero, Nestor Ramón Buzatto, Jorge Luis Piazza, Luis María Gonzalez, Juan Rafael Pochelu, Juan Carlos Osterrieth, Carlos Alberto Rousse, Mario Oscar Pacheco…”[419]

[417] O limoero é um dos símbolos da Casa Teruggi-Mariani.
[418] Em 19 de janeiro de 2023.
[419] Recuperado de: https://asociacionanahi.org.ar/casa/ , em 26 de outubro de 2023.

A dor das famílias Teruggi e Mariani, das amigas e amigos de Diana Teruggi e Daniel Mariani permanece, a luta por justiça e para descobrir o paradeiro de Clara Anahí também. Desde o acontecimento do dia 24 de novembro de 1976, a pessoa que liderou a busca por Clara Anahí foi a sua avó paterna Maria Isabel Chicha Chorobik de Mariani ou simplesmente Chicha Mariani [Figuras 114, 115 e 116], uma das fundadoras da Asociación Abuelas de Plaza de Mayo, em 1977, sua primeira presidenta (1977 a 1988) e a fundadora da Asociación Clara Anahí.

Figuras 114, 115 e 116 –
María Isabel Chicha Chorobik de Mariani (Chicha Mariani), n.d.







Fonte: Asociación Anahí[420].

Os fragmentos biográficos aqui delineados não fazem jus às pessoas citadas. As histórias das famílias Mariani-Teruggi estão repletas de dor, de luta, de raiva, de saudade, de amor, de amizade, de resistência, talvez não tenham ficados tão explícitos como eu gostaria, todavia, eu posso garantir que ao adentrar essas histórias é impossível deix-las para trás ou melhor, é impossível esquecê-las. Saber que Clara Anahí vive desconhecendo a história de sua mãe, do seu pai, das suas avós e dos seus avôs, das suas tias, dos seus tios, primas/os é de

[420] Recuperado de: https://asociacionanahi.org.ar/casa/ , em 26 de outubro de 2023.

cortar o coração. Saber que a pessoa que mais buscou descobrir o seu paradeiro morreu sem encontrá-la. Por outro lado, a esperança e a busca, pela Asociación Anahí e familiares maternos continuam[421]. Espero que esses fragmentos biográficos aqui delineados possam contribuir de alguma forma com a busca por justiça em relação as/os torturadas/os, assassinadas/os, desaparecidas/os e as/os bebês sequestrados na ditatudura civil-militar argentina. Também podemos alargar espacialemente e temporalmente a nossa “paisagem cultural delimitada pela percepção museológica” (Bruno, 2020, p. 23) da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972 até a Argentina e incluir pelo menos a Casa Mariani-Teruggi, suas marcas durante o massacre de novembro de 1976 e o limoeiro replantado ao longo das últimas décadas [Figuras 117, 118 e 119], a Asociación Anahí, a Asociación Abuelas de Plaza de Mayo, entre outros espaços.

Figuras 117, 118 e 119 –
Casa Mariani-Teruggi, La Plata, 2023.



Fonte: O autor.

Antes de finalizar esse capítulo, eu gostava de dividir aqui uma Carta de Chicha Mariani para a sua neta Clara Anahó, datada em 12 de agosto de 1981:

> “La Plata, 12 de agosto de 1981
>
> Clara Anahí, mi chiquita, hoy es doce de agosto, es tu cumpleaños. Cumples cinco años, mi vida, y yo sólo puedo imaginarte…
> Hace cuatro años y nueve meses, oscuras fuerzas te llevaron. Eras apenas un bebé con batita rosa, con una boca grandota que reía y reía y unos ojitos espiones que buscaban ansiosos las caras de papá y mamá, para reír de puro llena de amor. Y cómo reías cuando yo te cantaba el arrorró ¡Tan desafinada como siempre! La familia, gozosa, opinaba que demostrabas muy buen oído y gran inteligencia.
> (El espanto, el horror, aquel 24 de noviembre de 1976. Los tiros. La muerte... Y ‘desapareciste’. Te llevaron solita. Tenías tres meses. El tiempo se detuvo. Nunca más la vida).

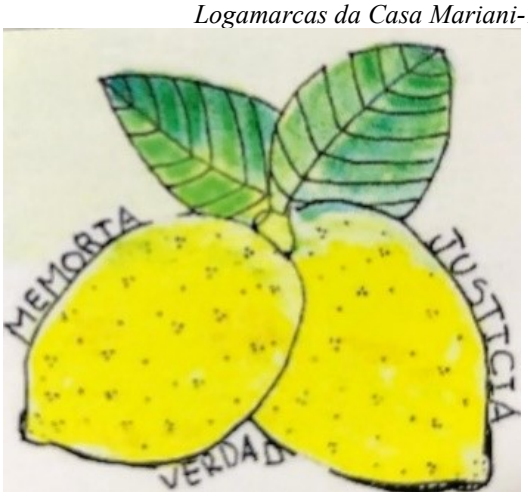
[421] Daniel Mariani era filho único.

> Te he buscado, mi Anahí, sin descanso. Por sobre el desgarrante dolor de mis muertes. Ignorando las armas, las amenazas y las injurias, te busqué un día y otro día y otro y un mes y muchos meses. Apretando los dientes. Quemándome las lágrimas. Con rabia y desesperación. Estallando el corazón pensaba en tu primer dientito, en tus primeros pasos. Crecías y yo debía encontrarte ya, ya mismo, enseguida.
> Fui imaginando tus primeros vestiditos y tus muñecas y el jardín de infantes. Y no te puedo encontrar, mi chiquitita: ‘Se ignora tu paradero’. Te compro muñecas, ¿sabés? Las tengo en cajas que ya tuve que cambiar por otras más grandes. Se acumulan muñecas... y no te encuentro.
> Te busco sin descanso. Qué hicieron con mi bebita, con mi Anahí. ¿Dónde estás? Tengo que apurarme, tengo que encontrarte antes de que sigas creciendo lejos de mí, de lo que queda de tu familia. Todo mi tiempo y las energías que me quedan son para buscarte. Te encontraré algún día. Pero, por Dios, que sea pronto.
> Debes ser alta como lo eran tus padres. Quizás te han cambiado la edad, quizás por eso empieces a ir al colegio demasiado pronto: en 1982, quizás. ¿Te habrán conservado el nombre? Te sigues llamando Clara Anahí o sólo Anahí. ¿O sólo Clara? Tu cabello seguirá siendo castaño oscuro y lacio -te decíamos ‘Pelopincho’-. ¿Habrás heredado la miopía familiar? Tus orejas grandes, también heredadas, ¿no cambiarán?
> Te encontraré, Anahí mía, no temas. Tu abuelita te reconocerá porque te lleva en la sangre. Eres hija de mi hijo muerto. ¡Y tus ojitos, mi amor, quisiera tanto que no guarden la visión del horror! Que no haya quedado en tu interior el ruido de la metralla, el grito de muerte de Diana, tu maravillosa madrecita.
> (Dios, si estás ahí, escucha. Diles que me devuelvan a mi nieta. Ayúdame a no odiar, porque no sé si son hombres o hienas los que me la llevaron indefensa, con su pañal y su batita rosa. Y a mi Anahí dile, por favor, que su abuelita está aquí, buscándola, arañando las puertas herméticas. Que la encontrará un día, que no tenga miedo. Díselo, por favor, para que no asome esa infinita tristeza a sus ojitos cuando está sola, cuando la roza el recuerdo lejano del total despojo).
> Anahí mía, mi chiquitita, espera un poquito más, estoy buscándote. Mientras llego, sientes que te abrazo. ¿Oyes, no un solo corazón sino tres, latiendo juntos, bendiciéndote?
> Anahí, Anahí mía, Anahí nuestra, confía. Ya nos encontraremos. Confía en tu abuelita, que se ha convertido en acero para buscarte pero que volverá a ser nido y tibieza en cuanto te encuentre, chiquitita mía”[422].

E também gostava de mostrar dois adesivos com as logomarcas da Casa Mariani-Teruggi e a da Asociación Anahí [Figuras 120 e 121]:

[422] Recuperado de: https://www.laizquierdadiario.com/Carta-de-Chicha-a-Clara-Anahi-1981-Cumples-cinco-anos-mi-vida-y-solo-puedo-imaginarte , em 26 de outubro de 2023.

Figuras 120 e 121 –
Logamarcas da Casa Mariani-Teruggi e Asociación Anahí, n.d.



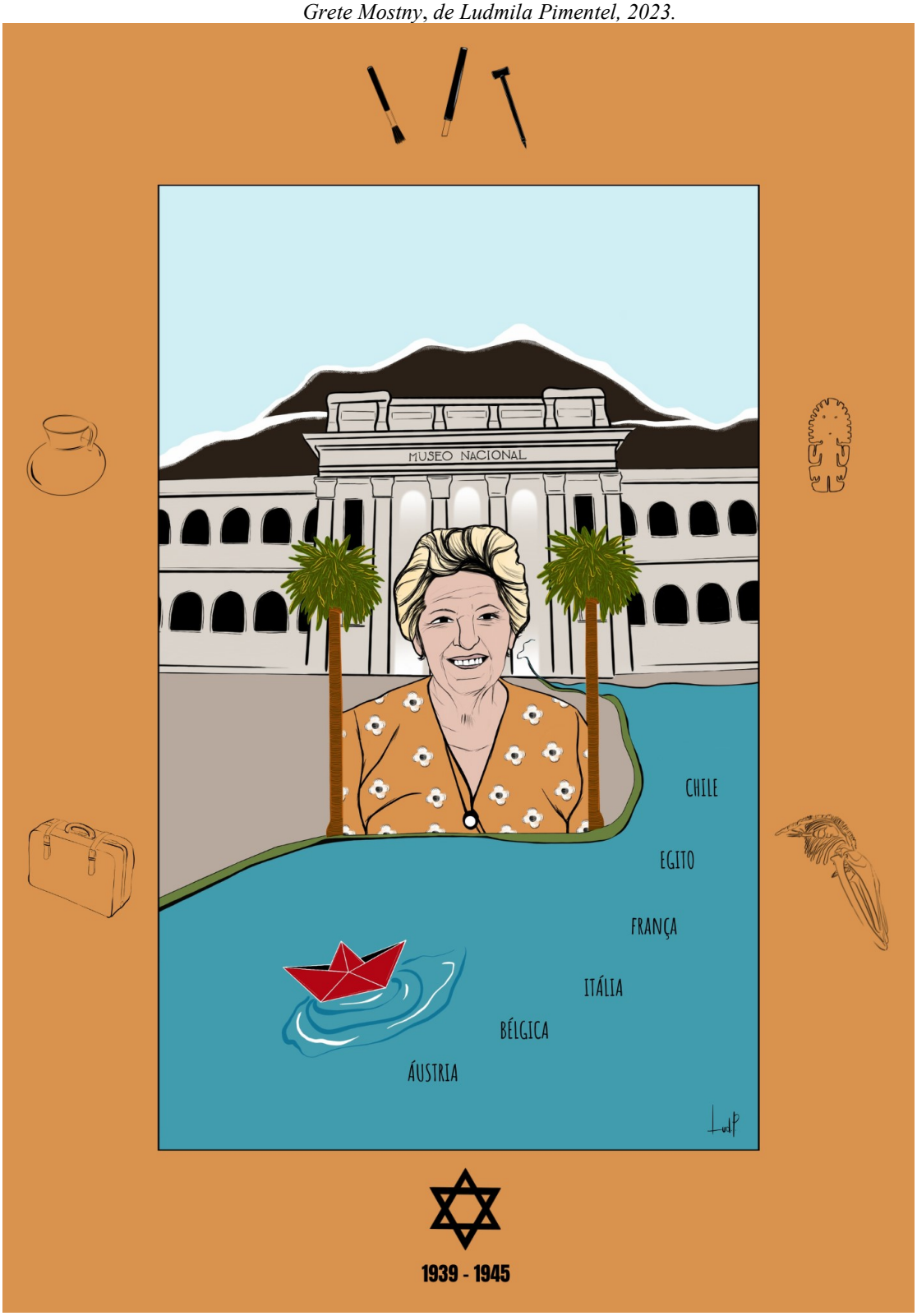


Fonte: Casa Mariani-Teruggi[423].

Os limões são uma referência ao local onde Diana Teruggi foi assassinada, ao lado do limoeiro existente no pátio interno da residência. E a mariposa é uma referência a lenda asteca “que dice que cuando un guerrerx muere, su alma se convierte en mariposa para acompaãr a lxs que siguen luchándo”[424]. Que nós profissionais dos museus, pesquisadoras/es da Sociomuseologia sejamos não apenas mariposas para acompanhar as/os que continuam lutando, mas sejam guerreiras/os a lutar contra o esquecimento dos genocídios do passado e a sua perpetuação no presente através de todas as mulheres, pois “grávidas ou não, elas carregam dentro delas a humanidade inteira” (Couto, 2021, p. 255).

[423] As figuras são dois adesivos que ganhei durante a minha visita a Casa Mariani-Teruggi, em La Plata, em setembro de 2023.
[424] Recuperado de: https://asociacionanahi.org.ar/asociacion-anahi/ , em 26 de outubro de 2023.

Figura 122 –
Grete Mostny, *de Ludmila Pimentel, 2023.*



Fonte: O autor.

CAPÍTULO 6 – A COORDENADORA DA MESA-REDONDA DE SANTIAGO DO CHILE, LA DOCTORA GRETE MOSTNY (1914-1991)

Le pido al dios de lo perdido, pequeño dios del despojo,
dios vacío, que cuide de tus cosas, las abrace.

La tristeza de las cosas, María José Ferrada (2017)

Como já sinalizado anteriormente, Grete Mostny foi uma das principais responsáveis pela realização da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972, como lembrou Hugues de Varine, em 2012, o “encuentro tuvo lugar gracias a la organización y al gentil recibimiento de la Doctora Mostny, quien era en esa época la directora del Museo de Ciencias Naturales de Santiago” (Varine, 2012, p. 4)[425]. Foi a pessoa responsável pelos trâmites oficiais entre a UNESCO/ICOM e o Governo do Chile, todavia, ela não estava sozinha nessa empreitada, muitas pessoas trabalharam com a doutora na organização, durante e depois do acontecimento.

Durante a minha pesquisa de campo em maio de 2022,

> “eu encontrei dois documentos nos quais ela aparece como a coordenadora da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, fato ausente na bibliografia e documentação existentes, num claro exemplo de apagamento do protagonismo de Grete Mostny. Outro fato desconhecido na bibliografia e nos documentos sobre a MRSC é o fato que ela foi a primeira a divulgar a Declaração de Santiago através de uma publicação do Museo Nacional de Historia Natural, em maio e junho de 1972” (Chaves, 2022b, p. 42)

Apesar da centralidade da representante chilena no acontecimento de 1972, Grete Mostny continua a ser quase desconhecida nas diversas Museologias, principalmente no Brasil e Portugal. Entendo que cabe à Sociomuseologia mapear os porquês dessas ausências e divulgar seu protagonismo, como forma de honrá-la.

[425] Durante “un acto conmemorativo de la Mesa de Santiago en el Museo Nacional de Historia Natural, una de las sedes en donde se trabajó el año 1972” (Trampe, 2012, p. 2).

Como exemplo dessa invisibilidade da centralidade da curadora do Museu Nacional de História Natural do Chile, Grete Mostny, podemos citar a recente obra *50 Anos da Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972-2022): novos olhares sobre os museus*, organizado pela pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz, Luciana Heymann (2023)[426]. A publicação está assim dividida, Parte I - Novas miradas para a Mesa de Santiago: história, memória e educação [cinco capítulos] e Parte II - Novos paradigmas, políticas e poéticas (cinco capítulos). Dos dez capítulos, o nome de Grete Mostny aparece apenas em dois. No capítulo *A Mesa-Redonda de Santiago do Chile – 1972: revisitada 50 anos depois*, de Maria Esther Alvarez Valente (2023), o nome da Coordenadora da Mesa-Redonda de Santiago aparece numa nota de rodapé contendo os nomes das/os participantes, com exceção das/os observadoras/es. No capítulo *Educação e formação profissional a partir da Mesa de Santiago: cenários, contribuições e (in)visibilidades*, de Carla Gruzman e Andréa Fernandes Costa (2023), Grete Mostny é citada no corpo do texto e nas referências.

Nos demais capítulos, tanto no corpo do texto quanto nas referências bibliográficas, o nome da representante/delegada do Chile na Mesa-Redonda de Santiago não aparece. É interessante observar que o nome do educador brasileiro Paulo Freire, o ausente mais presente no acontecimento de maio de 1972, aparece em seis dos dez capítulos da publicação, assim como o do então Diretor do ICOM, Hugues de Varine, que aparece em cinco dos dez capítulos. Estamos aqui a citar uma obra em homenagem aos 50 Anos da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, ou seja, cinco décadas depois a Coordenadora ainda é pouco reconhecida e pouco conhecida no Brasil e também em Portugal.

Aqui, eu estou a revelar alguns fragmentos biográficos escavados ao longo da pesquisa da pessoa que eu considero a mais importante da Mesa-Redonda de Santiago do Chile e que me afetou profundamente, inclusive exigiu um capítulo específico. Porém adianto que Grete Mostny merece muito mais do que um capítulo de uma tese, sua história de vida precisa ser investigada, debatida e publicada em todos os países da América Latina e Caribe, além de Portugal.

6.1 Fragmentos Biográficos

[426] O livro é um desdobramento do Seminário organizado pela Casa de Oswaldo Cruz, em setembro de 2022, no Rio de Janeiro.

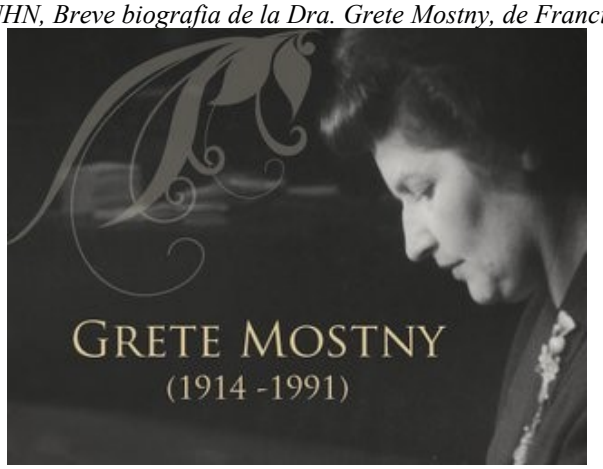
Iniciarei pelo breve resumo sobre Grete Mostny publicado na *Revista Museum* volume 2 (2012, p. 206):

> "Chilena. Estudou nas universidades de Viena (Áustria) e Bruxelas (Bélgica). Chefe da Seção de Arqueologia do Museu Nacional de História Natural do Chile (1943-1963). Diretora desse museu desde 1964. Diretor [Diretora] do Centro Nacional de Museologia de Santiago do Chile. Professora de antropologia cultural e de pré-história americana e chilena na Universidade do Chile (1950-1972). Presidente do Comitê Nacional do ICOM no Chile. Secretária do Comitê Internacional do ICOM para formação de profissionais de museus e membro do Conselho Executivo do ICOM. Publicou diversas obras, principalmente sobre a pré-história chilena". (IBRAM & Programa Ibermuseos, vol. 2, 1973/2012, p. 206)

A partir do trecho acima, é possível desdobrar alguns fragmentos biográficos da arqueóloga e antropóloga Grete Mostny. Além dos dados da autora presentes na *Revista Museums* de 1973 (IBRAM & Programa Ibermuseos, 1973/2012), existem duas publicações do Museu Nacional de História Natural do Chile sobre Grete Mostny, a primeira intitulada *Breve biografia de la Dra. Grete Mostny,* de autoria de Francisco Mouat, em 2007. A segunda [Figura 123], publicada em 2014, possui o mesmo título da primeira e o mesmo texto do referido jornalista sobre Grete Mostny, além de uma apresentação assinada por Claudio Gómez[427] e Soledad Villagrán[428], uma síntesis bio-bibliográfica[429], de autoria de Nieves Acevedo[430], uma matéria da *Revista de Domingo*, intitulada *Famosos recién casados*, datada de 28 de outubro de 1980, além de algumas imagens ausentes na publicação de 2007 (MNHN, 2007; 2014), entre outras.

[427] Diretor do Museu Nacional de História Natural na época da publicação.
[428] Na época da publicação, chefe de Comunicações e Desenvolvimento Institucional do MNHN. Até o dia 15 de junho de 2021, Soledad Villagrán permanecia no mesmo cargo.
[429] Resumida. A versão completa aparece no artigo *Recordando a Grete Mostny Glaser al cumplirse cien años de su natalacio*, do *Boletín del Museo Nacional de História Natural*, nº 63 (2014).
[430] Amiga e colaboradora de Grete Mostny. Eu cheguei a pensar na possibilidade de procurá-la via correio eletrônico, todavia, no dia 17 de julho de 2022, ao consultar o sítio do Museo Nacional de Historia Natural do Chile, eu li que a antropóloga tinha falecido cinco dias antes, no dia 12 de julho de 2021.

Figura 123 –
Publicação do MNHN, Breve biografia de la Dra. Grete Mostny, de Francisco Mouat, 2014.



Fonte: MNHN

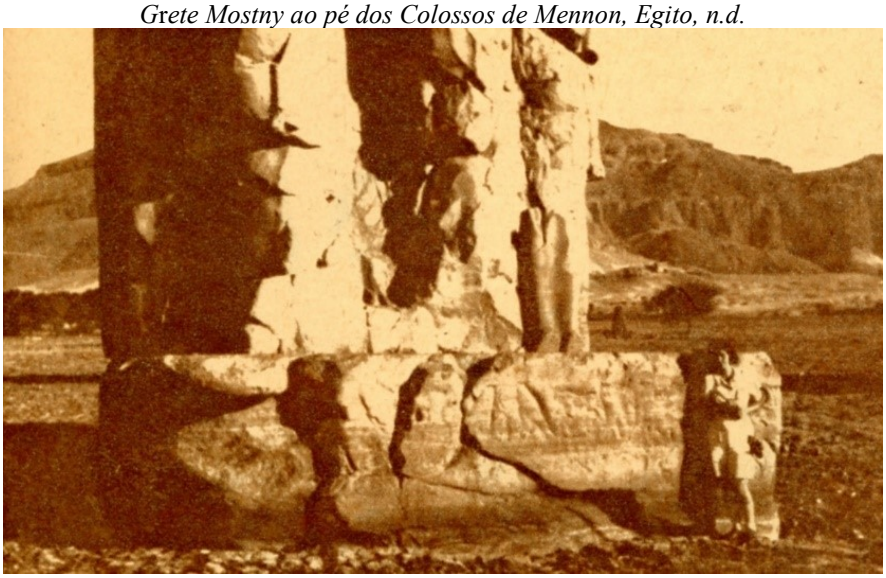
É importante destacar a ausência de qualquer referência à Mesa-Redonda de Santiago nas duas publicações do Museu Nacional de História Natural citadas anteriormente. Tamanho esquecimento causa estranheza, principalmente pelo seu empenho na organização do referido acontecimento. Penso que esse fato atesta o desconhecimento e/ou a importância da Mesa-Redonda sobre o Desenvolvimento e o Papel dos Museus no Mundo Contemporâneo para uma parcela das/os intelectuais chilenas/os. Cabe assinalar que em 2007, data do primeiro texto, ainda não tinha sido publicada a obra do IBRAM & Programa Ibermuseos (2012), diferentemente da publicação de 2014. Ainda sobre a ausência de referência à Mesa-Redonda de Santiago nos textos do Museu Nacional de História Natural do Chile (2007; 2014), estamos a falar de dois textos de um dos principais museus chilenos e uma das prováveis sedes do acontecimento. Compreendo, até certo ponto, o desconhecimento do jornalista Francisco Mouat sobre a Mesa-Redonda de Santiago no texto lançado em 2007; todavia, não entendo a ausência na publicação de 2014, até porque possui alguns textos escritos por profissionais altamente gabaritados da instituição: o Diretor Claudio Gómez; a chefa de Comunicações e Desenvolvimento Institucional, Soledad Villagrán e a curadora da Área de Antropologia, Nieve Acevedo. E, para fechar esse ponto, é necessário apontar, novamente, que, em 2014, ano da publicação do MNHN, *Breve biografia de la Dra. Grete Mostny*, a curadora da Área de Antropologia do Museu Nacional de História Natural, Nieves Acevedo, publicou o artigo *Recordando a Grete Mostny Glaser al cumplirse cien años de su natalacio*

no *Boletín del Museo Nacional de História Natural*, nº 63, 2014. Nesse artigo, ela cita a Mesa-Redonda de Santiago a partir de referências anteriores.

Grete Mostny Glaser era judia e nasceu em Linz, na Áustria, em 1914. O primeiro doutorado foi na Universidade de Viena, onde estudou Egiptología, Africanística y Prehistoria; contudo, não participou da cerimônia de titulação, no dia 15 de março de 1938, porque, dois dias antes, Hitler havia anexado a Áustria e, como judia, ela foi impedida de participar do evento[431]. O segundo doutorado foi realizado na Universidade de Bruxelas, onde estudou Filologia e História Oriental com menção ao Antigo Oriente. Grete Mostny transitou pelo Departamento de Egipitologia do Museu de História da Arte, em Viena; participou de uma Missão da Universidade de Milão ao Egito [Figura 124]; estagiou/trabalhou na Seção de Egiptologia do Museu do Castelo Sforzesco, em Milão, tudo isso antes de embarcar para o Chile, em 1939 (Durán, 1977; Azócar & Ruiz, 1993; MNHN, 2007; 2014; Acevedo, 2014). Na bibliografia citada anteriormente, não aparecem as datas referentes às viagens de estudos e estágios.

[431] “Ao término de la Segunda Guerra Mundial, el gobierno austriaco le envió a Chile el Doctorado que no habia alcanzado a recibir en 1938 y le ofreció además, un puesto en la Universidade de Viena, oferta que declino optando por permanecer en Chile y continuar su carrera científica en nuestro país, que la había acogido y que ya consideraba su segunda pátria”. (Acevedo, 2014, pp. 225-226).

Figura 124 –
Grete Mostny ao pé dos Colossos de Mennon, Egito, n.d.



Fonte: Centro de Investigaciones Diego Barros Arana[432].

Outro ponto importante e evidenciado no parágrafo anterior é a relevância dos museus em sua formação acadêmica. Teoria e prática estão imbricadas na trajetória da representante chilena na MRSC. Por outro lado, não podemos esquecer que estamos a nos referir a museus europeus coloniais, repletos de objetos etnográficos, muitos deles roubados ou comprados quase sempre a partir de relações de poder assimétricas. Todavia, eu não encontrei nenhuma referência sobre o posicionamento de Grete Mostny sobre esses museus coloniais.

Fugindo do nazismo, Grete Mostny e sua mãe viajaram “en el barco ‘La Rochelle’”[433] e desembarcaram em Valparaíso, em 1939. Elas vieram ao encontro do irmão/filho que aqui já residia há alguns meses. No mesmo ano de chegada, a arqueóloga e antropóloga austríaca inicia a sua trajetória no Museu Nacional de História Natural do Chile, acolhida pelo então Diretor, o antropólogo inglês Richard E. Latcham. Até 1943, ela trabalhou como assistente na Seção de Antropologia, quando assumiu a chefia. Nesse cargo, ela permaneceu até o ano de 1964, quando se tornou a Conservadora/Curadora/Diretora do MNHN, instituição vinculada à DIBAM. Grete Mostny foi a primeira mulher a dirigir essa instituição, o primeiro museu

[432] Recuperado de: https://www.centrobarrosarana.gob.cl/622/w3-article-94558.html?_noredirect=1 , em 29 de outubro de 2023.
[433] Apesar da grande quantidade de artigos, matérias jornalísticas com ou sem entrevistas, o nome do navio *“La Rochelle”* apareceu apenas na reportagem do jornal El Mercurio, Antofagasta, de 25 de dezembro de 1983, intitulada *Grete Mostny y sus 44 años dedicados a la investigación científica: Una mujer para admirar.*

chileno e um dos primeiros museus americanos, criado em 1830 e, para muitos, a mais importante instituição museológica chilena (Durán, 1977; Azócar & Ruiz, 1993; MNHN, 2007; 2014; Acevedo, 2014).

Em 1941 e 1942, realizou escavações com o arqueólogo Junius Bird do Museu Americano de História Natural. Em 1946, adquiriu a cidadania chilena [Figuras 125 e 126]. De 1950 a 1972, Grete Mostny foi professora de Antropologia Cultural, Pré-História Americana e Pré-história Chilena na Faculdade de Filosofia e Educação e de Arte Primitiva na Faculdade de Belas Artes, na Universidade do Chile. Em 1959, ela participou ativamente da criação da Associação de Museus Chilenos, posteriormente, Comitê Chileno de Museus. Em 1967, Grete Mostny foi condecorada (primeira classe) pelo Governo austríaco por Méritos em Artes e Ciências (Durán, 1977; Ortiz-Troncoso, 1992; Azócar & Ruiz, 1993; MNHN, 2007; 2014; Acevedo, 2014).

Figura 125 e 126 –
Grete Mostny, 1945.



Fonte: Museo Nacional de Historia Natural de Chile[434].

Desde 2013, a Universidade de Viena criou o Prêmio de Dissertação Grete Mostny. Em 2016, Grete Mostny foi homenageada com um monumento da artista Karin Frank no pátio das arcadas, na Universidade de Viena [Figura 127][435].

[434] Recuperado de: https://www.mnhn.gob.cl/noticias/buenos-dias-doctora-grete-mostny-me-concederia-una-entrevista , em 14 de janeiro de 2023.
[435] Recuperado de: https://hist-kult.univie.ac.at/ueber-uns/preise-und-auszeichnungen/grete-mostny-dissertationspreis/ , em 29 de outubro de 2023.

Figura 127 –
Monumento a Grete Mostny-Glaser no pátio de arcadas da Universidade de Viena, 2016.



Fonte: Beate Pamperl[436].

No artigo *Grete Mostny (1914-1991)*, escrito para o *Journal de la Societé des Américanistes* (1992), o arqueólogo e professor da Universidade de Amsterdã Omar R. Ortiz-Troncoso escreveu o seguinte:

> “Pienso que Grete Mostny fue el primer arqueologo chileno conocido internacionalmente (se habia naturalizado en 1946), cultivando relaciones permanentes con colegas e instituiciones dispersos a través de todo el mundo. (...) Su manejo fluído de varios idiomas, herencia de su temprana formación europea, facilitó sin duda este aspecto de su carrera. A manera de ejemplo puede citarse su participación en el Consejo Permanente de los Congresos Internacionales de Ciencias Prehistóricas y Protohistóricas, en la Asociación Latinoamericana de Museos, en el Consejo Ejecutivo del ICOM, en el Comité de Antropología del Instituto Panamericano de Geografía e Historia, etc. Múltiplos congresos contaron con su assistência y desde luego los Congresos Internacionales de Americanistas”. (Ortiz-Troncoso, 1992, p. 193)

A citação acima evidencia alguns pontos interessantes sobre a carreira de Grete Mostny; todavia, gostava de citar apenas dois: primeiro, a rede de relações formada com colegas e instituições em diversos lugares do mundo; segundo a referência aos diversos

[436] Recuperado de: https://hist-kult.univie.ac.at/ueber-uns/preise-und-auszeichnungen/grete-mostny-dissertationspreis/ , em 29 de outubro de 2023.

congressos que ela organizou ou em que colaborou. Esses dois pontos contribuem ainda mais para evidenciar o papel desempenhado pela então Diretora do MNHN do Chile junto à UNESCO/ICOM e na organização da Mesa-Redonda de Santiago.

Para Nieves Acevedo (2014), Grete Mostny foi a pioneira da Museologia chilena. Criou o *Noticiario Mensual del Museo Nacional de Historia Natural*, em 1956. Em 1967, criou as Juventudes Científicas de Chile, com o objetivo de incentivar as crianças em idade escolar a participar de clubes científicos nas áreas de Arqueologia, Astronomia e Ciências Naturais, juntamente com as/os professoras/es e profissionais de museus. As Juventudes Científicas de Chile deram origem à Feira Científica Juvenil e à Feira Científica Nacional Juvenil, organizadas pelo Museu Nacional de História Natural do Chile, com alcance nacional (Acevedo, 2014, p. 228; MNHN, 2007, p. 8; 2014, p. 18).

Grete Mostny, com o intuito de formar profissionais de museus e com o respaldo do ICOM, criou o Centro Nacional de Museologia – CNM, em 1968. Diversos especialistas europeus foram convidados a ministrar cursos nessa escola, uma das instituições pioneiras na formação em museus na América Latina. Apesar do esforço realizado pela curadora do Museu Nacional de História Natural do Chile e sua equipe, o Centro foi fechado em 1974, devido a vários problemas internos e externos (Acevedo, 2014, pp. 228-229). Provavelmente, alguns desses problemas estão relacionados ao golpe civil-militar, de 11 de setembro de 1973.

Sobre esse momento trágico para o Chile e para o mundo progressista internacional, Francisco Mouat escreveu o seguinte:

> “El golpe militar de 1973 fue un momento difícil para Grete y para los museos chilenos en general. Aquel martes 11 de septiembre, ella llegó a trabajar como cualquier outro día en su Fiat 125 rojo, sin saber que se estaba consumando un golpe de Estado. No fue la única que llego hasta el Museo. También lo hizo Nibaldo Bahamonde en su citroneta, y entre ambos fueron enterándose de lo que acontecía: los bandos por la radio, el bombardeo de La Moneda, el suicidio de Allende, el toque de queda. Un llamado telefónico de su madre la alerto sobre el horário definitivo para volver a su casa”. (MNHN, 2007, p. 12; 2014, pp. 28-30)

Sobre o período posterior ao golpe militar, Francisco Mouat (2007; 2014) deixou-nos algumas pistas:

> “El clima al interior del museo se puso áspero. Hubo numerosos despidos por razones políticas y los presupuestos para trabajar se redujeron notoriamente. Grete Mostny siguió adelante en su tarea, con

> gran vocación, a pesar de tener menos recursos y menos gente a su cargo”. (MNHN, 2007, p. 12; 2014, p. 30)

Diante dessas citações e do que já foi comentado anteriormente, certamente é a permanência de Grete Mostny à frente do MNHN, após o golpe militar de setembro de 1973, que demonstra a sua força política e suas relações sociais, além da competência profissional, evidentemente. A redução do orçamento contribuiu tanto para o encerramento do Centro Nacional de Museus.

O golpe civil-militar também inviabilizou possíveis desdobramentos ou iniciativas relacionadas a Declaração de Santiago, tanto pela redução do orçamento [sempre pequeno] quanto pelo novo cenário político, onde a censura, as prisões, os sequestros, os desaparecimentos, os assassinatos tornaram-se constantes, além da política neoliberal implementada ao longo dos anos pelo desgoverno usurpador.



Grete Mostny não teve filhas/os. O primeiro casamento foi com Fischel Wassner, um homem de negócios, dono de uma fábrica de guarda-chuvas[437]. Com a morte dele, em 1962, Grete Mostny permaneceu viúva até o ano de 1980, quando casou, pela segunda vez, com Juan Gómez Millas, professor e ex-reitor da Universidade do Chile, e ex-ministro da Educação do Chile que, não por acaso, substituiu o expositor peruano, o educador César Picón na *Revista Museum* de 1973 (2012), como citado anteriormente. Apesar de o matrimônio ter se realizado em 1980, ela com 66 anos de idade e ele com 80 anos, Grete Mostny e Juan Gómez Millas conheciam-se há muito tempo. Mesmo não tendo encontrado nenhuma referência bibliográfica, todavia, penso que a substituição referida acima foi por indicação de Grete Mostny.

Outro momento de proximidade entre Grete Mostny e Juan Gómez Millas foi em 09 de junho de 1977, no Salão de Honra da Universidade do Chile, quando a Sociedade Chilena de Arqueologia nomeou Grete Mostny como Membro Honorário dessa instituição. No

[437] Não consegui a data do primeiro matrimônio da arqueóloga Grete Mostny.

discurso inicial, o presidente da Sociedade Chilena de Arqueologia, Hans Niemeyer (1977), disse o seguinte:

> “De allí que hayamos elegido a dos personas que de alguna manera han estado o están estrechamente ligadas a su trabajo. En primer término la profesora de Historia y Geografía señora ELIANA DURÁN SERRANO, por años su brazo derecho en la Sección Antropología del Museo Nacional de Historia Natural, se referirá en forma sucinta a sus rasgos biográficos y bibliográficos. Posteriormente, el hombre público, ex Ministro de Educación y ex Rector de esta Universidad, por un decenio, DON JUAN GÓMEZ MILLAS hará el elogio integral que GRETE, su amiga, merece”. (Niemeyer, 1977, p. 5)

Três anos depois, a amiga Grete Mostny e o amigo Juan Goméz Millas se casariam [Figura 128]. Viveram intensamente uma linda história de amor e amizade, que durou aproximadamente sete anos, até 1987, quando, novamente, a chilena Grete Mostny se tornaria viúva. Quatro anos depois, em dezembro de 1991, um câncer fulminante levou à morte uma das grandes referências chilenas em Arqueologia, Antropologia e Museologia. Uma das pessoas que tornou possível a realização da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, na verdade, a principal protagonista do referido acontecimento, pois, sem ela, a Mesa poderia ter acontecido em qualquer outro lugar da América Latina. Mas, se aconteceu no Chile naquele momento, foi por causa de Grete Mostny, em articulação com o Governo socialista de Salvador Allende.

Figura 128 –
Grete Mostny e Juan Goméz Millas, 1980.



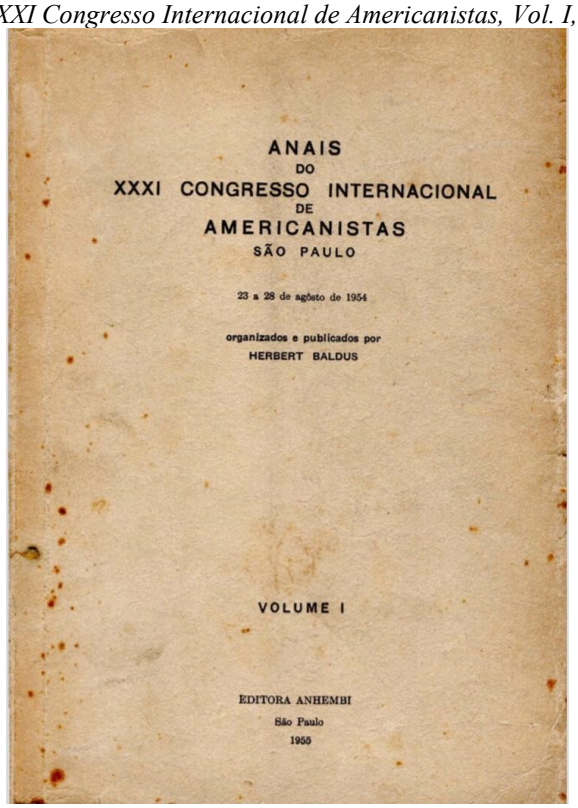
Fonte: Diario El Mercurio[438].

6.2 Grete Mostny e o Brasil

Eliana Durán cita a presença de Grete Mostny no Congresso Internacional de Americanistas, realizado em São Paulo, Brasil (Durán, 1977, p. 6), todavia, não aparece o ano do evento. Até o meu Júri Prévio, em março de 2023, essa era a única referência encontrada sobre a presença de Grete Mostny no Brasil. Porém, durante o Júri Prévio, a professora Vânia Brayner informou o ano do XXXI Congresso Internacional de Americanistas, em São Paulo, 1954, e posteriormente disponibilizou os *Anais* do referido evento, lançado no ano seguinte [Figura 129]. A partir dessa publicação, nós podemos acrescentar e fabular outros fragmentos biográficos de Grete Mostny durante a sua passagem pelo Brasil, em 1954.

[438] Recuperado de: https://www.facebook.com/photo/?fbid=10155012512056695&set=en-1980-la-revista-del-domingo-del-diario-el-mercurio-entrevist%C3%B3-a-grete-mostny-&locale=es_LA , em 29 de outubro de 2023.

Figura 129 –
Capa dos Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas, Vol. I, em São Paulo, 1955.



Fonte: Biblioteca Digital Curt Nimuendajú[439].

Como já assinalado no *Capítulo 5 – Fragmentos Biográficos das Participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972*, duas das participantes do futuro acontecimento de maio de 1972 estiveram presentes no XXXI Congresso Internacional de Americanistas: a antropóloga e arqueóloga da Seção de Antropologia, do Museu Nacional de História Natural do Chile, Grete Mostny [Figura 130] e a também arqueóloga e antropóloga colombiana, Alicia Dussán de Reichel. Outras e outros intelectuais citadas/os nessa tese também participaram do evento de agosto de 1954, em São Paulo, como: o antropólogo francês Paul Rivet; o antropólogo e arqueólogo austríaco-colombiano, esposo de Alicia Dussán de Reichel, Gerardo Reichel-Dolmatoff; a antropóloga brasileira e Diretora do Museu Nacional, Heloísa Alberto Torres; o antropólogo brasileiro, chefe da Seção de Estudos do SPI e o principal responsável pela criação do Museu do Índio [em 1953], Darcy Ribeiro; e o sociólogo brasileiro Florestan Fernandes. Não encontrei nenhuma referência sobre possíveis vínculos entre as/os intelectuais citadas/os, ainda assim, podemos fabular.

[439] Recuperado de: http://www.etnolinguistica.org/index:baldus-1955-vol1 , em 27 de março de 2023.

Figura 130 –
Grete Mostny, da artista Rosarlette Meirelles, 2023.



Fonte: O autor.

Provavelmente, Grete Mostny conversou pela primeira vez ou reencontrou o antropólogo e arqueólogo francês Paul Rivet durante o seu doutoramento na Bélgica em 1939, ela deve ter ido a Paris conhecer o Museu do Homem, inaugurado em 1938. No *Curriculum Vitae* de Grete Mostny (1987, p. 1)[440] consta que ela estagiou no Museu do Homem, em 1953, um ano antes do XXXI Congresso Internacional de Americanistas, realizado em São Paulo, em 1954.

E, por fim, podemos fabular outros encontros, principalmente, com a representante colombiana na Mesa-Redonda de Santiago, Alicia Dussán de Reichel; com a antropóloga e Diretora do Museu Nacional – MN, Heloísa Alberto Torres; além de conhecer o antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro que oportunamente a convidou para conhecer o recém-inaugurado Museu do Índio, localizado no Rio de Janeiro. No *Relatório de Atividades de 1954* do Museu do Índio, escrito pelo museólogo do SPI Geraldo Pitaguary, existe uma referência a realização de uma “recepção aos participantes do XXXI Congresso Internacional dos Americanistas, que passaram por esta capital” [Rio de Janeiro] (Chagas, 2009, p. 174).

[440] Fotografei rapidamente o *Curriculum Vitae* de Grete Mostny [ver Anexo 6] na casa do arqueólogo Rubén Stehberg, no bairro La Reina, em Santiago, no dia 23 de maio de 2023. Ele foi colega de Grete Mostny no Museu Nacional de História Natural do Chile. Atualmente, Rubén Stehberg está aposentado.

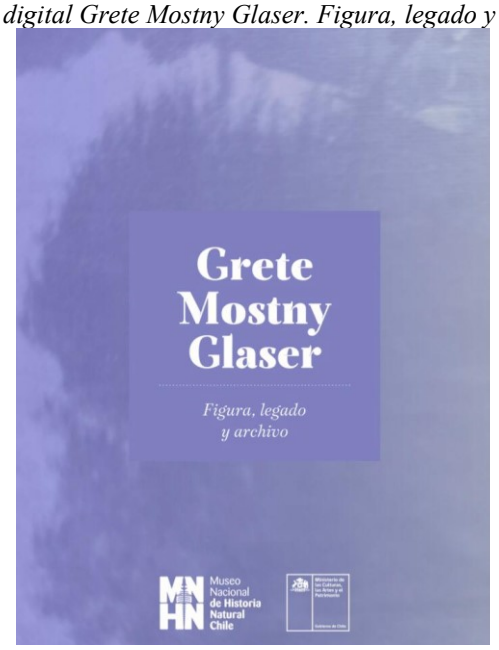
Para encerrar, no item «Becas» do *Curriculum Vitae* de Grete Mostny (1987, p. 2) há outra referência sobre uma visita a São Paulo, Brasil, em 1982. Ela recebeu uma bolsa do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura – IBECC para colaborar no *Seminário de Ensino de Ciências e Educação Científica Extraescolar*. Ao saber da participação de Grete Mostny nesse evento, eu pensei em fabular um encontro entre ela e a museóloga brasileira Waldisa Rússio Camargo Guarnieri. Cheguei a procurar algumas pesquisadoras especialistas na trajetória dessa última, Cristina Bruno, Inês Gouveia, Paula Talib Assad, Viviane Panelli Sarraf, todavia, ninguém conseguiu confirmar a presença de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri no referido seminário.

6.3 El Archivo Grete Mostny

No dia 14 de janeiro de 2023, ao acessar o sítio eletrônico do MNHN, eu encontrei uma matéria publicada no dia 2 de novembro de 2022, intitulada *El Museo Nacional de Historia Natural inaugura cuantioso archivo documental de Grete Mostny,* cujo conteúdo era sobre o trabalho de pesquisa, organização e conservação realizado nos últimos três anos com a documentação da arqueóloga, museóloga e antropóloga Grete Mostny, além do lançamento do livro digital *Grete Mostny: figura, legado y archivo* [Figura 131] e uma *«docuserie audiovisua»*[441], sob responsabilidade do historiador chileno Erick Figueroa Ortiz (2022). A *«docuserie audiovisua»* possui dois vídeos na página do Museo Nacional de Historia Natural de Chile no *YouTube,* o primeiro, *El legado de Grete Mostny - ¿Quién fue Grete Mostny?*[442] E o segundo, *El legado de Grete Mostny – Grete Mostny y la Arqueología*[443].

[441] Recuperado de: https://www.mnhn.gob.cl/noticias/el-museo-nacional-de-historia-natural-inaugura-cuantioso-archivo-documental-de-grete , em 14 de janeiro de 2023.
[442]Recuperado de: https://www.youtube.com/watch?v=gPrMgRg0UmA&list=PLqLfPtzDBrO6mcoD3bgLvu0Up-VKXOTvC&index=2 , em 14 de janeiro de 2023.
[443]Recuperado de: https://www.youtube.com/watch?v=M4Gfe9444AY&list=PLqLfPtzDBrO6mcoD3bgLvu0Up-VKXOTvC&index=1 , em 14 de janeiro de 2023.

Figura 131 –
Capa do livro digital Grete Mostny Glaser. Figura, legado y archivo, 2022.



Fonte: MNHN[444].

Não ouvi qualquer comentário sobre a existência de um arquivo documental da professora, antropóloga, museóloga e arqueóloga Grete Mostny quando visitei o Museo Nacional de Historia Natural de Chile durante a minha primeira viagem de campo, em maio de 2022, pelo contrário, um dos motivos da minha viagem de campo era pesquisar o paradeiro dos documentos institucionais e pessoais da doutora. Ouvi algumas versões sobre os documentos da curadora do MNHN, Grete Mostny: a primeira, de que sua aposentadoria foi em decorrência da falta de apoio do Governo à instituição que há tanto tempo ela dirigia, daí que, ao se retirar, ela levou consigo todos os seus documentos; a segunda, todos os bens, casa, mobiliário e documentos da doutora foram deixados de herança [após a sua morte, em 1991] para uma sobrinha residente nos Estados Unidos, filha do seu único irmão, Kurt Mostny. A herdeira teria levado toda a documentação, livros e alguns objetos em um contêiner para o país onde residia[445]. Por isso, a minha surpresa com a notícia da existência de um Archivo

[444] Recuperado de: https://www.mnhn.gob.cl/sites/www.mnhn.gob.cl/files/2023-01/Libro%20Dossier%20Grete%20Mostny%20Glaser_Enero%202023_p%C3%A1ginas_v2%281%29.pdf , em 27 de abril de 2023.

[445] Versões apresentadas informalmente com Yocelyn Valdebenito e Miguel Ángel Azócar, durante o trabalho de campo, em maio de 2022.

Documental de Grete Mostny no Museo Nacional de Historia Natural de Chile. Acessá-lo foi um dos principais motivos para retornar ao Chile, em maio de 2023.

Antes da viagem, eu entrei em contato com a Unidad de Comunicaciones y Desarrollo Institucional do Museo Nacional de Historia Natural e com a bibliotecária da Biblioteca Científica Abate Juan Ignacio Molina, Gabriela Riveros Allendes, a solicitar informações e acesso ao Archivo Documental Grete Mostny. A resposta foi entrar em contato [via correio eletrônico] com o responsável pelo referido archivo, o Curador Associado da Área de Arqueologia, o Prof. Francisco Garrido Escobar. Em seguida, eu combinei com o referido professor a minha primeira visita ao Archivo para o dia 3 de maio de 2023[446].

Fui alertado pelo historiador Erick Figueroa Ortiz e o arqueólogo Francisco Ortiz da quase inexistência de documentos sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972. Ainda assim, eu tinha esperança de encontrar algo, inclusive alguma fotografia. Porém, ao contrário do Archivo Historico Administrativo que temos acesso a todos os arquivos através de um *notebook*, no Archivo Grete Mostny isso não é permitido, o que me impediu de «bisbilhotar» todo o material digitalizado. Ainda assim, acessei algumas caixas com os documentos originais, todavia, pouca coisa eu encontrei. O documento mais interessante foi *um Caderno de Anotações* de Grete Mostny, contendo vários apontamentos, entre eles alguns sobre a Mesa-Redonda de Santiago. Ao retornar ao Brasil e conferir com mais calma, eu percebi que se trata de anotações [sem datas] anteriores ao acontecimento de maio de 1972. No entanto, eu não tenho certeza, pois a caligrafia de Grete Mostny não é fácil de decifrar, outras informações no *Caderno de Anotações* estão em francês e inglês. Não posso deixar de expressar a minha frustração em relação ao Archivo Grete Mostny, principalmente pela ausência de documentos relacionados à Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972[447].

6.4 El Despojo

Como já referido anteriormente, Grete Mostny faleceu aos 77 anos em decorrência de um câncer às 06:35 do dia 15 de dezembro de 1991, na sua residência na calle Coronel 2385,

[446] Quero aproveitar para destacar a simpatia e boa vontade do responsável pelo Archivo Grete Mostny, o professor Francisco Garrido.

[447] Durante a minha permanência em Santiago, eu tentei entrevistar o historiador Erick Figueroa Ortiz, no entanto, não foi possível.

departamento 32, entre Suecia y Los Leones, no bairro da Providencia[448]. “Cumpliéndose su última voluntad, sus restos serán cremados, a las 14 horas de hoy [16/12/1991], en el Cementerio General y posteriormente sus cenizas sepultadas junto a Juan Gómez Millas [ex rector de la Universidad de Chile], de quien era su viuda, en el Parque de Recuerdo”[449].

As informações que eu possuía a partir das narrativas de Yocelyn Valdebenito e Miguel Ángel Azócar relatadas em maio de 2022 eram que o despojo de Grete Mostny tinha sido enviado para uma sobrinha nos Estados Unidos. Os pormenores e desdobramentos desse episódio foram tomando forma desde então. No meu segundo encontro com o museólogo aposentado do MNHN, Miguel Ángel Azócar, no dia 16 de maio de 2023, perguntei se ele tinha participado da Cerimônia de Cremação do corpo de Grete Mostny e se ele conhecia o episódio narrado no *Prólogo: Como Osiris desmembrado. El archivo de Grete Mostny Glaser*[450], de Javiera Carmona Jiménez e Jorge Hidalgo Lehuedé (2023)

> “El momento previo a la incineración del cuerpo de Grete Mostny en el Cementerio General de Santiago fue el instante en que una distinguida dama dio un paso al frente, entre quienes habíamos acompañado el cortejo, para iniciar la ronda de discursos en su homenaje, comenzando en nombre de su prestigiosa institución. Sin embargo, con un gesto amable fue detenida por Juan Vilches, el abogado de Grete, quien advirtió con voz fuerte y calmada que en el testamento ella expresó su voluntad contra cualquier intento en su funeral de hacer discursos y rendirle homenajes. El gesto se sumó a un conjunto de decisiones que revelaron el deseo de Grete de evitar que sus pertenencias quedaran en Chile, incluídas sus notas de campo, fotografias, películas y otros objetos y documentos de enorme valor patrimonial. Todo lo dejaba en el país en el que vivió por 54 años debía ser enviado a su sobrina en Estados Unidos y así padecer los efectos del deterioro que imprime el paso del tiempo”. (Jiménez & Lehuedé, 2023, p. 13)

Miguel Ángel Azócar respondeu “que não compareceu, pois não estava em Santiago nessa data. Disse também que, conhecendo Grete Mostny, ele não duvidava da veracidade do

[448] *Falleció ayer destacada arqueóloga Grete Mostny* [artículo]. Las Últimas Noticias (Diario: Santiago, Chile). Archivo de Referencias Críticas. Disponible en Biblioteca Nacional Digital de Chile. Recuperado de: http://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/628/w3-article-189006.html . Accedido en 25/11/2023. No dia 23 de maio de 2023, o arqueólogo Rubén Stehberg corrigiu e disse que a residência da doutora Grete Mostny era na calle Carlos Antúnez.

[449] Recuperado de: http://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/628/w3-propertyvalue-976701.html#data=%7B%22page%22:1%7D , em 25 de novembro de 2023.

[450] Publicação *Grete Mostny Glaser. Figura, legado e archivo*, de 2023.

episódio. Por fim, pensa que a transferência do acervo pessoal da doutora para os Estados Unidos está relacionada ao desejo de deixar com a família e não tem nada a ver com algo parecido a revanchismo dela com o país que a acolheu, pois ela sempre fez questão de afirmar o quanto gostava do Chile, assim como sempre fez questão de mostrar gratidão ao país”. Por fim, o professor Miguel Ángel comentou que “quando a sobrinha de Grete Mostny esteve no Chile, quem a recebeu no MNHN foi o arqueólogo, hoje aposentado, Rubén Stehberg”.

No ano passado [2023], por indicação do professor e também arqueólogo Igor Parra[451], eu fiz contato com o arqueólogo Rubén Stehberg. Enviei algumas perguntas, todavia, ele nunca respondeu. Após a conversa com o museólogo Miguel Ángel Azócar, eu resolvi enviar a seguinte mensagem pelo *WhatsApp*[452]:

> “Estimado profesor Ruben Stehberg,
> ¿Cómo estás? Espero que estés bien.
> Por recomendación del profesor Igor Parra, el año pasado les envié algunas preguntas, sin embargo, por alguna razón, no respondiste. Lo más probable es que tu agenda esté muy llena. Tal vez, lo olvidé o incluso el tema de mi investigación no estaba interesado. Hoy supe que usted fue la persona que recibió en el Museo Nacional de Historia Natural a la sobrina de Grete Mostny cuando ella estaba en Santiago. Por favor, ¿sería posible que grabe un audio o escriba sobre esta reunión? Este encuentro es de gran interés para mi investigación. Profesor, soy museólogo y los recuerdos son fundamentales para mi trabajo. Mucho se ha perdido sobre la historia de vida de la Dra. Grete Mostny, por favor no dejemos que este encuentro se olvide. Me gustaría mucho que respondiera a las preguntas y hiciera una breve declaración sobre esta reunión. Creo que los audios serían más fáciles, luego yo me encargaría de transcribirlos y traducirlos al portugués.
> Ahora, si tiene algo de tiempo en su agenda y desea responder personalmente, estoy en Santiago y regresaré a Brasil el 1 de junio. Simplemente establezca una fecha, hora y lugar.
> Saludos cordiales”.

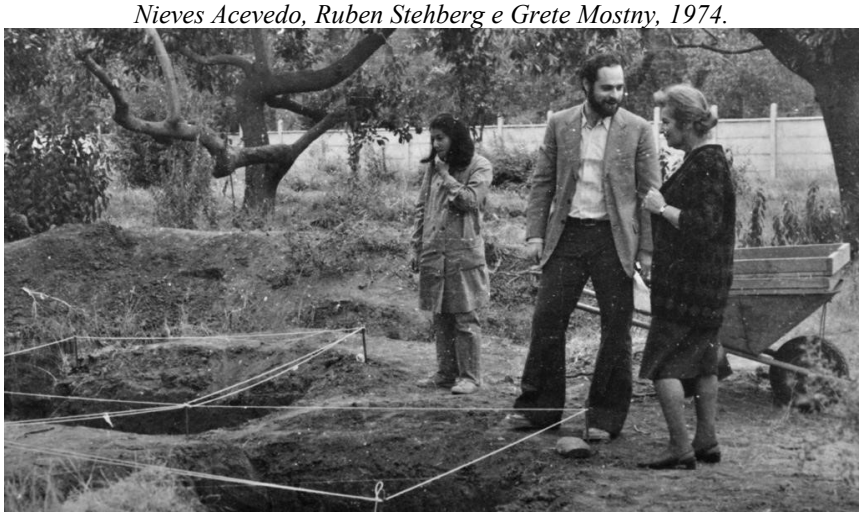
Para minha surpresa, ele respondeu logo em seguida: “Estimado Julio. Con gusto puedo responder sus preguntas. Puede llamarme a mi teléfono”. Daí conversamos um pouco pelo *WhatsApp*. Ruben Stehberg disse que esteve com Daniela, sobrinha de Grete Mostny, nos Estados Unidos e não em Santiago. Por fim, ele me convidou para ir à sua casa para

[451] O meu primeiro contato com o professor Igor Parra foi durante a minha primeira viagem de campo, mais especificamente no dia 14 de maio de 2022 através da rede social *ResearchGate* e posteriormente através de *e-mail*.
[452] Escrevi a mensagem e depois contei com a ajuda do *Google Traductor*.

conversarmos e disse também que gostava de me mostrar algumas fotografias de Grete Mostny e seu trabalho arqueológico[453].

A conversa com o arqueólogo Igor Parra no dia 23 de maio de 2023 foi bastante interessante. A partir das minhas perguntas, ele me respondeu o seguinte: desde criança ele conhecia a doutora Grete Mostny, pois o pai dele era amigo do irmão dela, Kurt Mostny. Ele começou a trabalhar no Museu Nacional de História Natural em março de 1974 [Figura 132].

Figura 132 –
Nieves Acevedo, Ruben Stehberg e Grete Mostny, 1974.



Fonte: MNHN[454].

Contou que o despojo de Grete Mostny está com a sobrinha Daniela[455], na Califórnia, Estados Unidos, como já relatado anteriormente. Disse que a convite dela, ele esteve na sua residência, onde encontravam-se as caixas [Figura 133] contendo o despojo da doutora Grete Mostny, cartas, fotografias, livros, anotações, etc. Contou que a sobrinha tentou doar os livros para duas universidades americanas, porém, essas não aceitaram.

[453] Passou o endereço e disse que poderia ser no dia 17 de maio de 2023. Eu expliquei que não poderia, pois já tinha programado e agendado visitar os arquivos Grete Mostny Glaser [pela manhã] e o Histórico Administrativo [pela tarde], no MNHN, também expliquei que precisava de um tempo para elaborar novas perguntas a partir da nossa conversa preliminar. O arqueólogo aposentado Rubén Stehberg vive no bairro La Reina. Ao ouvir ler o endereço, eu fiquei um pouco desanimado, além do longe da área central onde eu estava hospedado, o bairro La Reina é um dos bairros ricos de Santiago e realmente eu não queria visitar essa região. Para mim, a única coisa interessante nesse bairro, é que foi ali que Violeta Parra instalou a sua carpa nos anos 60.

[454] Recuperado de: https://www.mnhn.gob.cl/noticias/ruben-stehberg-mis-43-anos-en-el-mnhn , em 26 de novembro de 2023.

[455] Não consegui entender se os objetos foram deixados de herança para a sua sobrinha Daniela ou para a sua irmã Patricia, já falecida.

Figura 133-
Despojo de Grete Mostny, n.d.



Fonte: Ruben Stehberg.

Disse também que, Grete Mostny, antes de morrer, deixou evidente que o seu despojo não deveria retornar ao Chile. E que isso, provavelmente, tem relação com a forma como ela deixou o Museu Nacional de História Natural do Chile, em 1982. Segundo o professor Rubén Stehberg, o Diretor da Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos – DIBAM nessa época (1977-1986), Enrique Campos Menéndez[456], não gostava de Grete Mostny. O clima ficou insustentável e, por isso, ela fez uma proposta ao Diretor da DIBAM: ela se aposentaria e, em contrapartida, ele financiaria a nova exposição de longa duração do MNHN. Ele aceitou a proposta e, após a inauguração que contou com a presença do genocida Pinochet[457], Grete Mostny se retirou da instituição que a acolheu há 43 anos.

A partir da narrativa do arqueólogo Rubén Stehberg, eu gostava de destacar duas informações. A primeira, é sobre a versão, até então inédita, sobre a saída [aposentadoria] nada tranquila de Grete Mostny do Museu Nacional de História Natural do Chile, em 1982. A

[456] “Enrique Campos Menéndez (1914-2007), Asesor Cultural de la Junta Militar desde 1974, trabajó en diferentes organismos relacionados con el arte y la cultura en el Estado, siendo su puesto más importante el Director de la Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos, cargo que ocupó hasta 1985. De tendencia nacionalista y corporativista, fue quien diseño y planificó el primer proyecto de desarrollo cultural para el régimen, el cual no tuvo los resultados esperados” (Fritz, 2013, 110).

[457] Na matéria do jornal El Mercurio, Antofagasta, de 25 de dezembro de 1983, intitulada *Grete Mostnyy sus 44 años dedicados a la investigación científica. Una mujer para admirar*, Grete Mostny conta uma anedota “Cuando inauguramos la remodelación del Museo el año 1982, el Presidente Augusto Pinochet me dijo – usted no se acuerda de mi, pero yo en cambio sí me recuerdo de usted, yo estaba destacado en San Pedro de Atacama y me toco atenderla en una oportunidad en que usted fue allá a excavar – fue un diálogo muy simpático”. Grete Mostny viveu o suficiente para ver a derrota de Pinochet, em 1988. Penso que no momento da vitória do NO, ela tenha comemorado e lembrado do seu antigo aluno do Centro Nacional de Museologia, o detenido desaparecido, Oscar Eduardo Avello Avello.

segunda, é sobre a certeza da existência do despojo pessoal de Grete Mosnty na residência da sua sobrinha Daniela Mostny na California, Estados Unidos. Por isso, eu peço ao “al dios de lo perdido, pequeño dios del despojo, dios vacío, que cuide de tus cosas, las abrace” (Ferrada, 2017), pois tenho esperança que, no interior dessas caixas, exista alguma fotografia da Mesa-Redonda de Santiago e/ou existam outros documentos do até então mais importante acontecimento de museus da América Latina.

6.5 Outros Fragmentos Biográficos

Sobre o/os interesse/s da antropóloga, arqueóloga, professora da Universidade do Chile e curadora do Museu Nacional de Historia Natural, Grete Mostny (1971), ela fez uma breve e enigmática referência no trecho da carta citada anteriormente e endereçada a Hugues de Varine: “J’espère que le séminaire aura lieu ici. Ça m'aidera beaucoup”[458]. Como a realização da futura Mesa-Redonda a ajudaria? A resposta foi dada pelo Hugues de Varine, no dia 17 de agosto de 2023[459]:

> “Obrigado pela cópia da carta de Grete Mostny: a explicação do mal-entendido é muito simples. Obviamente, antes dessa carta, havia uma carta minha para Grete Mostny, falando de minha ideia de criar uma ‘agência’ regional do ICOM em América Latina (ela fala de Centro de Museologia), inspirada da Agência do ICOM em Ásia (em Nova Deli) liderada por Grace Morley. Quando Grete Mostny ouviu do projeto (UNESCO) de uma conferência regional em Chile, ela achava que as duas coisas estavam ligadas. Mas na realidade, a iniciativa esteve da UNESCO e só da UNESCO”.
> Não posso acrescentar mais sobre esse assunto, infelizmente.
> Abraços”

A resposta do então Diretor do ICOM, em 1971, fornece outra versão importante para o enigma relacionado ao silêncio de Grete Mostny, posterior a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em maio de 1972, a frustração relacionada a não implementação da «agência regional» do ICOM, utilizando a estrutura existente do Centro Nacional de Museología – CNM, inaugurado em 1968. O CNM, durante a sua curta existência, sempre necessitou mendigar verbas ao Governo chileno e colaboração da UNESCO e do ICOM para o seu funcionamento, tanto no Governo de Eduardo Frei, quanto no de Salvador Allende. O golpe civil-militar

[458] “Espero que o seminário aconteça aqui. Isso vai me ajudar muito” (Mostny, 1971). Tradução: Nathalie Pavelic.
[459] Eu enviei a carta para ele no dia 16 de agosto de 2023.

«jogou a última pá de cal» no Centro Nacional de Museologia, talvez o grante projeto de Grete Mostny.

Existe também uma versão defendida pelo museólogo aposentado do Museu Nacional de Historia Natural, ex-aluno do Centro Nacional de Museologia e discípulo de Grete Mostny, Miguel Ángel Azócar. Segundo ele, a censura, a política neoliberal e o «apagão cultural[460]» (Fritz, 2013; Calarezo & Cardoso, 2022), decorrentes do golpe civil-militar de 11 de setembro de 1973, impediram a circulação, o debate e a implementação da Declaração de Santiago do Chile durante as décadas de 1970 e 1980 no Chile. Segundo Miguel Ángel Azócar (2022),

> “Acá en Chile fue que tuvimos un golpe militar, toda la cosa que se propuso en la Mesa de Santiago desapareció, y todo lo que era la Nueva Museología las propuestas acá no se implementó, incluso la gente que tuvo participación en la Mesa, se olvidó o se quiso olvidar por razones entendibles, de lo que habría sido la Mesa, y el año 72. (…). Converse con gente que eran funcionarios del museo y que probablemente habían tenido contacto y participación y todos me daban las mismas respuestas: no me acuerdo, no sé, no estuve. No encontré absolutamente nada, algunas cosas que logre encontrar, y sobre eso empecé a rastrear, publiqué un par de cosas o una, no recuerdo (…). Y por esa misma razón es que yo insisto en eso, que creo que acá la gente tenía temor de hablar de eso porque como fue apoyada por el Gobierno de Chile que fue un Gobierno Socialista, mucha gente o se fue al exilio o perdió el trabajo, y tenía miedo de hablar de esto: me olvidó, no, no supe, no, no estuve”. (Azócar, 2022)

E por fim, existe uma versão defendida pelo professor, historiador, pesquisador, ex-presidente do ICOM Chile e coordenador da Catédra Livre Grete Mostny, Luis Alegría Licuíme[461]. Segundo ele,

> “El otro problema para la memoria de la Mesa y que también pega con el mito, que para el caso de Chile que fue sede y justo el golpe militar. Fueron diecisiete años de silencio y creo importante lo que dice

[460] Segundo Karen Donoso Fritz (2013), “La dictadura cívico militar liderada por Augusto Pinochet Ugarte, dejó profundas huellas en el Estado y la sociedad chilena. Caracterizada por ser fuertemente autoritaria y represiva, pero con un proyecto neoliberal , implementó una serie de políticas culturales que fueron funcionales a sus objetivos: por un lado, mantener el férreo control de la creación artística y producción cultural, para eliminar en todo aspecto el marxismo y sus campos de influencia; y por otro lado, socializar y naturalizar el nuevo sistema político-económico-social basado en las normas del libre mercado, que determinó la minimización del Estado y con ello, el abandono de todo tipo de intervención, fomento e incentivo estatal para el desarrollo cultural” (Fritz, 2013, p. 104).

[461] Entrevista realizada na maravilhosa Biblioteca del Museo Historico Nacional, em Santiago do Chile, no dia 30 de maio de 2022 às 10h00.

> Miguel Ángel Azócar de invisibilización de la Mesa. Miguel Ángel Azócar es quien comienza a hacer las primeras publicaciones de la Mesa. Coincide con el retorno a la democracia que fue en los años noventa. Esa historia de la Mesa de Santiago es una historia que comienza en los noventa, para el caso de Chile no hay otros registros, no hay nada. Ni siquiera… Escribe sobre la mesa de hecho hay una publicación, un texto, del año setenta y cuatro, setenta y seis Museos de Chile y no dicen nada de la Mesa. Bueno el contexto dictatorial, pero además creo yo que no fue tan relevante para Grete. Fue una Mesa donde se habló, pero tampoco tiene efecto sobre su pensamiento museológico, ella sigue con un pensamiento de museo como un espacio científico, de conocimiento. Bueno esta la Feria Científica con los jóvenes, los boletines para la difusión. Pero no hay un gran cambio en términos de su concepción. Entonces, para mí. (...) [Ella] Tiene un pensamiento más de derecha que de izquierda. Es importante porque estaba casada con un conservador. Tiene una mirada conservadora del mundo y creo que también la tiene. Por eso el museo tiene este componente científico, de investigación científica por sobre otros, o sea, eso es lo que ella organizo y proyecto en el museo. Revisando cosas de Grete Mostny, piensa el museo como un espacio científico de producción de conocimientos y de divulgación científica, la feria científica, los boletines, las publicaciones. Ella tiene muy pocos textos de reflexión museológica, pero si tiene de arqueología. Para ella no fue complejo no hablar de la Mesa de Santiago, sino que le era cómodo no hablar de la Mesa. Por eso Miguel Ángel Azócar en el caso chileno recupera la Mesa de Santiago”. (Licuíme, 2022)

Sobre os trechos da versão de Luis Alegría Licuíme sobre a ausência da Mesa-Redonda de Santiago do Chile e sua Declaração na trajetória de Grete Mostny nas décadas de 1970 e 1980, precisamos destacar e problematizar dois pontos. O primeiro, é destacar o papel central do museólogo Miguel Ángel Azócar na divulgação do acontecimento de maio de 1972, a partir do início da década de 1990. O segundo, em parte já analisado no *Capítulo 3 – A Programação da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972*, é o possível conservadorismo de Grete Mostny, exemplificado na ênfase da concepção de museu como um espaço predominantemente científico e também na quase inexistência de reflexão museológica na sua bibliografia. Entendo e, de certa forma, eu concordo com a análise do professor Luis Alegría Licuíme. Em relação à centralidade do museológo Miguel Ángel Azócar na divulgação da Mesa-Redonda de Santiago no Chile e com impacto na América Latina, no início dos anos noventa, é algo que necessita de maior divulgação e reconhecimento, principalmente, enquanto ele está vivo e com saúde.

Já em relação à concepção de museu predominante como um espaço científico, talvez mereça uma investigação que leve em conta a sua atuação como gestora da mais importante instituição museológica do Chile, durante muito tempo também o mais importante espaço de investigação científica daquele país. Grete Mostny nunca foi apenas museóloga ou apenas arqueóloga. Também foi professora universitária e gestora de uma instituição importante, entretanto, pobre. A sua gestão foi marcada pela busca constante de verba para reforma e manutenção de um edifício antigo, para pesquisa e aquisição de acervo, contratação de pessoal, etc. Ainda hoje, o Museu Nacional de História Natural do Chile não possui calefação central. Não podemos esquecer também que, apesar de não ter tido filhas/os e odiar cozinhar, Grete Mostny foi casada duas vezes e também viveu com a sua mãe, ou seja, cumpriu outros papéis paralelamente às funções citadas anteriormente, em outros termos, ela ainda tinha o «cuidado como trabalho». Diante de tantas frentes de trabalho, será que algum dia Grete Mostny pretendeu fazer reflexão museológica? Não possuo uma resposta. Todavía, em relação ao silêncio de Grete Mostny sobre à Mesa-Redonda de Santiago e sua Declaração, eu penso que é preciso investigar melhor. Acredito que Varine (2023), Azócar (2022) e Licuíme (2022) acrescentaram algumas peças nesse grande rompecabezas. E tenho esperança que existam outras peças no despojo localizado na casa da sua sobrinha Daniela Mostny, nos Estados Unidos.

Dois dias após a morte de Grete Mostny, aparece uma informação [no periódico *Últimas Notícias*, do dia 17 de dezembro de 1991] [Figura 134] sobre a sua última viagem e conferência em maio de 1991, no Museu Tiahuanacu, na Bolívia. Podemos fabular um encontro entre a historiadora da arte, Teresa Gisbert de Mesa e a antropóloga e museóloga chilena, Grete Mostny. E que um dos assuntos abordados durante um breve café foi a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972.

Figura 134 –
Matéria do periódico Ultimas Notícias, 1991.



Con Grete Mostny desaparece una gran científica nacional

3595 A&L

Con gran sencillez, como ella quería, fueron los funerales de Grete Mostny, destacada arqueóloga, quien falleció anteayer a los 77 años de edad.

Numerosos amigos, hombres relacionados con la ciencia, como Igor Saavedra, Hans Niemeyer, Sergio Prenafeta, Jorge Hidalgo, Leopoldo Castedo, Carlos Mercado, discípulos y alumnos asistieron al Cementerio General a despedir los restos de quien fuera directora del Museo Nacional de Historia Natural en la Quinta Normal.

Augusta Crino, directora del Instituto Chileno Norteamericano de Cultura, elevó un saludo cariñoso. "Grete Mostny era una persona de mucha sabiduría y de gran calidez", dijo a LAS ULTIMAS NOTICIAS. Agregó que la desaparecida científica trabajaba desde hace 40 años en el Instituto: "Ella murió siendo la presidenta en ejercicio del Comité de Ciencias del Instituto".

— ¿Qué aportes hizo?

— Colaboró en muchos aspectos. Era un miembro muy activo. Aportaba ideas..., participó en paneles importantes, como fue la Historia Precolombina de Chile.

La pintora Gilda Hernández dijo que Grete Mostny estuvo muy relacionada con la Escuela de Bellas Artes. "La conocí el año 86 en la XIV Conferencia Internacional del Consejo de Museos que se realizó en Buenos Aires. Conversamos mucho con ella. Era una sabia. Una humanista, una científica, y diría que era la única museóloga, en todo el decir de la palabra, que había en Chile en estos momentos".

Sonia López, una de las discípulas,

La doctora Grete Mostny durante su último viaje a Tiahuanacu.

expresó que hubo una idea de Grete Mostny que no alcanzó a ver: "La formación del Centro de Museología, que ella no vio estructurado y funcionando plenamente. Espero que en el futuro exista, tal como ella lo tenía pensado".

El ensayista Oscar Aedo recordó un viaje que hizo en mayo recién pasado a Bolivia con la doctora Mostny, viuda, como se sabe, de Juan Gómez Millas, quien fuera rector de la Universidad de Chile: "Hace unos meses, la doctora Mostny viajó a Bolivia, integrando una delegación cultural de la Universidad Privada Santo Tomás, de Chile, para reunirse con autoridades y académicos bolivianos con el objeto de iniciar los trabajos de creación de una universidad privada en Bolivia. En esa oportunidad, ante un numeroso público que repletó el auditorio del Museo Tiahuanacu, la doctora Mostny dictó la que sería su última conferencia. Esta versó sobre »Prehistoria de Chile«".

Añadió Aedo que, en La Paz, tomó contactos con antropólogos locales y reunía nuevos antecedentes para su próximo trabajo de investigación que estaba dedicado a la alimentación de los indígenas y su contribución a la alimentación europea, todo dentro de los actos de celebración del Quinto Centenario del Descubrimiento de América.

Ultimas Noticias 17-XII-1991. P. 35

000188033

Fonte: Archivo de Referencias Críticas[462].

Também gostaria de destacar o último trecho do texto do jornalista chileno Francisco Mouat (MNHN, 2007):

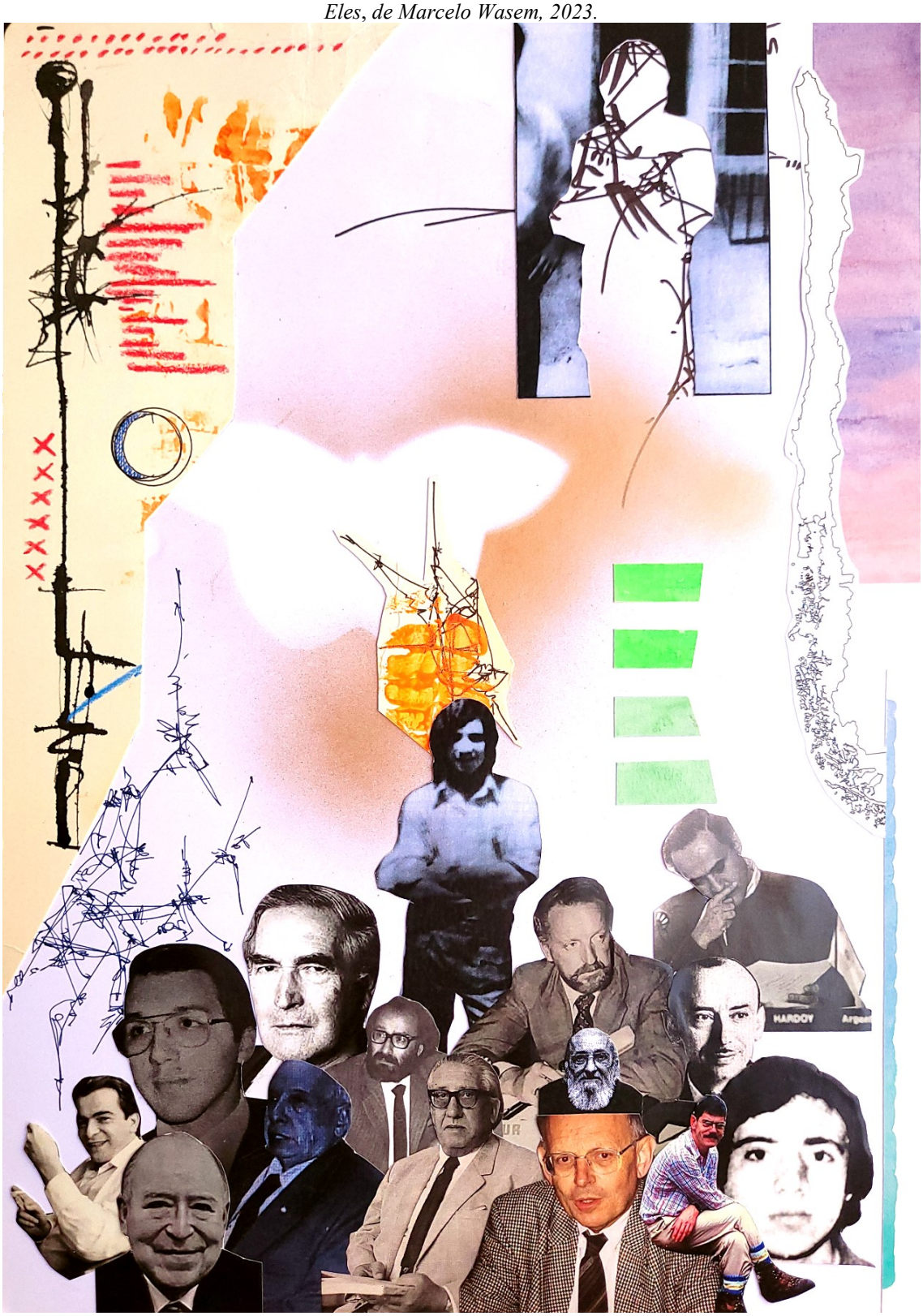
> “Pocos días después de su muerte, (...) el Congreso Nacional en pleno la homenajeó con un minuto de silencio. Sin embargo, entre los que más y mejor la conocieron queda la sensación, hasta hoy, de que su testimonio y ejemplo de vida no ha sido debidamente aquilatado por un país que olvida fácilmente a sus mejores ciudadanos. Esta pequeña biografía es un intento por reparar en parte esa deuda”. (MNHN, 2007; 2014)

[462] Con Grete Mostny desaparece una gran científica nacional [artículo]. Las Últimas Noticias (Diario: Santiago, Chile). Archivo de Referencias Críticas. Disponible en Biblioteca Nacional Digital de Chile http://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/628/w3-article-189101.html . Accedido en 28/11/2023.

Em alguma medida, eu espero ter contribuído, na diminuição dessa dívida, ao abrir a “gaveta do esquecimento” e retirar alguns fragmentos biográficos da Doutora Grete Mostny[463]. Dificilmente, uma tese terá o alcance de uma publicação como a do Museu Nacional de História Natural do Chile (2007; 2014), em que se encontra o texto de Francisco Mouat; ainda assim, eu espero que o esboço aqui delineado inspire pesquisadoras/es da Sociomuseologia a adentrar nas diversas histórias de vida de Grete Mostny e das demais mulheres que participaram da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em maio de 1972.

[463] Segundo Mouat (2007; 2014), no “Museo Nacional de Historia Natural, en la Quinta Normal, a donde entró a trabajar poco después de pisar suelo chileno, todos, sin excepción, la llamaban Doctora. Le manifestaban así su respeto, aun cuando entre pasillos se referían a ella de un modo más informal como La Gringa, por razones más o menos obvias: su facha inocultablemente europea, su condición de mujer nacida en Linz, Austria, a orillas del Danubio, y fundamentalmente ese acento extranjero que nunca abandonó por completo hasta el día de su muerte, em 15 de diciembre de 1991”.

Figura 135 –
Eles, *de Marcelo Wasem, 2023.*



Fonte: O autor

CAPÍTULO 7 – AUSENTES E PRESENTES: FRAGMENTOS BIOGRÁFICOS DOS PARTICIPANTES DA MESA-REDONDA DE SANTIAGO DO CHILE, 1972

Aqui no Brasil vivemos debruçados sobre o Atlântico, com os olhos voltados para a Europa, de costas viradas para a América do Sul.

A arte está em decadência, Mário Pedrosa (1978)[464]

Como já referido ao longo da tese, o destaque relacionado à Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972 foi direcionado para os homens, o francês Hugues de Varine, os argentinos Jorge Hardoy e Mario Teruggi, o mexicano Mario Vázquez, o equatoriano Hernán Crespo Toral, e o ausente mais presente, o educador brasileiro Paulo Freire[465]. Esses não apenas ofuscaram as participantes, como também, os demais participantes, como o uruguaio Héctor Fernández Guido, o salvadorenho Carlos de Sola, os peruanos César Picón e Federico Kauffmann, os panamenhos Enrique Enseñat e Raúl González Guzmán, o costariquense Luis Diego Gómez Pignataro, o gualmateco Luis Luján Muñozo, o poeta e Diretor da DIBAM Juvencio Valle, o Diretor da OREALC/UNESCO, Santiago, Simón Romero, além dos observadores, Jorge Irribarren, Sergio Villa-Señor, Sergio Chacón, Sergio Arriagada, Gabriel MacKellar, Paul Frings, Richard Hughes, Raraón Villarroel Gatica, Juan Salinas, Theodor Fuchs, Rene Vergara [Ricardo Vergara] e Oscar Eduardo Avello Avello. A ênfase nos primeiros refletiu na ausência de referências bibliográficas e documentos dos últimos, com raríssimas exceções.

De modo que, a frustração decorrente da inexistência de fragmentos biográficos de alguns dos participantes foi a responsável pelo adiamento constante da escrita desse capítulo. De certa forma, a distância espacial dos representantes da Guatemala, do Panamá, da Costa

[464] Sandroni, C. (1978). A arte está em decadência. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 2 de jun. Arquivo CEDEM – Centro de Documentação e Memória da Unesp. Fundo Mário Pedrosa.
[465] Os porquês da ênfase aos participantes Hugues de Varine, Jorge Hardoy, Mario Teruggi, Mario Vázquez e Hernán Crespo Toral e Paulo Freire serão delineados ao longo desse capítulo.

Rica e de El Salvador contribuiu para a dificuldade encontrada ao longo da investigação, por outro lado, esse mesmo problema não se justifica em relação aos representantes do Peru e do Uruguai e os observadores do Chile. Não tenho dúvida, que nos respectivos países existam documentos e referências biográficas sobre essas pessoas, entretanto, não foi possível encontrar interlocutoras/es dispostos a colaborar com a pesquisa, apesar das diversas tentativas. Tudo isso contribuiu com a reprodução daquilo que eu critiquei ao longo da tese, as ausências e os soterramentos de algumas pessoas. De modo que, por mais que eu tenha criticado, eu também colaborei na perpetuação de alguns nomes e muito pouco fiz em relação aos demais, talvez, esse seja o grande paradoxo da minha investigação. Por isso, caso isso não tenha ficado evidente, eu me encontro na lista das/os criticadas/os. Aqui, as críticas também me atingem, pois, «a carapuça me serviu».



Apesar de não possuir imagens de todas/os participantes, podemos afirmar que são todos homens brancos. Negros e indígenas dificilmente ocupariam cargos de lideranças naquela época[466]. Provavelmente, isso explica a ausência explícita do racismo [não apenas] nas discussões e na Declaração de Santiago.

7.1 A Equipe UNESCO/ICOM

7.1.1 Hugues de Varine-Bohan (1935)

Hierarquicamente, Jacques Hardouin é o segundo nome a aparecer nas duas listas (Mostny, 1972; 2012; Guido, (2012 [1973]), entretanto, eu resolvi inverter e apresentar resumidamente Hugues de Varine [Figura 136], pois algumas informações sobre as/os participantes, a equipe UNESCO/ICOM e as/os observadoras/es, foram divulgadas por ele ao longo dos últimos 50 anos. Como já mencionado anteriormente, Varine foi escolhido como o “guardião da memória” sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972, daí que muito do que sabemos foi narrado por ele, todavia, mais interessante seria termos várias/os “guardiães/ões da memória” sobre o referido acontecimento.

[466] Essa observação vale também para as/os demais participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile.

Como já mencionado até aqui, Hugues de Varine é o nome mais conhecido nas diversas Museologias. No caso específico da escola de pensamento da Sociomuseologia, Varine é conhecido por ter sido Diretor do ICOM de 1965 a 1974; por ser um dos organizadores da Mesa-Redonda de Santiago do Chile; por ter participado do referido evento e ser o seu principal divulgador desde então; por sua relação com o educador brasileiro Paulo Freire, e também por ser, talvez, o principal divulgador internacional da pedagogia freiriana no mundo dos museus e das Museologias; a sua relação estreita com o MINOM; além dos laços afetivos e profissionais com as/os trabalhadoras/es de museus e museólogas/os no Brasil e em Portugal, principalmente a partir da década de 1980.

Figura 136 –
Hugues de Varines, n.d.



Fonte: Diretoria de Museus do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia – DIMUS/IPAC[467].

Hugues de Varine nasceu em Metz, França, em 1935. Estudou História, Arqueologia e História da Arte. Colaborou com o Diretor do ICOM, Georges Henri Rivière, a partir do final da década de 1950, inclusive ocupando o cargo de Vice-Diretor dessa instituição[468]. Após a saída de Rivière, em 1965, Varine foi nomeado o novo Diretor do ICOM, posto que ocupou até o ano de 1974, como referido anteriormente[469].

[467] Recuperado de: https://dimusbahia.wordpress.com/2012/11/19/frances-hugues-de-varine-lanca-traducao-inedita-sobre-patrimonio-e-desenvolvimento-sustentavel-no-palacio-da-aclamacao , em 14 de janeiro de 2023.
[468] “subdiretor desde 1962” (Moro & Novaes, 2010, p. 41).
[469] Recuperado de: https://historiadamuseologia.blog/hugues-de-varine , em 10 de outubro de 2021.

Na entrevista presente no artigo *Hugues de Varine e os museus comunitários no Brasil*, realizada por Roberto Fernandes dos Santos Junior e Clóvis Carvalho Britto (2019), o ex-diretor do ICOM explica como surgiu seu envolvimento com o Brasil:

> "Tudo começou em 1987, quando Fernanda Camargo Moro, que eu tinha conhecido quando eu dirigia o Conselho Internacional de Museus, traduziu e publicou em português meu livro O tempo social (Editora Eça – em francês *L'initiative Communautaire*). Depois eu participei, em 1992 na primeira reunião internacional de ecomuseus no Rio de Janeiro, também organizado por Fernanda. Depois fui diversas vezes em Itaipu, Rio Grande do Sul, e Petrópolis (com Maria de Lourdes Parreiras Horta, que dirigia a equipe do Museu Imperial). Em 2001 e 2004, participei ativamente no segundo e terceiro Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários (II e III EIEMC) no Ecomuseu de Santa Cruz. Eu creio que duas razões expliquem meu envolvimento com o Brasil: eu poderia falar sobre o relacionamento dos museus com o desenvolvimento local, graças ao meu passado no Conselho Internacional de Museus e a minha profissão de agente de desenvolvimento; e também eu poderia falar um pouco de português, que eu aprendi em quase três anos em Portugal (1982-1984)". (Varine, 2019, p. 326)

Considero importante atentarmos para algumas questões. Varine escolheu o ano de 1987 como o início da sua relação com o Brasil, talvez pela publicação do seu livro em português e traduzido pela museóloga e arqueóloga Fernanda Camargo Moro[470], que ele já conhecia desde quando era Diretor do ICOM (1965-1974). Todavia, sua relação com o Brasil é bem anterior, pois em 1967, "em seu programa de viagem na América Latina, Hugues de Varine-Bohan, que sucedeu a Georges Henri Rivière na diretoria do ICOM, visita o Brasil no mês de fevereiro" (Moro & Novaes, 2010, p. 42). Também não podemos esquecer que, em 1972, Varine conheceu a representante brasileira, Lygia Martins Costa, durante a Mesa-Redonda de Santiago do Chile e, principalmente, pelo contato com o educador Paulo Freire desde os primeiros anos da década de 1970 (Varine, 1979; 2010; 2012; 2014). E, para finalizar, os comentários sobre a citação do envolvimento de Varine com o Brasil, é preciso destacar que, além das razões elencadas por ele, a trajetória no ICOM, como agente de

[470] Outro ponto importante a destacar é o nome da museóloga e arqueóloga brasileira Fernanda Camargo Moro. Penso que ela foi a grande interlocutora entre o ICOM e o Brasil desde a década de 1950 até o ano de 1993. Fernanda Camargo Moro, juntamente com Lourdes Novaes, esteve presente e atuante em quase todos os eventos do ICOM no período citado (Moro & Novaes, 2010). Por isso, é de suma importância acompanhar suas trajetórias no Brasil e no exterior e, assim, compreender as redes formadas por profissionais de museus e museólogas/os na América Latina e nos demais países de Ásia, África, Europa, América Anglo-Saxônica e Oceania.

desenvolvimento e facilidade com a língua portuguesa, podemos acrescentar sua militância junto ao MINOM, a partir da década de 1980.

Os fragmentos biográficos de Hugues de Varine estão presentes em todos os capítulos da tese, devido à sua importância em tudo o que diz respeito à MRSC, o que, de certa forma, contribuiu para o esquecimento das/os demais participantes. Muitos desses fragmentos biográficos de Hugues de Varine estão imbricados com os do educador brasileiro Paulo Freire, como veremos adiante.



Outra indagação, refere-se à ausência de Hugues de Varine na *Revista Museum* (1973/2012), fato esse que podemos afirmar que o então Diretor do ICOM foi escolhido ou escolheu-se como o “guardião da memória” da Mesa-Redonda de Santiago do Chile após a publicação do referido periódico. Nesse último, o “guardião da memória” escolhido foi o argentino Mario Teruggi.



Nós perdemos a chance de conhecer melhor os bastidores da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972. Debatemos muito sua Declaração e nos esquecemos de perguntar sobre o local, como e por quem ela foi elaborada. A ênfase dada por Varine a esse documento, de certa forma, transformou-se numa «maldição museológica», pois, se Varine foi o grande narrador do acontecimento de 1972 e, por isso, sempre requisitado para falar sobre a Mesa e a Declaração, nós nos esquecemos de ouvir as outras pessoas envolvidas. Muitas das lacunas existentes sobre os bastidores da Mesa-Redonda de Santiago dificilmente serão elucidadas, pois quase todas as demais pessoas estão mortas ou já não conseguem lembrar-se de detalhes importantes sobre esse acontecimento.

Ainda assim, eu penso que é importante continuarmos a pesquisar a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, como já citado. Se não temos pessoas vivas para dialogarmos, precisamos conversar com as/os mortas/os, pois “los muertos viven, vuelven de su mundo a

nuestro mundo, nos protegen o nos castigan, no son seres inertes y olvidables” (Rivera Cusicanqui, 2017, pp. 226-227), a partir dos documentos e referências bibliográficas deixadas pelas/os participantes. E também através de informações de algumas pessoas [ainda vivas] que conviveram ou escreveram sobre elas/es.

7.1.2 Jacques Hardouin[471]

Jacques Hardouin atuava no Departamento de Patrimônio Cultural da UNESCO, assim como Raymonde Frin, como atestam os dados do Quadro 2. Da equipe da UNESCO/ICOM, Jacques Hardouin é de quem eu consegui menos informações, por isso, ele foi abordado nas perguntas enviadas a Hugues de Varine, em 2021[472]:

> **“Julio Cézar Chaves**: O senhor pode me passar algumas informações básicas sobre a Sra. Raymonde Frin e sobre o Sr. Jacques Hardouin? Eu não consegui dados biográficos sobre a equipe da UNESCO presente na Mesa-Redonda de Santiago. **Hugues de Varine**: Não me lembro do Sr. Hardouin. Trabalhei unicamente com a Sra. Frin, que era o meu contato na UNESCO”.

O fato de ele não se lembrar de Jacques Hardouin é algo interessante. Numa pequena equipe de um acontecimento tão singular, como não se lembrar de uma pessoa? Três franceses, como esquecer a presença de um deles? Nem Hugues de Varine e nem Raymonde Frin citaram Jacques Hardouin durante seus discursos na inauguração da Mesa-Redonda de Santiago, no dia 20 de maio de 1972. O nome de Jacques Hardouin, como já relatado, aparece nas listas de Grete Mostny (1972/2012) e Héctor Fernández Guido (1973/2012), porém, não aparece nas transcrições existentes dos trabalhos[473]. Finalmente, parece-me importante lançar uma questão: Jacques Hardouin realmente esteve no Chile, em 1972? A resposta é não, pois considero impossível o esquecimento por parte de Varine de alguém numa equipe reduzida com a da UNESCO/ICOM. A participação de Jacques Hardouin pode ter sido pensada previamente, entretanto, tanto Grete Mostny quanto Héctor Fernández Guido não atentaram na publicação das suas respctivas listas.

7.1.3 Héctor Fernández Guido (1912-1989)[474]

[471] Não encontrei imagem e nem a data de nascimento do improvável membro da equipe da UNESCO, Jacques Hardouin.
[472] Questão 6.
[473] Documento *AHA_402_001 C-70*, intitulado *Mesa Redonda sobre la Importancia de los Museos*.
[474] Não encontrei nenhuma imagem do presidente da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, o uruguaio Héctor Fernández Guido.

O Diretor do Planetário Municipal de Montevidéu, Uruguai e presidente do acontecimento de maio de 1972, Héctor Fernández Guido, é uma das pessoas-chave da Mesa-Redonda de Santiago. Como presidente, ele foi responsável pela coordenação os debates e responsável pela elaboração do *Relatório Final*, entre outras funções.

No entanto, eu ainda não encontrei respostas sobre os motivos da sua indicação para dirigir a Mesa-Redonda de Santiago do Chile. Segundo Yazid Costa (2017), a Mesa-Redonda de Santiago do Chile ocorreu [também] em decorrência das discussões realizadas no Simpósio Internacional sobre os Museus no Mundo Contemporâneo, realizado em Paris, em 1969. E o uruguaio Héctor Fernando Guido foi o único participante latino-americano nesse evento (Costa, 2017, p. 37), o que nos leva a pensar que o convite para a presidência da Mesa-Redonda de Santiago do Chile pode estar relacionado à sua participação no referido simpósio.

Na lista de Grete Mostny presente na publicação do IBRAM & Programa Ibermuseos (1972/2012), ela inicia com o nome de Raymonde Frin, Jacques Hardouin, Hugues de Varine e Héctor Fernández Guido, esse último como o presidente da Região, o que indica a sua vinculação com a equipe UNESCO/ICOM, porém eu não encontrei nenhuma referência sobre esse fato. Provavelmente, Raymonde Frin explicaria o porquê da escolha do uruguaio para a direção da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972. Pensei na possibilidade de ele ter assumido a função prevista para o educador brasileiro Paulo Freire, entretanto, não foi bem assim, como veremos mais adiante.

Héctor Fernández Guido publicou na *Revista Museum*, volume 25, nº 3, 1973 (2012). O texto denominado *Uruguai* aparece no item *O Museu na América Latina: um panorama* (1973/2012, pp. 198-199), fato este que sinaliza que, além de Presidente, ele também foi o representante do Uruguai na Mesa-Redonda de Santiago, em 1972, por isso, ele é o único do Quadro 2 [equipe UNESCO/ICOM] que possui um pequeno resumo sobre a sua trajetória profissional na referida publicação,

> “Uruguaio. Professor e engenheiro industrial. Estudou no Instituto Tecnológico de Massachusetts (1949) e no Bureau of Standards (1948-1949). Professor de cosmografia e física (segundo grau); professor de engenharia elétrica da Universidade do Trabalho e do Instituto de Professores Artigas (1956-1972); professor de física (cursos de topografia e engenharia, 1946-1948; professor de engenharia elétrica (1951-1956); professor de astronáutica (Escola de Aviação Militar, 1961-1972). Diretor do Departamento de Comunicação da Faculdade de Engenharia (1956-1962) e seu reitor

> (1965-1966); diretor do Planetário Municipal de Montevidéu (1956-1972); diretor de educação, ciência e tecnologia (Ministério da Educação e Cultura). Membro titular da Academia Nacional de Engenharia”. (IBRAM & Programa Ibermuseos, vol. 2, 1973/2012, p. 205)

Cabe destacar, na pequena biografia do uruguaio Héctor Fernández Guido, sua formação e as áreas de atuação centradas nas Ciências Exatas e Tecnológicas, e a pouca relação com o campo museológico. Além desses dados, notamos algumas ausências relacionadas ao presidente Héctor Fernández Guido na publicação da UNESCO de 1973 (2012). A primeira é a ausência do *Relatório Final* escrito por ele sobre a Mesa-Redonda de Santiago, em 1972; a segunda é a sua ausência no editorial da referida publicação e as presenças de Mario Teruggi e Grete Mostny.

Por fim, precisamos investigar o porquê da escolha de alguém da área das exatas e tecnologias para a direção da Mesa-Redonda de Santiago do Chile. Provavelmente, o seu nome foi uma escolha da UNESCO. Foi a melhor escolha? Nunca saberemos. O que podemos afirmar é que no momento da votação do trecho mais radical da Declaração de Santiago do Chile, o «parágrafo preambular», Héctor Fernández Guido escolheu votar contra, numa atitude evidentemente conservadora, como vimos no *Capítulo 4 – A Palo Seco: uma «mirada nostálgica e ingenua» sobre a Declaração de Santiago.*



No texto denominado *Uruguai* (1973/2012, pp. 198-199), citado anteriormente, Héctor Fernández Guido escreveu o seguinte:

> “Quanto à Mesa-Redonda realizada em Santiago, no Chile, está prevista a realização de uma reunião dos diretores dos museus mencionados acima para discutir o seu relatório final. Nessa reunião, serão consideradas com especial atenção recomendações gerais e outras orientações que possam ser aplicadas a museus interessados em temas rurais e urbanos ou no desenvolvimento científico e tecnológico e sua relação com a educação ao longo da vida”. (Guido, 1973/2012, p. 199)

A realização de uma reunião para discutir com os diretores dos museus uruguaios[475] o *Relatório Final* é uma pista interessante para outras/os investigadoras/es, visto que esse encaminhamento deve ter sido para todas/os as/os delegadas/os participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972. A reunião do Uruguai de fato aconteceu? Se sim, será que existe algum documento sobre ela? São muitas perguntas e poucas respostas. Ao longo da pesquisa, eu fiz contato com o Planetário Agr. Germán Barbato a solicitar informações sobre Héctor Fernández Guido, todavia, a instituição nunca respondeu. Também, não consegui nenhuma fotografia do Presidente da Mesa-Redonda de Santiago.

E por último, não podemos esquecer que Héctor Fernández Guido foi escolhido como delegado do Uruguai na Mesa-Redonda de Santiago do Chile por um governo de direita e repressor, o presidente Jorge Pacheco Areco (1920-1998) ou Juan María Bordaberry (1928-2011)[476].

7.1.4 Simón Romero (1924-2007)

Segundo Grete Mostny (1972/2012), o Diretor da OREALC/UNESCO, em Santiago, o Dr. Simón Romero [Figura 137] foi um colaborador na organização da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972. Ainda assim, ele continua a ser um ilustre desconhecido na bibliografia sobre da MRSC. Eu tinha esperança de obter informações sobre Simón Romero na minha visita à Oficina Regional de Educación para América Latina y el Caribe de la UNESCO, entretanto, não foi possível conhecê-la. A frustração foi relatada no *Capítulo 3 – A Programação da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972.*

[475] As instituições citadas no referido texto são: o Museu Histórico Nacional, o Museu Nacional de Artes Plásticas, o Museu de Artes Decorativas, o Museu Nacional de História, o Museu e Escola Cívica Juan Zorrilla de San Martin, o Museu Regional de Maldonado, o Museu do Índio e do Gaúcho, todos esses vinculados ao Ministério da Educação e Cultura; o Museu Aeronaútico e o Museu Militar, vinculados ao Ministério da Defesa Nacional; o Museu Municipal de Belas Artes Juan Manuel Blanes, o Museu Municipal de História, o Museu de História da Arte, o Museu Zoológico Damaso A. Larranaga, o Parque Zoológico Pereiru Rassel, o Parque Zoológico Lecocq, o Planetário Agr. Germán Barbato e os Jardins Botânicos, vinculados à Secretaria Municipal de Montevidéu (Guido, 1973/2012).

[476] Como não consegui informações no Uruguai sobre Héctor Fernández Guido, não foi possível definir se ele foi escolhido pelo Presidente Jorge Pacheco Areco, que governou o país até o dia 1 de março de 1972 ou pelo Presidente Juan María Bordaberry que assumiu nessa data. Esse último, foi um governo fantoche das forças armadas do Uruguai de 1972 a 1976.

Figura 137 –
Simón Romero, n.d.



Fonte: UNESCO – Oficina Regional de #Educación para ALC[477].

O colombiano Simón Romero foi Diretor da OREALC/UNESCO em dois períodos: 1970-1975 e posteriormente de 1981-1985[478]. Na página dessa organização no *Twitter,* em 12 de setembro de 2023, aparece um belo fragmento biográfico sobre o colaborador da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972: “Em los #50añosDelGolpe en Chile, recordamos a Simón Romero Lozano, exdirector de la @UNESCOSantiago, quien en sus funciones entre 1970-1975, afrontó con decisión la protección de la vida de quienes buscaron asilo en la oficina de la UNESCO en Chile”[479]. Esse fragmento, até então enterrado e também não citado na bibliografia sobre a MRSC, talvez possa inspirar outras/os investigadoras/es a continuarem a mapear e escavar outros fragmentos sobre Simón Romero e a sua colaboração com o acontecimento de museus mais importante da América Latina.

7.2 Os Expositores

7.2.1 Enrique Enseñat[480]

Enrique Enseñat, Jorge Enrique Hardoy, Mario E. Teruggi e Juan Gómez Millas, publicaram no tópico *Museu e Sociedade na América Latina*, na *Revista Museum*, volume 25, nº 3, 1973 (2012), cujo tema geral foi O papel do museu na América Latina hoje. O texto publicado por Enrique Enseñat foi o mesmo apresentado na Mesa-Redonda de Santiago:

[477] Recuperado de: https://twitter.com/UNESCOSantiago/status/1701595675312738619 , em 04 de dezembro de 2023.
[478] Recuperado de: https://crearc.blogspot.com/2007/04/in-memoriam.html , em 04 de dezembro de 2023.
[479] Recuperado de: https://twitter.com/UNESCOSantiago/status/1701595675312738619 , em 04 de dezembro de 2023.
[480] Não consegui encontrar as datas de nascimento e morte do debatedor panamenho Enrique Enseñat.

Museus e desenvolvimento cultural no ambiente rural e o desenvolvimento da agricultura. Como as/os demais autoras/es que publicaram na referida revista, ele possui uma pequena biografia:

> “Nascido no Panamá. Engenheiro agrícola (Louisiana State University). Professor de política agrícola da Faculdade de Agricultura da Universidade do Panamá desde 1959. Diretor do Departamento de Agricultura, Panamá, 1949-1950. Funcionário permanente do Escritório Internacional do Trabalho, Genebra, 1950-1959. Fundador da Faculdade de Agronomia da Universidade do Panamá. Reitor daquela faculdade entre 1959 e 1972. Membro adjunto do Comitê Consultivo da FAO/Unesco/OIT para Educação Agrícola, Ciência e Capacitação”. (IBRAM & Programa Ibermuseos, vol. 2, 1973/2012, p. 205)

Além das informações acima, quase nada consegui sobre o expositor panamenho Enrique Enseñat. Ainda assim, podemos tecer alguns comentários: como o uruguaio Héctor Fernández Guido, parte da sua formação foi realizada nos Estados Unidos. Provavelmente, a escolha do panamenho deve-se à sua formação ligada à agricultura e ao seu vínculo com a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura – FAO e a UNESCO, pois, segundo Varine (2012, p. 142), as escolhas dos debatedores foram feitas em articulação com alguns membros da UNESCO.

Procurei outras informações sobre Enrique Enseñat, todavia, não consegui. No dia 18 de julho, eu resolvi enviar um *e-mail* para a Faculdade de Agronomia da Universidade do Panamá, solicitando informações sobre o expositor panamenho. No dia 20 de julho, o decano da Faculdade de Ciências Agropecuárias Eldis Barnes Molinar respondeu-me o seguinte: “le comunico que el profesor Enseñat fue fundador y primer Decano de la Facultad de Ciencias Agropecuarias de la Universidad de Panamá, se retiró hace más de 35 años y lamentablemente ya falleció” (Molinar, 2021). A única informação válida foi o falecimento de Enrique Enseñat, pois, até então, eu não tinha certeza se ele já tinha falecido. No dia 26 de julho, eu enviei outro *e-mail* para o decano a pedir algum texto sobre a trajetória de Enrique Enseñat; contudo, ele nunca respondeu. No dia 1º de novembro, eu acessei a página da Embajada de La República de Panamá e, a partir dos endereços eletrônicos disponíveis, encaminhei um *e-mail* solicitando informações sobre o panamenho Enrique Enseñat. No dia 24 de novembro de

2021, eu enviei um *e-mail* para a Sociedad Agronómica de Panamá solicitando informações sobre Enrique Enseñat[481]. Nem a Embajada e nem a Sociedad Agronómica responderam.

Enrique Enseñat foi o único dos debatedores que eu não consegui uma imagem, assim como Jacques Hardouin e Héctor Fernández Guido. Apesar da apresentação potente, ele numa atitude conservadora também votou contra o «parágrafo preambular» da Declaração de Santiago.

7.2.2 Mario Teruggi (1919-2002)

O argentino Mario E. Teruggi, na época da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, era chefe da Divisão de Mineralogia e Petrologia do Museu de La Plata. Foi o expositor responsável pelo tema *Museu e desenvolvimento científico e tecnológico*. O expositor argentino teve um papel de destaque na Mesa-Redonda de Santiago, a levar em conta a sua participação na *Revista Museum* volume 25, nº 3, 1973 (2012). Além do texto – *A Mesa Redonda de Santiago (Chile)* –, Mario Teruggi escreveu outros dois textos: no tópico *Museu e sociedade na América Latina*, ele publicou o mesmo texto apresentado em Santiago, em 1972; por fim, no item *O Museu na América Latina: um panorama*, escreveu o texto *Argentina*.

A pequena biografia publicada na *Revista Museum* volume 25, nº 3, 1973 (2012) lança algumas pistas sobre a trajetória profissional do expositor Mario Teruggi:

> "Argentino. Professor em tempo integral e chefe da Divisão de Mineralogia e Petrografia do Museu de Ciências Naturais de La Plata. Foi diretor desse museu e do Museu de Ciências Naturais Bernadino Rivadavia de Buenos Aires. Autor de 70 obras e pesquisas sobre temas de sua especialidade e autor de diversos estudos sobre museologia, assuntos gerais, linguística e literatura. Um mineral, a teruggita, tem esse nome em sua homenagem. Participou de diversos seminários, Mesas-Redondas e simpósios da Unesco". (IBRAM & Programa Ibermuseos, vol. 2, 1973/2012, p. 206)

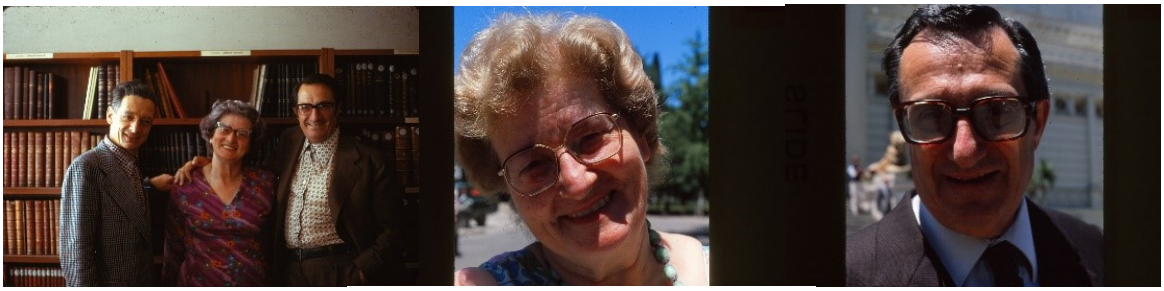
No trecho acima, fica evidente que o professor Mario Teruggi já atuava no mundo dos museus antes da Mesa-Redonda de Santiago; aliás, dos quatro expositores, era o único com ampla vivência no campo dos museus. Além de ter dirigido dois importantes museus argentinos, ele também participou de inúmeros encontros da área.

[481] A doutoranda e interlocutora da ULUSÓFONA Josiane Vieira foi quem compartilhou comigo o *e-mail* da Sociedad Agronómica de Panamá, no dia 23 de novembro de 2021.

No dia 05 de agosto de 2021, por sugestão do professor da Universidade La Plata Luis A. Spalletti[482], eu resolvi procurar a filha e os filhos do casal: Lilia Teruggi, Daniel Teruggi e Bernardo Teruggi[483]. Também enviei uma mensagem para o neto Numa Sosa, que trabalha na Universidade de La Plata[484]. Anteriormente, eu entrei em contato com o neto de Geovana Dawson Teruggi e Mario E. Teruggi, o sociólogo Marco Teruggi, esse último sem sucesso.

O filho Daniel Teruggi, que vive na França, respondeu-me dois dias depois [em 07 de agosto de 2021]. Compartilhou comigo o *link* da publicação do IBRAM & Programa Ibermuseos, [volume 1]. Eu insisti e perguntei se ele tinha alguma imagem do pai e da mãe em Santiago do Chile, mas ele respondeu que não e enviou-me três fotografias [Figuras 138, 139 e 140]. O professor Daniel Teruggi também me sugeriu a leitura do artigo *La Mesa de Santiago: su impacto en Huilquilemu, région del Maule, Chile*, do professor da Universidad Católica del Maule, Horacio Hernández Anguita (2018).

Figuras 138, 139 e 140 –
Desconhecido, Genoveva Dawson de Teruggi e Mario Teruggi; Genoveva Dawson de Teruggi; Mario Teruggi, n.d.



Fonte: Arquivo Pessoal da Família Teruggi.

[482] No dia 30 de julho, eu enviei um *e-mail* para o professor Luis A. Spalletti, do Centro de Investigaciones Geológicas – CONICET-UNLP, após a leitura do artigo *Mario E. Teruggi: un puente entre la ciencia y el humanismo*, de sua autoria (2016). Eu pedi informações sobre os arquivos do casal e explanei meu interesse sobre a presença de Genoveva D. Teruggi e Mario E. Teruggi na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972. No dia 05 de agosto de 2021, ele me respondeu que não tinha informações sobre a participação dela e dele no referido acontecimento e sugeriu que eu procurasse a filha e os filhos do casal nas redes sociais, pois ele não possuía os endereços [*e-mails*] dos familiares. Ainda segundo Luis A. Spalletti, a filha do casal, Lilia Teruggi, vive em Milão, na Itália, e é uma conhecida investigadora em Ciências da Educação; o filho Bernardo Teruggi é regente e vive na Argentina e Daniel Teruggi é um destacado investigador de música eletrônica, professor universitário e vive em Paris, França.

[483] Por meio de suas páginas no *Facebook*. Posteriormente, no dia 05 de novembro de 2021, eu perguntei ao filho mais novo do casal, Bernardo Teruggi, as datas de nascimento dos filhos vivos e da filha falecida, Diana Teruggi (1950-1976), através do *WhatsApp.*

[484] O nome Numa Sosa aparece nos agradecimentos do artigo de Luis A. Spalletti (2016) referido anteriormente. Daí eu o procurei na rede social *Facebook*.

A filha Lilia Teruggi nunca me respondeu. Por outro lado, e para a minha surpresa, no dia 15 de agosto, eu recebi uma ligação [não atendida] via *WhatsApp* do filho mais novo do casal, o regente Bernardo Teruggi. No dia seguinte, ele me enviou um áudio, colocando-se à disposição para conversarmos. No dia 07 de agosto de 2021, o neto do casal e professor da Universidade La Plata Numa Sosa respondeu o seguinte: disse que tentaria com a mãe, Lilia Teruggi, e a irmã Victoria Ayelen Sosa encontrar algum documento sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile. Sugeriu que eu procurasse sua irmã, que trabalha no Ministério de Cultura da Argentina e que atua na área de Museologia e Conservação (Sosa, N., 2021). No dia 09 de agosto de 2021, eu encaminhei uma mensagem para Victoria A. Sosa. A resposta chegou no dia 15 de agosto de 2021: ela encaminhou o volume 2 [a *Revista Museum*] da publicação do IBRAM & Programa Ibermuseos (2012). Disse também que não conhecia outros materiais sobre a participação de seus avós no acontecimento de 1972, por isso, sugeriu que eu procurasse algo na Universidade de La Plata. Disse-me que fez doutorado sobre patrimônio cultural e que também trabalha com museus comunitários na Argentina. E, por fim, desejou-me sorte com a minha tese (Sosa, V., 2021).

Quis destacar as tentativas de aproximação com a família de Genoveva Dawson de Teruggi e Mario Teruggi por vários motivos: o primeiro, pela facilidade de contato por meio das redes sociais, a partir da sugestão do professor Luis A. Spalletti; o segundo, a presença da publicação *Mesa Redonda sobre el Desarrollo y el Papel de los Museos en el Mundo Contemporáneo – Santiago de Chile, 1972,* do IBRAM & Programa Ibermuseos, 2012 entre as/os familiares das/os participantes e expositores; o terceiro, o fato da família não possuir nenhuma imagem do casal em Santiago, em 1972; por último, a gentileza da família, o que provocou mais admiração e respeito pelos Teruggi-Dawson.

Para além do contato com a família Teruggi, no dia 30 de julho de 2021, eu enviei um *e-mail* para o Archivo Histórico del Museo de La Plata. Seis dias depois, o Dr. Máximo Farro, Encargado de Coleciones y Atención de Consultas, respondeu-me a informar que o Museo de La Plata estava fechado ao público, devido à pandemia, mas, ainda assim, ele

compartilhou três artigos sobre o casal[485]. Posteriormente, no dia 23 de agosto de 2021, eu recebi outro *e-mail* do Dr. Máximo Farro:

> "Si bien no se puede aún acceder al Museo normalmente, aproveché uma visita de mantenimiento de rutina de las coleciones del Archivo para resolver su consulta sobre Genoveva Dawson y Mario Teruggi. Encontré sus CVs. Los más 'actualizados' que encontre fueron elaborados en 1970/1971. Lamentablemente, el limite cronológico máximo de los documentos de nuestro Archivo es le período de 1965-1970, por lo tanto no tenemos información sobre lo que ambos hicieron aqui en la instituición, con posterioridad a esas fechas. Tomé fotografias con mi teléfono celular de esos documentos. Se los envío aquí adjuntos, espero le sean de utilidade, junto a los artículos necrológicos que le envié en un correo anterior. Saludos y êxistos con su investigación".

Além da gentileza do Encargado de Coleciones y Atención de Consultas do Arquivo Histórico do Museu de La Plata, Máximo Farro, eu gostaria de destacar dois pontos relacionados às datas de atualização dos currículos do casal. O documento de Genoveva Dawson de Teruggi coincide com o ano citado por Máximo Farro, 1971 [julho], todavia, a última atualização do documento de Mario E. Teruggi foi em setembro de 1972, ou seja, após sua participação na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em maio de 1972. Não obstante, os currículos sinalizaram algumas pistas sobre a vida profissional do casal, como veremos a seguir.

O primeiro ponto que me chamou a atenção [no item Honores Recebidos] do CV de Mario Egidio Teruggi foi o seguinte: em 1968, ele recebeu a Medalla de Oro de la Municipalidad de Buenos Aires por su contribución científica en la inauguración del Planetario (Teruggi, 1972, p. 1). Apesar de não ser algo muito relevante, a informação destaca algo em comum com outro latino-americano presente na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, o Diretor do Planetário Municipal de Montevidéu, Uruguai, Héctor Fernández Guido. Embora eu não possua informações sobre uma possível proximidade entre os dois, considero importante sublinhar que ambos votaram contra o «parágrafo preambular» da Declaração de Santiago, como sinalizado no *Capítulo 4 – A Palo Seco: uma «mirada nostálgica e ingenua» sobre a Declaração de Santiago.*

[485] *Dr. Mario Egidio Teruggi: 18-II-1919 – 22-VIII-2002*, de Silvia Ametrano (n.d.); *Mario E. Teruggi: un puente entre la ciencia y el humanismo*, de Luis A. Spallett (2016); *Obituario: Genoveva Dawson de Teruggi, 1918-2012*, de María Lelia Pochettino & Julio Hurrell (2012).

Ainda sobre as informações contidas no CV de Mario E. Teruggi, gostava de destacar alguns dados relacionados à sua trajetória com os museus e com o Brasil. Como sinalizei anteriormente, entre os quatro especialistas, o argentino era o que possuía mais vivências com os museus. Entre os textos publicados, podemos destacar: *Seminário Regional sobre a Função Educativa dos Museus* (1959); *Os dois principais museus de Ciências Naturais da Argentina* (1959); *Uso das técnicas dos museus em Educação*, em colaboração com Genoveva Dawson de Teruggi (1959); *Pequeno e instrutor capítulo na vida do Museu de La Plata* (1963); *Os museus por dentro* (1964); *Um novo Museu Regional, Samay y Huasi, Argentina*, em colaboração com R. Bongiorno (1966). Participou da Oitava Conferência Geral do ICOM (1971); A Conferência Anual da Associação de Museus da Grã-Bretanha (1971). De 1958 a 1959, Mario Teruggi foi Diretor interino do Museu de Ciências Naturais Bernardino Rivadavia. Proferiu a conferência intitulada *A investigação científica e os museus*, na Reunião sobre museus e o mundo moderno, organizada pela UNESCO, em Santiago do Chile, em junho de 1972. Representou o Governo argentino no Seminário Americano sobre Função Educativa dos Museus, organizado pela UNESCO, no Rio de Janeiro, em 1958. Foi Vice-presidente do Comitê Nacional do Conselho Internacional de Museus da UNESCO desde 1958. Convidado e hóspede do Museu de Zoologia Comparada da Universidade de Harvard, Estados Unidos, de abril a junho de 1961. Representou o Museu de La Plata no Simpósio Internacional sobre Museus e investigação, organizado pela UNESCO, na Alemanha Federal, em agosto de 1968, e na Reunião da Associação Britânica de Museus, em Leicester, em julho de 1969. E, por fim, conferencista convidado no Departamento de Ciências Geológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em outubro de 1971 (Teruggi, 1972, pp. 1-14, tradução minha).

Mario Teruggi é um dos participantes mais interessantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile. Eu considero o artigo *A Mesa Redonda de Santiago (Chile),* publicado na Revista *Museum*, em 1973/2012 o grande memorial do acontecimento de 1972. Ali é possível perceber o entusiasmo de Teruggi e das/os demais participantes. Gostava de saber quem o

convidou para escrever o referido texto memorialístico? Os Editores do periódico? O Conselho Consultivo formado entre outras/os por Raymonde Frin e Mario Vázquez? Ou ele foi escolhido pelas/os demais participantes da Mesa-Redonda de Santiago? Por que não o Presidente Héctor Fernández Guido? São apenas perguntas para pensarmos juntas/os. Provavelmente, a escolha tenha sido pela sua ativa participação do início ao final do acontecimento, pelo fato de ter sido um dos membros iniciais do «comitê de trabajo» da Declaração de Santiago, juntamente com o mexicano Mario Vázquez, além do fato de ter sido “el padre de la idea” [museo integral] (Guido, 1972, p.188)[486].

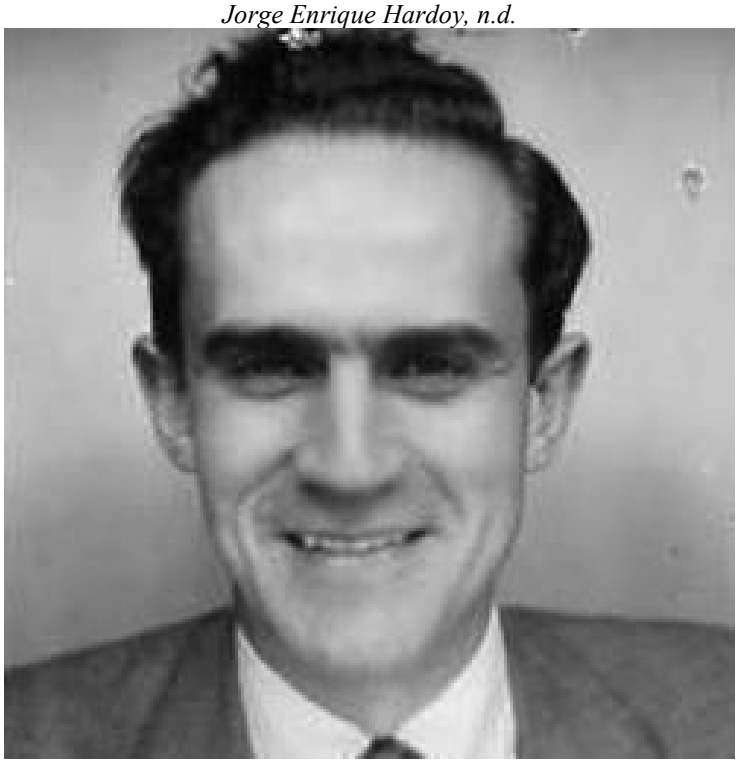
Caso estivesse vivo, o debatedor e delegado argentino Mario Teruggi seria um excelente interlocutor sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile. Todavia, nós esquecemos [propositalmente ou não] de procurá-lo e escutá-lo sobre o referido acontecimento de 1972. Aproveitaríamos para abraçá-lo em solidarieadade pela tragédia envolvendo a sua filha mais velha, Diana Teruggi, o seu genro Daniel Mariani e a sua neta, Clara Anahaí.

7.2.3 Jorge Hardoy (1926-1993)

O arquiteto e urbanista argentino Jorge Enrique Hardoy [Figura 141] é, provavelmente o expositor da Mesa-Redonda de Santiago do Chile mais citado e destacado por Hugues de Varine, juntamente com Paulo Freire. E também segundo Varine, como “a delegação diplomática do Brasil na UNESCO vetou a participação do Paulo Freire e tivemos como palestrante principal o argentino Jorge Henrique Hardoy, especialista em políticas de desenvolvimento urbano” (Varine, 2014b, p. 86).

[486] Documento *AHA_402_001 C-70*, intitulado *Mesa Redonda sobre la Importancia de los Museos.*

Figura 141 –
Jorge Enrique Hardoy, n.d.



Fonte: *John Simon Guggenheim Memorial Foundation*.

Antes da leitura do trecho acima, esse mesmo ponto foi abordado numa questão[487] enviada para Hugues de Varine, em 2021, pois o formato da Mesa-Redonda de Santiago era algo que me intrigava, na verdade, eu gostava de saber se após a recusa da delegação brasileira na UNESCO do nome de Paulo Freire houve alguma mudança no formato do acontecimento de maio de 1972. E ninguém melhor do que Hugues de Varine para responder:

> **“Julio Cézar Chaves**: Paulo Freire foi convidado para atuar como o moderador da área de Educação [assumido pelo peruano César Picón Espinoza] ou para ser o Presidente do evento [função assumida pelo uruguaio Héctor Fernández Guido]? **Hugues de Varine**: Ele foi convidado como “keynote speaker” e substituído por Jorge Enrique Hardoy”.

A substituição de Paulo Freire pelo arquiteto e urbanista argentino, Jorge Enrique Hardoy é um tema quase ausente na bibliografia e documentos primários referente à Mesa-Redonda de Santiago do Chile, além de pouco analisado. É como se a provável participação do educador brasileiro nos bastasse a ponto de esquecermos propositalmente ou não de

[487] Questão 5.

investigar seu substituto e a sua atuação. Além da participação de Hugues de Varine nesse processo, no meu entendimento temos aqui, pelo menos em relação ao Brasil, algo como um colonialismo interno, que de uma forma ou de outra procurou criar uma narrativa de um certo protagonismo do Brasil, através da figura de Paulo Freire. Eis um tema fascinante para pesquisar. O mais interessante disso tudo é, coincidente ou não, Jorge Enrique Hardoy foi o único entre os três debatedores que citou o educador brasileiro Paulo Freire durante os trabalhos da Mesa-Redonda de Santiago do Chile[488], fato esse ausente na bibliografia sobre o referido acontecimento. Ainda sobre a intrigante presença/ausência de Paulo Freire e também a sua possível influência na Declaração de Santiago serão retomadas mais adiante.

Jorge Enrique Hardoy não estava presente no dia votação do «parágrafo preambular» mais emblemático da Declaração de Santiago. Segundo Hugues de Varine (2021), "ele deixou a reunião depois de sua intervenção"[489], no dia 24 de maio de 1972. No documento *AHA_402_001 C-70 Mesa Redonda sobre la Importancia de los Museos* [transcrições], Jorge Enrique Hardoy esteve presente na apresentação do seu conterrâneo Mario Teruggi [tema 2*: Os museus e o desenvolvimento científico e tecnológico*], no dia 26 de maio de 1972 e também na conclusão do debate, no dia 27 de maio, provavelmente, ele deve ter retornado nesse dia ou no dia seguinte, dia da Excursão às cidades de Linares e Rancagua. Pelo papel desempenhado durante a sua passagem pela Mesa-Redonda de Santiago, suponho que Jorge Enrique Hardoy teria votado a favor «do parágrafo preambular», pois como já citado anteriormente, Lygia Martis Costa "teve uma atitude relativamente conservadora e não gostava das opiniões um pouco revolucionárias de alguns participantes ou palestrantes: Hardoy, Vázquez, Sola, por exemplo" (Varine, 2021)[490].

Como aponta Alejandra Ines Monti (2016), no artigo *Más que un experto. El rol de Jorge Enrique Hardoy en el Desarrollo de la disciplina urbana en América Latina*,

> "J. E. Hardoy no se encontró ajeno a las persecuciones del gobierno militar argentino, siendo que en el mês de mayo, y ante los preparativos de su estancia en Canadá con motivo de su participación en el Congreso Mundial del Hábitat, este actor fue retenido por un breve lapso, situación que generó un gran impacto en la comunidade de planificadores a escala internacional que, como en el caso del

[488] Como citado no *Capítulo 4 – A Palo Seco: uma «mirada nostálgica e ingenua» sobre a Declaração de Santiago.*
[489] Questão 20.
[490] Questão 11.

> diretor del Princeton Institute for Advanced Study, comunicaron a la Embajada de los Estados Unidos en la Argentina un pedido de informe sobre las condiciones del arresto y su pedido de excarcelación. Su liberación, agilizó su viaje a Canadá y su posterior radicación en Inglaterra junto a su família”. (Monti, 2016, pp. 20-21)

Ser exilada ou exilado não é um selo de garantia de uma vida anterior revolucionária, porém, é um sinal de que a pessoa exilada de alguma forma participou da vida política do seu país de origem. Aqui não estou a me referir a política partidária, mas a política no seu sentido mais amplo. O pouco que eu investiguei da história de vida de Jorge Enrique Hardoy ficou evidente a sua defesa do planejamento urbano, do meio ambiente, da pobreza urbana, da reforma agrária, etc. Além de divulgar e indicar, principalmente, na América Latina, os trabalhos realizados em Cuba nessas áreas como exemplos para os países em desenvolvimento (Schteingart, 1993; Gutiérrez, 1995; Monti, 2016).

A pequena biografia publicada na *Revista Museum* volume 25, nº 3, 1973 (2012) lança outras pistas para as/os futuras/os investigadoras/es da Mesa-Redonda de Santiago do Chile sobre a trajetória profissional de Jorge Enrique Hardoy:

> “Argentino. Bacharel em arquitetura pela Universidade de Buenos Aires. Doutor em urbanismo e planejamento territorial pela Universidade de Harvard. Atualmente, é o diretor de pesquisas do Centro de Estudos Urbanos e Regionais do Instituto Torcuato Di Tella de Buenos Aires, após ter sido o diretor-geral desse centro (1967-1969). Professor de planejamento urbano da Universidade do Litoral, Rosário (1956-1967); diretor dessa instituição (1961-1965). Presidente da Sociedade Inter-Americana de Planejamento (1966-1970). Professor visitante da Universidade de Yale (1970); bolsista da Fundação Guggenheim em 1960 e 1968. Autor de vários livros sobre urbanismo e planejamento do uso da terra, principalmente na América Latina”. (IBRAM & Programa Ibermuseos, vol. 2, 2012 [1973], p. 206)

Um dado interessante e ausente nessa pequena biografia[491] do arquiteto e urbanista argentino, Jorge Enrique Hardoy é o seu envolvimento direto com o mundo dos museus,

[491] Porque é posterior a 1973, data da publicação desse número da *Revista Museum.*

“desde 1984 presidió la Comisión Nacional de Museos, Monumentos y Lugares Históricos de la Argentina” (Schteingart, 1993, p. 715). Provavelmente, essa aproximação com os museus se deu a partir da sua experiência na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, na verdade, é uma hipótese bem plausível, todavia, eu não pude buscar e confirmar.

Outro ponto interessante para pesquisar é a relação do urbanista e arquiteto argentino com o Brasil, principalmente com o Centro Histórico do Pelourinho, em Salvador-BA, essa pista aparece no artigo já citado, *Jorge Enrique Hardoy: su aporte a la historia urbana de America Latina*, de Ramón Gutiérrez (1995): “a su regreso a la Argentina, tuve la suerte de acompañarlo en los estudios que realizamos para el Proyecto Regional de Patrimonio Cultural (PNUD-UNESCO) que dirigía Sylvio Mutal, sobre los Centros Históricos de Cuzco, Quito y Bahía” (Gutiérrez, 1995, p. 9).

E para finalizar os parcos fragmentos biográficos do animador argentino Jorge Enrique Hardoy, vale lembrar que ele foi um dos poucos participantes da Mesa-Redonda de Santiago que Hugues de Varine (2021) manteve contato, informação contida na resposta a seguinte questão[492]:

> **“Julio Cézar Chaves**: O Senhor manteve contato com os expositores, as/os participantes, as/os observadoras/es após a Mesa-Redonda de Santiago do Chile? **Hugues de Varine**: Sim, com Mario Vázquez, Alicia Dussán de Reichel, Hardoy e Hernan Crespo Toral”.

A investigação sobre a possível existência de correspondências entre Varine e Alicia Dussán de Reichel, Hardoy e Hernán Crespo Toral é algo que vale a pena pesquisar, entretanto, é preciso descobrir os arquivos pessoais ou institucionais da/os participantes. Certeza apenas da existência e localização do acervo bibliográfico e documental de Hugues de Varine, doado por ele ao concelho do Fundão e localizado no Centro de Estudos do Território, Mobilidade e Património – CETMOPA[493], no *Design Factory*, no Solar Vaz de Carvalho, Antigo Colégio de Santo António, na Rua da Cale, Fundão[494].

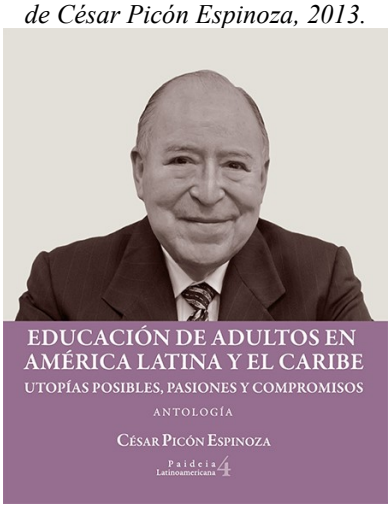
[492] Questão 12.
[493] Segundo a museóloga do Museu Histórico Nacional – MNH, localizado no Rio de Janeiro, Moana Soto, os responsáveis pelo CETMOPA são Luis Raposo e Pedro Salvado. Informação transmitida através do *WhatsApp* no dia 08 de dezembro de 2023.
[494] Recuperado de: Fundão - Município do Fundão - Ministra da Coesão Territorial inaugura “Design Factory” (cm-fundao.pt), em 08 de dezembro de 2023.

7.2.4 César Picón[495]

O expositor peruano César Picón [Figura 142], como já referido anteriormente e por um motivo ainda desconhecido, não publicou na *Revista Museum* de 1973 (2012). Todavia, ao começar a pesquisa, em abril de 2021, eu descobri que o educador peruano era o único expositor vivo, além de continuar a escrever sobre o tema pelo qual foi convidado para falar na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972: a Educação.

No dia 17 de julho de 2021, eu encaminhei uma mensagem através do sítio *Tarea Asociación de Publicaciones Educativas*, solicitando o *e-mail* do professor César Picón. Três dias depois, eu recebi a resposta, por meio de Zulema Balta, da Secretaría de Direção. No dia seguinte, 21 de julho, eu encaminhei um *e-mail* para o expositor peruano; todavia, ele não respondeu.

Figura 142 –
Capa do livro Educación de adultos en América Latina y el Caribe: utopías posibles, pasiones y comopromisos, de César Picón Espinoza, 2013.



Fonte: Flacso Andes[496].

Posteriormente, em setembro de 2021, eu encontrei o livro eletrônico *Formação continuada de professores: dialogando com Paulo Freire*, organizado por Maria Marly de Oliveira (2021). Por coincidência, o primeiro artigo da publicação é *Formación docente contínua en educación de jóvenes y adultos con miras a la emanacipación*, escrito pelo professor César Picón e a professora Nádia Rodrigues, da UFAL. Numa nota de rodapé, apareciam os *e-mails* da autora e do autor.

[495] Não encontrei a data de nascimento do debatedor César Picón.
[496] Recuperado de: https://biblio.flacsoandes.edu.ec/libros/143136-opac , em 08 de dezembro de 2023.

No dia 27 de setembro, eu enviei um *e-mail* para a professora Nádia Rodrigues, a pedir ajuda. Expliquei que eu tinha enviado um *e-mail* para o professor César Picón anteriormente, em julho de 2021, contudo, sem resposta. Também encaminhei outro *e-mail* para César Picón. Ao contrário da primeira tentativa, o expositor da Mesa-Redonda de Santiago do Chile respondeu-me no mesmo dia, disse-me que não possuía mais o relatório escrito sobre o referido acontecimento, mas que iria consultar alguns amigos da UNESCO. Também comentou que o acontecimento de 1972 "foi um diálogo muito reflexivo e propositivo desde os olhares dos museólogos e os educadores" (Picón, 2021a). No dia 28 de setembro, eu insisti e encaminhei outro *e-mail*, primeiro a agradecer pela resposta e também a pedir ajuda. Disse que gostava muito de ouvi-lo, pois o que eu estava a pesquisar não constava nos documentos existentes. Por fim, perguntei se eu poderia enviar algumas perguntas sobre o acontecimento de 1972. No dia 30 de setembro, ele me respondeu o seguinte: disse que desejava apoiar a minha pesquisa; que a professora Nádia Rodrigues da Silva conhecia a minha busca[497]; disse-me que estava a terminar um novo livro e que, ainda assim, eu poderia enviar as perguntas; por fim, escreveu que, "como educador, ele valorizava a minha persistência" (Picón, 2021b).

Com a colaboração da professora da UFBA, Graça Teixeira[498], nós adaptamos algumas das perguntas enviadas a Hugues de Varine, elaboramos outras e eu encaminhei no dia 1º de outubro de 2021 ao professor César Picón. Pedi que ele me enviasse as respostas até o início de dezembro de 2021. No dia 08 de dezembro, eu encaminhei outro *e-mail* a perguntar sobre as respostas, ele me respondeu que estava muito ocupado e que só a partir do dia 16 de dezembro de 2021 poderia me responder. Um mês depois, no dia 17 de janeiro de 2022, eu encaminhei outro *e-mail*, mas ainda não obtive resposta. Apesar de já não ter muita esperança, antes da minha primeira viagem de campo, no dia 18 de abril de 2022, eu pedi ajuda via correio eletrônico a professora Nádia Rodrigues e graças à sua intervenção, eu recebi o seguinte correio eletrônico do professor César Picón no dia 19 de abril de 2022:

> "Estimado Júlio
> Eu quero cooperar com você em sua pesquisa. Por isso lhe pedi um tempo, durante o qual eu he feito uma intensa busca de documentos

[497] A professora Nádia Rodrigues não respondeu ao *e-mail*; todavia, ela comentou com César Picón sobre a minha busca.
[498] Durante uma breve visita em Santa Cruz Cabrália, em setembro 2021.

> vinculados con o evento. Infortunadamente, não encontrei nenhuma referência. São 49 anos e minha memória é frágil. Lamento que não possa ser-lhe de utilidade como informante. Meu compatriota Federico Kaufman, museólogo muito conhecido, faleceu face algunos anos. Admiro sua persistência e seu compromisso com o tema. Espero que logre seu propósito.
> Um abraço.
> César Picón”. (Picón, 2022)

Durante meses eu aguardei ansiosamente as respostas enviadas ao debatedor César Picón Espinoza, responsável pelo tema *Os museus e a educação permanente* da Mesa-Redonda de Santiago, em 1972. Apesar de entender o conteúdo do correio eletrônico do educador peruano, eu fiquei frustrado e com muita raiva naquele momento. De fato, eu tinha esperança que ele respondesse, da mesma forma que o ex-diretor do ICOM, Hugues de Varine. Além disso tudo, César Picón ainda «matou» o arqueólogo Federico Kauffmann, como veremos mais adiante.

Ainda sobre o educador peruano César Picón, é importante salientar alguns pontos. O primeiro, já citado diversas vezes, não foi possível descobrir o motivo da substituição do de César Picón por Juan Gómez Millas na *Revista Museum* da UNESCO de 1973. O segundo, o porquê da ausência dele no dia da votação do «parágrafo preambular», pois ele estava nos últimos dias da Mesa-Redonda de Santiago. O terceiro, além da ausência da transcrição da apresentação do tema *Os museus e a educação permanente* e do posterior debate no *Archivo Historico Administrativo*, do Museo Nacional de Historia Natural do Chile, César Picón não esteve presente nas apresentações e debates dos demais temas, provavelmente, ele chegou no dia 29 de maio e retornou no dia 01 de junho de 1972, pois a sua apresentação ocorreu no dia 30 e o debate no dia 31. E por último, não consegui descobrir se César Picón conhecia Paulo Freire antes da Mesa-Redonda de Santiago e se em algum momento da sua apresentação e/ou debate ele citou o educador brasileiro. Talvez, alguns desses pontos pudessem ser respondidos pelo educador peruano, todavia, como relatado anteriormente, não foi possível.

7.3 Os Delegados

7.3.1 Luis Diego Gómez Pignataro (1944-2009)

O costarriquense Luis Diego Gómez Pignataro [Figuras 143 e 144] é outro delegado desconhecido no Brasil e Portugal. Luis Diego Gómez Pignataro tinha 28 anos

na época da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972. Ele foi o segundo delegado mais jovem, o primeiro foi o representante de El Salvador, Carlos de Sola com 23 anos.

Figura 143 e 144 –
Luis Diego Gómez Pignataro, n.d.



Fonte: *In Memoriam Luis Diego Gómez Pignataro 1944-2009*[499].

A biografia disponível na Revista *Museum* de 1973 (2012) indica caminhos para futuras pesquisas:

> “Costarriquense. Nascido em 1944. Estudou na Costa Rica e nos Estados Unidos. Graduado pela Universidade da Costa Rica (Departamento de Biologia), em 1969. Realizou pesquisas importantes sobre vegetais inferiores, particularmente pteridófitos. Publicou cerca de 50 artigos sobre temas técnicos, como paleobiologia e zoologia. Trabalha no Museu Nacional da Costa Rica desde 1970, inicialmente como chefe do Departamento de História Natural e atualmente serve como presidente da instituição. Editor para ciências naturais do periódico Brenesia. Membro da comissão responsável pela organização da Associação Latino-Americana de Museologia (1972). Foi professor de botânica geral, anatomia vegetal e botânica sistemática na Universidade da Costa Rica”. (IBRAM & Programa Ibermuseos, vol. 2, 1973/2012, p. 205)

Além dos dados disponíveis no periódico da UNESCO, eu não consegui outras informações sobre Luis Diego Gómez Pignataro. Ainda assim, é preciso relatar alguns fatos interessantes da vida do biólogo costarriquense. O primeiro, ele representou uma das poucas democracias existentes naquele momento na América Latina, o civil eleito democraticamente José María Hipólito Figueres Ferrer, esse foi o seu terceiro mandato, no primeiro deles (1948-

[499] Morera, Pedro. (2010). Luis Diego Gómez Pignataro 1944-2009. *Revista de Biología Tropical*, *58*(4), XIX-XXI. Retrieved December 16, 2023, from http://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77442010000400003&lng=en&tlng=es .

1949), ele aboliu o exército da Costa Rica e instituiu o voto feminino. O segundo, Luis Diego Gómez Pignataro votou a favor do intrigante «parágrafo preambular». O terceiro, provavelmente ele foi o participante que esteve mais próximo do observador Oscar Eduardo Avello Avello, pois trabalharam juntos durante a apresentação e debate do tema 3: *Os museus e o problema do meio ambiente,* como veremos no próximo capítulo.

7.3.2 Hernán Crespo Toral (1937-2008)

O equatoriano Hernán Crespo Toral [Figura 145] esteve no Brasil pelo menos em três momentos: no *Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus*, no Rio de Janeiro, em 1958 (Chagas & Rodrigues, 2019); no *1º Encontro Internacional de Ecomuseus* (1992), realizado no Rio de Janeiro, em maio de 1992; além da participação no *Seminário A Museologia Brasileira e o ICOM: convergências ou desencontros?* em São Paulo, em 1995 (Araujo & Bruno, 2010).

Hérnan Crespo Toral foi um dos participantes que Hugues de Varrine manteve contato após a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, como citado anteriormente. Eles se reencontraram em pelo menos três eventos posteriores ao referido acontecimento de 1972, no *Seminário A Missão dos Museus na América Latina Hoje: Novos Desafios*, realizado em Caracas, Venezuela, em 1992; no *1º Encontro Internacional de Ecomuseus* (1992), realizado no Rio de Janeiro, em maio de 1992; além da participação no *Seminário A Museologia Brasileira e o ICOM: convergências ou desencontros?* em São Paulo, em 1995.

Figura 145 –
Hernán Crespo Toral, n.d.



Fonte: «Crítica y Opinión Cultural»[500].

[500] Recuperado de: https://criticayopinioncultural.blogspot.com/2018/10/hernan-crespo-toral-y-santa-mariana-de.html , em 11 de dezembro de 2023.

Catorze anos após o *Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus*, no Rio de Janeiro, em 1958, ele reencontrou Lygia Martins Costa, Mario Teruggi, Mario Vázquez e Raymonde Frin (Chagas & Rodrigues, 2019) na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972.

A pequena biografia presente na Revista Museum, de 1973 (2012) evidencia alguns aspectos da trajetória profissional de Hernán Crespo Toral:

> "Nascido em Cuenca, Equador, em 1937. Graduado pela Faculdade de San José em Guaiaquil e formado em arquitetura pela Universidade Central do Equador, Quito. Premiado com uma bolsa de estudos Unesco em 1958-1959 para estudar museologia na École du Louvre, Paris, e fazer visitas de estudos que o levaram ao Rio de Janeiro, Burgos, Roma, Nápoles, México e Guatemala. Atualmente, é diretor fundador do Museu Arqueológico e das galerias de arte do Banco Central do Equador, Secretário Executivo da Associação Latino-Americana de Museus (ALAM) e Diretor Executivo do Instituto Nacional de Antropologia e História do Equador". (IBRAM & Programa Ibermuseos, vol. 2, 1973/2012, p. 205)

Podemos acrescentar apenas a sua atuação junto ao Escritório Regional de Cultura para América Latina e Caribe – ORCALC, em Cuba, principal responsável pela realização do *Seminário A Missão dos Museus na América Latina Hoje: Novos Desafios,* em Caracas, de 16 de janeiro a 06 de fevereiro de 1992. Na *Entrevista-depoimento* de Lygia Martins Costa (2005) presente na Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 31/2005 [*Museus: antropofagia da memória e do patrimônio*, organizada por Mário Chagas] e posteriormente republicada na obra *Museologia em Ação: homenagem à Lygia Martins Costa*, organizada por Mario Chagas, Lillian Alvares e Cícero Antônio Fonseca de Almeida (2010)[501] aparece um trecho envolvendo o equatoriano Hernán Crespo Toral. Após uma pergunta sobre a presença de Darcy Ribeiro na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, a entrevistadora e os entrevistadores[502] perguntam:

> "E: E o Hermán Crespo?
> L: Hernán Crespo, Diretor do Museu Central, que custeou a reunião, teve uma participação ativa todo o tempo.

[501] "Pesquisa de textos e iconografia: Luciana Palmeira da Silva, Marijara Souza Queiroz, Mirela Leite de Araujo, Taís Valente dos Santos e Valdemar de Assis Lima" (2010).
[502] Ana Carmen Jara Casco, Álvaro Mendes, José Antonio Nonato e Mário Chagas, funcionária e funcionários do IPHAN.

> E: O Crespo, e muita gente saiu do Museu com a contra-revolução de Pinochet.
> L: Você sabe para onde ele foi?
> E: Foi para Venezuela, depois Cuba e agora, nos últimos tempos, está na França, ligado à UNESCO.
> L: Ele é uma pessoa com uma visão maior do mundo, uma visão maior do que aquela coisa pequenina, que é a visão do ministério. Ele tem uma visão maior do País, uma visão maior do mundo, da inserção no mundo”.

Talvez pela idade avançada da entrevistada, a museóloga Lygia Martins Costa, na época com 90 anos, além da emoção de Ana Carmen Jara Casco, Álvaro Mendes, José Antonio Nonato e Mário Chagas naquele momento, algumas das informações existentes no trecho anterior precisam ser ponderadas:

- Provavelmente, quando Lygia Martins Costa disse “diretor do Museu Central”, ela quis dizer que ele era o diretor do “Museo Arqueológico” e “Galerias de Arte do Banco Central do Equador” (Crespo, 2008, p. 147; IBRAM & Programa Ibermuseos, vol. 2, 1973/2012, p. 205);
- Sobre o trecho “Hernán Crespo, diretor do Museu Central que custeou a reunião”, provavelmente, Lygia Martins Costa deve ter confundido com o *Seminário A Missão dos Museus na América Latina Hoje: Novos Desafios,* em Caracas, em 1992. Ainda assim, nesse evento foi o ORCALC que custeou juntamente com o Governo da Venezuela, entre outras organizações e instituições. Sobre a possibilidade da Mesa-Redonda de Santiago ter sido custeada também pelo Banco Central do Equador através de Hernán Crespo Toral, eu não encontrei nenhuma referência durante a minha pesquisa;
- Na pergunta da entrevistadora e dos entrevistadores: “O Crespo, e muita gente saiu do Museu com a contra-revolução de Pinochet”, eu desconheço qualquer relação entre o equatoriano e o golpe civil-militar de 11 de setembro de 1973 e a posterior ditadura comandada pelo genocida Pinochet, todavia, o fato de eu desconhecer a informação, evidentemente não descarta a possível veracidade dessa informação.

Ainda sobre esse trecho da entrevista com a museóloga brasileira Lygia Martins Costa, eu gostava de destacar a sua sensibilidade e entendimento do legado do equatoriano Hernán Crespo Toral, “Ele é uma pessoa com uma visão maior do mundo, uma visão maior do que

aquela coisa pequenina, que é a visão do ministério. Ele tem uma visão maior do País, uma visão maior do mundo, da inserção no mundo” (Costa, 2004, p. 306; 2010, p. 43). Esse trecho evidencia a trajetória do “arquiteto, museólogo, arqueólogo, poeta, aquarelista, artesão e gestor cultural[503]” (Crespo, 2008, p. 147) Hernán Crespo Toral no Equador, na América Latina e internacionalmente.

As trajetórias de todas/os participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile não cabem numa tese, o ideal seria uma tese para cada uma e cada um(a) das/os participantes. Sobre o delegado equatoriano Hernán Crespo Toral, eu preciso citar alguns projetos e cargos ocupados ao longo da sua carreira, além do Banco Central onde atuou por 26 anos; consultor da UNESCO e também Diretor da Oficina Regional de Cultura para a América Latina e Caribe, citado anteriormente, durante 13 anos; Diretor principal do Setor de Cultura da UNESCO e Diretor geral adjunto para a Cultura da UNESCO, em Paris; esteve envolvido na restauração do Centro Histórico de Quito, no Equador, processo esse que posteriormente levou ao reconhecimento como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO; e por último, não podemos deixar de citar o seu empenho e a sua participação na Declaração sobre a Diversidade Cultural adotada pela UNESCO, em 2001 e na Convenção Internacional sobre a Diversidade Cultural, em 2005 (Crespo, 2008)[504]. Esse pequeno e incompleto exemplo da trajetória de Hernán Crespo Toral corrobora a fala da museóloga Lygia Martins Costa citada anteriormente, todavia, eu gostava de repetir aqui: “Ele é uma pessoa com uma visão maior do mundo, uma visão maior do que aquela coisa pequenina, que é a visão do ministério. Ele tem uma visão maior do País, uma visão maior do mundo, da inserção no mundo” (Costa, 2004, p. 306; 2010, p. 43).

Para encerrar, não posso deixar de lembrar que o delegado do Equador, Hernán Crespo Toral votou a favor do emblemático «parágrafo preambular». E também, lamentar o fato dele ter sido convidado para falar no *Seminário A Museologia Brasileira e o ICOM: convergências ou desencontros?* em São Paulo, em 1995 (Araujo & Bruno, 2010) sobre o *Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus*, no Rio de Janeiro, em 1958. Perdemos a chance de escutar outras narrativas sobre A Mesa-Redonda de Santiago do Chile.

[503] Tradução minha.
[504] Tradução minha.

7.3.3 Luis Luján Muñoz (1934-2005)

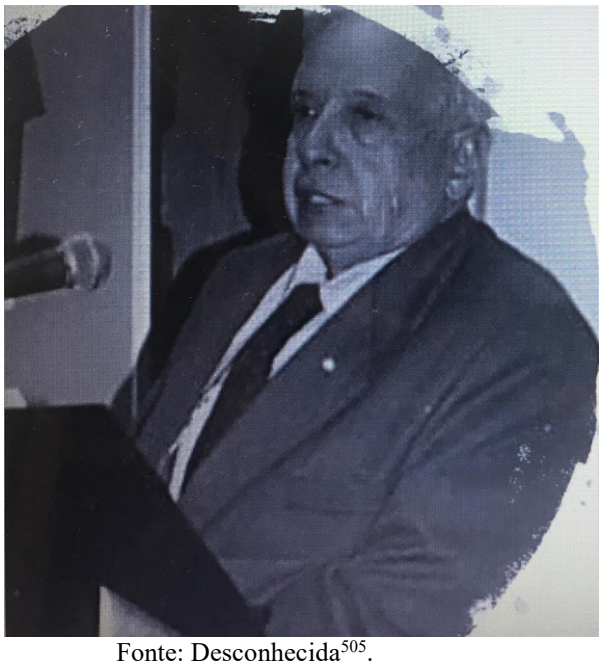
Luis Luján Muñoz [Figura 146], é outro participante quase que totalmente desconhecido no Brasil e Portugal. Apesar da existência de textos de autoria do representante da Guatemala e outros em sua homenagem, não pude me debruçar adequadamente, devido ao rumo da investigação. Se inicialmente, eu queria conhecer as/os participantes, no final esses últimos ficaram em segundo plano, a Mesa-Redonda de Santiago e suas ausências, soterramentos e silêncios ficaram em primeiro plano.

Podemos iniciar com a pequena biografia existente na Revista *Museum* (1973/2012),

> “Guatemalteco. Formado em história, professor de história de segundo grau e de estudos sociais da Universidade de San Carlos da Guatemala; estudou arqueologia na Escola Nacional de Antropologia e História do México. Diretor do Museu Nacional de História e Belas Artes (1966-1967) e do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (1967-1968). Diretor do Instituto de Antropologia e História da Guatemala desde 1968. Presidente da Comissão Nacional do ICOM. Professor da Universidade de San Carlos da Guatemala. Publicou diversas obras sobre história, antropologia e folclore da Guatemala”. (IBRAM & Programa Ibermuseos, vol. 2, 1973/2012, p. 206)

Interessante observar o vínculo do gualtemateco Luis Luján Muñoz e a Escola Nacional de Antropologia e Historia do México e também com o ICOM. Provavelmente, ele conhecia o delegado do México na Mesa-Redonda de Santiago, Mario Vázquez.

Figura 146 –
Luis Luján Muñoz, n.d.



Fonte: Desconhecida[505].

O arquivo de Luis Luján Muñoz está localizado na Biblioteca Ludwig von Mises de la Universidad Francisco Marroquín, na cidade da Guatemala, todavia, o acesso aos documentos é apenas presencial[506]. Talvez, o arquivo possua algum documento relacionado à Mesa-Redonda de Santiago do Chile ou correspondência entre o delegado da Guatemala e as/os demais delegadas/os após o acontecimento de 1972. Luis Luján Muñoz foi um dos participantes que votou a favor do «parágrafo preambular».

7.3.4 Mario Vázquez (1923-2020)

O representante do México na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, Mario Vázquez [Figura 147] é um dos participantes mais conhecidos no Brasil e em Portugal. Em primeiro lugar pela sua participação no *Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus*, no Rio de Janeiro, em 1958, onde deve ter conhecido ou reencontrado Hernán Crespo Toral, Mario Teruggi e Lygia Martins Costa. Conheceu também o Museu do Índio e talvez, tenha conhecido o antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro. Em segundo lugar, pela sua atuação no «badalado» Museo Nacional de Antropología, localizado na Cidade do México. Em terceiro, pela sua atuação durante a Mesa-Redonda de Santiago.

[505] Essa foi a única imagem que eu consegui durante a pesquisa, porém, no momento eu esqueci de anotar a fonte, posterioremente, eu tentei encontrar novamente a imagem, todavia, não a encontrei.

[506] Essa informação foi passada por Andrea Rodriguez, da Biblioteca Ludwig von Mises de la Universidad Francisco Marroquín.

Figura 147 –
Mario Vázquez, n.d.



Fonte: Instituto Nacional de Antropología y Historia – INAH[507].

Mario Vázquez aparece na já referida *Entrevista-depoimento* com Lygia Martins Costa (2004): “E: Mário Vázquez, que era argentino... L: Mário Vázquez não era argentino, era mexicano. Era muito amigo meu. Ficamos amigos aqui, em 1958, naquela reunião do Rivière. Depois estive com ele no México” (2004, p. 305; 2010, n.d.). O museógrafo mexicano também esteve envolvido no projeto do Museu do Homem de Minas Gerais, na década de 1970 capitaneado pelo antropólogo e educador brasileiro Darcy Ribeiro (Chagas, 2009), como veremos mais adiante.

Cabe aqui também destacar o importante papel desempenhado por Mario Vázquez durante Conferência Geral do ICOM em Paris e Grenoble, França, em 1971, juntamente com

> “Iker desde México, así como otras míticas figuras como Fernanda de Camargo Moro, de Brasil, y membros de otros países entonces llamados emergentes o tercermundistas: Inés Flores de Carvajal, de Ecuador; Marta Araoz, de Panamá; Grete Mostny, de Chile, entre otros” (Herreman, 2014, p. 35)[508].

[507]Recuperado de: https://www.facebook.com/INAHmx/photos/a.129835970429377/3026075744138704/?type=3 , em 11 de dezembro de 2023.
[508] Não podemos esquecer o debate entre o sociólogo Stanistas Adotevi e Mario Vázquez durante esse evento.

No meu entendimento, o guru Mario Vázquez (Herreman, 2014) foi/é/será um dos grandes nomes do mundo dos museus e das Museologias da América Latina[509]. Como já citado anteriormente, ele foi uma das pessoas participantes da Mesa-Redonda de Santiago que Hugues de Varine (2021) manteve contato após maio de 1972. Fazia parte do Conselho Consultivo da Revista *Museum*, Vol XXV, nº 3, 1973 (IBRAM & Programa Ibermuseos, 2012), porém, não existe nenhum texto dele no referido periódico. Por causa dessa ausência, eu perguntei a Hugues de Varine (2021):

> **"Julio Cézar Chaves**: Por que Mario Vázquez não publicou na Revista Museum em 1973? Ele que era um dos membros do Comitê Consultivo da referida revista? **Hugues de Varine**: Porque o Mario nunca escrevia! Ele era um homem da oralidade e da ação!" (2021)[510].

Até então, eu desconhecia essa informação sobre o museógrafo Mario Vázquez. E passei a admirá-lo ainda mais[511]. Ele também foi outra das pessoas que Hugues de Varine manteve contato após a Mesa-Redonda de Santiago do Chile (Varine, 2021)[512]. Votou a favor do «parágrafo preambular», juntamente com o equatoriano Hernán Crespo Toral, o salvadorenho Carlos de Sola, o guatemalteco Luis Luján Muñoz, o panamenho Raúl González, o costarriquense Luis Diego Gómez e o peruano Federico Kauffmann (IBRAM & Programa Ibermuseos, vol. 1, 2012). Não podemos esquecer que Mario Vázquez e Mario Teruggi foram os dois escolhidos pelo Presidente da Mesa-Redonda de Santiago do Chile,

[509] Ver o número da *Revista Gaceta de Museos* dedicada a ele, *Mario Vázquez: obra museológica y museográfica*, coordenada por Ana Graciela Bedolla & Fernando Félix y Valenzuela (2014).
[510] Questão 17.
[511] Segundo Hugues de Varine (2020/2022), durante o seu primeiro encontro o museógrafo mexicano, em 1967, no México, ele "insistió mucho sobre el hecho de que la presentación (museografia) estaba destinada a ser entendida, aun sin cédulas o textos explicativos, principalmente por los indígenas que, para él, era el público natural del museo: hacía verificar los detalles más pequenos de la museografia por gente del campo, frecuentemente analfabetos, a quienes invitaba para que lo ayudaran. Decía que los turistas gringos no le interesaban, que ellos vendrían de culaquier forma, pero que las coleciones del museo pertenecían a los mexicanos y habría que hacerles reconocer que lo expuesto les pertenecía" (Varine, 2020/2022, p. 103). Esse trecho é mais do que suficiente para incluir Mario Vázquez na lista das/os grandes nomes das Museologias em geral e da Sociomuseologia em particular.
[512] "Yo no tube intercambio regular y permanente con Mario, ya que él tenía una fala importante para fines de las relaciones internacionales: no escribía. Ni cartas ni *e-mails* y yo jamás recibí una carta de él para el único proyecto que generamos juntos, la Conferencia de 1968 sobre Arquitectura. Solamente telegramas breves" (Varine, 2020/2022).

Héctor Fernández Guido para formar e compor o «comitê de trabajo» da Declaração de Santiago (Guido, 1972, p.188)[513].

Além do trabalho desenvolvido no Museu Nacional de Antropología ao longo dos anos, como "jefe de Museografía, subdirector y diretor" (Pérez Castellanos, 2015, p. 26), ficou conhecido internacionalmente pela expografia dessa instituição, além das diversas exposições no exterior. Mario Vázquez também entrou para a história dos museus e das Museologias da América Latina como a pessoa que colocou em prática as recomendações da Declaração de Santiago[514] (Herreman, 2014), juntamente com uma equipe predominantemente formada por mulheres quase todas invisibilizadas, a arquiteta e urbanista, Coral Ordóñez; a antropóloga, Lilia González; a psicóloga, Karin Wriedt; a antropóloga, Catalina Denman; Cristina Antúnez, na administração; e na promoção e difusão, Miriam Arroyo, a Casa del Museo (Castellanos, 2020).

Como citado no início desse capítulo, Mario Vázquez é um dos participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile mais conhecidos no Brasil, em Portugal e mesmo internacionalmente[515]. Todavia, muito aquém do merecido. Apesar de não possuir escritos acadêmicos, não faltam textos sobre a sua trajetória profissional, principalmente no México. A Sociomuseologia necessita se debruçar sobre a América Latina e entre tantas/os museólogas/os, entre eles, Mario Vázquez Rubacalva; profissionais de museus; e experiências realizadas no passado e no presente, dentro e fora dos museus e das academias com ou sem museólogos e intelectuais.

Para finalizar esses pequenos fragmentos biográficos do delegado mexicano na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, eu gostava de citar o texto mais afetuoso e no meu entendimento, o mais lindo de Hugues de Varine (2020/2022), intitulado *Sobre Mario Vázquez*[516]. Nessa pequena homenagem a Mario Vázquez, Hugues de Varine escreveu sobre

[513] Documento *AHA_402_001 C-70*, intitulado *Mesa Redonda sobre la Importancia de los Museos.*
[514] A ideia do projeto já existia, contudo, ele ganhou força após a Mesa-Redonda de Santiago do Chile (Castellanos, 2020). Existe a hipótese que o salvadorenho Carlos de Sola também colocou em prática as recomendações, todavia, durante a minha pesquisa não foi possível averiguá-la, como veremos adiante.
[515] Segundo Varine (2020/2022), "Mario jugó un papel muy importante como dinamizador dentro de los debates y en la redacción final" (p. 104).
[516] *Sección 4 – In memoriam, do periódico Chaski, 9, da Alianza Regional del ICOM para América Latina y el Caribe ICOM LAC.*

como e quando o conheceu, seus reencontros ao longo dos anos e, principalmente a importância dele para a história dos museus. E sugere que a melhor forma de o homenagear é “reconecer su obra, al lado de Georges Henri Riviere, Paulo Freire y John Kinard. Gracias Mario, por todo lo que aportaste al mundo de los museos y a mí, personalmente (Varine, 2020/2022, p. 105). Precisamos conhecer melhor a trajetória de um dos mais importantes nomes do mundo dos museus, o mexicano e latino-americano, Mario Vázquez Rubalcalva.

7.3.5 Raúl González Guzmán (1936)

O delegado panamenho Raul González Guzmán na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972 foi dentre as/os participantes, o que menos informações eu encontrei ao longo da pesquisa. Não consegui nenhuma imagem dele e nem obtive informação se ele ainda está vivo ou a data da sua morte. As únicas informações acessíveis são as da Revista *Museum*, 1973 (IBRAM & Programa Ibermuseos, 1973/2012):

> “Panamenho. Nascido em 1936. Bacharel em filosofia, letras e pedagogia pela Universidade do Panamá. Posteriormente, fez um curso de Museologia e Técnicas de Pesquisas Antropológicas no México. Chefe do Departamento de Museus e Exposições da Direção do Patrimônio Histórico do Instituto Nacional de Cultura e Esportes. Professor especializado na etnografia do Panamá e presidente assistente de antropologia da Universidade do Panamá. Membro do Centro de Pesquisas Antropológicas e do Programa de Pesquisas Biotipológicas da Universidade do Panamá. Publicou diversas obras sobre a Etnografia e Arqueologia do Panamá”. (IBRAM & Programa Ibermuseos, vol. 2, 1973/2012, p. 206)

Provavelmente, a formação interdisciplinar do delegado panamenho foi decisiva para o seu voto a favor do «parágrafo preambular» da Declaração de Santiago, ao contrário do seu conterrâneo, o debatedor Enrique Enseñat.

7.3.6 Federico Kauffmann Doig (1928)

O delegado peruano, o arqueólogo e historiador Federico Kauffmann [Figura 148] não esteve presente na inauguração da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, no dia 20 de maio de 1972 e nem nos primeiros dias da programação, assim como o seu conterrâneo, o debatedor César Picón. Todavia, chegou a tempo de votar a favor do «parágrafo preambular» da Declaração de Santiago. Como já referido anteriormente, César Picón não votou, assim, como Grete Mostny, Alicia Dussán de Reichel, Teresa Gisbert de Mesa e Jorge Enrique Hardoy.

Figura 148 –

Federico Kauffmann Doig, n.d.



Fonte: Diario Correo[517].

Apesar das poucas informações disponívei na Revista *Museum*, de 1973 (IBRAM & Programa Ibermuseos, 1973/2012), é possível delinear a formação do delegado peruano e os cargos ocupados por ele no momento da realização da Mesa-Redonda de Santiago:

> “Peruano. Doutor em arqueologia (1955) e história (1965). Professor universitário. Cursou museologia nos Estados Unidos, para onde foi convidado pela Associação Americana de Museus. Diretor sênior do Museu de Arte de Lima entre 1960 e 1964 e novamente de 1969 a 1971. Diretor de conservação do patrimônio cultural da nação e vice-diretor do Instituto Nacional de Cultura (1971-1972). Autor de alguns estudos e livros especializados. Vencedor do Prêmio Nacional da Cultura”. (IBRAM & Programa Ibermuseos, vol. 2, 1973/2012, p. 206)

No início da investigação, ao buscar Federico Kauffmann Doig na *internet* não consegui informações sobre sua vida pessoal, sequer sabia se o delegado peruano estava vivo ou não. Por outro lado, existem muitos artigos e matérias sobre as suas pesquisas arqueológicas.

Como referido anteriormente, no dia 19 de abril de 2022, eu fui informado através de um *e-mail* do também peruano e debatedor da MRSC, César Picón, que “meu compatriota

[517] Recuperado de: https://diariocorreo.pe/cultura/federico-kauffmann-un-arqueologo-no-se-puede-quedar-en-la-descripcion-entrevista-historia-noticia/ , em 20 de dezembro de 2023.

Federico Kauffmann, museólogo muito conhecido, faleceu face algunos anos” (Picón, 2022). Alguns meses depois, após conseguir o endereço eletrônico do delegado peruano[518], eu enviei uma mensagem [sem nenhuma esperança de resposta] no dia 14 de dezembro de 2022 a discorrer sobre o tema da minha investigação e ao mesmo tempo a pedir sua ajuda. Três dias depois [17 de dezembro], eu recebi a seguinte resposta: “Señor Chávez, soy la hija del Dr. Kauffmann Doig, quién stalkear por ahora impedido de escribirle por ahora por razones de salud. Es visto todos los días por un médico que viene a su domicilio y que es sobrino suyo. Atentamente, Marha”. Para minha surpresa e ao contrário do que afirmou César Picón, o delegado Federico Kauffmann ainda vive. Resolvi não incomodar mais a família, porém, eu não resisti e no dia 16 de agosto de 2023, eu encaminhei outro correio eletrônico a perguntar sobre o seu estado de saúde, entretanto, eu não recebi nenhuma resposta.

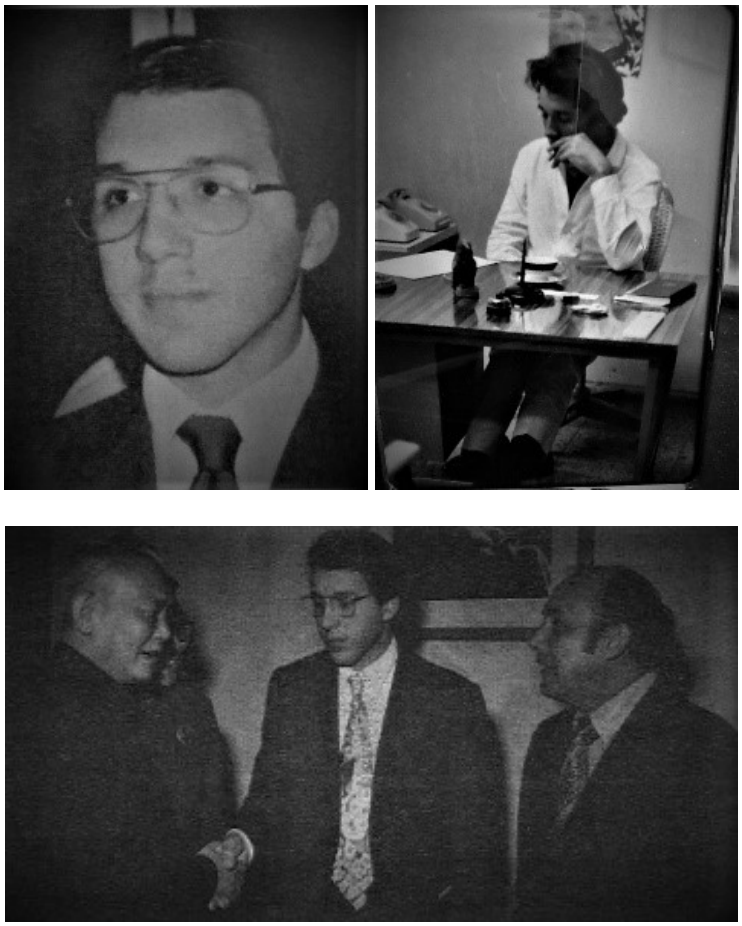
7.3.7 Carlos de Sola (1949-1979)

Carlos de Sola é outro dos participantes que não publicou na Revista *Museum* de 1973 (IBRAM & Programa Iberemuseos, 2012). Não encontrei material sobre o representante salvadorenho na *internet*. No dia 31 de janeiro de 2022, eu fiz contato com o ICOM El Salvador, por meio de sua página no *Instagram*. Uma pessoa não identificada solicitou o meu *e-mail* e disse-me que enviaria informações sobre Carlos de Sola. No dia 02 de fevereiro, dia de Yemanjá na Bahia, o ICOM El Salvador respondeu, por meio do seu presidente Carlos Flores Manzano.

O *e-mail* continha três fotografias não identificadas [Figuras 149, 150 e 151] e um texto intitulado *Hoja de vida – Carlos de Sola Wright*, na verdade uma compilação de trechos de periódicos realizada, provavelmente, por Carlos Flores Manzano ou algum/a integrante do ICOM El Salvador.

Figuras 149, 150 e 151 –
Carlos de Sola; Carlos de Sola; Carlos de Sola entre três pessoas desconhecidas, n.d.

[518] Não me lembro como encontrei o correio eletrônico, provavelmente em algum artigo do arqueólogo e historiador Federico Kauffmann Doig.



Fonte: ICOM El Salvador.

A partir da compilação citada anteriormente, eu soube da existência de Astul Yanes, amigo e colega de trabalho de Carlos de Sola. No dia 03 de fevereiro de 2022, eu entrei em contato com ele através de sua página no *Facebook*. No dia 04 de fevereiro de 2022, ele respondeu o seguinte: “Buenos días, Julio. Deme un poco de tempo y con mucho gusto le compartiré algo sobre la vida de Carlos de Sola” (Yanes, 2022). Apesar da minha insistência, Astul Yanes compartilhou muito pouco sobre o delegado de El Salvador na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972[519].

[519] Ainda através do *Facebook*, eu perguntei ao Astul Yanes se eu poderia enviar algumas perguntas via *e-mail*. No dia 20 de dezembro de 2022, eu enviei as perguntas juntamente com duas Cartas de Apresentação e ele me respondeu no mesmo dia com a seguinte mensagem: “Buen día Julio. Disculpas por no haber podido ayudar antes. Trataré de ver qué puedo averiguar y responder del cuestionario. Es bueno aclarar que no tuve una amistad cercana con Carlos de Sola. En 1972-1973 yo era Bibliotecario de una Casa de la Cultura en un pueblo del oriente del país, y él era el Director General de Cultura Juventud y Deportes, del Ministerio de Educación. En todo caso, en lo que pueda, trataré de colaborar. Saludos cordiales”. Porém, ele não respondeu as perguntas. No dia 18 de dezembro de 2023, eu apelei pela última vez, tanto pelo *Facebook* quanto via *e-mail*, porém, ele não respondeu.



Carlos de Sola é um dos mais intrigantes participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972. Entre todas/os as/os participantes que eu consegui informações sobre as datas de nascimento e morte, ele foi o delegado mais jovem [23 anos] no acontecimento de maio de 1972 e também o primeiro a falecer em 1979 com apenas 30 anos[520].

Como citado anteriormente, Hugues de Varine (2021) disse que a “Lygia teve uma atitude relativamente conservadora e não gostava das opinões um pouco revolucionárias de alguns participantes ou palestrantes: Hardoy, Vázquez, Sola, por exemplo”. Assim como os dois primeiros, ele também votou a favor do «parágrafo preambular» da Declaração de Santiago.

No meu entendimento, o jovem delegado salvadorenho necessita urgentemente de uma investigação no âmbito da Sociomuseologia sobre a sua atuação em El Salvador, antes e depois da Mesa-Redonda de Santiago. Talvez, o ponto principal é entender de fato se existe alguma relação entre o projeto Casa de la Cultura existente em El Salvador e a Declaração de Santiago do Chile.

Como ponto inicial dessa investigação, nós podemos recorrer a esse trecho de Fernanda Camargo Moro & Lourdes Novaes (2012),

> “A Unesco envia Fernanda de Camargo Moro em missão a El Salvador para implantar um projeto desenvolvido segundo a proposta da Mesa-redonda de Santiago do Chile. Por solicitação de Carlos de Sola, Secretário (Ministro) da Cultura e participante da Mesa-redonda de Santiago, e com o acordo do ICOM, ela apresenta aos demais ministros de El Salvador as propostas do ICOM e sua importância para o desenvolvimento cultural” (Moro & Novaes, 2010, p. 50).

Essa missão aconteceu em 1974, dessa forma, nós precisamos investigar melhor o trecho citado anteriormente. Que projeto inspirado na Declaração de Santiago foi esse, em 1974? Pois de acordo a mensagem de Astul Yanes citada anteriormente, a Casa de la Cultura já existia antes de 1974. As Casas de la Cultura foram adaptadas segundo as resoluções da

[520] Como veremos no próximo capítulo, o observador Oscar Eduardo Avello Avello foi o mais jovem participante [18 anos] da MRSC e o primeiro a falecer, em 1976, três anos antes do delegado salvadorenho, Carlos de Sola.

Declaração de Santiago? Não tenho respostas. De qualquer forma, existe a possibilidade de um segundo projeto inspirado no acontecimento de maio de 1972, além da Casa del Museo, do México.

7.4 Os Observadores: os ilustres desconhecidos

Como já referido anteriormente, não foi possível conseguir dados sobre os observadores além dos disponíveis nas listas de Mostny (1972/2012) e Guido (1973/2012). É preciso lembrar também que nem todos estiveram presentes durante os trabalhos. Ainda não foi dessa vez que conseguimos tirar das «gavetas do esquecimento» Sergio Villa-Señor, da Comissão Técnica Nacional da Diretoria de Educação Primária e Normal de Santiago; Sergio Chacón, pesquisador da Universidade do Norte, Arica; Sergio Arriagada, pesquisador do Museu Benjamim Vicuña Mackenna, Santiago; Gabriel MacKellar, da Diretoria Nacional de Turismo de Santiago; Paul Frings, assessor Regional de Promoção do Turismo de N.U., Santiago; Richard Hughes, representante do Secretário-Geral, Diretor do Escritório da OEA no Chile, Santiago; Raraón Villarroel Gatica, do Centro Nacional de Museologia, Santiago; Juan Salinas, pesquisador do Departamento de Recursos Humanos, Santiago do Chile; Theodor Fuchs, economista industrial, Departamento de Diagnóstico e Política, Santiago do Chile[521] e Rene Vergara [Ricardo Vergara], museólogo. Além dos mencionados anteriormente, existem outros dois observadores, um deles, o arqueólogo Jorge Irribarren[522] será abordado em seguida e o outro exigiu um capítulo especial, Oscar Eduardo Avello Avello, aliás o último capítulo da tese.

7.4.1 Jorge Iribarren (1908-1977)

Os fragmentos biográficos de Jorge Iribarren aqui delineados só foram possíveis graças a colaboração da responsável pelo Archivo do Museo Arqueológico de La Serena[523], a gentil e prestativa bibliotecária Lorena Troncoso Contreras.

Além de duas fotografias [Figura 152][524] e uma pequena biografia *JORGE IRIBARREN CHARLIN 1908-1977*, Lorena Troncoso Contreras enviou-me também alguns

[521] É preciso lembrar que Theodor Fuchs colaborou na apresentação do tema *Os museus e o desenvolvimento científico e tecnológico,* de Mario Teruggi, no dia 26 de maio [sexta-feira].
[522] Na documentação, o sobrenome aparece como Iribarren.
[523] O Museo Arqueológico de La Serena está vinculado ao Servicio Nacional del Patrimonio Cultural, do Ministerio de las Culturas, las Artes y el Patrimonio, do Governo do Chile.
[524] Entre as duas, eu escolhi postar apenas a Figura 152.

documentos relacionados à Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972, entre eles uma Carta de Grete Mostny para o curador do Museo Arqueológico de La Serena [Anexo 7], duas listas com os nomes, profissiões e endereços institucionais das/os participantes e das/os observadoras/es [Anexo 8] e um desenho [Figura 153].

Figura 152 –
Jorge Iribarren, 1961.



Fonte: Archivo del Museo Arqueológico La Serena.

Da biografia, eu gostava de destacar alguns pontos, em maio de 1972, Jorge Iribarren tinha 64 anos e foi o segundo observador que temos notícias a falecer, em 1977 aos 69 anos. E também

> “sus méritos explican que Iribarren fuera membro de muchas instituciones científicas y académicas, como: la Academia Chilena de Ciencias Naturales, Academia Chilena de la Historia, Sociedad Chilena de Arqueología, Miembro correspondente de la Real Academia Española de la Historia, Sociedad Mexicana de Antropología, Sociedad Argentina de Antropología y muchas otras más. En 1972, la I. Municipalidad le confiere el título de “Ciudadano Distinguido”. El mismo año la Sociedad Chilena de Arqueología le rindió homenaje público y lo declaro “Miembro Honorario” otorgándole la “Medalla de Oro al Mérito (Museo Arqueológico de La Serena, n.d., n.p.)

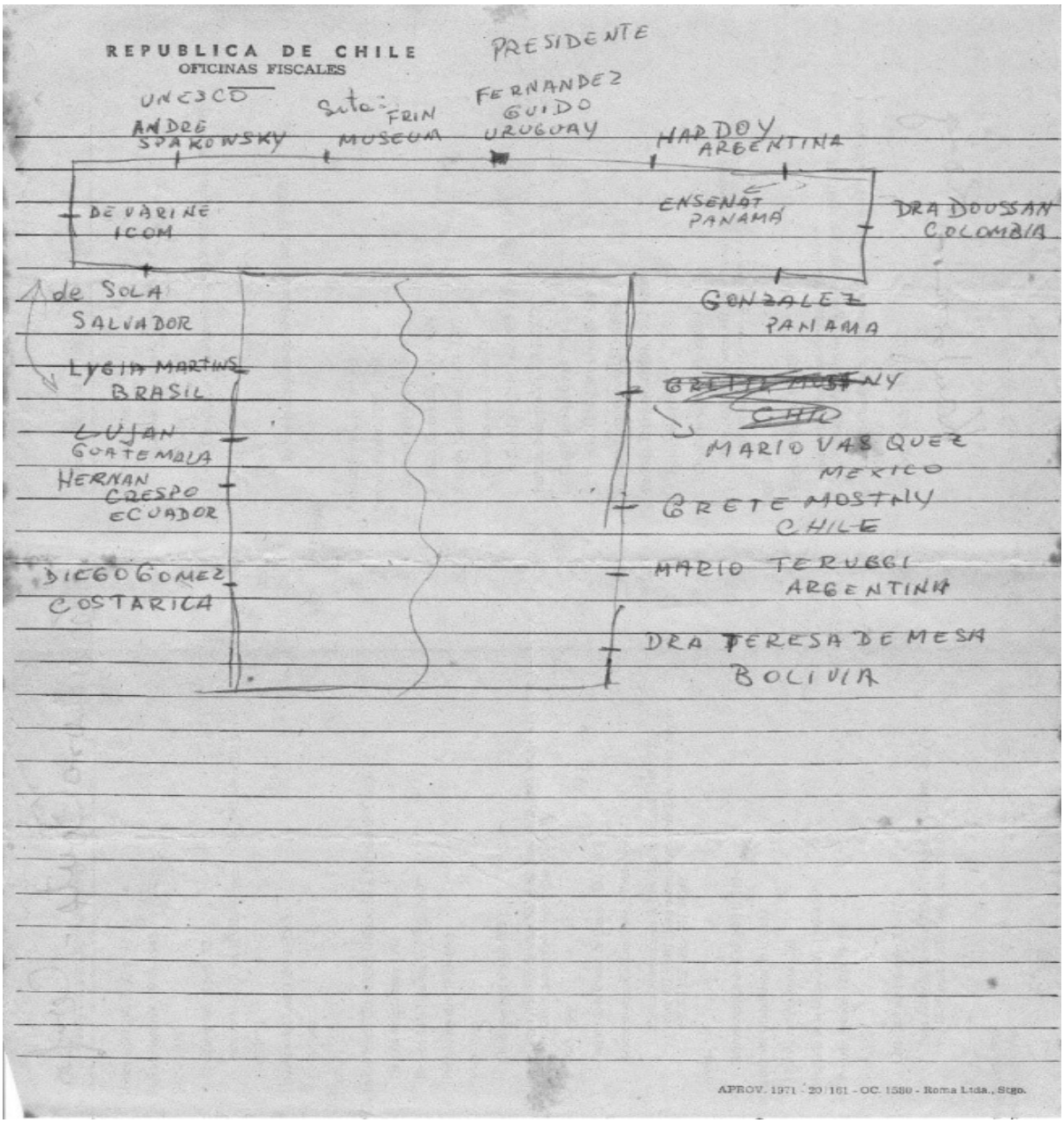
O objetivo aqui é delinear uma pequena parte da trajetória profissional do observador na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, Jorge Iribarren, curador do Museo de Arqueología de

La Serena. Outro dado interessante é que a curadora do Museo Nacional de Historia Natural de Chile, Grete Mostny esteve presente no sepultamento do colega de longas datas, em 18 de janeiro de 1977[525].

Entre todos os documentos disponibilizados pela bibliotecária Lorena Troncoso Contreras, um em especial me chamou bastante a atenção [Figura 153]:

Figura 153 –
Desenho do observador Jorge Iribarren, 1972.

[525] Cantuarias Pérez, Raúl. Hoy sepultan a Jorge Iribarren [artículo] Raúl Cantuarias Pérez. El Mercurio (Diario: Santiago, Chile). Archivo de Referencias Críticas. . Disponible en Biblioteca Nacional Digital de Chile https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/628/w3-article-285580.html . Accedido en 20 de dezembro de 2023.



Fonte: Archivo del Museo de La Serena.

Esse desenho foi elaborado durante os trabalhos da Mesa-Redonda de Santiago do Chile e por enquanto é o único que representa a disposição das/os participantes, especificamente, a Equipe UNESCO/ICOM e as/os delegadas. Todavia, existe algo no desenho que contradiz os demais dados sobre o acontecimento de maio de 1972, a presença do Chefe da Sessão de Museus da UNESCO, Andrej Szpakowski, provavelmente, a placa de identificação ainda estava na mesa no primeiro dia de trabalho. Isso, a levar em conta que o

desenho tenha sido realizado no primeiro dia, 22 de maio de 1972. A distribuição das/os demais participantes é algo interessante para ser analisado futuramente. No dia 20 de dezembro de 2023, eu enviei o desenho para Hugues de Varine e pedi [se possível] que ele comentasse algo sobre a distribuição das/os participantes no local dos trabalhos:

> **“Julio Cézar Chaves**: Bom dia, professor Varine! Como vai? Espero que esteja bem. Estou na correria para finalizar a tese até o dia 29 de dezembro, a data final para eu entregar, caso queira defender em fevereiro de 2024. Encontrei um desenho com a distribuição das/os participantes durante os trabalhos, acredito que o desenho tenha sido feito no primeiro dia [22 de maio de 1972, segunda-feira]. Por favor, o senhor poderia analisar o desenho para mim? Prometo, que será o último pedido relacionado à tese. **Hugues de Varine**: Caro Julio, acho que não há nada para analisar ou comentar neste desenho. Obviamente corresponde à sessão onde o Jorge Hardoy falou, na sua capacidade de *"keynote speaker"*. Não me lembro da presença de André Szpakowski, técnico da divisão dos museus da UNESCO. É a composição da mesa redonda e nada mais. Mando-lhe votos de Natal e pelo novo ano, particularmente na consciência da importância da defesa de sua tese. Abraços”.

A partir da resposta de Varine, podemos sugerir que o desenho do observador Jorge Iribarren foi elaborado ao longo dos trabalhos e não no primeiro dia, como sinalizado anteriormente. O mais importante, é confirmação de um dos formatos da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972 durante os trabalhos, pois segundo Varine, o desenho “corresponde à sessão de Jorge Hardoy”.

7.5 Juvencio Valle (1900-1999)[526]

O Diretor da DIBAM durante a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em maio de 1972, Juvencio Valle “nasceu como Gilberto Concha Riffo. Funcionário da Biblioteca Nacional por mais de 30 anos, foi nomeado durante o Governo de Salvador Allende como Diretor da DIBAM. Após o golpe militar, em 1973, ele renunciou e pediu sua aposentadoria”[527]. Essas são algumas das poucas informações sobre uma das figuras mais importantes nas configurações sociais relacionadas à realização da MRSC, principalmente

[526] O texto enviado para o Júri Prévio não constava com o item de Juvencio Valle. A pedido da professora Vânia Brayner nós incluímos o Diretor da DIBAM.

[527] Recuperado de: http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-670.html#presentacion , em 07/06/2021. Segundo a Profa. Vânia Brayner ele foi tirado da direção da DIBAM após o golpe civil-militar de 11 de setembro de 1973.

pelo fato do Museo Nacional de Historia Natural de Chile está vinculado à instituição dirigida por ele, a DIBAM.

Durante a investigação, uma fotografia [Figura 154] existente na publicação do MNHN (2014) onde aparecem Juvencio Valle e Grete Mostny me chamou a atenção, por dois motivos, o primeiro, por reunir a Coordenadora da MRSC e o Diretor da DIBAM; o segundo, pela data, 1972. Tinha esperança de que essa fotografia pudesse estar relacionada à Mesa-Redonda de Santiago, mais especificamente que tivesse sido tirada no dia da inauguração do acontecimento de 1972, pois, até o final da escrita da tese, dezembro de 2023, essa foi a única imagem disponível em que aparecem a curadora do Grete Mostny e Juvencio del Valle, no mesmo ano da MRSC[528].

Figura 154 –
Pessoa não identificada, Juan Carlos Moroni Bocca, Juvencio Valle e Grete Mostny, no MNHN, 1972.



Fonte: Unidad de Comunicaciones y Desarrollo Institucional, do MNHN de Chile.

[528]Além da curadora do MNHN e do Diretor da DIBAM, aparecem mais duas pessoas. Segundo informações disponibilizadas pelo pessoal da Unidad de Comunicaciones y Desarrollo Institucional do Museo Nacional de Historia Natural (2022), a pessoa com jaleco branco é o entomólogo Juan Carlos Moroni Bocca, colega de trabalho de Grete Mostny. O senhor de terno preto ainda não foi identificado e, provavelmente, a fotografia foi tirada no Museo Nacional de Historia Natural, em setembro de 1972, quatro meses depois da Mesa-Redonda de Santiago e um ano antes do golpe civil-militar de setembro de 1973.

Para finalizar esses parcos fragmentos sobre Juvencio Valle, eu gostava de destacar alguns fatos relacionados direta ou indiretamente à tese em questão: o poeta era amigo de Pablo Neruda e juntamente com esse último e outros poetas chilenos como Tomás Lago, Alberto Rojas Jiménez e Romeu Murga formaram a geração literária de 1920 em Santiago; Juvencio Valle esteve na Espanha durante a Guerra Civil como correspondente de guerra da *Revista Ercilla*, em 1938 e em 1939 ficou detido na cadeia Porlier, em Madri durante três meses e meio por apoiar os republicanos[529], no mesmo ano da chegada de Grete Mostny em Valparaíso e também da chegada do navio SS Winnipeg com os refugiados espanhóis, episódio comentado no *Capítulo 1- América Latina: "el derecho de vivir en paz"*. A trajetória do poeta Juvencio Valle à frente da DIBAM ainda precisa ser investigada, provavelmente, encontraremos outros fatos relacionados à MRSC.

7.6 Juan Gómez Millas (1900-1987)

O ex-reitor da Universidade do Chile e ex-ministro da Educação, Juan Gómez Millas [Figura 155] também merecia uma investigação mais aprofundada, todavia, não foi possível no âmbito da minha investigação. Então, nós podemos iniciar pela pequena biografia existente na Revista *Museum* (1973/2012):

> "Chileno. Estudou pedagogia, história e geografia nas universidades do Chile, Paris, Berlim. Professor titular de história da Universidade do Chile desde 1925. Organizador do Instituto de Formação de Professores de Segundo Grau em Caracas, Venezuela (1940-1941). Reitor da Universidade do Chile (1953-1963). Ministro da Educação em 1913 [1953] e novamente entre 1964 e 1968. Presidente da União das Universidades Latino-Americanas (1953-1966). Participou de diferentes missões da Unesco e OEA e de diversos congressos e outros eventos até 1971. Doutor Honoris Causa pela Universidade de Michigan em Ann Arbor. Trabalhos publicados sobre temas educacionais e culturais (*Revista Museum*, vol II, 2012, p. 206)".

Além dos dados acima, não podemos deixar de destacar alguns pontos relacionados a sua trajetória e que de uma forma ou de outra dialoga com o que foi apresentado até aqui. Entre eles, nós podemos citar os seguintes: a presença do texto de sua autoria *Museo y educación a lo largo de la vida* presente na Revista *Museum* de 1973 (2012) em homenagem

[529] Estes dados estão disponíveis no sítio *Memoria Chilena*, da Biblioteca Nacional de Chile. Recuperados de: https://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-3638.html e https://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-670.html#cronologia , em 20 de dezembro de 2023.

à Mesa Redonda de Santiago do Chile realizada um ano antes. Como já referido, não foi possível ainda descobrir o motivo da substituição do debatedor peruano César Picón pelo chileno Juan Gómez Millas no periódico em questão e que provavelmente a curadora do MNHN pode estar envolvida ou talvez, por alguma indicação da UNESCO, já que ele participou de algumas missões dessa organização, como consta na citação anterior; outro fato interessante, é a amizade entre ele e a arqueóloga, antropóloga e museóloga, Grete Mostny ao longo dos anos e que resultou no matrimônio do casal em 1980 e que durou até o falecimento dele em 1987.

Figura 155 –
Juan Gómez Millas, n.d.



Fonte: Memoria Chilena[530]

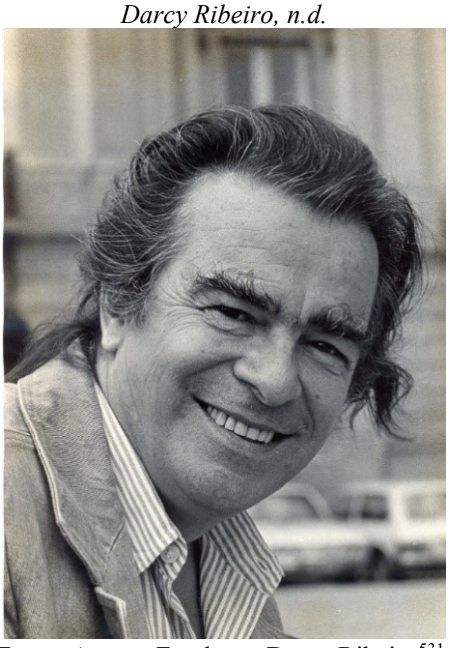
Sobre o passado político de Juan Gómez Millas nas décadas de 1930 e 1940 e o seu possível envolvimento com o nacionalismo e fascismo chileno nesse período, não foi possível me debruçar mais detalhadamente, de qualquer forma, é preciso sinalizar que movimentos e partidos de inspiração fascista e nazista não estavam restritos ao Chile nessa época, como sinalizamos nos fragmentos biográficos de Alicia Dussán de Reichel e Lygia Martins Costa.

7.7 Darcy Ribeiro (1922-1997)

[530] Recuperado de: https://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-68388.html em 20 de dezembro de 2023

A vida e obra do antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro [Figura 156] apontam para outras configurações sociais relacionadas à América do Sul, ao Chile e, indiretamente, à Mesa-Redonda de Santiago, em 1972. Então, para iniciar, penso que é importante formular a seguinte questão: por que Darcy Ribeiro não foi convidado pela UNESCO/ICOM para participar da Mesa-Redonda de Santiago? Provavelmente, o mesmo diplomata brasileiro na UNESCO que se posicionou contra a participação de Paulo Freire também se oporia à participação do antropólogo e educador brasileiro.

Figura 156 –
Darcy Ribeiro, n.d.



Fonte: Acervo Fundação Darcy Ribeiro[531].

A questão é que Darcy Ribeiro, como exilado político, transitava pela América do Sul no período de realização da MRSC. Sabe-se que, na primeira metade da década de 1970, ele esteve exilado na Venezuela, no Chile e no Peru, inclusive como professor na Universidade do Chile e como um dos assessores do Presidente Salvador Allende (Ribeiro, 1997).

A única possibilidade plausível para a participação de Darcy Ribeiro da Mesa-Redonda de Santiago era como observador, sem voz e nem voto; todavia, o ideal seria a sua participação como um dos expositores, assim teríamos uma Declaração de Santiago a abordar,

[531] Recuperado de: https://www.itaucultural.org.br/secoes/entrevista/o-centenario-de-um-brasileiro-que-nunca-se-resignou-darcy-ribeiro , em 21 de dezembro de 2023.

de forma direta, algumas questões relacionadas aos povos indígenas latino-americanos e à responsabilidade dos museus na luta contra o preconceito de que esses foram vítimas e também sobre a resistência desses ao longo dos séculos diante do genocídio perpetrado pelos colonizadores e pelas elites latino-americanas.

Não podemos esquecer que um ano antes, em 1971, Darcy Ribeiro participou do *Simpósio sobre Fricção Interétnica na América do Sul*[532], realizado em Barbados entre os dias 25 e 30 de janeiro de 197. Além dele, podemos citar os antropólogos brasileiros Carlos de Araújo Moreira Neto, da Universidade de Rio Claro, Brasil; Sílvio Coelho dos Santos, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Brasil; Pedro Agostinho da Silva, da UFBA, Brasil e o uruguaio Oscar Bolioli, do Conselho Mundial de Igrejas, Genebra, Suíça (Declaração de Barbados I, 1971). Por sua condição de exilado, apenas Darcy Ribeiro assinou o documento, os demais por questão de segurança não assinaram, pois viviam naquela época numa ditadura militar (Declaração de Barbados I, 1971)[533].

Gostava de citar alguns trechos da potente Declaração de Barbados, 1971:

- "As sociedades indígenas têm direitos anteriores a toda a sociedade nacional";
- "Superar o etnocídio intrínseco à atividade catequizadora como mecanismo de colonização, europeização e alienação das populações indígenas";
- "É necessário ter em mente que a libertação das populações indígenas ou é realizada por elas mesmas ou não é libertação. Quando elementos estranhos a elas pretendem representá-las ou tomar a direção de sua luta de libertação, cria-se uma forma de colonialismo que retira às populações indígenas seu direito inalienável de serem protagonistas de sua própria luta".

Ao enfatizar aqui a Declaração de Barbados I, eu estou a sinalizar que a temática dos povos indígenas estava naquele momento a ser discutido na nossa região, entretanto, principalmente por antropólogos. Darcy Ribeiro era um dos poucos participantes com inserção no mundo dos museus. Dificilmente, os debatedores da Mesa-Redonda de Santiago abordariam diretamente essa temática, até porque nenhum deles tinham envolvimento direto com os povos indígenas da América Latina.

[532] Na obra *Confissões*, Darcy Ribeiro (1997) escreveu o seguinte, "fui lá participar de uma conferência do Conselho Mundial de Igrejas com antropólogos, indigenistas, missionários e índios. Queríamos estabelecer uma política de defesa dos índios que definisse seus problemas e apontasse caminhos melhores" (1997, 410).
[533]Disponível em: http://www.missiologia.org.br/wp-content/uploads/cms_documentos_pdf_28.pdf. Acesso em: 24 de maio de 2021.

Ainda assim, a Declaração de Barbados I, de 1971 descortina alguns caminhos e/ou encruzilhadas relacionadas à MRSC:

- O Diretor do Conselho Internacional do ICOM, Hugue de Varine e o antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro se conheciam? Não;
- E o educador Paulo Freire e Darcy Ribeiro? Sim;
- Em 1971, Paulo Freire, Hugues de Varine e Darcy Ribeiro estavam direta ou indiretamente envolvidos com o Conselho Mundial de Igrejas – CMI. Hugues de Varine e Paulo Freire no Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos – INODEP; Darcy Ribeiro como participante do *Simpósio de Fricção Interétnica na América do Sul* e Paulo Freire trabalhando no CMI, em Genebra;
- Não tenho conhecimento se Paulo Freire e Hugues de Varine tiveram conhecimento sobre a realização do *Simpósio de Fricção Interétnica na América do Sul* e se leram a sua Declaração. Se leram, certamente viram o nome do antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro naquele momento exilado em Santiago e professor da Universidade do Chile;
- Hugues de Varine e Paulo Freire conheciam o uruguaio Oscar Bolioli do CMI? Não consegui responder.

Não tenho respostas para alguns desses possíveis caminhos apontados ou talvez, algumas encruzilhadas da investigação. Ainda assim, penso que é possível fazer algumas considerações sobre Darcy Ribeiro, suas relações com algumas/uns participantes e num breve exercício justificar a minha insistência sobre a relevância da participação de Darcy Ribeiro na Mesa-Redonda de Santiago. A minha referência inicial é a obra *A imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*, do museólogo Mário Chagas (2009).

Desde 1953, ano de inauguração do Museu do Índio, Darcy Ribeiro tornou-se conhecido no mundo museológico, inicialmente no Brasil e a partir de 1954, também no exterior. A instituição criada pelo antropólogo brasileiro foi visitada por intelectuais conhecidos internacionalmente e que de direta ou indiretamente mantinham relações com os museus, como Alfred Métraux, George H. Rivière e Paul Rivet, como já sinalizado no *Capítulo 6 – A Coordenadora da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, la doctora Grete Mostny (1914-1991)*. Em 1955, é publicado o artigo “Le Musée de L’Indien, Rio de Janeiro”, de autoria de Darcy Ribeiro na Revista *Museum* (Chagas, 2009, 173-174). Penso que diante desses breves comentários, não podemos afirmar que em 1971/1972, Darcy Ribeiro era alguém desconhecido da representante chilena Grete Mostny, da representante da UNESCO, Raymonde Frin e do Diretor do ICOM naquela época, Hugues de Varine.

Em relação a América Latina, Darcy Ribeiro mantinha uma rede de relações sociais ainda mais ampla e que também antecede a Mesa-Redonda de Santiago, como atesta Chagas (2009),

> “O golpe militar ocorrido em 31 de março de 1964 pôs fim ao governo Joao Goulart. No mês seguinte, Darcy – que tentara organizar uma frente de defesa do regime democrático – exilou-se no Uruguai. No exílio, destituído de direitos políticos e demitido de cargos públicos, ampliou sua rede de relações com intelectuais e políticos da América Latina. Em 1968, com a anulação de processos que contra ele eram movidos, retornou ao Brasil e, em dezembro do mesmo ano, foi preso, logo depois de decretado o Ato Institucional nº 5. Depois de indiciado, interrogado, julgado e absolvido pela Auditoria da Marinha do Rio de Janeiro, embarcou para a Venezuela, onde se envolveu com a reforma da Universidade Central da República, em Caracas. Da Venezuela seguiu para o Chile, em 1971, para assessorar Salvador Allende na chefia do governo socialista da Unidade Popular. Nesse país, também atuou como professor pesquisador do Instituto de Estudos Internacionais. Do Chile embarcou para o Peru, em 1972, onde se viu às voltas com programas de integração das universidades e com a organização do Centro de Estudos da Participação Popular, patrocinado pela ONU. Após o diagnóstico de câncer voltou ao Brasil, em 1974, para remover um dos pulmões. Em seguida, retornou ao Peru e fez incursões de trabalho no México, na Costa Rica e na Argélia. Depois de 12 anos de correria e exílio, Darcy retornou definitivamente ao Brasil, em 1976, e fixou residência no Rio de Janeiro”. (Chagas, 2009, pp. 186-187)

Na América Latina, a rede do antropólogo Darcy Ribeiro estava relacionada principalmente aos países aos quais ele viveu e atuou durante o exílio, como o Uruguai, Venezuela, Chile, Peru e México. A citação também desvenda o mistério sobre o destino de Darcy Ribeiro no período da realização da Mesa-Redonda de Santiago do Chile em 1972, segundo o autor, ele estava no Peru e não no Chile. Todavia, temos que atentar que Darcy Ribeiro esteve no Peru em três períodos diferentes. O antropólogo não é muito afeito a datas, por isso, é muito delicado afirmá-la com segurança, contudo, a obra *Confissões* (1997) deixa algumas pistas. Segundo o antropólogo, ele esteve no Peru num projeto de estudo de integração da rede universitária nacional num sistema único, contudo, ele não cita o ano. Posteriormente, em junho de 1973, três meses antes do golpe militar que derrubou Salvador Allende, ele mudou para o Peru a convite do Presidente Velasco Alvarado para trabalhar num projeto patrocinado pela Organização Internacional do Trabalho – OIT, da ONU. E por

último, retornou ao Peru após ser operado de um câncer pulmonar (Ribeiro, 1997, p. 416; 445). Provavelmente, o primeiro período dele no Peru coincidiu com a realização da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972.

Com as exceções de Lygia Martins Costa e Mario Vásquez, eu não consegui informações sobre a existência de relações diretas dele com a equipe UNESCO/ICOM, com os expositores, as/os participantes e as/os observadoras/es. A primeira exceção é a museóloga brasileira Lygia Martins Costa. Segundo, Ivan Coelho de Sá (2015), em 1961,

> "Darcy Ribeiro, então reitor e um dos idealizadores da recém criada UnB, Universidade de Brasília, convida D. Lygia para implantar disciplinas de História da Arte, no Curso de Arquitetura. Entre 1962 e 1963, ela inaugura o estudo da História da Arte na UnB. Nesta época, Darcy Ribeiro pensa em criar um museu em Brasília, o Museu da Civilização Brasileira, e convida D. Lygia para participar do projeto. Ela alerta para a necessidade de criar um Curso de Museologia para dar suporte à implantação do museu e elabora um projeto apresentado ao reitor pró-tempore, Zeferino Vaz, que o aprova ad-referendum. Entretanto, com o Golpe Civil-Militar de 1964, as propostas inovadoras que vinham orientando a criação da UnB são esvaziadas com o afastamento de seus idealizadores. No IV Congresso Nacional de Museus, organizado pela ONICOM no Museu Histórico Nacional, entre 23 e 31 de julho de 1965, retoma-se a discussão sobre a formação em Museologia e Lygia apresenta seu projeto, cuja fundamentação foi estruturada numa base de estudos gerais em História, História da Arte, Filosofia e Literatura". (Sá, 2015, p. 144)

Sobre as informações contidas na citação anterior, deduzimos que Darcy Ribeiro e Lygia Martins Costa se conheciam, mas provavelmente, não eram próximos como fica evidente na *Entrevista* já citada anteriormente com a museóloga Lygia Martins Costa, em 2004 pelos funcionários do IPHAN, Ana Carmen Jara Casco, Álvaro Mendes, José Antonio Nonato e Mário Chagas[534] (2010). Em determinado momento, os entrevistadores fazem algumas perguntas relacionadas a Mesa-Redonda de Santiago, em 1972, entre elas, "E o Darcy Ribeiro estava lá? Lygia Martins Costa responde laconicamente: Não". Penso que a resposta curta é indicativo da ausência de laços afetivos entre a museóloga e o antropólogo, mesmo tendo trabalhados juntos na criação da UNB. Um outro detalhe importante em relação à citação de Sá (2015) é sobre o projeto de Lygia Martins Costa. Ao criar um projeto para a implantação de um curso de Museologia estruturado em literatura, filosofia, história e história

[534] Publicada originalmente na Revista do Patrimônio e Artístico Nacional, nº 31 (2005).

da arte e não priorizar também as ciências sociais e a educação nos diz algo sobre o pensamento conservador da museóloga brasileira Lygia Martins Costa.

A outra exceção é o museógrafo mexicano Mario Vásquez, do Museu Nacional de Antropologia do México. Segundo, Mário Chagas (2009, p.191), o antropólogo e educador Darcy Ribeiro ao retornar do exílio em 1976 foi convidado para compor o grupo responsável pela criação do Museu do Homem de Minas Gerais, da UFMG. Mário Vásquez foi um dos assessores convidados pelo antropólogo para o referido projeto[535]. Ainda sobre o projeto, Mário Chagas (2009, p. 191) afirma que, "trata-se de um documento avançado para a época e, acima de tudo, sintonizado com as discussões que faziam parte da agenda da museologia na década de 1970, sobretudo depois da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, ocorrida em maio de 1972".

De acordo com as considerações de Chagas (2019) citadas anteriormente, surgiram algumas questões, como: até que ponto as discussões da Mesa-Redonda de Santiago foram compartilhadas pelo museógrafo mexicano Mario Vásquez durante a sua participação no projeto? Darcy Ribeiro e Mario Vásquez se conheciam antes do referido projeto? E se não se conheciam quem sugeriu o nome do museógrafo mexicano? E por fim, por que Darcy Ribeiro não convidou Lygia Martins Costa com a qual já havia trabalhado no projeto inacabado do Museu da Civilização Brasileira, em Brasília no início da década de 1960? Ao longo da investigação, eu não consegui responder muitas dessas questões que talvez não sejam assim tão importantes para o tema da pesquisa. Assim como, eu não tenho conhecimento se Darcy Ribeiro conhecia a representante do Chile, Grete Mostny; o representante do Peru, Federico Kauddmann Doig; o também peruano Césa Picón, um dos expositores convidados; o uruguaio Héctor Fernández Guido e costarriquenho Luis Diego Gómez. O educador e antropólogo brasileiro transitou por esses países antes e/ou depois da Mesa-Redonda de Santiago.

Na obra *Mário Pedrosa: retratos do exílio*, de Carlos Eduardo de Senna Figueiredo (1982) lançada um ano após a morte do crítico de arte, em 1981, o nome de Darcy Ribeiro aparece diversas vezes nas correspondências entre Mário Pedrosa e Carlos Eduardo de Senna

[535] Segundo Chagas (2009), o "processo de implantação do Museu do Homem, coordenado por Gilka Alves Wainstein, vinha sendo pensado pelo menos desde 1975, ocasião em que o então reitor da Universidade Federal de Minas Gerais, professor Eduardo Osório Cisalpino, constituiu uma comissão formada por José Armando de Souza, Wilson Mayrink, Wolney Lobato, José Murilo de Carvalho, André Pierre Prous-Poirier e Roberto DaMatta" (Chagas, 2009, p. 187-189).

Figueiredo, esse último trabalhou com Darcy Ribeiro em Lima depois do golpe civil-militar deferido contra a democracia chilena, em 1973. Enfim, existia uma relação de amizade entre o crítico de arte e o antropólogo brasileiro pelo menos desde o Chile. Numa carta enviada de Paris datada em 17 de janeiro de 1975, Mário Pedrosa escreveu o seguinte:

> “o caso que nos abalou foi o do Darcy. Recebemos cartão de Berta e dele dizendo da operação, na Beneficência Portuguesa. Gostaria de escrever-lhe porém não sei para onde. Talvez para a própria Beneficência. E lá no hospital ainda fizeram dificuldades para as visitas. Eu já gostava do Darcy, e agora o admiro ainda mais: vi-o na pior das situações: às vésperas do resultado da biópsia, com uma lucidez, calma e brava. (...) Queria escrever-lhe, dizer de minha admiração e ternura pela fortaleza moral que demonstrou, mais uma vez, e quanto, aqui, Mary e eu somos amigos dele”. (Figueiredo, 1982, p. 85)

Aqui nós necessitamos elucidar alguns pontos, primeiro, Berta Ribeiro[536] era antropóloga, etnóloga, museóloga e uma das grandes referências brasileiras em cultura material indígena. Foi casada com Darcy Ribeiro, todavia no período em questão já estavam separados, mas isso não a impediu de estar ao lado do ex-companheiro durante a cirurgia e também durante o convalescimento; segundo, em 1975, Darcy Ribeiro ainda estava exilado no Peru, todavia, eles estavam de férias na Europa, ao visitar Portugal, ele passou mal e logo em seguida viajou para Paris onde descobriu que estava com um câncer. Foi nesse momento, que ele esteve com Mário Pedrosa e também com Mary Houston, a companheira do crítico de arte brasileiro.

Sobre Paulo Freire e Darcy Ribeiro, eles se conheciam desde o Brasil e não estiveram juntos no Chile, pois quando o antropólogo chegou Paulo Freire já estava em Genebra atuando no CMI.

A ideia de adicionar alguns fragmentos biográficos de Darcy Ribeiro aqui surgiu a partir da resposta lacônica de Lygia Martins Costa (2005; 2010) durante a *Entrevista* realizada em 2004 e também da obra *A imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo*

[536] Berta Ribeiro merece uma pesquisa de mestrado ou doutorado a luz da Sociomuseologia.

Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro, de Mario Chagas (2009), citadas anteriormente. Em momento algum, eu pretendi avançar demasiadamente, pelo contrário, como disse Paulo Freire na palestra realizada no *Seminário Crítica e Auto-Crítica*, em 1991 que contou também com a participação de Darcy Ribeiro, a "eu diria a vocês que homens como Darcy, a quem eu me junto, não encerram coisa nenhuma, inclusive encontros como esse. A gente tá no mundo é pra abrir, por isso mesmo não vamos fechar esse encontro de hoje, de jeito nenhum"[537]. Nesta tese, o interesse maior é abrir, como já sinalizamos diversas vezes e que retornaremos na *Conclusão – "ruim demais não saber, é quase ser cego podendo enxergar"*.

7.8 Paulo Freire (1921-1997): o «ausente mais presente»

O educador brasileiro Paulo Freire é uma das pessoas mais citadas na bibliografia sobre a MRSC, por isso, ele é considerado o «ausente mais presente» no acontecimento de maio de 1972 e, para muitas/os, um dos que mobilizaram potências geradoras do conteúdo de sua Declaração. A partir de alguns depoimentos do ex-diretor ICOM, Hugues de Varine, eu procuro levantar e responder algumas questões relacionadas à tão propagada presença/ausência de Paulo Freire no acontecimento de 1972 e à possível influência de seu pensamento no documento final da MRSC.

Para não esquecer, em 1995, a ausência/presença foi colocada pelo museólogo Mário Chagas (2010) durante o seminário realizado em São Paulo, *A Museologia brasileira e o Icom: convergências ou desencontros?* "O Paulo Freire, mesmo sendo uma ausência em 1972, foi uma grande presença. A ideia do testemunho ausente" (Chagas, 2010, p.115)[538], e também pelo professor Carlos Henrique Gomes da Silva (2016), na monografia intitulada *A presença na ausência: Paulo Freire e a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972*.

De antemão, é preciso destacar que, no *Relatório Final* da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, escrito pelo Prewsidente Héctor Fernández Guido (2012 [1973]), não existe nenhuma menção ao educador Paulo Freire. Não estou a pretender nesta tese, avançar

[537] Transcrição da fala de Paulo Freire na palestra realizada durante o *Seminário Crítica e Auto-Crítica*, em junho de 1991 presente no artigo *Encontro das Águas: diálogos entre Paulo Freire e Darcy Ribeiro*, de Lia Faria & Rosemaria J. Vieira Silva (2008). Recuperado de: https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/vertentes/Vertentes_31/lia_e_rosemaria.pdf , em 21/12/2023. O vídeo *Darcy Ribeiro, Paulo Freire e Lia Faria no Encontro das Águas | CIEP - Crítica e autocrítica (1991)* está disponível também na página *História da Educação do Brasil*: https://www.youtube.com/watch?v=9OTbCtHmWvI.

[538] No debate após a fala do expositor Pierre Mayrand, na mesa-redonda A Declaração de Quebec (1984) (Bruno, 2010).

na discussão sobre a obra de Paulo Freire e suas interfaces com a Sociomuseologia ou mesmo sobre a sua influência no pensamento museológico contemporâneo brasileiro e português. Por outro lado, eu penso que seria mais interessante destacar que a centralidade do seu pensamento invisibilizou outras/os pensadoras/es latino-americanas/os e, de certa forma, contribuiu para o nosso isolamento epistemuseológico [brasileiro e português] na América Latina.

Reitero que o interesse, aqui, é mapear vestígios e fabular sobre as relações entre Paulo Freire, a Mesa-Redonda de Santiago do Chile e a sua Declaração. O recorte temporal incide, principalmente, no período de 1964 a 1973. Também não podemos esquecer que a presença/ausência de Paulo Freire está intrinsecamente relacionada à Hugues de Varine, por isso, tanto o educador brasileiro foi citado durante os fragmentos biográficos do ex-diretor do ICOM quanto esse último será citado nos fragmentos biográficos de Paulo Freire.

Após o golpe civil-militar que derrubou o Governo democrático do Presidente João Goulart, em 1964[539], o educador Paulo Freire foi perseguido e preso. Logo em seguida [por sua segurança e a da sua família], partiu para o exílio, inicialmente para a Bolívia (Figura 157), e, devido ao golpe militar ocorrido nesse país logo após a sua chegada, seguiu para o Chile, onde permaneceu de 1964 a 1969.

No Chile, Paulo Freire atuou como consultor do Governo nacional no Instituto de Desenvolvimento Agropecuário – INDAP e, logo depois, como consultor da UNESCO no Instituto de Pesquisa, Treinamento e Reforma Agrária – ICIRA, num projeto de cooperação entre o Governo do Chile, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD e a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura – FAO. Também colaborou com o Ministério da Educação na Campanha Nacional de Alfabetização.

[539] Não podemos esquecer que o referido golpe não foi protagonizado apenas pelas Forças Armadas e pela elite brasileira; ele também contou com o apoio da maioria da classe média e do governo dos Estados Unidos.

Figura 157 –
Salvo-conduto de Paulo Freire para deixar a Bolívia com destino ao Chile, 1964.



Fonte: Instituto Paulo Freire.

Foi durante o seu exílio no Chile que Paulo Freire escreveu o seu livro mais conhecido, *Pedagogia do oprimido*, publicado pela primeira vez em 1970, pela Editora [estadunidense] Herder and Herder (Gajardo, 2019; 2021), quando ele já não vivia mais no Chile. Conviveu com diversos intelectuais e políticos brasileiros também exilados naquele país, como Ernani Maria Fiori (1914-1985)[540], Álvaro Vieira Pinto (1909-1987)[541], Paulo de

[540] Filósofo e educador brasileiro.
[541] Filósofo brasileiro.

Tarso Santos (1926-2019)[542], Francisco Weffort (1937-2021)[543], Fernando Henrique Cardoso[544] e Thiago de Mello (1926-2022)[545], entre outros. É preciso destacar que o Chile, no período em que Paulo Freire estava exilado, era governado pelo Presidente Eduardo Nicanor Frei Montalva (1911-1982), do Partido Democrata Cristão[546]. Quando Salvador Allende, da UP, assume o Governo, em 1970, Paulo Freire já não vivia mais no Chile[547].

Em 1969, Paulo Freire deixou o Chile rumo ao Centro de Estudos da Educação e do Desenvolvimento da Universidade de *Harvard,* nos Estados Unidos. E, em 1970, seguiu para Genebra, Suíça, para atuar no Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas (McLaren, 1999, p. 19). Retornou definitivamente ao Brasil somente em 1980. É importante insistir numa questão óbvia: Paulo Freire não vivia no Chile em maio de 1972, período de realização da Mesa-Redonda de Santiago, e muito menos exilou-se após o golpe militar de setembro de 1973. Como já assinalado anteriormente, ele deixou o Chile em 1969 e retornou algumas vezes. Segundo sua discípula e amiga chilena Marcela Gajardo (2019), Paulo Freire

> “Regresó a Chile en dosoportunidades. En 1972, para reunirse con educadores chilenos y debatir sobre la orientación de los processos de transformación educativa y las políticas de alfabetización y educación de adultos del gobierno de la Unidad Popular y, algunos años más tarde, para conocer la opinión y actitud del mundo cristiano frente a los cambios sociales y políticos de la época e intercambiar ideas con teólogos chilenos sobre la misión educativa de las iglesias en América Latina”. (Gajardo, 2019, p. 34)

Enfim, não poderíamos deixar de destacar a informação acima. Paulo Freire foi impedido de participar da Mesa-Redonda de Santiago do Chile – 1972, como veremos a seguir, mas esteve no Chile no mesmo ano. Infelizmente, a autora não citou o mês da referida visita[548].

---

[542] Advogado, professor e político brasileiro.
[543] Cientista político, professor e ex-ministro da Cultura (1995-2002) brasileiro.
[544] Sociólogo e ex-presidente do Brasil (1995-2002).
[545] Poeta e tradutor brasileiro.
[546] Em 1964, Salvador Allende disputou a eleição presidencial do Chile com o vencedor Eduardo Frei, candidato apoiado pela *CIA*. Eduardo Frei foi assassinado pela ditatura civil-militar de Augusto Pinochet, em 1982.
[547] Não tenho informações se, em algum momento, durante o seu exílio, Paulo Freire conheceu o futuro Presidente chileno, Salvador Allende.
[548] Existe também uma versão de que Paulo Freire “regressou brevemente ao Chile após o assassinato de Salvador Allende em 1973, trabalhando na área da reforma agrária, o que fez com que Pinochet o declarasse subversivo” (McLaren, 1999, p. 20). Eu tenho as minhas dúvidas em relação a essa informação. Ninguém, em sã consciência, visitaria o Chile após o golpe civil-militar liderado pelo fascista Augusto Pinochet, em 11 de setembro de 1973. É improvável que a desgoverno civil-militar apoiaria qualquer movimento relacionado à

Essa pequena contextualização é importante para pensarmos sobre as relações entre Hugues de Varine e Paulo Freire, além da presença/ausência de Freire na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972. Para tanto, eu penso que é necessário rever, mesmo que de forma breve e incompleta, a obra de Varine publicada em português e espanhol. Mapear entrevistas, conferências e outras publicações é a melhor forma para compreender a relação entre eles dois e a Mesa-Redonda de Santiago do Chile.

Penso que a primeira publicação lançada no Brasil com um texto [pequeno, por sinal] de Hugues de Varine data de 1972, por coincidência, o mesmo ano da Mesa-Redonda de Santiago do Chile. Na mensagem escrita por Hugues de Varine no *Guia dos Museus do Brasil: roteiro dos bens culturais brasileiros levantados em pesquisa nacional*, publicação coordenada pela museóloga brasileira Fernanda de Almeida e Camargo (1972)[549], não existe nenhuma referência a Paulo Freire e nem à Mesa-Redonda de Santiago do Chile. No final da década de 1970, na emblemática entrevista publicada no livro *Os museus no mundo* (1979), Hugues de Varine cita o educador brasileiro[550]:

> "Paulo Freire, que trabalha no Conselho Ecumênico das Igrejas, em Genebra (Suíça), e é um dos melhores pedagogos do mundo atual (é imprescindível conhecer sua teoria da educação como prática da liberdade), inventou e aplicou no Brasil o conceito de homem-objeto da sociedade de consumo – objeto do mundo atual, objeto do mundo técnico – em homem sujeito". (Varine, 1979, p. 17)

Posteriormente, o pensamento de Paulo Freire novamente é citado no livro lançado no Brasil *O tempo social*, de Hugues de Varine (1987). No entanto, nem nessa obra e nem na entrevista de 1979 aparece algo relacionado ao convite para participar a Mesa-Redonda de Santiago. Em 1992, durante sua participação no *1º Encontro Internacional de Ecomuseus*, realizado no Rio de Janeiro, Hugues de Varine não citou a Mesa-Redonda de Santiago do Chile – 1972, mas citou Paulo Freire.

Provavelmente, a relação entre Paulo Freire e a Mesa-Redonda de Santiago do Chile foi abordada pela primeira vez na publicação *A memória do pensamento museológico*

---

reforma agrária, até porque a reforma agrária implantada no governo de Eduardo Frei e radicalizada a partir de 1970, no Governo da UP, foi um dos motivos para o golpe civil-militar de 1973.

[549] Penso que a trajetória da museóloga Fernanda de Almeida e Camargo e sua relação com o ICOM merecem uma pesquisa aprofundada no âmbito da Sociomuseologia.

[550] Não tenho informações se essa foi a primeira vez que Hugues de Varine citou o educador Paulo Freire numa publicação de alcance internacional.

contemporâneo: documentos e depoimentos, organizada por Maria Cristina Oliveira Bruno e Marcelo Mattos Araújo (1995). Essa publicação foi elaborada, publicada e distribuída para as/os participantes do *Seminário A Museologia brasileira e o Icom: convergências ou desencontros*, organizado pelo Comitê Brasileiro do ICOM e realizado em novembro de 1995, em São Paulo (Bruno, 2010, p. 11). Na referida publicação e, posteriormente, no seminário, Hugues de Varine escreveu e falou sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile – 1972. O título de seu texto/depoimento é *A respeito da Mesa-Redonda de Santiago*[551]:

> "Eu estava, naquele momento, criando na França uma ONG internacional denominada Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos (Institut Oecuménique pour le Développement des Peuples – Inodep), cuja presidência seria confiada a Paulo Freire, então consultor para educação do Conselho Ecumênico das Igrejas, em Genebra. Por que não lhe entregar a direção da Mesa-Redonda que deveria se realizar em Santiago, então sob o regime da Unidade Popular, que Paulo Freire conhecia tão bem? Ele aceitou imediatamente a sugestão de transpor suas ideias de educador em linguagem museológica: eu posso mesmo dizer que isso lhe agradou. Infelizmente, o delegado brasileiro junto à Unesco se opôs formalmente à designação de Paulo Freire, evidentemente, por razões puramente políticas". (Varine, 1995, p. 17; 2010, p. 39; 2012, p. 143)

Aqui, eu considero importante destacar e problematizar dois pontos: o primeiro, a relação entre o educador brasileiro e a UP. Paulo Freire deixou o Chile em abril de 1969, quando ainda não existia a coalização partidária denominada UP, surgida em dezembro de 1969; o segundo, além da presidência, existe pelo menos mais três denominações diferentes para a função que Paulo Freire desempenharia na Mesa-Redonda de Santiago: palestrante principal [*keynote speaker*], animador ou moderador (Varine, 2012b, p. 86; 2021).

Ainda sobre a citação anterior de Varine (1995; 2010; 2012), penso que é necessário destacar o "momento" a que ele se refere, mas não determina. O INODEP foi criado, com certeza, em 1970, pois Paulo Freire aceitou o convite para presidi-lo em julho do referido ano

[551] Esse mesmo texto [depoimento] aparece novamente na publicação de 2010, intitulada *O Icom-Brasil e o pensamento museológico brasileiro: documentos selecionados*, volume 2, organizado por Maria Cristina Oliveira Bruno. Dois anos depois, novamente, aparece com o título *Em torno da Mesa Redonda de Santiago*, na publicação *Mesa Redonda de Santiago de Chile 1972*, vol. 1 (IBRAM & Programa Ibermuseos, 2012), organizada por José do Nascimento Júnior, Alan Trampe e Paula Assunção dos Santos. No final do texto, aparece a seguinte informação: "Data: início dos anos 2000. Intervenção por ocasião de uma reunião em São Paulo" (2012, p. 143), ou seja, houve um erro relacionado à data do depoimento. Não há nenhuma menção à publicação e ao evento de 1995.

(1980)[552]. Provavelmente, o convite foi feito posteriormente, e não em 1970, ano de criação do INODEP, como subentendido na referida citação. Em 2017, numa entrevista realizada por Roberto Fernandes dos Santos Júnior e Clovis Carvalho Britto (2019), Hugues de Varine foi mais preciso e afirmou que o convite se deu quando ele estava a preparar a Mesa-Redonda de Santigo do Chile, em 1971 (Santos & Britto, 2019, p. 325).

Além dessas referências, a presença/ausência de Paulo Freire na Mesa-Redonda de Santiago do Chile continuou sendo lembrada por Hugues de Varine em diversas ocasiões, como em 1995, na emblemática entrevista realizada pelo museólogo e poeta Mario Chagas (1996)[553], assim como em novembro de 2012, durante o *5º Fórum Nacional de Museus*, realizado em Petrópolis, no Rio de Janeiro, na *Conferência III – Homenagem aos 40 Anos da Mesa-Redonda de Santiago no Chile*.

Ainda em 2012, num depoimento intitulado *Reflexiones a 40 años de la Mesa de Santiago*, enviado para o *Simposio Internacional de Museología – Nuevas Prácticas, Nuevas Audiencias: a 40 años de la Mesa de Santiago*, realizado no Centro Cultural Gabriela Mistral – GAM, na capital do Chile, Hugues de Varine não cita Paulo Freire (Varine, 2012, pp. 4-5)[554].

E não podemos esquecer as diversas referências ao mestre Paulo Freire citadas nas obras *As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local* (Varine, 2012) e *El ecomuseo singular y plural: um testimonio de cinquenta años de museologia comunitária en el mundo* (Varine, 2020). Nesse último, o autor cita os livros que compõem a sua "biblioteca ecomuseológica": entre eles, estão algumas obras do educador Paulo Freire, como *Educação como prática da liberdade* (1967), *Pedagogia do oprimido* (1970), *L'éducation, pratique de la liberté* (1971), *Pedagogia da esperança* (1997) e *Ação cultural para a liberdade e outros escritos* (2011). Apesar de algumas publicações datarem do final dos anos

[552] Prólogo escrito pela Equipe INODEP no livro *Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*, de Paulo Freire (1980).

[553] No dia 02 de janeiro de 2022, eu perguntei via *WhatsApp* ao professor Mario Chagas sobre o contexto da referida entrevista. Segundo ele, a entrevista era para ter sido realizada presencialmente, durante o *Seminário A Museologia brasileira e o ICOM: convergências ou desencontros*, organizada pelo Comitê Brasileiro do ICOM, em novembro de 1995, em São Paulo; todavia, Hugues de Varine cancelou e pediu para o professor enviar as perguntas por *e-mail*, que ele responderia em breve, assim que chegasse à França.

[554] Sobre a sua ausência, Hugues de Varine assim escreveu: "Lamento no poder estar con ustedes hoy día y quisiera simplemente darles mi testemonio, aunque éste, de hecho, se remonte cuarenta años atrás. Hace cuarenta años que no voy a Santiago. La última vez fue por la mesa redonda de 1972 y he guardado grandes recuerdos de esta mesa redonda y desgraciadamente no he vuelto nunca más". (Varine, 2012, p. 4).

1960 e início dos anos 1970, segundo Hugues de Varine (2021)[555], essas obras foram lidas "muito mais tarde", ao primeiro encontro com Paulo Freire, em Genebra, e provavelmente após a Mesa-Redonda de Santiago do Chile – 1972.

Hugues de Varine conheceu Paulo Freire antes da Mesa-Redonda, todavia, a convivência entre os anos 1970 e 1972 foi pequena a levar em conta as agendas do então Diretor do ICOM e do educador brasileiro, mas não menos impactante. A probabilidade do primeiro ter lido alguma obra de Paulo Freire antes de conhecê-lo pessoalmente é pequena, pois, segundo o próprio Varine (2021b), a primeira tradução para o francês é de 1971 e ele não falava português e nem espanhol nessa época.

Ainda não tenho informações sobre se as/os participantes da Mesa-Redonda de Santiago conheciam Paulo Freire pessoalmente ou apenas a sua obra. Das pessoas presentes no acontecimento chileno de 1972, provavelmente o único que o conhecia era Hugues de Varine (2021b), quando "ele ensinou suas experiências e seus métodos ao grupo de fundadores da INODEP", antes e depois da MRSC.

Apesar da proximidade entre Hugues de Varine e Paulo Freire, não existe nenhuma possibilidade de o primeiro ter influenciado os trabalhos da Mesa-Redonda que resultaram na Declaração, pois, como citado anteriormente, ele não falava português e nem espanhol, além do mais, ele não tinha direito à voz e nem a voto. Evidentemente, as/os demais participantes falavam francês ou inglês e conversavam nesses idiomas nos intervalos e passeios externos, todavia, acho improvável que Varine tenha influenciado nos trabalhos, principalmente pelo que conhecemos da sua trajetória de vida.

Ainda sobre Paulo Freire e a Mesa-Redonda de Santiago do Chile – 1972, Hugues de Varine (2021)[556] afirmou o seguinte: "não me lembro de qualquer menção formal de PF nas sessões da Mesa-Redonda. Mas o espírito da Mesa estava muito próximo das ideias e das práticas de PF". No documento disponibilizado pelo MNHN durante a minha pesquisa, o nome do educador brasileiro é citado pelo expositor argentino Jorge Enrique Hardoy[557]:

> "Ahora dentro de esto si Uds. realmente quieren llegar a cumplir los objetivos que se han hablado acá de que la gente tome conciencia de

[555] Via *e-mail*, no dia 11 de dezembro de 2021.
[556] No dia 12 de dezembro de 2021 através de e-*mail.*
[557] Documento *AHA_402_001 C-70*, intitulado *Mesa Redonda sobre la Importancia de los Museos* [transcrições] (1972).

> quienes son de onde vienen y a donde van, de cuales son los recursos de su país para que ellos y eso siempre en passo y ese sería la recomendación vivan peligorsamente, vayan un passo más allá cada vez que hacen uma exhibición de lo que la situación política del pais les permitan, vayan un pasito más allá. No traten de quedarse dentro de los límites de un marco sociopolítico muy rígido en muchos de nuestros países los permite, pero sí Uds. quieren realmente que esta gente tome conciencia de estos problemas y como lo disse Helder Camara y lo Paolo Freire y lo disse Palestro y los dicen todos los grandes autores en este momento, en este momento hablan sobre esta situación de dependência cultural, de dependência cientifica y tecnológica y son de independencia económica y política dentro de nuestros países. Para que esta gente empiece a pensar a unirse etc., y a ayudar en esto, diablos tienen que irse del país”. (Hardoy, 1972, p. 191)

Nesse trecho do arquiteto, urbanista e debatedor argentino, Jorge Enrique Hardoy é possível vislumbrar sua potência e o impacto que deve ter causado nas/os participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em maio de 1972. Aspiro que a grande maioria das/os profissionais e pesquisadoras/es de museus; professoras/es e estudantes de Museologia “vivam perigosamente” e “sempre dê um passo adiante” nas suas exposições, investigações, aulas, monografias, trabalhos finais de curso, dissertações, teses e artigos, como alertou Jorge Enrique Hardoy há mais de cinco décadas.

Não tenho dúvidas que “o espírito da Mesa estava muito próximo das ideias e das práticas de PF” (Varine, 2021), porém, dentro de algo maior que estava a ser pensado ao longo do século XX, o pensamento social latino-americano[558], além das configurações sociais do Chile durante o Governo da UP. Por outro lado, tenciono que uma das grandes contribuições do educador brasileiro Paulo Freire em relação à Mesa-Redonda de Santiago do Chile – 1972 foi o trabalho de alfabetização de adultos desenvolvido por ele e seus colaboradores no final dos anos 1960 durante o governo de Eduardo Frei. O Método Paulo Freire, criado no Nordeste do Brasil, foi adaptado e colocado em prática no Chile. O trabalho de alfabetização de adultos realizado a partir do seu pensamento foi imprescindível para a

[558] Juntamente com outras/os pensadoras/es da América Latina citadas/os ao longo da tese.

eleição de Salvador Allende, da UP, em 1970. E foi esse Governo que tornou possível a realização da Mesa-Redonda de Santiago do Chile e sua emblemática Declaração. Também não podemos esquecer da sua relação com o MIR, já delineada e que será retomada no *Capítulo 8 – Oscar Eduardo Avello Avello: “soy una fotografia de um desaparecido”*. E para finalizar, não podemos esquecer da relação afetuosa do educador brasileiro e o país andino e que ainda necessita ser investigada no âmbito da Sociomuseologia. Podemos nos inspirar nesse pequeno e afetuoso depoimento de Paulo Freire sobre o Chile e as/os chilenas/os (Freire & Guimarães, 2021):

> “Que testemunho mais fantástico poderia ter um exilado do que chegar com a natureza e com os déspotas? O povo chileno sabe muito bem que a contradição fundamental com que o ser humano se depara não é entre ele e a natureza, mas a que se dá no domínio do social, político e econômico. Essas coisas confesso que aprendi no Chile, quer dizer, não que o Chile me tenha feito um homem completamente diferente do que eu era, mas o que fez comigo foi exatamente aprofundar em mim uma radicalidade já anunciada” (Freire & Guimarães, 2021, p. 195).

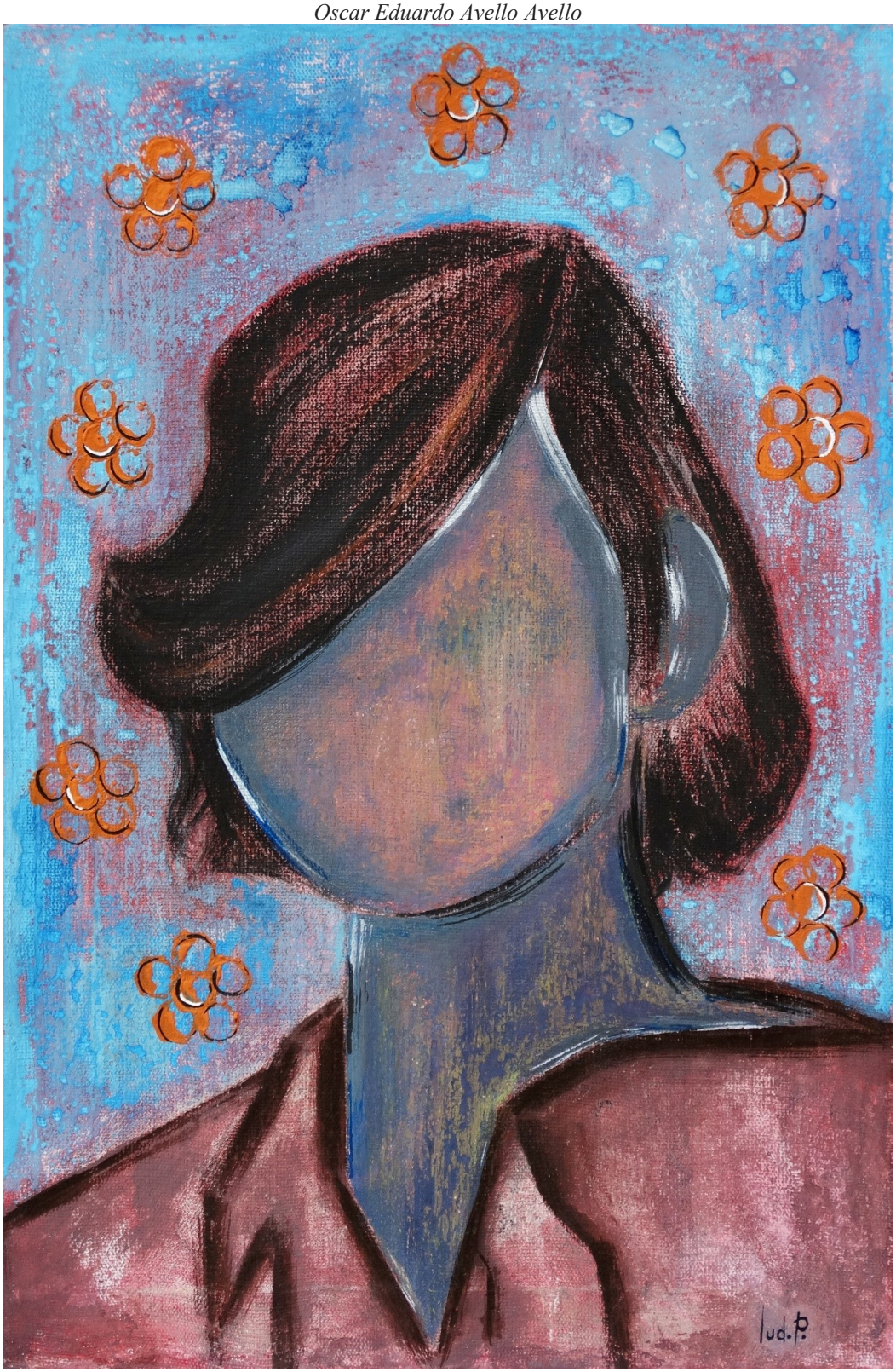
Precisamos seguir os passos de Paulo Freire pelas alamedas e calles de Santiago, adentar no seu cotidiano de Paulo Freire durante o seu exílio chileno, as casas onde viveu com a sua família, os lugares onde ele passeava, as/os amigas/os chilenas/os e brasileiras/os, as livrarias que frequentava, por exemplo.

Uma curiosidade também aproxima o educador brasileiro Paulo Freire e a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972: a dificuldade, até o presente momento, 21 de dezembro de 2023, de encontrar fotografias sobre o exílio chileno do primeiro e sobre o acontecimento mais emblemático da museologia latino-americana. No dia 10 de fevereiro de 2022, eu enviei uma mensagem ao Instituto Paulo Freire solicitando uma fotografia do Patrono da Educação Brasileira durante o período em que viveu no Chile. No mesmo dia, Angela Biz Antunes respondeu-me que o Instituto não possuía imagens de Paulo Freire no Chile e sugeriu que eu procurasse a amiga e discípula chilena Marcela Gajardo. Essa última, também disse que não possuía nenhuma fotografia.



A extensão desse capítulo é proporcional ao número de participantes homens na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972. A maioria da equipe UNESCO/ICOM é formada por homens, todos os debatedores são homens, a maioria das/os delegadas/os é formada por homens, assim como, as/os observadoras/es.

Figura 158 –
Oscar Eduardo Avello Avello



Fonte:Ludmila Pimentel, 2023.

CAPÍTULO 8 – OSCAR AVELLO AVELLO (1954-1976): “SOY UNA FOTOGRAFIA DE UN DESAPARECIDO”

¿Por qué escribir sobre Usted? ¿Por qué resucitar una historia que empezó hace más de cuarenta años? ¿Por qué hablar outra vez de corvos, parrilas eléctricas y ratas? ¿Por qué hablar otra vez de desaparecimiento de personas?

La dimensión desconocida, Nona Fernández (2017)

A primeira vez que eu vi o nome de Oscar Eduardo Avello Avello foi no início da pesquisa[559], na lista das/os observadoras/es da MRSC, presente no *Relatório Final* escrito por Héctor Fernández Guido (2012 [1973], p. 120)[560]. Posteriormente, em maio de 2022, durante a minha primeira viagem de campo ao Chile, mais especificamente no dia 18 de maio, por coincidência Dia Internacional dos Museus, eu fui à Biblioteca Científica Abade Molina do Museu Nacional de História Natural do Chile – MNHN acessar alguns documentos digitalizados do Archivo Historico Administrativo – AHA. Em determinado momento, ao conversar com a bibliotecária Gabriela Flora Belen Riveros Allendes, responsável pelo referido arquivo, eu comentei das dificuldades enfrentadas durante a minha pesquisa de campo no país, entre elas a quase inexistência de informações sobre as/os observadoras/es, quase todas/os chilenas/os. Imediatamente, ela ligou para o museólogo aposentado do MNHN, Miguel Ángel Azócar[561] e falou sobre a minha pesquisa e os percalços. Algumas horas depois, ele apareceu na biblioteca para conversar comigo.

Ao revermos a lista de observadoras/es, ele me disse que o jovem Oscar Eduardo Avello Avello foi aluno do Centro Nacional de Museologia – CNM[562] e era um detenido

[559] Em abril de 2021.
[560] Apresentada no *Capítulo 2 – “Mesa Redonda de Santiago do Chile: un hito revolucionario de la museología”*.
[561] Discípulo de Grete Mostny. Lembro que antes da minha viagem de 2022, o professor Mario Chagas sugeriu que eu o procurasse.
[562] O vínculo de Oscar Eduardo Avello Avello e o Centro Nacional de Museologia constava na lista de Héctor Fernández Guido (2012 [1973]). p. 120), todavia, não estava especificado se a pessoa era estudante, professor/a ou formado nessa instituição.

desaparecido da ditadura civil-militar de Pinochet [Figuras 159 e 160]. A partir desse momento, eu passei a associar Oscar Eduardo Avello Avello ao verso “soy una fotografia de un desaparecido” da música Latinoamerica, do grupo porto-riquenho Calle 13 (2011). Assim como Grete Mostny, ele também se tornou uma obsessão.

Figuras 159 e 160 –
Afiches de Oscar Eduardo Avello Avello, n.d.





Fonte: Página do *Facebook* da Agrupación de Familiares de Detenidos Desaparecidos.

Sua participação no acontecimento mais importante de museus da América Latina me deixou intrigado e algumas questões surgiram no decorrer do ano de 2022, após o meu retorno ao Brasil e uma breve pesquisa na *internet*, entre elas: qual foi motivo da escolha do estudante Oscar Eduardo Avello Avello para participar como observador da Mesa Redonda de Santiago do Chile, 1972? Quais os motivos do seu sequestro/dentenção/desaparecimento? Seria possível contactar algum familiar depois de cinquenta anos da MRSC? Se sim, existiria algum objeto [biográfico] de Oscar Eduardo Avello Avello para fotografar? Ele e Grete Mostny eram próximos? Procurei responder essas questões e outras que surgiram posteriormente.

Também preciso sinalizar que a minha obsessão por Oscar Eduardo Avello Avello foi um dos principais motivos da minha segunda viagem ao Chile, em maio de 2023[563]. Até então, pelo menos para mim a história de vida do jovem observador da MRSC estava totalmente soterrada, por isso, fez-se necessário escavar, coletar/produzir dados para narrar

[563] Além do Archivo Grete Mostny, como referido no *Capítulo 6 – A Coordenadora da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, la doctora Grete Mostny (1914-1991)*.

alguns fragmentos biográficos sobre a sua breve existência, como veremos a seguir. Evidentemente, não escavei e não coletei/produzi dados sozinho, pessoas e instituições escavaram antes de mim, tornando possível os fragmentos biográficos aqui delineados. Nada do que está aqui escrito seria possível sem a luta da tia de Oscar Eduardo Avello Avello, Esterlina Reyes Riffo e de pessoas e instituições como a Agrupación de Familiares de Detenidos Desaparecidos – AFDD, a Vicaría de la Solidaridad (1976-1992)[564] e a Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi que enfrentaram a ditadura civil-militar instalada no Chile após o golpe de 11 de setembro de 1973 e suas consequências. A luta pela condenação e prisão dos responsáveis pela barbárie instalada no país durante o governo do ditador Pinochet, a liberação dos arquivos das forças armadas e consequentemente descobrir o que aconteceu e onde estão os corpos das/os detenidas/os desaparecidas/os e as sequelas do neoliberalismo são algumas das bandeiras dessas instituições.

Após o meu retorno ao Brasil, em junho de 2022, ao buscar na *internet* alguma informação sobre Oscar Eduardo Avello Avello [Figuras 161 e 162], eu encontrei um Dossier de quatro páginas do Centro de Estudios Miguel Enríquez – CEME – Archivo Chile[565], contendo algumas informações sobre a sua detenção e desaparecimento. A partir da sua data de nascimento e detenção/desaparecimento (1954-1976) podemos afirmar que ele tinha apenas 18 anos quando participou como observador da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972. E em 1976, antes da sua detenção e desaparecimento, ele tinha 22 anos e era estudante do 3º ano de Medicina da Universidad de Chile, além de atuar no Movimiento de Izquierda Revolucionaria – MIR.

[564] “El primero de enero de 1976, el Cardenal Raúl Silva Henríquez mediante decreto arzobispal Nº 5-76 crea la Vicaría de la Solidaridad del Arzobispado de Santiago, en reemplazo del Comité de Cooperación para la Paz, continuando su tarea en la defensa y promoción de los Derechos Humanos. Ese día se abrieron las puertas del Palacio Arzobispal ubicado en la Plaza de Armas de Santiago, cuyos pasillos comenzaron a llenarse con testimonios de dolor, entrega y profunda fe en la vida. Se trataba de una labor particular. Una tarea inédita que combinaba la entrega de profesionales, religiosos y miembros de organizaciones sociales; católicos, creyentes de otras denominaciones y no creyentes”. Recuperado de: https://www.vicariadelasolidaridad.cl/vicaria_de_la_solidaridad , em 08 de junho de 2023.

[565] As informações contidas no Dossier são da Vicaría de la Solidaridad. Recuperado de: https://www.archivochile.com/Memorial/caidos_mir/A/avello_avello_oscar.pdf , em 04 junho de 2022.

Figuras 161 e 162 –
Oscar Eduardo Avello Avello, n.d. Fontes: Sítio Memória Viva – Archivo Digital de las Violaciones a los Derechos Humanos por la Dictadura Militar en Chile (1973-1990)[566]*; Centro de Estudios Miguel Enríquez – CEME –*



Fonte: Archivo Chile[567].

Oscar Eduardo Avello Avello não foi apenas o mais jovem participante [observador] da MRSC, em 1972, mas também o primeiro desaparecer/morrer, em 1976. Ou seja, para Oscar Eduardo Avello Avello, suas famílias e amigas/os, o desespero não era uma questão de modismo em 1976[568]. Aliás, desde o golpe civil-militar contra o Governo socialista de Salvador Allende, em 11 de setembro de 1973[569], a censura, os exílios, os sequestros, as torturas, os assassinatos e desaparecimentos faziam parte da vida cotidiana de milhares de chilenas/os, de estrangeiras/os residentes no país e exiladas/os, essas/es últimas/os perseguidas/os pela Operação Condor.

[566] Recuperado de: https://memoriaviva.com/nuevaweb/detenidos-desaparecidos/desaparecidos-a/avello-avello-oscar-eduardo/ , em 04 de junho de 2022.
[567]Recuperado de: https://www.archivochile.com/Memorial/caidos_mir/A/avello_avello_oscar.pdf , em 04 de junho de 2022.
[568] Assim como para Diana Teruggi, Clara Anahí, Daniel Mariani e suas famílias e amigas/os, o desespero em 1976 não era uma questão de modismo, como referido no *Capítulo 5 – Fragmentos Biográficos das Mulheres Participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972*. Referência ao verso da múscia *A palo seco* (1973), do cantor e compositor brasileiro Belchior. A música aparece no disco *Belchior*, de 1974, [alguns e algumas denominam o disco *Mota e Glosa*, nome de uma das canções nele presentes], da gravadora *Chantecler.* A letra da música foi inspirada no contexto social e político da maioria dos países da América do Sul que viviam sob ditaduras. A lembrar que o golpe no Chile foi uma das inspirações para a letra de Belchior.
[569] E demais ditaduras civis-militares latino-americanas.

Ainda segundo o Dossier referido anteriormente, Oscar Eduardo Avello Avello foi detido no dia 24 de junho de 1976, aproximadamente às 05h00 em sua residência, segundo relatos das/os vizinhas/os. Seu destino final nunca foi elucidado, apesar das diversas tentativas da família, principalmente de sua tia Esterlina Reyes Riffo [com quem ele residia em Santiago] junto a Corte de Apelaciones de Santiago [rol Nº 562-76] e a Vicaría de la Solidaridad. Ele é um dos mais de 1.102 detenidos-desaparecidos[570] durante a ditatura civil-militar presidida pelo genocida Augusto Pinochet.



Ao acessar os documentos do Archivo Historico Admnistractivo – AHA, do Museu Nacional de História Natural do Chile – MNHN[571], tais como transcrições dos debates, cartas oficiais etc., o nome de Oscar Avello Avello aparece apenas no documento *AHA_402_001 C-70*, intitulado *Mesa Redonda sobre la Importancia de los Museos* [transcrições], citado pelo Presidente da MRSC, Héctor Fernández Guido (1972),

> “Quiero además destacar la labor realizada por los relatores del primer tema que se ha sintetizado en unas 17 páginas no sonria tanto porque todos van a tener que leerlas y corregirlas. Un voto de apluso para los relatores, esperamos que la calidad este de acuerdo con la cantidad, y esto va dicho de título de ejemplo pero en particular para el relator del día de hoy Profesor Luis Diego Gómez y para el encargado de tomar notas, recomendaciones y resoluciones, el observardor Oscar Avello ¿acordado?, desde ya mi agradecimento”. (Guido, 1972, p. 61)

Na citação acima não aparece os nomes dos relatores do primeiro tema *Os museus e o desenvolvimento cultural em áreas rurais e o desenvolvimento agrícola*, do expositor panamenho Enrique Enseñat. Por outro lado, os nomes do delegado da Costa Rica, Luis Diego Gómez e Oscar Eduardo Avello Avello aparecem como relator e encarregado de anotar as recomendações e resoluções do segundo tema, respectivamente, *Os museus e os problemas*

[570] Segundo Manuel Gerrero Antequera (2023), “En el caso de Chile, el *Informe de la Comisión Nacional de Verdad y Reconciliación* (“Informe Rettig”) de 1991, y el *Informe sobre la Calificación de Víctimas de Violaciones a los Derechos Humanos y de la Violencia Políti*ca, de la Corporación Nacional de Reparación y Reconciliación de 1996, entregaron en su conjunto el registro de 3.197 casos de víctimas calificadas por el Estado de Chile como muertos (2.095) y desaparecidos (1.102) entre 11 de septiembre de 1973 y el 10 de marzo de 1990 (Antequera, 2023, p. 93).

[571] Em junho de 2022, após o retorno ao Brasil.

sociais e culturais, do expositor argentino Jorge Hardoy[572]. Também é preciso sinalizar que a citação acima confirma a presença de Oscar Eduardo Avello Avello durante os trabalhos da Mesa-Redonda de Santigo do Chile, em maio de 1972, pois nem todos os nomes presentes na lista de Héctor Fernandéz Guido (2012 [1973], p. 120) aparecem nas transcrições disponíveis. Até a minha segunda viagem ao Chile, em maio de 2023, essas eram as informações que eu possuía sobre sobre Oscar Eduardo Avello Avello.

8.1 Agrupación de Familiares de Detenidos Desaparecidos – AFDD

Em janeiro de 2023, eu entrei em contato com a Agrupacion de Familiares de Detenidos Desaparecidos – AFDD do Chile através da sua página do *Facebook*[573], procurava informações sobre Oscar Eduardo Avello Avello e solicitava a intermediação para contactar alguém da familia. Disse que estaria em Santiago em maio de 2023 e que gostaria de visitar a AFDD e que também precisava de uma indicação de alguma arpillerista, pois gostava de encomendar ou quem sabe bordar coletivamente uma arpillera sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972[574]. A visita ficou acertada para o dia 02 de maio de 2023. Na data e hora combinadas, eu estava em frente a sede da AFDD [Figuras 163 e 164], localizada na Avenida Ricardo Cumming, 1161, Santiago[575]. Fui recebido por Alicia Juica [secretaria], Marta Vega [tesorera], Ana María Carreño [encargada de archivos] e uma quarta pessoa[576].

[572] Como exposto no *Capítulo 3 – A Progamação da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972*, na programação oficial [prévia], o segundo tema era *Os museus e o desenvolvimento científico e tecnológico*.
[573] Recuperado de: https://www.facebook.com/AFDDChile , em 23 de janeiro de 2023.
[574] Segundo a publicação *Arpilleras, Colección del Museo de la Memoria y los Derechos Jumanos* (2019), “la Agrupación fue la primera instancia donde se inició el trabajo de las arpilleras” (p. 10).
[575] Por coincidência, a sede da AFDD está localizada próxima ao local que eu fiquei hospedado, na Calle Delfina, 817 3.
[576] No dia 03 de maio de 2023, através do *WhatsApp*, eu perguntei a Alicia Juica e ela me disse que “era una compañera que iba por primera vez, sobrina de Cecilia Bojanic”. Cecilia Bojanic (1957-1974) [vide Anexo 8] tinha 23 anos quando foi sequestrada juntamente com o seu esposo Flavio Oyarzún, no dia 2 de outubro de 1974. Ela e ele são detenidos desaparecidos da ditatura civil-militar comandada pelo genocida Pinochet. Cecilia Bojanic estava grávida de cinco meses do seu segundo filho. O casal militava no MIR, a mesma organização de atuação de Oscar Eduardo Avello Avello. Recuperado de: https://memoriaviva.com/nuevaweb/detenidos-desaparecidos/desaparecidos-b/bojanic-abad-cecilia-miguelina/, em 16 de novembro de 2023.

Figuras 163 e 164-
Fachada da AFDD e painel com as fotografias e nomes de algumas e alguns desaparecidas/os, 2023.





Fonte: O autor.

Apesar de não falarmos o mesmo idioma, conseguimos nos comunicar. Falei um pouco da minha pesquisa e do meu interesse pelo detenido desaparecido Oscar Eduardo Avello Avello. Ao citar algumas das minhas dificuldades, citei o fracasso de visitar a sede da OREALC/UNESCO, em Santiago. Também enfatizei o meu interesse em contactar alguém da

família de Oscar Eduardo Avello Avello e por fim, sobre o interesse de encomendar uma arpillera. Elas se dispuseram a enviar um *e-mail* para a OREALC/UNESCO solicitando a permissão para eu visitar o local. Também ficaram de entrar em contato com alguém da família de Oscar Eduardo Avello Avello ou alguma pessoa do MIR que tenha convivido com ele[577]. E por fim, ficaram de confeccionar uma arpillera sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile para a minha pesquisa, todavia, elas disseram que era por Oscar Eduardo Avello Avello[578]. Combinaram de entregar até o final do mês de maio, data do meu retorno ao Brasil[579].

Ainda na primeira reunião, nós conversamos sobre a narrativa representada na arpillera. Me comprometi enviar pelo *e-mail* institucional e pelo *WhatsApp* de Alicia Juica algumas figuras e palavras relacionadas a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972, como algumas fotografias das/os participantes e os nomes UNESCO, ICOM, UP, Declaração de Santiago etc. Disse também que era importante constar a sigla da AFDD. Elas concordaram e no final disseram que Oscar Eduardo Avello Avello tinha que ser representado na arpillera. Combinei de retornar à AFDD no dia 09 de maio para fazer uma doação em dinheiro para a agrupação.

Como combinado, eu estava na AFDD no dia 9 de maio de 2023. Ao entrar na sede, uma das senhoras estava com um tecido me aguardando e perguntou pelo desenho da arpillera. Eu fui pego de surpresa e respondi que eu não sabia que tinha que levar um desenho, também disse que nem se quer sabia desenhar e por fim, eu informei que tinha enviado

[577] Eu não tive retorno sobre o contato com a OREALC e também sobre o contato com alguém da família e/ou do MIR.

[578] Conversei com elas sobre a possibilidade de doar uma quantia em dinheiro em retribuição à confecção da arpillera. Elas responderam que não cobravam pelos serviços prestados, todavia, se a pessoa quisesse contribuir, tudo bem. Perguntei qual seria o valor de uma doação, pois, eu não tinha como doar um valor muito alto, então, elas responderam que a pessoa doava quanto pudesse.

[579] Disseram que trabalhariam sempre às terças-feiras e que se eu quisesse poderia participar. Infelizmente, não foi possível participar na confecção da arpillera, em primeiro lugar por causa da minha agenda, mas principalmente, porque elas esqueceram de combinar comigo, talvez por causa das diversas atividades realizadas pela AFDD, entre elas estava a organização e a participação na Maratona de Santiago, programada para o dia 14 de maio de 2023. Para esse evento, elas conseguiram patrocínio para a confecção de camisetas/poleras com fotografias e os nomes das/os desaparecidas/os [frente] e na parte de trás a frase: A 50 años de golpe Verdad y Justicia. As camisetas/poleras foram distribuídas na véspera da Maratona. Eu fiz a inscrição e recebi a camiseta, todavia, disse que não tinha força para correr uma maratona, mas poderia ajudá-las no dia do evento. Como prometido, eu fui para o local, no dia e horário combinados. Pensei que era um evento pequeno, na verdade, eu pensei que era apenas com as pessoas que receberam as camisetas/poleras. Ao chegar ao local, eu encontrei uma multidão de atletas profissionais e amadores, acompanhantes, repórteres etc. [do Chile e exterior], infelizmente, diante da quantidade de pessoas no local, eu não consegui encontrar o grupo da AFDD.

fotografias, palavras e frases para o *e-mail* e pelo *WhatsApp* para elas se inspirarem. Resumindo, repeti as informações que eu possuía e que eu achava importantes constar na arpillera. Disse que elas tinham total liberdade para compor a narrativa da arpillera a partir das imagens, palavras e frases encaminhadas anteriormente. Terminei sugerindo outros elementos possíveis para compor a arpillera, todavia, elas disseram que era impossível devido ao prazo para confecção e também o tamanho da arpillera.

E para encerrar essa pequena narrativa sobre a AFDD, Alicia Juica pediu para eu passar no dia 31 de maio para pegar a arpillera. Na data combinada, ela me mostrou a obra de arte e disse que tinha feito alguns ajustes, mas confessou que nunca tinha bordado uma arpillera. Eu ri e disse que isso não tinha importância e que a arpillera tinha ficado linda. Agradeci e disse que elas podiam contar comigo no Brasil. Também prometi divulgar o trabalho da AFDD nas minhas andanças[580]. Após receber a arpillera e retornar para o local que estava hospedado, eu recebi um áudio de Alicia Juica, todavia, naquele momento, não foi possível ouvi-lo. Apenas, quando cheguei no Brasil foi que eu entendi que era para tirar uma fotografia com a arpillera para ficar registrado na instituição. Depois eu respondi pedindo desculpas e me comprometendo a enviar fotografias da arpillera durante o meu Júri Final e também enviar uma cópia da tese.

A arpillera bordada pelas senhoras da AFDD será analisada na *Conclusão*. De qualquer forma, é preciso sinalizar que o fato da pesquisa sobre a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972 ser agraciada com uma arpillera confeccionada pelas senhoras da Agrupación de Familiares de Detenidos Desaparecidos – AFDD foi/é uma dádiva imensurável.

8.2 Museo Sitio Parque por la Paz Villa Grimaldi

Além da Agrupación de Familiares Detenidos Desaparecidos – AFDD, outras duas instituições que lutaram e lutam por justiça e contra o esquecimento dos crimes perpetrados pela ditadura civil-militar cruzaram o meu caminho durante a minha segunda viagem ao Chile, em maio de 2023, o Museo de Sitio Parque por la Paz Villa Grimaldi[581] e a Fundación de Documentación y Archivo de la Vicaría de la Solidaridad.

[580] Por isso, com o intuito de deixar registrado, eu resolvi detalhar aqui o processo de aproximação e os desdobramentos com a AFDD durante a minha segunda viagem de campo, em maio de 2023.

[581] Foi no dia 19 de maio que eu entrei no *site* do Parque por la Paz Villa Grimaldi. De fato, eu não me lembro como descobri a página. O desânimo do dia anterior ao visitar o local onde funcionou o Centro de Madre las Rosas de Lina, assunto que será abordado adiante, foi compensado ao ser envolvido pela história do Parque por

Não cabe aqui escrever a história da Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi[582]. Quero apenas apresentar o lugar e evidenciar as relações com a minha pesquisa. A narrativa aqui esboçada foi baseada nas informações existentes na página da instituição e nos textos presentes nos três folhetos distribuídos na recepção do Museo Sitio Parque por la Paz Villa Grimaldi[583].

Durante o início da década de 1970, o local era denominado de Paraíso Villa Grimaldi e ali funcionou um restaurante bastante conhecido e frequentado, inclusive por políticos da Unidade Popular. A denominação Paraíso Villa Grimaldi estava relacionada ao local, seus vasos de plantas, seus jardins, fontes e uma piscina que lembravam uma típica vila italiana. Após o golpe civil-militar de 1973, o proprietário Emilio Vasallo foi obrigado a vender o local para pessoas ligadas aos militares e o local foi transformado no Cuartel Terranova, dirigido pela Dirección de Inteligencia Nacional – DINA, um dos principais centros secretos de sequestro, tortura e extermínio. “Se estima que unos 4.500 prisioneiros políticos pasaron por esta cárcel secreta. Se sabe que 241 de estos detenidos fueron hechos desaparecer o ejecutados” até o ano de 1978[584]. Entre elas/es, Oscar Eduardo Avello Avello. Essa última informação, eu soube através do *site* da Corporación Parque por la Pa Villa Grimaldi, alguns dias antes de visitar o local pela primeira vez, no dia 24 de maio de 2023. Enviei um *e-mail* no dia 21 de maio para a instituição[585] a solicitar informações sobre Oscar Eduardo Avello Avello. No dia seguinte, Daniel Rebolledo Hernández, Coordinador de Área Museo Parque me respondeu com cópia para o Presidente do ICOM Chile, Leonardo Mellado:

> “Estimado Julio:
> Espero estés bien. Estamos buscando información de Oscar Avello, te mantendremos informado.

---

la Paz Villa Grimaldi, “uma antiga mansão luxuosa para onde a DINA [Dirección de Inteligencia Nacional] levava comunistas, socialistas e miristas nos anos subsequentes ao golpe, mantinha-os com os olhos vendados e em condições subumanas, torturava-os[as] selvagemente, e depois dava fim a seus corpos. A atual presidente do Chile, Michelle Bachelet, foi uma das sobreviventes de Villa Grimaldi” (Winn, 2010, p. 186).

[582] Escreveria muitas páginas sobre as minhas impressões durante as duas visitas ao Museo de Sitio Parque por la Paz Villa Grimaldi, todavia, não será possível nesse momento. Para maiores informações acessar o *site* da Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi: https://villagrimaldi.cl/ .

[583] *Parque por la Paz Villa Grimaldi*, *Recomendaciones para la Visita* e *Rescatando Memorias para Chile – Archivo Oral de Villa Grimaldi*, este último foi financiado pelo “Programa de Derechos Humanos del Ministerio de Interior y Seguridad Pública”.

[584] Folheto Parque por la Paz Villa Grimaldi.

[585] O *e-mail* foi enviado para Daniel Rebolledo Hernández, coordenador da Área Museu Parque e Nathalia Rubio Urrejola, responsável pelo Arquivo e Catalogação.

> Asimismo, copio a Leonardo Mellado, presidente de ICOM Chile, para que esté al tanto de investigación y la intención de honrar la memoria de Oscar, a la cual nos sumamos.
> Saludos cordiales”.

Na mesma data, recebemos a mensagem de Leonardo Mellado, Presidente do ICOM Chile:

> “Estimados (as):
> Muchas gracias por la información. Estoy en conocimiento de las gestiones e investigación que está desarrollando Julio. Quedo atento a cualquier requerimiento y a la posibilidad de visibilizar en este contexto la figura de Oscar Avello.
> Saludos fraternos”.

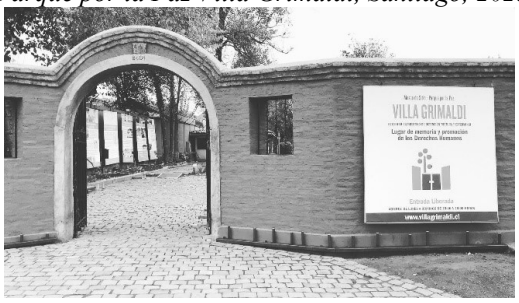
Resolvi divulgar os conteúdos desses *e-mails* porque o Museo de Sitio Parque por la Paz Villa Grimaldi desconhecia que uma das pessoas desaparecidas que passou por ali, em 1976 era museólogo e tinha participado como observador do mais importante acontecimento de museus da América Latina. Também gostava de registrar a esperança do ICOM Chile e do Museo de Sitio Parque por la Paz Villa Grimaldi honrarem o nome de Oscar Eduardo Avello Avello.

Visitei o Museo Sitio Parque por la Paz Villa Grimaldi[586] em duas ocasiões, a primeira vez no dia 24 de maio 2023, como já relatado e a segunda vez no dia 27 de maio de 2023, Día de los Patrimonios no Chile. Dificilmente, eu conseguirei expressar os sentimentos vividos nas minhas duas visitas ao local. É preciso visitá-lo e se possível colaborar, nem que seja divulgando o trabalho ali desenvolvido por profissionais militantes em colaboração com familiares das vítimas da ditadura civil-militar e ex-detenidas/os que ainda lutam por justiça, contra o esquecimento e pela manutenção desse espaço.

[586] Segundo o folheto *Parque por la Paz Villa Grimaldi*, o local “es uno de los pocos lugares en su tipo en América Latina – usado como centro secreto de secuestro, tortura y extermínio por la dictadura cívico-militar – que ha sido posteriormente recuperado, conservado y aberto al público. En 2004, el Consejo de Monumentos Nacionales declaro al Parque por la Paz Villa Grimaldi Monumento Nacional, reconociendo formalmente su relevancia para la memoria del Chile contemporáneo y de las futuras generaciones de chilenos y chilenas”.

No dia 24 de maio, eu fui recebido pelo Daniel Rebolledo Hernández. Ele perguntou se eu tinha interesse em acompanhá-lo numa visita juntamente com outras/os pesquisadoras/es presentes no local. Eu respondi que sim. Percorremos os diversos lugares que compõem o Museo de Sitio Parque por la Paz Villa Grimaldi, as Gradas de la Casona, a Maqueta del Cuartel Terranova, o Antiguo Portón de Acesso, o Patio de Abedules, o Camino de la Memoria, o Banco de la Solidaridad o Muro en Arco, o Árbol Ombú, o Muro de los Nombres, o Memorial Rosas de Villa Grimaldi, a La Torre, a Sala de la Memoria, a Piscina e o Monumento Rieles Bahía de Quintero. Não foi possível visitamos o Laboratorio Fotográfico [Figuras 165, 166 e 167][587].

Figuras 165, 166 e 167-
Parque por la Paz Villa Grimaldi, Santiago, 2023.







Fonte: O autor.

[587] A Entrada, o Memorial Rosas de Villa Grimaldi e a Fonte.

As/os responsáveis pela criação do local optaram por não expor objetos de tortura no circuito, todavia, o ódio e a violência das/os algozes responsáveis pela implementação e manutenção da ditadura civil-militar chilena estão representados simbolicamente ao longo do trajeto ou nas falas das/os mediadoras/es, assim como as diversas formas de resistência. São fragmentos do que restou do Cuartel Terranova, pois os militares tentaram apagar a violência ali praticada. Demoliram quase tudo, ainda assim, foi possível a partir dos escombros deixados para trás e as memórias das/os sobreviventes que passaram por ali construir um circuito expositivo a abordar a violência extrema praticada pela DINA a partir dos escombros materiais, fontes, jardins, árvores centenárias e flores, painéis, uma maquete representando o Cuartel Terranova, entre outros.

Durante todo o trajeto, eu não parava de pensar em Oscar Eduardo Avello Avello e nas demais pessoas que passaram por aquele lugar, os horrores enfrentados pelas/os presas/os torturadas/os, assassinadas/os e desaparecidas/os[588], e principalmente nas mulheres que estiveram nesse local e que além de torturadas, algumas assassinadas e outras desaparecidas foram também estupradas por agentes da DINA que atuavam no Cuartel Terranova.

Após a primeira visita e também após conferir a Programação Especial do Museo Sitio Parque por la Paz Villa Grimaldi para o Día de los Patrimonios [vide Anexo 8], no dia 27 de maio de 2023[589], não tinha como não retornar ao local. Fui interessado em três das cinco atividades, o Recorrido con Testimoniantes, o Taller Textil: bordando la memoria e o Conversatorio sobre el Libro *Sociología de la Masacre: la producción social de la violencia* com o autor Manuel Guerrero Antequera, Dino Pancani, ex-Director de la Escuela de Periodismo de la Universidad de Chile e Alejandro Oliveira, Coordinador Área Educación Parque por la Paz Villa Grimaldi[590].

[588] Pessoas que foram vistas nesse local pela última vez.
[589] Como relatado no *Capítulo 3 – A Programação da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972*, eu desisti de visitar Coya e permanecer em Santiago, mais especificamente passar o Día de los Patrimónios no Museu Sitio Parque por la Paz Villa Grimaldi.
[590] El Taller para Niños, Niñas y Adolescentes: conociendo mis derechos e Inauguración Proyecto de Iluminación Patrimonial y Fuente de la Esperanza foram as outras duas atividades programadas. Apesar do meu

Para a minha surpresa, muitas pessoas escolheram visitar o Museo Sitio Parque por la Paz Villa Grimaldi no Día de los Patrimonios[591]. Cheguei ao local por volta das 14h00. Pretendia participar da visita guiada por uma ou um sobrevivente do Cuartel Terranova programada para às 15h00, como estava um pouco adiantado, fui conferir o Taller Textil: bordando la memoria. Apesar de ter uma arpillera sendo confeccionada pelas senhoras da AFDD, eu não perdi o interesse pelas arpilleristas e suas arpilleras, muito menos a vontade de aprender a bordar. Assim que eu cheguei na mesa onde acontecia a oficina, as duas senhoras responsáveis perguntaram se eu não queria costurar uma das letras [vermelhas]. Eu respondi que não sabia costurar, elas disseram que me ensinaria e uma delas me entregou a letra "S" para eu costurar. "A 50 AÑOS DEL GOLPE DE ESTADO HOMENAJE A LAS RESISTENCIAS" era o desenho que seria bordado. O "S" que eu costurei era um dos existentes na palavra 'RESISTENCIAS" [Figuras 168 e 169][592].

Figuras 168 e 169 –
Taller Textil: bordando la memoria, 2023.

interesse pelo lançamento do livro *Sociología de la massacre: La producción social de la violencia*, eu não consegui acompanhar a atividade até o final. No meu circuito pelas livrarias de Santiago, eu já tinha visto o livro de Manuel Guerrero Antequera, como a venda do livro no local da atividade seria após a conversa, eu deixei para comprar posteriormente. Terminei comprando na livraria Metales Pesados, no bairro de Lastarria.

[591] Segundo o *site* do Parque por la Paz Villa Grimaldi, mais de 600 pessoas, principalmente jovens estiveram no local no dia 27 de maio, Día de los Patrimonios. Recuperado de: https://villagrimaldi.cl/noticias/dia-de-los-patrimonios-2023-villa-grimaldi-demanda-una-ley-que-permita-a-los-sitios-de-memoria-proyectar-su-futuro/, em 11 de junho de 2023.

[592] Antes de seguir para a recepção e encontrar o grupo para a visita mediada, eu conversei um pouco com as senhoras responsáveis pela oficina, Viviana Díaz e Marcela E. M. Com essa última, eu falei do meu interesse de encomendar uma [outra] arpillera sobre Oscar Eduardo Avello Avello, após explicar que ele esteve detenido no Cuartel Terranova antes de desaparecer, ela se disponibilizou a procurar alguém e que posteriormente entraria em contato comigo no Brasil. Peguei o contato [*Instagram*] de Marcela E. M., todavia, provavelmente, ela esqueceu do meu pedido.





Fonte: O autor.

Como programado às 15h00 começou a visita guiada com um dos sobreviventes do Cuartel Terranova, o ex-prisioneiro Miguel Montecinos acompanhado por Francisco Esperguel, da Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi. Aqui, também não será possível detalhar a visita guiada, evidentemente que a presença de Miguel Montecinos pontencializou as narrativas sobre o local e as pessoas que por ali passaram, agentes da DINA, mulheres e homens sequestradas/os e levados para o centro clandestino de tortura e desaparecimento. Mulheres e homens que lutaram contra a ditatura civil-militar e a favor de uma sociedade mais justa para todas/os/es e que tanto durante o trajeto para o Cuartel Terranova quanto durante suas permanências no local permaneceram com os olhos vendados. Por esse motivo, existem no local algumas placas no chão numa referência a forma como elas/es enxergavam pela parte de baixo das vendas.

Percorremos os lugares representados simbolicamente [pois quase tudo foi destruído, como referido anteriormente] onde as/os presas/os foram torturadas/os, as mulheres foram estupradas, os lugares onde ficavam as celas minúsculas, uma árvore onde um agente da

DINA foi acorrentado e assassinado por ajudar algumas/alguns detenidas/os, o estacionamento onde algumas/alguns presas/os foram torturadas/os com carros passando sobre suas pernas, etc. Gostava de destacar dois lugares, o Muro de los Nombres, “lugar cerimonial para los familiares, invita al recogimiento y al silencio”[593], onde consta os nomes de todas/os detenidas/os desaparecidas/os que passaram pelo Cuartel Terranova, entre elas/es Oscar Eduardo Avello Avello, em 1976 [Figura 170].

Figura 170 –
Muro de los Nombres, Museo Sitio Parque por la Paz Villa Grimaldi, 2023.



Fonte: do Autor.

Além do Muro de los Nombres, gostava de destacar La Torre, “este fue el último lugar de estancia para muchos prisioneiros y prisioneiras, y allí se vió por última vez a la

[593] Folheto *Parque por la Paz Villa Grimaldi*.

mayoria de las detenidas desaparecidas y los detenidos desaparecidos de Villa Grimaldi”[594]. Retornarei a La Torre adiante.

8.3 Fundación de Documentación y Archivo de la Vicaría

A última instituição que eu visitei a procura de informações sobre Oscar Eduardo Avello Avello foi a Fundación de Documentación y Archivo de la Vicaría[595]. No dia 24 de maio de 2023, eu recebi um correo eletrônico da encarregada do arquivo documental de Villa Grimaldi, Nathalia Rubio:

> “Buenas tardes Julio
> Soy Nathalia Rubio, encargada del archivo documental de Villa Grimaldi, me informaron que estás buscando información de Oscar Eduardo Avello Avello.
> Me comuniqué con la gente de la Vicaría de la Solidaridad y ellos me dicen que tienen antecedentes jurídicos, certificados, procesos judiciales, entre otros documentos de Oscar Avello. Te dejo el correo electrónico de Carolina Figueroa, documentalista de la Fundación de documentación y archivo Vicaría de la Solidaridad, cedocfunvisol@iglesia.cl para que te contactes con ella y puedas acceder a estos documentos.
> Espero que sirva esta información
> Saludos cordiales”

No mesmo dia, encaminhei um correo electrónico para a documentalista da Fundación de Documentación y Archivo de la Vicaría com o objetivo de agendar uma visita. A resposta chegou no dia 25 de maio de 2023 com as seguintes sugestões, procurar o Arquivo FECH da Universidade do Chile[596] para conseguir informações sobre a vida acadêmica de Oscar Eduardo Avello Avello; também procurar o ICOM Chile por causa dos eventos realizados no ano anterior em comemoração aos 50 anos da Mesa Redonda de Santiago do Chile e também indicando os horários de funcionamento da Fundación de Documentación y Archivo de la Vicaría. Respondi que entraria em contato com o Arquivo FECH, da Universidade de Chile[597];

---

[594] Folheto *Parque por la Paz Villa Grimaldi*.

[595] “La Fundación de Documentación y Archivo de la Vicaría de la Solidaridad tiene como misión ser custodia, preservar y administrar el patrimonio documental, gráfico y audiovisual de la Vicaría de la Solidaridad y su antecesor el Comité de Cooperación para la Paz en Chile, como parte de la memoria histórica del país y de la Iglesia, poniéndolo a disposición de la sociedad como instrumentos de colaboración a la reconciliación y a la construcción de una sociedad fundada en la verdad, la justicia y el respeto de los Derechos Humanos”. Recuperado de: https://www.vicariadelasolidaridad.cl/legado_de_la_vicaria_de_la_solidaridad, em 11/06/2023.

[596] Federación de Estudiantes de la Universidad de Chile – FECH.

[597] Enviei um correio eletrônico no dia 25 de maio de 2023, todavia, o Archivo FECH não respondeu.

que o ICOM Chile não conhecia a história de vida de Oscar Eduardo Avello Avello e combinei a minha visita para o dia 31 de maio de 2023.

Apesar de já ter lido algo sobre a Vicaría de la Solidaridad criada em 1976 e extinta em 1992, após o fim da ditadura civil-militar, não sei o porquê de não a ter procurado desde a minha primeira viagem, em 2022. Atualmente, a Fundación de Documentación y Archivo de la Vicaría está localizada na calle Las Trinitarias 7101, Las Condes, em Santiago [Figura 171][598].

Figura 171 –
Fundación de Documentación y Archivo de la Vicaría, 2023



Fonte: do Autor.

A minha breve visita aconteceu no meu último dia no Chile, 31 de maio de 2023. Fui recebido pelas gentis documentalistas Carolina Figueroa e Marcela Penna. Elas disponibilizaram o arquivo digital com todos os documentos relacionados a Oscar Eduardo Avello Avello. Não é permitido salvar os documentos, apenas imprimi-los[599]. Como não tinha tempo suficiente para a leitura de todas as 112 páginas, eu optei por imprimi-las e conferir após o meu retorno ao Brasil. Infelizmente, as impressões não ficaram boas, prejudicando assim a leitura de boa parte do material disponibilizado pela Fundação de Documentação e Arquivo da Vicaría.

Para finalizar, gostaria de destacar alguns pontos relacionados a minha visita ao local. A primeira, as paredes do setor que eu estive a pesquisar estavam tomadas de arpilleras emolduradas, a maioria bordada recentemente, em 2018, porém, quatro [aproximadamente]

[598] Distante da área central e uma das comunas das/os endinheiradas/os de Santiago, juntamente com Vitacura e La Reina. Anteriormente, a Vicaría de la Solidaridad estava localizada na Plaza das Armas, no centro de Santiago.
[599] Por um valor simbólico.

eram do período da ditatura civil-militar; a segunda, é impossível ler o material disponível sobre as/os desaparecidas/os, assassinadas/os, torturadas/os e as buscas empreendidas por suas famílias e não se emocionar, sim, eu chorei ao ler trechos da documentação sobre Oscar Eduardo Avello Avello e a odisseia de sua tia Esterlina Reyes Riffo para obter informações sobre seu sobrinho; a terceira, a alegria de verificar que entre os documentos acessados estava o equivalente ao histórico escolar de Oscar Avello Avello, do Centro Nacional de Museologia assinado pela curadora do Museo Nacional de Historia Natural do Chile, Grete Mostny.

8.4 Fragmentos biográficos, fabulações e «coisas»

A partir dos fragmentos coletados/produzidos ao longo das minhas andanças e escavações, considero importante conhecer um pouco mais da história, até então, do único museólogo detenido desaparecido e o único participante da Mesa Redonda de Santiago do Chile, em maio de 1972, detenido desaparecido, Oscar Eduardo Avello Avello. Evidentemente, que eu não possuo elementos suficientes para escrever sua biografia, por isso, eu reitero que são apenas fragmentos biográficos e algumas fabulações (Hartman, 2022).

Inspirado nos livros *Kétala*, de Fatou Diome (2008)[600] e *La tristeza de las cosas*, de María José Ferrada (2017), e no artigo *Memórias de um tamborete de baiana: as muitas vozes em um objeto de museu*, de Joseania Miranda Freitas e Lysie dos Reis Oliveira (2020) eu gostava de falar também das tristezas de algumas «coisas»[601]de Oscar Eduardo Avello Avello a partir do momento de sua detenção e posterior desaparecimento, pois, apesar de algumas tentativas, não foi possível encontrar fragmentos sobre a sua infância e adolescência. Eles existem, apenas estão soterrados a espera de outras/os pesquisadoras/es.

[600] Agradeço as professoras Joseania Miranda da UFBA, Luzia Gomes da UFPA e Graça Teixeira da UFBA, as duas primeiras pela indicação da referida obra e a última por ter me emprestado uma edição portuguesa do livro *Kétala*, de Fatou Diome (2008), atualmente, esgotada. Infelizmente, a obra nunca foi lançada no Brasil, todavia, existem versões em francês, inglês, holandês e alemão disponíveis no mercado.

[601] De acordo o antropólogo inglês de Tim Ingold, “o mundo que habitamos é composto não por objetos, mas por *coisas*” (2012, p. 27). Segundo ele, uma *coisa* é “porosa e fluida, perpassada por fluxos vitais, integrada aos ciclos e às dinâmicas da vida e do meio ambiente” (2012, p. 25). Mesmo que eu faça alguma referência a objeto, é no sentido de «coisa» que estou a me referir. Estamos tão acostumados a palavra objeto que às vezes é difícil denominá-la como «coisa». Penso que o tratamento dado aos objetos nas obras de Fatou Diome (2008), María José Ferrada (2017) e Joseania Miranda Freitas & Lysie dos Reis Oliveira (2020) dialoga com a definição de *coisa*, de Tim Ingold (2012), aliás, todos os objetos devem ser tratados como coisas e para isso, é imprescindível compor suas biografias sociais/culturais (Appudarai, 2010a, 2010b; Kopytoff, 2010).

Eu tentei fazer contato com os familiares de Oscar Eduardo Avello Avello, porém não consegui[602]. Por outro lado, ao longo da pesquisa, tomei conhecimento de sete «coisas» que poderiam contar alguns episódios da sua curta existência: a **Casa** em que ele residia com a sua tia no fatídico dia da sua detenção e posterior desaparecimento, localizada na Calle Maipú 1298, em Santiago [Figura 172]; o **Pijama** que ele vestia na manhã em que foi levado por agentes da DINA; um “**Televisor *Westinghouse* de 23 pulgadas, una Máquina de escribir, una Guitarra eléctrica, una Radio RCA Víctor de velador y una Maleta** (grifo nosso)”[603].

Figura 172 –
Antiga residência de Esterlina Reyes Riffo e Oscar Eduardo Avello Avello, localizada na Calle Maipu 1298, em Santiago, 2023.



Fonte: do Autor.

[602] Durante a minha segunda viagem ao Chile, em 2023, eu tentei contatar alguém da família de Oscar Eduardo Avello Avello. Ao procurar algo relacionado sobre suas tias Esterlina Reyes Riffo e Lina Reyes Riffo no *Google*, encontrei um documento relacionando a essa última ao Centro de Madre las Rosas de Lina, localizado na calle Santo Antonio 2020, próximo ao lugar onde eu estava hospedado. No dia 18 de maio, coincidentemente o Dia Internacional dos Museus, eu resolvi seguir a pista e arriscar. Por volta das 10h00 da manhã, eu cheguei ao local, porém não existia nenhuma placa com o nome Centro de Madre las Rosas de Lina. Perguntei a um senhor que estava próximo e ele me respondeu que no local funcionava diversas coisas, mas o horário de funcionamento era a partir das 16h00. Retornei no horário indicado e fui parar numa reunião de senhoras, uma delas apressadamente indicou uma sala, cujo acesso era através de um pátio pequeno onde encontravam-se várias crianças na faixa de 3 a 5 anos, penso que era uma creche. Separados por um portão vazado, eu fiquei aguardando a minha vez de falar com a senhora responsável, enquanto esperava, algumas crianças se apresentaram e perguntaram o meu nome através do portão. Finalmente, quando chegou a minha vez, eu me apresentei e expliquei o motivo na minha visita e ela me disse que “Lina Reyes Riffo morreu há alguns anos e que o Centro de Madre las Rosas de Lina não existia mais”. Também disse “que não conhecia ninguém da família”.

[603] As informações estão contidas no Dossier da Vicaría de la Solidaridad. Recuperado de: https://www.archivochile.com/Memorial/caidos_mir/A/avello_avello_oscar.pdf, em 04 de junho de 2022.

Entre todas as coisas citadas anteriormente, apenas consegui visualizar e tocar a casa em que ele residia juntamente com a sua tia em 1976. Estive no local no dia 31 de maio de 2023. Pedi a Tomás Piñones Gutiérrez[604] para me acompanhar ao local, pois tive receio de ir sozinho, pois com certeza seria ignorado e/ou mal interpretado na minha busca por informações de um detenido desaparecido, além de não falar espanhol fluentemente. Tocamos a campanhia da antiga casa de Esterlina Reyes Riffo e Oscar Eduardo Avello Avello, todavia, a pessoa que vivia no local não abriu a porta e nem a janela, apenas disse que era uma moradora recente. Perguntamos as/os vizinhas/os se viviam há muito tempo naquela área e se conheceram a senhora Esterlina Reyes Riffo e seu sobrinho Oscar Eduardo Avello Avello, a maioria não vivia ali na década de 1970. Apenas uma senhora afirmou viver ali desde o período referido, todavia, não lembrava de nada relacionado a dentenção do vizinho, mas lembrava de Esterlina Reyes Riffo. Ficou evidente que falar sobre o período da ditadura civil-militar ainda é difícil para muitas pessoas. Isabel Allende (2009) aponta algumas pistas sobre essa questão,

> “no Chile evita-se falar do passado. As gerações mais jovens acreditam que o mundo começou com elas; o que aconteceu antes não lhes interessa. Entre os demais, parece-me que há uma espécie de vergonha coletiva pelo que aconteceu durante a ditadura, algo semelhante ao que a Alemanha deve ter sentido depois de Hitler. Tanto jovens quanto velhos procuram evitar o conflito. Ninguém deseja alimentar discussões que separem ainda mais as pessoas. De outro lado, a maioria está muitíssimo ocupada, esforçando-se para chegar ao fim do mês e receber o salário insuficiente, trabalhando de boca fechada para não ser dispensada do emprego – como então preocupar-se com a política?”. (Allende, 2009, p. 207)

Possivelmente, a senhora que vivia ali há muito tempo e que se lembrava da vizinha Esterlina Reyes Riffo, tenha sido uma das pessoas que presenciou a detenção de Oscar Eduardo Avello Avello, no dia 24 de junho de 1976, porém, o medo ou a vergonha a impediu de se expor naquele momento. Também, o esquecimento [proposital ou não] a impediu de lembrar daquele período.

Sobre a atual moradora da antiga residência de Esterlina Reyes Riffo e seu sobrinho Oscar Eduardo Avello Avello podemos fabular algo, pois ela nem se quer abriu a janela ou a porta para conversar comigo e com Tomás Piñones Gutiérrez, ao contrário da senhora

[604] Um dos donos do apartamento que eu fiquei hospedado, juntamente com Rodrigo Loyola e suas duas gatas Medea e Kimchi, em maio de 2023, na Calle Delfina 817 3.

anteriormente referida que conversou com a gente pela janela. Não me lembro quem foi, mas algúem na vizinhança comentou que as/os atuais moradoras/es são peruanas/os, daí que o medo aqui é outro e está relacionado à xenofobia presente no Chile atual, principalmente em relação as/os imigrantes haitinianas/os, venezuelanas/os, bolivianas/os, colombianas/os e peruanas/os[605].



Esterlina não estava em casa no momento da detenção do seu sobrinho às 05h00 da manhã, no dia 24 de junho de 1976 por agentes da DINA. Foram as/os vizinhas/os que contaram o que aconteceu. Segundo o *Dossier*[606] referido anteriormente:

> “testigos de lo sucedido fueron algunos vecinos que se despertaron cuando sintieron golpes en el inmueble de la señora Esterlina. Relataron que al asomarse por las ventanas, pudieron apreciar vehículos estacionados al frente de la casa señalada. Luego vieron que Oscar Avello era sacado em pijamas por varios sujetos de civil, uno de los cuales le tiro una chaqueta encima. Los vecinos indicaron que el afectado caminaba sereno y sin oponer resitencia a sus aprehensores. Luego fue introducido en uno de los vehículos, partiendo con rumbo desconocido”.

Sem a colaboração da vizinhança, possivelmente, Esterlina Reyes Riffo não teria as informações sobre a detenção do seu sobrinho. Ao narrarem a detenção de Oscar Eduardo Avello Avello para Esterlina Reyes Riffo, suas/seus vizinhas/os mostraram coragem e afeto. Elas/es estavam de certa forma se expondo e isso poderia ter consequências com a temida e odiada DINA[607], todavia, a solidariedade de classe prevaleceu. A fotografia da residência também nos diz algo sobre a classe social de Esterlina Reyes Riffo e do seu sobrinho Oscar Eduardo Avello Avello. É uma construção simples numa região habitada no passado e no presente por trabalhadoras/es [algumas e alguns imigrantes]. Não é a mesma «Casa» de junho de 1976, data da detenção e desaparecimento de Oscar Eduardo Avello Avello. Segundo

[605] Presenciei situações cotidianas de racismo e xenofobia contra imigrantes durante as minhas duas viagens ao Chile, em 2022 e 2023. Também li algumas notícias sobre esses dois temas, além de sido vítima de racismo diversas vezes. Recuperado de: https://www.clacso.org/sobre-la-exacerbacion-de-la-xenofobia-en-chile-y-su-utilizacion-juridica/, em 30 de junho de 2023.
[606] Recuperado de: https://www.archivochile.com/Memorial/caidos_mir/A/avello_avello_oscar.pdf , em 04 de junho de 2022.
[607] Para algumas e alguns, evidentemente.

Ingold (2012)[608], uma casa [coisa] está sempre em transformação/deterioração e a necessitar de reparos/manutenção. Ainda assim, eu penso que a fachada não sofreu muitas mudanças ao longo dos últimos quarenta e sete anos.

A partir das autoras Fatou Diome (2008), María José Ferrada (2017), Joseania Miranda Freitas & Lysie dos Reis Oliveira (2020) e Saidiya Hartman (2022), nós podemos fabular e ouvir o testemunho da «Casa», localizada na Calle Maipu 1298 e naquela época habitada por Esterlina Reyes Riffo e Oscar Eduardo Avello Avello. Reitero que fabular na perspectiva de Hartman (2022) é criar narrativas a partir de documentos existentes em arquivos e/ou depoimentos. Seguindo esse caminho, eu criei uma narrativa fragmentada, por supuesto, com a colaboração das «coisas» de ou relacionadas a Oscar Eduardo Avello Avello a partir dos depoimentos existentes da sua tia Esterlina Reyes Riffo, principalmente na documentação da Fundación de Documentación y Archivo de la Vicaría, além de um depoimento do museólogo Miguel Ángel Azócar (2023)[609].

Ao costurar/bordar as informações existentes, a «Casa» exigiu o protagonismo da narrativa, pois segundo ela, “apesar das minhas boas intenções, eu não sou chileno e também não estava lá quando tudo aconteceu”, ou seja, segundo ela, eu não poderia ser o narrador principal dessa pequena fabulação. Porém, ao final, ela disse “que como ela é muito generosa, eu poderia participar como coautor”. Para não ficar de fora depois de tanto esforço, aceitei a proposta e escrevemos coletivamente a fabulação abaixo:

> Em primeiro lugar, agradeço a oportunidade de dividir um pouco do que eu sei e presenciei durante o período que convivi com Esterlina Reyes Riffo e Oscar Eduardo Avello Avello. Ninguém melhor do que eu que a/o recebi/acolhi/protegi com muito afeto durante um período das nossas existências e também acompanhei o período mais triste das suas vidas. Em segundo lugar, preciso agradecer o interesse e o esforço do doutorando Julio Cézar Chaves e coautor dessa pequena fabulação em divulgar a história de Oscar Eduardo Avello Avello, pois não tenho dúvida que as Museologias precisam conhecê-lo, aliás, têm obrigação de conhecê-lo, desculpem a franqueza, é porque eu sou uma «Casa» idosa e já não tenho muita paciência com esquecimentos, soterramentos e invisibilidades. Terceiro, peço a vocês leitoras/es que não me cobrem muita coesão, objetividade, formalidade e linearidade, pois tudo isso é muito aburrido, mas, nem por isso, o nosso texto é menos qualificado do que os demais textos acadêmicos. Precisamos avançar e sairmos das amarras das epistemologias do ocidente. Estamos em pleno século XXI e a linguagem está sempre em transformação, graças as deusas e os deuses. Por sorte, o doutorando Julio Cézar Chaves [coautor

[608] Em diálogo com o arquiteto português Alvaro Siza (1997), Martin Heidegger (1996) e Juhani Pallasmaa (1996).
[609] As informações existentes na documentação e nos depoimentos estão em *Itálico.*

dessa fabulação] e sua orientadora Judite Primo concordam comigo nessa questão e em outras também. E por último, preciso sinalizar que essa foi a narrativa possível sobre o nosso jovem museólogo Oscar Eduardo Avello Avello, pois não conseguimos informações sobre a sua infância. Por sinal, uma narrativa a palo seco, triste como um tango argentino e apaixonada como um belo bolero cubano ou mexicano.

Como atestam as obras referidas anteriormente, Fatou Diome (2008), María José Ferrada (2017) e Joseania Miranda Freitas & Lysie dos Reis Oliveira (2020), nós [«coisas» ou objetos como queiram] sofremos com o desaparecimento das pessoas do nosso convívio, assim como sabemos que as/os humanas/os também sentem saudades nossas. Ao contrário de vocês, nós choramos “discretamente. Es una tristeza pequeña pero definitiva” (Ferrada, 2017, n.p). E também é fato que quando alguém morre ou desaparece, geralmente “ninguém cuida da tristeza de seus móveis [«coisas» ou objetos] (Diome, 2008, p. 272).

A tristeza me acompanha, desde o golpe civil-militar de 11 de setembro de 1973 que derrubou o presidente eleito democraticamente Salvador Allende, da Unidad Popular e depois instalou uma das ditaduras mais sangrentas da América Latina. Não podemos jamais esquecer das vítimas da ditadura civil-militar chilena e de todas as demais, tanto do passado quanto do presente. Ainda tenho esperança que os arquivos das Forças Armadas do Chile sejam recuperados, divulgados e que todas/os as/os culpadas/os paguem pelos crimes cometido durante esses tristes anos da história chilena. E sempre será necessário repetir, “y, dado que aquellos que cometieron semejantes delitos ya están muertos [alguns e algumas] y la justicia no los puede alcanzar, sin embargo podemos castigarles la memoria (Valko, 2013, p. 14).

Agora, eu quero elucidar alguns fatos da vida de Esterlina e Oscar, a partir dos fragmentos encontrados nos documentos referidos anteriormente pelo doutorando Julio Cézar Chaves, adianto que não ficarei aqui citando as fontes o tempo todo, como já referido anteriormente por ele, tudo o que estiver em *Itálico* foi encontrado na documentação e depoimentos encontrados durante as duas viagens de campo realizadas por ele em 2022 e 2023. Segundo ele me confidenciou, na verdade, ele pediu segredo, todavia, eu ando farta de segredos, de silêncios, ausências, esquecimentos e soterramentos, por isso, eu o convenci a expor seus perrrengues. Vocês da academia precisam falar mais sobre as atribulações, sobre os perrengues que passaram ou passam ao longo das suas pesquisas. Eu estou falando isso porque eu sei que vocês são intelectuais recatadas/os e morrem de medo de se expor, de falar dos problemas, comentar os pequenos fracassos durante suas pesquisas e mesmo da vida acadêmica. Pois bem, segundo Julio Cézar Chaves me confidenciou as duas viagens de campo só foram possíveis, graças a dois empréstimos consignados e também uma pequena quantia oriunda de uma herança familiar. O doutorando pediu para eu registrar aqui que sem os empréstimos possíveis pelo fato de ser um servidor público [UFSB] e uma parte de uma herança familiar, essa tese não existiria. A pesquisa de campo foi essencial para o formato final da tese e de certa forma sempre traz um certo charme ao texto. Inclusive, foi graças a segunda viagem realizada em maio de 2023, que eu a «Casa» estou aqui a narrar para vocês do Júri Final e as/os futuras/os leitoras e leitores. Basta y vayamos a lo más importante.

Esterlina Reyes Riffo (Cédula de Identidad nº 4.843.828-8) nasceu no dia 23 de janeiro de 1940, em Lota, uma comuna da Província de Concepción, localizada na Região de Biobío. Era garçonete em 1976. Seu sobrinho Oscar Eduardo Avello Avello nasceu no dia 17 de abril de 1954, em Parral (un pueblo), na Província de Linares. No Extracto de Filiacion y Antecedentes[610] *não aparece o nome do pai e a mãe está apenas identificada como María. Nesse mesmo documento, aparece o seguinte endereço Errázuriz 448 – Rengo, na Província de Cachapoal, na Região de O’Higgins*[611].

Oscar Eduardo Avello Avello foi/é [acreditamos que as pessoas depois que morrem continuam presentes, vivendo em algum lugar e também nas nossas memórias] um jovem extraordinário,

[610] Existente na documentação encontrada na Fundación de Documentación y Archivo de la Vicaría.
[611] Tradução livre do autor.

admiramos sua coragem e suas lutas a favor das/os/es "condenadas/os/es da terra", contra o imperialismo americano e o capital internacional. Foi por isso que ele e as/os demais desaparecidas/os, torturadas/os, assassinadas/os e estupradas resistiram e morreram, não podemos esquecer jamais das suas bandeiras. Nós [as «coisas»] e o coautor não tememos ser taxadas e taxado de piegas, nem de abusar dos adjetivos. Os fragmentos biográficos aqui delineados não são muito diferentes de outros fragmentos biográficos de pessoas pobres existentes no passado e presente da América Latina.

Eu não sei o ano de chegada de Esterlina e Oscar em Santiago, todavia, eu penso que foi na década de 1960[612]. Sei que antes da mudança para o meu endereço, ela e ele viveram na *Calle Nueva Recoleta 3615, em Santiago*, como atesta o documento *Nónima alumnos Centro Nacional de Museología*[613]. Esterlina Reyes Riffo me disse *que foi ela quem criou Oscar Eduardo Avello Avello desde sua infância, pois ele foi apenas reconhecido pela mãe, cujo paradeiro é desconhecido desde vários anos.* Tambem disse que *nunca o conheci como um rapaz com ideais políticos, nem tampouco de má conduta, já que era organizado e sempre chegava cedo em casa, da mesma forma que se portava no colégio, já que assitia normalmente as aulas*[614]. Aqui, eu preciso contradizer a minha amiga e parceira Esterlina, pois Oscar Eduardo Avello Avello sempre escondeu da sua tia, a sua militância politica no MIR, principalmente porque não queria que ela se preocupasse e após o golpe, também pela segurança dela, dele e das/os demais miristas. Também não sei exatamente quando ele se tornou um militante do MIR. Julio Cézar Chaves comentou comigo que Miguel Ángel Azócar[615] tocou nesse ponto durante uma conversa no dia 16 de maio de 2023, *"Oscar Eduardo tenía un carácter a veces un poco violento [políticamente] ya que era partidário de la vía armada. (...) Oscar Eduardo y yo fuimos muy buenos amigos en un momento [en 1972], sin embargo él era del MIR y yo en ese momento pertenecía a la Juventud Comunista, entonces teníamos muchas discusiones políticas. Y finalmente me salí de la Juventud Comunista, se burlaba de mí porque yo nunca quise unirme al MIR. De hecho, yo no creía en un sistema violento. De todos modos, teníamos una relación muy cordial, pero él siempre me vio como un reformista. Fue un militante activo desde que lo conocí en 1972 y lo siguió siendo hasta su muerte. Ahora, lo triste de este caso es que Oscar Eduardo era uno de los mejores estudiantes de museología, sin embargo, era muy radical políticamente".*

Já que tocamos no assunto do Curso de Museologia, eu posso falar um pouco a partir do que eu ouvi durante o nosso convívio e também a partir da documentação encontrada pelo meu companheiro de pesquisa, sim, por que uma «Casa» não pode ser uma pesquisadora também? Ninguém pesquisa e nem escreve sozinha/o, dois dos grandes aprendizados que Julio Cézar Chaves herdou do seu doutoramento, segundo ele me confidenciou.

Como Oscar Eduardo Avello Avello foi parar no Curso de Museologia do MNHN? Eu não tenho essa resposta, nunca ouvi nada sobre isso, penso que apenas Esterlina Reyes Riffo, Grete Mostny ou o próprio Oscar Eduardo poderiam respondê-la, infelizmente não estão mais aqui. De qualquer forma, eu imagino que ele gostava de museus de uma forma geral e do MNHN, em particular. O amor pelos museus surgiu quando ele era criança e sua tia o levava para passear e fazer piquenique no Parque Quinta Normal, onde está localizado o MNHN. A fachada imponente do prédio o

612 "Entre 1945 e 1970, um número enorme de chilenos deixou seus lares rurais em busca de melhor sorte nas cidades. Durante essa época de intensa urbanização, Santiago, capital e centro econômico da nação, foi a cidade que mais cresceu, com sua população se multiplicando de 1,3 milhão em 1950 para, 2,8 milhões em 1970" (Winn, 2010, p. 60).

613 Documento *AHA_95_010 C-24*.

614 Fundación de Documentación y Archivo de la Vicaría. Tradução livre de Julio Cézar Chaves.

615 Entrevista com o museólogo aposentado Miguel Ángel Azócar gravada no dia 16 de maio de 2023, na Biblioteca Cientifica Abate Molina do Museo Nacional de Historia Natural – MNHN, Parque Quinta Normal, Santiago, Chile.

impressionava, além da exposição de longa duração. Posteriomente, quando ele soube do Curso de Museologia, não pensou duas vezes e correu para se inscrever, pois tinha esperança de após concluir o curso conseguir um trabalho nessa instituição. Ele ingressou em 1969 e concluiu em 1972, mesmo ano da realização da Mesa-Redonda de Santiago do Chile. Sobre a participação de Oscar Eduardo Avello Avello como observador no acontecimento de 1972 podemos afirmar que está relacionada à sua vinculação ao Centro Nacional de Museologia[616], cuja Diretora era a arqueológa, antropóloga, museóloga e a curadora do Museo Nacional de Historia Natural de Chile, Grete Mostny. Julio Cézar Chaves comentou comigo que no segundo encontro com o museólogo aposentado do MNHN, Miguel Ángel Azócar, perguntou se ele tinha alguma ideia sobre o/os motivo/os da escolha do estudante Oscar Eduardo Avello Avello para participar do acontecimento de maio de 1972. *Segundo Miguel Ángel Azócar: "provavelmente pelo fato dele ser um excelente aluno"*[617]. Essa versão é confirmada no documento do Centro Nacional de Museologia – Año Escolar 1972, encontrado na Fundación de Documentación y Archivo de la Vicaría, *Oscar Eduardo Avello Avello obteve o promedio 6.2, em 1972*[618]*, lembrando que as notas das avaliações aqui no Chile são de 0 a 7, o estudante é aprovado a partir de 4*[619]. Além do fato de ser um ótimo aluno, existe uma informação no documento *Informe Museo Nacional de Historia Natural (AHA_327_002)*, na verdade, o relatório de gestão do ano de 1972 escrito pela curadora do MNHN, Grete Mostny: *"participaron como observadores el Presidente y el Secretario del Centro de Alumnos"*. Seria Oscar Eduardo o presidente ou o secretario do Centro de Alunos do Centro Nacional de Museología? Aqui também não temos respostas. *Miguel Ángel Azócar disse que não lembra se Oscar Eduardo fazia parte do Centro de Alunos em 1972*[620]. Todavia, eu conhecendo o jovem, não tenho dúvida que ele conquistou o afeto e a atenção da doutora Grete Mostny assim que ingressou no Centro Nacional de Museologia. Penso que a curadora do MNHN tinha um carinho especial por ele, por sua simpatia/generosidade/inteligência/militância política e quizás um sentimento maternal, pois sabemos que a doutora não teve filhas/os [sim, assim como as/os humanas/os nós as «coisas» também gostamos de uma fofoca]. Por fim, Oscar Eduardo conquistava todas/os/es que cruzavam o seu caminho, mesmo hoje 47 anos depois, como atesta a obsessão do coautor dessa narrativa, o doutorando Julio Cézar Chaves.

Também não sei porque Oscar Eduardo trocou a área de Museologia pela de Medicina. Penso que essa mudança está relacionada a diversos fatores, entre eles podemos falar da falta de empregos nos museus chilenos. Miguel Ángel Azócar relatou *que o antigo DIBAM não possuía novos cargos para as suas instituições museológicas. Disse também que apenas 25% das/os profissionais formadas/os no Centro Nacional de Museologia conseguiu ingressar nos museus do país*[621]. Todavia, não podemos perder de vista que entre 1969 e 1972, no período da formação de Oscar Eduardo Avello Avello no Centro Nacional de Museologia foi uma época de crises, euforias e mudanças. Ele pode muito bem ter desistido da carreira de museólogo e diante das novas configurações sociais no Governo de Salvador Allende resolveu mudar de profissão, pois graças ao governo da UP, o acesso às universidades nunca foi tão fácil para a classe trabalhadora, Oscar Eduardo soube aproveitar a oportunidade e ingressar no curso de Medicina da Universidade do Chile – UC. Segundo a

[616] Como sinalizado no *Relatório Final* de autoria do Presidente da MRSC, Héctor Fernández Guido (2012 [1973]).
[617] Tradução livre do autor.
[618] Tradução livre do autor.
[619] Quem me explicou o sistema de avaliação foi o professor Rodrigo Loyola, um dos donos do apartamento que eu fiquei hospedado em maio de 2023.
[620] Tradução livre do autor. Entrevista realizada no dia 16 de maio de 2023, na Biblioteca Abate Molina do MNHN.
[621] Tradução livre do autor. Entrevista realizada no dia 16 de maio de 2023, na Biblioteca Abate Molina do MNHN.

museóloga Judite Primo, durante uma reunião de pesquisa com o seu orientando Julio Cézar Chaves, *Oscar Eduardo Avello Avello pode ter ingressado na UC com o objetivo de expandir e qualificar a sua militância no MIR*[622]. Penso, que todas essas alternativas estejam corretas. E para concluir essa pequena fabulação, inspirada também na obra *Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais*, de Saidiya Hartman (2022) *foi como estudante de Medicina que ele foi detenido e desaparecido no dia 24 de junho de 1976. Tiraram o nosso amado Oscar do seu aconchego por volta das 05h00 e 05h30 de uma fria manhã de inverno. Fato esse presenciado por nós* [suas «coisas»]*, vizinhas e vizinhos de dentro das suas residências e os crápulas da DINA. A sua tia não estava presente, pois estava a visitar parentes naquele dia. Essas informações, como já referidas anteriormente foram dadas pelas/os vizinhas/os e ficaram registradas nos diversos depoimentos de Esterlina Reyes Riffo ao longo da sua via crucis pelas instituições de justiça do país e também junto a Vícaria de la Solidaridad, AFDD etc., sempre a procurar notícias sobre o seu sobrinho/filho Oscar Eduardo Avello Avello.*

É impossível descrever a dor de uma mãe que perdeu uma filha ou um filho vítima de qualquer tipo de violência, no nosso caso, vítima da violência do Estado [genocida]. Ter alguém detenida/o e desaparecida/o é um padecer eterno. Não poder velar e enterrar/cremar suas/seus mortas/os é de uma crueldade atroz. Negar o luto a Esterlina Reyes Riffo e todas/os/es em situações parecidas é de uma injustiça sem fim. Por isso, devemos lutar pelo direito à memória e à verdade de todas/os/es desaparecidas/os/es, assim como também de todas as pessoas assassinadas, torturadas e das crianças sequestradas durante os governos ditatoriais na América Latina na segunda metade do século XX, além dos demais genocídios praticados no passado e no presente na nossa região.

E para finalizar realmente, eu gostava de retornar ao depoimento de Esterlina Reyes Riffo a partir das informações das/os vizinhas/os sobre a detenção e o caminhar sereno de Oscar Eduardo ao ser retirado da sua residência por agentes da DINA. Talvez, o **pijama** pudesse responder como estava o batimento cardíaco dele ou mesmo qual era a temperatura do seu corpo, todavia, tanto o **pijama**, el **televisor *Westinghouse* de 23 pulgadas, la máquina de escribir, la guitarra eléctrica, el radio RCA Víctor de velador y la maleta** nós não sabemos o paradeiro. Agora, pelo que eu o conhecia, não tenho nenhuma dúvida que ele tinha consciência do risco que corria e mais dia menos dia, ele sabia que os assassinos da DINA apareceriam na sua casa.

Também tenho a obrigação de relatar o sofrimento de Esterlina Reyes Riffo após o dia 24 de junho de 1976, a tia/mãe de Oscar Eduardo Avello Avello nunca desistiu de procurá-lo até o dia da sua morte, mesmo diante do cinismo e da crueldade das Forças Armadas e de algumas pessoas do Judiciário do Chile. Inclusive, os militares tiveram o cinismo e maldade de informá-la que seu sobrinho tinha ido embora do país, evidentemente que ela nunca acreditou nessa versão. Sim, Esterlina Reyes Riffo merece ser lembrada também pela sua coragem, generosidade e garra por tudo que passou após a detenção e desaparecimento do seu sobrinho/filho Oscar Eduardo Avello Avello.

Termino por aqui e espero que o pouco aqui narrado seja suficiente para vocês não esquecerem do nosso querido mirista/museólogo/estudante de medicina que morreu a lutar por um mundo sem desigualdade e injustiças, além da sua corajosa, amorosa e incansável tia/mãe Esterlina Reyes Riffo. (Negrito nosso).

Casa [«coisa»], Calle Maipú 1298

Julio Cézar Chaves

Junho/julho de 2023

[622] No dia 09 de junho de 2023.

Após a pequena narrativa escrita pela «Casa»[623], gostava de continuar com mais alguns fragmentos biográficos e fabulações sobre Oscar Eduardo Avello Avello. As «coisas» retiradas da sua residência após a sua detenção, o televisor *Westinghouse* de 23 pulgadas, a máquina de escribir, a guitarra eléctrica, o radio RCA Víctor de velador e a maleta foram devolvidas posteriormente na residência da sua tia Lina Reyes Riffo, na comuna de Conchalí, num episódio bastante estranho [624].

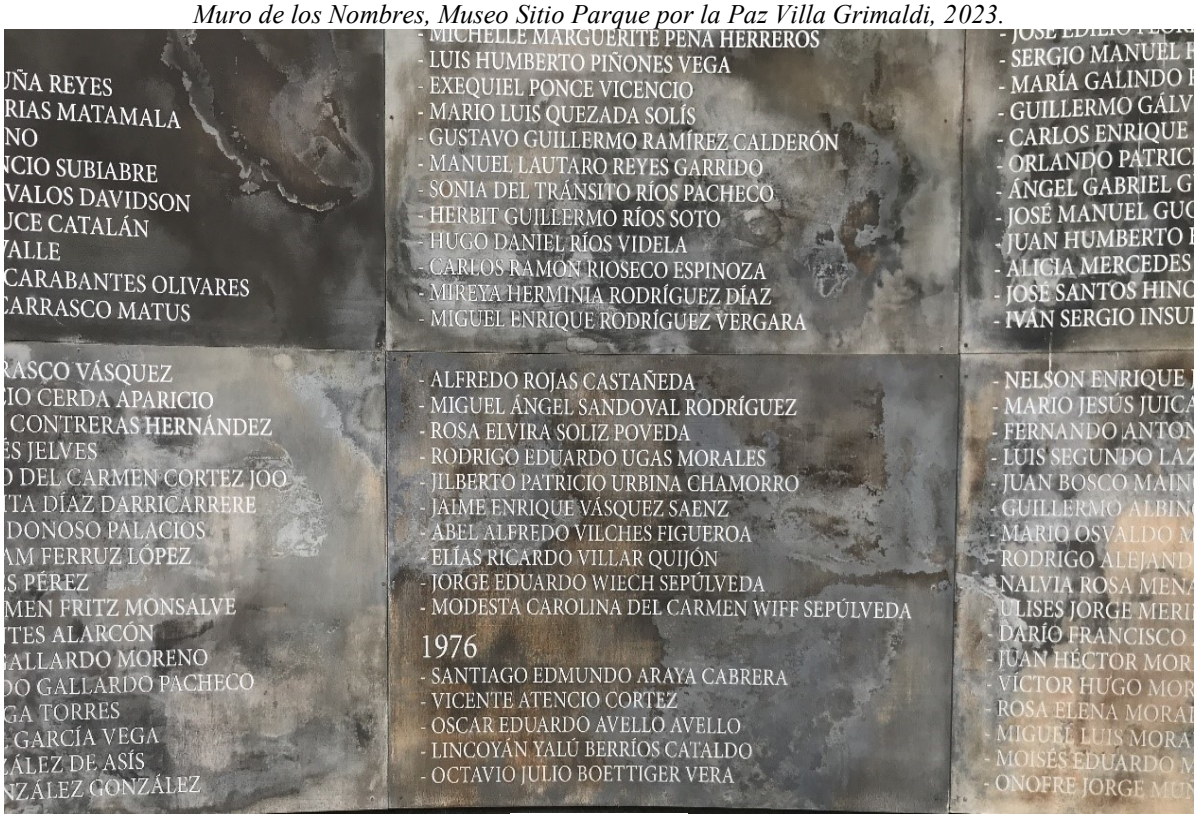
Como já relatado anteriormente, eu não consegui contato com os familiares de Oscar Eduardo Avello Avello, por isso, não foi possível descobrir os destinos das «coisas» em questão. Provavelmente, elas foram separadas e herdadas por alguém da família, vendidas, destruídas pelo tempo ou entulhadas em algum porão após a morte de Esterlina Reyes Riffo. Sobre o pijama que ele vestia no momento da sua detenção, provavelmente foi incinerado ou enterrado num lugar apropriado para tal fim. Agora, caso Oscar Eduardo Avello Avello tenha sido assassinado no mesmo dia do seu sequestro, provavelmente, ele estava vestido com o seu pijama quando foi enterrado, incinerado ou jogado ao mar num dos famosos voos da morte [vivo ou morto], três formas de ocultar as vitímas assassinadas e/ou desaparecidas durante a ditadura civil-militar chilena (Salazar, 2013; Antequera, 2023; Abarca, Hernández, Ponce & Mazuela, 2022) e também em outros países da América Latina.

O televisor *Westinghouse* de 23 pulgadas, a máquina de escribir, a guitarra eléctrica, o radio RCA Víctor de velador e a maleta encontraram por algum momento Oscar Eduardo Avello Avello no Cuartel Terranova? Ouviram seus gritos enquanto era torturado? Será que a devolução das «coisas» na casa de Lina Reyes Riffo foi porque Oscar Eduardo já tinha sido assassinado e por isso, as «coisas» perderam o interesse para os agentes da DINA? Temos muitas questões e poucas respostas. O que podemos afirmar é que Oscar Eduardo Avello Avello passou pelo Cuartel Terranova e nesse local foi visto pela última vez, como atesta a presença do seu nome no Muro de los Nombres do Museo Sitio Parque por la Paz Villa

[623] Na verdade, eu contribuí muito pouco e sou apenas o coautor devido a generosidade da «Casa [coisa]».
[624] Segundo a documentação sobre Oscar Eduardo Avello Avello existente na Fundación de Documentación y Archivo de la Vicaría, os agentes invadiram a casa de Esterlina Reys Riffo e retiraram as coisas de Oscar Eduardo Avello Avello, todavia, a devolução não aconteceu no mesmo local e sim na casa da outra tia, Lina Reyes Riffo. Esterlina Reyes Riffo nunca citou o endereço da irmã durante as diversas tentativas de obter notícias sobre o sobrinho/filho.

Grimaldi [Figura 173]. Todavia, não foi possível entender como foi o processo de inclusão do seu nome na lista dos detenidos desaparecidos do Cuartel Terranova. Quem foi a detenida/o que o viu ou o ouviu durante a sua permanência no Cuartel Terranova? Quem o viu entrar na Torre? Quem ouviu os seus gritos ao ser torturado na Torre? Quem o viu ou ouviu algo sobre a sua saída da Torre?

Figura 173-
Muro de los Nombres, Museo Sitio Parque por la Paz Villa Grimaldi, 2023.



Fonte: do Autor.

A partir dos depoimentos de exdetenidas/os (Salazar, 2013), podemos fabular que desde o momento que entrou no veículo após o seu sequestro, ele esteve com os olhos vendados[625], como todas/os/es as vítimas que estiveram detidas nesse local. Foi espancado

[625] “Los detenidos llegábamos a Villa Grimaldi vendados, de modo que no podíamos ver ni tener idea precisa de lo que era por dentro – como cuartel de detención, tortura y exterminio – esse recinto. Pero desarrollamos el instinto de mirar y recordar fisgoneando por debajo de la venda, y si tú te ofrecías para barrer por aquí o por allá – cuando los guardiãs lo pedían en la noche o el día domingo – entonces podías recorrer casi toda la quinta barriendo y limpiando, con la vista clavada hacia abajo, enredada en tus pies. Y así aprendías que era un recinto extenso, poblado de árboles, rosas, jardines, cruzado por senderos y traspasado por aromas vegetales. Pero no

durante o trajeto da Calle Maipú para o Cuartel Terranova e chegando no local foi recebido com chutes, tapas e murros, como era de costume. Ali foi torturado como todas/os/es que por ali passaram, assassinado como muitas/os que estiveram nesse centro de tortura/assassinato/extermínio[626].

Segundo Gabriel Salazar (2013),

> “Villa Grimaldi se constituyó en el cuartel donde la DINA, a diferencia, por ejemplo, de la AGA (Academia de Guerra Aérea), represento, a título de «solista», las especificidades de sus métodos de tortura. (...) por ser de los cuarteles secretos el único donde en su interior podían circular vehículos motorizados, se usó como método de tortura pasar camionetas por sobre las piernas de los detenidos. O desollar personas con líquidos hirvientes. O asesinar jóvenes agonizantes a cadenazos”. (Salazar, 2013, p. 109)

Esses são apenas alguns dos métodos de torturas e assassinatos recorrentes no Cuartel Terra nova/Villa Grimaldi. Provavelmente, nunca saberemos os métodos de tortura que foram aplicadas à Oscar Eduardo Avello Avello, assim como e quando ele foi assassinado. Ainda assim, podemos afirmar que ele com certeza passou pelo lugar chamado La Torre [Figuras 174 e 175][627], um dos lugares do Museo Sitio Parque por la Paz Villa Grimaldi que mais me impactou, como já assinalado. Estava diante do “santuario de mismo del horror. El final del camin, para muchos. La quintaesencia metodológica de la DINA” (Salazar, 2013, p. 114).

---

sabías – nunca supimos – cómo se tocaban, arriba, las copas de los arbóles, recortándose contra el cielo. Solo oímos que las agitaba el viento” (Salazar, 2013, p. 110).

[626] “Agarraram-lhe os braços. O primeiro golpe atingiu-lhe o estômago. Depois, levantaram-no, estenderam-no sobre uma mesa, e ele sentiu que lhe tiravam a roupa. Muito depois, retiraram-no, inconsciente, do Ministério da Defesa. Começara a chover, e o frescor da água e do ar o reanimou. Despertou quando o erguiam para um ônibus do Exército, depositando-o no banco traseiro. Através do vidro, observou a noite e, quando o veículo se pôs em marcha, pôde ver as ruas vazias e os edifícios embandeirados. Compreendeu que os inimigos tinham vencido e provavelmente pensou em Miguel. O ônibus deteve-se no pátio de um regimento, e ali o deixaram. Havia outros prisioneiros em tão mau estado quanto o seu. Amarraram-lhe os pés e as mãos com arame farpado e jogaram-no de bruços nas cavalariças. Jaime e os demais passaram ali dois dias – sem água ou alimento, apodrecendo em seu próprio excremento, em seu sangue e em seu espanto –, ao fim dos quais foram todos transportados num caminhão até os arredores do aeroporto. Num descampado, fuzilaram-nos, deitados no chão, porque eles não se sustentavam em pé, e em seguida dinamitaram seus corpos. O assombro da explosão e o fedor dos despojos ficaram pairando no ar por muito tempo” (Allende, 2021, p. 384). Trecho do livro *A Casa dos Espíritos*, da escritora chilena Isabel Allende (2021), apesar da distância temporal, a passagem acima faz referência aos primeiros dias após o golpe civil-militar de 11 de setembro de 1973, penso que é importante sinalizar a crueldade do novo regime apoiado pelos Estados Unidos, Brasil, Austrália, etc., pois não podemos esquecer as atrocidades cometidas pelo Estado chileno durante a ditadura civil-militar.

[627] “Fue el lugar de las torturasa extremas. El sitio eventual del exterminio. Dondo se solía mantener por largo tempo a los «subversivos» más importantes, a los que se debía interrogar y exigir más a fondo. Los que tenían más que «entregar», o «delatar». Los que eran verdadeiros depósitos ambulantes de «información inteligente», para la DINA. La razón suprema de su «misión». Por eso extremaban sus *cuidados*, de preservación, de aislamiento y, a la vez, de destrucción. La Torre fue ungida por la misma DINA como el «altar de los sacrificios», en ofrenda a sus innombrables dioses” (Salazar, 2013, p. 114).

Todas/os as/os desaparecidas/os que passaram pelo Cuartel Terranova passaram pela Torre antes de desaparecer, entre elas/es, o museólogo e estudante de medicina Oscar Eduardo Avello Avello.

Figuras 174 e 175-
A Torre, Parque por la Paz Villa Grimaldi, maio de 2023.





Fonte: do Autor.

Antes de seguirmos para o último item desse capítulo, eu gostava de registrar mais três fragmentos que julgo importantes sobre Oscar Eduardo Avello Avello:

O primeiro, ele «caiu» no dia 24 de junho de 1976, em seguida «caíram» os outros participantes da mesma célula: Osvaldo Guarategua Quinteros o Orlando Patricio Guarategua

Quinteros, 23 anos, solteiro, no dia 25 de junho de 1976; José Santos Hinojosa Araos, 35 anos, casado, duas filhas, no dia 26 de junho de 1976; Miguel Ovalle Narváez, 20 anos, casado, dois filhos, no dia 27 de junho de 1976; Héctor Contreras Rojas, 39 anos, casado, cinco filhos, no dia 28 de junho e Sergio Fuenzalida Loyola, 55 anos, casado, sete filhos, também no dia 28 de junho de 1976[628]. Assim como, Oscar Eduardo Avello Avello, todos permanecem desaparecidos.

O segundo, no dia 11 de abril de 2018, a Universidade do Chile realizou

> “la primera ceremonia de entrega de distinciones universitarias de título póstumo y simbólico y de grado académico póstumo y simbólico a estudiantes detenidos(as) desaparecidos(as) y ejecutados(as) políticos(as) de la U. de Chile. En un Salón de Honor colmado de familiares, académicos, estudiantes, funcionarios, autoridades, compañeros y representantes de organizaciones de derechos humanos, la Casa de Estudios dio inicio a este proceso de reparación y memoria anhelado por la comunidad y el país”.[629]

Apesar das tentativas de contato durante a minha segunda viagem de campo em maio de 2023 com a Universidade do Chile, eu não consegui descobrir se Oscar Eduardo Avello Avello foi um dos agraciados com o título simbólico e caso tenha sido agraciado, o nome do familiar que foi recebê-lo. Penso que esse é o caminho mais seguro de contactar alguém da sua família. Posteriormente, em novembro de 2023, ao consultar a página de Oscar Eduardo Avello Avello do sítio M*emoria Viva*[630] foi possível conferir a lista das/os ex-alunas/os condecoradas/os da Universidade do Chile e confirmar o nome do museólogo participante da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972, como atesta a escultura em homenagem as/os detenidas/os desaparecidas/os da comunidade acadêmica da referida universidade (Figura 176).

[628] Recuperado de: https://villagrimaldi.cl/listado-de-detenidos-as-y-ejecutadosas-politicosas/ , em 27 de junho de 2023.
[629] Recuperado de: https://uchile.cl/noticias/142475/u-de-chile-entrego-los-primeros-titulos-postumos-y-simbolicos
[630] Recuperado de: https://memoriaviva.com/nuevaweb/detenidos-desaparecidos/desaparecidos-a/avello-avello-oscar-eduardo/ , em 20 de novembro de 2023.

Figura 176 –
Monumento as/os detenidas/os da Universidade do Chile desaparecidas/os durante a ditadura civil-militar (1973-1989).



Fonte: Memória Viva[631].

[631] Recuperado de: https://memoriaviva.com/nuevaweb/detenidos-desaparecidos/desaparecidos-a/avello-avello-oscar-eduardo/ , em 21de novembro de 2023.

O terceiro fragmento é sobre um possível encontro do militante do MIR, Oscar Eduardo Avello Avello e o educador brasileiro Paulo Freire, na población Nova Havana, localizada “nas colinas dos Andes próximas de Santiago, era o campamento mais emblemático do MIR” (Winn, 2010, p. 93).

O educador Paulo Freire (Guimarães & Freire, 2021) compartilhou o registro da sua passagem na población Nueva Habana no início dos anos setenta:

> “eu me lembro de uma noite inteira que passei numa población, como eles chamavam, Población Nueva Habana, que resultara de uma grande área da periferia de Santiago ocupada por uma quantidade enorme de famílias. Isso foi no início do governo Allende, o que significa que essa poblacíon foi respeitada, e não esmagada. Essa poblacíon se reuniu, dando uma demonstração extraordinária de como a massa popular se governa e sabe governar, não precisa aprender isso nas escolas da classe dominante, não precisa aprender a votar.
> Pois fiz uma visita ao Chile durante o governo Allende, com o Jorge Fiori, um jovem sociólogo que hoje mora na Inglaterra. Para entrar na povoação, era preciso ter uma espécie de passaporte, um visto de entrada, por motivos de segurança. Fui recebido sem problema, como companheiro. Ajudado pelo MIR, política e pedagogicamente, aplicavam o método e queriam conversar comigo.
> Nessa población maravilhosa, chamada Nueva Habana, fiquei até de madrugada conversando com as diferentes áreas de poder e de responsabilidade pública. Visitei as escolas que estavam fabricando. Sabe que escolas eram? Eles simplesmente pediram ao governo Allende uma quantidade determinada de carrocerias velhas e imprestáveis de ônibus, que já eram sucata; o governo trouxe-as até a población – eram umas seis, parece – e, quando nessa noite fui visitá-las, já tinham virado escolas. Na parte da entrada dos ônibus, no lugar do chofer, era o gabinete do diretor, e no corpo dos ônibus ficavam as cadeiras e as mesinhas para as aulas. Entre as seis carrocerias-escola eles fizeram discretas toaletes e o resto era pátio, para as crianças bricarem”. (Guimarães & Freire, 2021, pp. 136-137)

Apesar de longo, o trecho citado resume não apenas a passagem do educador brasileiro pelo Chile na época do governo de Salvador Allende, da UP, mas também elucida resumidamente a atuação do MIR na población Nueva Habana, como referido no *Capítulo 3 – A Programação da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972* e o emprego do método de alfabetização desenvolvido anteriormente por Paulo Freire no Brasil e adaptado para o contexto chileno.

A levar em conta que Oscar Eduardo Avello Avello no período citado estudava no Centro Nacional de Museologia, no Museu Nacional de História Natural e já militava no

MIR, como afirmou Miguel Ángel Azócar, por que não fabular o encontro dos dois no dia da visita de Paulo Freire à población Nueva Habana? E que no momento da apresentação das/os participantes, Oscar Eduardo disse que estudava Museologia e Paulo Freire tenha comentado que ele tinha sido convidado por um colega do Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos – INODEP e que também era Diretor do Conselho Internacional de Museus – ICOM para participar de uma Mesa-Redonda a ser realizada em Santiago, em maio de 1972, e que provavelmente em breve eles se reencontrariam. Ou, Paulo Freire tenha comentado que tinha sido convidado para uma Mesa-Redonda a ser realizada em Santiago, em 1972, porém um diplomata brasileiro, representante da ditatura civil-militar do Brasil, vetou a sua participação.

Por fim, podemos pensar também que no dia 25 de maio de 1972 durante à visita a Santiago e os seus problemas urbanísticos, o ônibus com as/os participantes visitaram a población Nueva Havana ou passaram próximo e nesse momento o jovem observador que como vimos no *Capítulo 4 – A Palo Seco: uma «mirada nostálgica e ingenua» sobre a Declaração de Santiago*, provavelmente estava presente, comentou sobre o encontro com Paulo Freire nesse local durante uma visita no início do Governo de Allende e sobre a sua gratidão pelo trabalho desenvolvido pelo educador Paulo Freire no período que atuou no Chile.

8.5 "A los que no volvieron[632]"

Para finalizar, eu gostava de responder as perguntas contidas na epígrafe do *Capítulo 8 – Oscar Eduardo Avello Avello (1954-1976): "soy una fotografia de un desaparecido"* em diálogo com autoras/es referidas/os ao longo da tese e outras/os autoras/es que apareceram recentemente. Como já citado anteriormente, a epígrafe foi retirada da obra *La dimensión desconocida*, de Nona Fernández (2017). Penso que ao responder a epígrafe, eu estarei a também a responder outras perguntas [às vezes subtendidas] suscitadas ao longo da pesquisa e no texto da tese. Antes de continuarmos, faz-se necessário relembrar as perguntas levantadas por Nona Fernández (2017),

> "¿Por qué escribir sobre Usted [Oscar Eduardo Avello Avello]? ¿Por qué resucitar una historia que empezó hace más de cuarenta años? ¿Por qué

[632] Dedicatória e última frase do livro *La tristeza de las cosas*, da autora María José Ferrada com ilustrações de Pep Carrió (2017).

> hablar outra vez de corvos, parrilas eléctricas y ratas? ¿Por qué hablar otra vez de desaparecimiento de personas?”. (Fernández, 2017, p. 26)

Até então, Oscar Eduardo Avello Avello, do Centro Nacional de Museologia era um desconhecido para mim. No início da pesquisa, ele era apenas um nome na lista de observadoras/es do *Relatório Final*, de Héctor Fernández Guido (2012 [1973], p. 120). E que após a minha primeira conversa com o museólogo Miguel Ángel Azócar, em maio de 2022 tornou-se uma obsessão, como já relatado. Por diversas razões, entre elas, o fato de ser um estudante de Museologia de apenas 18 anos de idade, o que o torna o participante mais jovem da MRSC, realizada em Santiago em maio de 1972; a sua dentenção e desaparecimento no dia 24 de junho de 1976, quatro anos após o referido acontecimento e a sua inexistência nas referências sobre a Mesa-Redonda. Neste cenário, era impossível não dedicar algumas páginas ao nosso jovem museólogo[633], principalmente por uma questão de reparação exigida e lembrada por ele ao longo dos dois últimos anos, pois cabe lembrar que “los muertos viven, vuelven de su mundo a nuestro mundo, nos protegen o nos castigan, no son seres inertes y olvidables” (Rivera Cusicanqui, 2017, pp. 226-227).

Ele surgiu na minha pesquisa e exigiu o seu protagonismo, não apenas como um dos participantes, mas também como alguém que teve não apenas a sua vida ceifada pelos facistas que derrubaram o Governo democrático da UP, em 11 de setembro de 1973, mas que também teve as suas “memórias silenciadas / apagadas / destruídas / exiladas” (Bruno; Carneiro & Aidar, 2008, p. 199), abandonadas e ignoradas. Os fragmentos biográficos aqui esboçados de Oscar Eduardo Avello expõe não apenas as mazelas das sociedades latino-americanas, mas sobretudo as nossas omissões propositais ou não como museólogas/os e pesquisadoras/es de museus da América Latina em relação aos genocídios do passado e do presente.

Se pensarmos “a memória como essência do campo museológico” (Bruno, 2020, p. 21), nós precisamos nomear, ampliar e potencializar o rol dessas memórias. Por que quando escrevemos ou falamos sobre a MRSC, citamos quase sempre Hugues de Varine, Mario Vázquez, Hernán Crespo Toral, Jorge Hardoy, Mario Teruggi, Ligia Martins Costa ou mesmo o ausente Paulo Freire? Por que desconhecemos quase que totalmente as demais e os demais

[633] Até a minha segunda viagem de campo, em maio de 2023, os fragmentos biográficos de Oscar Eduardo Avello Avello faziam parte do *Capítulo 7 – Ausentes e Presentes: fragmentos biográficos dos participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972*.

participantes? As respostas são complexas, todavia, em algum momento teremos que respondê-las. Podemos aqui deixar algumas pistas para outras/os pesquisadoras/es: colonialismo interno e o eurocentrismo ainda reinante na academia e nas diversas Museologias.

Talvez, Oscar Eduardo Avello Avello nos inspire a revelar e pensar essas memórias subterrâneas (Pollak, 1989, p. 3) ainda existentes no passado/presente da América Latina. E não estou aqui a me referir apenas às ditaduras militares que sangraram a nossa região entre as décadas de 1960 e 1980, precisamos escrever e falar mais sobre os genocídios das/os indígenas, das/os negras/os escravizadoas/os, enfim, as/os condenadas/os/es da terra (Fanon, 2005) e suas relações com os museus coloniais europeus e latino-americanos. Não podemos esquecer que somos trabalhadoras/es sociais (Brayner, 2022) e por isso, também somos mapeadoras/es de ausências (Couto, 2021).

Como aponta Cristina Bruno (2020)[634],

> “a Museologia é um campo de ‘escuta’ e de ‘fala’, permeado pela cadeia operatória de procedimentos de salvaguarda e comunicação, mas, que nos dias atuais estas rotas têm projetado notadamente características de resiliências, de contrapontos, e de resistências, despertando também a sua vocação para o tratamento das memórias exiladas, soterradas e mascaradas”. (Bruno, 2020, p. 26)

Essas memórias citadas por Bruno (2020) fazem parte do que eu aqui denomino de museologia da repressão e da resistência[635] em andamento em diversas partes do mundo, principalmente em lugares de memória que retratam as atrocidades praticadas diretamente pelo Estado com o apoio de segmentos civis na nossa região durante as décadas de 60, 70 e 80, porém quase [convenientemente] ignoradas pelos museus e museologias da América Latina.

Podemos mapear os poucos espaços de memória dedicados aos genocídios cometidos na América Latina, através da *Coalición Internacional de Sitios de Consciencia*[636] – ICSC,

[634] Em diálogo com a dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia (PPGMUS/USP), de Ivan Vaz (2017).

[635] A denominação empregada aqui é inspirada na obra *Arqueologia da repressão e da resistência: América Latina na era das ditaduras (décadas de 1960-1980)*, organizada por Pedro Paulo A. Funari, Andrés Zarakin e José Alberioni dos Reis (2008) e no artigo *Arqueologia da resistência e direitos humanos*, de Inês Virgínia Prado Soares, e Pedro Paulo Funari (2019).

[636] “Un Sitio de Conciencia es un lugar de memoria, como un sitio histórico, un museo basado en un lugar o un monumento conmemorativo, que evita que ocurra este borrado para fomentar sociedades más justas y humanas

criada em 1999. A América Latina e Caribe possuem 45 lugares de memória inscritos na ICSC. O Brasil, apesar da sua extensão e das atrocidades aqui cometidas no passado e no presente possui apenas 5 espaços, ficando atrás do Chile com 11[637], Argentina com 6[638] e México com 6[639].

Dos cinco espaços de memória existentes no Brasil, a Casa do Povo, o Memorial da Resistência de São Paulo, o Museu da Imigração do Estado de São Paulo, o Núcleo de Preservação da Memória Política e o Memorial das Lutas e Ligas Camponesas[640], quatro estão localizados no Estado de São Paulo[641] e um no Estado da Paraíba[642], o Memorial das Lutas e Ligas Camponesas.

Os outros Sitios de consciencia estão localizados no Perú[643], no Uruguai[644], no Paraguai[645], Colombia[646], Bolívia[647], Guatemala[648], Haiti[649], República Dominicana[650] e

---

en la actualidad. Los Sitios de Conciencia no solo brindan espacios seguros para recordar y preservar incluso los recuerdos más traumáticos, sino que permiten a sus visitantes establecer conexiones entre el pasado y los problemas contemporáneos relacionados con los derechos humanos". Recuperado de: https://www.sitesofconscience.org/about-us/about-us-2/ , em 10 de julho de 2023.

637 Asociación por la Memoria y los Derechos Humanos Colonia Dignidad, Cantos Cautivos, Casa Memoria José Domingo Cañas, Centro Cultural Museo y Memoria de NELTUME, Corporación de Memoria y Cultura Puchuncaví, Estadio Nacional, Memoria Nacional, Museo de la Memoria y los Derechos Humanos, Parque Cultural de Valparaíso, Parque por la Paz – Villa Grimaldi, El Comité de Derechos Humanos: NIDO 20 e Memorial Paine: Corporación Paine, Un Lugar para la Memoria. Recuperado de: https://www.sitesofconscience.org/membership-category/latin-america/, em 10 de julho de 2023.

638 Archivo de la Memoria de la Provincia de Córdoba, Centro Cultural por la Memoria de Trelew, Museo de la Memoria – Rosario, Museo Sitio de Memoria ESMA, Memoria Abierta e Faro de la Memoria. https://www.sitesofconscience.org/membership-category/latin-america/, em 10/07/2023.

639 Centro de Derechos Humanos Fray Bartolomé de Las Casas, Centro de Investigaciones Históricas de los Movimientos Sociales, Museo Memoria y Tolerancia, Sitio de Memoria Circular de Morelia, Sociedad Civil Las Abejas e Tlaxcoaque, Sitio de Memoria. https://www.sitesofconscience.org/membership-category/latin-america/, em 10 de julho de 2023.

640 Interessante notar que dos cinco sítios de consciências existente no Brasil, quatro estão localizados na cidade de São Paulo, a maior metrópole do país. Por outro lado, temos um sítio de consciência localizado no interior do Estado da Paraíba, na região Nordeste, o Memorial das Lutas e Ligas Camponesas.

641 Em relação ao Brasil, o protagonismo do Estado de São Paulo é um algo que chama a atenção e por isso deveria ser melhor pesquisado. A Casa do Povo "é o nome popular do Instituto Cultural Israelita Brasileiro, um centro cultural fundado e historicamente administrado por comunidades judaicas de esquerda em São Paulo". O Memorial da Resistência de São Paulo é uma instuição do Governo do Estado de São Paulo, assim como o Museu da Imigração do Estado de São Paulo. E por último, o Centro de Preservação da Memória Política "criado como um grupo de trabalho do Fórum Permanente dos Ex-Presos Políticos e Perseguidos Políticos do Estado de São Paulo". Recuperado de: https://www.sitesofconscience.org/membership-category/latin-america/ , em 13/07/2023.

642 Recuperado de: https://www.sitesofconscience.org/membership-category/latin-america/, em 10/07/2023.

643 Asociación Caminos De La Memoria – El Ojo Que Llora, Asociación Nacional de Familiares de Secuestrados, Detenidos y Desaparecidos del Perú – ANFASEP, Asociación Paz y Esperanza (Perú) e Movimiento Ciudadano "Para que no se Repita". https://www.sitesofconscience.org/membership-category/latin-america/ , em 10 de julho de 2023.

Guadalupe[651]. Fiz questão de citar os 45 sítios de consciência existentes na América Latina para mostrar que o Brasil[652] ainda tem um longo caminho a percorrer, pois episódios e vestígios de genocídios e resistências não nos faltam. Também, precisamos salientar a existência de centenas de instituições que direta ou indiretamente atuam com algumas das temáticas dos museus citados anteriormente e que não fazem parte da ICSC.



Em suma, escrever sobre Oscar Eduardo Avello Avello é adentrar numa América Latina povoada de utopias, antiimperialismos, resistências, revoluções e também imperialismos, ditaduras civis-militares, detenções, torturas, assassinatos, desaparecimentos, “Operación Cóndor invadiendo mi nido. Perdono, pero nunca olvido”[653]. Ao escrever sobre Oscar Eduardo Avello Avello e a Mesa-Redoda de Santiago é pensar nos muitos passados/presentes/futuros interrompidos. Talvez, pensar Oscar Eduardo Avello Avello [sua trajetória tocada pelo abandono, pelo afeto, a sua formação no Centro Nacional de Museologia, do Museu Nacional de História Natural, a sua militância no MIR e a opção desse movimento pelo método de alfabetização Paulo Freire, sua mudança de área [Museologia para a Medicina], sua dentenção e desaparecimento e suas memórias soterradas] como uma metáfora da Mesa-Redonda de Santiago e sua Declaração [revolucionária, esquecida, escondida, exilada, soterrada, escavada, debatida, criticada, desde a década de 1980

644 Centro Cultural y Museo de la Memoria – MUME e Fundación Zelmar Michelini. https://www.sitesofconscience.org/membership-category/latin-america/, em 10 de julho de 2023.
645 Museo de las Memorias: Dictadura y Derechos Humanos e La Dirección de Verdad, Justicia y Reparación. https://www.sitesofconscience.org/membership-category/latin-america/ , em 10 de julho de 2023.
646 Centro de Memoria, Paz y Reconciliación, Museo Casa de la Memoria e Red Colombiana de Lugares de Memoria – RCLM. https://www.sitesofconscience.org/membership-category/latin-america/ , em 10 de julho de 2023.
647 Asociación de Familiares de Detenidos Desaparecidos y Mártires por la Liberación Nacional – ASOFAMD.
648 Casa de la Memoria “Kaji Tulam” e Memorial para la Concordia. https://www.sitesofconscience.org/membership-category/latin-america/ , em 10/07/2023.
649 Devoir de Mémoire. https://www.sitesofconscience.org/membership-category/latin-america/ , em 10 de julho de 2023.
650 Museo Memorial de la Resistencia Dominicana. https://www.sitesofconscience.org/membership-category/latin-america/, em 10/07/2023.
651 Memorial ACTe. https://www.sitesofconscience.org/membership-category/latin-america/, em 10 de julho de 2023.
652 A América Latina como um todo.
653 Versos da letra da música *Latinoamérica* do grupo Calle 13.

reverenciada e 51 anos depois ainda celebrada]. São histórias que começaram há mais de 50 anos e não estão totalmente resolvidas. Por conseguinte, penso que essas configurações fornecem outras chaves de leitura para o acontecimento de maio de 1972.

Já em processo de conclusão e a também numa última tentativa de responder as perguntas suscitadas por Nona Fernández (2017, p. 26), penso que a primeira coisa é afirmar que “no olvidamos, no perdoamos”[654] os assassinos [diretos e indiretos] de Oscar Eduardo Avello Avello e todas/os aprisionadas/os, torturadas/os, prisioneiras estupradas, assassinadas/os /es nos centros de dentenção, tortura, assassinato e desaparecimento clandestinos ou não [Património del Nunca más[655]] existentes no Chile, Argentina, Brasil, Paraguay, Uruguai, Bolívia, Peru, entre outros. E para que isso aconteça, nós precisamos de “ferramentas muito potentes para nos auxiliarem nas necessárias reparações e nos fortalecerem nos percursos da indignação” (Bruno, 2020, p.27), entre essas, a luta permamente contra el olvido[656].

Como afirmam Maria Cristina Oliveira Bruno, Kátia Regina Felipini Neves e Gabriela Aidar (2008)

> “A história da repressão, assim como a da resistência no Brasil Contemporâneo, carecem de espaços-símbolos. Ao longo de seis décadas, milhares de pessoas foram sequestradas, presas e torturadas e, dezenas delas, assassinadas em nome da Segurança Nacional. E apesar do retorno do Estado de Direito, esta situação continua a incomodar o Estado que ainda reluta em abrir totalmente os arquivos secretos e a investir na recuperação dos anti-lugares”. (Bruno, Carneiro & Aidar, 2008, p. 198)

Podemos alargar o contexto citado pelas autoras para a América Latina como um todo. Apesar de muitos avanços em países como Argentina, Chile, Uruguai e Paraguai, muitos dos seus arquivos foram destruídos ou ainda estão indisponíveis. Atualmente, os partidos de direita e extrema direita nesses países têm incentivado e apostado forte no negacionismo,

---

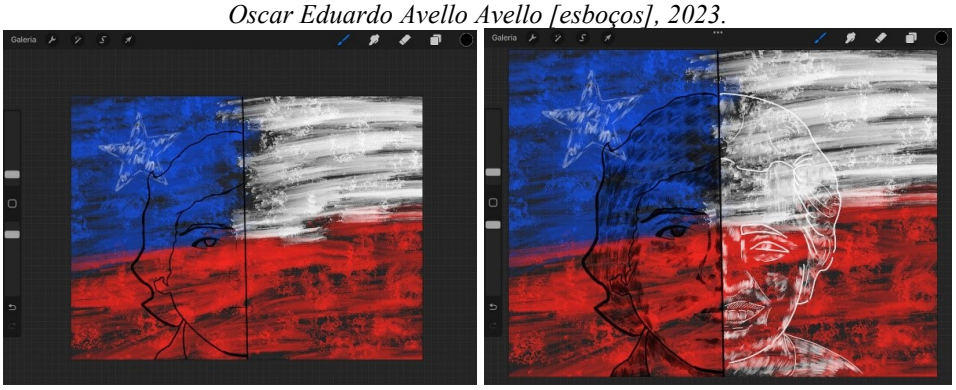
654 *Tweet* sobre Oscar Eduardo Avello Avello [23 de junho de 2023]. Recuperado de: https://twitter.com/RadioUmbral/status/1672406585392414721 , em 08 de julho de 2023.

655 Vídeo intitulado EL MUSEO SITIO DE MEMORIA ESMA ES CANDIDATO A SER DECLARADO PATRIMONIO MUNDIAL DE LA UNESCO. Recuperado de: https://www.youtube.com/watch?v=FC4XMTW4cU4, em 11 de junho de 2023.

656 No dia 11 de agosto de 2023, eu tomei conhecimento do artigo *Los museos de Chile, Grete Mostny y los 50 años del Golpe Militar: Una reflexión necesaria*, de José Yáñez Valenzuela & Luis Alegría (2023). É o primeiro texto que cita a história do museólogo Oscar Eduardo Avello Avello no Chile e porque não na América Latina a partir da minha investigação. Estive com o professor e historiador Luis Alegria, em maio de 2022 e relatei o pouco que eu sabia sobre Oscar Eduardo Avello Avello.

inclusive relativizando as ditaduras civis-militares que assolaram a região entre as décadas de 1960-1980. Mais do nunca, precisamos afirmar Oscar Eduardo Avello Avello [Figuras 177 e 178], assim como a Mesa-Redonda de Santiago do Chile/Declaração de Santiago como símbolos para os museus e as Museologias da América Latina e como símbolos precisam ser constantemente lembrados, revisitados, comemorados e divulgados.

Figuras 177 e 178 –
Oscar Eduardo Avello Avello [esboços], 2023.



Fonte: Anthony Pacheco.

E para concluir, entre tantas perguntas não respondidas, algumas se destacam: a curadora do MNHN, Grete Mostny tomou conhecimento da detenção e desaparecimento de Oscar Eduardo Avello Avello? Se sim, entrou em contato com Esterlina Reys Riffo e se dispôs a colaborar? Após o ingresso no curso de Medicina na Universidade do Chile, Oscar Eduardo Avello Avello guardou alguma lembrança sobre a sua participação na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em maio de 1972? Não tenho essas respostas. Em virtude de tudo o que foi pensado/escrito nesse capítulo, arrisco dizer que Oscar Eduardo Avello Avello foi um dos participantes que melhor compreendeu as discussões e o espírito da MRSC, devido a sua formação em Museologia e principalmente devido sua militância no MIR [Figura 179].

Figura 179 –
Monumento em homenagem as/os miristas que estiveram no Cuartel Terra Nova, Parque por la Paz Villa Grimaldi, Santiago, 2023.



Fonte: O autor.

E é de vital importância divulgar e evidenciar que o mirista e estudante de Medicina da Universidade do Chile era também museólogo e de fato foi o único participante revolucionário do mais emblemático acontecimento de museus da América Latina, a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972. Como também, não devemos colocá-lo apenas como vítima da ditadura civil-militar chilena, mas, como alguém que lutou contra as mazelas do capitalismo/imperialismo e por isso foi sequestrado, torturado e assassinado[657]. Oscar Eduardo Avello Avello sabia “que os problemas da sociedade contemporânea são devidos a injustiças, e que não é possível pensarem soluções para estes problemas enquanto estas injustiças não forem corrigidas” (Declaração de Santiago do Chile, 1972).

Figura 180 –

[657] Ver vídeo *25 años Villa Grimaldi - YouTube*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=s-y_913biSg Acesso em 25 de dezembro de 2023.

“O início, o meio e o fim”, de Marcelo Wasem, 2023.



Fonte: o autor.

CONCLUSÃO – "RUIM DEMAIS NÃO SABER, É QUASE SER CEGO PODENDO EXERGAR"[658]

Esquecer é desexistir, é não ter havido.
Ignoro a fronteira entre a lucidez e a loucura.
Suspeitar é negar-se à certeza.
Não ter resposta é confirmar-se ausente. Viver exige
perguntas e eu, mudo, não sabia responder.

Vermelho Amargo, Bartolomeu C de Queirós (2017)

Desde o início da investigação que resultou nessa tese, eu quis «entender os processos de invisibilização da Mesa-Redonda do Chile, 1972», esse foi o meu objetivo principal. No meu entendimento, esse objetivo foi atingido, apesar da permanência de muitas lacunas. As questões relacionadas às pessoas direta ou indiretamente envolvidas ao acontecimento de maio de 1972 "são muitas e eu pouco"[659] (Drummond de Andrade, 1977), assim como o cotidiano dos trabalhos internos e externos.

Sobre os objetivos específicos, eu procurei responder ao longo do texto, porém, nem sempre da forma esperada e planejada. Não consegui determinar todas as etapas, pois algumas ganharam mais relevância do que aquilo que eu pensei no início da investigação. Não tive controle sobre a investigação e o texto final, ao contrário, foi a investigação e o texto final que me direcionaram durante os últimos três anos, pois "erra quem pensa que o passado e seus registros podem ser dominados" (Couto, 2021a, n.p.). Inclusive, com o surgimento de outros objetivos não colocados no início da investigação, aliás, na minha concepção a investigação foi muito além dos objetivos postos no início, em abril de 2021, todos eles respondidos dentro do possível.

O primeiro objetivo específico foi, «identificar as atuações do Governo do Chile e sua representante, Grete Mostny, da UNESCO e do ICOM na organização da *Mesa Redonda*

[658] Do romance *A palavra que resta*, de Stênio Gardel (2021).
[659] Eu não conhecia o poema *O Lutador*, de Carlos Drummond de Andrade (1977) antes da leitura da obra *A palavra que resta*, de Stênio Gardel (2021), em dezembro de 2023 [ganhei o livro de presente de Natal do meu companheiro Álamo Pimentel].

sobre la Importancia y el Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporáneo». Dos três objetivos, talvez, esse tenha sido aquele que foi melhor respondido ao longo da tese, mais especificamente, nos seguintes capítulos 2, 3 e 6, respectivamente, *“Mesa Redonda de Santiago do Chile: un hito revolucionario de la museología”*, *A Programação da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972* e *A Coordenadora da Mesa-Redonda de Santiagodo Chile, la doctora Grete Mostny (1914-1991)*.

O segundo objetivo específico, «a partir de fragmentos biográficos, delinear os perfis das/os participantes e envolvidas/os, direta ou indiretamente, no acontecimento de 1972», eu tentei responder nos capítulos 2, 4, 5, 6, 7 e 8, respectivamente, “*Mesa Redonda de Santiago do Chile: un hito revolucionario de la museología*”; *A Palo Seco: uma «mirada nostálgica e ingenua» sobre a Declaração de Santiago*; *Fragmentos Biográficos das Mulheres Participanes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972*; *A Coordenadora da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, la doctora Grete Mostny (1914-1991)*; *Ausentes e Presentes: fragmentos biográficos dos participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972* e *Oscar Eduardo Avello Avello (1954-1976): “soy una fotografia de un desaparecido”*. Esse foi o mais difícil de responder por que, ao mesmo tempo que determinadas/os participantes possuem muitas informações disponíveis, outras/os não como: Raul González Gusmán e Enrique Enseñat do Panamá; Raymonde Frin e Jacques Hardouin, da França; Carlos de Sola, de El Salvador; Héctor Fernández Guido, do Uruguai; César Picón, do Peru e quase todas/os as/os observadoras/es presentes na lista de Guido (2012 [1973]). Vale lembrar que nem todas/os observadoras/es aparecem nas transcrições contidas no documento *AHA_402_001 C-70* [*Mesa Redonda sobre la Importancia de los Museos*]. Nem sequer encontrei fotografias de Raymonde Frin, Jacques Hardouin, Raul González Gusmán, Héctor Fernández Guido, Enrique Enseñat e as/os observadoras/es, com exceção de Jorge Iribarren, Genoveva Dawson de Teruggi e Oscar Eduardo Avello Avello. Também confesso que diante do rumo tomado ao longo do processo da investigação, faltou fôlego e tempo para correr atrás dessas lacunas.

O terceiro e último objetivo específico foi, «entender as configurações sociais do Chile e suas influências nas discussões e na elaboração da Declaração da Mesa-Redonda de Santiago». De certa forma, esse objetivo foi respondido, principalmente nos capítulos 1 e 3, respectivamente, *América Latina: “el derecho de vivir en paz”* e *A Programação da Mesa-*

Redonda de Santiago do Chile, 1972. Esse objetivo em especial e os demais mereciam uma investigação mais aprofundada, entretanto, também não tive tempo e nem fôlego para tanto. Reitero que foi a tese possível.

Sobre a hipótese que se destacou ao longo da investigação, *A realização da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972 não foi obra apenas da UNESCO e do ICOM, mas também da política sociocultural do Governo de Salvador Allende, da Unidade Popular – UP, representada pela curadora do Museu Nacional de História Natural do Chile – MNHN e pelo Diretor da Direção de Bibliotecas, Arquivos e Museus, Juvencio Valle* foi uma tentativa de aprofundar e confirmar ou não o primeiro objetivo específico. E como esse último, foi confirmada da melhor forma possível, todavia, não de forma aprofunda como eu gostava.



A investigação como um todo, a revisão bibliográfica, o trabalho de campo e a escrita foram realizadas paralelamente, ou seja, *Tudo em todo o lugar ao mesmo tempo*[660]. Apesar de ter investigado um tema muito interessante e que ao longo do caminho eu recebi muito incentivo, contribuições e afetos, não posso e não devo romantizar o processo de investigação de uma tese de doutorado. Eu sei que isso não é nenhuma novidade, todavia, poucos escrevem sobre isso. O caminhar foi também doloroso, dispendioso, solitário, doenças [nunca adoeci tanto, tanto em decorrência da pandemia quanto no período da investigação] e com perdas na minha família, a morte de uma irmã em março de 2020, a morte do meu pai durante a minha primeira viagem de campo ao Chile e o desaparecimento/morte do meu gato Jack Espirro, em maio de 2022 não foram em decorrência da investigação, evidentemente, porém foram sentidas ao longo do processo. A minha relação com as instituições do Chile e as/os chilenas/os foi permeada por raiva, ódio, tristeza, tensão e muita ansiedade [da minha parte] e, na maioria das vezes, racismo cotidiano, burocracia, desprezo e falta de empatia [da parte delas/es]. Por outro lado, conheci algumas pessoas maravilhosas, gentis, simpáticas, atenciosas e prestativas [mortas e vivas], lugares lindos e acolhedores, além de quatro animais

[660] Título do filme estadunidense lançado em 2022, *Tudo em todo o lugar ao mesmo tempo*, dos diretores Daniel Shceinert e Daniel Kwan.

que aqueceram o meu corpo durante os dois outonos glaciais que eu passei no Chile, as cadelas Canela e Lucca, na primeira viagem de campo, em maio de 2022 e as gatas Medea e Kimchi, na segunda viagem de campo, em maio de 2023. Em parte, os meus sentimentos com as/os chilenas/os foram apaziguados durante a fase final de escrita da tese. Isto posto, não esperem por artigos decorrentes da investigação/tese, por isso, a escolha do título da separatriz que antecede a *Conclusão*, denominada *“O início, o meio e o fim”*, do artista plástico Marcelo Wasem (2023)[661]. A minha singela/singular contribuição para as Museologias e em especial para Sociomuseologia sobre o mais emblemático acontecimento de museus, a mítica Mesa-Redonda de Santiago do Chile termina aqui. Talvez, os legados da investigação que resultaram nessa tese sejam, o aprendizado ao longo de todo o processo, principalmente em relação a América Latina [para mim]; o ineditismo do tema; o aprendizado que ninguém investiga ou escreve sozinha/o e os caminhos indicados para outras/os investigadoras/es interessadas/os na temática [para as Museologias contemporâneas], sobre esse último, eu encontrei um pequeno texto intitulado *Escavando e recordando*, de Walter Benjamin (1995) que sintetiza o referido legado:

> “A língua tem indicado inequivocamente que a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois «fatos» nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, igual a torsos na galeria do colecionador. E certamente é útil avançar em escavações segundo planos. Mas é igualmente indispensável a enxada cautelosa e tateante na terra escura. E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho. Assim, verdadeiras lembranças devem proceder informativamente muito menos do que indicar o lugar exato onde o investigador se apoderou delas. A rigor, épica e rapsodicamente, uma verdadeira lembrança deve, portanto, ao mesmo tempo, fornecer uma imagem daquele que se lembra, assim como um bom relatório arqueológico deve não apenas indicar as camadas das quais se originam seus achados, mas também, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anteriormente” (Benjamin, 1995, pp. 239-240).

[661] O título foi tirado da letra *Gita*, dos autores Paulo Coelho e Raul Seixas (1974).

Eu não sei como esse texto apareceu, a única certeza que eu tenho é que a versão que encontrei era em espanhol, todavia, eu não consegui identificar a fonte[662]. Há que mencionar que o texto em espanhol possui uma magia que o texto em português não possui, talvez pelo fato de eu não conhecer todas as palavras do texto em espanhol. Aqui, eu optei por citar a versão em português pelo simples fato de possuir a referência.

Os resultados da investigação e da tese foram superiores aos esperados inicialmente. O Júri Prévio, realizado no dia 7 de março de 2023 com as professoras Judite Primo [Orientadora], Cristina Bruno, Vânia Brayner e Graça Teixeira e os professores Adel Igor Pausini [Presidente] e Clóvis Brito foi um dos melhores momentos da minha vida, principalmente pelas falas generosas, pelos elogios sinceros e também nas pontuações e caminhos sugeridos para a finalização da tese. Todo as palavras ditas pelas/os professoras/es naquele momento deixaram lindas marcas na minha curta trajetória de investigador e serei eternamente grato.



Como opção teórica e metodológica os documentos arquivísticos acessados ao longo da investigação, as/os autoras/es das mais diversas áreas, das Museologias, mais especificamente da Escola de Pensamento da Sociomuseologia, o romance, a poesia, o cinema e a música foram tratados sem hierarquias. Graças a informação do museólogo aposentado do Museo Nacional de Historia Natural, Miguel Ángel Azócar eu conheci o observador da Mesa-Redonda de Santiago do Chile e mirista, Oscar Eduardo Avello Avello, de certa forma, mudou um pouco o rumo da investigação. A sua história de vida, curta por sinal, exigiu um lugar de destaque na tese. Na mesma linha, a museóloga, antropóloga, arqueóloga, Coordenadora da MRSC e curadora do MNHN, Grete Mostny também exigiu destaque na tese. Como eu respeito e gosto muito das mortas/os, de pronto eu cedi e não me arrependo. Espero que Oscar Eduardo Avello Avello e Grete Mostny tenham gostado do resultado da investigação e do texto da tese.

[662] Então corri atrás das duas obras que eu tinha, porém, a procura foi em vão. Precisei comprar a minha terceira obra de Walter Benjamin.

Graças a Oscar Eduardo Avello Avello, Diana Teruggi, Daniel Mariani, Clara Anahí, Chicha Mariani, Genoveva Dawson de Teruggi, Mario Teruggi, Mario Pedrosa, Paulo Freire e Darcy Ribeiro, fez-se necessário a imersão numa uma bibliografia específica sobre as ditaduras latino-americanas nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Um vocabulário formado por palavras como golpes civis-militares, imperialismos, capital, socialismo, luta armada, torturas, exílios, sequestros, assassinatos e desaparecimentos entraram na tese e também na minha vida. Nada disso era desconhecido, entretanto, eu nunca tinha lido tanto sobre esses temas, como no final da investigação e escrita da tese. Evidentemente, que eu não consegui ler tudo, porém, agora eu já tenho essa bibliografia mapeada e também a leitura iniciada.

Não deveria, portanto, esquecer de abordar um problema que necessita urgentemente ser solucionado, a publicação do documento *AHA_402_001 C-70 Mesa Redonda sobre la Importancia de los Museos* contendo parte das transcrições das apresentações dos expositores Enrique Enseñat, Jorge Enrique Hardoy e Mario Teruggi e os respectivos debates, apenas disponíveis para investigação no local, a Biblioteca Científica Abate Ignacio Molina, localizada no Museo Nacional de Historia Natural, no Parque Quinta Normal, em Santiago, Chile. Atualmente, eu estou a instigar a responsável de uma instituição importante no Brasil para que ela assume a coordenadoria da publicação do referido documento, juntamente com outras instituições na América Latina e Portugal. «Oremos», seguindo os passos do professor da UNB, Clóvis Brito.

Diante da intensidade da investigação e os muitos dados produzidos, ao longo dos últimos três anos, muitas das obras lidas foram deixadas no caminho em detrimento de outras que surgiram posteriormente, o mais importante é que todas foram importantes tanto para a investigação quanto para a escrita da tese. Também preciso destacar que conheci e reencontrei

autoras/es maravilhosas/os que me ajudaram a «entender os processos de invisibilização da Mesa-Redonda de Santiago de Chile, 1972»[663].

E foi assim, que eu escavei algumas “memorias subterrâneas, exiladas e abandonadas” (Pollak, 1989; Bruno, 2000, 2005, 2020; Wichers, 2017) da mítica Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972 e deixei sinalizado as localizações para as/os pesquisadoras/es interessadas/os em continuar a escavar[664].

“E o que me importa é não estar vencido” (Secos & Molhados, 1973), no meu entendimento essa é uma das respostas do mais importante acontecimento de museos e das museologias da América Latina, assim como a nossa luta contra os tempos de desumanidade que continuam, como o genocídio praticado por Israel na Palestina atualmente e contra a repetição de tais atrocidades. E foi a partir das atrocidades praticadas durante a ditatura civil-militar chilena (1973-1990), que eu conheci e procurei honrar o nome e a luta de Oscar Eduardo Avello Avello e de todas/os as/os demais pessoas que resistiram e lutaram por um mundo melhor para todas/os do Sul global. Aqui reitero que no meu entendimento, esse mundo melhor para todas/os do Sul global está contemplado no trecho comentado do parágrafo preambular ou melhor o «parágrafo preambular da discórdia»: “Os problemas revelados pela sociedade contemporânea estão, na sua maioria, enraizados em situações de injustiça e não podem ser solucionados até que essas injustiças sejam corrigidas” (IBRAM & Programa Ibermuseos, 2012, p. 137)[665].

E para finalizar, eu não posso deixar de escrever algumas linhas sobre a dádiva recebida das mulheres militantes da Agrupación de Familiares Detenidos Desaparecidos – AFDD, em maio de 2023, como já referida no *Capítulo 8 – Oscar Eduardo Avello Avello: “soy una fotografia de un desaparecido”*. E que eu espero seja a primeira de muitas arpilleras sobre a mítica Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972 [Figura 181] e assim lutarmos contra a «Museologia de la Desmemoria»[666] que ronda esse acontecimento e as configurações sociais da América Latina nesse período. Também precisamos bordar arpilleras sobre os genocídios do passado, tanto para modificá-lo quanto para não esquecer; e os do

[663] Não citarei as/os autoras/es aqui, pois elas/es estão citadas/os ao longo do texto e também nas bibliografias citada e de referência.
[664] Estarei sempre disponível [vivo ou morto] para colaborar.
[665] *Capítulo 4 – A Palo Seco: uma «mirada nostálgica e ingenua» sobre a Declaração de Santiago.*
[666] “La desmemoria hereda olvido” (Valko, 2013, p. 27).

presente como uma forma de luta, principalmente para as/os que estão distantes. Como nos lembra Mia Couto (2021), “no caso brasileiro, é preciso não esquecer a ditadura, a escravatura, o genocídio dos povos indígenas. Mas não basta não esquecer. Lembrar é mais do que um ato passivo de resistência. É uma construção feita com materiais do tempo presente” (Couto, 2021, p. 7). E como já comentado anteriormente, a arpillera só foi bordada pelas mulheres da AFDD por causa da presença de Oscar Eduardo Avello Avello na Mesa-Redonda de Santiago do Chile.

Figura 181 –

Arpillera Mesa-Redonda de Santiago, 1972, bordada pelas mulheres da AFDD, 2023.



Fonte: AFDD

Por tudo isso, eu gostava de finalizar a escrita da *Conclusão – “ruim demais não saber, é quase ser cego podendo exergar”* destacando a representação do observador chileno,

Oscar Eduardo Avello Avello com uma blusa vermelha [a mesma cor do Movimento de Esquerda Revolucionária – MIR sentado durante os trabalhos da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972[667].

[667] Finalizei a escrita da *Conclusão – "Ruim demais não saber, é quase ser cego podendo enxergar"* no dia 29 de dezembro de 2023 a escutar a música *Pra não dizer que não falei das flores*, também conhecida como *Caminhando e cantando*, do cantor e compositor brasileiro, Geraldo Vandré (1968).

BIBLIOGRAFIA CITADA

Abarca, Ximena Faúndez; Hernández, D. R.; Ponce, C. S. & Mazuela, O. M. (Editores). (2022). Lugares de memoria y sítios de conciencia: construyendo patrimônio y memoria para la acción en derechos humanos. Santiago, Chile: CEI-CPMDH, Universidade de Valparaíso, Friedrich Ebert Siftung, Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi.

Acevedo, Nieves. (2014). Recordando a Grete Mostny Glaser al cumplirse cien años de su natalicio. *Boletín del Museo Nacional de Historia Natural, 63*, 225-237. Acedido em 04 de junho de 2021.

Aggio, A. (2002). *Democracia e socialismo: a experiência chilena*. São Paulo: Annablume.

Aggio, A. (2008). O Chile de Allende: entre a derrota e o fracasso. In.: Fico, Carlos et al. (Orgs.). *Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Agosín, Marjorie. (2021). *Las Arpilleras: una historia contada com hilo y aguja*. Santiago, Chile: Ediciones Mis Raíces.

Alcoba, Laura. (2021). *Trilogía: La casa de los conejos*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Edhasa.

Allende, Isabel. (1997). *De amor y de sombra*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana.

Allende, Isabel. (2009). *Meu país inventado* (M. Pontes: Trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Allende, Isabel. (2019). *Longa pétala de mar* (I. Benedetti: Trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Allende, Isabel. (2021). *A casa dos espíritos* (C.M. Pereira: Trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Alves, Vânia Maria Siqueira, & Reis, Maria Amélia Gomes de Souza. (2013). Tecendo relações entre as reflexões de Paulo Freire e a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972. *Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio*, *6*(1), 113-134. Acedido em 30 de setembro de 2021 em http://bit.ly/40nzNPt.

Ametrano, Silvia. (2002). Dr. Mario Egidio Teruggi: 18-II-1919-22-VIII-2002. *Museo*, *3*(16), 27. Buenos Aires, Argentina: Fundación Museo de La Plata. Acedido em 07 de agosto de 2021 em http://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/49813.

ANAIS do I Encontro Internacional de Ecomuseus. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Printel, 1992.

Anguita, H.H. (2018). La Mesa de Santiago: su impacto em Huilquilemu, región del Maule, Chile. *Quingnam, 4*, 169-180. Santiago, Chile. Acedido em 21 de novembro de 2021 em https://bit.ly/40lyhwZ.

Antequera, M.G. (2023). Sociología de la massacre: la producción social de la violencia. Santiago: Editorial Planeta Chilena S.A.

Anzaldúa, Gloria. (2016). *La frontera: la nueva mestiza* (C. Valle: Trad.). Madrid: Capitán Swing.

Appadurai, A. (2010b). Introdução: mercadorias e a política de valor. In.: Appadurai, Arjun (Org.). (2010a) *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Editora da UFF.

Appadurai, A. (Org.). (2010a) *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Editora da UFF.

Araújo, E. (Org.) (2010). *Museo de la Solidaridad Salvador Allende: Estéticas, sueños y utopias de los artistas de Brasil por la libertad: nuevas donaciones.* São Paulo: Imprensa Oficial del Estado de [São Paulo].

Araújo, M., & Bruno, Maria Cristina Oliveira (Orgs.). (1995). *A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos*. São Paulo: ICOM/FFLCH/USP.

Araújo, M.M. & Bruno, Maria Cristina Oliveira. (2010). Introdução (1995): um momento de reflexão sobre nosso passado museológico. In.: Bruno, Maria Cristina Oliveira. (Coord.). *O Icom-Brasil e o pensamento museológico brasileiro*: *documentos selecionados*. vol. 2. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo; Comitê Brasileiro do Icom.

Arpilleras, Colección del Museo de la Memoria y los Derechos Humanos (2019). Santiago: Ocho Libros Editores.

Azócar, M.Á. & Ruiz, Rosario. (1993). Dra. Grete Mostny Glaser: pionera de la museología chilena. *Revista Museos* 17: 16.

Azócar, M.Á. (2007). *A treinta y cinco años de la Mesa Redonda de Santiago*. *Museos en Obra*. IX Seminario sobre Patrimonio Cultural, noviembre. Santiago, Chile: DIBAM. Acedido em 12 de outubro de 2021 em https://bit.ly/3jld8Cv.

Azócar, M.A. (2008). El Centro Nacional de Museologia a Cuarenta Años de su Fundación. *Museos en Obra*, 27, 23-29. Santiago, Chile: DIBAM. Acedido em 27 de julho de 2021 em http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-349486.html.

Badiou, A., & Tarby, F. (2013). *La Filosofía y el Acontecimiento seguido de Una breve introducción a la filosofia de Alain Badiou*. Buenos Aires, Argentina: Amorrortu.

Balandier, G. (1997). *A desordem: elogio do movimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Barragán, C.A. (2013). El Rastro de la Arqueóloga, la Mirada de la Antropóloga: diálogos con Alicia Dussán de Reichel y su obra. Manguaré, 27, 199-253.

Barrera, L. (2022). *La casa de la calle 30: uma historia de Chicha Mariani*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Tusquets Editores.

Barros, M. (2013). *Poesia completa*. São Paulo: LeYa.

Bedolla Giles, Ana Graciela., & Felix y Valenzuela, F. (2015). Diálogo con Mario Vázquez: su museografía. *Gaceta De Museos*, (60), 8–17. Recuperado a partir de https://revistas.inah.gob.mx/index.php/gacetamuseos/article/view/5601.

Benedetti, M. (1994). El olvido está lleno de memoria. Buenos Aires, Argentina: Editorial Sudamericana.

Benjamin, W. (1995). Walter Benjamin. Rua de mão única. Tradu. R.R. Torres Filho & J.C.M. Barbosa. São Paulo: Brasiliense. Obras escolhidas II.

Bergamaschi, Maria Aparecida. (2019). Educação para os direitos humanos, interculturalidade e povos indígenas: uma introdução. In.: Menezes, Magali Mendes de; Sperb, C.E., Petry, Alessandra de Oliveira; Silva, W.M., & Soares, Olpivia de Andrade. (Orgs.). *Direitos Humanos em Debate: educação e marcadores sociais da diferença*. Porto Alegre: CirKula.

Bonnefoy, M. (2021). *Herança* (A. Bloch: Trad.). São Paulo: Vestígio.

Bosi, Ecléa. (1994). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.

Bosi, Ecléa. (2003). *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial.

Brayner, Vânia. (2022). O museólogo como trabalhador social na construção de futuros inéditos. *Cadernos de Sociomuseologia*, Nº 19 (vol. 63) 31.

Brulon, B. (2020b). O museu integral-integrado: que descolonização para os museus da América Latina?. Conferência apresentada na XV Conferência do Museu Chileno, Santiago, Chile.

Bruno, Maria Cristina Oliveira & Neves, Kátia Regina Felipini. (Coords.). (2008). *Museu como agentes de mudança social e desenvolvimento: propostas e reflexões museológicas*. São Cristóvão, SE: Museu de Arqueologia de Xingó.

Bruno, Maria Cristina Oliveira, (2000). Museologia. A luta pela perseguição ao abandono. São Paulo. Tese de Livre Docência. Museu de Arqueologia e Etnologia.

Bruno, Maria Cristina Oliveira, Carneiro, Maria Luiza Tucci & Aidar, Gabriela. (2008). Memorial da Resistência: perspectivas interdisciplinares de um programa museológico. In.: Bruno, Maria Cristina Oliveira & Neves, Kátia Regina Felipini. (Coords.). *Museu como agentes de mudança social e desenvolvimento: propostas e reflexões museológicas*. São Cristóvão, SE: Museu de Arqueologia de Xingó.

Bruno, Maria Cristina Oliveira. (2020). Museologia: entre abandono e destino. *Museologia & Amp.: Interdisciplinaridade, 9*(17), pp. 19-28. Acedido em: de 27 de maio de 2021 em https://doi.org/10.26512/museologia.v9i17.31590.

Bruno, Maria Cristina Oliveira. (Coord.). (2010). *O Icom-Brasil e o pensamento museológico brasileiro: documentos selecionados* (vol.2). São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo/Comitê Brasileiro do Icom.

Cáceres, G. (2019). Santiago: a capital da esquerda. In.: Gorelik, A., & Peixoto, F.A. (Orgs.). *Cidades sul-americanas como arenas culturais*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo.

Calarezo, Bruna Torres, & Cardoso, Cinthia de Cássia. (2022). As políticas culturais no Chile: os percursos particulares entre o governo da Unidade Popular e a patrimonialização da memória pós ditadura militar. *Epígrafe*, *11*(1), 183-203. https://doi.org/10.11606/issn.2318-8855.v11i1p183-203

Carrasco, Yocelyn Valdebenito. (2022b). Un mundo en una gota de agua: El papel de Grete Mostny en la Mesa Redonda de Santiago de 1972. In.: Mellado, L., & Soares, B. B. (Eds.). ICOFOM Study Series (Vol. 50, Número 1). ICOFOM.

Castellanos, Leticia P. (2020). La casa del Museo (1972-1980): una comunidad de práctica en clave femenina. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, *5*(14), 740-754. Salvador, Bahia.

Catálogo da Exposição *Museu da Solidariedade Salvador Allende: estéticas, sonhos e utopias dos artistas do mundo pela liberdade: tributo a Mário Pedrosa*. (2007). Curadoria Emanoel Araújo; texto crítico Patrício M. Zárate. São Paulo: Associação Museu Afro-Brasil: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

Césaire, A. (2010). *Discurso sobre o colonialismo*. Blumenau: Editora Letras Contemporâneas.

Chagas, M. (1996). Respostas de Hugues de Varine às perguntas de Mário Chagas. *Cadernos de Museologia*, *5*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Chagas, M. (2006). *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*. Chapecó: Argos.

Chagas, M. (2009). *A imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: MinC/Ibram.

Chagas, M. (2018). Museu Integral. In.: Castro, F.S.R., Frecheiras, K.R.O., Tubbs, D.G. et al (Orgs.). *Caderno da Política Nacional de Educação Museal, 1,* 89-91. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus.

Chagas, M. (2019). Seminário Regional da Unesco sobre a Função Educativa dos Museus (1958): sessenta anos depois. In.: Chagas, M., & Rodrigues, M.V.M. (Orgs.). *A função educacional dos museus: 60 anos do Seminário Regional da Unesco*. Rio de Janeiro: Museu da República.

Chagas, M., & Rodrigues, M.V.M. (Orgs.). (2019). *A função educacional dos museus: 60 anos do Seminário Regional da Unesco*. Rio de Janeiro: Museu da República.

Chagas, M., Alvares, Lilian., & Almeida, C.A.F. (2010). *Museologia em ação: homenagem à Lygia Martins Costa*. Brasília: UnB.

Chauí, Marilena de Souza. (1994). Apresentação: Os trabalhos da memória. In.: Bosi, Ecléa. (1994). Memória e Sociedade: lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras.

Chaves, J. C. (2014). *Eu não queria que índio se tornasse peça de museu”: polifonias dos Xukuru-Kariri sobre museus*. Monografia (Especialização em Antropologia), Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore e Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Alagoas. Maceió-AL.

Chaves, J.C. (2015). Uma biografia cultural da Sala Fé da exposição de longa duração do Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore. Dissertação de Mestrado. Departamento de Ciências da Vida. Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade de Coimbra. Coimbra, Portugal.

Chaves, J.C. (2022b). Ausências na mítica Mesa Redonda de Santiago do Chile, 1972: esboço de uma narrativa [Resumos]. In A. C. G. D. Faria, A. C. F. D. Silva, L. C. Bitterncourt, M. R, Bertotto, & V. B. T. Aquino (Orgs.). *Caderno de resumos do* V *Seminário Brasileiro de Museologia.* Porto Alegre-RS: UFRGS/Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. https://www.ufrgs.br/5sebramus/wp-content/uploads/2022/12/caderno-de-resumos-final-1.pdf.

Costa, F.B. (2004). Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo.

Costa, Lygia Martins. (1972). *Adaptações dos museus da América Latina ao mundo contemporâneo: relatório* (Caixa 780). Rio de Janeiro: Arquivo Noronha Santos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Costa, Lygia Martins. (2005). Entrevista-depoimento. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, (31), pp. 274-309.

Costa, Y.J.G. (2017). Experiências de tempo na elaboração de uma política nacional de museus no Brasil (1972). *VIII Seminário Internacional de Políticas Culturais*, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui de Barbosa.

Coulon, J. (2011). *La sonrisa de Víctor Jara*. Santiago, Chile: Editorial Usach.

Couto, M. (2021a). *Carta*. Porto Alegre: TAG Experiências Literárias.

Couto, M. (2021b). *O mapeador de ausências*. São Paulo: Companhia das Letras.

Crespo, G. O. (2008). Hernán Crespo Toral (Cuenca, 1937-Quito, 2008). Procesos. Revista Equatoriana de Historia, 27, I Semestre, Quito. Recuperado a partir de https://revistas.uasb.edu.ec/index.php/procesos/article/view/2375/2175.

Cruz e Souza, Luciana Christina. (2018). Pensar os museus numa perspectiva latino-americana: a atualidade da Mesa-Redonda de Santiago do Chile. In.: Soares, B.B., Brown, K., & Nazor, O. (Orgs.). *Definir os museus do século XXI: experiências plurais*. Paris: Icom/Icofom.

Cruz e Souza, Luciana Christina. (2020a). A Mesa-Redonda de Santiago do Chile e o desenvolvimento da América Latina: o papel dos Museus de Ciências e do Museu Integral. *Museologia & Amp: Interdisciplinaridade, 9*(17), 64-80. Acedido em 13 de agosto de 2022 em https://doi.org/10.26512/museologia.v9i17.30109.

Cruz e Souza, Luciana Christina. (2020b). Museu integral, museu integrado: a especificidade latino-americana da Mesa de Santiago do Chile. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo:

Cruz e Souza, Luciana Christina. (2021). Museu Integral: potência e crítica ao fato museal. In.: Moutinho, M., & Primo, Judite. (Edits.). *Sociomuseologia: para uma leitura crítica do Mundo.* Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

Cubillos, Claudia Cofré, Castro, F.G., & Yáñez, Lucy Quezada. (2019). *Mário Pedrosa y el Cisac: configuraciones afectivas, artísticas y políticas*. Santiago, Chile: Ediciones Metales Pesados.

Cusicanqui, Silvia Rivera. & Pazzarelli, F. (2017). Esas papitas me están mirando! Silvia Rivera Cusicanqui y la textura ch’ixi de los mundos. *Revista de Antropologia da UFSCar, 9*(2), 219-230. Acedido em 13 de agosto de 2022 em https://doi.org/10.52426/rau.v9i2.214.

Cusicanqui, Silvia Rivera. (2010). *Ch’ixinakax Utxiwa: una reflexíon sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Buenos Aires, Argentina: Tinta Limón.

Diome, Fatou. (2008). *Kétala* (R.B. Maia: Trad.). Lisboa: Europress.

Durán, Eliana. (1977). Biografia de la Dra. Grete Mostny. Noticiario Mensual MNHN, 21 (251), pp.5-7.

Echeverri, Marcela. (2007). Antropologas Pioneras y Nacionalismo liberal en Colombia, 1941-1949. Revista Colombiana de Antropología, vol. 43, enero-diciembre, Bogotá, pp. 61-90.

Editorial (1977). Palabras del Presidente de la Sociedad Chilena de Arqueología, Sr. Hans Niemeyer F.. Noticiario Mensual del Museo Nacional de Historia Natural, (Noticiario 251), 5-5. Disponible en https://publicaciones.mnhn.gob.cl/668/w3-article-66342.html.

Elias, N. (2011). *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70.

Elias, N., & Scotson, J.L. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade* (V.R.: Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Evaristo, Conceição. (2017). *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas.

Fals Borda, O. (2015). La crisis, el compromisso y la ciencia. In.: Fals Borda, O. *Una sociología sentipensante para América Latina*. México, D.F.: Siglo XXI Editores; Buenos Aires, Argentina: Clacso.

Fanon, F. (2005). *Os condenados da terra* (E.A. Rocha e L. Magalhães: Trad.). Juiz de Fora: Ed. UFJF.

Feldman, Ellen. (2021). *Paris é para sempre* (E. Nazarian: Trad.). São Paulo: Vestígio.

Fernández, Nona. (2017). *La dimensión desconocida*. Santiago de Chile: Penguin Randon House Grupo Editorial, S. A.

Ferrada, Maria José. (2017). La tristeza de las cosas. Santiago de Chile: Editorial Amanuta.

Ferreira, Luzia Gomes. (2018). A poética da existência nas margens: percursos de uma museóloga-poeta pelos circuitos artísticos da "Lisboa Africana". Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) para obtenção do grau de doutora, orientada por Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha, Lisboa.

Figueiredo, C. E. S. (1982). *Mário Pedrosa: retratos do exílio*. Rio de Janeiro: Edições Antares.

Fonseca, Claudia. (2004). *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos escolares*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Freire, P., & Guimarães, S. (2021). *Paulo Freire: aprendendo com a própria história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freitas, Joseania Miranda & Oliveira, Lysie dos Reis. (2020). Memórias de um tamborete de baiana: as muitas vozes em um objeto de museu. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, *5*(14), 541-564. Acedido em 19 de dezembro de 2022 em https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2020.v5.n14.p541-564.

Frin, Raymonde. (1998). *Museum*: «en beneficio de los museos del mundo». *Museum International* (París, UNESCO), nº 197, vol. 50, nº 1.

Fritz, Karen Donoso. (2013). El "apagón cultural" en Chile: políticas culturales y censura en la ditadura de Pinochet 1973-1983. *Outros Tempos*, 10(16), 104-129. Acedido em 25 de setembro de 2022 em https://outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/285/281.

Fuenzalida, Nancy Yáñez, Garrido, Valentina López. (n.d.). *Para su inclusión en la nueva Constitución: el derecho a la memoria y el deber de recordar.* Santiago, Chile: Museo de la Memoria y los Derechos Humanos – MMDH, Centro de Derechos Humanos de la Facultad de Derecho de la Universidad de Chile, Faculdad de Derecho de la Universidad Bolivariana e Corporación Parque por La Paz Villa Grimaldi. Acedido em 13 de agosto de 2022 em https://villagrimaldi.cl/wp-content/uploads/2022/01/Derecho-a-la-memoria-y-deber-de-recordar.pdf.

Funari, P.P.A., & Zarakin, A. (2008b). Introdução. In: Funari, P.P.A., Zarakin, A., & Reis, J.A. (Orgs.). *Arqueologia da repressão e da resistência na América Latina na era das ditaduras (décadas de 1960-1980)*. São Paulo: Annablume.

Funari, P.P.A., & Zarakin, A. (Compilado) (2006). Arqueología de la represión y la resitencia en América Latina: 1960-1980. Córdoba: Encuentro Grupo Editor.

Funari, P.P.A., Zarakin, A., & Reis, J.A. (Orgs.). (2008a). *Arqueologia da repressão e da resistência na América Latina na era das ditaduras (décadas de 1960-1980)*. São Paulo: Annablume.

Gadotti, M. (1996). *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire; Brasília: Unesco.

Gajardo, Marcela. (2019). Paulo Freire: Crónica de sus años en Chile. Santiago, Chile: Flacso.

Gajardo, Marcela. (2021). Procurando Paulo Freire no Chile, algumas observações sobre a origem e a evolução de suas ideias pedagógicas. Ideação. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde, v. 23, nº 1.

Galeano, E. (1997). *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM.

Galeano, E. (2017). *As veias abertas da América Latina* (S. Faraco: Trad.). Porto Alegre: L&PM.

Gardel, S. (2021). A palavra que resta. São Paulo: Companhia das Letras.

Girault, Y. & Rivera, Isabel Orellana. (2020b). ¿50 años después de la mesa redonda de Santiago de Chile: en qué está la museología social, participativa y crítica? In.: Girault, Yves & Rivera, Isabel Orellana. (Coords.). *Actas Coloquio Internacional Museología Social, Participativa y Crítica*. Santiago, Chile: Ediciones Museo de la Educación Gabriela Mistral.

Girault, Y. & Rivera, Isabel Orellana. (Coords.). (2020a). *Actas Coloquio Internacional Museología Social, Participativa y Crítica*. Santiago, Chile: Ediciones Museo de la Educación Gabriela Mistral.

Gomes, Ana Lúcia de Abreu. (2020). O encontro entre a Mesa de Santiago do Chile (1972), o Centro Nacional de Referência Cultural (1975) e os museus da Pró-Memória. In.: Magalhães, F.; Costa, Luciana Ferreira da; Hernandez, Francisca; Curcino, A. (Orgs.). Museologia e Patrimônio. 1 ed. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria, vol. 3, pp. 265-281.

Gomes, Angela de Castro. (1996). A guardiã da memória. *Acervo*, v. 9, nº1-2, 17-30. Acedido em 26 de março de 2023 em https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/397.

Gonçalves Filho, J.M. (2003). Orelha do livro. In.: Bosi, E. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial.

Gonzalez, Lélia. (2020). Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. (Orgs.) Rios, Flavia & Lima, Márcia. Rio de Janeiro: Zahar.

Gutiérrez, R. (1995). Jorge Enrique Hardoy: su aporte a la historia urbana de América Latina. *Revista EURE - Revista De Estudios Urbano Regionales*, *21*(62). https://doi.org/10.7764/1122.

Guimarães Rosa, J. (1991). *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Hartman, Saidiya. (2022). *Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais* (Floresta: Trad.). São Paulo: Fósforo.

Herreman, Yani. (2015). De personajes y otros mitos del icom: el gurú Mario. *Gaceta De Museos*, (60), 28–39. Recuperado a partir de https://revistas.inah.gob.mx/index.php/gacetamuseos/article/view/5622.

Heymann, Luciana (Org.). (2023). *50 Anos da Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972-2022); novos olhares sobre os museus.* São Paulo: Hucitec.

INODEP. (1980). Prólogo. In.: Freire, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. [tradução: Kátia de Mello e Silva. São Paulo-SP: Editora Moraes.

Jiménez, Javiera Carmona & Lehuedé, J. H. (2023). Prólogo. Como Osiris desmembrado. El archivo de Grete Mostny Glaser. In.: Figueroa, E. O. (Resp.). *Grete Mostny Glaser. Figura, legado y archivo*. Santiago, Chile: MNHN.

Kastrup, Virgínia. (2015). O Funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In.: Passos, E., Kastrup, Virgínia., & Escóssia, Liliana da. (Orgs.). (2015). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina.

Kilomba, Grada. (2019, 13 agosto). "O colonialismo é a política do medo. É criar corpos desviantes e dizer que nós temos que nos defender deles". *El País*. Acedido em 13 de agosto de 2022 em http://bit.ly/3Ydh5bo.

Kopytoff, I. (2010). A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: Appadurai, A. (Org.). *A vida social das coisas: a mercadoria sob uma perspectiva cultural* (89-121). Niterói: Eduff.

Kossoy, B. (2005). Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In.: Samain, E. (Org.). *O fotográfico* (39-45). São Paulo: Editora Hucitec/Editora Senac.

Kossoy, B. (2012). *Fotografia & memória*. São Paulo: Ateliê Editorial.

Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Editora Companhia das Letras.

Kusch, R. (1981). Os preconceitos que costumam acompanhar as teorias desenvolvimentistas (análise crítica da metodologia de Paulo Freire). In.: Torres, C.A. (Org.). *Leitura crítica de Paulo Freire*. São Paulo: Edições Loyola.

Kusch, R. (1999). *América profunda*. Buenos Aires, Argentina: Biblos.

Lemebel, P. (2022). *Adiós Mariquita linda*. Santiago, Chile: Editorial Planeta Chilena S.A.

Lemebel, P. (2023). Poco Hombre. Echevarría, Ignacio (Org.). (M. Sanchez: Trad.). São Paulo: Zahar.

Lemebel, P. *Tengo miedo torero*. (2021). Santiago, Chile: Editorial Planeta Chilena S.A.

Leminski, P. (1994). *Metamorfose, uma viagem pelo imaginário grego*. São Paulo: Iluminuras.

Licuime, L.A. (2007). La Mesa de Santiago, una doble ruptura museológica. Museos en Obra. *IX Seminario Sobre Patrimonio Cultural*, Santiago do Chile. Conferência. Santiago, Chile: Dibam.

Lima, G.G.F. (2014). Museus, desenvolvimento e emancipação: o paradoxo do discurso emancipatório e desenvolvimentista na (Nova) Museologia. *Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, 7*: 2. Rio de Janeiro: Unirio/Mast.

López Domínguez, L. H. (2001). Gerardo Reichel-Dolmatoff: la tradición etnológica en Colombia y sus aportes. *Boletín Cultural Y Bibliográfico*, *38*(57), 2–41.

Mamani**,** A. (2019). Para la reina… apenas una carpa. Innovación y primitivismo en Violeta Parra y su experiencia en La Carpa de la Reina. *Artelogie* [En ligne], 13 | 2019, mis en ligne le 07 janvier 2019, consulté le 23 août 2023. URL: http://journals.openedition.org/artelogie/2906; DOI: https://doi.org/10.4000/artelogie.2906.

Maulén, D. (2006). Proyecto Edificio UNCTAD III: Santiago de Chile (junio 1971-abril 1972). *Revista De Arquitectura,* nº *13.FAU Universidadede Chile*: Editora. pp.80-92.

Maulén, D. (2016). Una trayectoria excepcional: integración cívica y diseño colectivo en el edificio Unctad III. *ARQ, 92* (69-79). Acedido em 12 de janeiro de 2023 em https://doi.org/10.4000/iss.4329.

Mbembe, A. (2017). *Políticas da inimizade*. Lisboa: Antígona Editores.

McLaren, P. (1999). Uma pedagogia da possibilidade – Reflexões sobre a política educativa de Paulo Freire. In.: McLaren, P. *Utopias provisórias: as pedagogias críticas num cenário pós-colonial*. tradução Helena Beatriz Mascarenhas Souza. Petrópolis-RJ: Vozes.

Mellado, L. (2022). A 50 años de la Mesa de Santiago de Chile. Contextos y reflexiones. In.: *Chaski, 9,* 69-80. In.: Herreman, I. (Ed.). (2022). Chaski (Número 9). ICOM.

Mellado, L., & Soares, B. B. (Eds.). (2022). ICOFOM Study Series (Vol. 50, Número 1). ICOFOM.

Mello, T. (2017). *Faz escuro mas eu canto.* São Paulo: Global.

Mignolo, W. (2007). *La Ideia de America Latina: la herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona: Editorial Gedisa.

MNHN. (2014). Breve biografia de la doctora Grete Mostny. MNHN.

Moaut, F., & MNHN (2007). Breve biografia de la Doctora Grete Mostny (1914-1991). Santiago: Museo Nacional de Historia Natural y Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos.

Moaut, F., & MNHN (2014). Breve biografia de la Doctora Grete Mostny (1914-1991). Santiago: Museo Nacional de Historia Natural y Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos.

Monti, Alejandra Ines. (2016). Más que un experto. El rol de Jorge Enrique Hardoy en el desarrollo de la disciplina urbana en América Latina. *URBANA: Revista Eletrônica Do Centro Interdisciplinar De Estudos Sobre a Cidade*, *8*(3), 8–29. https://doi.org/10.20396/urbana.v8i3.8643347.

Moraes Wichers, Camila Azevedo de. (2017). Exposições arqueológicas e povos indígenas: passados excluídos e memórias exiladas. Crítica e Sociedade: revista de cultura política, v. 7, n. 1. Acedido em 26 de março de 2023 em https://seer.ufu.br/index.php/criticasociedade/article/view/39254.

Morera, P. (2010). Luis Diego Gómez Pignataro 1944-2009. *Revista de Biología Tropical*, *58*(4), XIX-XXI. Retrieved December 16, 2023, from http://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77442010000400003&lng=en&tlng=es.

Moro, Fernanda Camargo, & Novaes, Lourdes. (2010). Icom e Brasil, um diálogo: lembranças e reflexões – 1946/1993. In.: Bruno, Maria Cristina Oliveira (Coord.). *O Icom-Brasil e o pensamento museológico brasileiro: documentos selecionados* (vol.1). São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo/Comitê Brasileiro do Icom.

Moro, Fernanda Camargo. (2010). Por que foi esquecida a Revolução de 1971? Uma reflexão (1996). In.: Bruno, Maria Cristina Oliveira. (Coord.). *O Icom-Brasil e o pensamento museológico brasileiro: documentos selecionados* (vol.1). São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo/Comitê Brasileiro do Icom.

Mostny, Grete. (1972). El desarrollo y la importancia de los museos en el mundo contemporáneo. Noticiario Mensual del MNHN 190: 3-9.

Moutinho, M. (2013). MESA-REDONDA DE SANTIAGO DO CHILE, 1972; CONVENÇÃO DO PATRIMÓNIO MUNDIAL, UNESCO – PARIS, 1972; DECLARAÇÃO DE CARACAS, 1992. SINPEM – I Simpósio Internacional de Pesquisa em Museologia. Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo. Curso de Sociomuseologia.

Munduruku, D. (2019). *Das coisas que eu aprendi: ensaios sobre o bem-viver*. Lorena: UK’A Editorial.

Mura, Claudia. (2013). *Todo mistério tem dono!: ritual, política e tradição de conhecimento entre os Pankararu*. Rio de Janeiro: Contra Capa.

Novaes, A. (Org.). (1999). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras.

Oiticica Filho, C. (Org.). (2013). Encontros: Mário Pedrosa. Rio de Janeiro-RJ: Beco do Zougue.

Oliveira, J., Filho (2011). O retrato de um menino bororo: narrativas sobre o destino dos índios e o horizonte político dos museus, séculos XIX e XXI. *Musas: Revista Brasileira de Museus e Museologia, 5*: pp.36-59. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus.

Oliveira, Maria Marly de (Org.). (2021). *Formação continuada de professores: dialogando com Paulo Freire* [recurso eletrônico]. Recife : Edupe.

Oliveira, R.D., & Dominici, P. Freire desvelar. (1981). In.: Torres, C.A. (Org.). *Leitura de Paulo Freire*. São Paulo: Edições Loyola.

Ortiz-Troncoso, O. R. (1992). Grete Mostny (1914-1991). In: Journal de la Société des Américanistes. Tome 78 nº 1, pp. 192-194.

Oyuela-Caycedo, A. (2012). Gerardo Reichel-Dolmatoff: su pasado, legado y problemas. Ponencia presentada en el 54 Congreso Internacional de Americanistas, Viena, Austria.

Padrós, E.S. (2008). Repressão e violência: segurança nacional e terror de Estado nas ditaduras latino-americanas. In.: Fico, C...[et al.] (Orgs.). *Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas.* Rio de Janeiro: Editora FGV.

Paillalef, Juanita. (2007). Del Objeto al Sujeto: experiencia comunitaria. Museo en Obra. DIBAM

Paladino, Luiza Mader. (2020). *A opção museológica de Mário Pedrosa: solidariedade e imaginação social em museus da América Latina*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo para obtenção do grau de doutora, orientada por Maria Cristina Machado Freire, São Paulo.

Pardo Fernández, A. (1992). La política lingüística del patriarcado. *Política y Cultura*, *1*: 195-213, otoño 1992. Acedido em 18 de março de 2022 em https://www.redalyc.org/pdf/267/26700114.pdf.

Pedrosa, M. (2013). Encontros: Mário Pedrosa. (Org.). Oiticica Filho, César. Rio de Janeiro: Beco do Azougue.

Pérez Castellanos, Leticia. (2015). La luz es mágica: Mario Vázquez Rubalcava y las exposiciones internacionales. *Gaceta De Museos*, (60), 18–27. Recuperado a partir de https://revistas.inah.gob.mx/index.php/gacetamuseos/article/view/5615.

Pérez-Barreiro, G. & Sommer, Michelle (Orgs.) (2017). Mário Pedrosa: De la naturaliza afectiva de la forma. Madri: Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía.

Peters, T. (2020). A cincuenta años de las políticas culturales de la Unidad Popular: enseñanzas y derivas críticas para pensar el proceso constituyente en Chile. *Periférica Internacional: Revista para el análisis de la cultura y el territorio, 21:* 308-318. Acedido em 25 de outubro de 2022 em https://doi.org/10.25267/Periferica.2020.i21.30.

Pinares, Javiera Cádiz. (2022). *Mesa Redonda de Santiago de Chile: um hito revolucionario de la Museología*. Santiago, Chile: RIL Editores.

Pineda Camacho, R. (2012). *La aventura de ser antropóloga en Colombia: Alicia Dussán de Reichel-Dolmatoff y la antropología social en Colombia.* Universidad Nacional de Colombia - Facultad de Ciencias humanas.

Pinilla, R. M. (2018). In Memoriam Teresa Gisbert (1926-2018). *Colonial Latin American Review,* 27:3, pp. 426-428. Recuperado a partir de DOI: 10.1080/10609164.2018.1527577.

Pochettino, M.L., & Hurrell, J. Obituario: Genoveva Dawson de Teruggi (1918-2012). (2012). *Boletín de la Sociedad Argentina de Botánica, 47*, 471-472.

Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15.

Primo, Judite S., & Brayner, Vânia. (2018). Nunca mais o silêncio: por uma política das memórias do feminino na resistência. *Museologia & Interdisciplinaridade, 7*(13), 155-173. Acedido em 11 de fevereiro de 2022 em https://doi.org/10.26512/museologia.v7i13.17782.

Primo, Judite Santos, & Leite, P.P. (2015). Olhares biográficos em Museologia: os desafios da intersubjetividade. *Cadernos de Sociomuseologia, 49*(5), 129-144, Lisboa.

Primo, Judite, & Moutinho, M. (2020). Referências teóricas da Sociomuseologia. In.: Primo, Judite, & Moutinho, M. (Edits.). *Introdução à Sociomuseologia*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

Primo, Judite, & Moutinho, M. (2021). Uma releitura do mundo pelo olhar da Sociomuseologia. In.: Primo, Judite, & Moutinho, M. (Edits.). *Sociomuseologia: para uma leitura crítica do Mundo.* Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

Primo, Judite. (2007). Documentos básicos de Museologia: principais conceitos. *Cadernos de Sociomuseologia* (vol.28). Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Priosti, Odalice M., & Mattos, Yara. (2007). Caminhos e percursos da Museologia Comunitária. *Cadernos de Museologia, 28*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Queirós, B.C. (2017). *Vermelho amargo*. São Paulo: Global Editora.

Ribeiro, D. (1997). *Confissões*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.

Rivière, H.R. (2019). Documento Histórico – Seminário da Unesco sobre a função educativa dos museus: 7 a 30 de setembro de 1958. (I. Borsani e C. Portella: Trad.). In.: Chagas, M., & Rodrigues, M.V.M. (Orgs.). *A função educacional dos museus: 60 anos do Seminário Regional da Unesco*. Rio de Janeiro: Museu da República.

Roca, Andrea. (2014). *Os sertões e o deserto: imagens da nacionalização dos índios no Brasil e na Argentina na obra do artista viajante J. M. Rugendas*. Rio de Janeiro: Faperj/Garamond.

Rocha, Ana Karina Calmon Oliveira. (2020). Construção e disputas do campo da Museologia no Brasil: os fóruns nordestinos (1988-1996). Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) para obtenção do título de doutora, orientada por Maria das Graças de Souza Teixeira. Lisboa, Portugal.

Rojas, R., Crespán, J.L., & Trallero, M. (Orgs.). (1979). *Os museus no mundo*. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil.

Rouquié, A. (1991). *O Extremo-Ocidente: Introdução à América Latina*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Ruf, Mónica López. (2015). Una vida fecunda al servicio del afecto: Genoveva Dawson de Teruggi. *Museo* 3 (19) 3129. Recuperado a partir de https://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/47239/Documento_completo__.pdf?sequence=1.

Sá, I.C. (2015). Lygia Martins Costa: narrativa sobre suas contribuições à Museologia e ao patrimônio. *Revista de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília*. Brasília: Editora da UnB.

Said, E. (2003). Reflexões sobre o exílio. In.: Said, E. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras.

Salazar Vergara, G. (2013). Villa Grimaldi (Cuartel Terranova). Santiago: LOM Ediciones.

Samain, E. (Org.). (2005). *O fotográfico*. São Paulo: Editora Hucitec/Editora Senac.

Sandroni, C. (1978). A arte está em decadência. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 2 de jun. Arquivo CEDEM – Centro de Documentação e Memória da Unesp. Fundo Mário Pedrosa.

Santos, B.S., & Meneses, Maria Paula. (2010). Introdução. In.: Santos, B.S., & Meneses, M.P. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez.

Santos, Maria Célia Teixeira Moura. (2009). Reflexões sobre a Nova Museologia. *Cadernos de Sociomuseologia, 18*(18), 93-139. Acedido em 27 de julho de 2021 em https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomusoelogia/article/view/363.

Santos, Maria Célia Teixeira Moura; Santos, Paula Assunção; & Scheiner, Tereza Cristina. (2014). Conferência I – 40 anos da Mesa Redonda de Santiago/Chile (1972): entre o idealismo e a contemporaneidade. *V Fórum Nacional de Museus*, Petrópolis, 2012. Relatório. Brasília: Ibram.

Santos, R.F., Jr. (2019a). Por uma "Museologia da Libertação": impactos do pensamento de Hugues de Varine no campo museal brasileiro. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia (Ufba) para obtenção do grau de mestre em Museologia, orientado por Clovis Carvalho Brito. Salvador, Brasil.

Santos, R.F., Jr., & Britto, C.C. (2019b). Hugues de Varine e os museus comunitários no Brasil. *Museologia & Interdisciplinaridade, (8)*15: 323-327.

Scheiner, Tereza Cristina. (2012). Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*: *Ciências Humanas*, v. *7*, n. 1, pp. 15-30.

Schteingart, Martha. (1993). A la memoria de Jorge Enrique Hardoy. *Estudios Demográficos Y Urbanos*, *8*(3), 715–716. https://doi.org/10.24201/edu.v8i3.891.

Silva, C.H.G. (2016). *A presença na ausência*: *Paulo Freire e a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972*. Rio de Janeiro: Iserj/Faetec/Ibram-MinC

Skármeta, A. (2018). *El cartero de Neruda*. Santiago, Chile: Penguin Random House Grupo Editorial.

Skármeta, A. (2020). *O dia em que a poesia derrotou um ditador*. Porto Alegre-RS: TAG Experiências Literárias.

Soares, Inês Virginia Prado, & Funari, P.P. (2019). Arqueologia da resistência e direitos humanos. In.: Soares, I.V.P. & Cureau, S. (Orgs.). *Bens Culturais e direitos humanos*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo.

Spalletti, L.A. (2016). Mario E. Teruggi: un puente entre la ciencia y el humanismo. *Revista del Museo de La Plata* (vol. 1, 302-315).

Todorov, T. (2010). *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: WMF Martins Fontes.

Tolentino, A.B. (2016). Museologia Social: apontamentos históricos e conceituais. *Cadernos de Sociomuseologia* (vol.8). Lisboa, Portugal.

Tovar, F.B. (2011). Etnomuseología o labúsqueda de las polifonias em Colombia. *Musas: Revista Brasileira de Museus e Museologia* (vol.5). Brasília: Instituto Brasileiro de Museus.

Uemura, D. (2021). *Chile em chamas: a revolta antineoliberal*. São Paulo: Elefante.

Uribe, C.A. (2017). De Gran Jaguar a Padre Simbólico: la biografia "oficial" de Gerardo Reichel-Dolmatoff. *Antipoda. Revista de Antropología y Arqueología*, (27), 35-60. https://doi.org/10.7440/antipoda27.2017.02.

Valdebenito, Yocelyn. (2018). Grete Mostny, Laura Rodig y el Centro Nacional de Museología. Museus en movimiento. *Revista Museos* (nº. 37). Santiago, Chile: Subdirección Nacional de Museos.

Valdebenito, Yocelyn. (2022a). Grete Mostny Glaser. Una sibila al sur del mundo. In.: *Chaski, 9,* 81-96. Santiago, Chile: Alianza Regional del Icom para América Latina y el Caribe Icom LAC.

Valente, Maria Esther Alavarez. (2009). Museus de Ciência e Tecnologia no Brasil: uma "Reunião de Família" na Mesa-Redonda de Santiago do Chile em 1972. *Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, (2)*2, 73-86.

Valko, M. (2012). Desmemoria o igualdad?. In.: Zaffaroni, A.M.I., & Canque, E.F. *Educación e interculturalidad: hacia una práctica reparatória: debates, desafios y propuestas* (89-107). Salta: Fundación Rescoldo.

Valko, M. (2013). *Pedagogía de la desmemoria: crónicas y estrategias del genocidio invisible*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Continente.

Varine, H. (1972). Mensagem. In.: Camargo e Almeida, F. (Coord.). *Guia dos Museus do Brasil: roteiro dos bens culturais brasileiros levantados em pesquisa nacional* (7-8). Rio de Janeiro: Expressão e Cultura.

Varine, H. (1979). Entrevista com Hugues de Varine-Bohan. In.: Rojas, R., Crespán, J.L., & Trallero, M. (Orgs.). *Os museus no mundo*. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil.

Varine, H. (1995). A respeito da Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972). In.: Araújo, M., & Bruno, M.C.O. *A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos* (17-19). São Paulo: Icom/FFLCH/USP.

Varine, H. (1996). Entrevista concedida a Mario Chagas [23 novembro 1995]. *Cadernos de Sociomuseologia, 5*(5), 5-18.

Varine, H. (2012a). *As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local* (M.L.P. Horta: Trad.). Porto Alegre: Editora Medianiz.

Varine, H. (2012e). Reflexiones a 40 años de la Mesa de Santiago. *Revista Museos, 31*, 4-5.

Varine, H. (2013). Entrevista concedida a Ana Carvalho [19 de abril, 2013]. Acedido em 12 de outubro de 2021 em https://nomundodosmuseus.hypotheses.org/5585.

Varine, H. (2014a). Entrevista de Hugues de Varine concedida a Mario Chagas. Museologia Social. *Cadernos do Ceom, 41* (ano 27, pp.239-248.). Chapecó: Unochapecó.

Varine, H. (2014b). Conferência III: homenagem aos 40 anos da Mesa Redonda de Santiago no Chile (pp. 84-88). *V Fórum Nacional de Museus*, Petrópolis, 2012. Relatório. Brasília: Ibram.

Varine, H. (2020). *El ecomuseo singular y plural: un testimonio de cinquenta años de Museologia comunitaria em el mundo*. Santiago, Chile: Ediciones Icom Chile.

Varine, H. (n.d.). Opinião de Hugues de Varine. *Santiago do Chile, 1972 – A museologia encontra o mundo moderno ou quem somos nós quarenta anos depois?* Acedido em 13 de setembro de 2021 em: https://www.educamuseu.com/hugues-de-varine.

Varine-Bohan, H. (2010). Apresentação: A Respeito da Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972). In.: Bruno, M.C.O. (Coord.). *O Icom-Brasil e o pensamento museológico brasileiro: documentos selecionados* (vol.2, 38-42). São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo/Comitê Brasileiro do Icom.

Vasconcellos, C.M., Funari, P.P., & Carvalho, A. (2015). *Museus e identidades na América Latina*. São Paulo: Annablume/Unicamp.

Villada, Camila Sosa. (2022). O parque das irmãs magníficas. Trad. Joca Reiners Terron. Porto Alegre-RS: TAG Experiências Literárias.

Winn, P. (2010). *A Revolução Chilena* (M. Lopes: Trad.). São Paulo: Editora Unesp.

Yáñez V. J., & Alegría, L. (2023). Los museos de Chile, Grete Mostny y los 50 años del Golpe Militar: Una reflexión necesaria. *Cuadernos Médico Sociales*, *63*(3), 59–67. https://doi.org/10.56116/cms.v63.n3.2023.1345.

Zoli, A. F. (2011). O Museu da solidariedade do Chile e Mário Pedrosa. *Humanidades Em diálogo*, *4*(1), 231-243. https://doi.org/10.11606/issn.1982-7547.hd.2011.106201.

Filmes:

Alonso, Victoria; Glynn, P.; Teperman, Cindy; Darín, C.; Darín, R.; Kuschewatzky, A. & Mitre. S. (Produtoras/es), & Mitre, S. (Diretor). (2022) *Argentina, 1985*. [140 min]. Argentina: *Amazon Prime Video.*

Atienza, Belén; Toro, G. del; Torresblanco, Frida; Cuarón, Alfonso & Augustin, A. (Produtoras/es), & Toro, G. del. (Diretor). (2008). *O labirinto do fauno*. [118 min.]. Espanha, México e Estados Unidos: *Warner Bros.*

Besuievsky, Mariela; Kuschevatzky, A.; Campanella, J. J. & Urbieta, Carolina (Produtoras/es), & Campanella, J. J. (Diretor). (2009). *O segredo dos seus olhos*. [129 min]. Argentina e Espanha: *Tornasol Films S. A.*

Bovaira, F. & Cuerda, J. L. (Produtores), & Cuerda, J. L. (Diretor). (1999). *A língua das mariposas*. [96 min]. Galícia/Espanha: *Miramax.*

Castro, A.; Ortizgris, L.; Zylberberg, Julieta; Noguera, Amparo; Gnecco, L. & Hernández, S. (Produtoras/es), & Sepúlveda, R. (Diretor). (2021). *Tenho medo toureiro*. [93 min]. Chile, Argentina e México: Forastero.

Carter, A. R.; Russo, A.; Finn, S.; Yeoh, Michelle; Kwan, D. & Scheinert, D. (Produtoras/es) & Kwan, D. & Scheinert, D. (Diretores). (2022). *Tudo em todo o lugar ao mesmo tempo*. [140 min]. Estados Unidos: *Diamond Films*.

Dreifuss, D. M.; Larraín, J. de D. & Larraín, P. (Produtores), & Larraín, P. (Diretor). (2012). *No*. [118 min]. Chile: *Domestic Distributor* e *Sony Pictures Classics*.

Garcia, Alejandra; Gomes, Denise; Sokolowicz, F.; Rovito, P.; Pereira, P. & Consenza, Paula; (Produtoras/es), & Wood, A. (Diretor). (2011). *Violeta foi para o céu*. [105 min]. Chile, Argentina e Brasil: Instituto Nacional de Cinema e Artes Audiovisuais

Gómez, A. V. (Produtor), & Aranda, V. (Diretor). (1996). *Libertarias. [125 min]. Espanha, Itália e Bélgica.*

Gori, M. C. & Gori, V. C. (Produtores), & Radford, M. (Diretor). (1994). *O carteiro e o poeta*. [108 min]. Itália, Bélgica e França: *Miramax*.

Piñeyro, M. (Produdor), & Puenzo, L. (Diretor). (1985). *A história oficial*. [112 min.]. Argentina: Europa Filmes.

Herrero, G. & Wood, A. (Produtores), & Wood, A. (Diretor). (2004). *Machuca*. [120 min]. Chile e Espanha: *Menemsha Films*.

Lewis, E.; Peters, J.; Lewis, M. & Guber, P. (Produtores) & Costa-Gravas. (Diretor). (1982). *Desaparecido – um grande mistério*. [122 min]. Estados Unidos: *Universal Pictures e Polygram Pictures.*

O’brien, Rebecca; Esteban, Marta & Herrero, Gerardo (Produtoras/es), & Loach, K. (Diretor). (1995). *Terra e liberdade. [109 min]. Reino Unido, Espanha, Itália e Alemanha: Gramercy Pictures.*

Padilla, Adriana; Orton, Alexandra; Gregson, Barbara; Weitizel, D.; Ogilby, E.; Azoff, I. et al. (Produtoras/es) & Perlmutt, B-J. (Diretor). (2019). *Netflix ReMastered: Massacre no Estádio – A História de Víctor Jara*. [64 min]. Estados Unidos: *Netflix*.

Saenz-Laguna, Paula; Urrutia, Paz & Repois, Joanna (Produtoras) & Repois, Joanna. (Diretora). (2019). *Lemebel: um artista contra a ditadura chilena*. [96 min.]. Chile e Colômbia.

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

Aldunate, C. (1992). Homenage a Grete Mostny. El Mercurio de Santiago 12-01-1992, p. E 14.

Allende, S. (2020). *Salvador Allende: palavra y acción. A 50 años de la victoria*. Santiago, Chile: Fundación Salvador Allende y Fondo de Cultura Económica.

Arjona, Marta; Brinkly, Frances Kay; Moro, Fernanda de Camargo e Almeida; Ebanks, R. C.; Espinoza, M.; Lacouture, F.; Lumbreras Salcedo, L. G.; Magalhães, A., & Mostny Glaser, Grete. (1982). Desarrollo de los museos y política cultural: objetivos, perspectivas y desafios. In.: *Museum 34*(2), 72-82. Paris: Unesco.

Associação Museu Afro-Brasil. (2009). Museo de La Solidaridad Salvador Allende: Estéticas, Sueños y Utopías de los Artistas Del Mundo pela Libertad: Tributo a Mário Pedrosa: catálago [São Paulo]: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo,290 p. il. Catálago de exposição.

Barros, Clara Emília Monteiro de. (Org.). (2002). *Lygia Martins Costa: de Museologia, arte e política de patrimônio*. Rio de Janeiro: Iphan.

Barth, F. (2005). Etnicidade e o conceito de cultura. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política, 19,* 15-30. Niterói: Eduff.

Becker, Howard. (2015). Truques da escrita: para começar e terminar teses, livros e artigos (Denise Bottmann: Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

Beiguelman, Giselle. (2019). *Memória da amnésia: políticas do esquecimento*. São Paulo: Edições Sesc.

Benjamin, W. (2012a). Walter Benjamin. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradu. S.P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense. Obras escolhidas I.

Brulon, B. (2019). Museus, mulheres e gênero: olhares sobre o passado para possibilidades do presente. *Caderno Pagu*, (55), e195515. https://doi.org/10.1590/18094449201900550015.

Brulon, B. (2020a). Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus. *Anais do Museu Paulista*, Nova Série, vol. 28, 1-30.

Bruno, Maria Cristina Oliveira, (2021). Sinergias e enfrentamentos: as rotas percorridas que aproximam a Museologia da Sociomuseologia. In.: Primo, Judite & Moutinho, M. (Editores). *Teoria e prática da Sociomuseologia*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

Bruno, Maria Cristina Oliveira. (2005). Arqueologia e antropofagia: a musealização de sítios arqueológicos. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, (31), pp. 235-247.

Bruno, Maria, Cristina Oliveira; Fonseca, Andrea Matos da, & Neves, Kátia Regina Felipini. (2008). Mudança social e desenvolvimento no pensamento da museóloga Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos. In.: Bruno, Maria Cristina Oliveira & Neves, Katia.R.F. (Coords.). *Museu como agentes de mudança social e desenvolvimento: propostas e reflexões museológicas*. São Cristóvão, SE: Museu de Arqueologia de Xingó.

Cabnal, L. (2010). Acercamiento a la construcción de la propuesta de pensamiento epistémico de las mujeres indígenas feministas comunitarias de Abya Yala. In.: Cabnal, Lorena. *Feminismos diversos: el feminismo comunitário*. Barcelona: Las Segovias/Acsur.

Campos, M.S. (2019). *Gabriela Mistral: la revolución mestiza de la Tierra*. Santiago, Chile: Editorial Usach.

Cardoso, T.M. (2016). Paisagens em transe: uma etnográfica sobre poética e cosmopolítica dos lugares habitados pelos Pataxó no Monte Pascoal. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do grau de doutor, orientada por Márnio Teixeira-Pinto, Florianópolis.

Carvalho, M.A.B. (2000). Paulo Freire e o exílio no Chile: uma contribuição recíproca para uma visão de mundo. *Educere et Educare, (4)*7, 191-201. Acedido em 25 de junho de 2021 em https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/3253.

Castro, C. & Cunha, Olívia. Maria Gomes da. (2005). Apresentação. Quando o campo é o arquivo. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 36, jul./dez.

Chagas, M.S. (2008). A radiosa aventura dos museus. In.: Bruno, M.C.O., & Neves, K.R.F. (Coords.). *Museus como agentes de mudança social e desenvolvimento: propostas e reflexões museológicas*. São Cristóvão, SE: Museu de Arqueologia de Xingó.

Chaves, J. C. (2022a). Ausências e soterramentos na mítica Mesa-redonda de Santiago do Chile, 1972: esboço de uma narrativa. [Resumos]. In Comité Internacional de Museología (Org.). *Caderno de resumos do trigésimo Encontro Internacional de Museologia Del América Latina y el Caribe* - ICOFOM LAC. Barbados, BB. https://icofom.mini.icom.museum/wp-content/uploads/sites/18/2022/10/ISBN-PAGES-cuaderno-resumenes-ICOFOMLAC.pdf?fbclid=IwAR1g3kNZynDa4dFi-aZCkN7C2XlGzTmgL3rT1ZoMohmUN1IglKFNF83PhZc.

Chaves, J.C. (2013). Considerações iniciais sobre a Sala Fé do Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore da Universidade Federal de Alagoas. *IX Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*. GT Patrimônios Culturais e Memórias. Apresentação individual – oral. Acedido em 05 de janeiro de 2023 em http://www.cult.ufba.br/enecult/anais/edicao-2013.

Clifford, J. (2009). Museologia e contra-história: viagens pela costa noroeste do Estados Unidos. In.: Abreu, R., & Chagas, M. (Orgs.). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina.

CORMU. (1971). “CORMU’71. Planes Seccionales”. Revista AUCA N1 21. Santiago.

Cruz, Eliana Alves. (2018). *Água de barrela*. Rio de Janeiro: Malê.

Cusicanqui, Silvia Rivera. (2018). *Un mundo ch’ixi es posible: ensayos desde un presente en crisis*. Buenos Aires, Argentina: Tinta Limón

Dellamore, Carolina. (2011). *Marcas da clandestinidade: memórias da ditadura militar brasileira.* Brasília: MINC/IBRAM.

Didi-Huberman, G. (2017). *Cascas*. São Paulo: Editora 34.

Ercilla, H. (1972). Irma Cáceres: Timonel del edifício Gabriela Mistral. Revista En Viaje nº 466. Empresa de Ferrocarriles del Estado, Santiago de Chile. (Noviembre-diciembre, 1972). pp. 54-55.

Fals Borda, O. (2009). La crisis, el compromiso y la ciencia. In.: Fals Borda, O. *Una sociología sentipensante para América Latina* (219-252). Bogotá: Clacso.

Faria, A.C.G. de, Silva, A.C.F. da, Bittencourt, L.C., Bertotto, M.R., & Aquino, V.B.T. (Orgs.). (2022). *V Seminário Brasileiro de Museologia*. Caderno de resumos. Porto Alegre-RS: UFRGS. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação.

Ferraz, Joana D’Arc Fernandes. (2007). Os desafios da preservação da memória da ditadura no Brasil. In: Chagas, M., & Santos, Myrian Sepúlveda dos. (Orgs.). *Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas.* Rio de Janeiro: Garamond, MinC/IPHAN/DEMU.

Fico, C., Araujo, Maria Paula Nascimento, Ferreira, Marieta de Moraes, & Quadrat, Samantha Viz. (Orgs.). (2008). *Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Freitas, Joseania Miranda. (2020). Escravidão: tema tabu para os museus de arte decorativa. *PerCursos*, *20*(44), 56-76. Acedido em 24 de dezembro de 2022 em https://doi.org/10.5965/1984724620442019056.

Garcia-Huidobro, S., Claro, F., Quintana, C., & Plant, I. (2019). *Mujeres bacanas latinas: si ellas pudieron, nosotras también*. Santiago, Chile: Catalonia.

Goldenberg, Mirian. (2013). *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.* Rio de Janeiro: Record.

Gomes Ferreira, L., Ferreira Chaves Santos, J., & Santos Silva, J. (2022). Patrimônios das palavras: memórias afrodiaspóricas e a Arte Literária de Mulheres Negras. *Museologia & Amp.: Interdisciplinaridade*, *11*(22), 140-154. Acedido em 02 de fevereiro de 2023 em https://doi.org/10.26512/museologia.v11i22.43368.

Gomes, A. de C. (Org.). (2020). História oral e historiografia: questões sensíveis. São Paulo, SP: Letra e Voz.

Gonçalves Filho, J.M. (2004). Prefácio: A invisibilidade pública. In.: Costa, F.B. *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*. São Paulo: Globo, 2004.

Gorelik, A., & Peixoto, F.A. (Orgs.). (2019). *Cidades sul-americanas como arenas culturais*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo.

Gusmán, L. (2018). *Epitafios. El derecho a la muerte escrita*. Bahía Blanca/Buenos Aires: 17grises editora.

Han, Byung-Chul. (2017). Sociedade do Cansaço. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

Hannerz, Ulf. (1997). Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. Mana, p. 7-30.

Hatoum, M. (2000). *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras.

Herreo A., V. (2017). *Después de vivir un siglo: uma biografia de Violeta Parra*. Santiago, Chile: Penguin Random House Grupo Editorial.

Hirsch, Marianne. (2021). *La generación de la posmemoria: escritura y cultura visual después del Holocausto.* (Pilar Cáceres: Tradu.). Madri: Editorial Carpe Noctem.

Hirsch, Marianne. (2021). *Marcos familiares, fotografia, narrativa y posmemoria*. (Irene Depetris Chauvin: Tradu.). Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeu.

Ingold, T. (2012). Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos, 18*(37), 25-44, Porto Alegre.

Ingold, T. (2019). *Antropologia: para que serve?* Petrópolis: Vozes.

Iturra, J.M. (2018). *Violeta Parra: instantes fecundos, visiones, retazos de memoria*. Santiago, Chile: Editorial Usach.

Jinkis, J. (2018). Prefacio. In: Gusmán, L. Epitafios. El derecho a la muerte escrita. Bahía Blanca/Buenos Aires: 17grises editora.

Krenak, A. (2020). *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras.

Krenak, A., & Campos, Y. (2021). Lugares de Origem. São Paulo: Jandaíra.

Larrañaga, J.C. (2011). *La sonrisa de Víctor Jara*. Santiago, Chile: Editorial Usach.

Las Tesis. *Antología Feminista*. (2021). Santiago, Chile: Penguin Random House Grupo Editorial.

Leal, André. (2018). Por museus da solidadiedade. *arte e ensaios, 0*(36). doi: https://doi.org/10.60001/ae.n36.p%p

Levi, P. (1988). É isto um homem? (L. Del Re: Trad.). Rio de Janeiro: Rocco

Libro Dossier Grete Mostny Glaser, figura, legado y archivo. (2023). "Fondo documental Dra. Grete Mostny Glaser. Catalogación y conservación de documentación depositada en el Museo Nacional de Historia Natural (MNHN)". 59 pp.

Lorenzini, M.E. (2013). *Sewell: luces, sombras y abandono*. Santiago, Chile: Editorial Forja.

Malpique, Manuela. (2002). *Histórias de Vida.* Porto: Campo das Letras.

Mansilla, M.C.B. (2000). *El Teniente: los hombres del mineral 1945-1995* (tomo II). Santiago, Chile: Codelco El Teniente.

Martí, J. (2021). *Martí en su universo: una antologia*. Santiago, Chile: Penguin Random House Grupo Editorial.

Maturana, H. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. (2001). São Paulo: Palas Athena.

Maulén, D. (2017). Pasado revisitado. Espacio de reactivación de las memorias: edifício Unctad III, BiblioGAM. *Revista de Arquitectura, 22*(33), 17-30. Santiago de Chile: FAUUCh.

Mellado, L.G., & Andrade, P.B. (2020). *Museología mestiza: dinamicidad teórico-metodológica para enfrentar museos plurinacionales y poscoloniales* (vol.48, n.1, 165-182). Santiago, Chile: Icofom Study Series.

Mendonça, A. L. D. O. (2020). A Re-Volta dos Vagalumes. *Physis: Revista De Saúde Coletiva*, *30*(2), e300207. Acedido em 20 de julho de 2021 em https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300207.

Menezes, M.M., Sperb, C.E., Petry, A.O., Silva, W.M., & Soares, O.A. (Orgs.). (2019). Direitos Humanos em Debate: educação e marcadores sociais da diferença. Porto Alegre: CirKula.

Mesa redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos em el mundo contemporâneo. Resoluciones. *Noticiario Mensual*, *190-191*(16), 5-7. Santiago, Chile: Museo Nacional de Historia Natural.

Miranda Freitas, Joseania, & Catão Cruz, Rosa. (2022). Mulheres negras e louças finas: três narrativas entre ocultamentos e visibilidades. *Museologia & Amp.: Interdisciplinaridade*, *11*(22), 155-178. Acedido em 05 de janeiro de 2023 em https://doi.org/10.26512/museologia.v11i22.43430.

Miranda Freitas, Joseania, & Gomes Ferreira, Luzia. (2021). Dona Maria Romélia da Costa de Oliveira e a coleção autobiográfica do Mestre Vicente Joaquim Ferreira Pastinha no Museu Afro-Brasileiro da Ufba. *Museologia & Amp.: Interdisciplinaridade*, *10*(20), 209-227. Acedido em 07 de janeiro de 2023 em https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/38369.

Mirzoeff, N. (15 julho 2018). "Não podemos afirmar que os europeus descobriram o resto do mundo. Dizê-lo significa aceitar que aqueles povos não são nossos iguais". *Visão*. Acedido em 19 de julho de 2018 em http://bit.ly/3JA5RcO.

Mistral, Gabriela. (2020). *Por la humanidad futura: antologia política de Gabriela Mistral*. Santiago, Chile: La Pollera Ediciones.

Moncayo, V.M. (2015). Presentación. Fals Borda: hombre hicotea y sentipensante. In.: Fals Borda, O. *Una sociología sentipensante para América Latina* (9-19). Buenos Aires, Argentina: Clacso.

Moraes Wichers, Camila Azevedo de. (2018). Museologia, Feminismo e suas ondas de renovação. *Museologia & Interdisciplinaridade*, *7*(13), 138–154. Acedido em 26 de março de 2023 em https://doi.org/10.26512/museologia.v7i13.17781.

Mostny, Grete. (1914-1991). Don Juan Gómez Millas Ubi gaius ibi gaia [artículo] Grete Mostny de Gómez Millas. *Revista Universitaria*: *archivo de referencias críticas*. Santiago, Chile: Biblioteca Nacional Digital de Chile. Acedido em 11 de fevereiro de 2022 em http://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/628/w3-article-197218.html.

Mostny, Grete. (1972). El desarrollo y la importancia de los museos en el mundo contemporâneo. *Noticiario Mensual, 190-191*(16), 3-4. Santiago, Chile: Museo Nacional de Historia Natural; Lisboa, Portugal: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Mostny, Grete. (1975). Los Museos de Chile. Colección Nosotros los chilenos. Editorial Nacional Gabriela Mistral. Santiago (Chile). 94pp.

Mostny, Grete. (1977). Discurso de agradecimento. Noticiario Mensual MNHN, 21 (251), pp.10-11.

Moutinho, M., & Primo, Judite. (Edits.). (2021c). *Teoria e prática da Sociomuseologia.* Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

Moutinho, M.C. (2014). Definição evolutiva de Sociomuseologia: proposta de reflexão. *Cadernos do Ceom 27*(41). Chapecó: Unochapecó.

Moutinho, M.C. (2019). *Sociomuseologia: ensino e investigação (1991-2018)*. Repositório documental anotado. Lisboa, Portugal.

Munduruku, D. (2008). *Outras tantas histórias indígenas de origem das coisas e do universo*. São Paulo: Global Editora.

Munduruku, D. (2016). *Memórias de índio: uma quase autobiografia*. Porto Alegre: Edelbra.

Munduruku, D. (2016). *Vozes ancestrais: dez contos indígenas*. São Paulo: FTD.

Museu Nacional de Historia Natural. (2007). *Grete Mostny (1914-1991)*. Santiago, Chile: Museo Nacional de Historia Natural.

Navaz, Liliana Suárez, & Castillo, Rosalva Aída Hernández. (Orgs.). (2008). *Descolonizando el feminismo: teorías y prácticas desde los márgenes*. Barcelona: Cátedra.

Neruda, P. (2001). *Presente de um Poeta*. Tradução de Thiago de Mello. Pinturas de Dafni Amecke Tzitzivakos. São Paulo-SP. Editora: Vergara & Riba.

Neruda, P. (2017). Desde que Thiago llegó a Chile. In.: Mello, T. *Faz escuro mas eu canto*. São Paulo: Global.

Neruda, P. (2019). Memorial de Isla Negra. Tradução, notas e apresentação de José Eduardo Degrazia. Porto Alegre: L&PM.

Ogawa, Yoko. (2021). *A polícia da memória* (A. Cunha: Trad.). São Paulo: Estação Liberdade.

Orlandi, E. P. (2007). As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

Pacheco de Oliveira, J. (2018). A eclosão do colonial em nosso cotidiano. *Vivência: Revista de Antropologia, 51*: 11-24.

Pacheco de Oliveira, J. (2019). Por una academia sin muros y uma antropologia dialógica. *Revista Semestral de la Asociación Latinoamericana de Antropología (ALA)* (169-181).

Paladino, Luiza Mader. (2021). O exílio chileno de Mário Pedrosa: solidariedade, arte popular e vocação comunitária. *Modos: Revista de História da Arte, 5*(1), 14-31. Acedido em 23 de maio de 2022 em https://doi.org/10.20396/modos.v5i1.8663905.

Paredes, Julieta. (2013). *Hilando fino: desde el feminismo comunitário*. Cidade do México, México: Creative Commons.

Pedrosa, M. (1979) Arte Culto y Arte Popular. In: Dicotomía entre Arte Culto y Arte Popular: Colóquio Internacional de Zacatecas. México, DF: Universidade Autônoma do México.

Pereira, Marcele Regina Nogueira. (2018). Museologia decolonial: os pontos de memória e a insurgência do fazer museal. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) para obtenção do grau de doutora, orientada por Mário Caneva Moutinho. Lisboa, Portugal.

Pimentel, A. (2015). As Liçoes das Coisas. *Linhas Críticas*, v.21, n.44, 139-157. Brasília, DF.

Pimentel, A. (2019). Problematizar, participar, produzir. *Revista Extensão, 3*(2), 9-20, Palmas, TO.

Podgorny, Irina y Maria Lopes. (2013). Trayectorias y desafios de la historiagrafia de los museos de historia natural en América del Sur. Anais do Museu Paulista. 21(1), pp.15-25.

Porto, N. (2016). Para uma Museologia do Sul global: multiversidade, descolonização e indigenização dos museus. *Revista Mundaú, 1*, 59-72.

Pratt, Mary Louis. (1999). *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc.

Primo, Judite, & Mateus, D. (2008). *Normas para a elaboração e apresentação de teses de doutoramento (aplicáveis às dissertações de mestrado)*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Primo, Judite, & Moutinho, M. (Edits.). (2021). *Sociomuseologia: para uma leitura crítica do Mundo*. Lisboa: Departamento de Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Primo, Judite, & Moutinho, M. (Edits.). (2021). *Teoria e prática da Sociomuseologia*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

Rangel, Vânia Maria Andrade Brayner. (2020). Memórias rebeldes: a invenção clássica e sua transfiguração em processos sociomuseais decoloniais e ecossistêmicos. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) para obtenção do grau de doutora, orientada por Judite Primo. Lisboa, Portugal.

Rechena, Aida. (2020). Consequências para a Sociomuseologia da integração da perspetiva de género. In.: Primo, J., & Moutinho, M. (Editores). Introdução à Sociomuseologia. Lisboa: Departamento de Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Rial, C., & Schwade, E. (2014). *XXIX Reunião Brasileira de Antropologia*. Caderno de Resumos. Natal: Associação Brasileira de Antropologia/Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Ribeiro, D. (1979). *O dilema da América Latina*. Petrópolis: Vozes Ltda.

Ribeiro, D. (2009). *Testemunho*. Rio de Janeiro: Apicuri; Brasília: UnB.

Ribeiro, D. (2017). *América Latina: a pátria grande*. São Paulo: Global Editora.

Rivera, Maria Isabel Orellana. & Blachet, P.P.Z. (Coords.). *Lucila Gabriela: la voz de la maestra*. Santiago, Chile: Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos/Museo de la Educación Gabriela Mistral, 2015.

Rivière, G.H. (1993). La Museología. *Curso de Museología: textos y testimonios*. Madrid: Akal.

Roca, Andrea. (2008). *Objetos alheios, histórias compartilhadas: os usos do tempo em um museu etnográfico*. Rio de Janeiro: MinC/Iphan/Demu.

Roca, Andrea. (2012). A vida social de um emblema nacional: o caso do sabre do general José de San Martín (1778-1850). *Mana, 18*(1), 121-149. Acedido em 22 dezembro de 2022 em http://bit.ly/3RsBU0o.

Rufino, L. (2019). *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial.

Rufino, L., & Simas, A. (2018). *A ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula.

Santos, B.S. (2007). *Um discurso sobre as ciências*. Porto, Portugal: Edições Afrontamento.

Santos, B.S. (2009). Para uma pedagogia do conflito. In: Freitas, A.L.S., & Moraes, S.C. (Orgs.). *Contra o desperdício da experiência: a pedagogia do conflito revisitada.* Porto Alegre: Redes Editora.

Santos, Deborah Silva; Freitas, Joseania Miranda, & Nascimento, B.C.M. (2022). Museu e Patrimônio das culturas afrodiaspóricas. *Museologia & Amp.: Interdisciplinaridade*, *11*(22), 11-13. Acedido em 15 de janeiro de 2023 em https://doi.org/10.26512/museologia.v11i22.45730.

Santos, Luciane Lucas. Traducción intercultural como proceso educativo: perspectivas dialógicas entre la Economía Solidaria y las Economías Originarias. (2012). In.: Zaffaroni, Adriana, & Canque, E.F. *Educación e interculturalidad: hacia una práctica reparatória: debates, desafios y propuestas* (pp.123-134). Salta: Fundación Rescoldo.

Saraiva, J.A.B. (2007). A constituição de um *ethos* discursivo em *A palo seco*. In: Costa, N.B. (Org.). *O charme dessa nação: música popular, discurso e sociedade brasileira* (105-129). Fortaleza: Expressão Gráfica.

Schwarz, R. (2014). *As ideias fora do lugar: ensaios selecionados*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras.

Secretaria de Direitos Humanos. (2010). *Habeas corpus: que se apresente o corpo*. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos.

Segato, Rita. (2022). Cenas de um pensamento incômodo: gênero, cárcere e cultura em uma visada decolonial (Ayelén Medail... [et al.]: Trad.). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.

Silva, Joana Angélica Flores. (2017). *Mulheres negras e museus de Salvador: diálogos em branco e preto.* Salvador: Edufba.

Soares, Inês Virgínia Prado, & Cureau, Sandra. (2019). *Bens culturais e direitos humanos*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo

Souza, Luciana Christina Cruz e. (2020). Museu integral, museu integrado: a especificidade latino-americana da Mesa de Santiago do Chile. *Anais do Museu Paulista: história e cultura material, 28*, 1-21. Acedido em 10 de setembro de 2021 em https://doi.org/10.1590/1982-02672020v28e4.

Subcomité Museología para Latinoamérica y el Caribe (Icofom). (2022). *XXX Encuentro del Icofom LAC: Museología multivocal en Latinoamérica y el Caribe desde la Mesa redonda de Santiago – 1972*. Cuaderno de resúmenes. Paris, França: Icofom.

Sztutman, R. (Org.). (2008). *Eduardo Viveiros de Castro*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue.

Tenório, J. (2020). *O avesso da pele*. São Paulo: Companhia das Letras.

Toral, H.C. (1995/2010). Apresentação: Seminário Regional da Unesco sobre a Função Educativa dos Museus (Rio de Janeiro, 1958). In.: Bruno, M.C.O.(Coord.). *O Icom-Brasil e o pensamento museológico brasileiro: documentos selecionados* (vol.2). São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo/Comitê Brasileiro do Icom.

Trampe, A. (2012b). Presentación. *Revista Museos, 31*, 3.

Varine, H. (1987). O tempo social (F. Camargo-Moro e L.R. Novaes: Trad.). Rio de Janeiro: Eça Editora.

Varine, H. (1992a). Ecomuseu: a experiência europeia. *I Encontro Internacional de Ecomuseus*, Rio de Janeiro. Anais.

Varine, H. (1992b). Notas sobre o projeto de um museu comunitário. *I Encontro Internacional de Ecomuseus*, Rio de Janeiro. Anais.

Varine, H. (2000). O Ecomuseu. *Revista Ciências e Letras, 27*, 61-90.

Varine, H. (2002). Patrimônio e educação popular. *Revista Ciências & Letras, 31*, 287-296.

Varine, H. (2021). Prefácio. In.: Primo, J., & Moutinho, Mário (Edit.). *Teoria e prática da Sociomuseologia*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

Varine-Bohan, H. (2008). Museus e desenvolvimento local: um balanço crítico. In.: Bruno, M.C.O., & Neves, K.R.F. (Coords.). *Museus como agentes de mudança social e desenvolvimento: propostas e reflexões museológicas*. São Cristóvão, SE: Museu de Arqueologia de Xingó.

Villada, Camila Sosa. *Las Malas*. (2021). Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Tusquets Editores.

Viveiros de Castro, E. O perspectivismo é a retomada da antropofagia oswaldiana em novos termos. (2008). In.: Sztutman, R. (Org.). *Eduardo Viveiros de Castro* (pp.116-129). Rio de Janeiro: Beco do Azougue.

Wasserman, Claudia. (2017). *A Teoria da Dependência: do nacional-desenvolvimentismo ao neoliberalismo*. Rio de Janeiro: FGV Editora.

Wikan, Unni. (2010). *Em honra de Fadime: assassinato e humilhação* (B. Honorato: Trad.). São Paulo: Editora Unifesp.

Yañez, J. (2008). Grete Mostny Glaser y el Museo Nacional de Historia Natural de Chile (1914-1991). Gestión Ambiental 15, pp.1-4

Zaldívar, Claudia. (2019). O Museu da Solidariedade como exercício experimental dos afetos. Tradução de Elilson Nascimento. In: Pucu, Izabela; Villas Bôas, Glaucia; Pedrosa, Quito. Mário Pedrosa atual. Rio de Janeiro: Instituto Odeon.

Zárate, V.V.O. (2010). ¡Estamos en guerra, señores!: El régimen militar de Pinochet y el “pueblo”, 1973-1980. *Historia (Santiago)*, *43*(1), 163-201. Acedido em 13 de outubro de 2022 em https://dx.doi.org/10.4067/S0717-71942010000100005.

APÊNDICE

Questões para o Sr. Hugues de Varine. Entrevista via *e-mail* (2021)

Questão 1:

Qual foi a sede dos trabalhos da mesa redonda, a Biblioteca Nacional do Chile ou o Escritório Regional da Unesco para Educação na América Latina e o Caribe, em Santiago? Pela documentação existente na publicação do IBRAM & Programa Ibermuseos, *Mesa redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos en el mundo contemporâneo: Mesa Redonda de Santiago de Chile, 1972*, organizada por José do Nascimento Júnior, Alan Trampe, Paula Assunção dos Santos (2012), a abertura da Mesa-Redonda de Santiago aconteceu na Biblioteca Nacional do Chile. Na mesma documentação, o local da realização da Mesa-Redonda seria no Edifício da UNCTAD. Mário Chagas e Alan Trampe citam que o Museu Nacional de História Natural do Chile foi uma das sedes do evento, todavia, no *Relatório* escrito pelo presidente da MRSC, o uruguaio Héctor Fernández Guido aparece que os trabalhos foram realizados no Escritório Regional da UNESCO para Educação na América Latina e no Caribe, em Santiago do Chile. Por favor, o senhor poderia confirmar exatamente qual foi a sede dos trabalhos da Mesa Redonda de Santiago do Chile, 1972?

Hugues de Varine: *Não sei, não me lembro. Todo isso é tão antigo! Tenho 86 anos de idade e uma memória fragmentada.*

Questão 2:

Todos os países da América Latina e Caribe foram convidados para a Mesa-Redonda de Santiago? Nota-se as ausências de representantes dos seguintes países Paraguai, Venezuela, Cuba, Honduras, Nicarágua, Haiti e República Dominicana.

Hugues de Varine: *Sim, acho que todos países foram convidados. Mas não sei porque tantos países ficaram ausentes. Talvez um problema de dinheiro*

Questão 3:

Quem financiou a Mesa-Redonda de Santiago do Chile? As despesas foram divididas entre a UNESCO, ICOM e o Governo chileno? As passagens, a hospedagem e as demais despesas dos representantes foram custeados pelos respectivos governos?

Hugues de Varine: *Nunca tive conhecimento dos assuntos orçamentais. Habitualmente, no sistema UNESCO, acho que cada país pagava pelas despesas suas, e o país hóspede recebia uma subvenção especial da UNESCO.*

Questão 4:

A equipe UNESCO/ICOM, os expositores e as/os participantes ficaram hospedados no Hotel Foresta reservado pelo Governo do Chile, localizado ainda hoje na *Victoria Subercaseaux*, 335, em frente ao Serro Santa Lucía, no bairro *Lastarria?*

Hugues de Varine: *Não me lembro de nada disso.*

Questão 5:

Paulo Freire foi convidado para atuar como o moderador da área de Educação (assumido pelo peruano César Picón Espinoza) ou para ser o presidente da MRSC (função assumida pelo uruguaio Héctor Fernández Guido)?

Hugues de Varine: *Ele foi convidado come "keynote speaker" e substituído por Jorge Enrique Hardoy.*

Questão 6:

O senhor pode me passar algumas informações básicas sobre a Sra. Raymonde Frin e sobre o Sr. Jacques Hardouin? Eu não consegui dados biográficos sobre a equipe da UNESCO presente na Mesa-Redonda de Santiago.

Hugues de Varine: *Não me lembro do Sr. Hardouin. Trabalhei unicamente com a Sra. Frin, que era o meu contato na UNESCO.*

Questão 7:

Naquela época, o senhor tinha conhecimento do exílio do antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro no Chile?

Hugues de Varine: *Não. Neste tempo, a Sra. Frin e eu não falávamos nem espanhol, nem brasileiro, nem portunhol e conhecíamos pouco da situação política nos países da América Latina.*

Questão 8:

E sobre o exílio do também brasileiro Mário Pedrosa (um grande crítico de arte) e um dos responsáveis pelo projeto do Museu da Solidariedade com o Chile, o senhor tinha conhecimento? Inclusive, uma exposição com algumas das obras doadas por artistas de diversos países foi inaugurada com a presença do presidente Salvador Allende, no dia 18 de maio de 1972, dois dias antes do início da Mesa-Redonda de Santiago do Chile. O senhor tomou conhecimento dessa exposição realizada no Parque Quinta Normal? Se sim, o senhor ou alguma das pessoas convidadas para a Mesa-Redonda visitou a exposição? (Esse evento foi bastante divulgado nos jornais de Santiago em maio de 1972, ao contrário da Mesa-Redonda de Santiago).

Hugues de Varine: *Tivemos uma visita à exposição, como parte dos eventos ligados à Mesa-Redonda.*

Questão 9:

Por que não existe nenhuma fotografia da Mesa-Redonda de Santiago, incluindo as visitas externas?

Hugues de Varine: *Não sei. O senhor pode perguntar ao Museu Nacional de História Natural do Chile. Naquele tempo, a fotografia era menos comum que agora.*

Questão 10:

Nota-se na lista de observadoras/es a presença de uma única estrangeira, a botânica Genoveva Dawson de Teruggi, do Museo de La Plata, Argentina. O senhor poderia me explicar o porquê da exceção?

Hugues de Varine: *Não sei. Não tivemos contatos com os observadores. A Mesa-Redonda funcionava como um grupo de trabalho reduzido. Os observadores assistiram de vez em*

quando a alguns eventos públicos, mas não ao trabalho "produtivo". A Sra. Teruggi acompanhava o Mario Teruggi (esposa?).

Questão 11:

No *Relatório* escrito pela representante brasileira, Lygia Martins Costa, ela comenta que a Declaração não foi concluída totalmente durante os trabalhos da Mesa-Redonda de Santiago (20 a 31 de maio de 1972) e sim posteriormente por um pequeno grupo que permaneceu em Santiago. Por favor, o senhor poderia explicar melhor o que realmente aconteceu?

Hugues de Varine: *A Lygia teve uma atitude relativamente conservadora e não gostava das opiniões um pouco revolucionárias de alguns participantes ou palestrantes, como Hardoy, Vázquez, Sola, por exemplo.*

Questão 12:

O senhor manteve contato com os expositores, as/os participantes, as/os observadoras/es após a realização da Mesa-Redonda de Santiago do Chile?

Hugues de Varine: *Sim, com Mario Vázquez, Alicia Dussán de Reichel, Hardoy, Hernán Crespo Toral.*

Questão 13:

Após o golpe militar que derrubou o presidente socialista chileno Salvador Allende, em 1973, o senhor chegou a entrar em contato com a representante chilena Grete Mostny? O ICOM emitiu alguma nota de solidariedade ao povo chileno que um ano antes havia sediado o mais emblemático evento de museus da América Latina?

Hugues de Varine: *Acho que não às duas perguntas.*

Questão 14:

Professor, o senhor poderia explicar qual foi o papel do Governo do Chile e de sua representante Grete Mostny na organização da Mesa-Redonda de Santiago do Chile em 1972? Como se deu a escolha do Chile? Outro país latino-americano se candidatou para sediar a Mesa-Redonda?

Hugues de Varine: *Não sei ou não me lembro. Veja questão 1.*

Questão 15:

Eu conheço alguns detalhes sobre a amizade do senhor e o educador brasileiro Paulo Freire, principalmente por causa do Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos (INODEP). Todavia, na América Latina naquele período viviam outros grandes pensadores tão importantes quanto o educador brasileiro, como o sociólogo colombiano Fals Borda, o filósofo argentino Enrique Dússel, o antropólogo e filósofo argentino Rodolfo Kusch, entre outros. O senhor chegou a pensar em um desses nomes para substituir Paulo Freire?

Hugues de Varine: *Não. Eu conheci Paulo Freire pelo INODEP, mas muito pouco outros Latino-Americanos, fora dos museus. O nome de Jorge Enrique Hardoy foi sugerido por uma pessoa da UNESCO.*

Questão 16:

O senhor pode me falar sobre as visitas externas durante a Mesa-Redonda de Santiago?

Hugues de Varine: *A visita Valparaíso foi unicamente turística. Mas tenho uma memória muito viva da visita a Linares e a uma escola de formação de agricultores à cooperação e pela atribuição de terras agrícolas no quadro da reforma agrária.*

Questão 17:

Por que Mário Vasquéz não publicou na *Revista Museum* em 1973? Ele que era um dos membros do Comitê Consultivo da referida revista.

Hugues de Varine: *Porque o Mario nunca escrevia! Ele era um homem da oralidade e da ação.*

Questão 18:

O educador peruano César Picón Espinoza foi substituído pelo educador chileno Juan Gómez Millas na *Revista Museum* de 1973. O senhor lembra o motivo? E quem foi que o indicou? Por acaso foi a representante chilena Grete Mostny?

Hugues de Varine: *Não tenho nenhuma lembrança disso.*

Questão 19:

Em 1971, entre os dias 25 e 30 de janeiro aconteceu o Simpósio de Fricção Interétnica na América do Sul em Barbados, o senhor ouviu falar do evento? Por acaso, o senhor chegou a ler o documento oriundo do simpósio, a Declaração de Barbados? O evento foi realizado pelo Conselho Mundial de Igrejas (CMI).

Hugues de Varine: *Nunca ouvi disso.*

Questão 20:

Na minha primeira leitura do *Relatório* de Héctor Fernández Guido, uma pequena nota de rodapé me chamou a atenção:

> "O parágrafo preambular acima foi aprovado por uma maioria de sete votos a favor, dos Professores Mario Vázquez, Raúl González, Hernán Crespo Toral, Luis Diego Gómez, Luis Luján Muñoz, Carlos de Sola, e Federico Kauffman, e quatro contras, emitidos pelos Professores Mario Teruggi, Sra. Lygia Martin Costa e os Srs. Enrique Enseñat e Héctor Fernández Guido, que desaprovaram alguns dos termos empregados" (Nascimento Júnior; Trampe; Santos, 2012, p. 137).

A divergência estava relacionada ao seguinte parágrafo:

> "A tecnologia permitiu à civilização realizar avanços significativos que não foram acompanhados pelo desenvolvimento cultural. Essa situação gerou um desequilíbrio entre os países que alcançaram um alto nível de desenvolvimento material e aqueles que continuam à margem do desenvolvimento, relegados ao esquecimento ao longo de sua história. Os problemas revelados pela sociedade contemporânea estão, na sua maioria, enraizados em situações de injustiça e não podem ser solucionados até que essas injustiças sejam corrigidas" (IBRAM/Programa Ibermuseos, 2012, p. 137, grifo nosso).

Nota-se que os expositores, o diretor e as/os participantes tinham direito a voto. O senhor saberia me informar por que Grete Mostny, Alicia Dussan de Reichel e Teresa Gisbert de Mesa e os expositores Jorge Hardoy e César Picón não votaram?

Hugues de Varine: *Não sei, mas Hardoy deixou a reunião depois de sua intervenção. Os outros talvez estivessem ausentes no momento do voto.*

Questão 21:

Como foi a convivência entre os expositores, as/os participantes e as/os observadoras/es durante os trabalhos?

Hugues de Varine: *Como sempre nas mesas redondas da UNESCO muito convivial. Estávamos entre museólogos e colegas.*

Questão 22:

No Relatório Final escrito em 1973 pelo Diretor do Seminário, Héctor Fernández Guido (2012, p. 119) está escrito o seguinte: "esse tema (Museu e desenvolvimento científico e tecnológico) havia sido originalmente atribuído ao Dr. Federico Pannier, do CONICIT, Caracas, Venezuela, que não pode participar da mesa-redonda". O cientista venezuelano foi substituído pelo cientista argentino Mario Teruggi, do Museo de La Plata.
O senhor lembra qual foi o motivo alegado pelo Dr, Federico Pannier? E de quem foi a indicação do professor argentino Mario Teruggi?

Hugues de Varine: *Não me lembro. Tem de realizar que, neste tempo, a nomeação de participantes numa reunião deste tipo teve de ser validada pelas delegações diplomáticas de cada país. E havia poucos países democráticos na América Latina!*

Questão 23:

Diante de um panorama político latino-americano quase que totalmente desfavorável [ditaduras militares e governos civis de direita] nos países de origem dos expositores e das/os participantes, como foi possível elaborar uma Declaração tão comprometida com as soluções dos problemas e injustiças sociais?

Hugues de Varine: *Talvez porque estivéssemos no Chile, no tempo de Salvador Allende, entre uma maioria de colegas motivados...*

Questão 24:

Em 1976, Diana Teruggi, filha de Genoveva Dawson de Teruggi e Mario Teruggi foi assassinada pelos militares argentinos. A filha [ainda bebê] de Diana Teruggi, Clara Anahí foi sequestrada no mesmo episódio e ainda hoje a família a procura. O senhor tomou conhecimento dessa tragédia envolvendo a família Teruggi?

Hugues de Varine: *Nunca!*

ANEXO 1 – FRAGMENTO DE "EL WINNIPEG Y OTROS POEMAS" (DO LIVRO PARA NACER HE NACIDO), DE PABLO NERUDA[668]

Assim que a conheci fiquei gostando da palavra *Winnipeg*. As palavras têm asas ou não as têm. A palavra *Winnipeg* é alada. Eu a vi voar pela primeira vez num atracadouro de vapores, perto de Bordéus. Era um formoso barco velho, com essa dignidade que dão os sete mares ao longo do tempo.

Diante de meus olhos, sob minha direção, o navio devia encher-se de dois mil homens e mulheres. Vinham de campos de concentração, de inóspitas regiões, do deserto. Vinham da angústia, da derrota, e este barco devia encher-se com eles para trazê-los às costas do Chile, ao meu próprio mundo que os acolhia. Eram os combatentes espanhóis que cruzaram a fronteira da França para um exílio que já dura mais de trinta anos.

Eu não pensei, quando viajei do Chile à França, nos azares, dificuldades e adversidades que encontraria em minha missão. Meu país necessitava de capacidades qualificadas, homens de vontade criadora. Necessitávamos de especialistas.

Recolher estes seres dispersados, escolhê-los nos mais remotos acampamentos e levá-los até aquele dia azul, defronte do mar da França, onde suavemente flutuava o barco *Winnipeg*, foi coisa grave, foi assunto complicado, foi trabalho de devoção e desesperação.

Meus colaboradores eram uma espécie de tribunal do purgatório. E eu, pela primeira e última vez, devo ter parecido Júpiter aos emigrados. Eu decretava o último *Sim* ou o ultimo *Não.* Porém eu sou mais Sim do que *Não*, de modo que sempre disse *Sim*.

Estavam já a bordo quase todos os meus bons sobrinhos, peregrinos rumo a terras desconhecidas, e me preparava para descansar da dura tarefa, mas minhas emoções pareciam não terminar nunca. O governo do Chile, pressionado e combatido, me instava num telegrama a cancelar a viagem dos emigrados.

Falei com o Ministério das Relações Exteriores do meu país. Era difícil falar à grande distância em 1939. Mas minha indignação e minha angústia se ouviram através de oceanos e cordilheiras e o Ministro ficou solidário comigo. Depois de uma crise de gabinete, o Winnipeg, carregado com dois mil republicanos que cantavam e choravam, levantou âncoras e tomou o rumo de Valparaíso.

Que a crítica apague toda minha poesia, se lhe parece. Mas este poema, que hoje recordo, ninguém poderá apagá-lo nunca mais.

[668] Do livro Presente de um Poeta, Pablo Neruda (2001). Tradução de Thiago de Mello. Pinturas de Dafni Amecke Tzitzivakos.

ANEXO 2 – ENTREVISTA A IRMA CÁCERES, SECRETARIA EJECUTIVA DEL CENTRO METROPOLITANO GABRIELA MISTRAL, DE LA REVISTA “EN VIAJE”, 1972, ED. FERROCARRILES DEL ESTADO



Irma Cáceres de Almeyda, timonel del edificio "Gabriela Mistral"

Por HUGO ERCILLA O.

HACE poco más de un año, un edificio de modernas líneas arquitectónicas surgió como de improviso en el centro de Santiago. Su torre, un cuadrilátero gigante ceñido en su cima por un cinturón rojo, casi emuló en altura al histórico Huelén de nuestros aborígenes. El actual Edificio de la Cultura "Gabriela Mistral" fue la realización de un proyecto ambicioso, la primera ejecución material, un monumento perdurable de la capacidad de los técnicos y obreros chilenos, realizada por el Gobierno de la Unidad Popular antes de cumplir dos años al frente de la conducción del país.

En un breve lapso, no más de ocho meses, se levantó esa gigantesca construcción destinada a servir de sede a las reuniones de la UNCTAD, que congregó en Abril último en esta capital a centenares de delegados, gran número de observadores y una legión de periodistas, todos calificados representantes de más de un centenar de naciones. Las reuniones de la UNCTAD tuvieron resonancia en los cinco continentes poblados de la Tierra y también en aquel sexto que es la Antártida.

En la actualidad, a menos de un año de su inauguración, el actual Edificio de la Cultura "Gabriela Mistral", sigue siendo sede de grandes eventos internacionales y de un sinnúmero de reuniones de organismos nacionales de los más diversos órdenes.

Entre aquellos podría citarse el Consejo Mundial de la Paz, el Seminario Latinoamericano de Mujeres, Organización Mundial de la Salud, Congreso de la Unión Deportiva Militar Sudamericana, 6ª Jornada Iberoamericana de Derecho Aeronáutico y del Espacio, Sesiones Ordinarias de la Comisión Especial de Coordinación Latinoamericana de Estudiantes, Confederación Internacional de Cooperativas y muchos otros.

La enumeración es larga y mucho más extensa las de las reuniones de carácter nacional que alcanzan a más de setenta.

Y día a día hay nuevas solicitaciones para ocupar el Plenario con capacidad para 5 mil personas o las demás salas de reuniones dotadas todas ellas de los más modernos elementos, en acústica, amplificación y comodidad.

Esas solicitudes se centran en la Secretaría General Ejecutiva del Edificio de la Cultura "Gabriela Mistral" al frente de la cual se encuentra una dama siempre abierta a las profundas transformaciones socioculturales de Chile actual. Nos referimos a la señora Irma Cáceres de Almeyda, con quien hemos conversado diríamos a la ligera pues la charla se vio interrumpida una y otra vez por los motivos más diversos: llamadas telefónicas, pedidos de salas, menesteres internos. Se alternan visitas de intelectuales, obreros, estudiantes o dirigentes sindicales. Para todos ellos la Secretaría General Ejecutiva tiene una atención amable.

Doña Irma Cáceres de Almeyda es una mujer de espíritu joven, elegante. Tiene siempre a flor de labios una encantadora sonrisa que acoge e invita al diálogo.

—Siempre atareadísima, como una múltiple dueña de casa —le decimos —observando el ajetreo de que somos testigo. Acaban de salir dos aseadores y entran un

gásfiter y está por pasar un funcionario internacional.

—En verdad, pero mi decidida vocación de servir, se ve aligerada por haber tenido la suerte de contar con un excelente grupo de colaboradores. El personal del edificio, todo, sin excepción, es de activa labor. Trabaja con cariño, actúa como en lo propio y es natural que por ello me sienta feliz como compañera ejecutiva. El cumplir las tareas que se me han encomendado me llena de satisfacciones.

—Me pregunta Ud. ¿cuánta gente ha pasado por este edificio desde su inauguración? Es una cifra imposible de precisar ¡imagínese! Para los días de la UNCTAD se llenó diez veces el Plenario con más o menos cinco mil personas cada vez. Después las reuniones suman y siguen. Miles de personas, estudiantes en su mayoría, almuerzan o toman el té diariamente en el Casino.

—Como ustedes bien saben, —continúa nuestra entrevistada—, este edificio lo destinó el Gobierno a ser sede de todas las actividades de la cultura nacional en sus más diversas manifestaciones: conferencias, conciertos, actuaciones del ballet y conjuntos teatrales, exposiciones, etc.

Para atender a todo ello hay cada vez menos capacidad; es difícil programar las reuniones a realizarse porque, como es natural hay que dejar tiempo para atender a su mantenimiento para evitar que con un uso continuo, indiscriminado, se destruya.

—Los críticos de la Unidad Popular dijeron en su oportunidad que este edificio sería un elefante blanco, que pasada la UNCTAD no se sabría qué hacer con él.

—Se equivocaron profundamente. Ha quedado chico y tal es así que ya se está proyectando ampliarlo y espero que ello sea luego una realidad, pues se van a suceder más y más asambleas. Ya pronto, se realizará aquí el Congreso Interparlamentario Mundial y luego habrá otro evento. Ocurre que este edificio es en la actualidad el primero en el mundo; no hay otro de tanta capacidad, de tan modernas instalaciones y acomodaciones para grandes reuniones internacionales. Santiago, como otrora fue Ginebra, es el sitio ideal para realizarlas.



La señora Cáceres de Almeyda nos sigue hablando con entusiasmo de la misión que cumple el Edificio"Gabriela Mistral". Ella que tiene, como hemos apuntado, una decidida vocación de servir al país, le dedica más de las horas habituales que como funcionaria le correspondería. No tiene descanso y mucho se sorprenden de su laboriosidad a pesar de que podría llevar una descansada vida hogareña como esposa de un Ministro.

Y recordándolo le preguntamos:

—¿Cómo se siente Ud. como esposa del Ministro de Relaciones?

Sonríe y nos responde:

—Es claro que me siento un poquito orgullosa de ser la mujer del Canciller, pero aquí estoy como persona y no como la esposa de un Ministro. Entre nosotros existe una clara diversidad de trabajo; no hay interdependencia entre nuestras labores. A mi esposo tengo que agradecerle su ayuda, su orientación, la cariñosa convivencia en diecinueve años de matrimonio.

El rin-rin del teléfono vuelve a interrumpir la charla y para no restar mayor tiempo a la Secretaría Ejecutiva del Edificio de la Cultura "Gabriela Mistral" nos despedimos de la señora Irma Cáceres de Almeyda agradeciéndole su deferencia para con "En Viaje".

ANEXO 3 – DISCURSOS DE SALVADOR ALLENDE E MÁRIO PEDROSA NA INAUGURAÇÃO DO MUSEU DA SOLIDARIEDADE, MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA – MAC, NO DIA 17 DE MAIO DE 1972[669]

Palavras do presidente da República

“Senhoras, senhores, estimados companheiros: Mário Pedrosa, Pedro Miras e José Balmes. Senhores embaixadores, representantes de países amigos. Senhores delegados da 3ª Unctad. Autoridades civis, militares e eclesiásticas. Muito estimadas companheiras e estimados companheiros:

É para mim uma honra muito significativa receber, em nome do povo do Chile, estas mostras, estes quadros, estas obras que nos enviam, como expressão solidária, artistas dos distintos continentes.

Quero destacar que na profundidade das palavras e na beleza da forma, como corresponde a um artista, o companheiro Mário Pedrosa assinalou que este é o único museu do mundo que tem uma origem e um conteúdo de alcance tão profundo. É a expressão solidária de homens de diferentes povos e raças que, apesar da distância, entregam sua capacidade criadora, sem reservas, ao povo do Chile, nesta etapa criadora de sua luta. E o fazem nos momentos em que também a minha Pátria recebe a distinção de ser indicada como o lugar para que se reúnam os representantes de 141 países na 3ª Conferência de Comércio e Desenvolvimento. Não apenas o povo do Chile, mas também nossos visitantes compreenderão, como compreendemos todos, o que representa para nós este estímulo, esta expressão fraterna, esta manifestação solidária dos artistas do mundo.

Compreendo perfeitamente que não posso simplesmente dizer obrigado, embora essa palavra tenha um conteúdo tão profundo que com ela eu poderia expressar meus sentimentos e os sentimentos agradecidos dos trabalhadores chilenos.

[669] Página do *Projeto Mário Pedrosa 120 anos*. Recuperado de: https://mariopedrosa120.org.br/mario-pedrosa-e-salvador-allende-inauguram-1a-exposicao-do-museo-de-la-solidaridad/, em 12 de dezembro de 2023.

Mas sempre entendi o conteúdo, o alcance e o significado que tiveram e terão estas manifestações dos criadores da beleza, dos tradutores da inquietação, em suas telas, em suas estátuas, em suas obras.

E é por isso que no 1º de Maio, em um ato público de massas e de profunda importância para nós, quando os trabalhadores do Chile se congregaram para lembrar aqueles que caíram para tornar possível – entre outras coisas – que os nossos se reunissem como Governo, anunciei que este Museu da Solidariedade seria inaugurado e li os nomes daqueles que considerei representativos, não apenas pela hierarquia de sua condição de criadores, mas por terem sido os primeiros, os nomes – repito – daqueles que enviaram ao Comitê de Solidariedade com mais rapidez sua expressão de afeto ao nosso povo e aos nossos trabalhadores.

Hoje eu quero, não por cumprir ritualmente uma formalidade protocolar, mas porque considero justo fazê-lo, lembrar aqui o comitê integrado por Louis Aragón, Jean Leymarie, Rafael Alberti, Carlo Levi, Aldo Pellegrini, Mariano Rodríguez e José María Moreno Galván.

Quero destacar aqueles que, como Mário Pedrosa e Danilo Tréllez, foram os representantes de nossos artistas para coordenar a entrega, e os companheiros José Balmes e Miguel Rojas e, além deles, o decano da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Chile, Pedro Miras Contreras, os quais também com sua influência, seus laços, com seus contatos, tornaram possível a materialização do que podemos contemplar hoje.

Como o companheiro Pedrosa expressou bem isso! Este não será um museu a mais. Este deve ser o Museu dos Trabalhadores, porque para eles foi doado, e quando o Governo Popular que presido lutou, porque o fez, para que a 3ª Unctad pudesse se realizar no Chile, quando o espírito da Unctad, por assim dizer, sacudiu o nosso povo, e tornou-se possível o que muitos não acreditavam ser possível, que iríamos materializar a construção do prédio baixo e da torre que serviram de sede física para os delegados de tantos países,2 então vislumbramos o que esta torre será amanhã, e o que este prédio será amanhã. Queremos que esta torre seja entregue – e vou propor isso – às mulheres e crianças chilenas, e queremos que este edifício seja a base material do grande Instituto Nacional de Cultura, e em nenhum lugar melhor do que ali estarão estes quadros, estas telas e estas obras.

Lá irão os trabalhadores, entendendo que aqui, em uma nova concepção dos direitos do homem, e trabalhando fundamentalmente para o homem, colocando a economia a seu serviço, queremos que a cultura não seja o patrimônio de uma elite, mas que a ela tenham acesso – e legítimo – as grandes massas até agora excluídas e desprezadas, fundamentalmente, os trabalhadores da terra, da fábrica, da empresa ou o litoral.

Por isso, companheiro Pedrosa, eu lhe asseguro que este Museu não será desmembrado, que este Museu será mantido em sua totalidade e acredito que suas palavras também indicam a possibilidade de que seja ampliado, não porque nós pedimos, mas porque, certamente, muitos artistas que não tiveram informações oportunas ou o tempo necessário farão a entrega generosa que você mesmo já nos anunciou, para aumentar este patrimônio que, a partir de agora e por mandato dos artistas progressistas do mundo, integra o patrimônio cultural do povo do Chile.

Quero, por fim, chamar a atenção para um homem que, por seus anos, por sua excelência e por sua história de vida, merece que nele exprima meu reconhecimento aos artistas progressistas do mundo; refiro-me a Joan Miró, ao mestre, ou a dom Jean, como o chamam aqueles que têm direito de fazê-lo.

Ele quis, não entregar um quadro dos muitos ou dos poucos que tem em sua casa ou em sua galeria de trabalho, ele quis criar algo para o Chile. Ele foi mais generoso ainda, pôs sua inteligência, seus pincéis, sua mente a trabalhar para materializar este galo que, como disse o companheiro Pedrosa, “canta um novo amanhecer”, para um novo amanhecer, que é uma vida diferente, em um país dependente que rompe as amarras para derrotar o subdesenvolvimento e com ele a ignorância, a miséria, a incultura e a doença.

Em Joan Miró, ancião respeitado e respeitável, pintor sem fronteiras, presto a homenagem agradecida do povo do Chile pela atitude de tantos que entenderam o que fazemos aqui, os objetivos que queremos alcançar, nossa dura luta frente a interesses poderosos – nacionais e estrangeiros – que gostariam que o povo permanecesse subjugado e à margem da educação e cultura.

Este museu será a expressão do estímulo mais profundo que os trabalhadores sentirão mais de perto. E posso dizer-lhe que o povo do Chile faz suas as palavras do nosso grande

poeta Pablo Neruda, quando pensamos que no mundo não deve haver fronteiras e quando ele diz que “sua casa sem portas é a terra, e as estrelas do mundo são sua pátria”.

Disse Mário Pedrosa

“A ideia de solidariedade que o galo miroviano nos apresenta com tão graciosa altivez não teria chegado ao horizonte internacional assim, espontaneamente, sem o sopro de vida que emana desta difícil, desta admiravelmente difícil realidade chilena que o senhor, companheiro presidente, tão bem representa. E é por isso que, neste exato momento, todos nós temos – como se estivesse em nossas mãos – a ideia simbolizada nestes quadros, nestas esculturas, nestas gravuras e desenhos, nestas imagens que se desprendem destas salas, nos comovem e vão permitir a constituição do Museu da Solidariedade que o senhor, companheiro presidente, vai instaurar.

O que faço aqui, agora, é um ato abusivo de sub-rogação para falar em nome dos artistas que doaram ao Chile obras de sua autoria, já que nenhum poder de procuração me foi enviado pelos artistas doadores por qualquer via material, nem muito menos por nenhum dos respectivos canais burocráticos regulamentares. Essa procuração nós, membros do Comitê Internacional de Solidariedade Artística com o Chile, também a tiramos do ar. É que tudo acontece, mais do que no domínio propriamente da ideia, no domínio do ideal de socialismo que inspira os senhores, homens práticos que operam os mecanismos do Estado e as alavancas do poder, e inspira os artistas do mundo que manejam instrumentos de trabalho ainda pessoais, destinados, em sua maioria, a capturar sensações, vivências, imagens, intuições, “a essência do homem”, em suma, em eterno conflito com sua existência, no fim do qual o homem encontra ou deve encontrar sua total libertação.

Agora, guardada nestas salas, pendurada nas paredes, já está materializada a ideia sob cujo calor enobrecedor nos reunimos aqui. Essa materialização é a arte em seu processo de surgimento. Além de olhá-las, contemplá-las, admirar essas corporificações, de dialogar com elas pelo tato, pelos sentidos, pelo pensamento, adquirimos uma nova experiência vivencial, um novo enriquecimento cognitivo, que é sobretudo um veículo da Verdade ainda transcendente em seu contraste com uma realidade que a nega. E enquanto a realidade que a nega. E enquanto a realidade continua a negá-la, a arte prossegue em sua aproximação permanente de uma verdade cada vez mais histórica e cada vez menos transcendente. Um dia,

em um ponto no horizonte, os dois processos se encontrarão, e então a arte será a vida e a vida será arte. Desse otimismo vivem os homens de ação, que acreditam no futuro e querem forjá-lo como progresso e bem-estar; e vivem os artistas, que são os homens de imaginação, que querem criar a felicidade humana na terra.

Permitam-me também que, voltando à primeira exposição de nosso Museu da Solidariedade – como o senhor, companheiro presidente, o chamou em sua carta aos artistas do mundo –, eu lhes diga que esperamos novas obras de outras partes do mundo: dos Estados Unidos, da Inglaterra, da França, da Itália e outros, além dos nossos países da América do Sul, inclusive meu país, cujo governo fechou as portas de saída aos nossos artistas que queriam demonstrar sua solidariedade com o socialismo chileno.

E mais ainda, que estas obras exibidas aqui não estão distribuídas arbitrariamente; buscou-se uma lógica interna que as unisse, e seus espaços correspondem a essa lógica, na medida do possível. Todas as ideias ou estilos da arte contemporânea do mundo estão representados aqui. E os senhores verão desde a linha lírica e criativa de Miró até obras que não pedem mais contemplação, são mais bem um chamado à ação revolucionária.

O que une de forma indissolúvel essas doações é precisamente este sentimento de fraternidade, para que nunca se dispersem em direções e destinos diferentes. Os artistas as doam para um museu que não se desfaça com o tempo, que permaneça através dos acontecimentos como aquilo para o que foi criado: um monumento de solidariedade cultural ao povo do Chile em um momento excepcional de sua história.

Nosso Comitê agradece, companheiro presidente, a concessão de espaços suficientes no edifício da 3ª Unctad para abrigar o precioso acervo já formado, ao qual devem se unir as obras que estão por chegar ou foram prometidas. Esta coleção fará do nosso museu o mais rico da América Latina e o único de seu gênero.

Os doadores querem que suas obras sejam destinadas ao povo, que sejam acessíveis a ele permanentemente. E mais do que isso, que o trabalhador das fábricas e das minas, dos povoados e dos campos entre em contato com elas, que as considere parte de seu patrimônio. A esperança dos artistas e a nossa é contribuir dessa maneira para a criatividade popular espontânea, para que ela flua livremente e possa ajudar a transformação revolucionária do Chile. É assim que pensamos que o “Museu da Solidariedade” deve ser exemplar em suas

funções específicas, exemplar em suas tarefas educativas e culturais, exemplar em sua acessibilidade democrática. Deve ser o lar natural das expressões culturais mais férteis do Chile novo, consequência do seu avanço no caminho do socialismo. Esse é o desejo entusiástico dos artistas do mundo que contribuem para isso com a entrega do produto de sua força criativa.

Agora não nos resta mais do que ouvir o canto do galo de Miró, que canta com seu bico aberto uma canção de fé e de vigor, de quem sabe que anuncia o amanhecer. Que seja o novo amanhecer do Chile; assim esperam os artistas doadores e nós também.

Gostaria de agradecer ao senhor, companheiro presidente, pela compreensão que sua resposta aos artistas demonstra, e gostaria de fazê-lo em todas as línguas da terra”.

ANEXO 4 – SEMINÁRIOS COMEMORATIVOS DOS 50 ANOS DA MESA-REDONDA DE SANTIAGO DO CHILE, 1972. ORGANIZADOS PELO GRUPO DE ESTUDOS MINA – MUSEOLOGIAS INSURGENTES EN NUESTRA AMERICA, CÁTEDRA UNESCO-ULusofona “EDUCAÇÃO, CIDADANIA E DIVERSIDADE CULTURAL”, DA UNIVERSIDADE LUSÓFONA, LISBOA, PORTUGAL



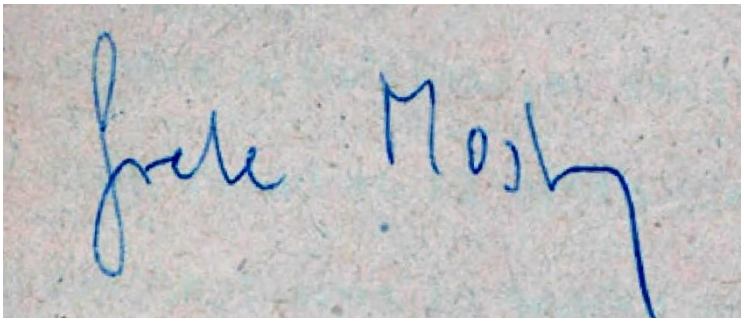

MINA
Museologias Insurgentes
en Nuestra América
#MusaFórum7
50 anos da Mesa Redonda de Santiago do Chile
Os museus e o desenvolvimento cultural em áreas rurais
e o desenvolvimento agrícola
Joelson Ferreira
Agricultor, fundador e conselheiro
da Teia dos Povos e ex-dirigente
nacional e militante do MST (Brasil)
Teresa Morales Lersch
Cuauhtémoc Camarena Ocampo
Rede de Museus Comunitários de América
Instituto Nacional de Antropologia e História (México)
QUINTA-FEIRA 12 DE MAIO 2022
às 18h (Lisboa) 14h (Brasília)12h (Cidade do México)
Transmissão em direto/ao vivo pelo Facebook: https://www.facebook.com/Sociomuseologia
Organização:
Apoio:
FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
CeiED

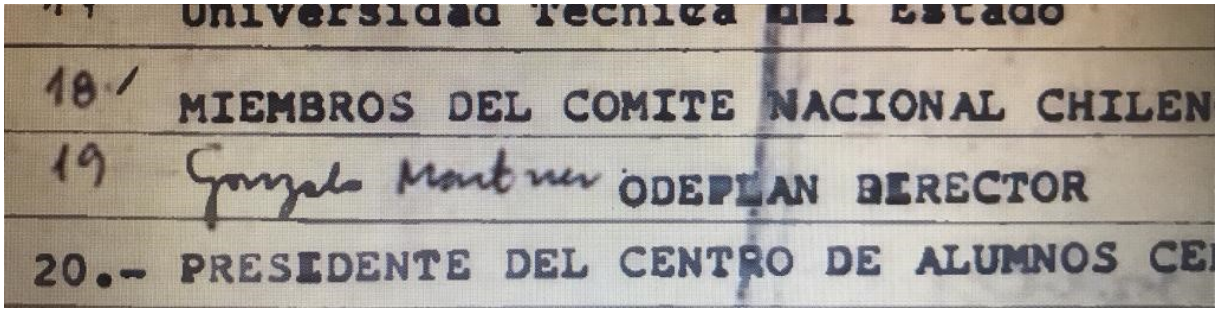

MINA
Museologias Insurgentes en Nuestra América
#MusaFórum#10
Museus e Educação Permanente
Juana Paillalef C. educadora Mapuche e ex-diretora do Museu Mapuche de Cañete, Chile.
Marcele Pereira: museóloga, educadora e atual reitora da Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
Álamo Pimentel: poeta e educador da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).
QUINTA-FEIRA 7 DE JULHO 2022
às 19h (Lisboa) 15h (Brasília) 14h (Chile)
Transmissão em direto/ao vivo pelo Facebook:
https://www.facebook.com/Sociomuseologia
Organização:
FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
Apoio:


MINA
Museologias Insurgentes
en Nuestra América
#MusaFórum #14
Los Museos y el Desarrollo Cientifico y Tecnologico
Daniel Rebolledo Hernández
Antropólogo, Universidad Academia de Humanismo Cristiano. Máster en Planificación Territorial y Gestión Ambiental, Universidad de Barcelona. Diplomado en Derecho Indígena, Universidad Academia de Humanismo Cristiano - Universidad Indígena Intercultural. Doctorando en Diversidad, Subjetividad y Socialización, Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED), España. Actualmente es coordinador del área Museo de la Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi.
QUINTA - FEIRA 10 de Agosto
12h (Ciudad de México) 14h (Havana y Santiago)
15h (Brasilia) 19h (Lisboa) - Via Zoom
Organização:
Apoio:

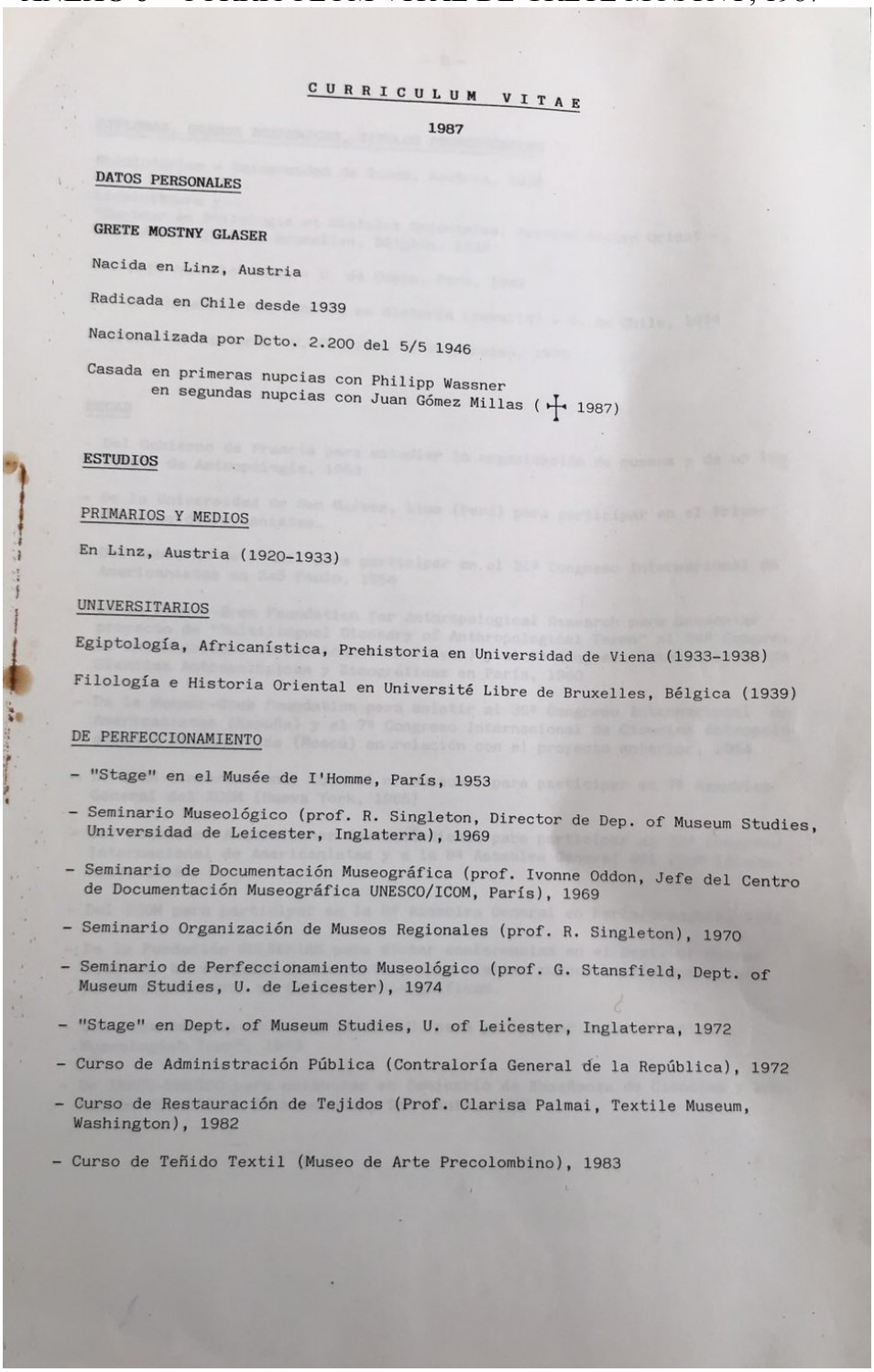

MINA
Museologias Insurgentes
en Nuestra América
#MusaFórum16
Museologia e o Meio Ambiente
GT Memória Climática
Rede Favela Sustentável
Bárbara Nascimento
Núcleo de Memórias da favela do Vidigal (RJ), professora do ensino público no RJ. Mestra em Memória Social (UNIRIO).
Rose Firmino
Museu Sankofa (Rocinha, RJ), poeta e pedagoga. Professora do CAp-UERJ, mestranda do PPGEB-CAp-UERJ.
Mediación Comunitária
Fundación Museos de la Ciudad de Quito
Daniela Carvajal
socióloga, magister en Humanidades, Artes y Cultura Contemporánea. Jefa de Espacio Público y Mediación Comunitaria.
12 de Outubro 2023
ECUADOR 13h BRASIL 15h PORTUGAL 19h
Transmissão em direto/ao vivo pelo Facebook:
https://www.facebook.com/Sociomuseologia
Organização
Apoio
unesco
CeIED
fct

ANEXO 5 – ASSINATURA DE GRETE MOSTNY E O NOME GONZALO MARTNER ESCRITO A MÃO NO DOCUMENTO AHA_70_004 C-20





ANEXO 6 – CURRICULUM VITAE DE GRETE MOSTNY, 1987[670]



CURRICULUM VITAE

1987

DATOS PERSONALES

GRETE MOSTNY GLASER

Nacida en Linz, Austria

Radicada en Chile desde 1939

Nacionalizada por Dcto. 2.200 del 5/5 1946

Casada en primeras nupcias con Philipp Wassner
en segundas nupcias con Juan Gómez Millas († 1987)

ESTUDIOS

PRIMARIOS Y MEDIOS

En Linz, Austria (1920-1933)

UNIVERSITARIOS

Egiptología, Africanística, Prehistoria en Universidad de Viena (1933-1938)

Filología e Historia Oriental en Université Libre de Bruxelles, Bélgica (1939)

DE PERFECCIONAMIENTO

- "Stage" en el Musée de I'Homme, París, 1953
- Seminario Museológico (prof. R. Singleton, Director de Dep. of Museum Studies, Universidad de Leicester, Inglaterra), 1969
- Seminario de Documentación Museográfica (prof. Ivonne Oddon, Jefe del Centro de Documentación Museográfica UNESCO/ICOM, París), 1969
- Seminario Organización de Museos Regionales (prof. R. Singleton), 1970
- Seminario de Perfeccionamiento Museológico (prof. G. Stansfield, Dept. of Museum Studies, U. de Leicester), 1974
- "Stage" en Dept. of Museum Studies, U. of Leicester, Inglaterra, 1972
- Curso de Administración Pública (Contraloría General de la República), 1972
- Curso de Restauración de Tejidos (Prof. Clarisa Palmai, Textile Museum, Washington), 1982
- Curso de Teñido Textil (Museo de Arte Precolombino), 1983

[670] Fotografei rapidamente o Curriculum Vitae de Grete Mostny na casa do arqueólogo Rubén Stehberg, no bairro La Reina, em Santiago, no dia 23 de maio de 2023. Ele foi colega de Grete Mostny no Museu Nacional de História Natural do Chile. Atualmente, Rubén Stehberg está aposentado.

DIPLOMAS, GRADOS ACADEMICOS, TITULOS PROFESIONALES

Absolutorium - Universidad de Viena, Austria, 1938

Licenciatura y
"Docteur en Philologie et Histoire Orientales, Section Ancien Orient - Université Libre de Bruxelles, Bélgica, 1939

Dr. phil honoris causa - U. de Cusco, Perú, 1949

Dr. en Filosofía con mención en Historia (revalid) - U. de Chile, 1974

Profesor de Historia - U. Católica de Valparaíso, 1975

BECAS

- Del Gobierno de Francia para estudiar la organización de museos y de un instituto de Antropología, 1953

- De la Universidad de San Marcos, Lima (Perú) para participar en el Primer Congreso de Peruanistas.

- Del Gobierno de Brasil para participar en el 31º Congreso Internacional de Americanistas en Saõ Paulo, 1954

- De la Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research para presentar proyecto de "Multilingual Glossary of Anthropological Terms" al 34º Congreso Internacional de Americanistas (Viena) y al 6º Congreso Internacional de Ciencias Antropológicas y Etnográficas en París, 1960

- De la Wenner-Gren Foundation para asistir al 36º Congreso Internacional de Americanistas (España) y al 7º Congreso Internacional de Ciencias Antropológicas y Etnográficas (Moscú) en relación con el proyecto anterior, 1964

- De ICOM (International Council of Museums) para participar en 7ª Asamblea General del ICOM (Nueva York, 1965)

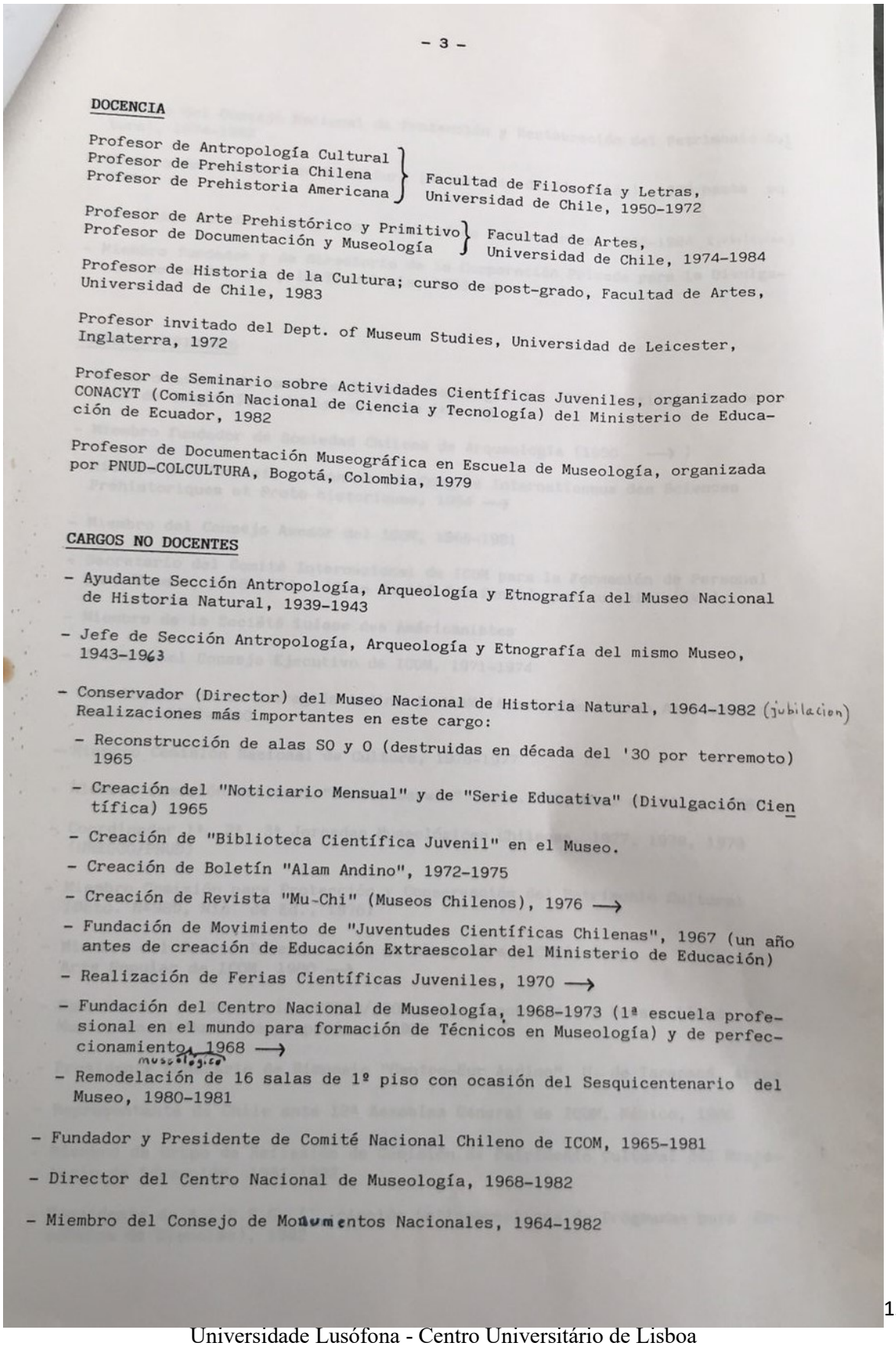
- Del Deutscher Akademischer Austauschdienst para participar al 38º Congreso Internacional de Americanistas y a la 8ª Asamblea General del ICOM (Alemania), 1968

- Del ICOM para participar en la 9ª Asamblea General en París/Grenoble, 1971

- De la Fundación GULBEKIAN para dictar conferencias en el Dept. of Museum Studies, Universidad de Leicester, para visitar museos británicos y para perfeccionamiento en técnicas museográficas.

- Del Departamento de Estado de EE.UU. para participar en un "Foreign Museologist Tour", 1973

- De IBECC-UNESCO para colaborar en Seminario de Enseñanza de Ciencias y Educación Científica Extraescolar, Saõ Paulo, 1982



DOCENCIA

Profesor de Antropología Cultural
Profesor de Prehistoria Chilena
Profesor de Prehistoria Americana
} Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Chile, 1950-1972

Profesor de Arte Prehistórico y Primitivo
Profesor de Documentación y Museología
} Facultad de Artes, Universidad de Chile, 1974-1984

Profesor de Historia de la Cultura; curso de post-grado, Facultad de Artes, Universidad de Chile, 1983

Profesor invitado del Dept. of Museum Studies, Universidad de Leicester, Inglaterra, 1972

Profesor de Seminario sobre Actividades Científicas Juveniles, organizado por CONACYT (Comisión Nacional de Ciencia y Tecnología) del Ministerio de Educación de Ecuador, 1982

Profesor de Documentación Museográfica en Escuela de Museología, organizada por PNUD-COLCULTURA, Bogotá, Colombia, 1979

CARGOS NO DOCENTES

- Ayudante Sección Antropología, Arqueología y Etnografía del Museo Nacional de Historia Natural, 1939-1943
- Jefe de Sección Antropología, Arqueología y Etnografía del mismo Museo, 1943-1963
- Conservador (Director) del Museo Nacional de Historia Natural, 1964-1982 (jubilacion)
  Realizaciones más importantes en este cargo:
  - Reconstrucción de alas SO y O (destruidas en década del '30 por terremoto) 1965
  - Creación del "Noticiario Mensual" y de "Serie Educativa" (Divulgación Científica) 1965
  - Creación de "Biblioteca Científica Juvenil" en el Museo.
  - Creación de Boletín "Alam Andino", 1972-1975
  - Creación de Revista "Mu-Chi" (Museos Chilenos), 1976 ⟶
  - Fundación de Movimiento de "Juventudes Científicas Chilenas", 1967 (un año antes de creación de Educación Extraescolar del Ministerio de Educación)
  - Realización de Ferias Científicas Juveniles, 1970 ⟶
  - Fundación del Centro Nacional de Museología, 1968-1973 (1ª escuela profesional en el mundo para formación de Técnicos en Museología) y de perfeccionamiento, 1968 ⟶ museológico
  - Remodelación de 16 salas de 1º piso con ocasión del Sesquicentenario del Museo, 1980-1981
- Fundador y Presidente de Comité Nacional Chileno de ICOM, 1965-1981
- Director del Centro Nacional de Museología, 1968-1982
- Miembro del Consejo de Monumentos Nacionales, 1964-1982

- Miembro del Consejo Nacional de Protección y Restauración del Patrimonio Cultural, 1974-1982

- Miembro de la Comisión de Cultura (Ministerio de Educación), 1976 hasta su receso.

- Académico de tiempo completo, Facultad de Bellas Artes, 1982-1984 (jubilación)

- Miembro fundador y de directorio de la Corporación Privada para la Divulgación de la Ciencia y la Tecnología, 1983 ⟶

OTRAS ACTIVIDADES

- Miembro activo de la Comisión de Antropología del IPGH (Instituto Panamericano de Geografía e Historia), 1950 (*) ⟶

- Miembro fundador de Sociedad Chilena de Arqueología (1950 ⟶)

- Miembro del "Conseil Permanent des Congrès Internationaux des Sciences Préhistoriques et Proto-historiques, 1954 ⟶

- Miembro del Consejo Asesor del ICOM, 1966-1981

- Secretario del Comité Internacional de ICOM para la Formación de Personal para Museos, 1968-1974. (Este Comité fue fundado por su iniciativa).

- Miembro de la Société Suisse des Américanistes

- Miembro del Consejo Ejecutivo de ICOM, 1971-1974

- Coordinador de la Subregión Andina de ALAM (Asociación Latino Americana de Museos), 1972-1980

- Miembro Comisión Nacional de Cultura, 1976-1977

- Miembro Comisión Nacional "Carlos Darwin" (Dcto. 540, Min. de Ed.), 1978

- Coordinador 1ª, 2ª, 3ª Jornadas Museológicas Chilenas, 1977, 1978, 1979 (UNESCO/PNUD)

- Miembro, Comisión para Protección y Conservación del Patrimonio Cultural (Dcto. Nº989, Min. de Ed., 1976)

- Miembro del Comité Internacional de Etnografía (ICME), Grupo de Trabajo de Arte Popular, de ICOM, 1980 ⟶

- Coordinador de Seminario UNESCO/ICOM sobre Importancia y Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporáneo, 1972

- Presidente honorario de Simposio "Centro-Sur Andino", U. de Tarapacá, Arica

- Representante de Chile ante 12ª Asamblea General de ICOM, México, 1980

- Miembro de Grupo de Reflexión de Comisión de Patrimonio Cultural del Ministerio de Educación, 1981-1982

- Presidente de A.L.P.E.C. (Asociación Latinoamericana de Programas para Enseñanza de Ciencias), 1982

TRABAJOS EN TERRENO

Excavaciones e investigaciones arqueológicas en Chile desde 1940: Arica y Alrededores, Iquique, Punta Pichalo (con American Museum of Natural History), Guatacondo (con Universidad de California), Río Loa, Río Salado, San Pedro de Atacama, Turi Toconce, Zapar, La Serena, Coquimbo, Santiago y Zona Central, Concepción, Temuco, etc.

Investigaciones etnográficas en Peine (Salar de Atacama), Valparaíso (con Programa del Punto IV del Gobierno de EE.UU.), Temuco (idem), provincia de Magallanes (indios fueguinos).

En 1938 investigaciones filológicas en Medinet Madi (Egipto) con Misión Arqueológica de la Universidad de Milan, Italia: traducción de inscripciones de templo del Imperio Medio.

PUBLICACIONES

1940 : Las momias egipcias conservadas en el Museo Nacional de Historia Natural (Bol. del MNHN, tom. 18, Stgo.)

1941 : Informe sobre las excavaciones en La Serena (id. tom. 19)

1942 : Informe preliminar sobre las excavaciones efectuadas en la costa chilena entre Pisagua y Coquimbo (id. tom. 20)

¿Un nuevo estilo arqueológico? (id. tom. 20)

Conchales cuentan la historia (Rev. de Educación, Min. Ed., año 2, Nº5, Stgo.)

1943 : Informe sobre las excavaciones en Arica (Bol. del MNHN, tom. 21)

Transiciones y pronombres personales en el idioma mapuche (Rev. Chil. de Hist. Nat. vol. 45, p.144-146, Stgo.)

El patrimonio arqueológico de Chile (Rev. de Educación, año 3, Nº13, Stgo.)

1944 : Excavaciones en Arica (Bol. del MNHN, tom. 22, Stgo.)

Un nuevo estilo arqueológico II (id.)

Exposición de Arqueología Chilena (Imp. MNHN, Stgo.)

Mapa arqueológico del Departamento de Arica (en colaboración con E. Araya, Rev. de Educación, año 4, Nº20, Stgo.)

1945 : How to become Archaeologists (Andean Quarterly, Stgo.)

Los antiguos atacameños (Antártica, Nº15, U. de Chile, Stgo.)

Mirando hacia atrás (Revista Belga, Sept., Buenos Aires)

Breve reseña sobre la Arqueología Chilena (Océano, año 3, Nº11, Buenos Aires)

1946 : Arqueología del Norte de Chile (Ciencia e Investigación, Buenos Aires)

Viaje arqueológico a la provincia de Antofagasta (Antártica, Nº20, U. de Chile, Stgo.)

Exposición sobre la Isla de Pascua (en colaboración con H. Fuenzalida; imp. MNHN, Stgo.)

The Bearing of Ethnic and Genetic Conditions on the Bloodgroups of Three Fuegian Tribes (en colaboración con A. Lipschutz y L. Robin; American Journal of Physical Anthropology, vol. 5, Nº3)

Actividades Antropológicas en Chile (Bol. Bibliográfico de Antropolo gía Americana, vol. 8, México)

1947 : Physical Characteristics of Fuegians (en colaboración con A. Lipschutz, H. Helfritz, F. Jeldes; American Journal of Physical Anthropology, vol. 5, Nº3).

Actividades Antropológicas en Chile: 1946 (Boletín Bibliográfico de Antropología Americana, vol. 9, México)

Prehistoria Chilena (Scientia, año 14, Nº1-2, Valparaíso)

Ricardo E. Latcham (MAN, Royal Anthrop. Inst. London)

Un cementerio incásico en Chile Central (Bol. del MNHN, tom. 23, Stgo.)

1948 : Actividades Antropológicas en Chile: 1947 (Bol. Bibliográfico de An tropología Americana, vol. 10. México)

El Océano Pacífico y la Prehistoria Chilena (Rev. Geográfica, vol. I, Inst. Geogr. Militar, Stgo.)

Los Indios de Chile (Conferencias, Nº10-11, U. de Chile, Stgo.)

Ciudades Atacameñas (Bol. MNHN, vol. 24, Stgo.)

1949 : Actividades Antropológicas en Chile: 1948-49 (Bol. Bibliográfico de Antropología Americana, vol. 12, México)

1959 : Transculturación de las Tribus Fueguinas (América Indígena, vol. 10, Nº3, México)

Cuatro Conferencias sobre los Indios Fueguinos (en colaboración con A. Lipschutz; Revista Geográfica, Inst. Geogr. Militar, Stgo.)

1952 : Una tumba en Chiuchiu (Bol. MNHN, vol. 26, Nº1, Stgo.)

1954 : Peine, un pueblo atacameño (en colaboración con R. González, F. Jeldes Inst. de Geografía, U. de Chile, Stgo.)

Culturas Precolombinas de Chile 1ª ed. (Ed. del Pacífico, Stgo.)

1955 : El Niño del Cerro El Plomo (Annais do 31 Congreso Internacional de Americanistas, Saõ Paulo)

1956 : Introducción a la Antropología Cultural (Apuntes de clases, ed. por alumnos, U. de Chile)

1956 : A Manera de Introducción (Noticiario Mensual, Nº1, Stgo.)

La Momia del Cerro El Plomo (id.)

Nuestro Museo cumple 126 años (Noticiario Mensual, Nº2, Stgo.)

La Sección de Antropología, Arqueología y Etnografía del Museo Nacional de Historia Natural (Noticiario Mensual Nº3, Stgo.)

Navegación prehispánica en la costa del Pacífico (id.)

La vitrina del mes (Noticiario Mensual Nº5, Stgo.)

1957 : La Momia del Cerro El Plomo (en colaboración Bol. del MNHN, tom. 27, Stgo.)

Le complexe de "chullpas" de Toconce (Chili). (En colaboración con R. Naville; Boletín Nº13, Soc. Suisse des Américanistes, Ginebra)

Una Máscara Atacameña (Noticiario Mensual, Nº6, Stgo.)

Los comienzos de la civilización humana (Noticiario Mensual Nº7, Stgo.)

La Isla de Pascua (id.)

Arqueología de Chile (id., Nºs. 8, 11, 13, 14, 15, Stgo.)

El Profesor Eugène Pittard (id. Nº11)

El Carbón 14 (id. Nº12)

Cumplimos un año (id. Nº12)

Don Eduardo Barrios (id. Nº13)

1958 : Técnicas Textiles Andinas (id. Nº18)

Paul Rivet (id. Nº21)

El Tembetá (id. Nº22)

El Mineral de Chuquicamata (id. Nº21-22)

Merecido Homenaje (id. Nº25)

La Vitrina del Mes (id. Nº26)

El Jarro Pato (id. Nº28)

Exposición sobre artes manuales de la India (id. Nº29)

Máscaras, tubos, tabletas para rapé y cabezas trofeos entre los atacameños (Miscellanea Paul Rivet, México)

1959 : Joseph Emperaire (Noticiario Mensual Nº30, Stgo.)

Homenaje a don Francisco Cornely (id. Nº31)

Museos (id. Nº33)

Alejandro de Humboldt (id. Nº34)

1959 : Una colección de Toconce (id. Nº35)

Charles E. Darwin (id. Nº36)

El Zwettler Codex 420 del P. Florian Paucke (id. Nº36)

El Museo Regional de Arica (id. Nº37)

Mesa Redonda sobre Arte Popular Chileno (id. Nº37)

Tejidos Atacameños (id. Nº39)

El Dr. Emilio Ureta (id. Nº40)

Pequeña excursión al pasado (id. Nº41)

La Familia (id. Nº41)

Vestimentas y Adornos (id. Nº41)

1960 : Informe preliminar de la expedición arqueológica al Río Loa Superior y Salar de San Martín (en colaboración con G. Künsemüller; Noticia-- rio Mensual Nº44 y 45)

Supervivencias prehispánicas en el Arte Popular del Norte Grande (en Arte Popular, U. de Chile, Stgo.)

Culturas Precolombinas de Chile, 2ª ed. (Ed. Universitaria)

Tsantsas (Noticiario Mensual Nº49, Stgo.)

El 34º Congreso Internacional de Americanistas (Noticiario Mensual Nº49, MNHN, Stgo.)

El 4º Congreso Internacional de Ciencias Antropológicas y Etnológi- cas (id.)

El Museo Nacional de Historia Natural, 1830-1960 (id. Nº50)

1961 : Las ciencias antropológicas en el Museo Nacional de Historia Natural (id. Nº56)

A Multilingual Glossary of Anthropological Terms (Current Anthropology, vol. 2 Nº2, Chicago)

El Museo de Etnología y Arqueología de Calama (Noticiario Mensual Nº62)

Encuentro Arqueológico Internacional (id. Nº62)

1962 : El Hombre y su posición en el Reino Animal (id. Nº66)

La Colección Campbell (id. Nº67)

El Dr. R. A. Philippi como Antropólogo (id. Nº69)

1963 : Un pueblo redescubierto (id. Nº79, 80)

El Congreso Arqueológico de San Pedro de Atacama (id. Nº84)

Hallazgo arqueológico en el centro de Santiago (id. Nº84)

2º informe sobre investigaciones arqueológicas en la Quebrada de Gua tacondo (id. Nº68)

1963 : La obra antropológica de Ricardo E. Latcham (id. Nº87, 88; Publicación Ocasional Nº5, MNHN, Stgo.)

Santos de los Antiguos (en Pedro Bosch Gimpera en el septuagésimo aniversario de su nacimiento, México)

1964 : Paul Fejos (Noticiario Mensual Nº91)

Pictografía Rupestre (id. Nº98)

Anzuelos de Concha: 6170 ± 220 años (id. Nº98)

Bibliografía de Antropología Chilena (id. Nº99)

Arqueología de Taltal. Epistolario de A.C. Capdeville y M. Uhle y otros (vol. 1, tom. 1 y 2; Fondo Histórico y Bibliográfico J. T. Medina, Stgo.)

Los Petroglifos de Angostura (Zeitschrift für Ethnologie, Bd. 89, Heft 1, Braunschweig)

1965 : Fechas radiocarbónicas de la Quebrada de Guatacondo (Noticiario Mensual, Nº105, Stgo.)

1966 : Estado actual de la Etnografía en Chile (36º Congreso Internacional de Americanistas, vo. 3, Sevilla)

Museo e Investigación (UNESCO en Chile, Bol. de la Comisión Nacional, Nº30, Stgo.)

1967 : Ricardo E. Latcham, su vida y su obra (Boletín del MNHN, vol. 30, Stgo.)

Ideas mágico-religiosas de los Atacamas (Bol. del MNHN, vol. 30, Stgo)

The Little Prince from El Plomo (en Deuel, Conquistadors without Swords, New York)

The Boy from the Lead Mountain (en Wheeler, History is buried, New York)

1968 : Association of Human Industries with Pleistocene Fauna in Central Chile (Current Anthropology, vol. 9, Nº2-3, Chicago)

Estado actual de los estudios prehistóricos en Chile (Verhandlungen des 38. Internationalen Amerikanisten-Kongresses, Stuttgart-München, vol. 1)

Los museos como instituciones educacionales (Anales del Museo de Historia Natural, Nº1, Valparaíso)

1970 : La subárea arqueológica de Guatacondo (Boletín del MNHN, tom. 29, Nº26)

Breve análisis de la Primera Feria Científica Juvenil (en colaboración con L. Cardemil y V. Moraga; Revista de Educación Nº30, Stgo.)

140 años del MNHN (Noticiario Mensual Nº170, Stgo.)

1971 : Prehistoria de Chile 1ª ed. (Edit. Universitaria, Stgo.)

1971 : Arqueología de la Quebrada de Guatacondo (Orbita Nº6, Stgo.)

Museos y Educación Extraescolar (El Mercurio 29/8/71; reimpreso en Boletín de la Comisión Nacional de UNESCO, Nº37, Stgo.)

1972 : The functions and aims of museums (en The Museum in the service of man, ICOM, Actas de 9ª Conferencia General, Oxford)

Prehistoria de Chile, 2ª ed. (Edit. Universitaria, Stgo.)

El desarrollo y la importancia de los museos en el mundo contemporáneo (Noticiario Mensual, Nº190-191, Stgo.)

The National Centre of Museology, National Museum of Natural History Santiago, Chile (Museum, vol. 24, Nº2)

1973 : Les musées et les problèmes de la vie quotidienne (en Museum, vol. 25, Nº1-2, París)

The Role of Museums in today's Latin America (Museum, vol. 25, Nº3, París)

Les Musées du Chile (id.)

Centenario de la muerte de don Claudio Gay (Noticiario Mensual, año 18, Nº208-209, Stgo.)

Cuarta Feria Científica Juvenil (id.)

1974 : Prehistoria de Chile (3ª ed. Edit. Universitaria, Stgo.)

El centenario del fallecimiento de don Claudio Gay (Bol. del MNHN, Nº33, Stgo.)

Informe sobre la V. Feria Científica Juvenil (en Out of school scientific and technical education, Nº5, 2º semestre 1974, p. 7, Publicado por C.I.C.)

1975 : Los Museos de Chile (Edit. Gabriela Mistral, col. Nosotros los Chilenos, 94 pp.)

1976 : Prehistoria de Chile (4ª ed., Edit. Universitaria, Stgo.)

1977 : Avances de la Prehistoria Chilena (El Mercurio de Valparaíso, 2/9/77, edición de sesquicentenario)

Políticas, procedimientos y líneas de acción en inventario de ciencias del hombre y naturales. (Seminario Regional de Inventario y Catalogación. Proyecto Regional de Protección del Patrimonio Cultural Andino PNUD/UNESCO, Stgo., 26-30 de sept.; publicado en MUCHI, Boletín de Museos Chilenos Nº5)

Discurso de agradecimiento (Noticiario Mensual Nº251, Stgo.)

1978 : Primeras Jornadas Museológicas Chilenas (MUCHI, Nº7, Stgo.)

La formación de personal de museos (Primeras Jornadas Museológicas Chilenas. MUCHI Nº7, Stgo.)

1978 : Museos e Investigación: algunas observaciones acerca de los resultados de las Primeras Jornadas Museológicas Chilenas (El Arco y la Lira, 2/1978. Facultad de Bellas Artes, U. de Chile, Stgo.)

Segundas Jornadas Museológicas Chilenas (MUCHI Nº9, Stgo.)

1979 : Niños y Museos (MUCHI Nº11, Stgo.)

Children and the Natural History Museum, Santiago, Chile en MUSEUM, vol. 31, UNESCO, París)

Los museos y los problemas de la vida cotidiana (traducido al español de MUSEUM Nº1/2, 1973; en MUSEUM, selección de artículos (versión especial). Publ. del Proyecto del Patrimonio Cultural Andino, UNESCO/PNUD, Lima Perú)

Terceras Jornadas Museológicas Chilenas (MUCHI Nº12, Stgo.)

1980 : Prehistoria de Chile (5ª ed.; Edit. Universitaria, Stgo.)

Bibliografía del Museo Nacional de Historia Natural (editor MNHN, Stgo.)

The Archaeological Zone of Guatacondo (en C. W. Meighan and D. L. True (ed.): Prehistoric Trails of Atacama: Archaeology of Northern Chile. Monumenta Archaeologica 7, U. de California, Los Angeles)

El Museo Nacional de Historia Natural (Boletín del MNHN, tom. 37, Stgo.)

Organizaciones Científicas Juveniles, Objetivos y Alcances (en Seminario sobre actividades científicas juveniles; serie Seminarios, Nº2, CONICYT, Stgo.)

Manual de Actividades Científicas Juveniles (SECAB, en prensa)

1981 : Museos de Chile (título provisorio). (Número especial de MUSEUM; en prensa)

1982 : El Museo Nacional de Historia Natural (en preparación)

~~de Chile (serie El Patrimonio Cultural Chileno, Col. Culturas Aborígenes; en preparación)~~

Guía para la realización de actividades científicas juveniles. Revisión de experiencias y metodologías de trabajo en Actividades Científicas Juveniles, Serie Ciencia y Tecnología, año 3, Nº2, Secretaría Ejecutiva Permanente del Convenio Andrés Bello (SECAB), Bogotá, Colombia.

Historia del Museo Nacional de Historia Natural (en prensa)

1983 : Prehistoria de Chile , 6ª ed., Editorial Universitaria, Stgo.

Arte Rupestre Chileno (en colab. con H. Niemeyer); serie El Patrimonio Cultural Chileno, colección Historia del Arte Chileno, Libro 8 Publicación del Depto. de Extensión Cultura del Ministerio de Educación.

Antropología del Arte, en Cuadernos Judaicos Nº12, p. 9-14, Centro de Estudios de Cultura Judaica, Facultad de Filosofía y Educación, Universidad de Chile.

1985 : Prehistoria de Chile (7ª ed., Editorial Universitaria, Stgo.)

Función y Significado del Arte Rupestre en Chile (en Estudios de Arte Rupestre, Museo Chileno de Arte Precolombino, pp. 229-232, Stgo.)

1986 : Junius Bird, retrato de un amigo (en Actas del 9º Congreso de Arqueología Chilena, La Serena)

1987 : Juan Gómez Millas: ubi Gaius ibi Gaia (Revista Universitaria Nº21, 2ª entrega, p. 80, Pontificia Universidad Católica de Chile, Stgo.)

COLABORADOR DE REVISTAS

Editor invitado: "Museum", vol. XXV, Nº3, 1973 UNESCO/ICOM, París.

Miembro de Editorial Board (Comité de Redacción) de "Prehistoric Andean Ecology" Papers of Dept. of Anthropology, HUNTER COLLEGE of the City University of New York (Ed. Frederic Engel) 1980.

Miembro Comité de Redacción de "Chungará" (U. de Tarapacá) 1981→

Consultor Comité Editorial de CUHSO (Cultura, Hombre, Sociedad) de C.I.S.R.E. (Centro de Investigaciones Sociales Regionales), Pontificia Universidad Católica de Chile, Sede Temuco, 1984.→

Miembro Honorario del Cuerpo de Consultores del Boletín del Museo Chileno de Arte Precolombino, 1987.→

Consultor de Revista "Estudios Atacameños", Pontificia Universidad Católica de Chile, Sede Antofagasta/San Pedro de Atacama, 1987.→

ACTIVIDADES ACTUALES

Director Académico del Museo de Ciencia y Tecnología.

Miembro de Comité Internacional de Etnografía (ICME) y de Documentación (CIDOC) de ICOM.

Miembro de Comité de Ciencias del Instituto Chileno Norteamericano de Cultura.

Encargado de la Sección Ciencia del Instituto Cultural Chileno Austríaco.

Investigación arqueológica (espec. Arte Rupestre).

Investigación museológica.

Colaboración con revistas arqueológicas.

Elaboración de Glosario Multilingue de Términos Antropológicos.

CONDECORACIONES Y DISTINCIONES PRINCIPALES

1949 : Dr. phil, honoris causa, Universidad de Cusco (Perú)

1967 : Cruz de Honor de 1ª Clase por Méritos en Artes y Ciencias del Gobierno de Austria.

1977 : Medalla de Oro y Miembro Honorario de la Sociedad Chilena de Arqueología.

1979 : Miembro Honorario de Academia "Alfonso Leng" de Facultad de Odontología, U. de Chile.

1981 : Presidente de Honor de Simposio "Centro-Sur Andino", Universidad de Tarapacá.

1982 : Condecoración al Mérito Docente y Cultural "Gabriela Mistral" en el grado de Comendador.

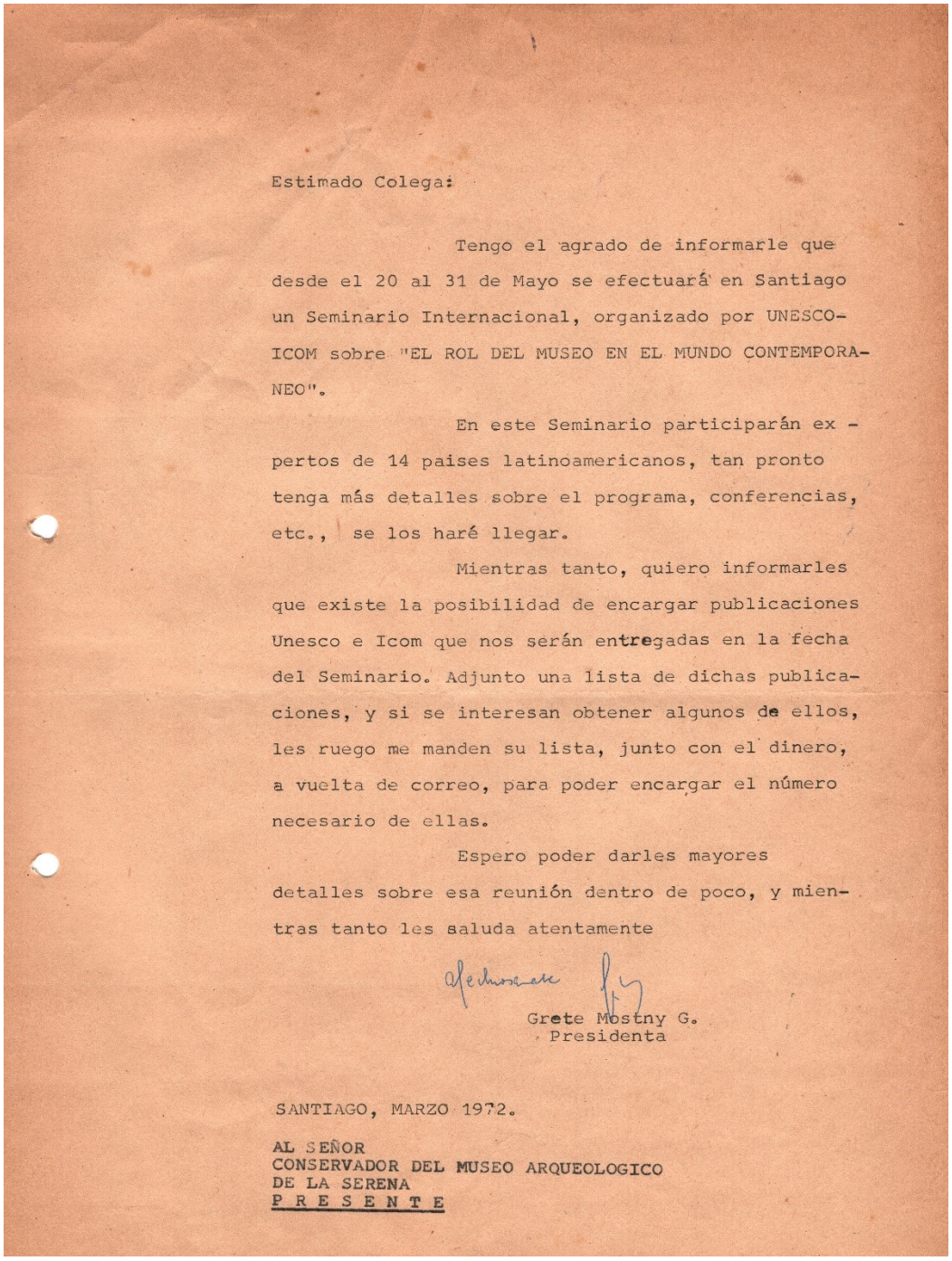
1982 : Medalla de Oro del Museo Nacional de Historia Natural.

1983 : Miembro Honorario de ICOM (único latinoamericano).

1986 : Medalla al Mérito del Museo de la Confederación Andina.

1986 : Premio de la Dirección Nacional de Turismo y de la Municipalidad de Santiago por Méritos pro Cultura.

ANEXO 7 – CARTA DE GRETE MOSTNY PARA O CURADOR DO MUSEO DE LA SERENA, JORGE IBARREN, 1972 [FONDO JORGE IRIBARREN] [671]



Estimado Colega:

Tengo el agrado de informarle que desde el 20 al 31 de Mayo se efectuará en Santiago un Seminario Internacional, organizado por UNESCO-ICOM sobre "EL ROL DEL MUSEO EN EL MUNDO CONTEMPORANEO".

En este Seminario participarán ex - pertos de 14 paises latinoamericanos, tan pronto tenga más detalles sobre el programa, conferencias, etc., se los haré llegar.

Mientras tanto, quiero informarles que existe la posibilidad de encargar publicaciones Unesco e Icom que nos serán entregadas en la fecha del Seminario. Adjunto una lista de dichas publicaciones, y si se interesan obtener algunos de ellos, les ruego me manden su lista, junto con el dinero, a vuelta de correo, para poder encargar el número necesario de ellas.

Espero poder darles mayores detalles sobre esa reunión dentro de poco, y mientras tanto les saluda atentamente

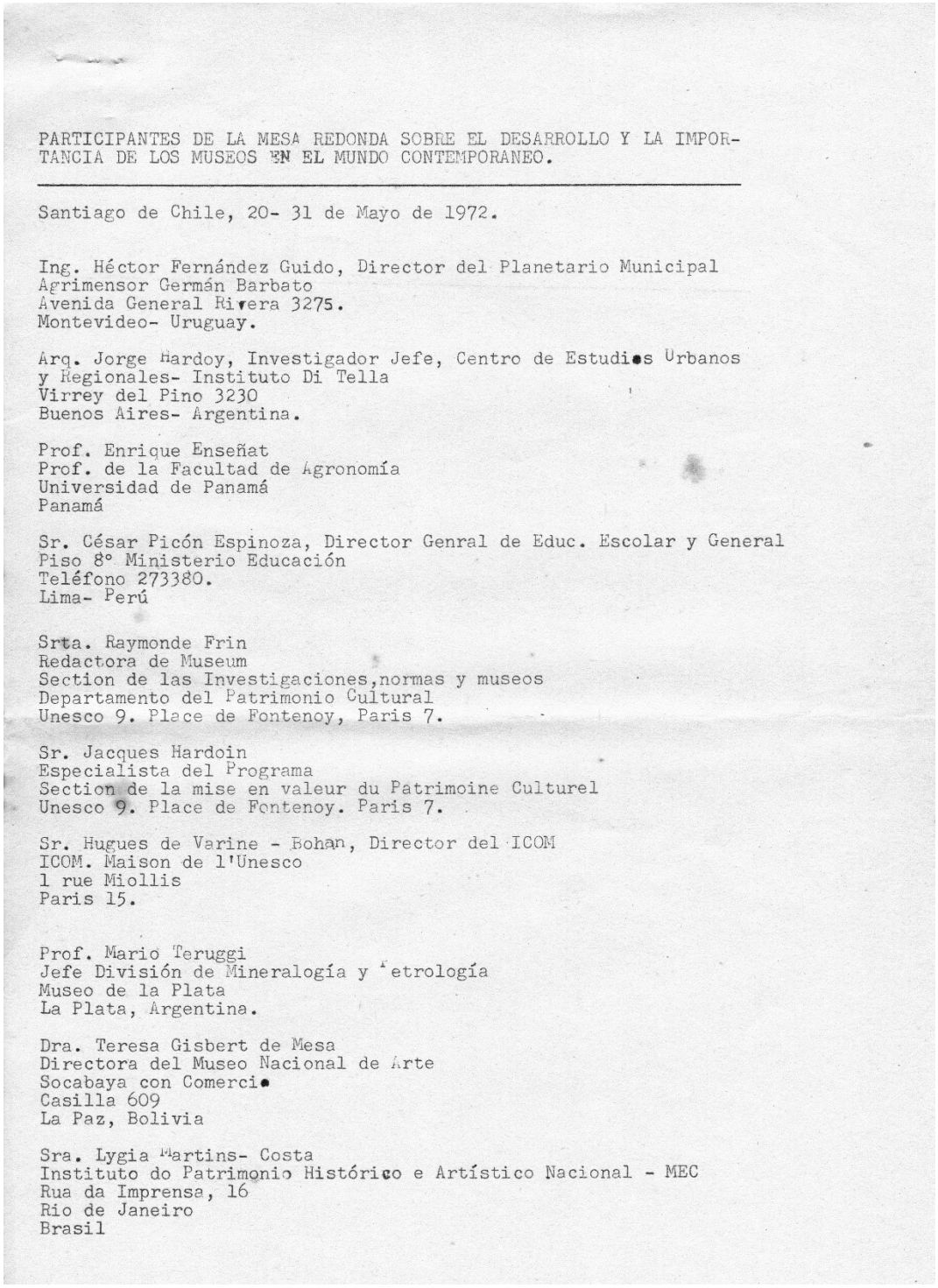
Grete Mostny G.
Presidenta

SANTIAGO, MARZO 1972.

AL SEÑOR
CONSERVADOR DEL MUSEO ARQUEOLOGICO
DE LA SERENA
P R E S E N T E

[671] Arquivo do Museo Arqueológico de La Serena.

ANEXO 8 – LISTAS DAS/OS PARTICIPANTES E DAS/OS OBSERVADORAS/ES EXISTENTES NO ARCHIVO DEL MUSEO ARQUEOLÓGICO LA SERENA, 1972 [FONDO JORGE IRIBARREN][672]



PARTICIPANTES DE LA MESA REDONDA SOBRE EL DESARROLLO Y LA IMPORTANCIA DE LOS MUSEOS EN EL MUNDO CONTEMPORANEO.

Santiago de Chile, 20- 31 de Mayo de 1972.

Ing. Héctor Fernández Guido, Director del Planetario Municipal
Agrimensor Germán Barbato
Avenida General Rivera 3275.
Montevideo- Uruguay.

Arq. Jorge Hardoy, Investigador Jefe, Centro de Estudios Urbanos
y Regionales- Instituto Di Tella
Virrey del Pino 3230
Buenos Aires- Argentina.

Prof. Enrique Enseñat
Prof. de la Facultad de Agronomía
Universidad de Panamá
Panamá

Sr. César Picón Espinoza, Director Genral de Educ. Escolar y General
Piso 8° Ministerio Educación
Teléfono 273380.
Lima- Perú

Srta. Raymonde Frin
Redactora de Museum
Section de las Investigaciones,normas y museos
Departamento del Patrimonio Cultural
Unesco 9. Place de Fontenoy, Paris 7.

Sr. Jacques Hardoin
Especialista del Programa
Section de la mise en valeur du Patrimoine Culturel
Unesco 9. Place de Fontenoy. Paris 7.

Sr. Hugues de Varine - Bohan, Director del ICOM
ICOM. Maison de l'Unesco
1 rue Miollis
Paris 15.

Prof. Mario Teruggi
Jefe División de Mineralogía y Petrología
Museo de la Plata
La Plata, Argentina.

Dra. Teresa Gisbert de Mesa
Directora del Museo Nacional de Arte
Socabaya con Comercio
Casilla 609
La Paz, Bolivia

Sra. Lygia Martins- Costa
Instituto do Patrimonio Histórico e Artístico Nacional - MEC
Rua da Imprensa, 16
Rio de Janeiro
Brasil

[672] Arquivo do Museo Arqueológico de La Serena.

Dra. Grete Mostny Glaser, Conservador del Museo Nacional de Historia Natural, Casilla N° 787, Santiago- Chile

Dra. Alicia Dussan de Reichel, Jefe de la División de Museos y Restauración, Instituto Colombiano de Cultura, Minist. Educación. Calle 24 N°. 5-60 Of. 211. Biblioteca Nacional- Bogotá Colombia.

Sr. Luis Diego Gomez, Director de la División de Historia Natural
Museo Nacional de Costa Rica
Conservador Jefe del Herbario Nacional de Costa Rica
Apartado Postal 749 (oficina) 4125 (personal)
Teléfonos: Oficina 210295 Residencia 255124
Cable: INTACO COSTA RICA (GOMEZ DUEÑAS) San José

Arq. Hernán Crespo Toral
Director del Museo Banco Central del Ecuador
Quito- Ecuador

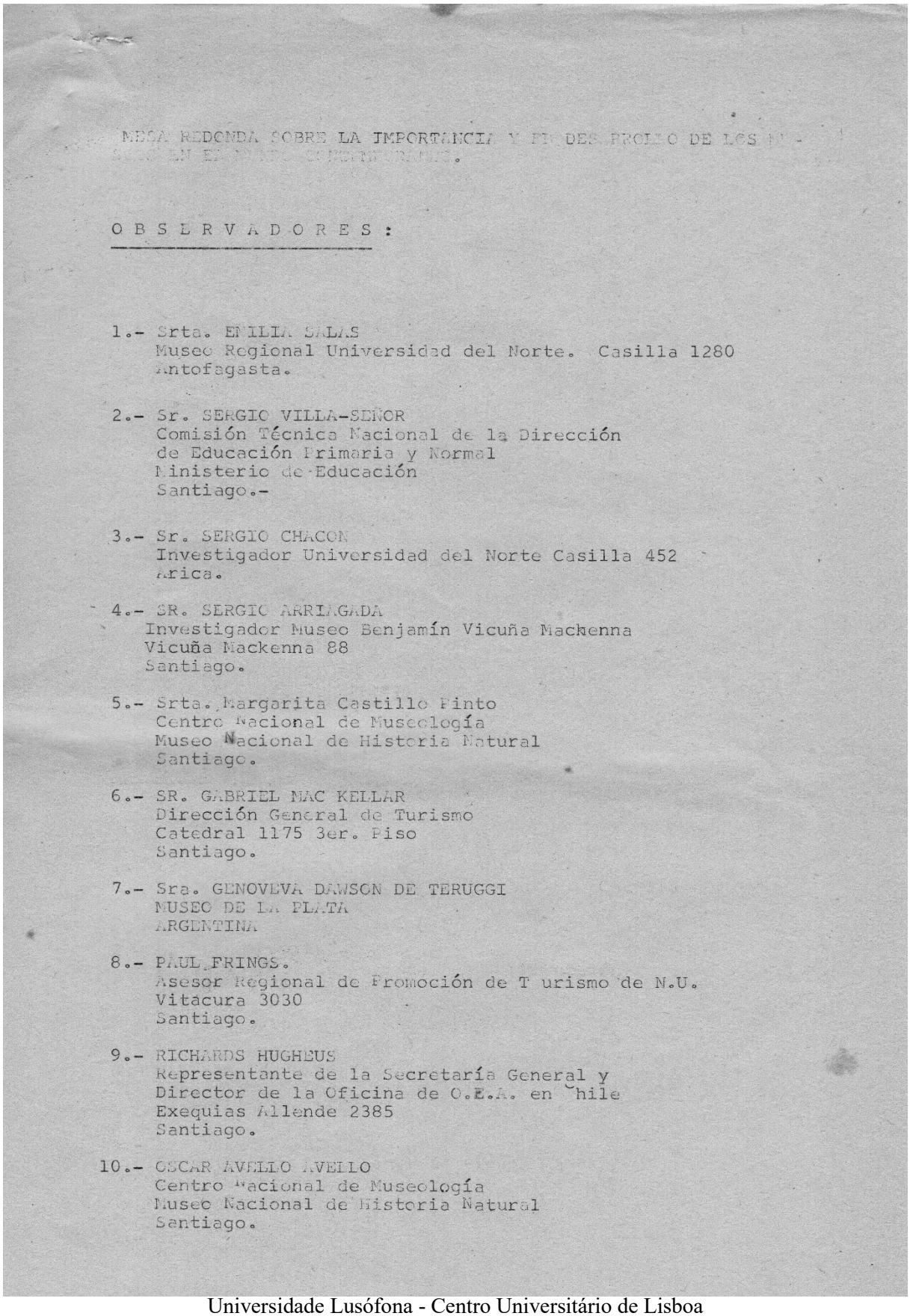
Lic. Luis Lujan Muñoz, Director del Instituto de Antropología e Historia, Edificio 5. La aurora, zona 13
Guatemala. Guatemla, C.A.

Sr. Mario Vásquez, Sub-Director del Museo Nacional de Antropología de México. Calzada Gandhi. México 5, D.F. México.

Prof. Raúl González Guzmán, Jefe de Museos y Exposiciones
Dirección del Patrimonio Histórico Nacional
Instituto Nacional de Cultura y Deportes
Apartado Postal 662
Panamá 1. Panamá

Dr. Federico Kaufmann Doig, Director de Conservación del Patrimonio Cultural de la Nación.
Quilca 306. Lima Perú.

Sr. Carlos de Sola
Director General de Cultura, Apartado 53.
Ministerio de Educación
San Salvador, El Salvador



MESA REDONDA SOBRE LA IMPORTANCIA Y EL DESARROLLO DE LOS M -
[illegible].

OBSERVADORES:

1.- Srta. EMILIA SALAS
Museo Regional Universidad del Norte. Casilla 1280
Antofagasta.

2.- Sr. SERGIO VILLA-SEÑOR
Comisión Técnica Nacional de la Dirección
de Educación Primaria y Normal
Ministerio de Educación
Santiago.-

3.- Sr. SERGIO CHACON
Investigador Universidad del Norte Casilla 452
Arica.

4.- SR. SERGIO ARRIAGADA
Investigador Museo Benjamín Vicuña Mackenna
Vicuña Mackenna 88
Santiago.

5.- Srta. Margarita Castillo Pinto
Centro Nacional de Museología
Museo Nacional de Historia Natural
Santiago.

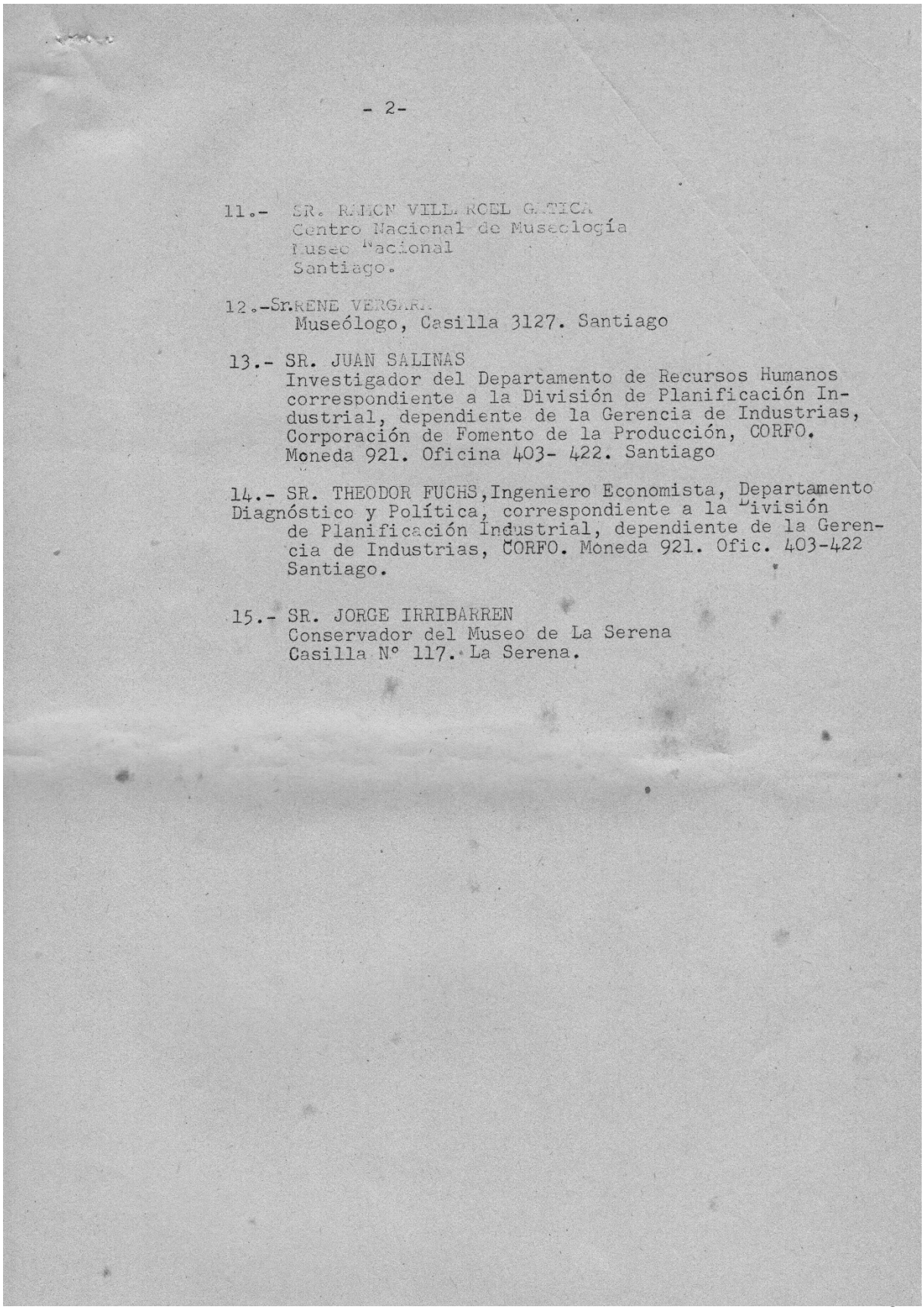
6.- SR. GABRIEL NAC KELLAR
Dirección General de Turismo
Catedral 1175 3er. Piso
Santiago.

7.- Sra. GENOVEVA DAWSON DE TERUGGI
MUSEO DE LA PLATA
ARGENTINA

8.- PAUL FRINGS.
Asesor Regional de Promoción de T urismo de N.U.
Vitacura 3030
Santiago.

9.- RICHARDS HUGHEUS
Representante de la Secretaría General y
Director de la Oficina de O.E.A. en Chile
Exequias Allende 2385
Santiago.

10.- OSCAR AVELLO AVELLO
Centro Nacional de Museología
Museo Nacional de Historia Natural
Santiago.



11.- SR. RAMON VILLAROEL GATICA
Centro Nacional de Museología
Museo Nacional
Santiago.

12.-Sr. RENE VERGARA
Museólogo, Casilla 3127. Santiago

13.- SR. JUAN SALINAS
Investigador del Departamento de Recursos Humanos correspondiente a la División de Planificación Industrial, dependiente de la Gerencia de Industrias, Corporación de Fomento de la Producción, CORFO. Moneda 921. Oficina 403- 422. Santiago

14.- SR. THEODOR FUCHS, Ingeniero Economista, Departamento Diagnóstico y Política, correspondiente a la División de Planificación Industrial, dependiente de la Gerencia de Industrias, CORFO. Moneda 921. Ofic. 403-422 Santiago.

15.- SR. JORGE IRRIBARREN
Conservador del Museo de La Serena
Casilla Nº 117. La Serena.

ANEXO 9 – CECILIA MIGUELINA BOJANÍC ABAD[673]





“Cecilia Miguelina Bojaníc Abad nació en la clínica "Madre e hijo", ubicada en calle Santa Rosa, en la cuadra 15. Fue un día lunes 7 de mayo del año 1951, un día maravilloso para nosotros, sus padres, recuerdo que llovía fuertemente, con viento y granizo…; su padre, René Andrés Bojaníc Hidalgo, trabajaba en la Farmacia Bristol en calle Providencia y yo, su mamá,

[673] Foografia, tapeçaria bordada pelo Colectivo Bordadoras por la Memoria de Valparaíso en homenaje a Cecilia Miguelina Bojanic Abad e depoimento da mãe de Cecilia Bojaníc, Eliana Abad Vandenbroecka disponíveis no sítio Memória Viva. Recuperado de: https://memoriaviva.com/nuevaweb/detenidos-desaparecidos/desaparecidos-b/bojanic-abad-cecilia-miguelina/ , em 16 de novembro de 2023.

Eliana Abad Vandenbroeck, era y soy dueña de casa. Vivíamos en esa época en calle Erasmo Escala 2619, casa A.
Nuestra Cecilia fu un bebé y luego una niña cariñosa, siempre alegre y muy inteligente, como lo prueban sus excelentes notas en sus años de estudios; tenía desarrollado un gusto por lo artístico, el dibujo, la pintura, el canto, e incluso un par de cuentos que escribió y que guardo en su recuerdo. Desde niña fue muy sociable, era feliz enseñando y ayudando a amigos o a niños pequeños, y participaba en catos culturales en el colegio. Trabajó en una empresa de Publicidad, luego en otra firma y finalmente en el laboratorio Sandoz. Poe esa época, ella tomaba clases de canto y terminó su último año de estudios secundarios en un liceo nocturno.
Su espíritu inquieto buscaba la forma de dar algo de sí, de ayudar al que sufre, al que no sabe, al que no tiene, comprendiendo cada injusticia y cada carencia de los más necesitados; se dedicó a enseñar y a dar apoyo a grupos de niños, creo que sólo así se sentía feliz. Fue en el colegio donde conoció a su compañero, Flavio Oyarzún Soto, en un momento en que estaba plena de vida y de deseos de entregarse a la causa de los demás. Flavio era un joven bueno, brillante y generoso y ambos se unieron en el camino del ideal común, militaban en el MIR. Su cariño fue bendecido por la llegada de su hijo Leonardo, y Cecilia dejó su trabajo para dedicarse a él. Llevaba una vida humilde, y era feliz en su sencillez.
Un año y medio después del nacimiento de su hijo, y encontrándose embarazada de cinco meses, fue detenida en su casa de calle Paraguay 1156 en la comúna de la Grnja, el día 2 de octubre de 1974. Frente a su departamento vivía una amiga suya, quién relató posteriormente que fueron cinco individuos armados los que se llevaron a mi niña y a su hijo; no le permitieron hablarle amenazándola con una pistola. Al llevarsela, Cecilia le gritó al bajar: " Dile a mi mamá que no sé cuando vuelva, que no alcancé a lavar la ropa del niño"… Encontré al día siguiente las tazas servidas, la papa de Leonardito que no tomó, y el pan y café de la once de Cecilia…además de un gran desorden en toda la pieza. La persona que presenció estos hechos tuvo temor temor de presentarse a declarar. Sólo existe la declaración de una cuñada de mi hija mayor, que vive en Las Condes, en Plaza San Fuentes 252; en su casa se encontraba, por razones de trabajo, el marido de Cecilia, Flavio, ese día de octubre. Bien, hasta allí llegaron esos hombres con mi hija, mi niña buena, que dio el niño a Francis Walker pidiéndole que me lo entregara, pues ella no sabía cuando volvería…y seguida de dos hombres se marcharon, ella y su marido, hacia un automóvil estacionado a la vuelta de la casa, donde los hicieron entrar, se los llevaron!…¡y no he vuelto a verlos jamás! ¿Qué hice, Dios? Esto ha sido espantoso, tan amargo, que no sé en verdad cómo o por qué hemos sobrevivido, tanto buscar, suplicar, preguntar…La Vicaría de la Solidaridad nos ayudó en todo, hicimos toda clase de iligencias, en lugares y centros de detención, cárceles, Misnisterio del Interior, Sendet, Cuatro Alamos, Cruz Roja Internacional; enviamos cartas pidiendo audiencia y atención al caso a Ministros y miembros de la Junta de Gobierno, obteniendo solamente respuestas del Ministerio de Justicia, del jefe de Gabinete, del Ministro, Sr. Nicolás Vargas Villegas, y del Contraalmirante IM Sergio Huidobro Jefe del Gabinete de la Armada en la Junta de Gobierno, ambas diciendo que no tenían nada en su conocimiento sobre el desaparecimiento de mis hijos. Ha sido una búsqueda angustiosa, un dolor que los años no lograrán nunca borrar. No sé por qué fueron detenidos, amigas del colegio y personas que los conocieron sólo tenían elogios para Cecilia, sólo buenos recuerdos. Esta situación de imcertidumbre y angustia afectó profundamente a nuestra familia, causando un dolor que aún nos afecta.

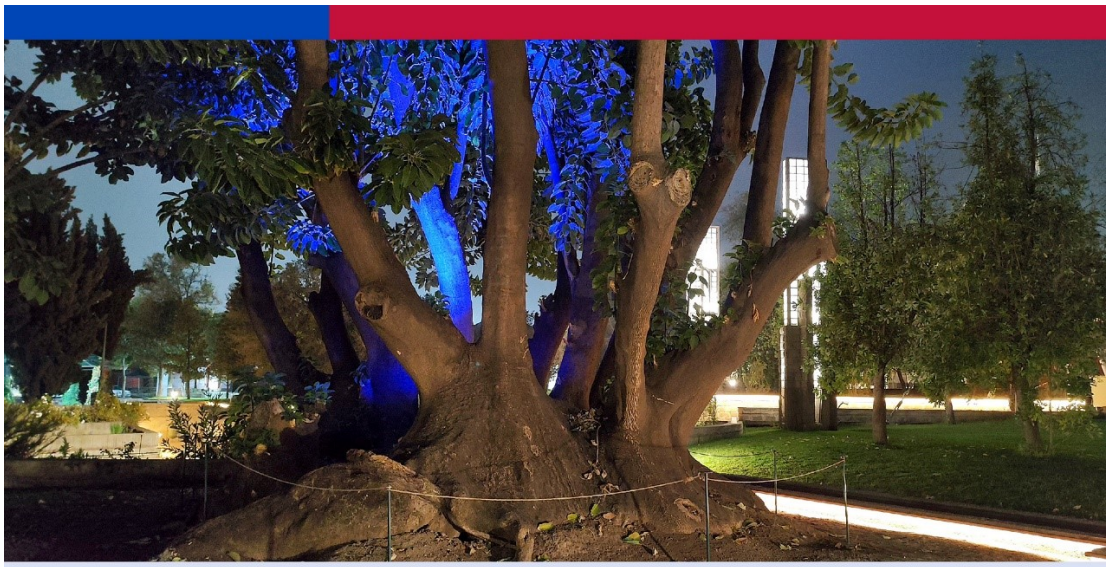
Yo, mamá de Cecilia comencé las diligencias junto a la Agrupación por algunos años, pero hube de alejarme debido al resentimiento en la salud psíquica de mi hija menor, que contaba entonces con diez años. Continué haciendo diligencias esporádicas y escribiendo a organismos extranjeros solicitando apoyo a nuestro caso.
Yo condeno al régimen que ha dejado un rastro de dolor y de muerte en nuestro país, para dirigir una nación se necesita la participación de todo un pueblo, el respeto por la vida y por cada ser humano sin distinciones, se necesita trabajar por y con la verdad, con la frente en alto, con la dignidad que los que matan, los que torturan, han perdido. Como madre, y como parte de la Agrupación de Familiares de Detenidos Desaparecidos, no clamo por la venganza ni por la sangre de los victimarios. Sólo espero, que así como que hay Dios en el cielo, vendrá la hora de la verdad y de la ansiada justicia.
Poesías para ti

Si en el desierto un pájaro
entona canciones,
y en el crudo invierno una flor
deja de asomar,
si a esto puedo añadir
comparaciones,
ello, eres tú, mamá.

La primavera está
repleta de emociones,
en el invierno hay nieve
y el viento viene y va,
durante todo el año
mi voz de amor compone,
canciones para tí, mamá.

Y cuando el infinito
venga aquí y entone,
palabras que contengan
tranquilidad y paz,
olvidaré mi vida
mi mundo y mis temores,
sólo te llamaré a ti”

ANEXO 10 – PROGRAMAÇÃO DO DÍA DE LOS PATRIMONIOS DO MUSEO SITIO PARQUE POR LA PAZ VILLA GRIMALDI, 2023[674]



DÍA DE LOS PATRIMONIOS

Recuerdos para el futuro

PROGRAMA - SÁBADO 27 DE MAYO

ACTIVIDADES GRATUITAS - CUPOS LIMITADOS - NO REQUIEREN INSCRIPCIÓN PREVIA

RECORRIDOS CON TESTIMONIANTES

Horarios de los recorridos: 10:00 / 11:00 / 12:00 / 13:00 / 15:00 y 16:00 hrs.

TALLER TEXTIL: BORDANDO LA MEMORIA

Invitamos a todas las personas que nos visiten durante el Día del Patrimonio, a dejar su huella en un bordado colectivo, que desarrollaremos en el contexto de la conmemoración por los 50 años del Golpe de Estado cívico-militar. La actividad será guiada por un grupo de bordadoras y arpilleristas, quienes estarán desde las 11:00 hrs. en dependencias del Parque por la Paz Villa Grimaldi.

No es necesario que tengas experiencia o conocimientos previos, si deseas puedes traer tus agujas, costurero y algún aporte o snack para compartir.

TALLER PARA NIÑOS, NIÑAS Y ADOLESCENTES: CONOCIENDO MIS DERECHOS

Invitamos a los niños, niñas y a adolescentes a las 16:00 hrs. en los jardines de Parque por la Paz Villa Grimaldi a participar de un taller, en dónde a través del juego y diversas materialidades, podrán conocer o recordar algunos de sus derechos, el alcance y por sobre todo, el ejercicio de éstos. Entre los artículos elegidos, se encuentran los tres ejes centrales de provisión, protección y participación, siendo este último el principal para el desarrollo del taller.

CONVERSATORIO SOBRE EL LIBRO SOCIOLOGÍA DE LA MASACRE

Los invitamos a las 17:00 hrs. a reunirnos en el Teatro por la Vida del Parque por la Paz Villa Grimaldi, para participar del conversatorio con el sociólogo Manuel Guerrero, autor del libro “Sociología de la Masacre”, quién conversará con Dino Pancani, ex Director de la Escuela de Periodismo de la U. de Chile y Alejandro Olivera, Coordinador Área Educación Parque por la Paz Villa Grimaldi.

INAUGURACIÓN PROYECTO DE ILUMINACIÓN PATRIMONIAL Y FUENTE DE LA ESPERANZA

El Día de los Patrimonios 2023 finalizará a las 18:30 hrs. con la inauguración y puesta en marcha de la de la Fuente de la Esperanza y la nueva iluminación del Parque, iniciativas que logramos concretar gracias a un proyecto financiado por Subvención Presidencial.

VILLA GRIMALDI
Corporación Parque por la Paz

Parque por la Paz Villa Grimaldi. Avda. José Arrieta 8401, Peñalolén.

[674] Recuperado de: https://villagrimaldi.cl/noticias/programa-dia-del-patrimonio-sabado-27-de-mayo/ , em 24 de maio de 2023.